UNE ✦ SACRA

Mitologia Nórdica

Kalevala

✦ ✦ ✦

Elias Lönnrot (compilador), a partir de cantos populares

Tradução (edição 1.3)

Créditos

Autor	Elias Lönnrot (compilador), a partir de cantos populares
Data	cantos antigos; edição de 1849
Idioma original	Finlandês
Versão	Tradução (edição 1.3)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de John Martin Crawford (1888)
Fonte	Project Gutenberg — Kalevala, the Epic Poem of Finland (John Martin Crawford, 1888), eBook 5186
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Kalevala é a epopeia nacional da Finlândia. O médico e filólogo Elias Lönnrot (1802–1884) percorreu durante anos as aldeias da Carélia e da Finlândia oriental anotando os cantos (runos) que os camponeses ainda cantavam no metro tradicional, e os costurou num só poema: a primeira edição saiu em 1835 e a definitiva, com 50 runos e aproximadamente 22.800 versos, em 1849.

A obra teve um papel enorme no despertar da língua e da identidade finlandesas.

O poema começa com a criação do mundo a partir dos ovos de um pássaro pousado no joelho da Filha do Ar e com o nascimento do velho sábio Väinämöinen, cantor e mago.

Segue as aventuras dele, do ferreiro Ilmarinen e do alegre Lemminkäinen; a forja do Sampo, um moinho mágico que traz riqueza, para a senhora de Pohjola, a terra do norte; a história trágica de Kullervo; o roubo do Sampo e a luta com a feiticeira Louhi, que esconde o sol e a lua; e termina com a partida de Väinämöinen, que deixa ao povo o seu kantele e as suas canções.

O ritmo do Kalevala inspirou o "Hiawatha" de Longfellow, e o poema influenciou J. R. R. Tolkien e o compositor Jean Sibelius.

A tradução inglesa é de John Martin Crawford (1888), que imita o metro do original. Os nomes vêm na grafia dele (Wainamoinen, Lemminkainen, Kullerwoinen).

O texto finlandês de Lönnrot (1849) está dividido do mesmo jeito: o proêmio e o epílogo são os versos de abertura do runo 1 e os de fecho do runo 50. Os trechos levam o número do primeiro verso no runo.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/5186

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Proêmio

Runo I

Runo II

Runo III

Runo IV

Runo V

Runo VI

Runo VII

Runo VIII

Runo IX

Runo X

Runo XI

Runo XII

Runo XIII

Runo XIV

Runo XV

Runo XVI

Runo XVII

Runo XVIII

Runo XIX

Runo XX

Runo XXI

Runo XXII

Runo XXIII

Runo XXIV

Runo XXV

Runo XXVI

Runo XXVII

Runo XXVIII

Runo XXIX

Runo XXX

Runo XXXI

Runo XXXII

Runo XXXIII

Runo XXXIV

Runo XXXV

Runo XXXVI

Runo XXXVII

Runo XXXVIII

Runo XXXIX

Runo XL

Runo XLI

Runo XLII

Runo XLIII

Runo XLIV

Runo XLV

Runo XLVI

Runo XLVII

Runo XLVIII

Runo XLIX

Runo L

Epílogo

PROÊMIO

✦

1-6 Dominado por um desejo impetuoso,
Por um forte impulso interior,
Estou pronto para cantar,
Pronto para começar a entoar
A antiga canção popular de nossa nação,
Transmitida desde tempos passados.

7-13 As palavras se derretem em minha boca,
Os sons deslizam dos meus lábios,
Da minha língua querem se apressar;
Quando meus dentes dispostos se separam,
Quando minha boca pronta se abre,
Canções de antiga sabedoria
Saem de mim sem relutância.

14-20 Amigo de ouro, irmão querido,
Meu querido irmão de infância,
Venha cantar comigo as histórias,
Venha entoar comigo as lendas,
Lendas de tempos esquecidos,
Já que agora estamos juntos,
Juntos depois de nossas andanças.

21-24 Raramente nos reunimos para cantar,
Raramente um com o outro,
Por esta terra fria e cruel,
Pelo pobre solo do Norte.

25-31 Vamos dar as mãos
Para assim nos lembrarmos melhor.
Vamos cantar juntos com alegria,
Entoar as mais antigas tradições populares,
Para que todos os queridos possam ouvi-las,
Para que os bem-dispostos as ouçam,
Desta geração que desponta.

32-40 São palavras que me ensinaram na infância,
Canções preservadas desde tempos distantes,
Lendas que outrora foram recolhidas
Do cinto de Wainamoinen,
Da forja de Ilmarinen,
Da espada de Kaukomieli,
Do arco de Youkahainen,
Das pastagens do Norte,
Dos prados de Kalevala.

41-46 Meu querido pai cantava essas coisas para mim
Enquanto trabalhava com faca e machado.
Minha terna mãe me ensinava essas coisas
Enquanto girava o fuso veloz,
Quando eu era criança, sobre a esteira,
Rolando e me agitando a seus pés.

47-50 Não faltavam encantamentos
Sobre Sampo e sobre Louhi,
Sampo envelhecendo no canto,
Louhi cessando seu encantamento.

51-64 Nas canções morreu o sábio Wipunen,
Nos jogos morreu Lemminkainen.
Há muitas outras lendas,
Encantamentos que me ensinaram,
Que encontrei pelo caminho,
Reunidos nos bosques perfumados,
Trazidos pelos galhos da floresta,
Colhidos entre as copas dos pinheiros,
Aromáticos como as vinhas e as flores,
Sussurrados para mim enquanto eu seguia
Rebanhos pela terra dos prados melíferos,
Por montículos verdes e dourados,
Atrás de Murikki, de pelo negro,
E de Kimmo, de muitas cores.

65-73 Muitas runas o frio me contou,
Muitos cantos a chuva me trouxe,
Outras canções os ventos me cantaram;
Muitos pássaros de muitas florestas
Muitas vezes me cantaram versos em harmonia.
As ondas do mar e as vagas do oceano,

A música das muitas águas,
A música de toda a criação,
Muitas vezes foram meu guia e mestre.

74-84 As árvores criaram frases,
Reunidas em feixes,
Levei-as à minha antiga morada,
Nos trenós, até minha cabana,
Amarrei-as às vigas do sótão,
Pendurei-as nas portas da minha morada,
Guardei-as num baú de caixas,
Caixas revestidas de cobre brilhante.
Por muito tempo ficaram em minha morada,
Durante os ventos gelados do inverno,
Em minha morada por eras.

85-91 Devo reunir estas canções,
Recolhê-las do frio e da geada?
Devo trazer este ninho de caixas,
Guardiãs destas lendas de ouro,
À mesa da minha cabana,
Sob as vigas pintadas,
Nesta casa antiga e renomada?

92-96 Devo agora abrir estas caixas,
Cheias de histórias maravilhosas?
Devo agora soltar a ponta
Deste novelo de antiga sabedoria,
Desenrolar estes cantos ancestrais?

97-100 Deixe-me cantar uma lenda antiga,
Que fará ecoar os louvores
Da cerveja que provei,
Da brilhante cerveja de cevada.

101-104 Traga-me uma caneca espumante
Da cevada de meus antepassados,
Para que meu canto não fique cansado,
Cantando só com água.

105-111 Traga-me também um copo de cerveja forte,
Ela aumentará nosso encantamento,
O prazer da noite,
A noite longa e triste do Norte,
A beleza do amanhecer,
O prazer da manhã,
O começo do novo dia.

112-116 Muitas vezes os ouvi entoar,
Muitas vezes os ouvi cantar,
Que as noites chegam até nós uma a uma,
Que a Lua brilha para nós uma a uma,
Que o Sol brilha para nós uma a uma;

117-120 Também um a um, Wainamoinen,
O renomado e sábio encantador,
Nascido do Éter eterno,
De sua mãe, filha do Éter.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO I

✦

1-5 Nos tempos primordiais, uma donzela,
Bela Filha do Éter,
Passou eras de sua existência
Na vasta extensão do céu,
Sobre as pradarias ainda por formar.

6-14 Cansada de crescer, a donzela,
Triste e sem esperança em sua existência,
Assim, sozinha, viver por eras
Nas extensões infinitas
Do ar acima da espuma do mar,
Nos espaços que se estendiam ao longe,
Na solidão do éter,
Desceu ao oceano,
As ondas eram seu carro e seu travesseiro.

15-19 Então o vento da tempestade que se erguia,
Voando feroz desde o Leste,
Açoitou o oceano em ondas,
Atingiu as estrelas com borrifos do mar,
Até as ondas ficarem brancas de espuma.

20-24 De um lado para outro lançavam a donzela,
Donzela infeliz, cercada pela tempestade;
As ondas revoltas brincavam com ela,

As forças do vento tempestuoso a embalavam,
Sobre o dorso azul das águas;

25-30 Sobre as ondas do oceano coroadas de espuma,
Brincavam as forças do mar salgado
Com a donzela solitária e desamparada;
Até que, por fim, plenamente concebida,
União de força e beleza,
Os ventos da tempestade adormeceram;

31-37 Agora sobrecarregada, a donzela
Não consegue subir à superfície;
Por setecentos anos vagou,
Nove eras da existência humana,
Nadou pelo oceano de um lado a outro,
Não conseguiu subir acima das águas,
Consciente apenas de seu trabalho de parto;

38-42 Por setecentos anos ela sofreu
Até dar à luz seu primogênito.
Assim nadava como mãe das águas,
Para o leste e também para o sul,
Para o oeste e também para o norte;

43-46 Nadou pelo mar em todas as direções,
Assustada com a fúria dos ventos da tempestade,
Nadou em trabalho de parto, nadou sem parar,
Até dar à luz seu primogênito.

47-50 Então começou a chorar baixinho,
E disse estas palavras, com o coração pesado:
"Ai de mim, que vida tão sofrida!
Ai de mim, neste trabalho de parto!

51-59 Em que fui me meter?
Ai de mim, tão infeliz,
Deixei meu lar no sutil éter,
Vim morar em meio à espuma do mar,
Para ser lançada pelas ondas revoltas,
Para ser embalada pelos ventos e pelas águas,
Nas águas que se estendem ao longe,
Nas vastas extensões do mar salgado,
Conhecendo apenas dor e aflição!

60-63 Muito melhor seria para mim, ó Ukko!
Ser uma donzela no Éter
Do que, nestas extensões do oceano,
Tornar-me mãe das águas!

64-67 Toda esta vida é fria e triste,
Cada movimento aqui é doloroso,
Enquanto permaneço nas águas,
Enquanto vagueio pelo oceano.

68-76 Ukko, ó Deus lá no alto,
Tu, soberano dos céus,
Vem para cá, preciso de ti,
Vem para cá, eu te imploro,

Para me livrar da aflição,
Para me ajudar no trabalho de parto.
Vem, peço-te, apressa-te para cá,
Apressa-te mais, pois preciso de ti,
Vem depressa ajudar esta donzela desamparada!”

77-82 Quando terminou suas súplicas,
Mal passou um instante,
Eis que um belo pato desceu,
Apresando-se até a mãe das águas,
Voando de um lado para outro,
À procura de um lugar para fazer seu ninho.

83-86 Voou para o leste, voou para o oeste,
Deu voltas para o norte e para o sul,
Não encontrou uma colina coberta de grama,
Nem o menor sinal de verde;

87-93 Não encontrou um lugar protegido,
Nem um lugar adequado
Para fazer seu ninho em segurança.
Voando devagar, olhando ao redor,
Não avistou lugar algum para pousar,
Pensou muito, ponderou em voz alta,
E disse estas palavras:

94-97 “Construirei minha morada nos ventos,
Farei meu ninho sobre as águas?
Os ventos certamente a destruiriam,

As ondas a levariam para longe.”

98-103 Então a Filha do Éter,
Agora mãe das águas infeliz,
Ergueu os ombros para fora da água,
Ergueu os joelhos acima do oceano,
Para que o pato pudesse construir sua morada,
Fazer seu ninho em segurança.

104-110 Então o belo pato,
Voando devagar, olhando ao redor,
Avistou os ombros da donzela,
Viu os joelhos da Filha do Éter,
Agora mãe das águas infeliz,
Pensou que fossem colinas cobertas de grama,
Sobre o dorso azul do oceano.

111-114 De lá voou, pairando devagar,
Pousou de leve sobre o joelho,
Encontrou um lugar adequado para o ninho,
Onde poderia pôr seus ovos em segurança.

115-118 Ali construiu sua humilde morada,
Pôs os ovos à vontade,
Seis ovos de ouro ela pôs ali,
E um sétimo, um ovo de ferro;

119-123 Sentou-se sobre os ovos para chocá-los,
Aqueceu-os depressa sobre o joelho
Da mãe das águas infeliz;

Chocou-os por um dia, depois por um segundo,
E no terceiro dia continuou chocando.

124-128 A água ao redor ficou mais quente,
Mais quente ficou seu leito no oceano,
Enquanto seu joelho se incendiava,
E seus ombros também ardiam,
O fogo corria por todas as veias.

129-134 A donzela moveu depressa os ombros,
Sacudiu o corpo de um lado para outro,
Derrubou o ninho de sua base,
E os ovos caíram no oceano,
Estilhaçando-se no fundo
Das águas profundas e sem limites.

135-141 Eles não se perderam na areia,
Nem os pedaços no oceano;
Mas, transformados em maravilhosa beleza,
Todos os fragmentos se juntaram,
Formando duas partes,
Uma de cima, outra de baixo,
Uma igual à outra.

142-145 Da metade inferior do ovo
Cresceu a abóbada inferior da Terra;
Da metade superior que restou,
Cresceu a abóbada celeste;

146-149 Da parte branca vieram os raios da lua,
Da parte amarela, a luz do sol,
Da parte colorida, o brilho das estrelas,
Da parte escura, as nuvens;

150-153 E os dias passam depressa,
Os anos voam depressa,
Desde o nascer do novo sol,
Desde o surgir da lua cheia.

154-157 Ainda a Filha do Éter
Nada pelo mar como mãe das águas,
Com as águas estendendo-se à sua frente,
E atrás dela o céu e o oceano.

158-165 Por fim, por volta do nono ano,
No verão do décimo ano,
Ergue a cabeça acima da superfície,
Tira a testa das águas,
E enfim começa seus trabalhos,
Dá início às suas criações,
Sobre as cristas azuladas das águas,
Na vasta extensão à sua frente.

166-169 Onde quer que movesse a mão na água,
Ali surgia uma colina fértil;
Onde quer que pousasse o pé,
Ali fazia um buraco para os peixes;

170-173 Onde mergulhava sob as águas,
Ali se formavam as muitas profundezas do oceano;
Onde se virava de lado,
Ali se erguiam margens planas;

174-181 Onde sua cabeça apontava para a terra,
Ali surgiam amplas baías e enseadas;
Quando nadava para longe da costa
E descansava de costas,
Ali moldava e formava as rochas,
E criava os recifes ocultos,
Onde tantos navios naufragam,
Onde tantas vidas se perderam.

182-188 Assim foram criadas as ilhas,
As rochas se fixaram no oceano,
Os pilares do céu foram erguidos,
Campos e florestas foram criados,
Pedras matizadas de muitas cores,
Brilhando à luz prateada do sol,
Todas as rochas ficaram firmemente assentadas;

189-192 Mas o cantor, Wainamoinen,
Ainda não tinha visto a luz do sol,
Nem a luz dourada da lua,
Pois ainda não havia nascido.

193-204 Wainamoinen, velho e confiável,
Permanecia em seu cárcere
Há trinta verões ao todo,
E também trinta invernos,
Em paz sobre a vastidão das águas,
No amplo e acolhedor seio do mar,
Refletia bem, ponderava longamente,
Como viver e prosperar ainda por nascer
Em espaços envoltos em escuridão,
Em limites desconfortáveis,
Onde não vira o luar,
Nem vira a luz prateada do sol.

205-220 Então pronunciou estas palavras,
E fez-se ouvir assim:
"Leva-me, ó Lua, eu te peço, leva-me,
Leva-me, ó Sol que estás acima de mim,
Leva-me, ó Urso do céu,
Desta prisão escura e triste,
Destes portais inadequados,
Deste estreito lugar de repouso,
Desta morada escura e sombria,
Para eu sair do oceano,
Para caminhar pelas ilhas,
Caminhar e vagar pela terra firme,
Vagar como um herói antigo,

Caminhar ao ar livre e respirar,
Para ver a lua ao anoitecer,
Para ver a luz prateada do sol,

Para ver o Urso no céu,
E poder contemplar as estrelas.”

Como a Lua se recusou a libertá-lo,
E o Sol não quis tirá-lo dali,
Nem o Grande Urso quis ajudá-lo,
Cansado de sua existência,
E aborrecido com a própria vida,
Ele rompeu então os portões externos
De sua fortaleza escura e sombria;

Com seu dedo forte, mas sem nome,
Abriu a fechadura resistente;
Com os dedos do pé esquerdo,
Com os dedos da mão direita,
Rastejou pelos portais que cederam
Até a soleira de sua morada;

De joelhos, atravessou a soleira,
Atirou-se de cabeça, para a frente,
Mergulhou nas profundezas do oceano,
Mergulhou para cá, mergulhou para lá,
Afastando as águas com as mãos;

Nadou para o norte, nadou para o sul,
Nadou para o leste, nadou para o oeste,
Estudando o novo ambiente.

244-250 Assim nosso herói chegou à água,
Descansou cinco anos no oceano,
Seis longos anos, e até sete,
Até o outono do oitavo ano,
Quando enfim deixou as águas,
Parou num promontório,
Numa costa sem vegetação;

251-258 De joelhos, saiu do oceano,
Pôs o pé direito em terra,
O pé esquerdo no chão firme,
Moveu depressa as mãos ao redor,
Pôs-se de pé para ver a luz do sol,
Pôs-se de pé para ver a lua dourada,
Para contemplar o Grande Urso,
Para observar as estrelas.

259-262 Assim nosso herói, Wainamoinen,
Assim o maravilhoso encantador
Foi libertado por sua mãe,
Ilmatar, a Filha do Éter.

RUNO II

✦

1-4 Então surgiu o velho Väinämöinen,
Com os pés sobre a ilha,
Na ilha banhada pelo oceano,
Vasta extensão sem verdura;

5-10 Ali permaneceu por muitos verões,
Ali viveu por muitos invernos,
Na ilha vasta e vazia,
Pensou bem, refletiu longamente,
Quem deveria semear a ilha para ele,
Quem espalharia as sementes para ele;

11-15 Por fim pensou em Pellerwoinen,
Primogênito das planícies e pradarias,
Quando ainda era um menino esguio, chamado Sampsa,
Que deveria semear a ilha vazia,
Que espalharia as sementes da floresta.

16-31 Pellerwoinen, assim concordando,
Semeia a ilha com diligência,
Espalha sementes pelas terras,
Sementes em cada pântano e baixada,
Sementes de árvores na terra solta,
Na terra firme semeia bolotas,
Semeia abetos nas montanhas,

Também pinheiros no alto dos morros,
Muitos arbustos em cada vale,
Semeia bétulas nos pântanos,
Na terra solta semeia amieiros,
Nas baixadas semeia tílias,
Na terra úmida semeia salgueiros,
Sorveiras em lugares intocados,
Nas margens dos riachos, espinheiros,
Zimbros nas regiões montanhosas;

32-37 Esse foi o trabalho de Pellerwoinen,
Do esguio Sampsa, ainda criança.
Logo as sementes férteis brotaram,
Logo as árvores da floresta cresceram,
Logo despontaram as copas dos abetos,
E os pinheiros se espalharam ao longe;

38-43 Bétulas surgiram de todos os pântanos,
Na terra solta cresceram amieiros,
Na terra macia, tílias;
Os zimbros também cresceram,
Zimbros com cachos de bagas,
Bagas nos galhos dos espinheiros.

44-47 Então o herói, Väinämöinen,
Pôs-se no alto para olhar ao redor,
Como cresciam as sementes de Sampsa,
Como ia a plantação de Pellerwoinen;

48-53 Vê as árvores novas se espalhando em abundância,
Vê a floresta crescer em beleza;
Mas o carvalho não brotou,
A árvore do céu não está crescendo,
Ainda dorme dentro da bolota,
Desfrutando da própria felicidade.

54-59 Então esperou mais três noites,
E esperou por outros tantos dias,
Esperou até passar uma semana,
Depois examinou o trabalho outra vez;
Mas o carvalho não crescia,
Não havia deixado sua morada na bolota.

60-69 Väinämöinen, herói antigo,
Avista quatro donzelas ao longe,
E uma quinta, noiva das águas,
Na praia macia e arenosa,
Na grama orvalhada e entre as flores,
Num cabo que avança mar adentro,
Perto das florestas da ilha.
Algumas cortavam, outras ajuntavam,
Ajuntavam o que fora cortado,
Em leiras no prado.

70-78 Do oceano surgiu um gigante,
O poderoso Tursas, alto e vigoroso,
Juntou bem toda a grama,
Que as donzelas haviam ajuntado,

Quando um fogo se acendeu dentro dela,
E as chamas subiram ao céu,
Até as leiras virarem cinzas,
Restando agora apenas cinzas
Da grama ajuntada.

79-85 Nas cinzas das leiras,
O gigante põe folhas tenras,
Nas folhas planta uma bolota,
Da bolota, brotando depressa,
Cresce o carvalho, alto e imponente,
Da terra enriquecida pelas cinzas,
Recém-ajuntadas pelas donzelas das águas;

86-93 Os muitos galhos do carvalho se espalham,
Formando uma vasta coroa,
Ergue-se acima das nuvens de tempestade;
Seus galhos se estendem ao longe,
Detêm as nuvens brancas em seu caminho,
Com os galhos escondem a luz do sol,
Com as muitas folhas, os raios da lua,
E o brilho das estrelas desaparece no céu.

94-99 Väinämöinen, velho e confiável,
Pensou um pouco e refletiu bem,
Como matar o poderoso carvalho,
Criado primeiro para seu prazer,
Como derrubar a árvore majestosa,
Como cortar seus cem galhos.

100-103 Triste é a vida dos homens e dos heróis,
Tristes são os lares dos que vivem no oceano,
Se o sol não brilha sobre eles,
Se o luar não os alegra!

104-107 Não existe algum herói poderoso,
Nunca nasceu um gigante,
Que possa derrubar o poderoso carvalho,
Que possa cortar seus cem galhos?

108-114 Väinämöinen, pensativo,
Disse estas palavras em voz alta:
"Kapé, filha do Éter,
Antiga mãe de meu ser,
Luonnotar, minha ama e ajudante,
Empresta-me as forças das águas,
Grandes são os poderes das águas;

115-119 Empresta-me a força dos oceanos,
Para derrubar este poderoso carvalho,
Para arrancar esta árvore do mal,
Para que o sol volte a brilhar,
Para que a lua volte a cintilar."

120-125 Logo surgiu uma figura do oceano,
Um herói ergueu-se das águas,
Não era dos maiores,

Nem era dos menores,
Era comprido como o dedo indicador de um homem,
Mais alto que a mão de uma mulher;

126-131 Na cabeça, um gorro de cobre,
Botas de cobre nos pés,
Luvas de cobre nas mãos,
E suas listras eram cor de cobre,
Um cinto de cobre na cintura,
No cinto, um machado de cobre;

132-137 E o cabo de seu machado
Era tão comprido quanto a mão de uma mulher,
E a lâmina tinha a largura de um dedo.
Então o confiável Väinämöinen
Pensou um pouco e refletiu bem,
E estas foram suas palavras:

138-144 "És, senhor, divino ou humano?
Só tu sabes qual dos dois;
Dize-me teu nome e tua condição.
Pareces muito com um homem,
Tens o porte de um herói,
Embora tenhas o comprimento do primeiro dedo de um homem,
Mal sejas tão alto quanto o casco de uma rena."

145-150 Então Väinämöinen tornou a falar
À figura que viera do oceano:
"Na verdade, penso que és humano,

Da raça dos heróis pigmeus,
Bem poderias estar morto ou morrendo,
Bom apenas para perecer.”

151-157 Assim respondeu o herói pigmeu,
Falou o pequeno vindo do oceano
Ao valente Väinämöinen:
“Sou, de fato, deus e herói,
Das tribos que governam o oceano;
Vim aqui para derrubar o carvalho,
Cortar seus galhos com meu machado.”

158-164 Väinämöinen, velho e confiável,
Responde assim ao herói nascido do mar:
“Nunca terás força suficiente,
Não te foi dada força,
Para arrancar este poderoso carvalho,
Para derrubar esta coisa maligna,
Nem para cortar seus cem galhos.”

165-168 Mal acabara de falar,
Mal movera as pálpebras,
E o pigmeu, crescendo por inteiro,
Logo se torna um poderoso gigante.

169-174 Com um passo sai do oceano,
Planta-se como um poderoso herói,
Nos campos da floresta ao redor;

Com a cabeça perfura as nuvens,
A barba lhe chega aos joelhos,
E os cabelos caem até os tornozelos;

175-181 Seus olhos ficam muito afastados,
Seus pés se plantam muito distantes,
E os ombros poderosos, mais distantes ainda.
Então começa a afiar o machado,
Depressa deixa o fio cortante,
Usando seis blocos duros de arenito,
E sete pedras de amolar mais macias.

182-185 Logo se volta para o carvalho,
Para lá caminha o poderoso gigante,
Com suas roupas longas e folgadas,
Esvoaçando nos ventos do céu;

186-192 Com o segundo passo, cambaleia
Sobre a terra de cor mais escura;
Com o terceiro, firma bem os pés,
Alcança os galhos do carvalho,
Golpeia o tronco com o machado afiado,
Dá um golpe poderoso,
Com o segundo golpe, corta-o;

193-198 Quando a lâmina desce pela terceira vez,
As faíscas saltam do machado,
Do carvalho, o fogo irrompe;

Antes que o machado desça pela quarta vez,
Cede o carvalho de cem galhos,
E cai sacudindo a terra e o céu.

199-202 O tronco se estendeu bem para o leste,
As copas voaram para longe, a oeste,
As folhas se espalharam para o sul,
Seus cem galhos, para o norte.

203-206 Quem quer que tenha apanhado um galho
Alcançou a felicidade eterna;
Quem conseguir uma copa da árvore
Ganhou a magia suprema;

207-216 Quem recolheu as folhas
Ganhou uma alegria que nunca acaba.
Algumas lascas se espalharam,
E muitos estilhaços também,
Sobre o dorso azul do oceano,
Do oceano liso como um espelho,
Balançados pelos ventos e pelas águas,
Como um barco sobre as ondas;
Os ventos de tempestade as levaram para o norte,
E algumas foram levadas pelas correntes do oceano.

217-223 A bela e esguia donzela do norte,
Lavava um adorno de cabeça na praia,
Batendo as roupas nas pedras,
Enxaguando ali suas vestes de seda,

Nas águas de Pohjola,
Viu as lascas e os estilhaços,
Levados pelos ventos e pelas águas.

224-237 Num saco, recolheu as lascas,
Levou-as ao antigo pátio,
Para fazer flechas encantadas,
Flechas para o grande feiticeiro,
Para moldá-las em armas,
Armas para o hábil arqueiro,
Pois o poderoso carvalho caiu,
Perdeu agora seus cem galhos,
Para que o norte veja a luz do sol,
Veja o suave brilho do luar,
Para que as nuvens sigam seu caminho,
Para que a abóbada do céu se estenda
Sobre cada lago e rio,
Sobre as margens de cada ilha.

238-243 Bosques surgiram em beleza variada,
As florestas cresceram belamente,
E também as vinhas e as flores.
As aves voltaram a cantar nas copas,
Os alegres tordos faziam barulho,
E os cucos nas bétulas;

244-248 Nas montanhas cresceram as frutas silvestres,
Flores douradas nos prados,
E ervas de muitas cores,

Muitos tipos de vegetação;
Mas a cevada não cresce.

249-259 Väinämöinen, velho e confiável,
Vai embora e reflete bem,
Pelas margens das águas,
Na orla arenosa do oceano,
Encontra seis sementes de cevada dourada,
E até sete grãos maduros,
Na praia do norte distante,
Na areia junto ao mar,
Esconde-as em suas bolsas confiáveis,
Feitas de pele de esquilo,
Algumas feitas de pele de marta;

260-263 Apura-se para espalhar as sementes,
Semeia depressa os grãos de cevada,
Nas margens das águas de Kaleva,
Nas colinas e baixadas de Osma.

264-270 Escuta! O chapim grita agitado,
Da faia vêm estas palavras:
"A cevada de Osma não vai prosperar,
Nem a cevada de Väinölä,
Se o solo não for preparado,
Se a floresta não for derrubada,
E os galhos queimados até virarem cinzas."

271-279 Väinämöinen, sábio e antigo,
Fez um machado para cortar,
Então começou a limpar a floresta,
Começou a derrubar as árvores,
Derrubou árvores de toda espécie,
Deixou de pé apenas a bétula,
Para que as aves tivessem onde descansar,
Onde pudesse cantar o cuco de voz doce,
Ave sagrada em galhos sagrados.

280-283 Do céu desceu a águia,
Veio voando pelo ar,
Para examinar aquela situação;
E disse estas palavras:

284-287 "Por que, velho Väinämöinen,
Deixaste de pé a esguia bétula,
Deixaste de pé apenas a bétula?"
Väinämöinen assim respondeu:

288-291 "Deixei a bétula de pé
Para que as aves façam ninho nela,
Para que a águia descanse ali,
E ali cante o cuco sagrado."

292-298 Assim falou a águia em resposta:
"É boa a decisão do teu heroísmo,
Deixaste a bétula para nós,
Deixaste de pé a bétula sagrada,

Como lugar de descanso para as águias,
E para aves de toda plumagem,
Até eu posso descansar nela.”

299-305 Logo essa ave do céu
Acendeu um fogo entre os galhos;
Logo os ventos do norte atiçaram as chamas,
E os ventos do leste deram sua força,
Queimaram árvores de toda espécie,
Queimaram tudo até virar pó e cinzas,
Só a bétula ficou de pé.

306-311 Väinämöinen, sábio e antigo,
Traz seus grãos mágicos de cevada,
Traz seus sete grãos de semente,
Tira-os de suas bolsas confiáveis,
Feitas de pele de esquilo,
Algumas feitas de pele de marta.

312-319 Então se apressa para semear suas sementes,
Apura-se para espalhar os grãos de cevada,
Diz estas palavras para si mesmo:
“Estou semeando sementes de vida,
Semeando por entre meus dedos abertos,
Da mão do meu Criador,
Neste solo enriquecido pelas cinzas,
Neste solo, para brotar e florescer.

320-325 Antiga mãe, tu que vives
Bem abaixo da terra e do oceano,
Mãe dos campos e das florestas,
Faze o solo fértil produzir,
Faze os grãos brotarem,
Para que a cevada possa florescer.

326-331 A terra jamais, sozinha,
Dará a cevada madura e nutritiva;
Sua força nunca faltará,
Se os que dão oferecerem ajuda,
Se os que dão abençoarem a semeadura,
Abençoarem as filhas da criação.

332-340 Levanta-te, ó terra, do teu sono,
Do sono de eras,
Que os grãos de cevada brotem,
Que as lâminas comecem a surgir,
Que os talos verdes se ergam,
Que as espigas cresçam,
E produzam cem vezes mais,
Com meu arado e minha semeadura,
Com meu trabalho hábil e honesto.

341-355 Ukko, tu que és Deus lá em cima,
Tu, Pai dos céus,
Tu que vives no alto do Éter,
Que controlas todas as nuvens do céu,
Que guardas teus planos no ar,

Que guardas bons planos nas nuvens,
Manda uma nuvenzinha do leste,
Do nordeste, manda uma nuvem de chuva,
Manda outra do oeste,
E mais uma do noroeste,
Depressa, do sul, uma nuvem quente,
Para que a chuva caia do céu,
Para que as nuvens derramem seu mel,
Para que as espigas se encham e amadureçam,
Para que os campos de cevada farfalhem."

356-359 Então o bondoso Ukko,
Ukko, Pai dos céus,
Pensou nas nuvens,
Pensou bem no Éter;

360-364 Do leste mandou uma nuvenzinha,
Do nordeste, uma nuvem de chuva,
Outra mandou do oeste,
E mais uma do noroeste,
Depressa, do sul, uma nuvem quente;

365-371 Costurou as nuvens pelas emendas,
Costurou todas as bordas,
Agarrou a nuvem e a lançou à terra.
Logo a nuvem de chuva derramou seu mel,
Logo as gotas de chuva caíram do céu,
Para que as espigas amadurecessem depressa,
Para que a plantação de cevada farfalhasse.

372-376 Logo cresceram as sementes de cevada,
Da semente brotou a lâmina,
Espigas de cores vivas surgiram,
Do solo fértil do campo em pousio,
Pelo trabalho de Väinämöinen.

377-387 Alguns dias passaram despercebidos
E tantas noites também se foram.
Quando o sétimo dia chegou ao fim,
Na manhã do oitavo dia,
Väinämöinen, sábio e antigo,
Foi ver sua plantação de cevada,
Como iam seu arado e sua semeadura,
Como resultava seu trabalho;
Encontrou sua plantação de cevada crescendo,
Viu que as lâminas tinham três nós,
E que as espigas tinham seis lados.

388-392 Väinämöinen, velho e confiável,
Virou o rosto e olhou ao redor,
Eis que chega um cuco da primavera,
Avista a esguia bétula,
Pousa nela e canta docemente:

393-398 "Por que a bétula prateada
Foi poupada de toda a floresta?"
Disse o antigo Väinämöinen:

"Por isso deixei a bétula,
Deixei a bétula crescer,
Para que tenhas um lar e cantes alegremente.

399-402 Chama aqui, ó cuco de voz doce,
Canta aqui com tua garganta aveludada,
Canta aqui com tua voz de prata,
Toca as notas douradas do cuco;

403-408 Chama de manhã, chama ao entardecer,
Chama na hora do meio-dia,
Para que as florestas cresçam melhor,
Para que a cevada amadureça,
Para a prosperidade do Norte,
Para a alegria de Kalevala."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO III

✦

1-16 Väinämöinen, antigo menestrel,
Passava os anos em plena alegria,
Nos campos de Väinölä,
Nas planícies de Kalevala,
Cantando sempre lendas maravilhosas,
Canções de antiga sabedoria e saber,
Entoando um dia, depois outro,
Cantando no crepúsculo da tarde,
Cantando até o amanhecer,
Ora histórias de heróis de outrora,
Histórias de eras há muito esquecidas,
Ora lendas da criação,
Antes conhecidas pelas crianças,
Que nossos filhos já não cantam,
Cantadas em parte por muitos heróis,
Nestes dias tristes e maus,

17-23 Dias maus que recaíram sobre nosso povo.
A história se espalhou por toda parte,
Longe dali os homens levaram a notícia
Do canto do herói,
Da canção de Väinämöinen;
Seus ecos chegaram ao Sul,
Todo o Norte ouviu a história.

24-35 Longe dali, no sombrio Norte,
Vivia o cantor Joukahainen,
Jovem e imprudente menestrel da Lapônia.
Certo dia, durante um banquete,
Jantando com seus amigos e companheiros,
Ouviu uma história,
De que havia um cantor mais habilidoso,
Nos campos de Väinölä,
Nas planícies de Kalevala,
Mais talentoso em entoar lendas,
Mais talentoso que Joukahainen,
Mais talentoso que aquele que o ensinou.

36-39 Logo o bardo ficou furioso,
A inveja cresceu em seu peito,
Inveja de Väinämöinen,
Famoso por cantar melhor;

40-47 Corre furioso até a mãe,
Até a mãe, cheia de sabedoria,
E promete que irá para o Sul,
Que partirá para o Sul e seguirá
Para as moradas de Väinölä,
Para as cabanas do Norte,
A fim de disputar como bardo,
Com o famoso Väinämöinen.

48-49 "Não", responde o pai, preocupado,
"Não vá para Kalevala."

50-58 “Não”, responde a mãe, temerosa,
“Não vá até Väinämöinen,
Para desafiá-lo;
Ele vai enfeitiçar você com seu canto,
Vai encantá-lo quando se enfurecer,
Vai mandá-lo de volta desonrado,
Vai afundá-lo na neve fatal,
Vai congelar seus dedos flexíveis,
Vai congelar seus pés e tornozelos.”

59-62 Estas foram as palavras de Joukahainen:
“É boa a opinião de um pai,
Melhor ainda o conselho de uma mãe,
Mas melhor de tudo é a própria decisão.

63-72 Vou partir e enfrentar o menestrel,
Desafiá-lo a cantar numa disputa,
Desafiá-lo como bardo,
Cantar para ele minhas melodias suaves,
Entoar minhas lendas mais antigas,
Entoar a sabedoria que acumulei,
Para que este melhor dos cantores gabados,
Este famoso bardo da Finlândia,
Seja derrotado na disputa,
E se torne um menestrel infeliz;

73-81 Com minhas canções vou transformá-lo,
Para que seus pés sejam de pedra de sílex,
E sua roupa de baixo, de carvalho;

E este famoso, o melhor dos cantores,
Assim enfeitiçado, carregará para sempre,
No coração, um fardo de pedra,
No ombro, um arco de mármore,
Na mão, uma luva de pedra de sílex,
Na testa, uma viseira de pedra.”

82-93 Então o feiticeiro Joukahainen,
Sem dar ouvidos ao conselho do pai,
Sem dar ouvidos ao conselho da mãe,
Tira o cavalo do estábulo,
Com fogo saindo de suas narinas,
E faíscas saltando de seus cascos,
Atrela ao trenó o cavalo veloz,
O cavalo ao trenó dourado,
Sobe impetuoso no trenó de neve,
Salta para o banco traseiro,
Açoita o cavalo com seu chicote de bétula,
Com o chicote de bétula, enfeitado de pérolas.

94-102 Num instante, o cavalo empinado
Parte veloz em sua jornada;
Ele, inquieto, dispara para o Norte,
Galopa sem parar o dia inteiro,
E o dia seguinte, sempre em frente,
E também o terceiro, da manhã à noite,

Até que o anoitecer do terceiro dia o leva
Aos campos de Väinölä,
Às planícies de Kalevala.

103-108 Por acaso, Väinämöinen,
Väinämöinen, o feiticeiro,
Cavalgava naquela estrada ao pôr do sol,
Passeando em silêncio, por prazer,
Pelos campos tranquilos de Väinölä,
Pelas planícies de Kalevala.

109-113 Joukahainen, jovem e impetuoso,
Ainda incitando seu cavalo espumante,
Avança contra o cantor,
Não desvia ao se aproximar,
E os dois colidem de frente;

114-118 Os varais se chocam com força,
As cangas e as coleiras se prendem e se enroscam,
As rédeas e os tirantes também se emaranham.
Assim, forçados, eles param,
Ficam ali, pensando no que fazer;

119-124 Água pinga das cangas e coleiras,
Vapor sobe dos dois cavalos.
Fala o menestrel Väinämöinen:
“Quem és tu e de onde vens? Chegas
Guiando como um rapaz tolo,
Distraído, avançando contra mim.

125-129 Você arruinou os varais e os tirantes;
E a coleira do meu cavalo
Você despedaçou,
E meu trenó dourado está quebrado,
A caixa e os patins, feitos em pedaços."

130-135 Joukahainen então responde,
E por fim diz estas palavras:
"Sou o jovem Joukahainen,
Mas primeiro me diga quem você é,
De onde vem, para onde vai,
E de que tribo humilde descende?"

136-140 Väinämöinen, sábio e antigo,
Respondeu ao jovem menestrel:
"Se você é apenas Joukahainen,
Deveria me ceder toda a estrada;
Sou muitos anos mais velho que você."

141-144 Então o gabola Joukahainen
Falou outra vez com Väinämöinen:
"Jovem ou velho, pouco importa,
A idade tem pouca importância;

145-149 Quem for mais sábio,
Quem tiver mais conhecimento,
Quem cantar melhor,
Esse ficará com a estrada,
E o outro irá pela beira.

150-157 Você é o velho Väinämöinen,
Famoso feiticeiro e menestrel?
Então vamos começar a cantar,
Vamos cantar nossas antigas lendas,
Vamos entoar a sabedoria que acumulamos,
Para que um ouça o outro,
Para que um julgue o outro,
Numa disputa de palavras de feiticeiro."

158-162 Väinämöinen, sábio e antigo,
Respondeu com modéstia:
"O que sei é muito pouco,
Quase não vale a pena cantar,
E meu canto não tem nada de maravilhoso:

163-166 Passei todos os meus dias
No frio e sombrio Norte,
Numa terra deserta e encantada,
Em minha casa, por muitos anos;

167-174 Todas as canções que reuni
São as melodias simples do cuco,
Talvez eu me lembre de algumas;
Mas, já que você insiste,
Aceito seu desafio presunçoso.
Diga agora, meu jovem de ouro,
O que você sabe além dos outros,
Abra seu tesouro de sabedoria."

175-178 Assim respondeu Joukahainen,
Jovem e impetuoso menestrel da Lapônia:
“Sei muitas coisas,
E tenho certeza disto:

179-184 Todo telhado precisa de uma chaminé,
Toda lareira precisa de uma pedra de fogo;
A vida das focas é livre e alegre,
A vida das morsas também é alegre,
Quando se alimentam de salmões descuidados,
Comendo todo dia percas e peixes-brancos;

185-188 Os peixes-brancos vivem em águas rasas e tranquilas,
Os salmões gostam do fundo plano;
O lúcio desova no tempo mais frio,
E desafia as tempestades do inverno.

189-192 No outono, as percas nadam devagar,
De costas tortas, buscando águas mais fundas,
Desovam nas águas rasas no verão,
Saltando na beira do oceano.

193-198 Se essa sabedoria parecer pouca,
Posso lhe contar outras coisas,
Entoar outras palavras de feiticeiro:
Todos os homens do Norte aram com renas,
As éguas aram as terras do Sul,
Na Lapônia interior, aram com bois;

199-202 Conheço bem todas as árvores
Do monte Pisa, em toda a sua grandeza;
Na rocha Horna crescem pinheiros,
Altos e esguios;

203-207 As árvores dos montes são esguias.
Há três quedas-d'água,
Três mares no interior,
Três montanhas altas,
Que se elevam até a abóbada do céu.

208-211 Hallapyora fica perto de Yaemen,
Katrakoski, na Carélia;
Imatra, a água em queda,
Desaba, rugindo, no Wuoksi."

212-215 Então disse o velho Väinämöinen:
"Histórias de mulheres e sabedoria de crianças
Não agradam a um herói barbado,
Um herói já em idade de se casar;

216-219 Conte a história da criação,
Conte como o mundo começou,
Conte-me das criaturas que nele vivem,
E filosofe um pouco."

220-223 Então o jovem Joukahainen
Assim respondeu a Väinämöinen:
"Conheço bem as fontes dos chapins,
O chapim é uma avezinha bonita;

224-227 E a víbora, serpente verde;
Os peixes-brancos vivem em águas salobras;
As percas nadam em todos os rios;
O ferro enferruja, e a ferrugem o enfraquece;

228-231 O sabor do umber é amargo;
A água fervente é perigosa;
O fogo é sempre arriscado;
O primeiro médico é o Criador;

232-235 O remédio mais antigo é a água;
A magia é filha da espuma do mar;
Deus é o primeiro e melhor conselheiro;
As águas jorram de todos os montes;

236-242 O fogo desceu primeiro do céu;
O ferro foi feito da ferrugem;
O cobre foi criado das rochas;
Os pântanos são as terras mais antigas;
A primeira de todas as árvores foi o salgueiro;
Os pinheiros foram as primeiras casas;
As pedras ocas foram as primeiras panelas."

243-246 Então o velho Väinämöinen
Assim falou a Joukahainen:
"Agora você pode me dar alguma sabedoria?
É só bobagem o que você sabe?"

247-256 Joukahainen respondeu:
“Ainda posso lhe contar uma coisinha,
Falar dos tempos primitivos,
Quando arei o seio do mar salgado,
Quando rastreei as ilhas cercadas pelo mar,
Quando cavei as grutas dos salmões,
Escavei as cavernas mais profundas,
Quando criei todos os lagos,
Quando ergui as montanhas ao redor,
Quando empilhei as rochas à sua volta.

257-267 Eu estava presente como herói,
O sexto entre os heróis sábios e antigos,
O sétimo entre todos os heróis primordiais,
Quando os céus foram criados,
Quando se formaram os espaços do éter,
Quando o céu foi sustentado por pilares de cristal,
Quando se arqueou o belo arco-íris,
Quando a Lua foi posta em sua órbita,
Quando o Sol prateado foi colocado,
Quando a Ursa foi firmada em seu lugar,
E o céu foi salpicado de estrelas.”

268-279 Falou o velho Väinämöinen:
“Você é, sem dúvida, o príncipe dos mentirosos,
O senhor de todos os mentirosos;
Você nem existia,
Com certeza não estava presente,

Quando foi arado o seio do mar salgado,
Quando foram rastreadas as ilhas cercadas pelo mar,
Quando foram cavadas as grutas dos salmões,
Quando foram escavadas as cavernas,
Quando todos os lagos foram criados,
Quando as montanhas foram erguidas ao redor,
Quando as rochas foram empilhadas à sua volta.

280-287 Ninguém jamais ouviu falar de você
Quando a terra foi criada,
Quando se formaram os espaços do éter,
Quando o ar foi sustentado por pilares de cristal,
Quando a Lua foi posta em sua órbita,
Quando o Sol prateado foi colocado,
Quando a Ursa foi firmada em seu lugar,
Quando o céu foi salpicado de estrelas."

288-291 Então Joukahainen, enfurecido,
Respondeu ao velho Väinämöinen:
"Pois bem, senhor, já que me falta sabedoria,
Desafio você para uma luta de espadas;

292-295 Venha, famoso bardo e menestrel,
Você, antigo cantor de maravilhas,
Vamos provar nossa força com espadas largas,
Vamos testar bem nossas lâminas."

296-299 Falou o velho Väinämöinen:
"Não temo sua espada nem sua sabedoria,
Nem sua prudência ou esperteza,
Nem por um instante.

300-303 Que outro aceite seu desafio,
Com você, fanfarrão insignificante,
Com alguém tão vaidoso e desprezível,
Nunca vou medir espadas largas."

304-311 Então o jovem Joukahainen,
Com a boca torta e o rosto zombeteiro,
Sacudiu os cabelos dourados e respondeu:
"Quem tem medo de medir espadas,
Tem medo de testar a força com espadas largas,
Vou transformá-lo num javali selvagem da floresta,
Porco no coração e porco no rosto,
Com meu canto;

312-315 Vou atirar heróis covardes como esse,
Este para cá, aquele para lá,
E pisoteá-lo na lama e na palha,
Na sujeira do estábulo."

316-319 Então Väinämöinen ficou furioso,
Tomado de ira, franziu o cenho,
Sereno, rompeu o silêncio,
E começou seu canto maravilhoso.

320-328 Não cantou histórias de infância,
Bobagens de crianças, saber de mulheres,
Cantou, em vez disso, sobre heróis barbados,
De quem as crianças nunca tinham ouvido falar,
Desconhecidos dos meninos e das moças,
Conhecidos pela metade por noivos e noivas,
Conhecidos em parte por muitos heróis,
Nestes dias tristes e maus,
Tempos maus que recaíram sobre nosso povo.

329-332 Väinämöinen, sábio, cantou com imponência,
Até que as montanhas de cobre,
E as rochas e os penhascos de sílex
Ouviram seus tons mágicos e tremeram;

333-339 Os penhascos se partiram em pedaços,
Todo o oceano se agitou e revolveu;
E as colinas distantes ecoaram.
Vejam só! O gabola Joukahainen
Fica paralisado de espanto,
E seu trenó enfeitado de ouro
Flutua como gravetos sobre as ondas;

340-344 Com seu canto, transforma os suportes do trenó em capim de junco,
As rédeas em ramos de salgueiro,
E o banco dourado em arbustos.
Vejam só! Seu chicote de bétula, enfeitado de pérolas,
Flutua como um caniço na margem;

345-348 Vejam só! Seu cavalo de fronte dourada
Fica parado como uma estátua sobre as águas;
As cangas e os tirantes viram ramos de pinheiro,
E a coleira, palha e algas marinhas.

349-352 O menestrel continua seu canto mágico,
Canta a espada de cabo dourado,
Transforma-a num clarão de relâmpago,
E a pendura no céu, acima dele;

353-356 Canta sua besta, pintada de cores vivas,
E a transforma num arco-íris sobre o oceano;
Canta suas flechas ligeiras e emplumadas,
E as transforma em falcões e águias gritadoras;

357-360 Canta seu cão de focinho curvado,
E o transforma num bloco de pedra ao seu lado;
Canta o gorro de sua cabeça,
E o transforma em grinaldas de vapor;

361-364 Com seu canto, transforma as luvas de suas mãos
Em juncos sobre as águas;
Canta sua veste de cor púrpura,
E a transforma em nuvens brancas no céu;

365-368 Canta seu cinto, cravejado de joias,
Transformando-o em estrelas cintilantes ao seu redor;
E, ai!, transforma Youkahainen,
Afundando-o num atoleiro de areia movediça;

369-378 Cada vez mais fundo, mais fundo, mais fundo,
Afunda o feiticeiro em seu tormento,
Até a cintura na lama e na água.
Foi então que Youkahainen
Compreendeu com toda clareza
Sua tolice e o que lhe aconteceria,
Por causa da viagem que se aventurara a fazer,
Que empreendera em vão,
Em busca da glória de um duelo
Com o grandioso e velho Wainamoinen.

379-384 Quando enfim o jovem Youkahainen,
O pobre rapaz de Pohyola, velho e desolado,
Tenta com todas as forças mover o pé direito,
Mas, ai!, o pé não obedece;
Quando tenta mover o pé esquerdo,
Vê que ele se transformou em pedra.

385-388 Então o triste Youkahainen,
No fundo do desespero,
E em súplica fervorosa,
Dirige-se assim a Wainamoinen:

389-396 "Ó sábio e digno menestrel,
Único e verdadeiro mago,
Peço que cesse teu encantamento,
Que desfaças tua magia,
Deixa-me sair deste lamaçal horrível,

Liberta-me desta prisão de pedra,
Livra-me deste tormento mortal,
E te pagarei um resgate em ouro.”

397-403 Disse o velho Wainamoinen:
“Que resgate me darás
Se eu cessar meu encantamento,
Se desfizer minha magia,
Se te tirar deste lamaçal horrível,
Te libertar desta prisão de pedra,
E te livrar deste tormento mortal?”

404-409 Respondeu o jovem Youkahainen:
“Tenho em casa duas bestas mágicas,
Um par de arcos de poder extraordinário;
Um é tão leve que uma criança pode vergá-lo,
O outro só se curva com muita força.
Escolhe o que mais te agradar.”

410-413 Então disse o velho Wainamoinen:
“Não quero teus arcos mágicos,
Já tenho alguns deles;
Os teus me seriam inúteis.

414-417 Tenho arcos em grande quantidade,
Arcos em cada prego e caibro,
Arcos que riem de todos os caçadores,
Arcos que saem sozinhos para caçar.”

418-421 Então o velho Wainamoinen
Afundou o pobre Youkahainen
Ainda mais na lama e na água,
Mais fundo no lamaçal do tormento.

422-426 Youkahainen respondeu:
"Tenho em casa dois barcos mágicos,
Belos e extraordinários;
Um desliza leve pelo oceano,
O outro foi feito para cargas pesadas;

427-430 Escolhe o que mais te agradar."
Disse o velho Wainamoinen:
"Não quero teus barcos mágicos,
Já tenho o bastante deles;

431-434 Todas as minhas baías estão cheias de barcos,
Todas as minhas praias estão repletas deles;
Alguns navegam a favor do vento,
Outros foram feitos para navegar contra ele."

435-440 Ainda o menestrel de Wainola
Afunda o pobre Youkahainen
Cada vez mais fundo no tormento,
Até o cinto na areia movediça,
Até que o bardo lapão, angustiado,
Fala de novo a Wainamoinen:

441-444 “Tenho em casa dois cavalos mágicos,
Um corredor, veloz como um raio,
O outro nasceu para cargas pesadas;
Escolhe o que mais te agradar.”

445-448 Disse o velho Wainamoinen:
“Também não quero teus cavalos,
Não preciso de teus cavalos velozes,
Já tenho o bastante deles;

449-452 Meus estábulos fervilham de cavalos mágicos,
Comendo milho em cada cocho,
De dorso largo para levar água,
Água em pequenas lagoas sobre cada garupa.”

453-456 Ainda o bardo de Kalevala
Afunda o infeliz menestrel lapão
Cada vez mais fundo no tormento,
Até os ombros na água.

457-463 Falou de novo o jovem Youkahainen:
“Ó velho Wainamoinen,
Único e verdadeiro mago,
Peço que cesse teu encantamento,
Que desfaças tua magia,
Eu te darei muito ouro,
Incontáveis reservas de prata brilhante;

464-469 Meu pai o trouxe das guerras,
Trouxe-o de batalhas duramente vencidas.”
Disse o sábio e velho Wainamoinen:
“Não tenho desejo por teu ouro,
Nem quero tua prata,
Já tenho o bastante de ambos;

470-473 Muito ouro enche meus aposentos,
Sacos de prata pendem de cada prego,
O ouro brilha à luz do sol,
A prata reluz ao luar.”

474-477 Afundou o fanfarrão Youkahainen,
Mais fundo no lamaçal do tormento,
Até o queixo na lama e na água,
Sempre suplicando e implorando:

478-481 “Ó velho Wainamoinen,
Maior dos antigos magos,
Tira-me deste poço horrível,
Desta prisão de tormento;

482-485 Eu te darei todos os meus campos de milho,
Todo o milho dos meus celeiros,
Para resgatar minha vida infeliz,
Para conquistar a liberdade eterna.”

486-493 Wainamoinen respondeu:
“Leva teu milho a outros mercados,
Dá teus celeiros aos necessitados;

Tenho milho em grande quantidade,
Tenho campos por toda parte,
E milho crescendo em todos eles;
Os campos da gente são sempre mais férteis,
E o próprio grão é muito mais doce.”

494-501 O jovem e imprudente menestrel da Lapônia,
Carregado de tristeza, assim enfeitiçado,
Afunda cada vez mais na lama e na água,
Preso pelo medo e cheio de angústia,
Na lama, com a barba ensopada,
A boca antes fanfarrona cheia de algas,
Com os dentes presos na grama,
Youkahainen implora assim:

502-517 “Ó velho Wainamoinen,
Mais sábio dos cantores da sabedoria,
Cessa enfim teus encantamentos,
Desfaz tua magia,
Devolve-me a vida que eu tinha,
Livra-me deste tormento sufocante,
Liberta meus olhos da areia e da água,
Eu te darei minha irmã, Aino,
A filha mais bela de minha mãe,
Para ser tua esposa para sempre,
Para ser tua esposa e fazer tua vontade,
Varrer os cômodos de tua cabana,
Manter tua casa em ordem,

Lavar para ti os pratos dourados,
Estender tua cama com os mais finos lençóis,
E tecer cobertas de ouro para teu leito,

518 Assar para ti os biscoitos de mel."

519-522 Wainamoinen, velho e honrado,
Enfim encontra o resgate que desejava:
A jovem e bela filha da Lapônia,
Querida irmã de Youkahainen;

523-526 Feliz por tê-la conquistado,
Na velhice, uma bela donzela,
Para ser sua esposa para sempre,
Orgulho e alegria de Kalevala.

527-534 Agora o feliz Wainamoinen
Senta-se na rocha da alegria,
Feliz na rocha da música,
Canta um pouco, canta e para,
Canta de novo e canta uma terceira vez,
Para desfazer o feitiço da magia,
Para enfraquecer o encantamento,
Para banir o poderoso sortilégio.

535-547 Quando o feitiço se desfaz,
Youkahainen, triste, mas mais sábio,
Arrasta os pés para fora da areia movediça,
Tira a barba da água,
Puxa o cavalo para fora das rochas,

Traz o trenó de volta dos juncos,
Chama o chicote de volta do oceano,
Põe em ordem seu trenó dourado,
Senta-se no banco transversal,
Estala o chicote e parte para casa,
Volta depressa, de coração pesado,
Triste por encontrar a mãe,
A mãe de Aino, grisalha e idosa.

548-552 Sem cuidado, corre para casa,
Aproxima-se com barulho e alvoroço,
Avança sem cautela contra o alpendre,
Quebra os varais nos portais,
E despedaça seu belo trenó.

553-559 Então sua mãe, percebendo logo,
Ia repreendê-lo por sua imprudência,
Mas o pai a interrompeu:
"Por que quebraste teu trenó de neve?
Por que partiste os varais em pedaços?
Por que voltas para casa tão estranho?
Por que esse comportamento rude e descontrolado?"

560-565 E, ai!, o pobre Youkahainen,
Com o gorro torto na testa,
Começa a chorar, de coração partido,
Cabeça baixa e ânimo abatido,
Tristeza nos olhos e nos lábios,
Não responde ao pai preocupado.

566-571 Então a mãe logo lhe perguntou,
Tentando descobrir a causa de sua tristeza:
"Conta-me, meu primogênito, por que choras,
Por que choras, de coração pesado,
Por que estás tão abatido,
Por que teus olhos mostram tanta tristeza."

572-577 Youkahainen respondeu:
"Mãe querida e sempre fiel,
Tenho motivos de sobra,
Motivos suficientes para o que aconteceu,
Motivos amargos para esta tristeza,
Motivos para lágrimas e queixas amargas:

578-586 Todos os meus dias serão infelizes,
Pois, ó mãe que me deste a vida,
Prometi a bela Aino,
Aino, tua filha querida,
Aino, minha irmã dedicada,
Ao velho Wainamoinen, já enfraquecido,
Para ser sua esposa para sempre,
Telhado sobre ele e apoio sob seus pés,
Bela companheira junto ao fogo."

587-593 Então a mãe se levantou, alegre,
Bateu palmas, cheia de alegria,
E assim falou a Youkahainen:
"Não chores mais, meu filho querido,

Não tens motivo para chorar,
Não tens razão para ficar triste,
Há muito acalento esta esperança;

Por muitos anos tenho rezado
Para que este grande bardo e herói,
O sábio e valente Wainamoinen,
Seja marido da bela Aino,
E meu genro, dela, sua mãe."

Mas a bela e encantadora donzela,
Querida irmã de Youkahainen,
Logo começou a chorar amargamente,
Chorou no limiar e ali ficou,
Chorou o dia todo e a noite inteira,
Chorou um segundo e depois um terceiro dia,
Chorou porque uma grande tristeza
Se abatera sobre seu jovem coração.

Então a mãe de cabelos grisalhos lhe perguntou:
"Por que choras, bela Aino?
Encontraste um pretendente nobre,
Vais governar sua espaçosa casa,
Sentar-te e descansar junto à janela,
Lavar a tempo seus pratos dourados,
Andar como uma rainha por sua casa."

614-617 Aino, chorosa, respondeu:
"Mãe querida e tão indulgente,
Tenho motivos de sobra para esta tristeza,
Motivos de sobra para chorar amargamente:

618-624 Terei de soltar meus cabelos dourados,
Cabelos belos como o sol,
Não poderei enfeitá-los com joias,
Nem prendê-los com fitas,
Pois tudo ficará escondido
Sob a touca de linho
Que a esposa deve usar para sempre;

625-634 Chorarei de manhã e à noite,
Chorarei, ai!, pela beleza que se vai,
Pela infância que acabou e a juventude que partiu,
Pelo sol prateado e o luar dourado,
Pela esperança e alegria da minha infância,
Que agora me foram tiradas para sempre,
E logo serão esquecidas
Junto à bancada de trabalho de meu irmão,
À janela de minha irmã,
Na cabana de meu pai."

635-640 A mãe de cabelos grisalhos
Falou de novo à filha chorosa, Aino:
"Cessa essa tristeza, donzela tola,

Com tuas lágrimas és ingrata,
Não tens motivo para te lamentar,
Nem a menor razão para chorar;

641-645 Em toda parte a luz prateada do sol
Brilha igualmente nas casas dos outros;
Não é só a luz da lua que entra
Pelas janelas abertas de teu pai,
Sobre a bancada de trabalho de teu irmão;

646-649 Há flores em todos os prados,
Há frutos em todas as montanhas;
Tu mesma podes ir encontrá-los,
Podes procurá-los o dia inteiro;

650-656 Não são só nos prados de teu irmão
Que crescem belas trepadeiras e flores;
Nem só nas montanhas de teu pai
Que amadurecem frutos nutritivos;
Há flores em outros prados,
Há frutos em outras montanhas,
Lá como aqui, minha bela Aino.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO IV

✦

1-5 Quando a noite passou, a donzela,
Bela irmã de Youkahainen,
Cedo se apressou para a floresta,
Para colher brotos de bétula para vassouras,
Foi colher cachos de bétula;

6-10 Amarrou um feixe para o pai,
Amarrou uma vassoura de bétula para a mãe,
Cachos de seda para a irmã.
Logo se apressou de volta para casa,
Deixou a floresta por uma trilha;

11-16 Ao se aproximar da orla da mata,
Eis que o velho Wainamoinen,
Viu depressa a donzela,
Quando ela deixava o bosque de bétulas,
Bem vestida com roupas finas,
E assim o menestrel lhe falou:

17-21 "Aino, beleza do Norte,
Não uses, bela donzela, para outros,
Usa apenas para mim, doce donzela,
A cruz de ouro sobre o peito,
Pérolas brilhantes sobre os ombros;

22-27 Prende para mim teus cabelos castanhos,
Usa para mim tuas trancinhas douradas.”
A donzela logo respondeu:
“Nem para ti nem para outros
Pendurarei no pescoço a cruzinha,
Enfeitarei os cabelos com fitas de seda;

28-33 Não preciso mais dos muitos enfeites
Que me trouxeram de navio ou barco;
Prefiro vestir a roupa mais simples,
Comer a casca do pão de cevada,
Morar para sempre com minha mãe
Na cabana com meu pai.”

34-41 Então tirou de si a cruz de ouro,
Arrancou as joias dos dedos,
Soltou depressa o colar brilhante,
Desatou logo as fitas de seda,
E, indignada, lançou tudo fora
Entre samambaias e flores da floresta.
Então a donzela Aino
Apressou-se para a casa da mãe.

42-45 À janela estava sentado o pai,
Aparelhando um cabo de machado de carvalho:
“Por que choras, bela Aino,
Aino, minha filha querida?”

46-49 “Tenho motivos para chorar, pai,
Boas razões para meu lamento,
Este é o motivo do meu choro,
Esta é a causa de toda a minha tristeza:

50-53 Tirei do peito a cruzinha,
Do cinto, o fecho de cobre,
Da cintura, o cinto de prata,
Minha cruzinha era de ouro.”

54-57 Perto da porta estava sentado o irmão,
Talhando um arco de bétula:
“Por que choras, bela Aino,
Aino, minha irmã querida?”

58-64 “Tenho motivos para chorar, irmão,
Boas razões para meu lamento:
Por isso venho como me vês,
Sem anéis nos dedos,
Sem colar bonito no pescoço;
Os anéis que me deste eram de ouro,
E o colar, de pérolas e prata!”

65-68 No limiar estava sentada a irmã,
Tecendo para ela um cinto de ouro:
“Por que choras, bela Aino,
Aino, minha irmã querida?”

69-77 “Tenho motivos para chorar, irmã,
Boas razões para minha tristeza:
Por isso venho como me vês,
Sem faixa escarlate na cabeça,
Sem tranças de prata nos cabelos,
Sem fitas púrpuras nos braços,
Sem colar brilhante no pescoço,
Sem cruzinha de ouro no peito,
Sem brincos de ouro nas orelhas.”

78-81 Perto da porta da leiteria,
A mãe de Aino tirava a nata do leite.
“Por que choras, bela Aino,
Aino, minha filha querida?”

82-86 Assim respondeu a donzela soluçando:
“Mãe amorosa, que tudo perdoa,
Tenho motivos para este choro,
Boas razões para minha tristeza,
Por isso choro, querida mãe:

87-93 Estive dentro da floresta,
Para amarrar vassouras e colher brotos,
Para apanhar cachos de bétula;
Amarrei um feixe para meu pai,
Amarrei outro para minha mãe,
Amarrei um terceiro para meu irmão,
E cachos de seda para minha irmã.

94-98 Logo me apressei de volta para casa,
Deixei a floresta por uma trilha;
Quando cheguei à orla da mata,
Osmoinen falou do campo de cereais,
Falou o velho Wainamoinen:

99-104 'Não uses, bela donzela, para outros,
Usa apenas para mim, doce donzela,
A cruzinha de ouro sobre o peito,
Pérolas brilhantes sobre os ombros,
Prende para mim teus cabelos castanhos,
Trança para mim tuas tranças de prata.'

105-110 Então tirei de mim a cruz de ouro,
Arranquei as joias dos dedos,
Soltei depressa o colar brilhante,
Desatei logo as fitas de seda,
E, indignada, lancei tudo fora,
Entre samambaias e flores da floresta.

111-114 Então falei assim ao cantor:
'Nem para ti nem para outros
Pendurarei no pescoço a cruzinha,
Enfeitarei os cabelos com fitas de seda;

115-120 Não preciso mais dos muitos enfeites
Que me trouxeram de navio ou barco;
Prefiro vestir a roupa mais simples,

Comer a casca do pão de cevada,
Morar para sempre com minha mãe
Na cabana com meu pai.’”

121-124 Assim respondeu a mãe de cabelos grisalhos
A Aino, sua filha querida:
“Não chores mais, minha bela donzela,
Não desperdices tua doce juventude;

125-128 Come minha manteiga doce por um ano,
Ela te deixará forte e corada;
Come toucinho fresco por mais um ano,
Ele te deixará alta e imponente;

129-135 Come só iguarias no terceiro ano,
Elas te deixarão bela e formosa.
Agora corre até aquele alto do morro,
Até o armazém na montanha,
Abre lá o grande compartimento,
Vais encontrá-lo cheio de caixas,
Baús, cofres, malas e caixas;

136-141 Abre a caixa maior,
Levanta a tampa enfeitada,
Vais encontrar seis cintos de ouro,
Sete vestidos em tons de arco-íris,
Tecidos pelas belas filhas da Lua,
Feitos pelas doces virgens do Sol.

142-145 Quando era jovem, certa vez vaguei,
Como donzela pelas montanhas,
Nos dias felizes da infância,
À procura de frutas no bosque;

146-153 Por acaso ouvi ali as filhas
Da Lua enquanto teciam;
Também ouvi ali as filhas
Do Sol enquanto fiavam,
Nas bordas vermelhas das nuvenzinhas,
Sobre a orla azul da floresta,
Na beira do pinheiral,
Numa montanha alta e distante.

154-157 Aproximei-me, chegando mais perto,
Entrei sorrateira no alcance da voz delas,
Então comecei a pedir-lhes,
Supliquei assim, com brandura:

158-161 'Dai-me vossa prata, belas filhas da Lua,
A uma donzela pobre, mas digna;
Dai-me vosso ouro, doces virgens do Sol,
A esta donzela jovem e necessitada.'

162-167 Então as belas filhas da Lua
Deram-me prata de seus cofres;
E as doces virgens brilhantes do Sol

Deram-me ouro de suas riquezas,
Ouro para enfeitar minhas têmporas palpitantes,
E prata brilhante para meus cabelos.

168-177 Então voltei para casa, alegre e apressada,
Ricamente carregada de tesouros,
Feliz, para a casa de minha mãe;
Usei-os um dia e depois um segundo,
Usei-os também no terceiro dia,
Então tirei o ouro das têmporas,
Tirei a prata dos cabelos,
Guardei tudo com cuidado nas caixas,
Ali ficaram por muitas estações,
Não os vejo desde a infância.

178-183 Enfeita a testa com uma fita de seda,
Enfeita com ouro as têmporas palpitantes,
E o pescoço com um colar de pérolas,
Pende a cruz de ouro sobre o peito,
Veste-te com linho puro e branco,
Fiado da fibra mais fina;

184-187 Usa também o vestido mais rico,
Prende-o com um cinto de ouro;
Nos pés, calça meias de seda,
E sapatos do couro mais fino;

188-191 Enfeita os cabelos com trancinhas de ouro,
Prende-as bem com fios de prata;
Adorna com anéis teus dedos delicados,
E as mãos com punhos graciosos;

192-199 Vem então enfeitada para teu quarto,
Assim volta para esta tua casa,
Para saudar teus parentes,
Para a alegria de todos que te conhecem,
Com as faces coradas como frutos silvestres,
Chegando como o raio de sol de teu pai,
Caminhando bela e imponente,
Muito mais bela que o luar."

200-206 Assim falou à chorosa Aino,
Assim falou a mãe à filha;
Mas a donzela mal a escutava,
Não dava atenção aos desejos da mãe;
Logo se apressou até o pátio,
Para chorar ali, tomada de profunda tristeza,
Chorar sozinha, angustiada.

207-210 Depois de muito esperar, a chorosa Aino
Por fim falou consigo mesma:
"A que posso comparar agora
A felicidade do lar e as alegrias da sorte?

211-215 Às águas do rio,
Às ondas daquele lago,
Às águas cristalinas que correm.
E a que posso comparar a tristeza cortante
Da filha da má sorte?

216-224 Ao espírito do pato-do-mar,
Ao gelo pendente no inverno,
À água presa no poço.
Na infância, minha mente vagava muitas vezes,
Quando eu era uma donzela livre e alegre,
Feliz por brejos e campos em pousio,
Brincando nos prados com os cordeirinhos,
Demorando-me entre samambaias e flores,
Sem conhecer dor nem aflição;

225-230 Agora minha mente está cheia de tristeza,
Vaga pelo brejo e pelo restolho,
Caminha cansada entre os espinheiros,
Percorre toda a floresta sombria,
Até minha vida se encher de escuridão,
E meu espírito ficar branco de angústia.

231-236 Teria sido melhor para Aino
Nunca ter visto a luz do sol,
Ou ter morrido ainda bebê, se nasceu,
Sem ter vivido para ser donzela
Nestes dias de pecado e tristeza,
Sob uma estrela tão azarada.

237-242 Teria sido melhor para Aino
Se tivesse morrido no oitavo dia,
Depois de passadas sete noites;
Precisaria então de pouco linho,
De um caixão pequeno,
E de uma cova bem pequena;

243-247 A mãe teria chorado um pouco,
O pai talvez também um pouquinho,
A irmã teria chorado o dia inteiro,
O irmão talvez derramasse uma lágrima,
E assim todo o luto teria acabado."

248-251 Assim a pobre Aino chorou e resmungou,
Chorou um dia e depois um segundo,
Chorou um terceiro, da manhã até a noite,
Quando a mãe lhe perguntou outra vez:

252-263 "Por que choras, minha filha mais bela,
Filha querida, por que tanta tristeza?"
Assim respondeu a donzela chorosa:
"Por isso choro e me entristeço,
Donzela infeliz por toda a vida,
Pois a pobre Aino tu entregaste,
Pois prometeste tua filha
Ao velho Wainamoinen,
Para lhe fazer companhia na velhice,

Para ampará-lo quando tropeçar,
Para ser um teto sobre ele na tempestade,
E um manto ao seu redor em casa;

264-267 Muito melhor seria se me tivesses mandado
Para bem abaixo das ondas do mar salgado,
Para ser irmã do peixe-branco,
E amiga da perca e do salmão;

268-278 Muito melhor seria cavalgar as ondas,
Nadar na espuma do mar como sereia,
E ser amiga dos peixes ligeiros,
Do que ser o consolo de um velho,
Amparo para quando ele tropeçar,
Mão para ajudá-lo quando tremer,
Braço para guiá-lo quando vacilar,
Força para sustentá-lo quando enfraquecer;
Melhor ser irmã do peixe-branco
E amiga da perca e do salmão
Do que escrava e querida de um velho."

279-285 Depois de falar assim, deixou a mãe,
Logo se apressou para a montanha,
Até o armazém no alto,
Abriu a maior das caixas,
Levantou seis tampas da caixa,
Encontrou ali seis cintos de ouro,
Sete vestidos de seda.

286-294 Escolhendo os que mais lhe agradavam,
Enfeitou-se como lhe haviam mandado,
Vestiu-se para ficar ainda mais bela,
Com ouro nas têmporas palpitantes,
Prata brilhante nos cabelos,
Fitas púrpuras sobre os ombros,
Uma faixa azul ao redor da testa,
Cruz de ouro, anéis e joias,
Enfeites à altura de sua beleza.

295-304 Agora deixa seus muitos tesouros,
Deixa o armazém na montanha,
Cheio de enfeites de ouro e prata,
Vagueia por campos e prados,
Por terras pedregosas, ermas e estéreis,
Vagueia por brejos e florestas,
Pela floresta vasta e desolada,
Vagueia para cá e para lá,
Cantando despreocupada enquanto vagueia,
Esta canção triste que ecoa:

305-313 "Ai de mim, minha vida é de dura sorte!
Ai de Aino, de coração partido!
A angústia atormenta meu coração e minhas têmporas,
Mas a dor não seria mais profunda,
Nem a dor e a angústia maiores,
Se, sob este peso de tristeza,

No desalento do meu coração entristecido,
Eu entregasse a vida para sempre,
E agora, infeliz, morresse!

314-318 Eis que chegou a hora de Aino
Deixar depressa este mundo cruel,
Ir para o reino de Tuoni,
Para o reino dos que partiram,
Para a ilha do além.

319-326 Não chorem mais por mim, ó pai,
Querida mãe, não me censure,
Bela irmã, seca teus olhos,
Não chores por mim, querido irmão,
Quando eu afundar sob a espuma do mar,
Farei minha morada nas grutas do salmão,
Farei minha cama nas águas cristalinas,
E samambaias aquáticas serão meu leito e travesseiro."

327-340 A pobre Aino vagou o dia inteiro,
E o dia seguinte, triste e cansada,
E também o terceiro, da manhã até a noite,
Até que a noite cruel a envolveu,
Quando chegou à margem arenosa,
À praia fria e sombria,
Sentou-se na rocha da tristeza,
Sentou-se sozinha no frio e na escuridão,
Ouvindo apenas a música
Dos ventos e das ondas que rolavam,

Cantando todo o lamento de Aino.
A donzela cansada passou aquela noite
Chorando e vagando pela margem,
Entre a areia e as pedras lavadas pelo mar.

341-347 Quando o dia amanhece, ela olha ao redor
E vê três donzelas das águas,
Num promontório que avança mar adentro,
Quatro donzelas das águas ao todo,
Sentadas nas saliências batidas pelas ondas,
Ora nadando sobre as ondas,
Ora descansando sobre as rochas.

348-359 Depressa a chorosa donzela Aino
Apressa-se para se juntar às sereias,
Belas donzelas das águas.
Aino, chorando, começa a se despir,
Põe de lado suas roupas com cuidado,
Pendura as vestes de seda nos amieiros,
Deixa a cruz de ouro na praia,
Pendura as fitas no álamo,
Deixa as meias de seda sobre as rochas,
Os sapatos de pele de veado na grama,
O colar brilhante na areia,
Junto com os anéis e outras joias.

360-367 Em alto-mar, a boa distância,
Erguia-se uma rocha de cores do arco-íris,
Brilhando à luz prateada do sol.

A donzela infeliz salta em sua direção,
Para lá nada a bela Aino,
Subiu pela pedra que se erguia,
Desejando descansar um momento,
Descansar sobre a rocha formosa;

368-373 Quando, subitamente, balançando
De um lado para o outro entre as ondas,
Com estrondo e rugido das águas,
A pedra de muitas cores cai,
Cai até o fundo
Do mar azul, profundo e sem fim.

374-378 Com a pedra de cores do arco-íris,
Cai a donzela chorosa, Aino,
Agarrada às bordas escarpadas,
Afundando muito abaixo da superfície,
Até o fundo do mar azul.

379-382 Assim desapareceu a donzela chorosa,
Assim a pobre Aino afundou e morreu,
Cantando enquanto a pedra descia,
Entoando estas palavras ao partir:

383-388 "Certa vez, fui até a beira-mar,
Para brincar entre as ondas;
Com a pedra de muitas cores,

A pobre Aino afundou até o fundo
Do mar azul, profundo e sem fim,
E morreu como um belo pássaro cantor.

389-392 Nunca venhas pescar, pai,
Às margens destas águas,
Nunca, durante toda a tua vida,
Se amas tua filha Aino.

393-398 "Mãe querida, fui até a beira-mar,
Para brincar entre as ondas;
Com a pedra de muitas cores,
A pobre Aino afundou até o fundo
Do mar azul, profundo e sem fim,
E morreu como um belo pássaro cantor.

399-402 Nunca mistures teu pão, querida mãe,
Com a espuma e as águas do mar azul,
Nunca, durante toda a tua vida,
Se amas tua filha Aino.

403-408 "Querido irmão, fui até a beira-mar,
Para brincar entre as ondas;
Com a pedra de muitas cores,
A pobre Aino afundou até o fundo
Do mar azul, profundo e sem fim,
E morreu como um belo pássaro cantor.

409-414 Nunca tragas teu cavalo de guerra empinado,
Nunca tragas teu corcel real,
Nunca tragas teus cavalos para beber,
Às margens do mar azul,
Nunca, durante toda a tua vida,
Se amas tua irmã Aino.

415-420 "Querida irmã, fui até a beira-mar,
Para brincar entre as ondas;
Com a pedra de muitas cores,
A pobre Aino afundou até o fundo
Do mar azul, profundo e sem fim,
E morreu como um belo pássaro cantor.

421-424 Nunca venhas lavar as pálpebras
Nestas ondas e espuma do mar,
Nunca, durante toda a tua vida,
Se amas tua irmã Aino.

425-428 Todas as águas do mar azul
Serão o sangue do corpo de Aino;
Todos os peixes que nadam nessas águas
Serão para sempre a carne de Aino;

429-432 Todos os salgueiros à beira-mar
Serão daqui em diante as costelas de Aino;
Toda a grama marinha na margem
Terá crescido dos cabelos de Aino."

433-438 Assim, por fim, a donzela desapareceu,
Assim morreu a bela Aino.
Quem contará a cruel história,
Quem levará a triste notícia
À casa de sua mãe,
Que um dia foi o lar da bela Aino?

439-442 Será o urso quem contará a história,
Quem dará a notícia à mãe dela?
Não, o urso não pode ser o mensageiro,
Ele mataria o gado dos rebanhos.

443-446 Quem, então, contará a cruel história,
Quem levará a triste notícia
À casa de seu pai,
Que um dia foi o lar da bela Aino?

447-450 Será o lobo quem contará a história,
Quem dará a triste notícia a seu pai?
Não, o lobo não pode ser o mensageiro,
Ele comeria os dóceis cordeirinhos.

451-457 Quem, então, contará a cruel história,
Quem levará a triste notícia
À casa de sua irmã?
Será a raposa quem contará a história,
Quem dará a notícia à irmã dela?
Não, a raposa não pode ser o mensageiro,
Ela comeria os patos e as galinhas.

458-461 Quem, então, contará a cruel história,
Quem levará a triste notícia
À casa de seu irmão,
Que um dia foi o lar da bela Aino?

462-465 Será a lebre quem contará a história,
Quem levará a triste notícia a seu irmão?
Sim, a lebre será a mensageira,
Contará a todos a cruel história.

466-469 Assim responde a lebre inofensiva:
"Levarei a triste notícia
À antiga casa de Aino,
Contarei a história a seus parentes."

470-475 A mensageira de orelhas compridas voou veloz,
Apressou-se como os ventos,
Galopou tão rápido quanto o voo das águias;
Com o pescoço torto, saltou adiante
Até chegar à casa que procurava,
Que um dia foi o lar da bela Aino.

476-479 A casa estava silenciosa e vazia;
Então ela correu para a casa de banho,
Onde encontrou um grupo de donzelas,
Cada uma trabalhando numa vassoura de bétula.

480-490 A lebre sentou-se na soleira,
E as donzelas lhe disseram:
"Corre, Perna-Comprida, ou vamos te assar,

Corre, Olho-Grande, ou vamos te ensopar,
Assar-te para o desjejum de nossa senhora,
Ensopar-te para o jantar de nosso senhor,
Fazer de ti uma refeição para Aino
E para seu irmão, Youkahainen!
É melhor galopares
Para tua toca nas montanhas
Do que seres assada para nosso jantar."

491-495 Então a lebre altiva respondeu,
Entoando o destino de Aino:
"Não pensem que vim até aqui
Para ser assada na frigideira,
Para ser cozida naquele caldeirão;

496-500 Que o cruel Lempo encha suas mesas!
Vim trazer tristes notícias,
Vim contar a cruel história
Da partida e da morte de Aino,
Querida irmã de Youkahainen.

501-504 Com a pedra de muitas cores,
A pobre Aino afundou até o fundo
Das águas profundas e sem fim,
E morreu como um belo pássaro cantor;

505-511 Pendurou suas fitas no álamo,
Deixou sua cruz de ouro à beira-mar,
Suas vestes de seda nos amieiros,

Nas rochas, suas meias de seda,
Na grama, seus sapatos de pele de cervo,
Na areia, seu colar reluzente,
Na areia, seus anéis e joias;

512-517 Nas ondas, a bela Aino,
Dormindo bem no fundo
Do mar azul, profundo e sem fim,
Nas cavernas dos salmões,
Para ser irmã do peixe branco
E amiga dos peixes ligeiros."

518-521 A mãe idosa chora tristemente,
Lágrimas amargas escorrem de seus olhos azuis,
E, em lamentos tristes e doloridos,
Responde de coração partido:

522-529 "Ouçam, mães todas, ouçam,
Aprendam comigo uma lição de sabedoria:
Nunca forcem filhas que não querem
A deixar a casa de seus pais
Por pretendentes que não amam,
Como eu, mãe desumana,
Afastei minha bela Aino,
A filha mais formosa do Norte."

530-533 A mãe de cabelos grisalhos chora tristemente,
E as lágrimas que caem são amargas,
Escorrem por seu rosto enrugado,

Até pingarem em seu peito;

534-537 Depois atravessam seu peito arfante,
Até chegarem à barra de sua roupa;
Depois descem por suas meias de seda,
Até tocarem seus sapatos de pele de cervo;

538-541 Depois passam por baixo de seus sapatos de pele de cervo,
Escorrendo sem parar,
Uma parte vai para a terra, como seu quinhão,
Outra parte vai para a água.

542-548 À medida que as lágrimas caem e se juntam,
Formam três pequenos riachos,
Nascidos das pálpebras da mãe,
Riachos feitos de lágrimas como pérolas,
Que correm como pequenos rios,
E cada riacho cresce mais,
Logo se tornando uma torrente impetuosa;

549-553 Em cada torrente impetuosa e ruidosa,
Forma-se uma cachoeira espumante,
Que espuma à luz prateada do sol;
Do tumulto da cachoeira
Erguem-se três rochas imponentes;

554-557 No alto de cada rocha,
Crescem três colinas cobertas de verde;
Em cada colina, bétulas salpicadas,
Três ao todo, lutam para alcançar o céu;

558-561 No alto de cada bétula
Pousa um cuco dourado que chama,
E os três cantam em harmonia:
"Amor! Ó, amor!", chama o primeiro;

562-568 O segundo canta: "Pretendente! Pretendente!"
E o terceiro chama e responde:
"Consolo! Consolo!"
Aquele que chama "Amor! Ó, amor!"
Chama por três luas, sem parar,
Pela donzela que rejeitou o amor,
Dormindo nos castelos do fundo do mar.

569-572 Aquele que canta "Pretendente! Pretendente!"
Canta por seis luas, sem parar,
Pelo pretendente que para sempre
Canta e implora sem ser atendido.

573-577 Aquele que canta e ecoa triste:
"Consolo! Consolo!"
Canta sem parar por toda a vida
Pela mãe de coração partido,
Que deve lamentar e chorar para sempre.

578-582 Quando a mãe solitária e aflita
Ouviu o cuco sagrado cantar,
Disse estas palavras, chorando amargamente:
"Quando ouço o cuco chamar,
Meu coração se enche de tristeza;

583-591 As lágrimas abrem minhas pálpebras pesadas,
Escorrem pelo meu rosto sulcado,
Lágrimas grandes como pérolas do mar;
Meus cotovelos cansados envelhecem,
Meus dedos já não têm força,
E, exausto em cada parte,
Meu corpo treme de paralisia,
Quando ouço o cuco cantar,
Ouço o cuco sagrado chamar."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO V

✦

1-5 As notícias correram por toda parte,
Longe dali os homens ouviram a história
Da fuga e da morte de Aino,
Querida irmã de Youkahainen,
A mais bela filha da criação.

6-13 Wainamoinen, valente e verdadeiro,
Logo caiu num pranto amargo,
Chorou de manhã, chorou à tarde,
Sem dormir, chorou a noite inteira,
Pois sua Aino tinha partido,
Pois a donzela assim desaparecera,
Assim afundara no fundo
Do mar azul, profundo e sem fim.

14-18 Cheio de tristeza, o antigo cantor,
Wainamoinen da Terra do Norte,
De coração pesado, chorando amargamente,
Apressou-se até as águas inquietas,
E fez esta pergunta ao pretendente:

19-22 "Conte, Untamo, conte-me, sonhador,
Conte-me, Preguiça, as tuas visões,
Onde podem estar os deuses das águas,
Onde repousam as donzelas de Wellamo?"

23-30 Então Untamo respondeu assim,
E contou seus sonhos com preguiça:
"Ali ficam as moradas das sereias,
Lá vivem as donzelas de Wellamo,
No cabo coberto de verdura,
Na ilha coberta de floresta,
Nas águas profundas e cristalinas,
Na praia de cor púrpura;

31-36 Lá fica o lar das donzelas do mar,
Lá ficam as donzelas de Wellamo,
Vivem ali em seus aposentos à beira-mar,
Repousam em suas cavernas aquáticas,
Nas rochas de todas as cores do arco-íris,
Nas saliências dos penhascos à beira-mar."

37-40 Logo Wainamoinen se apressa
Até um abrigo de barcos na praia,
Examina com cuidado os anzóis,
E confere bem as linhas;

41-47 Linhas, anzóis, varas e redes de pesca,
Põe num barco de cobre,
Então começa a remar depressa
Até a ilha coberta de floresta,
Até o cabo coberto de verdura,
Até o promontório de cor púrpura,
Onde as ninfas do mar vivem e permanecem.

48-54 Mal chega à ilha,
O menestrel começa a pescar;
Lança longe o anzol,
Arrasta-o depressa pelas águas,
Girando numa peça de cobre
Pendurada numa linha de prata,
O anzol que usa é de ouro.

55-68 Agora experimenta sua rede de seda,
Pesca por muito tempo, e mais ainda,
Pesca um dia, depois um segundo,
De manhã e à tarde,
Pesca na hora do meio-dia,
Pesca por muitos dias e noites,
Até que, numa manhã ensolarada,
Fisga um peixe de poderes mágicos,
Que se debate como salmão na linha,
Chicoteando as ondas,
Até que por fim, exausto,
O peixe vira presa do pescador,
E chega em segurança ao fundo
Do barco de cobre do herói.

69-82 Wainamoinen o observa com orgulho,
E diz, tentando adivinhar, maravilhado:
“Este é o mais belo de todos os peixes do mar,
Nunca vi outro igual,
Mais liso, sem dúvida, que o salmão,

Com manchas mais brilhantes que as da truta,
Mais cinzento que o lúcio de Suomi,
Tem menos barbatanas que qualquer fêmea,
Não tem as barbatanas de peixe macho,
Nem as listras das donzelas do mar,
Nem o cinto de qualquer sereia,
Nem as orelhas de qualquer ave canora,
Parece um pouco com o salmão da Terra do Norte,
Vindo das cavernas mais profundas do mar azul."

83-91 O antigo herói trazia no cinto
Uma faca com bainha de prata;
Tirou a faca de peixe da bainha
Para cortar o peixe em pedaços,
Preparar o peixe sem nome para assar,
Fazer dele um delicioso desjejum,
Fazer dele uma refeição ao meio-dia,
Fazer um jantar saboroso,
E a refeição da noite.

92-97 Assim que toca o peixe,
Toca-o com sua faca de prata,
Ele salta depressa para as águas,
Mergulha sob a superfície lisa do mar,
Sai do barco de fundo de cobre,
Da canoa de Wainamoinen.

98-104 A boa distância, entre as ondas,
O peixe logo surge do mar,
Na sexta e na sétima ondas,
Ergue a cabeça acima das águas,
Fora do alcance dos apetrechos de pesca,
Então se dirige a Wainamoinen,
Repreendendo assim o antigo herói:

105-113 "Wainamoinen, antigo menestrel,
Não pense que vim até aqui
Para ser pescado como um salmão,
Só para ser cortado em pedaços,
Preparado e comido como um peixe branco,
Para fazer um delicioso desjejum,
Para fazer uma refeição ao meio-dia,
Para fazer um jantar saboroso,
Para ser a quarta refeição da Terra do Norte."

114-117 Disse o antigo Wainamoinen:
"Então por que vieste até aqui,
Se não para o meu jantar?"
E o peixe sem nome respondeu:

118-122 "Vim até aqui, ó menestrel,
Para repousar e ficar em teus braços,
Para que me ames e me estimes,
Para ser tua companheira por toda a vida,
E tua esposa para sempre;

123-130 Enfeitar tua cama com lençóis brancos como a neve,
Ajeitar tua cabeça no travesseiro,
Varrer teus aposentos e alegrá-los,
Manter tua casa em ordem,
Acender o fogo quando precisares,
Assar para ti biscoitos de mel,
Encher tua taça com água de cevada,
Fazer por ti tudo o que te agrada.

131-139 "Não sou um peixe escamoso do mar,
Nem uma truta dos rios do Norte,
Nem um peixe branco das águas,
Nem um salmão dos Mares do Norte,
Sou uma jovem donzela alegre,
Amiga e irmã dos peixes,
A irmã mais nova de Youkahainen,
Aquela que estás pescando,
Sou Aino, a quem amas.

140-149 "Antes eras o herói de palavras sábias,
Agora és o tolo Wainamoinen,
Com pouca perspicácia, pouco juízo,
Não soubeste me conservar,
De coração cruel, mãos ensanguentadas,
Tentaste me matar com tua faca de peixe,
Para me assar e comer no jantar;

Eu, uma sereia de Wellamo,
Antes a bela e adorável Aino,
Querida irmã de Youkahainen."

150-154 Disse o antigo Wainamoinen,:
Cheio de tristeza e arrependimento:
"Já que és irmã de Youkahainen,
Bela Aino de Pohyola,
Volta para mim, eu te peço!"

155-157 Assim respondeu a sereia, com sabedoria:
"Nunca mais o espírito de Aino
Voará até ti para ser maltratado."

158-162 A donzela das águas mergulhou depressa
Da superfície da onda
Até os seixos de muitas cores,
Até as grutas tingidas pelas cores do arco-íris,
Onde as sereias vivem e permanecem.

163-177 Wainamoinen não desanimou,
Pensou de novo e refletiu bem
Em como viver, trabalhar e conquistá-la;
Recolheu com cuidado sua rede de seda,
De um lado para o outro, pela espuma e pelas ondas,
Pelas baías e canais sinuosos,
Arrastou-a pelas águas tranquilas,
Pelas moradas dos salmões,
Pelas casas das donzelas das águas,

Pelas águas de Wainola,
Pelo dorso azul do oceano,
Pelos lagos da distante Lapônia,
Pelos rios de Youkola,
Pelos mares de Kalevala,
Esperando assim encontrar sua Aino.

178-182 Foram muitos os peixes que pescou,
Criaturas de toda espécie de peixe,
Mas não pescou a donzela do mar,
Nem a donzela das águas de Wellamo,
A mais bela filha da Terra do Norte.

183-187 Por fim, o antigo menestrel,
De ânimo abatido e coração desalentado,
Disse estas palavras, tomado pela tristeza:
"Sou um tolo, e grande é minha tolice,
Não tenho inteligência nem juízo;

188-195 Com certeza, antes eu tinha algum saber,
Alguma compreensão da sabedoria,
Ao menos um pouco de instinto;
Mas todas as minhas virtudes me abandonaram
Nestes dias tristes e sombrios,
Desapareceram com minha juventude e vigor,
Foi-se a perspicácia, partiu o bom senso,
Toda a minha prudência passou para outros!

196-204 Aino, a quem amo e estimo,
A quem todos estes anos procurei honrar,
Aino, agora donzela de Wellamo,
Minha amiga prometida para os momentos de necessidade,
Minha noiva prometida para sempre,
Antes eu a tinha ao meu alcance,
Capturei-a nas grutas de Wellamo,
Levei-a até meu barco de cobre,
Com minha linha de prata;

205-210 Mas, ai de mim! Não consegui conservá-la,
Não soube que a tinha pescado
Até ser tarde demais para cortejá-la e conquistá-la;
Deixei-a escapar por entre meus dedos
Para a morada das donzelas das águas,
Para o reino de Wellamo."

211-215 Então Wainamoinen partiu,
De mãos vazias, com o coração pesado,
Logo voltou para sua terra,
Para sua casa em Kalevala,
E disse estas palavras pelo caminho:

216-219 "O que aconteceu com o cuco,
Que antes trazia alegria com seu canto,
De manhã e à tarde,
E muitas vezes alegrava o meio-dia?

220-226 O que calou o canto do cuco,
O que mudou seu chamado?
A tristeza deve ter calado seu canto,
E a compaixão mudado seu chamado,
Pois já não o ouço cantar,
Para meu prazer pela manhã,
Para minha alegria ao entardecer.

227-230 Nunca aprenderei o segredo,
De como viver e prosperar,
De como repousar sobre a terra,
De como vagar pelos mares!

231-237 Se ao menos minha velha mãe
Vivesse na Terra do Norte,
Com certeza ela me aconselharia bem,
Sobre o que pensar e o que fazer,
Para que passe esta taça de tristeza,
Para que esta dor me deixe,
E esta nuvem escura vá embora."

238-245 Nas profundezas, sua mãe despertou,
E de seu túmulo falou assim:
"Tua mãe estava apenas dormindo,
Agora desperta para te responder,
Sobre o que pensar e o que fazer,
Para que passe esta taça de tristeza,
Para que esta dor te deixe,
E esta nuvem escura vá embora.

246-252 Vai depressa para a Terra do Norte,
Visita as filhas de Suomi;
Vais encontrá-las sábias e belas,
Muito mais bonitas que Aino,
Muito mais dignas de um marido,
Não são tagarelas tolas,
Como as inconstantes donzelas da Lapônia.

253-261 Escolhe uma companheira para a vida,
Entre as famílias honestas de Suomi,
Uma das honestas filhas da Terra do Norte;
Ela te encantará com sua doçura,
Te fará feliz com sua bondade,
Será perfeita, de maneiras simples,
Graciosa em cada passo e movimento,
Cheia de inteligência e bom comportamento,
Uma honra para tua casa e tua família."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO VI

✦

1-6 Väinämöinen, velho antigo e verdadeiro,
Agora se prepara para uma viagem
À aldeia da Terra do Norte,
À terra dos invernos rigorosos,
À terra de pouco sol,
À terra de mulheres dignas;

7-12 Toma seu cavalo real de passo ligeiro,
Ajusta então o freio dourado,
Põe-lhe nas costas a sela,
Com fivelas de prata e estribos de cobre,
Monta em seu corcel,
E parte rumo ao norte;

13-18 Avança, avança, avança,
Galopando pela estrada,
Em sua sela, toda enfeitada,
Sobre seu cavalo mágico malhado,
Cruzando os campos de Wainola,
Pelas planícies de Kalevala.

19-23 Galopou rápido e longe,
Muito além de Wainola,
Saltou sobre a vastidão das águas,

Até chegar à margem do mar azul,
Sem molhar os cascos na corrida.

24-28 Mas o malvado Youkahainen
Guardava rancor no peito,
O verme da inveja no coração,
Invejava Väinämöinen,
Esse encantador maravilhoso.

29-34 Ele prepara uma cruel besta,
Feita de aço e outros metais,
Pinta a arma com muitas cores,
Molda a peça superior em cobre,
Enfeita a besta com prata branca como a neve,
E também usa ouro nos enfeites.

35-41 Então procura tendões bem fortes,
Encontra-os no cervo de Hisi,
E entrelaça o linho de Lempo.
Está pronta a cruel besta,
A corda, a haste e as pontas estão acabadas,
Bela e poderosa é a arma,
E certamente não custou pouco;

42-46 Nas costas, um cavalo pintado,
Em cada ponta, um potro formoso,
Junto à curva, uma donzela adormecida,
Perto do entalhe, uma lebre saltando,
Maravilhosa é a besta assim feita;

47-50 Corta algumas flechas para sua aljava,
Cobre-as com as melhores penas,
Faz as hastes de carvalho,
E as pontas de metal afiadíssimo.

51-54 Quando as hastes e as pontas ficam prontas,
Põe penas nas flechas com cuidado,
Penas de andorinha,
E das asas do pardal;

55-58 Endurece bem suas flechas emplumadas,
E dá a cada uma novos poderes,
Mergulha-as em sangue de serpentes,
No veneno da víbora.

59-64 Agora todas as flechas estão prontas,
A cruel besta está armada,
À espera do sábio Väinämöinen.
Youkahainen, menestrel da Lapônia,
Espera por muito tempo, sem se cansar,
Esperando avistar o antigo cantor;

65-68 Espia ao romper do dia, espia ao entardecer,
Espia sem parar ao meio-dia,
Fica à espreita do mago,
Espera e vigia, tomado de inveja;

69-72 Senta-se junto à janela aberta,
Fica atrás da cerca, observando;
Espera na trilha e escuta,

Espia ao longo das faixas dos campos;

Pende a aljava nas costas,
Na aljava, flechas emplumadas
Mergulhadas no veneno da víbora,
No braço, a poderosa besta,
Espera, vigia, sem se cansar,
Escuta pela janela do galpão dos barcos,
Fica junto à ponta da Névoa,
Perto do rio que corre para o mar,
Perto do riacho sagrado e do redemoinho,
Perto da cachoeira do rio sagrado.

Por fim, o menestrel da Lapônia,
Youkahainen de Pohyola,
Ao romper da madrugada,
Nas primeiras horas da manhã,
Voltou o olhar para o nordeste,
Fixou os olhos no nascer do sol,
Viu uma nuvem negra sobre o oceano,
Algo azul sobre as águas,
E falou consigo mesmo:

"São nuvens no horizonte,
Ou talvez o amanhecer?
Não são nuvens no horizonte,
Nem o raiar da manhã;

96-100 É o velho Väinämöinen,
O célebre e sábio encantador,
A caminho da Terra do Norte;
Montado em seu cavalo real,
No corcel mágico de Wainola.”

101-105 Logo o jovem Youkahainen,
Menestrel vaidoso e malvado da Lapônia,
Tomado de inveja, agarra a besta,
Prepara a arma e as flechas
Para matar Väinämöinen.

106-109 Sua velha mãe logo lhe perguntou,
E disse estas palavras a Youkahainen:
“Para matar quem é essa tua besta?
Em quem apontas tuas flechas envenenadas?”

110-114 Youkahainen assim respondeu:
“Fiz esta poderosa besta,
Preparei a arma e as flechas envenenadas
Para matar Väinämöinen,
E assim abater o amigo das águas;

115-120 Preciso acertar o velho mago,
O bardo e herói eterno,
No coração e no fígado,
Na cabeça e nos ombros,
Com esta besta e estas flechas emplumadas
Assim destruirei meu menestrel rival.”

121-126 Então a velha mãe respondeu,
Repreendendo-o e proibindo-o:
"Não mates o bom Väinämöinen,
Antigo herói da Terra do Norte,
Descendente de uma nobre linhagem,
Ele, filho de minha irmã, meu sobrinho.

127-130 Se matares Väinämöinen,
O antigo filho de Kalevala,
Ai! Toda a alegria desaparecerá,
E todo o nosso canto maravilhoso perecerá;

131-136 Mais vale a alegria sobre a terra,
Mais vale aqui a música mágica,
Do que nas regiões subterrâneas,
No reino de Tuoni,
No domínio dos que partiram,
Na terra do além."

137-139 Então o jovem Youkahainen
Pensou por um tempo e ponderou bem,
Antes de dar sua resposta final.

140-144 Com uma das mãos ergueu a besta,
Mas a outra pareceu enfraquecer
Quando puxou a cruel corda.
Por fim, disse estas palavras,
Com o peito cheio de inveja:

145-150 “Que toda alegria desapareça para sempre,
Que os prazeres da terra logo pereçam,
Que suma a mais doce música da terra,
Que a felicidade parta para sempre;
Vou atirar neste menestrel rival,
Pouco me importa o que venha depois.”

151-154 Logo arma sua besta de fogo,
Apoia a arma no joelho esquerdo,
Firma o pé direito no chão,
E assim arma a besta da inveja;

155-163 Tira três flechas da aljava,
Escolhe com cuidado as melhores,
Ajusta cuidadosamente a corda,
Põe a flecha emplumada no lugar,
Apoia-a na corda de linho,
Encosta a besta ao ombro,
Mira com cuidado junto à margem,
No coração de Väinämöinen,
Esperando que ele se aproxime a galope;

164-170 À sombra de um matagal,
Diz estas palavras enquanto espera:
“Estica-te, corda de linho;
Voa veloz, freixo emplumado,
Avança depressa, projétil mortal,
Rápida como a luz, flecha envenenada,
Ao coração de Väinämöinen.

171-174 Se minha mão te apontar muito baixo,
Que os deuses te guiem mais alto;
Se meu olho mirar muito alto,
Que os deuses te guiem mais baixo."

175-181 Firme, agora puxa o gatilho;
Como um raio, a flecha voa
Por cima da cabeça de Väinämöinen;
Dispara para o céu,
E atravessa as nuvens mais altas,
Espalha todo o bando de nuvens de cordeiros,
Em sua rápida jornada pelos céus.

182-185 Sem desanimar, Youkahainen
Logo escolhe e ajusta outra flecha,
Mira depressa e dispara a segunda.
A flecha voa rápida como um raio;

186-189 Mirou o projétil baixo demais,
A flecha se enterra na terra,
Atravessa até as regiões subterrâneas,
Parte ao meio a velha Montanha de Areia.

190-196 Sem se abalar, Youkahainen
Logo ajusta e dispara a terceira.
Rápida como a luz, ela segue seu caminho,
Atinge o cavalo de Väinämöinen,

Atinge o nadador ligeiro do oceano,
Acerta-o perto do cinturão dourado,
E atravessa o ombro do corcel.

197-201 Então o sábio Väinämöinen
Caiu de cabeça nas águas,
Mergulhou sob as ondas revoltas,
Da sela do corcel,
De seu cavalo mágico malhado.

202-207 Então se ergueu um vento de tempestade,
Rugindo furioso sobre as águas,
Levou o velho Väinämöinen
Para longe da terra, sobre as ondas,
Por sobre as ondas altas e revoltas,
Pela vastidão do grande mar.

208-216 O jovem Youkahainen se gabou então,
Pensando que Waino estava morto e enterrado,
E disse estas palavras de orgulho:
"Nunca mais, velho Väinämöinen,
Nunca mais em toda a tua vida,
Enquanto brilhar o luar dourado,
Fixarás os olhos
Nos campos de Wainola,
Nas planícies de Kalevala;

217-223 Por seis anos terás de nadar no oceano,
Por sete verões, caminhar sobre as ondas,
Por oito anos, cavalgar as ondas espumantes,
Na vasta extensão das águas;
Por seis longos outonos, serás como um abeto,
Por sete invernos, como uma pedra,
Por oito longos verões, como um álamo."

224-228 Então o menestrel da Lapônia
Correu para seu quarto, exultante,
E sua mãe lhe disse:
"Mataste o bom Väinämöinen,
Mataste o filho de Kalevala?"

229-234 Youkahainen assim respondeu:
"Matei o velho Väinämöinen,
Matei o filho de Kalevala,
Para que agora lavre o oceano,
Para que agora varra as águas,
E balance e durma sobre as ondas.

235-240 De cabeça, lançou-se ao mar salgado,
O mago afundou nas profundezas,
Virou-se de lado para a praia,
E de costas ficou balançando para sempre,
Assim viajando pelo mar sem limites,
Assim cavalgando as ondas revoltas."

241-244 Esta foi a resposta da mãe:
"Maldita seja a terra por tua ação,
Foram-se para sempre a alegria e o canto,
Desapareceu a sabedoria de eras!

245-249 Mataste o bom Väinämöinen,
Mataste o antigo cantor da sabedoria,
Mataste o orgulho de Suwantala,
Mataste o herói de Wainola,
Mataste a alegria de Kalevala."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO VII

✦

1-4 Väinämöinen, velho e verdadeiro,
Nadou por todas as águas profundas,
Flutuando como um ramo de álamo,
Como um galho seco de salgueiro;

5-8 Nadou seis dias sob o sol de verão,
Nadou seis noites ao luar dourado;
À sua frente ainda se erguiam as ondas,
E atrás dele, céu e oceano.

9-15 Nadou mais dois dias, sem desanimar,
Por duas longas noites lutou para seguir adiante.
Na noite do oitavo dia,
Väinämöinen perdeu o ânimo,
Sentiu um grande desconforto,
Pois os dedos dos pés haviam perdido as unhas,
E os dedos das mãos estavam mortos e morrendo.

16-19 Väinämöinen, antigo menestrel,
Triste e cansado, falou assim:
“Ai de mim, minha vida antiga e fadada!
Ai de mim, filho do infortúnio!

20-29 Fui tolo quando a sorte me favoreceu,
Ao abandonar meu lar e meus parentes,
Por uma donzela bela e graciosa,

Aqui, sob o céu estrelado,
Neste cruel deserto de águas,
Nadando e vagando dias e noites,
Aqui lutando contra os ventos da tempestade,
Sacudido pelas ondas agitadas,
Nas vastas extensões deste mar amplo,
Neste oceano imenso e sem limites.

30-33 "Minha vida é fria, triste e sombria,
E também é doloroso permanecer
Para sempre nestas águas,
Lutando assim para sobreviver!

34-37 Não sei como posso seguir adiante,
Nem como encontrar comida e abrigo,
Nestas águas frias e sem vida,
Nestes dias de infortúnio terrível.

38-41 Construo minha morada nos ventos?
Ela não terá alicerce firme.
Construo minha casa sobre as ondas?
As ondas certamente a destruirão."

42-45 Vem um pássaro da longínqua Pohjola,
Do ocidente, uma águia,
Que não está entre as maiores,
Nem pertence às menores;

46-54 Uma asa toca as águas,
Enquanto a outra varre os céus;
Sobre as ondas, ele abre caminho,
Bate o bico nos rochedos do mar,
Voa em círculos e então pousa em segurança,
Olha à frente, olha para trás,
Lá avista o bravo Väinämöinen,
Sobre o dorso azul do oceano,
E assim se dirige à águia:

55-60 "Por que estás tu, antigo herói,
Nadando nas ondas profundas do mar?"
Assim respondeu o menestrel das águas:
"Sou o velho Väinämöinen,
Amigo e companheiro das águas,
Eu, o famoso cantor da sabedoria;

61-64 Fui cortejar uma donzela da Pohjola,
Uma donzela da sombria Terra das Trevas,
Parti a galope, depressa,
Cavalgando pela planície do oceano.

65-71 Cheguei certa manhã bem cedo,
Ao romper da aurora.
Na baía de Luotola,
Perto do rio espumante de Youkola,
Onde o malvado Youkahainen
Matou meu cavalo com arco e flecha,
E tentou me matar com suas armas.

72-75 Caí de cabeça nas águas,
Mergulhei sob a superfície do mar salgado,
Da sela do corcel,
Do meu cavalo mágico malhado.

76-84 "Então se levantou um vento impetuoso,
Um redemoinho veio do Leste e do Oeste,
E me levou mar adentro sobre as ondas,
Mar adentro, cada vez mais longe,
Onde vaguei por muitos dias,
Nadando e balançando sobre as ondas,
Onde lutei por tantas noites,
Entre as ondas fortes e a espuma do mar,
Contra os ventos e as águas enfurecidos.

85-88 "Ai de mim, minha vida de destino cruel!
Não consigo resolver este grave problema:
Como viver ou como morrer
Nestas cruéis águas do mar salgado.

89-92 Construo minha morada nos ventos?
Ela não terá alicerce firme.
Construo minha casa sobre as águas?
As ondas certamente a destruirão.

93-97 Devo nadar para sempre pelo mar,
Devo viver ou devo morrer?
O que acontecerá se eu morrer,

Se afundar sob as ondas,
E perecer aqui de frio e fome?”

98-104 Assim respondeu a ave do Éter:
“Não desanimes de modo algum,
Coloca-te entre meus ombros,
Senta-te firme sobre minhas costas,
Vou tirar-te das águas,
Levar-te para o alto com minhas asas,
Levar-te aonde quiseres.

105-112 Lembro-me bem do dia
Em que prestaste um serviço à águia,
Quando fizeste um favor às aves.
Deixaste de pé a bétula,
Quando foram derrubadas as florestas de Osmo,
Nas terras de Kalevala,
Para servir de abrigo aos cansados pássaros cantores,
Para servir de pouso às águias.”

113-118 Então Väinämöinen se ergue,
Levanta a cabeça acima das águas,
Corajosamente se ergue das ondas do mar,
Tira o corpo de entre as ondas,
Senta-se sobre a águia,
Sobre os ombros emplumados da águia.

119-126 A enorme ave o leva depressa para o alto,
Leva o velho Väinämöinen,
Leva-o pelo caminho das brisas,
Flutuando nos ares primaveris,
Até a distante costa da Pohjola,
Até a sombria Sariola,
Onde a águia deixa sua carga,
E voa para se juntar às companheiras.

127-135 Väinämöinen, só e cansado,
Logo caiu num choro amargo,
Chorou e gemeu com voz sofrida,
À beira do mar azul,
Num promontório desolado,
Atormentado por cem feridas,
Feitas pelos ventos e pelas águas cruéis,
Com os cabelos e a barba desgrenhados
Pelo agitar das ondas.

136-142 Por três longos dias chorou desanimado,
Chorou tantas noites em angústia,
Não sabia por que caminho seguir,
Não conseguia achar uma trilha na floresta
Que o levasse até a estrada,
Até seu lar em Kalevala,
Até seu amado lar e seus parentes.

143-148 A jovem e esbelta donzela da Pohjola,
De tez clara e graciosa,
Fizera uma aposta com o Sol,
Uma aposta com o Sol e a Lua,
Para ver qual dos dois se ergueria primeiro,
Na manhã do dia seguinte.

149-152 E a donzela se ergueu formosa,
Muito antes de o Sol nascer,
Muito antes de a Lua despertar,
Em seus leitos sob o oceano.

153-161 Antes de o galo anunciar o amanhecer,
Antes de o Sol despertar;
Ela tosquiara seis cordeirinhos mansos,
Reunira deles seis lãs brancas,
Para fazer os rolos de fiar,
Para preparar os fios da tecelagem,
Para confeccionar as vestes mais macias,
Antes de romper a aurora,
Antes de o Sol adormecido se erguer.

162-176 Quando terminou essa tarefa,
Esfregou então as mesas de bétula,
Varreu o chão do estábulo,
Com uma vassoura de folhas e galhos
Das bétulas da Pohjola,
Juntou bem o que varrera
Numa pá feita de cobre,

Levou tudo para fora do estábulo,
Da porta até o prado,
Até o extremo mais distante do prado,
Perto das ondas do grande mar,
Ali escutou e olhou ao redor,
Ouviu um lamento vindo das águas,
Ouviu um choro vindo da praia,
Ouviu a voz de um herói se lamentando.

177-182 Então se apressou para casa,
Apressou-se até a morada da mãe,
E a donzela disse estas palavras:
"Ouvi um lamento vindo do oceano,
Ouvi um choro vindo da costa,
Alguém se lamenta na praia."

183-188 Louhi, dona da Pohjola,
Antiga senhora desdentada da Pohjola,
Sai apressada pela porta e pelo pátio,
Atravessa o prado até a praia,
Escuta com atenção os sons do choro,
O lamento de alguém sofrendo;

189-195 Ouve a voz de alguém aflito,
Ouve o grito angustiado de um herói.
Assim responde a antiga Louhi:
"Este não é o choro de crianças,

Estas não são lágrimas de mulheres,
É assim que choram os heróis barbados;
Este é o grito angustiado de um herói.”

196-199 Logo empurrou o barco para a água,
Para as ondas, sua bela embarcação,
E remou com a rapidez de um raio
Até o choroso Väinämöinen;

200-207 Deu consolo ao herói,
Confortou o menestrel
Que chorava num bosque de salgueiros,
Em seu estado lamentável,
Entre amieiros e álamos,
À beira do mar salgado,
Com o rosto trêmulo e os cabelos desgrenhados,
Com os olhos, as orelhas e os lábios tristes.

208-211 Louhi, dona da Pohjola,
Assim se dirigiu a Väinämöinen:
“Diz-me que tolice fizeste,
Para ficares nesse estado.”

212-220 O velho e verdadeiro Väinämöinen
Ergue a cabeça e responde:
“Bem sei que foi uma tolice
Que me trouxe todo este sofrimento,
Que me trouxe a esta terra de estrangeiros,
A estas regiões que não me convêm;

Eu era feliz entre meus parentes,
Em minha terra e lar distantes,
Onde meu nome era honrado.”

221-226 Louhi, dona da Pohjola,
Assim respondeu a Väinämöinen:
“Gostaria de saber,
Se me permitires perguntar,
Quem és tu entre os antigos heróis,
Quem és tu entre todos os heróis?”

227-236 Esta foi a resposta de Väinämöinen:
“Antigamente meu nome era conhecido,
Muitas vezes fui ouvido e honrado,
Como menestrel e feiticeiro,
Nos longos e sombrios invernos,
Chamado de Cantor da Pohjola,
Nos vales de Väinölä,
Nas planícies de Kalevala;
Ninguém imaginava que tamanho infortúnio
Pudesse acontecer ao sábio Väinämöinen.”

237-240 Louhi, dona da Pohjola,
Assim respondeu, em tom animador:
“Levanta-te, herói, sai do sofrimento,
Do teu leito entre os salgueiros;

241-244 Entra agora no novo caminho,
Vem comigo até aquela morada,
Lá conta tuas estranhas aventuras,
Conta a história dos teus infortúnios."

245-251 Então ela pegou o herói desafortunado,
Tirou-o do leito de tristeza,
Acomodou-o em segurança no barco,
E logo começou a remar,
Remou com mão firme e vigorosa
Até sua casa à beira-mar,
Até as moradas da Pohjola.

252-255 Lá alimentou o herói faminto,
Deu repouso ao velho Väinämöinen,
Deu-lhe calor, comida e abrigo,
E logo o herói se recuperou.

256-262 Então a dona da Pohjola
Perguntou ao antigo cantor:
"Por que tu, Väinämöinen,
Amigo e companheiro das águas,
Choravas com voz triste e amarga,
À beira do oceano,
Entre álamos e salgueiros?"

263-268 Esta foi a resposta de Väinämöinen:
"Eu tinha bons motivos para chorar,
Razões de sobra para toda a minha tristeza;

Por muito tempo fiquei nadando,
Lutando contra as ondas,
Nestas águas que se estendem ao longe.

269-274 Este era o motivo do meu choro:
Tenho vivido em luta e tormento,
Desde que deixei meu lar e minha terra,
Deixei minha terra natal e meus parentes,
Vim para esta terra de estrangeiros,
Para estas paragens desconhecidas.

275-282 Todas as tuas árvores têm espinhos que me ferem,
Todos os teus galhos têm farpas que me perfuram,
Até as bétulas me causam problemas,
E os amieiros me trazem sofrimento;
Meus companheiros são os ventos e as águas,
Só o Sol parece ser meu amigo,
Neste país frio e cruel,
Perto destas paragens desconhecidas."

283-287 Então Louhi respondeu:
Não chores mais, Väinämöinen,
Não sofras mais, amigo das águas,
É bom que permaneças
Em nossa casa acolhedora, junto ao fogo;

288-292 Viverás conosco, e serás bem-vindo,
Sentarás à nossa mesa,
Comerás o salmão de nossas travessas,

Comerás nosso toucinho mais saboroso,
Comerás o peixe branco de nossas águas.”

293-296 Assim responde o velho Väinämöinen,
Grato pelo convite:
“Não costumo buscar mesas alheias,
Mesmo que a comida seja rara e saborosa;

297-303 A própria terra é a mais querida,
A própria mesa é a mais saborosa,
A própria casa é a mais acolhedora.
Concede, bondoso Ukko, Deus lá do alto,
Tu, Criador cheio de misericórdia,
Concede que eu possa visitar outra vez
Minha amada terra e meu lar.

304-309 É melhor morar na própria terra,
Beber ali suas águas saudáveis
Em simples copos de madeira de bétula,
Do que vagar por terras estrangeiras,
E beber ali os licores mais raros
Em taças douradas de estranhos.”

310-317 Louhi, dona da Pohjola,
Assim respondeu ao feiticeiro:
“Que recompensa me darás
Se eu te levar para onde quiseres,
À tua terra natal e aos teus parentes,

À tua amada casa, junto ao fogo,
Aos prados de Väinölä,
Às planícies de Kalevala?”

318-326 Estas foram as palavras de Väinämöinen:
“Que recompensa seria suficiente
Se me levasses até meu povo,
Até minha casa e minha terra distante,
Às fronteiras da Pohjola,
Para ouvir o cuco cantar,
Ouvir o sagrado cuco chamar?
Devo dar-te tesouros de ouro,
Encher tuas taças com a melhor prata?”

327-331 Esta foi a simples resposta de Louhi:
“Ó velho Väinämöinen,
Único feiticeiro verdadeiro e sábio,
Nunca pedirei riquezas,
Nunca pedirei ouro nem prata;

332-339 O ouro serve de enfeite para as crianças,
A prata, de joia para o garanhão.
Podes forjar para mim o Sampo,
Forjar para mim a tampa colorida,
Com as pontas das penas de cisne branco,
Com o leite da melhor qualidade,
Com um único grão de cevada,
Com a mais fina lã de cordeirinhos?

340-345 “Também te darei minha filha,
E te recompensarei com a donzela,
Levar-te-ei à tua amada terra,
Às fronteiras de Väinölä,
Para ouvir o cuco cantar,
Ouvir o sagrado cuco chamar.”

346-349 Väinämöinen, muito pesaroso,
Deu esta resposta à pergunta dela:
“Não posso forjar o Sampo para ti,
Nem fazer a tampa colorida.

350-354 Leva-me à minha terra distante,
E te enviarei Ilmarinen,
Ele forjará o Sampo para ti,
Forjará a tampa colorida,
E talvez conquiste tua bela donzela;

355-360 Ilmarinen é um ferreiro digno,
É o primeiro e o mestre nessa arte;
Foi ele quem forjou os céus,
Forjou o ar como uma abóbada oca;
Não vemos marcas de martelo em parte alguma,
Nem encontramos uma só marca de tenaz.”

361-369 Assim respondeu Louhi, a dona da Pohjola:
“Só a ele darei minha filha,
Prometerei minha menina em casamento
A quem forjar o Sampo para mim,

Forjar para mim a tampa colorida,
Com as pontas das penas de cisne branco,
Com o leite da melhor qualidade,
Com um único grão de cevada,
Com a mais fina lã de cordeirinhos.”

370-375 Então Louhi, a dona da Pohjola,
Atrelou depressa um cavalo malhado,
Engatou-o ao trenó de madeira de bétula,
Colocou Väinämöinen dentro dele,
Pôs o herói no banco transversal,
E o deixou pronto para a viagem;

376-382 Então falou ao antigo menestrel,
Estas foram as palavras de Louhi:
“Não ergas os olhos para o céu,
Não olhes para cima durante a viagem,
Enquanto teu cavalo estiver descansado e fogoso,
Enquanto a estrela do dia iluminar teu caminho,
Antes que a estrela da tarde apareça;

383-386 Se ergueres os olhos para cima,
Enquanto a estrela do dia iluminar teu caminho,
Um terrível infortúnio te acontecerá,
Algum triste destino te alcançará.”

387-392 Então o velho Väinämöinen
Partiu depressa em sua jornada,
E seguiu alegre para casa,

Voltou feliz para seu lar,
Saindo da sempre sombria Pohjola,
Saindo da lúgubre Sariola.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO VIII

✦

1-8 A bela e graciosa filha de Pohyola,
Glória da terra e das águas,
Sentava-se no arco do céu,
Em seu ponto mais alto e brilhante,
Vestida com o tecido mais rico,
Com um vestido de ouro e prata,
Tecendo tramas de textura dourada,
Entrelaçando fios de prata;

9-16 Tecia com uma lançadeira de ouro,
Com um pente de tear de prata;
A lançadeira dourada voava alegre,
Entre os dedos ágeis da donzela,
O tear balançava ligeiro,
O pente de prata voava rápido,
Entre os dedos da donzela nascida no céu,
Tecendo tramas de beleza extraordinária.

17-20 Veio o velho Wainamoinen,
Guiando para casa seu trenó pela estrada,
Do Norte onde o sol nunca brilha,
Da sombria Sariola;

21-24 Percorrera poucas léguas,
Andara apenas um pequeno trecho,
Quando ouviu o tear do céu zumbir,
Enquanto a donzela movia a lançadeira.

25-33 O despreocupado Wainamoinen
Ergue depressa os olhos, maravilhado,
Olha para a abóbada do céu,
E ali vê o arco da beleza,
Sobre o arco, sentada, a donzela,
A bela Donzela do Arco-Íris,
Glória da terra e do oceano,
Tecendo ali um tecido dourado,
Trabalhando com a prata sussurrante.

34-39 Wainamoinen, velho menestrel,
Logo detém seu corcel veloz,
Olha para a encantadora donzela,
E então lhe diz:
"Vem, bela donzela, para meu trenó,
Quero que te sentes ao meu lado."

40-44 Assim responde a Donzela da Beleza:
"Diz-me o que queres de mim,
Se devo ir contigo no trenó."
Fala o velho Wainamoinen,
E assim responde à Donzela da Beleza:

45-53 “Este é o motivo de tua vinda:
Farás para mim biscoitos de mel,
Prepararás água de cevada,
Encherás meus copos de cerveja espumante,
Cantarás ao lado da minha mesa,
Te alegrarás dentro da minha casa,
Serás rainha em minha morada,
Nos salões e aposentos de Wainola,
Nos pátios de Kalevala.”

54-59 Assim respondeu a Donzela da Beleza,
Do trono que tinha entre os céus:
“Ontem, ao cair da tarde,
Fui aos prados floridos,
Para me balançar no campo,
Onde o Sol se recolhe para dormir;

60-63 Ali ouvi um pássaro cantar,
Ouvi o tordo em sua melodia simples,
Cantando docemente sobre os pensamentos das donzelas,
E as preocupações das mães.

64-72 “Então perguntei ao belo cantor,
Fiz ao tordo esta pergunta simples:
‘Canta para mim, belo passarinho,
Canta para que eu possa te entender,
Canta para mim com palavras sinceras,
Como viver com grande prazer,

E com a mais doce felicidade,
Como donzela junto de seu pai,
Ou como esposa ao lado do marido.’

73-76 “Assim o pássaro me respondeu,
Assim cantou o tordo:
‘Brilhantes e quentes são os dias de verão,
Mais quente ainda é a liberdade de uma donzela;

77-80 Frio é o ferro no inverno,
Assim é a vida das mulheres casadas;
As donzelas que vivem com as mães
São como frutos maduros e corados;

81-84 As mulheres casadas, em grande número,
São como cães acorrentados no canil,
Raramente pedem favores,
E favor algum é dado às esposas.’”

85-88 Wainamoinen, velho e sincero,
Assim responde à Donzela da Beleza:
“É tolo o canto do tordo,
É sem sentido o gorjeio do passarinho;

89-93 As donzelas são tratadas como crianças,
As esposas são rainhas e muito honradas.
Vem, doce donzela, para meu trenó,
Não sou um herói desprezado,
Nem o mais insignificante dos magos;

94-102 Vem comigo e farei de ti
Esposa e rainha em Kalevala.”
Assim respondeu a Donzela da Beleza:
“Eu te consideraria um herói,
Um herói poderoso eu te chamaria,
Se dividisses um fio de cabelo dourado,
Usando facas sem fio;
Se capturasses para mim um ovo de pássaro
Com uma armadilha que eu não pudesse ver.”

103-107 Wainamoinen, hábil e velho,
Dividiu exatamente um fio de cabelo dourado,
Usando facas sem fio;
E capturou um ovo com perfeição,
Com uma armadilha que a donzela não viu.

108-115 “Vem, doce donzela, para meu trenó,
Fiz o que desejas.”
Assim respondeu sabiamente a donzela:
“Jamais entrarei em teu trenó,
Até que descasques para mim a pedra de amolar,
Até que cortes para mim um chicote
Do gelo, sem deixar farpas,
Sem perder o menor fragmento.”

116-123 Wainamoinen, verdadeiro mago,
Sem se abalar nem desanimar,
Descascou com destreza a pedra arredondada,
Cortou com destreza um chicote do gelo,

Sem cortar nem a menor farpa,
Sem perder o menor fragmento.
Então chamou a donzela outra vez,
Para que se sentasse em seu trenó.

124-136 Mas a Donzela da Beleza respondeu,
Assim respondeu ao grande mago:
"Só irei com aquele
Que fizer para mim um barco ou uma canoa
Com os fragmentos da minha roca,
Com as lascas da minha roca de fiar,
Que lance a embarcação nas águas,
Ponha o pequeno barco a flutuar,
Sem empurrá-lo com o joelho,
Sem movê-lo com o braço,
Sem tocá-lo com a mão,
Sem virá-lo com o pé,
Sem usar nada para impulsioná-lo."

137-143 Falou o hábil Wainamoinen,
Estas foram as palavras do herói:
"Não há ninguém no Norte,
Ninguém sob a abóbada do céu,
Que possa, como eu, construir um barco
Com os fragmentos da roca,
Com as lascas da roca de fiar."

144-148 Então pegou os fragmentos da roca,
Pegou as lascas da roca de fiar,
E se apressou para construir o barco,
Foi depressa até uma montanha de ferro,
Para juntar ali todos os fragmentos.

149-153 Cheio de ardor, trabalha com o martelo,
Maneja o martelo e a machadinha;
Sem se abalar, constrói a embarcação,
Trabalha um dia, depois um segundo,
E trabalha com mão firme no terceiro dia;

154-158 Na noite do terceiro dia,
O malvado Hisi agarra a machadinha,
Lempo segura o cabo torto,
Desvia o golpe do machado ao cair,
Que atinge as rochas e se parte em pedaços;

159-165 Os fragmentos ricocheteiam nas rochas,
Atingem a carne do mago,
Ferem o joelho de Wainamoinen.
Lempo guia o machado afiado,
E Hisi lhe corta as veias.
Logo jorra um rio de sangue,
E a corrente fica vermelha.

166-176 Wainamoinen, velho e sincero,
O renomado e sábio encantador,
Fala então em versos cadenciados:

"Ó machadinha afiada e cruel,
Ó machado de metal afiado,
Devias cortar as árvores em pedaços,
Cortar o pinheiro e o salgueiro,
Cortar o amieiro e a bétula,
Cortar o zimbro e o álamo,
Não devias cortar meu joelho em pedaços,
Não devias rasgar minhas veias."

177-180 Então o velho Wainamoinen
Começa suas encantações,
Começa seu canto mágico,
Sobre a origem do mal;

181-187 Cada palavra em perfeita ordem,
Sem esforço para se lembrar,
Canta a origem do ferro,
Para que possa forjar um ferrolho,
E assim preparar um fecho seguro
Para as feridas abertas pelo machado,
Que a machadinha rasgou.

188-195 Mas a corrente corre como um riacho,
Avança como uma torrente furiosa,
Mancha as ervas dos prados,
Quase não há um pedaço de verde
Que o rio de sangue não cubra,

Enquanto segue adiante, correndo,
Do joelho do mago,
Das veias de Wainamoinen.

196-204 Agora o velho e sábio menestrel
Recolhe líquens da pedra de amolar,
Arranca-os dos troncos das bétulas,
Recolhe musgo nos pântanos,
Puxa capins dos prados,
Para estancar o riacho vermelho,
Para fechar as feridas abertas;
Mas seu trabalho não dá resultado,
E a corrente vermelha continua a correr.

205-216 Wainamoinen, velho menestrel,
Sentindo dor e temendo desmaiar,
Cai em prantos, com o coração pesado;
Depressa atrela seu cavalo,
Ao trenó de madeira de bétula,
Sobe com dificuldade no banco transversal,
Fustiga o cavalo repetidas vezes,
Estala o chicote sobre o corcel,
E o cavalo dispara veloz;
Como o vento, percorre a estrada,
Até chegar a uma aldeia do Norte,
Onde a estrada se divide em três.

217-220 Wainamoinen, velho e sincero,
Toma o caminho mais baixo,
Chega depressa a uma ampla cabana,
E pergunta diante da porta:

221-224 "Há alguém morando aqui
Que possa entender a dor que sofro,
Curar esta ferida de machado,
Estancar este riacho vermelho?"

225-233 Um menino estava sentado num canto,
Num banco, ao lado de um bebê,
E assim respondeu ao herói:
"Não há ninguém nesta casa
Que possa entender a dor que sentes,
Curar as feridas do machado,
Estancar o riacho vermelho;
Mora alguém naquela cabana,
Que talvez possa te ajudar."

234-242 Wainamoinen, velho menestrel,
Faz seu cavalo galopar,
Dispara estrada afora;
Percorre apenas um pequeno trecho,
Pelo caminho do meio,
Até uma cabana à beira da estrada,
Pergunta a alguém que está no limiar,
Faz perguntas por todas as janelas abertas,
E assim diz o herói:

243-246 "Não há ninguém nesta cabana
Que possa entender a dor que sofro,
Curar esta ferida de machado,
Estancar este riacho vermelho?"

247-250 Uma bruxa estava deitada no chão,
A velha jazia perto da lareira,
Assim falou a Wainamoinen,
E respondeu entre os dentes rangentes:

251-256 "Não há ninguém nesta cabana
Que possa entender a dor que sentes,
Curar as feridas dos machados,
Estancar o riacho vermelho;
Mora alguém naquela cabana,
Que talvez possa te ajudar."

257-264 Wainamoinen, sem se abalar,
Faz seu cavalo galopar,
Dispara estrada afora;
Percorre apenas um pequeno trecho,
Pelo caminho de cima,
Galopa até uma cabana humilde,
Pergunta a alguém que está perto do alpendre,
Sentado na soleira da porta:

265-268 "Não há ninguém nesta cabana
Que possa entender a dor que sofro,
Curar esta ferida de machado,

Estancar este riacho vermelho?”

269-274 Perto da lareira estava sentado um velho,
O ancião estava sentado sobre a pedra do fogão,
E assim respondeu a Wainamoinen:
“Coisas maiores já foram realizadas,
Coisas muito mais extraordinárias foram feitas,
Com apenas três palavras do mestre;

275-279 Ao contar as causas,
Riachos e oceanos foram acalmados,
Cachoeiras de rios foram reduzidas,
Baías foram criadas a partir de promontórios,
Ilhas foram erguidas do fundo do mar.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO IX

✦

1-5 Assim encorajado, Wainamoinen
Logo se ergue em seu trenó de neve,
Sem pedir ajuda a ninguém,
Segue depressa até a cabana,
E toma lugar dentro da casa.

6-11 Chegam duas moças com jarros de prata,
Trazendo também taças de ouro;
Recolhem uma quantidade bem pequena,
A menor medida possível
Do sangue do feiticeiro,
Das feridas de Wainamoinen.

12-15 Do fogão, chama o velho,
E o ancião pergunta ao menestrel:
"Dize-me quem és entre os heróis,
Quem és entre todos os grandes feiticeiros?

16-19 Olha! Teu sangue enche sete barcos,
Oito dos maiores vasos de bétula,
Escorrendo das veias de algum herói,
Das feridas de algum feiticeiro.

20-24 Quero perguntar-te outras coisas;
Canta a causa deste teu sofrimento,
Canta a origem dos metais,

Canta a origem do ferro,
Como foi criado no começo.”

25-28 Então o velho Wainamoinen
Respondeu ao ancião:
“Conheço bem a origem dos metais,
Conheço a origem do ferro;

29-33 Posso contar como se faz o aço.
Entre as mães, o ar é a mais velha,
A água é a irmã mais velha,
E o fogo é a segunda irmã,
E o ferro, a irmã mais nova;

34-37 Ukko é o primeiro criador.
Ukko, criador dos céus,
Separou o ar e a água,
Antes de nascer o metal, o ferro.

38-42 Ukko, criador dos céus,
Esfregou as mãos com força,
Apertou-as firmemente sobre o joelho,
Então surgiram três belas donzelas,
Três filhas de grande beleza;

43-52 Elas foram as mães do ferro,
E do aço de azul brilhante.
Caminhavam trêmulas pelos céus,
Pelas nuvens de bordas prateadas,
Com os seios transbordando

Do leite do futuro ferro,
Que escorria sem parar,
Das bordas luminosas das nuvenzinhas
Até a terra, enchendo os vales,
Até as águas que chamam o sono.

53-58 "A filha mais velha de Ukko derramou
Leite preto sobre os leitos dos rios,
E a segunda filha derramou
Leite branco sobre colinas e montanhas,
Enquanto a filha mais nova derramou
Leite vermelho sobre mares e oceanos.

59-64 Onde o leite preto foi derramado,
Cresceu o ferro escuro e maleável;
Onde o leite branco foi derramado,
Cresceu o ferro de cor mais clara;
Onde o leite vermelho foi derramado,
Cresceu o ferro vermelho e quebradiço.

65-68 "Depois de algum tempo,
O ferro foi visitar o fogo,
Seu amado irmão mais velho,
Para conhecer melhor o irmão.

69-82 Logo o fogo começou a rugir,
Tentou consumir seu irmão,
Seu amado irmão mais novo.
Logo o ferro percebeu o perigo,

Salvou-se fugindo depressa,
Dos avanços das chamas ardentes,
Fugindo para cá, fugindo para lá,
Fugindo sem parar, buscando abrigo
Nos pântanos e nos vales,
Nas nascentes de águas borbulhantes,
Junto aos rios que serpenteiam até o mar,
Sobre as largas costas dos brejos,
Onde os cisnes fizeram seus ninhos,
Onde os gansos selvagens chocam seus filhotes.

83-88 "Assim fica o ferro nos pântanos,
Estendendo-se junto aos cursos d'água,
Bem escondido por muitos anos,
Escondido nas florestas de bétulas,
Mas não conseguiu se esconder para sempre
Dos rastros de seu irmão;

89-92 Aqui e ali o fogo o alcançou,
Capturou-o e levou-o à forja,
Para que lanças, espadas e machados
Pudessem ser forjados e bem martelados.

93-98 Nos pântanos corriam águas enegrecidas,
Os ursos vinham caminhando da charneca,
E os lobos corriam pelos brejos.
Então o ferro apareceu,
Onde as patas dos lobos haviam pisado,
Onde as patas dos ursos haviam passado.

99-102 “Então o ferreiro Ilmarinen
Veio à terra para trabalhar o metal;
Nasceu no Monte do Carvão,
Aprendeu e cresceu nos campos de carvão;

103-108 Numa das mãos, um martelo de cobre,
Na outra, pinças de ferro;
O ferreiro nasceu à noite,
E pela manhã construiu sua forja,
Procurou com cuidado uma colina favorável,
Onde os ventos pudessem encher seu fole;

109-117 Encontrou uma colina nos pântanos,
Onde havia muito ferro escondido;
Ali construiu seu forno de fundição,
Ali colocou seu fole de couro,
Apressou-se por onde os lobos haviam passado,
Seguiu por onde os ursos haviam pisado,
Encontrou as jovens formações de ferro,
Nas pegadas dos lobos pelos brejos,
Nas pegadas do urso-pardo.

118-124 “Então o ferreiro Ilmarinen
Assim falou ao ferro adormecido:
‘Tu, o mais útil dos metais,
Dormes nos pântanos,
Estás escondido em lugares baixos,
Onde o lobo pisa nos pântanos,
Onde o urso dorme no matagal.

125-128 Pensaste e refletiste bem
Sobre qual será teu futuro,
Se eu te colocar no forno,
Para te tornar livre e útil?'

129-132 "Então o ferro ficou muito assustado,
Aflito e tomado de horror,
Quando ouviu falar do fogo,
E de seu cruel destruidor.

133-138 "Então Ilmarinen tornou a falar,
E assim se dirigiu ao ferro:
'Não tenhas medo, metal útil,
O fogo certamente não vai te consumir,
Não queimará o irmão mais novo,
Não fará mal ao parente mais próximo.

139-143 Vem ao meu aposento e à minha forja,
Onde o fogo arde livremente,
Viverás, crescerás e prosperarás,
Te tornarás espadas de heróis,
Fivelas para os cintos das mulheres.'

144-149 "Antes de surgir a estrela da tarde,
O minério de ferro deixou os pântanos,
Ergueu-se dos leitos de água,
Foi levado até a forja,
O ferreiro o pôs no fogo,
Colocou-o em seu forno de fundição.

150-155 Ilmarinen aciona o fole,
Dá três puxadas na alavanca,
E o ferro escorre em filetes
Da forja do feiticeiro,
Logo fica como fermento de padeiro,
Macio como massa de pão de cevada.

156-159 Então o ferro gritou bem alto:
'Maravilhoso ferreiro, Ilmarinen,
Tira-me, por favor, do teu forno,
Deste fogo e deste cruel tormento.'

160-165 "Ilmarinen assim respondeu:
'Vou tirar-te do meu forno,
Estás apenas um pouco assustado,
Serás uma força poderosa,
Matarás os melhores heróis,
Ferirás teu irmão mais querido.'

166-170 "Logo o ferro fez esta promessa,
Jurou e prometeu com palavras firmes,
Pela fornalha, pela bigorna,
Pelas pinças e pelo martelo,
Estas foram as palavras que jurou e pronunciou:

171-175 'Muitas árvores vou ferir,
Vou consumir o coração das montanhas,
Mas não matarei meu parente mais próximo,

Não matarei os melhores heróis,
Não ferirei meu irmão mais querido;

176-182 É melhor viver em paz e liberdade,
Mais feliz será minha vida,
Se eu servir meus semelhantes,
Servir como ferramenta para lhes ser útil,
Em vez de servir como arma de guerra,
Matar meus amigos e parentes mais próximos,
Ferir os filhos de minha mãe.'

183-191 "Então o mestre Ilmarinen,
O famoso e habilidoso ferreiro,
Tira o ferro do fogo,
Coloca-o sobre a bigorna,
Martela-o bem até amolecer,
Fazendo muitas ferramentas finas,
Forjando lanças, espadas e machados,
Facas, garfos e machadinhas,
Ferramentas de todos os tipos.

192-196 "Muitas coisas o ferreiro precisava,
Muitas coisas não conseguia fazer,
Não conseguia fazer a língua de ferro,
Não conseguia forjar aço a partir do ferro,
Não conseguia endurecer o ferro.

197-202 Ilmarinen pensou bem,
Refletiu profundamente por muito tempo.
Então juntou cinzas de bétula,
Deixou as cinzas de molho na água,
Fez uma lixívia para endurecer o ferro,
E assim produzir o aço tão necessário.

203-208 Com a língua, provou a mistura,
Pesou-a, pensou bem por muito tempo,
E o ferreiro disse:
'Todo este trabalho é em vão,
Não vai produzir aço a partir do ferro,
Não vai endurecer o minério macio.'

209-212 "Então uma abelha voa do prado,
De asas azuis, vindo das flores,
Voa ao redor e pousa em segurança
Perto da forja do ferreiro.

213-222 "Assim o ferreiro fala à abelha,
Estas são as palavras de Ilmarinen:
'Pequena abelha, passarinho miúdo,
Traz-me mel nas tuas asinhas,
E na tua língua, por favor, traz-me
A doçura dos prados perfumados,
Das pequenas taças das flores,
Das pontas de sete pétalas,
Para assim ajudarmos a água
A produzir aço a partir do ferro.'

223-228 “O pássaro maligno de Hisi, a vespa,
Ouviu as palavras de Ilmarinen,
Espiando do beiral da cabana,
Voando até a casca das bétulas,
Enquanto as barras de ferro aqueciam,
Enquanto o aço era temperado;

229-236 A vespa que ferroa voou depressa,
Espalhou todos os horrores de Hisi,
Trouxe a maldição da serpente,
Trouxe o veneno da víbora,
Trouxe o veneno da aranha,
Trouxe as picadas de todos os insetos,
Misturou-os ao minério e à água,
Enquanto o aço era temperado.

237-243 “Ilmarinen, hábil ferreiro,
O primeiro entre todos os ferreiros,
Pensou que a abelha certamente lhe trouxera
Mel dos prados perfumados,
Das pequenas taças das flores,
Das pontas de sete pétalas,
E disse as seguintes palavras:

244-247 ‘Bem-vinda, bem-vinda seja,
Doçura de mel das flores!
Trouxeste ajuda para a água,
Para assim produzir aço a partir do ferro!’

248-251 “Ilmarinen, o velho ferreiro,
Mergulhou o ferro na água,
Água misturada com muitos venenos,
Pensando que fosse apenas o mel da abelha;

252-264 Assim produziu aço a partir do ferro.
Quando o mergulhou na água,
Água misturada com muitos venenos,
Quando o colocou na fornalha,
O ferro endurecido ficou furioso,
Quebrou o juramento que fizera,
Engoliu suas palavras como cães e demônios,
Cortou sem piedade seu irmão,
Atacou com fúria os seus parentes,
Fez o sangue escorrer em filetes
Das feridas de homens e heróis.
Essa é a origem do ferro,
E do aço de azul-claro.”

265-268 O ancião levantou-se junto à lareira,
Sacudiu os pesados cabelos e respondeu:
“Agora conheço a origem do ferro,
De onde vêm o aço e seus males;

269-272 Maldito sejas, ferro cruel,
Maldito seja o aço que produzes,
Maldita sejas, língua do mal,
Maldita seja tua vida para sempre!

273-281 Antes tinhas pouco valor,
Não tinhas forma nem beleza,
Nem força nem grande importância,
Quando repousavas em forma de leite,
Quando ficaste escondido por muito tempo
Nos seios das três filhas de Deus,
Escondido em seus peitos arfantes,
Nas bordas das nuvenzinhas,
Na abóbada azul dos céus.

282-289 "Antes tinhas pouco valor,
Não tinhas forma nem beleza,
Nem força nem grande importância,
Quando repousavas como água
Sobre as largas costas dos brejos,
Nas encostas íngremes das montanhas,
Quando não passavas de matéria sem forma,
Só pó de cor enferrujada.

290-295 "Certamente não tinhas grandeza,
Nem força nem beleza,
Quando o alce pisava em ti,
Quando o cervo passava por cima de ti,
Quando as pegadas dos lobos ficavam em ti,
E as patas do urso arranhavam teu corpo.

296-301 Certamente tinhas pouco valor
Quando o habilidoso Ilmarinen,
O primeiro entre todos os ferreiros,

Te trouxe dos pântanos enegrecidos,
Te levou à sua velha forja,
E te colocou em sua fornalha ardente.

302-311 De fato, tinhas pouco vigor,
Pouca força e pouco perigo,
Quando chiavas no fogo,
Escorrendo como água fervente,
Da forja do ferreiro,
Quando fizeste o mais solene juramento,
Pela fornalha, pela bigorna,
Pelas pinças e pelo martelo,
Pela casa do ferreiro,
Pelo fogo dentro da fornalha.

312-318 "Agora, sim, te tornaste poderoso,
Podes te enfurecer com fúria selvagem;
Quebraste todas as tuas promessas,
Quebraste todos os teus juramentos solenes,
Como os cães, desonraste a honra,
Desonraste a ti mesmo e a teus parentes,
Contaminaste tudo com teu hálito maligno.

319-326 Conta quem te levou a essa maldade,
Conta quem te ensinou toda essa crueldade,
Conta quem te deu essa maldade!
Foi teu pai ou tua mãe,
Foi o mais velho dos teus irmãos,

Foi a mais nova das tuas irmãs,
Foi o pior de todos os teus parentes
Quem te deu essa natureza maligna?

327-332 Não foi teu pai nem tua mãe,
Nem o mais velho dos teus irmãos,
Nem a mais nova das tuas irmãs,
Nem o pior dos teus parentes,
Foste tu mesmo que fizeste essa maldade,
Tu és a causa de todo o nosso sofrimento.

333-336 Vem ver o mal que fizeste,
E repara esta onda de estragos,
Antes que eu conte à tua mãe de cabelos grisalhos,
Antes que eu conte ao teu pai idoso.

337-340 Grande é a angústia de uma mãe,
Grande é a tristeza de um pai,
Quando um filho faz algo mau,
Quando uma criança age sem freio e sem lei.

341-344 Filete escarlate, para de correr
Das feridas de Wainamoinen;
Sangue antigo, para de correr
Das veias do feiticeiro;

345-350 Fica firme como pilares de cristal do céu,
Fica firme como colunas no oceano,
Fica firme como bétulas na floresta,

Como os juncos altos nos pântanos,
Como os rochedos altos da costa,
Fica firme pelo poder da grande magia!

351-356 "Se a tua vontade te obrigar,
Segue teu curso sem fim,
Pelas veias de Väinämöinen,
Pelos ossos e músculos,
Pelos pulmões, coração e fígado,
Do poderoso sábio e cantor;

357-360 É melhor servir de alimento aos heróis
Do que desperdiçar tua força e virtude,
Nos prados e nas florestas,
E te perder em pó e cinzas.

361-365 Segue para sempre teu curso;
Deves parar esse fluxo vermelho;
Não manches mais a grama e as flores,
Não manches mais estes cumes dourados,
Orgulho e beleza dos nossos heróis.

366-370 Nas veias do mago,
No coração de Väinämöinen,
Fica teu lar e teu depósito.
Recolhe agora tuas forças,
Apressa-te para lá, corrente veloz;

371-374 Não corras mais como corrente vermelha,
Não enchas mais pequenas lagoas vermelhas,
Não corras como riachos na primavera,
Nem serpenteies como os rios.

375-381 "Para teu fluxo com palavras mágicas,
Para como as quedas de Tyrya,
Como os rios de Tuoni,
Quando o céu reteve suas gotas de chuva,
Quando o mar abriu mão de suas águas,
Na fome das estações,
Nos anos de fogo e tormento.

382-388 Se não obedeceres a esta ordem,
Oferecerei outros recursos,
Pois conheço outras forças;
Chamarei os ferros de Hisi,
Neles te farei ferver e assar,
Para deter teu fluxo vermelho,
Para salvar o herói ferido.

389-396 "Se esses meios não bastarem,
Se esses recursos não se mostrarem eficazes,
Chamarei Ukko, que tudo sabe,
O mais poderoso dos criadores,
Mais forte que todos os heróis antigos,
Mais sábio que os magos do mundo;
Ele deterá o fluxo vermelho,
Ele curará este ferimento de machado.

397-408 “Ukko, Deus do amor e da misericórdia,
Deus e Senhor dos céus,
Vem para cá, precisamos de ti,
Vem depressa, eu te suplico,
Estende tua mão para ajudar teus filhos,
Toca este ferimento com dedos curadores,
Detém o sangue que escorre da vida deste herói,
Cobre este ferimento com folhas delicadas,
Mistura a elas flores curativas,
Para deter esta corrente vermelha,
Para salvar este grande mago,
Salvar a vida de Väinämöinen.”

409-417 Por fim, o fluxo de sangue cessou,
Quando as palavras mágicas foram ditas.
Então o ancião de barba grisalha, muito contente,
Mandou seu filho jovem à forja,
Para preparar um bálsamo curativo,
Com ervas de fibras macias,
Com plantas e flores medicinais,
Com talos que secretam mel,
Com raízes, folhas e flores.

418-421 No caminho, encontrou um carvalho,
E o filho perguntou ao carvalho:
“Tens mel nos teus galhos?
Tua seiva corre cheia de doçura?”

422-427 Assim respondeu sabiamente o carvalho:
"Sim, mas ontem à noite o mel pingou
Sobre meus galhos espalhados,
E as nuvens espalharam sua fragrância,
Espalharam mel sobre minhas folhas,
Vindo de sua morada nos céus."

428-434 Então o filho pegou lascas de carvalho,
Pegou os galhos mais novos do carvalho,
Colheu muitas ervas curativas,
Colheu muitas plantas e flores,
As ervas mais raras que crescem no Norte,
Pôs tudo na fornalha,
Num caldeirão de cobre;

435-440 Deixou tudo de molho e ferver junto,
Pedaços de casca tirados do carvalho,
Muitas ervas de virtudes curativas;
Deixou de molho por um dia, depois por outro,
Por três longos dias de verão,
Dias e noites sem parar;

441-444 Então provou seu bálsamo mágico,
Para ver se estava pronto,
Se o remédio estava terminado;
Mas o bálsamo não servia.

445-450 Então acrescentou outras ervas,
Plantas com toda sorte de virtudes curativas,
Trazidas de terras distantes,
A muitas centenas de léguas do Norte,
Colhidas pelos menestréis mais sábios,
Trazidas por nove encantadores.

451-457 Deixou o bálsamo de molho por mais três dias,
Cuidou do fogo por mais três noites,
Vigiou-o por nove dias e noites,
Depois provou de novo a pomada,
Examinou-a com cuidado e a testou,
Por fim viu que estava pronta,
Viu que o bálsamo mágico estava terminado.

458-461 Perto dali havia uma bétula de muitos galhos,
À beira do prado,
Que tinha sido maldosamente quebrada,
Derrubada pelo maligno Hisi;

462-465 Depressa, pegou seu bálsamo curativo,
E ungiu os galhos quebrados,
Esfregou o bálsamo nas fraturas,
Então disse à bétula:

466-470 "Com este bálsamo te unto,
Com esta pomada cubro tuas feridas,
Cubro bem teus lugares machucados;

Agora a bétula vai se recuperar,
E ficará mais bela do que nunca.”

471-474 De fato, a bétula logo se recuperou,
Ficou mais bela do que nunca,
Seus galhos ficaram mais uniformes,
E seu tronco, mais forte e imponente.

475-481 Assim ele provou o bálsamo,
Assim testou a pomada mágica,
Tocou com ela o arenito lascado,
Tocou os blocos quebrados de granito,
Tocou as fendas nas montanhas,
E as partes quebradas se uniram,
Todos os pedaços se juntaram.

482-485 Então o jovem rapaz voltou depressa
Com o bálsamo que havia preparado,
Entregou a pomada ao ancião,
E o rapaz disse estas palavras:

486-491 “Aqui trago o bálsamo curativo,
Maravilhosa é a pomada que te trago;
Ela unirá o granito quebrado,
Fará os pedaços se juntarem,
Fechará as fendas nas montanhas,
E restaurará a bétula ferida.”

492-495 O ancião provou com a língua,
Provou assim o bálsamo mágico,
Viu que o remédio era eficaz,
Viu que o bálsamo tinha virtudes mágicas;

496-499 Então ungiu o menestrel,
Tocou os ferimentos de Väinämöinen,
Tocou-os com seu bálsamo mágico,
Com o bálsamo de muitas virtudes;

500-504 Dizendo palavras de antiga sabedoria,
Estas foram as palavras do ancião:
"Não caminhes por tua própria virtude,
Não trabalhes com tua própria força,
Caminha com a força do teu Criador;

505-510 Não fales com tua própria sabedoria,
Fala com a língua do poderoso Ukko.
Se há doçura na minha boca,
Ela veio do meu Criador;
Se minhas mãos estão cheias de beleza,
Toda a beleza vem de Ukko."

511-525 Quando os ferimentos foram ungidos,
Quando a pomada mágica os tocou,
Logo o velho Väinämöinen
Sentiu terrível dor e angústia,
Caiu no chão, atormentado,
Virando-se para um lado e para o outro,

Procurou descanso, mas não o encontrou,
Até que o ancião afastou sua dor,
Afastou-a com a ajuda da magia,
Expulsou seu tormento mortal
Para o reino de todo o nosso sofrimento,
Para o mais alto monte de tortura,
Para os rochedos e penhascos distantes,
Para as montanhas que trazem o mal,
Para o reino do perverso Hisi.

526-530 Então pegou um tecido de seda,
Depressa rasgou a seda em tiras,
Fazendo faixas do mesmo tamanho,
Amarrou as pontas com fitas de seda,
E assim fez uma atadura curativa;

531-538 Então, com dedos hábeis,
Enfaixou o joelho e o tornozelo de Väinämöinen,
Enfaixou os ferimentos do mago,
E o ancião fez esta oração:
“Este tecido é de Ukko, esta atadura é dele,
A ciência de Ukko é a do cirurgião,
Esses recursos serviram ao herói ferido,
Enfaixaram os ferimentos do mago.

539-544 Olha por nós, Deus de misericórdia,
Vem nos guardar, bondoso Criador,
E protege-nos de todo mal!

Guia nossos passos para que não tropecem,
Guarda nossas vidas de todo perigo,
Do ermo maligno de Hisi.”

545-550 Väinämöinen, velho e sincero,
Sentiu a poderosa ajuda da magia,
Sentiu o amparo do bondoso Ukko,
Logo recuperou a força no corpo,
Logo os ferimentos se fecharam,
E a terrível dor passou depressa.

551-554 O herói ficou forte e vigoroso,
Logo voltou a andar com liberdade,
Dobrou o joelho em todas as direções,
Sem sentir dor nem incômodo.

555-560 Então o velho Väinämöinen
Ergueu os olhos para o alto Jumala,
Olhou para o céu com gratidão,
Olhou para o alto, alegre e contente,
Então se dirigiu a Ukko, que tudo sabe,
E o menestrel fez esta oração:

561-567 “Sê louvado, Deus de misericórdia,
Deixa-me louvar-te, meu Criador,
Pois me deste ajuda
E me concedeste tua proteção,

Curaste meus ferimentos e acalmaste minha angústia,
Afastaste toda a minha dor e sofrimento,
Causados pelo Ferro e por Hisi.

568-573 Ó povo de Wainola,
Povo desta geração,
E gente das gerações futuras,
Não construam, por emulação,
Barcos de rio nem embarcações do mar,
Envaidecidos por sua bela aparência;

574-578 Só Deus pode levar a obra à perfeição,
Dar à tarefa seu desfecho perfeito,
Nenhuma mão humana pode alcançá-lo,
Nenhum herói pode fazê-lo,
Ukko é o único Senhor.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO X

✦

1-6 Väinämöinen, o mago,
Toma seu cavalo cor de cobre,
Atrela depressa seu veloz corcel,
Põe o cavalo de corrida no trenó,
Sobe logo no assento dianteiro,
Estala o chicote enfeitado de joias.

7-14 Como os ventos, o cavalo dispara,
Como um raio, o corcel
Faz o trenó ranger e sacudir,
Faz a estrada desaparecer depressa,
Avança por pântanos e florestas,
Por colinas e vales,
Por brejos e montanhas,
Por planícies férteis e prados;

15-20 Viaja um dia, depois um segundo,
E um terceiro, da manhã até a noite,
Até que a noite do terceiro dia o leva
À ponte interminável de Osmo,
Aos campos e pastagens de Osmo,
Às planícies de Kalevala;

21-32 Então o herói falou assim:
"Que os lobos devorem o sonhador,
Que comam o lapão no jantar,
Que a doença destrua o fanfarrão,
Aquele que disse que eu nunca mais
Veria minha terra tão querida,
Nunca mais encontraria meus parentes,
Nunca, por todos os dias da minha vida,
Nunca, enquanto o sol brilhar,
Nunca, enquanto o luar cintilar
Nos prados de Väinölä,
Nas planícies de Kalevala."

33-41 Então o velho Väinämöinen começou,
Antigo bardo e cantor famoso,
A renovar seus encantamentos;
Cantou um pinheiro maravilhoso,
Até que ele cresceu e atravessou as nuvens,
Com seu topo e seus galhos dourados,
Até tocar o próprio céu,
Espalhando os galhos pelo firmamento,
Sob a luz do sol que nunca se apaga.

42-45 Agora canta de novo, com encanto,
Canta para a Lua brilhar para sempre
Nos galhos verdejantes do pinheiro;
No topo, canta o Grande Urso.

46-54 Então segue depressa para casa,
Apressa-se até seus portões dourados,
Com a cabeça torta e o rosto enrugado,
O gorro inclinado sobre a testa,
Pois, como resgate, prometera
Ilmarinen, o artista mágico,
Para salvar sua vida da tortura
Nos campos distantes de Pohjola,
Na sombria Sariola.

55-60 Quando parou seu garanhão
No campo e prado de Osmo,
Levantando-se depressa do trenó,
O mago ouviu alguém bater,
Quebrando carvão na forja,
Batendo com um martelo pesado.

61-64 Väinämöinen, menestrel famoso,
Entrou logo na forja
E encontrou o ferreiro Ilmarinen,
Batendo com seu martelo de cobre.

65-69 Ilmarinen falou assim:
"Bem-vindo, irmão Väinämöinen,
Velho e honrado Väinämöinen!
Por que ficaste ausente por tanto tempo?
Onde te escondeste por tanto tempo?"

70-80 Väinämöinen então respondeu,
Com estas palavras de mago:
"Faz muito tempo que vivo,
Vaguei por muitos dias tristes,
Passei por muitas noites sem alegria,
À deriva no oceano cruel,
Chorando nos pântanos e nas florestas
Da terra do Norte, sempre desagradável,
Na sombria Sariola;
Vaguei com os lapões,
Com gente cheia de feitiçaria."

81-87 Ilmarinen responde prontamente,
Com estas palavras de ferreiro:
"Ó velho Väinämöinen,
Cantor famoso e eterno,
Conta-me da tua viagem ao Norte,
Das tuas andanças pela Lapônia,
Da tua sombria jornada de volta."

88-95 Falou o menestrel Väinämöinen:
"Tenho muito a te contar, irmão,
Escuta minha história maravilhosa:
No Norte vive uma virgem,
Uma donzela numa aldeia,
Que não aceita pretendente,
Que rejeita a mão de um herói,
Que despreza o coração de um mago;

96-99 Todo o Norte canta seus louvores,
Canta seu valor e sua beleza mágica,
A mais bela donzela de Pohjola,
Filha da terra e do oceano.

100-104 De suas têmporas irradia o luar,
De seu peito, o brilho do sol,
De sua testa resplandece o arco-íris,
Em seu pescoço, as sete estrelinhas,
E o Grande Urso em seu ombro.

105-111 "Ilmarinen, querido irmão,
Tu, o único ferreiro habilidoso,
Vai contemplar sua beleza maravilhosa,
Ver suas roupas de ouro e prata,
Vê-la vestida com os trajes mais finos,
Vê-la sentada no arco-íris,
Caminhando sobre nuvens púrpuras.

112-115 Forja para ela o Sampo mágico,
Forja a tampa de muitas cores,
A donzela será tua recompensa,
Conquistarás essa bela noiva;

116-123 Vai buscar a linda donzela
E levá-la para tua casa em Kalevala."
Respondeu o irmão, Ilmarinen:
"Ó astuto Väinämöinen,
Já me prometeste

Ao sombrio Norte,
Para resgatar tua cabeça devotada,
E assim te livrar do perigo.

124-132 Nunca visitarei o Norte,
Não irei ver tua donzela,
Não amo a Bela Noiva;
Nunca, enquanto o luar cintilar,
Irei à sombria Pohjola,
Às planícies de Sariola,
Onde as pessoas devoram umas às outras,
Afundam seus heróis no oceano.
Nem por todas as donzelas da Lapônia."

133-138 Falou o irmão, Väinämöinen:
"Posso te contar maravilhas maiores,
Escuta minha história maravilhosa:
Vi o pinheiro florescer,
Vi suas flores e seus galhos verdejantes,
Nos campos e florestas de Osmo;

139-146 No topo, brilha o luar,
E o Urso vive em seus galhos."
Ilmarinen respondeu assim:
"Não posso acreditar na tua história,
Nem confiar no teu relato maravilhoso,
Até ver o pinheiro florido,
Com seus muitos galhos verdejantes,
Com seu Urso e seu luar dourado."

147-150 Esta foi a resposta de Väinämöinen:
"Não acreditas na minha história?
Vem comigo, que te mostrarei
Se meus lábios dizem a verdade ou inventam."

151-154 Partem depressa para ver,
Apressam-se a contemplar o pinheiro maravilhoso;
Väinämöinen segue à frente,
Ilmarinen vem logo atrás.

155-160 Ao se aproximarem dos limites de Osmo,
Ilmarinen se adianta
Para contemplar a maravilha,
Vê o Urso no alto do pinheiro,
Sentado em seus galhos verdejantes,
Vê o brilho do luar dourado.

161-166 Falou o velho Väinämöinen:
Estas foram as palavras do cantor:
"Sobe nesta árvore, querido Ilmarinen,
E traz os raios dourados da Lua,
Traz a Lua e o Urso contigo
Dos altos galhos do pinheiro."

167-172 Ilmarinen concorda de bom grado,
Sobe logo no pinheiro dourado,
Alto, no arco do céu,

Para trazer os raios dourados da Lua,
Para trazer o Urso celeste,
Dos galhos mais altos do pinheiro.

Então o pinheiro florido
Falou estas palavras a Ilmarinen:
"Ó herói insensato e distraído,
Não tens juízo nem bom senso;

Sobes pelos meus galhos dourados,
Como alguém sem discernimento,
Para pegar meus raios pintados da Lua,
Levar meu brilho prateado das estrelas,
Roubar meu Urso e meus galhos floridos."

Rápido como um pensamento, o velho Väinämöinen
Cantou de novo com palavras mágicas,
Cantou uma tempestade nos céus,
Fez os ventos selvagens rugirem,
E o cantor falou assim:

"Vento da tempestade, leva o ferreiro,
Carrega-o em teu barco,
Parte depressa e deixa o herói
No sombrio Norte,
Na sombria Sariola."

Então o vento da tempestade escurece depressa,
Junta o ar depressa,
Faz do ar um barco à vela,

Leva o ferreiro Ilmarinen,
Veloz, dos galhos do pinheiro,
Rumo ao Norte, sempre desagradável,
Rumo à sombria Sariola.

199-209 Ilmarinen navegou pelo ar,
O herói viajou longe e depressa,
Seguiu adiante, navegando para o Norte,
Cavalgando na trilha dos ventos da tempestade,
Sobre a Lua, sob a luz do sol,
No largo dorso do Grande Urso,
Até se aproximar das florestas de Pohjola,
Chegar perto das casas de Sariola,
E pousar sem ser descoberto,
Sem ser visto pelos caçadores,
Sem ser farejado pelos cães de guarda.

210-214 Louhi, anfitriã de Pohjola,
Velha desdentada do Norte,
De pé no pátio aberto,
Assim se dirige a Ilmarinen,
Ao ver o herói desconhecido:

215-219 "Quem és tu entre os heróis antigos,
Quem és entre toda a tropa de heróis,
Que vens para cá no vento da tempestade,
Pela estrada de trenó do firmamento,
Sem que os cães de guarda de Pohjola te farejem?"

220-224 Esta foi a resposta de Ilmarinen:
"Certamente não vim até aqui
Para ser recebido pelos latidos dos cães,
Nestes portões desconhecidos,
Às portas de Sariola."

225-230 Então a anfitriã do Norte
Pergunta de novo ao herói desconhecido:
"Já conheceste alguma vez
O ferreiro de Väinölä,
O herói Ilmarinen,
O habilidoso ferreiro e artista?

231-234 Há muito espero que ele venha,
Há muito aguardo por ele,
Nos limites do Norte,
Para forjar o Sampo para mim."

235-239 Falou o herói Ilmarinen:
"Conheço muito bem
O ferreiro Ilmarinen,
Eu mesmo sou Ilmarinen,
Eu, o habilidoso ferreiro e artista."

240-243 Louhi, anfitriã do Norte,
Velha desdentada de Sariola,
Corre logo para dentro de casa,
E diz estas palavras:

244-256 “Vem, minha filha mais nova,
Vem, mais bela das minhas donzelas,
Veste tuas roupas mais finas,
Enfeita os cabelos com as joias mais raras,
Põe pérolas sobre teu peito farto,
E um colar de ouro no pescoço,
Amarra a cabeça com fitas de seda,
Dá às faces um tom fresco e rosado,
E ao rosto uma beleza encantadora,
Pois o artista Ilmarinen
Vem de Kalevala para cá,
Para forjar o Sampo para nós,
E martelar uma tampa colorida.”

257-267 Então a filha do Norte,
Honrada pela terra e pelas águas,
Pega logo suas melhores roupas,
Seus vestidos de grande beleza,
As peças mais finas de seu guarda-roupa de seda,
Ajeita a faixa de seda nos cabelos,
Põe uma fita de cobre na testa,
Uma cinta de ouro na cintura,
Um colar de pérolas no pescoço,
Ouro brilhante sobre o peito,
E fios de prata nos cabelos.

268-273 Sai depressa do quarto de vestir,
Vai ao salão e fica à escuta,
Cheia de beleza e alegria,
Com as orelhas alertas e os olhos brilhantes,
As faces rosadas e o rosto encantador,
À espera do herói desconhecido.

274-281 Louhi, anfitriã de Pohjola,
Conduz o herói Ilmarinen
Aos aposentos do Norte,
À sua casa em Sariola,
Faz com que se sente à mesa farta,
Oferece-lhe os melhores alimentos,
Dá-lhe todo o conforto de que precisa,
E então se dirige a ele:

282-289 "Ó ferreiro Ilmarinen,
Mestre da forja e da oficina,
Podes forjar o Sampo para mim,
Martelar uma tampa colorida,
Com as pontas das penas de cisne branco,
Com o leite mais virtuoso,
Com um único grão de cevada,
Com a lã mais fina dos cordeirinhos?

290-301 Terás minha filha mais bela
Como recompensa por esse serviço."
Estas foram as palavras de Ilmarinen:
"Vou forjar o Sampo para ti,

Martelar uma tampa colorida,
Com as pontas das penas de cisne branco,
Com o leite mais virtuoso,
Com um único grão de cevada,
Com a lã mais fina dos cordeirinhos,
Pois forjei o arco do céu,
Forjei no ar uma abóbada curva,
Antes mesmo de a terra existir."

302-305 Então o ferreiro mágico
Foi forjar o Sampo maravilhoso,
Foi procurar uma oficina de ferreiro,
Foi procurar as ferramentas para trabalhar;

306-309 Mas não encontrou lugar para forjar,
Não encontrou forja nem foles,
Não encontrou chaminé nem bigorna,
Não encontrou tenazes nem martelo.

310-315 Então o artista Ilmarinen
Falou sozinho estas palavras:
"Só as mulheres desanimam,
Só os patifes deixam o trabalho inacabado,
Não os demônios nem os heróis,
Nem os deuses de maior sabedoria."

316-320 Então o ferreiro Ilmarinen
Procurou um lugar para construir uma forja,
Procurou um lugar para instalar os foles,

Nos limites do Norte,
Nas colinas e nos prados de Pohjola;

321-324 Procurou um dia e depois um segundo;
Antes do anoitecer do terceiro dia,
Avistou uma rocha,
Uma pedra com as cores do arco-íris.

325-330 Ali o ferreiro Ilmarinen
Começou a construir sua forja,
Acendeu o fogo e ergueu uma chaminé;
No dia seguinte, instalou os foles,
No terceiro dia, construiu a fornalha
E começou a forjar o Sampo.

331-337 O artista mágico e eterno,
O velho ferreiro Ilmarinen,
O primeiro entre os trabalhadores do ferro,
Misturou certos metais,
Pôs a mistura no caldeirão,
Colocou-a no fundo da fornalha,
Chamou os ajudantes para a forja.

338-344 Eles manejam os foles com habilidade,
Cuidam do fogo e acrescentam combustível,
Por três dias lindos de verão,
Por três noites curtas de pleno verão,

Até as rochas começarem a florescer
Nas pegadas dos trabalhadores,
Com o calor mágico da fornalha.

345-349 No primeiro dia, Ilmarinen
Se inclinou e examinou com atenção
O fundo da fornalha,
Para ver o que se formava
Do fogo mágico e dos metais.

350-357 Do fogo surgiu uma besta,
Com o brilho dos raios da Lua,
Um arco dourado com pontas de prata;
No corpo reluzia o cobre,
E o arco era forte e maravilhoso,
Mas, ai de mim, era mal-intencionado,
Exigia um herói todos os dias,
E duas cabeças nos dias de festa.

358-363 Ilmarinen, artista habilidoso,
Não gostou daquela criação,
Quebrou o arco em muitos pedaços,
Jogou-os de volta na fornalha,
Manteve os trabalhadores nos foles,
E tentou forjar o Sampo mágico.

364-370 No segundo dia, o ferreiro
Se inclinou e examinou com atenção
O fundo da fornalha;

Do fogo surgiu um barco de metais,
Um barco de cor púrpura,
Com todas as costelas douradas,
E remos forjados em cobre;

371-376 O barco era muito bonito,
Mas, ai de mim, era uma coisa má;
Lança-se de cabeça em toda confusão,
Apressa-se para qualquer briga,
Corre, sem provocação,
Para todo combate perverso.

377-382 Ilmarinen, artista dos metais,
Não gostou daquela criação,
Quebrou o barco em muitos pedaços,
Jogou-os de volta na fornalha,
Manteve os trabalhadores nos foles,
Para forjar o Sampo mágico.

383-386 No terceiro dia, Ilmarinen,
O primeiro entre os trabalhadores dos metais,
Se inclinou e examinou com atenção
O fundo da fornalha;

387-391 Ali viu surgir uma novilha,
Os chifres de Kimmo eram dourados,
Na cabeça estava o Urso celeste,
Na testa, um disco de sol,
Linda era a vaca mágica;

392-395 Mas, ai de mim, tinha mau gênio,
Disparava a toda velocidade pela floresta,
Corria pelos brejos e prados,
Derramando todo o leite pelo caminho.

396-401 Ilmarinen, o mago,
Não gostou daquela criação,
Cortou a vaca mágica em pedaços,
Jogou-os na fornalha ardente,
Pôs os trabalhadores nos foles,
Para forjar o Sampo mágico.

402-413 No quarto dia, Ilmarinen
Se inclinou e examinou com atenção
O fundo da fornalha;
Ali viu um arado belo
Surgir do fogo dos metais,
A ponta e a relha eram douradas,
A haste era forjada em cobre,
E as pegas, em prata derretida,
Belo e maravilhoso era o arado;
Mas, ai de mim, era malcriado,
Arava campos de milho e cevada,
Fazia sulcos nos prados mais férteis.

414-419 Ilmarinen, artista dos metais,
Não gostou daquela criação,
Quebrou depressa o arado em pedaços,

Jogou-os de volta na fornalha,
Deixou os ventos cuidarem dos foles,
Deixou os ventos da tempestade atiçarem os metais.

420-429 Os ventos do céu competem com fúria,
O vento leste avança, o oeste ruge,
O sul grita, o norte uiva,
Sopram um dia e depois um segundo,
Sopram o terceiro, da manhã até a noite,
Quando o fogo salta pelas janelas,
E as faíscas voam pela porta,
Nuvens de fumaça sobem ao céu;
A fumaça negra se mistura às nuvens,
Enquanto os ventos da tempestade acionam os foles.

430-434 Na terceira noite, Ilmarinen,
Curvado para examinar os metais,
No fundo da fornalha,
Vê o Sampo mágico surgir,
Vê a tampa de muitas cores.

435-438 O habilidoso artista de Väinölä
Forja com tenazes e bigorna,
Batendo com um martelo pesado,
Forja o Sampo com habilidade;

439-442 De um lado, mói farinha,
Do outro, fabrica sal,
No terceiro, fabrica dinheiro,

E a tampa é de muitas cores.

443-448 Bem mói o Sampo quando fica pronto,
A tampa oscila para um lado e para o outro,
Mói uma medida ao amanhecer,
Mói uma medida para comer,
Mói uma segunda para o mercado,
Mói uma terceira para o armazém.

449-455 A dama do Norte se alegra,
Louhi, anfitriã de Pohjola,
Leva embora o Sampo mágico,
Para as colinas de Sariola,
Para as montanhas ricas em cobre,
Põe nove fechaduras na maravilha,
E faz três raízes fortes crescerem ao redor;

456-459 Elas crescem nove braças dentro da terra,
Uma grande raiz sob a montanha,
Outra sob o leito arenoso do mar,
Outra sob a morada da montanha.

460-466 Ilmarinen pede com humildade
A resposta consentida da donzela,
Com estas palavras de mago:
"Virás comigo, bela donzela,
Ser minha esposa e rainha para sempre?
Forjei o Sampo para ti,
Forjei a tampa de muitas cores."

467-471 A bela e encantadora filha do Norte
Responde assim ao trabalhador dos metais:
"Quem, na próxima primavera,
Quem, no segundo verão,
Guiará o canto e o eco do cuco?

472-478 Quem escutará seu chamado,
Quem cantará com ele no outono,
Se eu for para terras distantes,
Se esta donzela alegre desaparecer
Dos campos de Sariola,
Dos brejos e florestas de Pohjola,
Onde o cuco canta e faz ecoar seu canto?

479-493 Se eu deixar a casa de meu pai,
Se a flor de minha mãe desaparecer,
Se estas montanhas perderem suas cerejas,
Então o cuco também desaparecerá,
Todos os pássaros deixarão a floresta,
Deixarão o alto da montanha,
Deixarão meus campos e florestas natais,
Nunca, em toda a minha vida,
Darei adeus à liberdade de donzela,
Nem aos trabalhos e cuidados do verão,
Para que a colheita não fique por fazer,
Para que as frutas não fiquem por colher,

Para que os pássaros cantores não deixem a floresta,
Para que as sereias não deixem as águas,
Para que eu não deixe de cantar com elas."

494-503 Ilmarinen, o mago,
O forjador eterno dos metais,
Com o gorro torto e a cabeça baixa,
Decepcionado e triste,
De mãos vazias, reflete bem
Sobre como chegar à sua terra distante,
À sua casa querida e aos seus parentes,
Alcançar os prados de Väinölä,
Saindo do Norte, sempre desagradável,
Da sombria Sariola.

504-507 Louhi assim se dirigiu ao pretendente:
"Ó ferreiro Ilmarinen,
Por que estás tão triste?
Por que teu rosto está tão abatido?"

508-511 Tens vontade de partir
Dos vales e colinas de Pohjola,
Ir aos prados de Väinölä,
Voltar para tua casa em Kalevala?"

512-516 Esta foi a resposta de Ilmarinen:
"Meu pensamento está voltado para lá,
Deixa-me voltar à minha terra,

Ficar com meus parentes,
Descansar no meu próprio país.”

517-523 Logo Louhi, dama do Norte,
Deu ao herói todo o conforto,
Deu-lhe comida e iguarias raras,
Pôs o herói num barco de cobre,
Num barco com faixas de cobre,
Chamou os ventos para ajudá-lo,
E fez do vento norte seu guia para casa.

524-530 Assim Ilmarinen, o habilidoso,
Viaja rumo à sua terra natal,
Sobre o dorso azul das águas,
Viaja um dia e depois um segundo,
Até que a noite do terceiro dia o leva
Aos prados tranquilos de Väinölä,
À sua casa em Kalevala.

531-536 Logo o velho Väinämöinen
Assim se dirige a Ilmarinen:
“Ó meu irmão, artista dos metais,
Eterno realizador de maravilhas,
Forjaste o Sampo mágico?
Forjaste a tampa de muitas cores?”

537-540 Falou o irmão, Ilmarinen,
Com estas palavras do mestre:
“Sim, forjei o Sampo mágico,

Forjei a tampa de muitas cores;

541-547 A tampa oscila para um lado e para o outro,
Mói uma medida ao amanhecer,
Mói uma medida para comer,
Mói uma segunda para o mercado,
Mói uma terceira para o armazém.
Louhi ficou com o Sampo maravilhoso,
E eu não fiquei com a Bela Noiva.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XI

✦

1-8 Esta é a hora de cantar sobre Ahti,
Filho de Lempo, Kaukomieli,
Também conhecido como Lemminkäinen.
Ahti era o rei das ilhas,
Cresceu entre as moradas das ilhas,
Na casa de sua querida mãe,
Nas fronteiras do oceano,
Nas pontas dos promontórios.

9-14 Ahti se alimentava de salmão,
Alimentava-se de peixe branco do oceano,
Assim se tornou um herói poderoso,
Com o sangue de eras nas veias,
Cabeça erguida e porte imponente,
Desenvolvimento perfeito da mente e do corpo;

15-21 Mas, infelizmente, tinha seus defeitos,
Seu coração e sua conduta eram ruins,
Andava por lugares indignos,
Passava dias e noites seguidos
Nas casas de moças alegres,
Nas danças das virgens,
Junto às moças de tranças.

22-28 Lá em Sahri vivia uma donzela,
A bela e encantadora Kulli,
Linda como uma flor de verão,
Descendente de uma casa real,
Cresceu perfeita em forma e beleza,
Vivendo na cabana de seu pai,
Lar de muitos heróis antigos;

29-33 Era bela e majestosa,
Louvada por toda a Estônia;
De longe vinham homens para cortejá-la,
Ao lugar onde a virgem nascera,
À casa de sua mãe.

34-37 Para seu filho, o Sol a corteja,
Mas ela não quer ir para a Terra do Sol,
Nem brilhar ao lado do Sol,
Que se apressa em trazer o verão.

38-41 Para seu filho, a Lua brilhante a corteja,
Mas ela não quer ir para a Terra da Lua,
Nem cintilar ao lado da Lua brilhante,
Nem correr pelo éter sem limites.

42-45 Para seu filho, a Estrela da Noite a corteja,
Mas ela não quer ir para a Terra das Estrelas,
Nem cintilar à luz das estrelas,
Durante as noites tristes de inverno.

46-52 Pretendentes vêm da distante Estônia,
Outros vêm da longínqua Ingria,
Mas não conseguem conquistar a donzela,
Esta é a resposta que ela lhes dá:
"Em vão vocês me enchem de elogios,
Em vão me oferecem sua prata,
Riqueza e elogios não me tentam;

53-58 Nunca irei para a Estônia,
Nunca remarei
Nas águas da Ingria,
Nem atravessarei as águas de Sahri,
Nunca comerei o peixe da Estônia,
Nem provarei as iguarias da Estônia.

59-65 A Ingermanlândia nunca me verá,
Não remarei em seus rios,
Nem pisarei em suas terras;
Lá há fome e dura penúria,
Falta madeira, falta combustível,
Não há água, trigo nem cevada,
E até o centeio é escasso."

66-72 Lemminkäinen das ilhas,
Herói guerreiro, Kaukomieli,
Decide conquistar a donzela,
Cortejar e conquistar a flor de Sahri,

Conquistar uma noiva tão honrada,
Conquistar a moça de tranças douradas,
Conquistar a bela donzela de Sahri;

73-78 Mas sua mãe o adverte:
"Não", responde sua mãe de cabelos grisalhos,
"Não corteje, meu querido filho,
Uma donzela de posição mais elevada;
Ela nunca o fará feliz
Com sua linhagem de Sahri."

79-85 Falou o herói, Lemminkäinen,
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
"Mesmo que eu venha de origem humilde,
Embora minha tribo não seja das mais nobres,
Vou cortejá-la, pois assim desejo,
Cortejar a bela e encantadora donzela,
Escolher uma esposa por seu valor e beleza."

86-92 Esta foi a resposta da mãe aflita:
"Lemminkäinen, meu querido filho,
Escute o conselho de sua mãe:
Não vá para a distante Sahri,
Para sua tribo de muitos ramos;
Todas as donzelas de lá zombarão de você,
Todas as mulheres vão ridicularizá-lo."

93-98 Lemminkäinen, sem dar muita atenção,
Responde assim ao apelo da mãe:
"Vou acabar com as zombarias das mulheres,
Silenciar todas as provocações das donzelas,
Vou esmagar seus peitos arrogantes,
Bater nas mãos e nas faces das crianças;

99-102 Com certeza isso vai conter os insultos,
Um fim adequado para a zombaria!"
Esta foi a resposta da mãe:
"Ai de mim, meu querido filho!

103-111 Ai de mim, tão infeliz nesta vida!
Se zombar das filhas de Sahri,
Ou insultar as donzelas virtuosas,
Se fizer delas motivo de escárnio,
Vai surgir um grande conflito,
E uma batalha feroz virá em seguida.
Todos os pretendentes de Sahri,
Armados aos milhares, vão atacá-lo
E matá-lo por sua insensatez."

112-119 Sem se deixar abalar, Lemminkäinen,
Sem dar ouvidos ao aviso da mãe,
Tirou do estábulo seu cavalo de guerra,
Atrelou depressa o corcel fogoso,
Partiu veloz em sua jornada,

Para a distante aldeia de Sahri,
Para cortejar a flor de Sahri,
Para conquistar a Bela Noiva.

120-126 Todas as mulheres idosas de Sahri,
Todas as jovens e belas donzelas
Riram do forasteiro que chegava,
Conduzindo sem cuidado pelas vielas,
Passando desgovernado pelo pátio,
Até tombar no portão,
Quebrando o eixo, a canga e o trenó.

127-135 Então o destemido Lemminkäinen,
Com a boca torta e o rosto franzido,
Sacudiu os cabelos negros e respondeu:
"Jamais me lembro
De ter ouvido ou visto tratamento assim,
Jamais fui alvo de zombaria,
Jamais sofri as provocações de mulheres,
Jamais sofri o desprezo de virgens,
Em toda a minha vida imortal.

136-141 Há algum lugar apropriado
Nas planícies e pastagens de Sahri,
Para participar de cantos e danças?
Há aqui um salão de festas,
Onde as donzelas de Sahri se reúnem,
Moças alegres de tranças?"

142-146 Então as donzelas de Sahri
Responderam de seu promontório:
“Há espaço de sobra em Sahri,
Há espaço nas pastagens de Sahri,
Há espaço para salões de festas e danças;

147-151 Cante e dance em nossos prados,
Seja pastor nas montanhas,
Os rapazes pastores têm espaço para dançar;
As crianças de Sahri são preguiçosas,
Mas os potros são gordos e fogosos.”

152-158 Sem se importar, Lemminkäinen
Entrou para o serviço como pastor,
De dia, nas pastagens,
E à noite, se divertia
Nos jogos das donzelas animadas,
Nas danças com as virgens,
Junto às moças de tranças.

159-163 Foi assim que Lemminkäinen,
O pastor Kaukomieli,
Logo calou o riso das mulheres,
Logo acabou com as provocações das donzelas,
Logo silenciou a zombaria delas.

164-172 Todas as damas e filhas de Sahri
Logo festejavam com Lemminkäinen,
Dançavam e ficavam ao seu lado.

Só havia uma entre elas,
Uma entre as virgens de Sahri,
Que não abrigava amor nem pretendentes,
Nem favorecia deuses ou heróis:
A bela donzela Kyllikki,
A mais formosa flor de Sahri.

173-178 Lemminkäinen, cheio de alegria,
O belo herói Kaukomieli,
Remou até despedaçar cem barcos,
Quebrou mil remos em pedaços,
Enquanto cortejava a Bela Donzela,
Tentando conquistar a bela Kyllikki.

179-185 Por fim, a bela donzela,
A mais formosa filha do Norte,
Assim se dirige a Lemminkäinen:
"Por que fica aqui, seu fraco,
Por que murmura nestas terras,
Por que vem me cortejar junto ao meu fogo,
Cortejar-me com cinto de cobre?

186-189 Não tenho tempo a perder com você,
Prefiro polir esta pedra,
Prefiro manejar o pilão
No pesado almofariz de pedra;

190-195 Prefiro sentar ao lado de minha mãe
Na casa de meu pai.
Nunca darei atenção ao seu cortejo,
Não me importo com pretendentes nem galanteios,
Prefiro um marido esbelto,
Pois tenho corpo esbelto;

196-201 Quero que ele tenha bela figura,
Já que talvez eu tenha boa forma;
Quero que seja alto e imponente,
Já que talvez eu seja majestosa;
Não perca seu tempo cortejando
A donzela e flor preferida de Sahri."

202-209 Não se passou muito tempo,
Mal um mês tinha transcorrido,
Quando, numa noite alegre,
No lugar onde as donzelas se encontram para dançar,
No vale além do prado,
Num terreno plano e verdejante,
Chegou cedo demais a donzela Kyllikki,
Orgulho de Sahri, a Bela Donzela;

210-219 Lemminkäinen veio logo atrás,
Com seu garanhão trotando orgulhoso,
O mais veloz corcel do Norte,
Conduziu-o depressa para além do prado,
Onde as donzelas se encontram para dançar,
Agarrou depressa a donzela Kyllikki,

Sentou a donzela no trenó,
Puxou depressa a cobertura de couro,
Ajustou a barra transversal de bétula,
E pôs seu cavalo a galope.

220-226 Com estrondo, rugido e barulho,
Corre para casa como o vento da tempestade,
E diz estas palavras a quem escuta:
"Nunca, nunca, donzelas aflitas,
Contem a ninguém
Que levei Kyllikki
Para minha casa distante, junto aos meus parentes.

227-236 Se não obedecerem a esta ordem,
Vão se dar muito mal como donzelas;
Vou cantar seus pretendentes para a guerra,
Cantarei até que empunhem lança e espada,
E por meses, anos e eras,
Vocês nunca mais verão seus rostos,
Nem ouvirão suas vozes alegres,
Eles nunca mais pisarão estas terras altas,
Nunca mais participarão destas danças,
Nem percorrerão estas estradas."

237-245 Triste o lamento de Kyllikki,
Triste o choro da flor de Sahri!
Ouça seu apelo entre lágrimas:
"Por favor, devolva minha liberdade,
Livre-me do sofrimento do cativeiro,

Deixe esta donzela voltar para casa,
Deixe-me seguir por alguma trilha
Até meu pai, que está sofrendo,
Até minha mãe, que está chorando;

246-256 Deixe-me ir, ou vou amaldiçoá-lo!
Se não me der a liberdade,
Se não me deixar voltar para casa,
Onde meus entes queridos esperam por mim,
Tenho sete irmãos fortes,
Sete filhos do irmão de meu pai,
Sete filhos da irmã de minha mãe,
Que seguem as pegadas dos cervos,
Caçam lebres pelos campos de urze;
Eles vão persegui-lo e matá-lo,
E assim terei a liberdade que desejo."

257-259 Lemminkäinen não lhe deu atenção,
Não atendeu aos desejos da donzela,
Nem ouviu seu pedido de misericórdia.

260-263 A virgem cativa tornou a falar,
Orgulho e beleza do Norte:
"Eu era feliz entre meus parentes,
Nasci feliz e fui criada com carinho;

264-268 Passei a infância alegremente,
Feliz na liberdade de donzela,
Na casa de meu pai,

Ao lado da cama de minha mãe,
Entre meus parentes de Sahri;

269-275 Mas, infelizmente, toda a alegria se foi,
Toda a minha felicidade desapareceu,
Toda a beleza de donzela se desfaz
Desde que encontrei seu espírito maligno,
Herói sem vergonha e desonrado,
Cruel guerreiro das ilhas,
Implacável nas lutas entre os seus."

276-286 Falou o herói Lemminkäinen,
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
"Querida donzela, bela Kyllikki,
Meu doce morango de Pohja,
Acalme sua aflição, pare de chorar,
Fique livre de preocupações e tristezas,
Nunca lhe farei mal,
Nunca minhas mãos a maltratarão,
Nunca meus braços abusarão de você,
Nunca minha língua a insultará,
Nunca meu coração a enganará.

287-290 "Diga-me por que está tão aflita,
Por que sente essa amarga tristeza,
Por que suspira e lamenta,
Diga-me por que chora de tristeza?

291-297 Afaste todas as preocupações e tristezas,
Enxugue as lágrimas e acalme sua aflição,
Tenho gado, comida e abrigo,
Tenho casa, amigos e parentes,
Vacas nas planícies e nas terras altas,
Muitas frutas silvestres nos pântanos,
Morangos nas montanhas;

298-304 Tenho vacas que não precisam ser ordenhadas,
Belas vacas que não precisam ser alimentadas,
Lindas, mesmo sem receber cuidados;
Não é preciso prendê-las à noite,
Nem soltá-las de manhã,
Nem procurá-las ou alimentá-las,
Nem lhes dar sal ou água.

305-310 "Acha que minha linhagem é humilde,
Acha que nasci sem nobreza,
Minha origem a aflige?
Não nasci em posição elevada,
Nem venho de uma tribo de heróis nobres,
Nem descendo de uma linhagem honrada;

311-316 Mas tenho uma espada ardente,
E uma lança ainda cheia de coragem,
Com certeza estas têm nobre origem,
Nasceram de linhagens de heróis,
Foram afiadas pelo poderoso Hisi,
Forjadas e polidas pelos deuses;

317-320 Por isso vou lhe dar grandeza,
A grandeza de minha linhagem e nação,
Com minha espada cheia de ardor,
Com minha lança ainda cheia de coragem."

321-331 A donzela suspirou aflita
E assim se dirigiu a Lemminkäinen:
"Ó Ahti, filho de Lempo,
Você aceitará esta virgem confiante
Como sua fiel companheira de vida?
Vai me tomar sob sua proteção,
Será um marido fiel para mim,
Jurará um juramento de honra,
De que não irá à guerra
Quando sentir desejo de ouro,
Quando quiser ouro e prata?"

332-336 Esta foi a resposta de Lemminkäinen:
"Juro solenemente
Que nunca irei à guerra
Quando sentir desejo de ouro,
Quando quiser ouro e prata."

337-340 Jure também por sua honra
Que não irá à aldeia
Quando o desejo de dançar a chamar,
Nem irá às danças da aldeia."

341-345 Assim os dois fizeram um juramento,
Registraram suas promessas no céu,
Juraram diante do onisciente Ukko:
Ahti jurou nunca ir à guerra,
Kyllikki, nunca ir às danças.

346-349 Lemminkäinen, cheio de alegria,
Estalou o chicote sobre o cavalo,
Pôs seu corcel a galope,
E o herói disse estas palavras:

350-358 "Adeus, prados de Sahri,
Raízes de pinheiros e tocos de bétulas,
Por onde vaguei no verão,
Por onde viajei no inverno,
Onde muitas vezes, nas estações chuvosas,
Fiquei ao cair da noite,
Quando procurava conquistar a virgem,
Procurava conquistar a Bela Donzela,
A mais formosa das flores de Sahri.

359-362 Adeus, florestas de Sahri,
Mares e oceanos, lagos e rios,
Vales e montanhas, ilhas e enseadas,
Que um dia foram o lar da bela Kyllikki!"

363-366 O corcel disparou para casa,
Galopando pela estrada,
Em direção aos prados de Väinölä,

Às planícies de Kalevala.

Ao se aproximarem das moradas de Ahti,
Kyllikki falou com tristeza:
"Fria e triste é sua cabana,
Parece um lugar abandonado;
Quem pode ser dono desta cabana sombria,
Quem é tão pouco honrado?"

Falou o herói Lemminkäinen,
Estas foram as palavras de Ahti:
"Não fique triste por causa de minha cabana,
Não se preocupe com meus aposentos;

Vou construir outras moradas para você,
Vou fazê-las muito melhores,
Com vigas, postes, soleiras e caibros,
Feitos da sagrada madeira de bétula."

Agora chegam à casa de Ahti,
Lar e lugar de nascimento de Lemminkäinen,
Entram na cabana de sua mãe;
Ali encontram sua mãe idosa,
Que lhes diz estas palavras:

"Você ficou ausente por muito tempo,
Vagou por terras estrangeiras por muito tempo,
Ficou muito tempo em Sahri!"
Esta foi a resposta de Lemminkäinen:

390-395 “Todas as mulheres de Sahri,
Todas as donzelas castas e belas,
Todas as moças de tranças,
Pagaram caro por sua zombaria,
Por seu desprezo e suas risadas,
Que despejaram tão cruelmente sobre mim.

396-403 Trouxe a melhor de todas elas
No meu trenó até esta cabana;
Envolvi-a bem em meus mantos de pele,
Mantive-a aquecida numa pele de urso,
Trouxe-a para a casa de minha mãe
Como minha fiel companheira de vida;
Assim paguei às donzelas zombeteiras,
Paguei bem por sua zombaria.

404-412 “Mãe querida, que me deu a vida,
Encontrei a joia que tanto procurei,
Conquistei a Bela Donzela.
Forre nosso leito com os melhores lençóis,
Prepare os travesseiros mais macios para nossas cabeças,
Sirva à mesa as iguarias mais raras,
Para que eu viva feliz
Com minha esposa, a noiva honrada,
Com o orgulho da distante Sahri.”

413-422 Esta foi a resposta da mãe:
“Louvado sejas, bondoso Ukko,
Louvado em alta voz, ó Criador,

Pois me dás uma filha,
A noiva de Ahti, minha segunda filha,
Que pode atiçar o fogo à noite,
Tecer para mim os melhores tecidos,
Girar o útil fuso,
Enxaguar minhas fitas de seda,
Alvejar as roupas mais finas.

423-427 "Filho querido, louve seu Criador
Por ter conquistado esta virgem,
Orgulho e alegria da distante Sahri!
Bondoso é seu Criador,
Sábio é o onisciente Ukko!

428-431 Pura é a neve sobre as montanhas,
Mais pura ainda é sua Bela Noiva;
Branca é a espuma sobre o oceano,
Mais branco ainda é seu espírito de virgem;

432-435 Gracioso é o cisne branco nos lagos,
Mais graciosa ainda é sua companheira;
Belas são as estrelas no céu,
Mais bela ainda é Kyllikki.

436-444 Amplie nossa humilde cabana,
Alargue as portas e as janelas,
Faça os tetos mais altos,
Enfeite as paredes com beleza,
Agora que tomou uma noiva

De uma tribo de posição mais elevada,
A mais pura donzela da criação,
Das campinas de Sahri,
Das terras altas do Norte.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XII

✦

1-7 Lemminkäinen, marido astuto,
Herói imprudente, Kaukomieli,
Sempre ao lado da jovem esposa,
Passava a vida em doce contentamento,
E os anos corriam depressa;
Ahti não pensava nas batalhas,
Nem Kyllikki nas danças.

8-14 Certo dia aconteceu
Que o herói Lemminkäinen
Foi pescar no lago,
E não estava em casa ao cair da noite,
Quando desceu a noite cruel;
Kyllikki foi à aldeia,
À dança das alegres moças.

15-19 Quem contará a má notícia,
Quem levará a informação
Ao marido, Lemminkäinen?
A irmã de Ahti conta a história,
E a irmã se chama Ainikki.

20-23 Logo espalha a cruel notícia,
De imediato dá a informação
Sobre a honra traída de Kyllikki.

Estas são as palavras de Ainikki:

24-30 “Ahti, meu querido irmão,
Kyllikki foi à aldeia,
Ao salão cheio de estranhos,
Às brincadeiras e danças da aldeia,
Com os rapazes e as moças,
Com as donzelas de tranças,
Aos salões de alegria e prazer.”

31-37 Lemminkäinen, muito abatido,
De coração partido, corado de raiva,
Falou estas palavras em tom firme:
“Querida mãe, minha mãe de cabelos grisalhos,
Podes lavar logo minha roupa
No sangue das serpentes venenosas,
No sangue negro da víbora?

38-44 Preciso correr para o combate,
Para as fogueiras do Norte,
Para os campos de batalha da Lapônia;
Kyllikki foi à aldeia,
Às brincadeiras das alegres moças,
Aos jogos e danças da aldeia,
Com as donzelas de tranças.”

45-57 A esposa, Kyllikki, logo responde:
“Meu querido marido, Ahti,
Por favor, não vá à guerra.

À noite eu estava deitada,
E, enquanto dormia, sonhei
Com fogo saindo da chaminé,
Com chamas subindo, alcançando o céu,
Pelas janelas desta casa,
Pelo alto destas vigas,
Atravessando os aposentos de cima,
Rugindo como uma queda-d'água,
Saltando do chão e do teto,
Disparando pelos salões e pelas portas."

58-61 Mas o desconfiado Lemminkäinen
Responde a Kyllikki:
"Não acredito nos sonhos das mulheres,
Nem confio nas promessas das donzelas!

62-66 Mãe querida, que me deu a vida,
Traga aqui minha cota de malha de cobre;
Um forte desejo desperta em mim
Pelo cálice do combate mortal,
Pelo hidromel da vitória na guerra."

67-72 Assim responde a mãe suplicante:
"Lemminkäinen, meu filho querido,
Por favor, não vá à guerra;
Temos cerveja espumante de sobra,
Cerveja de cevada em nossos vasos,
Guardada em tonéis com torneiras de carvalho;

73-77 Beba esta cerveja de paz e prazer,
Vamos bebê-la juntos.”
Disse o herói Lemminkäinen:
“Não provarei mais a comida
Na casa da falsa Kyllikki;

78-82 Prefiro beber a água
Das pontas pintadas dos remos de bétula;
A água me é muito mais doce
Do que a bebida da desonra,
Na casa e junto à lareira de minha mãe!

83-88 “Traga aqui minha túnica de guerra,
Traga agora a espada de batalha,
Traga a espada honrada de meu pai;
Preciso ir ao Norte distante,
Aos campos de batalha da Lapônia,
Para conquistar ouro e prata.”

89-92 Assim responde a mãe aflita:
“Meu querido Kaukomieli,
Temos ouro em grande abundância,
Ouro e prata no depósito;

93-100 Há pouco, nos campos altos,
Nas primeiras horas da manhã,
Os trabalhadores labutavam nas plantações,
Arando os prados cheios de serpentes,
Quando a lâmina do arado levantou a tampa

De um baú de ouro e prata.
Era incontável o ouro descoberto,
Escondido sob o prado verdejante;

Este é o tesouro que trouxe para ti,
Receba de bom grado o ouro incontável."
Disse o herói Lemminkäinen:
"Não quero a prata da casa;
Vou ganhar minha prata na guerra;

O ouro e a prata do combate
Têm para mim mais valor
Do que a riqueza que encontraste.
Traga agora minha armadura pesada,
Traga também minha lança e espada larga;

Preciso correr para o Norte,
Para as guerras sangrentas da Lapônia;
Meu orgulho me impele para lá,
Meu coração se volta para lá."

"Ouvi uma história da Lapônia,
Alguns acreditam nessa história maravilhosa:
Que em Pimentola vive uma donzela
Que não se importa com pretendentes,
Nem com heróis barbados."

Assim responde a mãe idosa:
"Guerreiro Ahti, meu filho querido,
Tens Kyllikki em casa,

A mais bela esposa de todas as ilhas;

124-127 É estranho ver duas esposas morando
Na casa de um só marido.”
Disse o herói Lemminkäinen:
“Kyllikki corre para a aldeia;

128-131 Que vá às danças da aldeia,
Que durma em outras casas,
Que se divirta com os rapazes da aldeia,
Com as donzelas de tranças.”

132-138 A mãe tenta detê-lo,
E assim responde, aflita:
“Não vá, meu filho querido,
Sem conhecer a magia de Pohya,
Para as casas distantes do Norte,
Até aprender a arte da magia,
Até adquirir um pouco de sabedoria;

139-142 Não vá aos campos de batalha,
Às fogueiras dos filhos do Norte,
Aos campos de massacre da Lapônia,
Até dominar a magia.

143-148 Lá as moças da Lapônia vão te enfeitiçar,
Os habitantes de Turyas vão te embruxar,
Com cantos transformarão teu rosto em carvão,

Tua cabeça e teus ombros em brasa,
Com cantos reduzirão teu antebraço a cinzas,
E levarão teus passos direto ao fogo.”

149-156 Disse o guerreiro Lemminkäinen:
“Os feiticeiros muitas vezes me enfeitiçaram,
E também as serpentes encantadoras;
Três feiticeiros da Lapônia,
Numa tarde de verão,
Sentados numa pedra ao anoitecer,
Sem uma roupa sequer para se proteger,
Uma vez me enfeitiçaram com sua magia;

157-162 Isto foi tudo o que tiraram de mim,
Esta é a soma de minhas perdas:
O que o machado arranca da pederneira,
O que a broca perfura do granito,
O que o calcanhar lasca do icebergue,
E o que a morte furta das pedras tumulares.

163-170 “Os feiticeiros me ameaçaram terrivelmente,
Tentaram me afundar com sua magia
Nas águas dos pântanos,
Na lama e na areia movediça traiçoeira,
Até o queixo na lama e na água;
Mas eu também nasci herói,
Herói e mago,
E a magia deles não me perturbou.

171-185 “Logo comecei a cantar,
Com cantos, mandei os arqueiros e suas flechas,
Os lanceiros e suas armas,
Os espadachins e seus punhais,
Os cantores e seus cantos,
Os encantadores e sua magia,
Para as corredeiras dos rios,
Para a mais alta queda-d’água,
Para o redemoinho que tudo devora,
Para as profundezas mais fundas do oceano,
Onde os feiticeiros ainda dormem,
Até que a grama cresça para cima
Por suas barbas e rostos enrugados,
Pelas madeixas dos encantadores,
Enquanto dormem sob as ondas.”

186-189 A mãe aflita continua a implorar,
Continua a suplicar a Lemminkäinen,
Tentando conter o herói,
Enquanto Kyllikki pede perdão;

190-196 Assim fala a mãe:
“Não vá, meu filho querido,
Às aldeias do Norte,
Nem às fronteiras geladas da Lapônia;
Uma terrível desgraça te atingirá,
Uma estrela maligna pairará sobre ti,
Será o fim e a destruição de Lemminkäinen.”

197-204 “Ainda que falasses cem línguas,
Eu não acreditaria que fosses capaz,
Com a magia de teu canto,
De enfeitiçar os filhos da Lapônia
Até o fundo do oceano;
Não conheces a língua de Turyas,
Só sabes falar a língua de Suomi,
Não podes vencer com magia sem juízo.”

205-214 Lemminkäinen, herói imprudente,
Também conhecido como Kaukomieli,
Ficou ao lado da mãe, penteando
As madeixas negras e refletindo,
Alisando a barba, ponderando,
Ainda firme em sua decisão,
Arremessou depressa o pente com raiva,
Lançou-o contra a parede,
Deu à mãe sua resposta final,
Estas são as palavras de Ahti:

215-219 “Uma terrível desgraça me atingirá,
Algum destino triste vai me alcançar,
Uma desgraça virá para Lemminkäinen
Quando o sangue escorrer daquele pente,
Quando o sangue gotejar daquelas cerdas.”

220-223 Assim o guerreiro Lemminkäinen
Vai para a nada agradável Lapônia,
Sem dar ouvidos ao aviso da mãe,

Sem dar ouvidos à proibição dela.

Assim o herói Kaukomieli
Logo se prepara para a guerra;
Na cabeça, um elmo de cobre,
Nos ombros, ombreiras de cobre,
No corpo, uma armadura de ferro,
E um cinto de aço em volta do corpo;

Enquanto se cinge para a batalha,
Ahti fala consigo mesmo:
"Forte é o herói com sua armadura,
Forte com seu elmo de cobre,
Poderoso com sua cota de malha de ferro,
Muito mais forte que qualquer herói
Nas desoladas praias da Lapônia;
Não precisa temer seus sábios encantadores,
Nem seus inimigos mais fortes,
Nem uma guerra contra feiticeiros."

Então agarrou a espada de batalha,
Agarrou com firmeza a pesada espada larga
Que Tuoni estivera afiando,
Que os deuses tinham polido até brilhar;
Enfiou-a na bainha de couro,
Prendeu a bainha à armadura.

246-252 Como os heróis se protegem do perigo,
Onde se defendem do mal?
Os heróis protegem suas casas e lareiras,
Protegem portas, telhados e janelas,
Protegem os postes que sustentam as tochas,
Protegem os caminhos até o pátio,
Protegem as extremidades de todos os portões.

253-257 Os heróis se protegem das mulheres,
Com cuidado, das alegres donzelas;
Se lhes faltar força nisso,
Facilmente os heróis caem, vítimas
Das armadilhas dos encantadores.

258-265 Ademais, os heróis ficam atentos
Às tribos de gigantes guerreiros,
Onde o caminho se bifurca,
Nas bordas da rocha azul,
Nos pântanos cheios de maldade,
Perto da poderosa queda-d'água,
Perto do redemoinho que gira,
Perto das fontes ardentes e das corredeiras.

266-281 Disse o destemido Lemminkäinen:
"Erguei-vos, heróis da espada larga,
Vós, heróis eternos da terra,
Das profundezas, vós, portadores de foices,
Dos riachos, vós, atiradores de bestas,
Vem, floresta, com teus arqueiros,

Vinde, matagais, com teus exércitos,
Espíritos da montanha, com teus poderes,
Vem, terrível Hisi, com teus horrores,
Mãe das águas, com teus perigos,
Vem, Wellamo, com tuas sereias,
Vinde, donzelas dos vales,
Vinde, ninfas dos rios sinuosos,
Protegei este herói,
Sede suas companheiras de dia e de noite,
Sua guarda pessoal, de Lemminkäinen,

282-287 Para embotar as lanças dos feiticeiros,
Para cegar suas flechas pontiagudas,
Para que as lanças dos encantadores,
As flechas dos arqueiros,
E as armas dos inimigos
Não possam ferir este herói barbado.

288-294 "Se estas forças não forem suficientes,
Posso chamar outros poderes,
Posso chamar os deuses que estão acima de mim,
Chamar o grande deus dos céus,
Que dá rumo às nuvens,
Que governa o éter sem limites,
Que dirige o avanço dos ventos de tempestade.

295-307 "Ukko, ó Deus que estás acima de mim,
Pai da criação,
Que falas por meio do trovão,

Cuja arma é o relâmpago,
Cuja voz atravessa o éter,
Concede-me agora tua poderosa espada de fogo,
Dá-me tuas flechas ardentes,
Flechas de relâmpago para minha aljava,
Protege-me assim de todo perigo,
Guarda-me das artimanhas das bruxas,
Guia meus passos para longe de todo mal,
Ajuda-me a vencer os encantadores,
Ajuda-me a expulsá-los do Norte;

308-317 Os que estão à frente da batalha,
Os que preenchem as fileiras atrás de mim,
Os que estão ao meu redor e acima de mim,
Os que estão abaixo de mim: ajudai-me a expulsá-los,
Com suas facas, espadas e bestas,
Com suas lanças de fio afiado,
Com suas línguas de magia maligna;
Ajudai-me a mandar os feiticeiros da Lapônia
Para as profundezas mais fundas do oceano,
Para lutarem com Wellamo."

318-328 Então o imprudente Lemminkäinen
Assobiou alto para seu garanhão,
Chamou o cavalo veloz dos obstáculos,
Chamou seu cavalo castanho do pasto,
Pôs os arreios no cavalo,
Atrelou o veloz ao trenó de neve,

Saltou para o banco transversal mais alto,
Estalou o chicote sobre o cavalo,
E o cavalo partiu veloz,
O trenó avançou pelo caminho,
E a planície dourada ecoou;

329-333 Viaja um dia, depois um segundo,
Viaja todo o dia seguinte rumo ao norte,
Até que, ao cair da noite do terceiro dia,
Chega a uma triste aldeia do Norte,
Nas desoladas praias da Lapônia.

334-338 Ali o herói Lemminkäinen
Seguiu pela estrada mais baixa,
Pelas ruas junto à fronteira,
Até o pátio de um povoado,
E perguntou a alguém que estava à porta:

339-342 "Há alguém nesta casa
Que possa soltar o peitoral do meu cavalo,
Que possa erguer sua pesada coleira,
Que possa baixar corretamente estas varas?"

343-348 No chão brincava um bebê,
E a criança respondeu:
"Não há ninguém nesta casa
Que possa soltar o peitoral do teu cavalo,
Que possa erguer sua pesada coleira,
Que possa baixar corretamente as varas."

349-355 Lemminkäinen, sem desanimar,
Faz seu cavalo disparar a galope,
Avança veloz pela aldeia,
Pelo meio das estradas,
Até o pátio no centro,
Pergunta a alguém que está no limiar,
Apoiado nos batentes da porta do alpendre:

356-359 "Mora alguém aqui
Que possa soltar o freio do meu cavalo,
Que possa soltar as correias de couro do peito,
Que possa cuidar do meu cavalo real?"

360-365 Um feiticeiro falou junto à lareira,
A bruxa respondeu do banco:
"Há alguém nesta casa
Que pode soltar o freio do teu cavalo,
Que pode soltar seu pesado peitoral,
Que pode cuidar do teu cavalo real.

366-377 Há aqui mil heróis
Que podem te fazer voltar depressa para casa,
Que podem te dar cavalos velozes,
Que podem te perseguir até tua terra,
Imprudente patife e mago,
Até tua casa e teus companheiros cantores,
Até as terras altas de teu pai,
Até a cabana de tua mãe,
Até a bancada de trabalho de teu irmão,

Até a leiteria de tua irmã,
Antes que a estrela da tarde apareça,
Antes que o sol se retire para dormir.”

378-381 Lemminkäinen, sem muito medo,
Responde ao feiticeiro:
“Eu deveria te matar por tua insolência,
Para calar tua tagarelice.”

382-385 Então açoitou seu fogoso cavalo,
E o cavalo disparou veloz,
Pela estrada de cima,
Até o pátio no alto.

386-394 Quando o imprudente Lemminkäinen
Chegou ao pátio de cima,
Pronunciou estas palavras:
“Ó Hisi, enche este cão de guarda,
Lempo, enche-lhe a garganta e as narinas,
Fecha a boca deste latidor selvagem,
Contém bem o cão feroz,
Para que o vigia fique em silêncio
Enquanto o herói passa por ele.”

395-401 Então entrou no pátio,
Com o chicote bateu no chão,
Do chão subiu uma névoa,
Na névoa apareceu um anão,

Que desatrelou o cavalo real,
Tirou-lhe os arreios das costas,
E cuidou do cavalo cansado.

402-405 Então o herói Lemminkäinen
Avançou com cuidado e escutou.
Ninguém viu o estranho mago,
Ninguém ouviu seus passos cautelosos;

406-409 Ouviu cantos dentro da casa,
Ouviu vozes pelas frestas tapadas de musgo,
Ouviu-os cantando através das paredes,
E gargalhadas estrondosas pelas portas.

410-418 Então espiou os salões do pátio,
Espreitando furtivamente pelos corredores,
Encontrou os salões cheios de cantores,
Jogadores sentados junto às paredes,
Os sábios rondando perto das portas,
Homens habilidosos nos bancos,
Feiticeiros perversos perto das fogueiras;
Todos cantavam canções da Lapônia,
Canções do malvado Hisi.

419-423 Então o menestrel Lemminkäinen
Muda a forma e a estatura,
Passa pelas portas interiores,
Entra no amplo salão do pátio,
E o herói diz estas palavras:

424-427 "É bom que o canto termine logo,
É boa a canção que logo se encerra;
É muito melhor guardar tua sabedoria
Do que cantá-la no telhado."

428-431 A dona de Pohyola aparece,
Vem correndo depressa pela porta,
Vai até o centro do salão
E assim se dirige ao estranho:

432-435 "Antigamente um cão ficava de guarda,
Um vira-lata de cor de ferro,
Que gostava de carne e devorava ossos,
E adorava lamber o sangue dos estranhos.

436-441 Quem és tu entre os heróis,
Quem és entre todos os heróis,
Para estares nos meus salões,
Para vires à minha casa,
Sem seres visto do lado de fora dos meus portões,
Sem seres farejado pelos meus cães de guarda?"

442-448 Disse o imprudente Lemminkäinen:
"Não penses que vim para cá
Sem juízo nem sabedoria,
Sem arte nem poder,
Sem o saber herdado dos antepassados,
Sem a prudência dos pais,
Para que teus cães de guarda me devorem.

449-457 “Minha mãe dedicada me lavou
Quando eu era um bebê frágil e delicado,
Três vezes nas noites de verão,
Nove vezes nas noites de outono,
Para que, em minhas viagens rumo ao norte,
Eu pudesse cantar a antiga sabedoria
E assim me proteger do perigo;
Em casa, canto com tanta sabedoria
Quanto os menestréis de tua aldeia.”

458-465 Então o cantor Lemminkäinen,
Antigo herói, Kaukomieli,
Começou logo seus encantamentos,
Cantou de imediato as canções de feitiçaria,
Do manto de pele saltaram relâmpagos,
Chamas saíram de seus olhos,
Graças à magia de seu canto,
Ao seu encantamento maravilhoso.

466-471 O melhor dos cantores cantou
Para os piores menestréis,
Encheu-lhes a boca de poeira e cinzas,
Empilhou rochas sobre seus ombros,
Calou as melhores bruxas da Lapônia,
Calou os feiticeiros e magos.

472-482 Então expulsou todos os heróis deles,
Expulsou todos os seus menestréis mais orgulhosos,
Um para cá, outro para lá,

Para as terras baixas de pouca vegetação,
Para as terras altas improdutivas,
Para os oceanos sem peixes brancos,
Para as quedas-d'água de Rutya,
Para o redemoinho quente e flamejante,
Para as águas cobertas de espuma do mar,
Para o fogo e as águas ferventes,
Para o tormento eterno.

483-487 Então o herói Lemminkäinen
Enfeitiçou os inimigos com suas espadas largas,
Enfeitiçou os heróis com suas armas,
Enfeitiçou os mais velhos e os mais jovens,
Enfeitiçou os de meia-idade;

488-491 Só deixou um com os sentidos intactos:
Um pobre pastor indefeso,
Velho, cego, manco e miserável,
Cujo nome era Nasshut.

492-495 Disse o pastor miserável:
"Enfeitiçaste velhos e jovens,
Expulsaste todos os nossos heróis;
Por que poupaste este pastor miserável?"

496-500 Esta é a resposta de Lemminkäinen:
"Por isso não te enfeiticei:
És velho, cego e miserável,

De pensamento fraco e inofensivo,
Agora és repugnante, mesmo sem minha magia.

501-509 Na época em que ainda vivias melhor,
Quando eras um pastor cheio de maldade,
Arruinaste todas as frutas de tua mãe,
Fizeste tua irmã também perder a honra,
Arruinaste todo o gado de teu irmão,
Conduziste os cavalos de teu pai à morte,
Pelos pântanos e pelos prados,
Pelas terras baixas e pelas montanhas,
Sem dar ouvidos aos conselhos de tua mãe."

510-518 Então o miserável Nasshut,
Enraivecido, jurou vingança;
Logo, mancando pela porta,
Saiu com dificuldade do pátio,
Atravessou prados e pastagens,
Foi ao rio da terra da morte,
Ao riacho sagrado e ao redemoinho,
Ao reino de Tuoni,
Às ilhas de Manala;

519-525 Ali esperou por Kaukomieli,
Esperou muito por Lemminkäinen,
Pensando que ele teria de atravessar o rio
Em sua viagem de volta para casa,

Pelo caminho até as ilhas,
Vindo das praias de cima de Pohya,
Vindo da sombria Sariola.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XIII

✦

1-6 Disse o antigo Lemminkäinen
À dona de Pohjola:
"Dá-me tua bela filha,
Traz-me agora tua graciosa donzela,
Traz a melhor das virgens da Lapônia,
A mais bela virgem do Norte."

7-15 Louhi, dona de Pohjola,
Respondeu assim ao selvagem feiticeiro:
"Nunca darei minha filha,
Nunca darei minha mais bela donzela,
Nem a melhor, nem a pior,
Nem a maior, nem a menor;
Tu já tens uma companheira,
Já levaste daqui uma dona,
Raptaste a bela Kyllikki."

16-19 Esta foi a resposta de Lemminkäinen:
"Levei Kyllikki para minha casa,
Para minha cabana na ilha,
Para minhas portas e meus parentes;

20-23 Agora quero uma dona melhor,
Traz logo tua mais bela filha,
A mais digna de todas as tuas virgens,

A mais bela donzela de cabelos negros.”

24-27 Disse a dona de Pohjola:
“Nunca darei minha filha
A um herói falso e sem valor,
A um menestrel vaidoso e malvado;

28-31 Por isso, conquista minha donzela,
Por isso, corteja a flor de rosto doce,
Quando me trouxeres o alce selvagem
Dos campos e florestas de Hisi.”

32-36 Então o astuto Lemminkäinen
Afiou com destreza suas lanças,
Fez depressa a corda de couro do arco,
Preparou o arco e as flechas,
E falou consigo mesmo:

37-41 “Agora minhas lanças estão prontas,
Todas as minhas flechas também,
E minha besta de carvalho está armada,
Mas meus esquis ainda não foram feitos;
Quem fará esquis à altura?”

42-45 Lemminkäinen, sério e pensativo,
Refletiu por muito tempo, ponderou bem,
Onde os esquis poderiam ser feitos,
Quem seria o artesão capaz de fazê-los;

46-56 Apressou-se até a oficina de Kauppi,
À oficina de Lylikki,
E assim falou ao fabricante de esquis:
"Ó habilidoso homem de Woya,
Kauppi, o melhor ferreiro da Lapônia,
Faz depressa dois esquis à altura,
Alisa-os bem e deixa-os resistentes,
Para que eu possa capturar o alce selvagem
Que vagueia em Tapio, pelas florestas de Hisi,
E levá-lo a Louhi,
Como dote por sua filha."

57-62 Então Lylikki assim respondeu,
E Kauppi deu esta resposta pronta:
"Lemminkäinen, menestrel imprudente,
Vais caçar o alce em vão,
Só encontrarás dor e tormento
Nos pântanos e nas florestas de Hisi."

63-69 Sem dar muita atenção, Lemminkäinen
Disse estes versos a Lylikki:
"Faz para mim esquis à altura,
Trabalha depressa e deixa-os prontos;
Vou capturar o alce azul
Onde ele pasta em Tapio,
Nos bosques e campos nevados de Hisi."

70-77 Então Lylikki, fabricante de esquis,
O antigo Kauppi, mestre artesão,
Talhou os esquis no outono,
Alisou-os nas noites de inverno,
Um dia trabalhou nas lâminas,
No dia seguinte fez os anéis das varas,
Até que enfim os esquis ficaram prontos,
E o trabalho ficou perfeito.

78-82 Então prendeu bem as correias dos esquis,
A madeira lisa como pele de víbora,
Os anéis das varas macios como pele de raposa;
Untou bem seus esquis maravilhosos
Com gordura de rena;

83-88 Enquanto falava consigo mesmo,
Estas foram as palavras de Lylikki:
"Há algum jovem na Lapônia,
Alguém desta geração,
Que consiga andar com estes esquis,
E mover as pernas com destreza?"

89-94 Disse o imprudente Lemminkäinen,
Cheio de esperança, vida e vigor:
"Com certeza há alguém na Lapônia,
Nesta geração que está surgindo,
Que consegue andar com estes esquis,
E manejar bem os dois lados."

95-98 Prendeu a aljava às costas,
Pôs o arco sobre o ombro,
Segurou o bastão de neve com as duas mãos,
E falou estas palavras:

99-107 "Não há nada nas florestas,
Nada no mundo de Ukko,
Nada debaixo dos céus,
Nas terras altas nem nas baixas,
Nada que corra pelos campos nevados,
Nem um cervo veloz da floresta,
Que não possa ser alcançado
Com os esquis de Lylikki,
Com as passadas de Lemminkäinen."

108-121 O perverso Hisi ouviu estes versos,
Juutas escutou seus ecos;
Logo Hisi chamou o alce selvagem,
Juutas logo moldou uma rena,
E a cabeça foi feita de madeira podre,
Os chifres, de galhos nus de salgueiro,
Os pés foram feitos de juncos,
E as pernas, de caniços aquáticos,
As veias, de capim seco,
Os olhos, de margaridas dos prados,
As orelhas, de flores aquáticas,

A pele, de casca de abeto amarelada,
Os músculos, de madeira cheia de seiva,
Bela e veloz, a rena mágica.

122-132 Assim Juutas instrui o alce selvagem,
Estas são as palavras do perverso Hisi:
"Foge, alce de Juutas,
Foge, rena de Hisi,
Corre veloz como o vento
Para as moradas nevadas do caçador,
Para as cristas das montanhas,
Para as colinas nevadas da Lapônia,
Para que teu caçador fique exausto,
Teu perseguidor seja atormentado,
E Lemminkäinen fique sem forças."

133-141 Então a rena de Hisi,
O alce de Juutas com chifres ramificados,
Correu veloz por pântanos e florestas,
Pelas colinas e vales da Lapônia,
Pelos campos abertos e pelos pátios,
Pelas portas e portões dos alpendres,
Virando as tinas de água,
Derrubando as chaleiras do suporte do fogo,
E espalhando os pratos que cozinhavam.

142-147 Então se ergueu um tumulto terrível
Nos pátios de Pohyola,
Os cães da Lapônia começaram a latir,

As crianças da Lapônia gritaram de medo,
As mulheres da Lapônia riram alto,
E os heróis da Lapônia deram gritos.

148-155 Lemminkäinen seguiu veloz,
Seguiu depressa, cada vez mais depressa,
Apressou-se atrás do alce selvagem,
Por pântanos e florestas,
Por vastos campos nevados sem caminhos,
Por montanhas altas e íngremes,
Fogo saía das lâminas dos esquis,
Fumaça subia de seu bastão de neve:

156-170 Não conseguia ouvir o alce saltando,
Nem avistar o veloz fugitivo;
Deslizava por campos e florestas,
Deslizava por lagos e rios,
Por terras além do mar sereno,
Pelas planícies desertas de Hisi,
Pelas planícies de Kalma,
Pelo reino de Tuoni,
Até o fim do império de Kalma,
Onde as mandíbulas da Morte ficam abertas,
Onde pende a cabeça de Kalma,
Pronta para devorar o forasteiro,
Para devorar o selvagem Lemminkäinen;
Mas Tuoni não consegue alcançá-lo,
Kalma não consegue apanhá-lo.

171-175 Ainda há bosques distantes por explorar,
Ao longe, um canto da floresta
Permanece sem ser percorrido por Kaukomieli,
Nas vastas fronteiras do Norte,
No reino da sombria Lapônia.

176-186 Agora o herói, com seus esquis,
Apressa-se para os bosques distantes,
Para caçar ali o alce de Piru.
Ao se aproximar daquele canto da floresta,
Ouve um tumulto terrível,
Vindo das fronteiras distantes do Norte,
Dos campos sombrios da Lapônia.
Ouve os cães latindo,
Ouve as crianças gritando alto,
Ouve o riso das mulheres,
Ouve os gritos dos heróis.

187-190 Então o selvagem Lemminkäinen
Apressa-se com seus esquis
Para onde os cães estão latindo,
Para os bosques distantes da Lapônia.

191-197 Quando o imprudente Kaukomieli
Chegou àquele canto de Hisi,
Logo começou a perguntar:
“Por que as mulheres estão rindo?

Por que as crianças estão gritando?
Por que os heróis estão dando gritos?
Por que os cães de guarda estão latindo?”

198-201 Logo lhe deram esta resposta:
“Esta é a razão de todo esse tumulto:
Mulheres rindo, crianças gritando,
Heróis dando gritos, cães de guarda latindo:

202-209 O alce de Hisi veio correndo para cá,
A rena de Piru também veio,
Veio com cascos de prata,
Pelos campos abertos e pelos pátios,
Pelas portas e portões dos alpendres,
Virando as tinas de água,
Derrubando as chaleiras do suporte do fogo,
E espalhando os pratos que cozinhavam.”

210-217 Então o herói Lemminkäinen
Reuniu logo toda a sua coragem,
Impeliu para a frente seus poderosos esquis,
Rápidos como víboras na palha,
Derrubou arbustos nos pântanos,
Como serpentes velozes e ardentes,
Disse estas palavras mágicas,
Equilibrando-se com seu bastão de neve:

218-221 “Vem, força dos heróis da Lapônia,
Traz-me o alce de Juutas;
Vem, força das mulheres da Lapônia,
E prepara o caldeirão fervente;

222-225 Vem, força das crianças da Lapônia,
Juntai lenha e fogo;
Vem, força das chaleiras da Lapônia,
Ajudai a cozinhar o alce selvagem de Hisi.”

226-230 Então, com grande força e coragem,
Lemminkäinen avançou depressa,
Impulsionando-se para trás, lançando-se à frente;
Com uma longa passada de esqui,
O herói sumiu de vista;

231-234 Com a segunda passada, foi mais longe,
O caçador já estava fora de alcance da voz;
Com a terceira, o herói deslizou
Sobre os ombros do alce selvagem;

235-238 Pegou um bastão do mais firme carvalho,
Pegou tiras de casca de salgueiro,
Para amarrar o alce,
Prendê-lo ao seu trenó de carvalho.

239-244 Disse então ao alce:
“Fica aqui, alce de Juutas,
Salta por aí, meu corcel saltitante,

Brinca e pula no meu trenó,
Cativo dos campos de Piru,
Dos vales e montanhas de Hisi.”

245-251 Então acariciou o alce capturado,
Deu-lhe tapinhas na testa,
E tornou a falar em versos:
“Gostaria de ficar um pouco,
Gostaria de descansar por um momento
Na cabana da minha donzela,
Com minha virgem jovem e bela.”

252-257 Então o alce de Hisi ficou furioso,
Bateu os pés e sacudiu os chifres,
E disse estas palavras a Lemminkäinen:
“Lempo logo vai te pegar,
Se te sentares ao lado da donzela,
Se ficares perto da virgem.”

258-268 Então o alce selvagem bate os pés e dispara,
Arrebenta as amarras de salgueiro,
Quebra em pedaços o bastão de carvalho,
E vira o trenó do caçador,
Saltando depressa para longe de seu captor,
Corre livre com toda a força,
Por colinas e planícies,
Por pântanos e campos nevados,

Por montanhas cobertas de urze,
Fora do alcance dos olhos,
E dos ouvidos do herói.

269-272 Então o poderoso caçador,
Furioso e muito desanimado,
Começa de novo a perseguir o alce,
Deslizando atrás do corcel.

273-280 Com toda a força se lança à frente;
O esqui se quebra na altura do peito do pé,
As lâminas se partem em pedaços,
As lanças se quebram nas junções,
O bastão de neve se parte ao meio,
E o alce salta à sua frente,
Pelos bosques e campos nevados de Hisi,
Fora do alcance de Lemminkäinen.

281-284 Então o imprudente Kaukomieli
Olhou para os pedaços, de cabeça baixa e mal-humorado,
Um por um,
E disse palavras de antiga sabedoria:

285-289 "Caçadores do Norte, nunca, nunca
Desafiem as florestas,
Nos vales e montanhas de Hisi,
Para caçar o alce de Juutas,
Como este herói imprudente e sem juízo;

290-294 Destruí meus esquis mágicos,
Arruinei também meu útil bastão de neve,
E quebrei minhas lanças,
Enquanto o alce selvagem corre em segurança
Pelos campos e florestas de Hisi.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XIV

✦

1-12 Lemminkäinen, muito desanimado,
Pensou profundamente e refletiu por muito tempo,
O que fazer, que caminho seguir,
Se o melhor era deixar o alce selvagem
Nas fortalezas de Hisi,
E voltar a Kalevala,
Ou caçar o animal pela terceira vez,
Esperando assim capturá-lo,
E por fim voltar como vencedor
À morada na floresta de Louhi,
Para a alegria de todas as filhas dela,
Junto à feliz lareira da ninfa da floresta.

13-25 Criando coragem, Lemminkäinen
Disse estas palavras em súplica:
"Ukko, tu, Deus acima de mim,
Tu, Criador dos céus,
Ajusta bem minhas raquetes de neve,
E dá velocidade a ambas,
Para que eu possa viajar depressa
Por pântanos e campos nevados,
Por terras baixas e terras altas,
Pelos domínios do perverso Hisi,

Pelas distantes planícies da Lapônia,
Pelas trilhas do alce selvagem de Lempo,
Até as colinas da floresta de Juutas.

26-29 Irei aos campos nevados,
Deixarei os heróis nas florestas,
A caminho de Tapiola,
Para as moradas selvagens de Tapio.

30-36 "Saúdo as montanhas,
Saúdo os vales e as terras altas,
Saúdo vocês, cumes cobertos de florestas,
Saúdo vocês, abetos sempre verdes,
Saúdo vocês, bosques de álamos brancos,
Retribuam a saudação a quem os saúda,
Campos, rios e florestas da Lapônia.

37-44 Sejam favoráveis a mim, florestas das montanhas,
Desertos da Lapônia, sejam bondosos comigo,
Poderoso Tapio, sê generoso,
Deixa-me percorrer tuas florestas,
Deixa-me deslizar por teus rios,
Que este caçador procure em teus campos nevados,
Onde o alce selvagem anda em grandes manadas,
Onde a rena saltitante se demora.

45-54 "Nyrikki, herói das montanhas,
Filho de Tapio das florestas,
Herói de gorro vermelho,

Marca o caminho com entalhes,
Põe sinais rumo às montanhas,
Para que este caçador não se perca,
Não caia nem morra ao cair
Nos campos nevados do teu reino,
Enquanto caça o alce de Hisi,
Dote para a orgulhosa Terra do Norte.

55-60 "Mielikki, senhora das florestas,
Mãe da floresta, bela de rosto,
Deixa teu ouro correr em abundância,
Deixa tua prata seguir seu curso,
Para o herói que procura
O alce selvagem do teu reino;

61-66 Traz-me aqui tuas chaves de prata,
Do cinto de ouro que trazes;
Abre os ricos aposentos de Tapio,
Destranca a fortaleza da floresta,
Enquanto espero aqui pela caça,
Enquanto caço o alce de Lempo.

67-70 "Se esse serviço for humilde demais,
Dá ordens aos teus servos,
Manda logo tuas criadas,
E ordena ao teu povo.

71-76 Nunca parecerás uma boa anfitriã
Se não tiveres a teu serviço
Centenas de criadas prontas,
Milhares à espera das tuas ordens,
Para vigiar e cuidar dos teus rebanhos,
Para zelar pela caça dos teus domínios.

77-84 "Virgem alta e esbelta da floresta,
Filha querida de Tapio,
Sopra agora as notas doces da tua flauta,
Toca teu apito da floresta,
Para que tua senhora ouça,
Para que tua encantadora senhora da floresta
Ouça tua doce melodia,
E se levante do sono.

85-88 Se tua senhora não despertar
Ao som das notas da tua flauta,
Toca de novo, sem parar,
Faz a língua de ouro ecoar."

89-95 Lemminkäinen, ousado e indomável,
Ora com firmeza durante a jornada,
Invocando os deuses por socorro,
Apressa-se por campos e charnecas,
Avança por matas fechadas e cruéis,
Até a mina de carvão de Hisi,
Até os campos ardentes de Lempo;

96-101 Deslizou um dia, depois outro,
Deslizou durante todo o dia seguinte,
Até chegar à montanha da Grande Pedra,
Subiu ao seu cume rochoso,
Voltou o olhar para o noroeste,
Para os pântanos e charcos da Terra do Norte;

102-106 Ali surgiu a mansão de Tapio.
Todas as portas eram douradas,
Brilhavam ao sol
Por entre os arbustos das montanhas,
Nos distantes campos da Terra do Norte.

107-119 Lemminkäinen, cheio de ânimo,
Apressa-se desde onde estava
Pelas terras baixas e altas,
Por vastos campos nevados e vazios,
Sob abetos e álamos vestidos de neve,
Avança de coração alegre,
Logo chega aos pátios de Tapio,
Para do lado de fora, junto às janelas,
Espia furtivamente a mansão,
Vê lá dentro algumas mulheres bondosas,
Senhoras da floresta estendidas diante dele,
Todas com roupas muito simples,
Vestidas de linho sujo e esfarrapado.

120-123 Disse o forasteiro Lemminkäinen:
"Por que vocês, mães da floresta,
Estão sentadas com roupas tão velhas e simples,
Com o linho sujo e esfarrapado?

124-130 Vocês estão mesmo desleixadas,
Sua aparência está horrível
Com esses vestidos rasgados.
Quando eu vivia na floresta,
Havia então três castelos nas montanhas,
Um de chifre, outro de marfim,
E o terceiro construído de madeira;

131-135 Nas paredes havia janelas douradas,
Seis janelas em cada castelo,
Por elas eu via
Toda a gente da mansão de Tapio,
E sua bela e nobre anfitriã;

136-140 Via a linda filha do grande Tapio,
Via Tellervo em toda a sua beleza,
Com seu grupo de encantadoras criadas;
Todas vestidas de ouro,
Todas farfalhando em ouro e prata.

141-149 A soberana anfitriã da floresta,
Ainda anfitriã destas matas,
Trazia braceletes de ouro nos braços,
Anéis de ouro nos dedos,

Joias brilhantes nos cabelos,
Tiras de ouro na cabeça,
Brincos de ouro nas orelhas,
Um colar de pérolas no pescoço,
E tranças enfeitadas com fios de prata.

150-160 "Bela anfitriã da floresta,
Encantadora senhora de Metsola,
Joga fora teus feios sapatos de palha,
Desfaz-te dos sapatos de casca de bétula,
Tira teu linho sujo e esfarrapado,
Tira teu vestido de tecido gasto,
Veste as roupas festivas e brilhantes,
Veste o vestido de celebração,
Enquanto eu estiver em teus domínios,
Enquanto procuro minha caça na floresta,
Caço o alce do perverso Hisi.

161-169 Minha visita aqui será um incômodo,
Teu hóspede ficará mal-humorado,
Esperando em teus campos e florestas,
Caçando aqui o alce de Lempo,
Sem encontrar o animal de Hisi,
Se não me deres alegria,
Se eu não encontrar prazer nem descanso.
Longa é a noite sem alegria,
Longo é o dia sem recompensa!

170-183 “Deus das florestas de barba negra,
De chapéu e casaco de arminho,
Veste tuas árvores com as fibras mais finas,
Enfeita teus bosques com os tecidos mais ricos,
Dá prata brilhante aos abetos,
Cobre de ouro os esguios pinheiros balsâmicos,
Põe faixas de cobre nos pinheiros vermelhos,
E cintos de prata nos pinheiros,
Dá flores douradas às bétulas,
Enfeita seus troncos com filigranas de prata,
Essa era a roupa delas nos tempos antigos,
Quando os dias e as noites eram mais brilhantes,
Quando os abetos reluziam como o sol,
E as bétulas, como os raios da lua;

184-187 O mel perfumava toda a floresta,
Assentava nos vales e nas terras altas,
Havia especiarias nas bordas dos prados,
E óleo escorria pelas terras baixas.

188-192 “Filha da floresta, bela virgem,
Donzela de ouro, bela Tulikki,
Segunda entre as filhas de Tapio,
Traz a caça para estes domínios,
Para estes vastos campos nevados.

193-200 Se a rena estiver lenta demais,
Se o alce andar devagar demais,
Corta uma vara de bétula no matagal,

Toca os animais para cá, belos como são,
Toca o alce selvagem até minha armadilha,
Traz para cá a caça tão procurada
Ao caçador que está à espreita,
Esperando nas florestas de Hisi.

201-206 "Quando a caça vier para cá,
Mantém-na no caminho certo,
Estende tuas mãos mágicas diante dela,
Guarda bem os dois lados do caminho,
Para que o alce não te escape,
Nem dispare por alguma trilha lateral.

207-210 Se por acaso o alce se desviar
Por algum atalho da floresta,
Pega-o pelas orelhas e pelos chifres,
Traz para cá o orgulho de Lempo.

211-214 "Se o caminho estiver cheio de mato,
Joga o mato para a beira da estrada;
Se os galhos cruzarem o caminho dele,
Parte os galhos em pedaços;

215-218 Se uma cerca de abeto ou amieiro
Cruzar o caminho que o traz até aqui,
Abre uma passagem nela,
Abre nove cercas que bloqueiam o caminho;

219-226 Se riachos cruzarem o caminho,
Se rios bloquearem a passagem,
Faz uma ponte de seda,
Tecendo redes de cor escarlate,
Conduz o rebanho de cervos com cuidado,
Leva-os com cuidado por sobre as águas,
Por sobre os rios das tuas florestas,
Por sobre os riachos dos teus domínios.

227-236 "Tu, povo da mansão de Tapio,
Bondosa gente de Tapiola,
Deus das florestas de barba negra,
Senhor dourado das florestas da Terra do Norte,
E tu, digna anfitriã de Tapio,
Rainha dos bosques nevados, Mimerkki,
Velha senhora vestida de azul-celeste,
Rainha dos pântanos de fitas escarlates,
Venho trocar minha prata,
Trocar meu ouro e minha prata;

237-243 Tenho ouro tão antigo quanto o luar,
Prata tão antiga quanto a luz do sol,
Reunidos nos primeiros anos,
No calor e na dor da batalha;
Vão enferrujar em minhas bolsas,
Logo vão se gastar e desaparecer,
Se eu não os usar nas trocas."

244-251 Por muito tempo o caçador Lemminkäinen
Deslizou pelo pântano e pela floresta,
Cantou suas canções por todas as matas,
Cantou-as por três vales montanhosos,
Cantou com bondade para a anfitriã da floresta,
Cantou também com bondade para Tapio,
Com bondade para todas as virgens da floresta,
Para todas as belas filhas de Metsola.

252-255 Então põem em marcha os rebanhos de Lempo,
Tiram o alce selvagem de seu abrigo,
Nos domínios do perverso Hisi,
Na região mais alta das montanhas de Tapio;

256-259 Então conduzem o animal para casa,
Aos pátios abertos de Piru,
Ao herói que está esperando,
Caçando o alce de Juutas.

260-267 Quando o rebanho chegou ao castelo,
Lemminkäinen lançou o laço
Sobre os chifres do alce azulado,
Que se assentou no pescoço e nos ombros
Do poderoso alce de Hisi.
Então o caçador Kaukomieli
Acariciou com segurança o pescoço de sua presa,
Pois o alce estava bem preso.

268-275 Então o alegre Lemminkäinen,
Cheio de alegria, disse:
“Orgulho das florestas, rainha das matas,
Encantadora anfitriã de Metsola,
Bela senhora da floresta, Mielikki,
Mãe generosa das montanhas,
Recebe o ouro que prometi,
Vem buscar a prata;

276-281 Estende bem teu lenço diante de mim,
Estende aqui teu xale de seda,
Debaixo do tesouro de ouro,
Debaixo da prata brilhante,
Para que não caia no chão,
Espalhada sobre a neve do inverno.”

282-289 Então o herói voltou vitorioso
Às moradas de Pohyola,
E disse estas palavras a Louhi:
“Capturei o alce de Hisi,
Nos domínios de Metsola.
Dá-me tua filha, anfitriã,
Dá-me tua mais bela virgem,
Para ser minha noiva no futuro.”

290-297 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Respondeu ao pretendente:
“Darei minha filha a ti,
Minha mais bela donzela como esposa,

Quando colocares um freio
No cavalo flamejante de Hisi,
Mensageiro veloz de Lempo,
Nas planícies e pastagens de Hisi.”

298-302 Nada intimidado, Lemminkäinen
Apressou-se para cumprir
A segunda prova dos heróis imposta por Louhi,
Nas terras baixas cultivadas,
Nos campos e florestas sagrados.

303-312 Por toda parte procurou o corcel,
Procurou o garanhão que soltava fogo,
Com fogo saindo de suas narinas.
Lemminkäinen, caçador destemido,
Levava o freio no cinto,
E as rédeas e o cabresto nos ombros.
Procurou por um dia, depois outro,
E enfim, no terceiro dia,
Foi à montanha de Hisi,
Subiu e lutou para chegar ao cume;

313-319 Voltou o olhar para o leste,
Olhou para o nascer do sol,
E ali viu o cavalo flamejante,
Na charneca entre as árvores distantes.
O garanhão de Lempo soltava fogo,
Lançava fogo misturado com fumaça
Da boca, dos olhos e das narinas.

320-329 Disse o ousado Lemminkäinen,
Estas palavras em súplica:
"Ukko, tu, Deus acima de mim,
Tu que governas todas as nuvens de tempestade,
Abre a abóbada do céu,
Abre janelas no firmamento,
Deixa cair a chuva gelada,
Faz chover pedras de granizo pesadas
Sobre o cavalo flamejante de Hisi,
Sobre o garanhão que solta fogo."

330-339 Ukko, o bondoso Criador,
Ouviu a prece de Lemminkäinen,
Partiu a abóbada do céu,
Fendeu as alturas celestes,
Mandou cair granizo de ferro,
Menor que cabeças de cavalos,
Maior que cabeças de heróis,
Sobre o corcel flamejante de Lempo,
Sobre o garanhão que solta fogo,
Sobre o terror da Terra do Norte.

340-348 Lemminkäinen se aproximou,
Olhou atentamente para o corcel,
Então disse estas palavras:
"Cavalo admirável do poderoso Hisi,
Cavalo flamejante da montanha de Lempo,
Oferece tua boca de ouro,

Põe com cuidado tua cabeça de prata
Neste cabresto brilhante e dourado,
Neste freio adornado de prata.

349-358 Nunca te tratarei com dureza,
Nunca te farei correr depressa demais,
A caminho de Sariola,
Pelas longas trilhas,
Até a anfitriã de Pohyola,
Aos seus estábulos e pátios encantados.
Não te chicotearei durante a viagem;
Vou conduzir-te com cuidado,
Guiar-te com rédeas gentis,
Cobrir-te com mantas de seda.”

359-363 Então o corcel de juba em fogo de Juutas,
Cavalo flamejante do poderoso Hisi,
Pôs sua cabeça de prata brilhante
No cabresto dourado e reluzente,
No freio adornado de prata.

364-375 Assim o herói Lemminkäinen
Põe facilmente o freio no garanhão de Lempo,
Cavalo flamejante do perverso Piru;
Coloca o freio em sua boca de fogo,
O cabresto em sua cabeça de prata,
Monta o corcel que solta fogo,
Agita seu chicote de salgueiro,
Apressa-se em sua jornada,

Saltando por colinas e montanhas,
Disparando para o norte pelos vales,
Por sobre as colinas nevadas da Lapônia,
Até os pátios de Sariola.

376-383 Então o herói desmontou depressa,
Entrou no pátio de Louhi,
E disse à anfitriã da Terra do Norte:
"Pus o freio no cavalo de fogo de Lempo,
Capturei o corcel de Hisi,
Capturei o garanhão que solta fogo,
Nas planícies e pastagens de Piru,
E o trouxe montado até teus domínios;

384-388 Capturei o alce de Lempo,
Fiz o que me pediste;
Por favor, dá-me agora tua filha,
Dá-me tua mais bela donzela,
Para ser minha noiva para sempre."

389-399 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Respondeu ao pretendente:
"Só darei minha filha,
Minha mais bela virgem,
Para ser tua noiva para sempre,
Quando matares o cisne para mim
No rio de Tuoni,
Nadando no rio negro da morte,

Na corrente e no redemoinho sagrados;
Podes usar apenas uma besta,
E uma única flecha da tua aljava."

400-406 Então o imprudente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli,
Enfrentou a terceira prova do herói,
Partiu para caçar o cisne selvagem,
O gracioso nadador de pescoço comprido,
No rio negro como carvão de Tuoni,
Nas profundezas de Manala.

407-412 O caçador ousado partiu depressa,
Apressou-se, sem medo,
Até o rio de Tuoni,
Até a corrente e o redemoinho sagrados,
Com o arco no ombro,
Com a aljava e uma flecha.

413-420 Nasshut, pastor cego e aleijado,
Pastor miserável de Pohyola,
Estava junto ao rio da terra dos mortos,
Perto da corrente e do redemoinho sagrados,
Guardando as águas de Tuonela,
Esperando ali por Lemminkäinen,
À espera de Kaukomieli,
Esperando por muito tempo a chegada do herói.

421-427 Por fim, ouviu os passos
Do herói em sua jornada,
Ouviu o andar de Lemminkäinen,
Que se aproximava cada vez mais,
Do rio de Tuoni,
Da catarata da terra dos mortos,
Da corrente e do redemoinho sagrados.

428-432 Rápido, o miserável pastor Nasshut
Lança uma serpente do rio da morte,
Como uma flecha disparada de uma besta,
Ao coração de Lemminkäinen,
Atravessando as entranhas do herói.

433-440 Lemminkäinen, quase sem perceber,
Mal sabia que estava ferido,
Disse estas palavras enquanto morria:
"Ah! Minha conduta foi indigna,
Ah! Agi sem sabedoria,
Pois não dei ouvidos à minha mãe,
Não segui seu bom conselho,
Não aprendi suas palavras mágicas.

441-446 Ah, se eu tivesse aprendido três palavras com minha mãe:
Como viver e como sofrer,
Neste tempo de grande desgraça,
Como suportar as picadas das serpentes,
Os tormentos do junco das águas,
Vindos do rio de Tuonela!

447-451 “Mãe querida que me deste à luz,
Que me criaste desde a infância,
Descobre, eu te peço, onde estou,
Onde, ai de mim, teu filho jaz,
Onde sofre teu herói imprudente.

452-456 Vem, minha fiel mãe, eu te peço,
Vem depressa, preciso de ti,
Vem livrar-me do tormento,
Das garras da morte de Tuoni,
Da corrente e do redemoinho sagrados.”

457-464 O velho e miserável pastor da Terra do Norte,
Nasshut, o desprezado guardião
Dos rebanhos de Sariola,
Joga Lemminkäinen agonizante,
Joga o herói das ilhas,
No rio de Tuonela,
Na mais negra corrente da terra dos mortos,
No mais terrível dos redemoinhos fatais.

465-469 Lemminkäinen, ousado e indomável,
Cai indefeso nas águas,
Flutua pela corrente negra como carvão,
Pela catarata e pelas corredeiras,
Até as sepulturas de Tuonela.

470-480 Ali o filho ensanguentado da terra dos mortos,
O filho e herói de Tuoni,
Corta Lemminkäinen em pedaços,
Despedaça-o com seu poderoso machado,
Até que o fio afiado arranca faíscas
Das rochas dentro de sua morada.
Corta o herói em pedaços,
Em cinco partes desiguais,
Atira cada parte a Tuoni,
No reino mais profundo de Manala,
E, ao terminar, diz estas palavras:

481-486 "Nada por aí, Lemminkäinen selvagem,
Segue correnteza abaixo neste rio,
Caça para sempre nestas águas,
Com teu arco e tua flecha,
Atira no cisne deste reino,
Atira nas aves aquáticas que nos alegram!"

487-491 Assim o herói Lemminkäinen,
Assim o belo Kaukomieli,
O pretendente incansável, morre
No rio de Tuoni,
No reino dos mortos de Manala.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XV

✦

1-5 A mãe já idosa de Lemminkäinen
Anda aflita pelas ilhas,
Preocupada, pensa em seus aposentos
Qual será o destino de Lemminkäinen,
Por que seu filho demora tanto;

6-19 Pensa que algo ruim aconteceu
Ao seu herói em Pohjola.
Triste, de fato, é a angústia da mãe,
Enquanto espera em vão que ele volte,
Enquanto pergunta em vão
Por onde anda seu filho destemido,
Se pela montanha dos abetos,
Se pela distante charneca,
Ou pelas cristas do vasto mar,
Pelas enchentes e águas revoltas,
Junto aos exércitos em combate,
Em meio ao calor e ao estrondo da batalha,
Encharcado com o sangue de heróis valentes,
Sinal de uma guerra fatal.

20-23 Todo dia a esposa Kyllikki
Olha ao redor de seu quarto vazio,
Na casa de Lemminkäinen,
Na morada de Kaukomieli;

24-28 Olha à noite, olha de manhã,
Olha, talvez, para a escova de cabelo,
E vê, ai!, gotas de sangue escorrendo,
Escorrendo das cerdas douradas,
Gotas de sangue cor de escarlate.

29-37 Então a bela esposa, Kyllikki,
Disse estas palavras, em profunda angústia:
"Meu marido está morto ou ferido,
Ou, na melhor das hipóteses, cheio de aflição,
Talvez perdido nas florestas do Norte,
Em algum vale desconhecido pelos heróis,
Pois, ai!, o sangue escorre
Da escova de Lemminkäinen,
Gotas vermelhas pingam das cerdas."

38-42 Então a mãe aflita
Olha para a escova ensanguentada
E começa este lamento de angústia:
"Ai de mim, minha vida de triste destino,
Ai de mim, toda a alegria se foi!

43-50 Pois, ai!, meu filho e herói,
Herói valente das ilhas,
Filho da aflição e do infortúnio!
Um destino triste alcançou
Meu Lemminkäinen, de má sorte!

O sangue escorre de sua escova,
Goteja de suas cerdas douradas,
E as gotas são cor de escarlate.”

51-58 Depressa agarra a barra da roupa,
Joga sobre o braço seus longos mantos,
E parte veloz em sua jornada;
Com todas as forças, apressa-se para o Norte,
As montanhas tremem sob seus passos,
Os vales se elevam e os picos se rebaixam,
As terras altas logo ficam como baixadas,
E todas as colinas e vales se nivelam.

59-64 Logo chega à aldeia do Norte,
Pergunta depressa por seu herói,
E estas palavras a mãe pronuncia:
“Ó anfitriã de Pohjola,
Onde está meu Lemminkäinen?
Conte-me de meu filho e herói!”

65-68 Louhi, anfitriã do Norte,
Dá esta resposta à mãe:
“Nada sei de teu herói,
Do herói das ilhas;

69-73 Não sei onde teu filho pode estar,
Não posso dar essa informação;
Uma vez dei um cavalo a teu filho,

Atrelei o corcel ao seu trenó,
Foi a última vez que vi Lemminkäinen;

74-77 Talvez tenha se afogado em Wuhne,
Congelado no oceano gelado,
Caído como presa de lobos famintos,
Ou perecido na toca de um urso."

78-81 A mãe de Lemminkäinen responde:
"Só estás dizendo mentiras,
Os lobos do Norte não podem nos devorar,
Nem os ursos matar Kaukomieli;

82-85 Ele pode matar os lobos de Pohya
Com os dedos da mão esquerda;
Aos ursos do Norte faria calar
Com a magia de seu canto."

86-91 "Anfitriã de Pohjola, diga-me
Para onde mandaste meu herói;
Vou arrombar teus muitos celeiros,
Vou destruir o mágico Sampo,
Se não me disseres a verdade
Onde encontrar meu Lemminkäinen."

92-99 Disse a anfitriã de Pohjola:
"Tratei bem teu herói,
Minha casa o recebeu bem,
Dei a ele meus alimentos mais raros,
Alimentei-o em minhas mesas fartas,

Coloquei-o num barco de cobre,
Para que flutuasse corrente abaixo,
Foi a última vez que vi Lemminkäinen;

Não sei por onde andou,
Se na espuma das águas,
Se na torrente fervente,
Se no redemoinho que afoga."

A mãe de Lemminkäinen responde:
"Mais uma vez estás mentindo;
Agora, por favor, diga-me a verdade,
Põe fim a esse engano.
Onde está agora meu Lemminkäinen,
Para onde mandaste meu herói,
Jovem e destemido filho de Kalew?

Se me enganares uma terceira vez,
Mandarei sobre ti pragas sem conta,
Mandarei uma destruição terrível,
E a morte certa te alcançará."

Disse a anfitriã de Pohyola:
"Esta é a terceira vez que respondo,
E esta é a verdade que vou te contar:
Mandei o herói de Kalew
Aos campos e florestas de Hisi,
Para caçar o alce de Lempo;

121-124 Depois o mandei capturar o cavalo de fogo,
Capturar o garanhão que solta fogo,
Nas distantes planícies de Juutas,
No reino do cruel Hisi.

125-129 Então o mandei ao rio da Morte,
No reino de Tuoni,
Com seu arco e uma única flecha,
Para atirar no cisne como dote
Para minha filha mais bela e querida;

130-136 Não ouvi falar de teu herói
Desde que partiu para Tuonela;
Talvez tenha caído em desgraça,
Talvez tenha perecido em Manala;
Não veio pedir minha filha,
Não veio cortejar a donzela,
Desde que partiu para caçar o cisne da morte."

137-149 Agora a mãe procura o filho perdido,
Chora e treme por seu filho,
Como lobo, salta pelos brejos,
Como urso, pelos matos da floresta,
Como javali, pelos pântanos,
Como lebre, pela orla do mar,
Até a ponta do mar, como ouriço,
Como pato selvagem, nada pelas águas,
Afasta os detritos de seu caminho,
Esmaga os arbustos que lhe barram a passagem,

Nada a detém em sua jornada;
Procura por muito tempo seu herói,
Procura e procura, mas não o encontra.

Agora pergunta às árvores,
E a floresta lhe responde:
"Já temos preocupações demais,
Não podemos pensar nos teus problemas;

Temos destinos cruéis para enfrentar,
Nossos próprios infortúnios são dolorosos!
Derrubam-nos e nos cortam em pedaços,
Transformam-nos em blocos para os caprichos dos heróis,
Queimam-nos até a morte como lenha,
Ninguém se importa com o quanto sofremos."

Agora a mãe volta a vagar,
Procura de novo seu herói há tanto perdido,
Procura e procura, mas não o encontra;
Vê a Lua em seu caminho,
E assim pergunta às estradas:

"Estradas de esperança feitas por Deus,
Vistes meu Lemminkäinen?
Meu filho, meu herói dourado,
Passou por teus muitos reinos?"

Tristes, as muitas estradas respondem:
"Já temos preocupações suficientes,
Não podemos vigiar teu filho e herói,

A vida das estradas é miserável,
E nossos próprios infortúnios são profundos;

Somos pisadas pelos veados,
Pelos lobos, ursos e corços,
E esmagadas pelas rodas pesadas dos carros,
Pelas patas dos cães,
Pelos pés dos heróis,
Somos caminhos para os exércitos em combate."

A mãe aflita procura de novo,
Procura seu filho e herói há tanto perdido,
Procura e procura, mas não o encontra;
Encontra a Lua em seu curso,
E lhe pergunta em tom suplicante:

"Lua dourada, que Deus colocou
Nos céus, companheira do Sol,
Viste meu Kaukomieli?
Viste minha maçã de prata
Em algum lugar de teus domínios?"

Assim responde a Lua dourada:
"Tenho preocupações suficientes,
Não posso vigiar teu herói destemido;
Longa é a jornada que devo percorrer,
Triste é o destino que me coube,
Dolorosos são meus próprios infortúnios,
Vagueio sozinha pelas noites,

Brilho sozinha, sem descanso,
No inverno, sempre de vigília,
No verão, afundo e pereço.”

200-203 A mãe continua buscando e vagando,
Procura, mas não encontra seu herói;
Vê o Sol no horizonte,
E assim lhe implora:

204-208 “Sol de prata, criado por Deus,
Tu que dás calor e conforto,
Viste meu herói recentemente?
Viste meu Lemminkäinen
Vagando por teus domínios?”

209-219 Assim o Sol responde com bondade:
“Teu herói certamente pereceu,
Vítima da ingratidão;
Lemminkäinen morreu e desapareceu
No rio fatal de Tuoni,
Nas águas de Manala,
Na corrente sagrada e no redemoinho,
Na catarata e nas corredeiras,
Afundou na corrente que afoga,
Até o reino de Tuonela,
Até as regiões inferiores de Manala.”

220-225 A mãe de Lemminkäinen, chorando,
Lamentando em profunda angústia,
Chora o destino de Kaukomieli,
Apressa-se para a forja do Norte,
Para a oficina de Ilmarinen,
E estas palavras a mãe pronuncia:

226-234 "Ilmarinen, artífice dos metais,
Tu que há muito forjaste,
Forjaste para a Terra uma abóbada côncava,
Ontem forjaste maravilhas;
Agora forja, ferreiro imortal,
Forja um ancinho com cabo de cobre,
Forja dentes do metal mais resistente,
Com dentes de cem braças de comprimento,
E um cabo de quinhentas braças."

235-236 Ilmarinen faz o que lhe pedem,
E fabrica o ancinho com perfeição.

237-240 A mãe aflita de Lemminkäinen
Pega o ancinho mágico e se apressa
Até o rio de Tuoni,
E ora assim ao Sol:

241-248 "Tu, ó Sol, criado por Deus,
Tu que brilhas sobre teu Criador,
Brilha para mim com calor mágico,
Dá-me calor, força e coragem,

Brilha pela terceira vez com todo o poder,
Faz dormir as pessoas perversas,
Silencia o povo de Manala,
Aquieta todo o império de Tuoni.”

249-261 Então o Sol de Ukko,
Querido filho do Criador,
Voando pelos bosques do Norte,
Pousado numa bétula curvada,
Brilha um pouco com ardor,
Brilha de novo, com mais intensidade,
Brilha pela terceira vez com todo o poder,
Faz dormir as pessoas perversas
Na casa e no reino de Manala,
Silencia os heróis com suas espadas largas,
Faz os lanceiros pararem e cambalearem,
Silencia os mais fortes dos lanceiros,
Aquieta o horrível império de Tuoni.

262-266 Agora o Sol se retira com magia,
Paira aqui e ali por um instante
Sobre os infelizes adormecidos de Tuoni,
Sobe depressa até seu lugar,
À sua casa e reino de Jumala.

267-273 A fiel mãe de Lemminkäinen
Pega o ancinho de metais mágicos,
Rastela o fundo do rio de Tuoni,
Rastela a catarata e o redemoinho,

Rastela a corrente rápida e fervente
Do córrego sagrado da terra dos mortos,
Na casa e no reino de Manala.

274-282 Procurando o herói há tanto perdido,
Rastela por muito tempo, sem encontrar nada;
Agora avança ainda mais pelo rio,
Com a água e a lama até a cintura,
Entra mais fundo, mais fundo, no rio da morte,
Rastela as cavernas mais profundas do rio,
Rastela rio acima e rio abaixo,
Até que enfim encontra a túnica dele,
E, com o coração pesado, encontra a jaqueta;

283-288 Rastela de novo, sem parar,
Encontra os sapatos e as meias do herói,
Muito aflita, encontra essas relíquias;
Agora avança ainda mais pelo rio,
Rastela os bancos de areia e as águas rasas de Manala,
Rastela o fundo em todas as direções;

289-294 Quando puxa o ancinho pela terceira vez
Das águas e das margens de Tuoni,
Encontra no ancinho o corpo
De seu Lemminkäinen há tanto perdido,
Preso entre os dentes de metal,
No ancinho de cabo de cobre.

295-298 Assim o imprudente Lemminkäinen,
Assim o filho de Kalevala,
Foi resgatado do fundo
Do lago e do rio de Manala.

299-302 Faltavam muitos pedaços,
Metade da cabeça, uma mão, um antebraço,
Muitas outras partes menores,
E, acima de tudo, faltava a vida.

303-306 Então a mãe, refletindo com cuidado,
Disse estas palavras em pranto amargo:
"Com minha magia, destes fragmentos,
Vou devolver a vida ao meu herói."

307-310 Ouvindo isso, o corvo respondeu,
E disse à mãe estes versos:
"Não há herói entre esses pedaços,
Não podes dar vida a esses restos;

311-316 As enguias devoraram seu corpo,
Os olhos foram comidos pelos peixes-brancos;
Joga o morto nas águas,
Nas correntes de Tuonela,
E deixa que se torne uma morsa,
Ou uma foca, uma baleia ou um golfinho."

317-325 A mãe de Lemminkäinen não
Joga o morto nas águas,
Nas correntes de Tuonela;

Mais uma vez, com esperança e coragem,
Rastela o rio no sentido do comprimento e de lado a lado,
Pelos poços e cavernas de Manala,
Rastela metade da cabeça e um antebraço,
Encontra uma mão e metade da espinha,
E muitas outras partes menores;

326-334 Molda o filho com todos os fragmentos,
Molda de novo seu Lemminkäinen,
Põe a carne em seu lugar com habilidade,
Coloca os ossos em suas posições,
Une um membro ao outro,
Junta as pontas dos vasos cortados,
Conta os fios de todas as vênulas,
Costura as partes que se encostam;
Então a mãe faz esta oração:

335-341 "Suonetar, donzela esguia,
Deusa das veias dos heróis,
Habilidosa fiandeira dos vasos,
Com teu fuso fino de prata,
Com tua roca de cobre,
Montada numa estrutura de prata derretida,
Vem até aqui, precisamos de ti;

342-346 Traz os instrumentos para o conserto,
Une as veias com firmeza,
Junta bem as vênulas nas extremidades,

Nas feridas que ainda estão abertas,
Nos membros que estão feridos.

347-351 "Se essa ajuda não for suficiente,
Vive no éter uma donzela,
Num barco enfeitado de prata,
Num barco de cobre,
Que pode vir te ajudar.

352-357 Vem, ó donzela, do éter,
Virgem da orla do céu,
Rema por estas veias, donzela,
Rema por todos estes membros sem vida,
Pelos canais dos ossos longos,
Rema por cada forma de tecido.

358-362 Põe os vasos em seus lugares,
Coloca o coração na posição certa,
Faz os pulsos baterem juntos,
Une as menores veias,
E junta os tendões com habilidade."

363-366 Toma agora uma agulha fina,
Com fio de seda no seu buraco,
Maneja com cuidado a agulha de prata,
Costura com cuidado os ferimentos.

367-378 "Se isso não for suficiente,
Tu, ó Deus, que sabes de todas as coisas,
Vem e dá-nos tua ajuda,

Atrela teu cavalo mais veloz,
Chama teu corcel mais forte,
Vem depressa em teu trenó escarlate,
Passa por todos os ossos e canais,
Passa por todos estes tecidos sem vida,
Faz teu corcel passar por cada veia,
Une firmemente a carne e os ossos,
Põe a prata mais fina nas juntas,
E o ouro mais puro em todas as fendas."

379-383 "Onde a pele estiver aberta,
Onde as veias estiverem rompidas,
Cura esses ferimentos com magia;
Onde o sangue tiver saído do corpo,
Faz correr sangue novo em abundância;

384-391 Onde os ossos estiverem rudemente quebrados,
Põe cada parte em seu devido lugar;
Onde a carne estiver machucada e solta,
Toca os ferimentos com bálsamo mágico,
Não deixes nenhuma parte imperfeita;
Osso, veia, nervo e tendão,
Coração, cérebro, glândula e vaso,
Cura como só Tu podes curar."

392-396 Esses são os meios que a mãe usa,
Assim ela reúne os membros sem vida,
Assim cura os tecidos quase mortos,

Assim devolve seu filho e herói
À vida e à aparência de antes;

397-401 Todas as veias se unem,
Todas as pontas ficam bem presas,
Todas as partes se ajustam,
A vida retorna, mas falta a fala,
Surdo, mudo, cego e sem sentidos.

402-410 Então a mãe diz o seguinte:
"Onde posso encontrar o bálsamo,
Onde as gotas de mel mágico,
Para ungir meu filho e herói,
E assim curar meu Lemminkäinen,
Para que sua boca se abra outra vez,
Para que volte a cantar,
A falar palavras maravilhosas,
A cantar seus encantamentos?

411-420 "Pequena abelha, passarinho do mel,
Senhor de todas as flores da floresta,
Voa para longe e recolhe mel,
Traz para mim a doçura da floresta,
Encontrada nos ricos jardins de Metsola,
E nos prados perfumados de Tapio,
Das pétalas das flores,
Das ervas e gramíneas em flor,
Para curar a aflição do meu herói,
Para curar seus ferimentos malignos."

421-428 Então o passarinho do mel
Voa depressa com suas asas,
Para os ricos jardins de Metsola,
Para os prados floridos de Tapio,
Recolhe a doçura dos prados,
E extrai o mel com a língua
Dos cálices de sete flores,
Do florescer de incontáveis gramíneas;

429-433 Volta depressa de Metsola,
Voando, zumbindo, seguindo adiante,
Com as asinhas carregadas de mel,
Com um estoque dos aromas mais doces,
E traz o bálsamo para a mãe.

434-439 A aflita mãe de Lemminkäinen
Toma o bálsamo de virtudes mágicas,
E unge o herói ferido,
Cura seus ferimentos e alivia sua dor;
Mas o bálsamo não é suficiente,
Pois seu filho continua surdo e sem fala.

440-447 Então a mãe torna a dizer:
“Abelhinha, meu passarinho do mel,
Voa para longe, numa direção,
Atravessa os sete mares,
Até uma ilha mágica no oitavo,

Onde o mel é encantado,
Aos distantes castelos de Turi,
Às câmaras de Palwoinen;

448-453 Lá o mel é eficaz,
Lá está o bálsamo milagroso,
Que pode curar o herói ferido;
Traz para mim um pouco desse unguento mágico,
Para que eu possa ungir suas pálpebras,
E restaurar seus sentidos feridos."

454-459 Então o passarinho do mel
Voa por sobre os sete mares,
Até a antiga ilha encantada;
Voa um dia, depois um segundo,
Sem pousar sobre a relva,
Sem descansar sobre as flores;

460-465 Voa velozmente por um terceiro dia,
Até que chega o entardecer desse dia
E ele alcança a ilha no oceano,
Os prados ricos em mel,
A cachoeira e o rio de fogo,
O riacho sagrado e o redemoinho.

466-471 Lá preparavam o mel,
Lá destilavam o bálsamo mágico
Em pequenos vasos de barro,

Em caldeirões de cobre polido,
Menores que o dedal de uma donzela,
Menores que as pontas dos dedos.

472-475 Fielmente, o inseto laborioso
Recolhe o mel encantado
Dos pequenos vasos mágicos de Turi
Nas câmaras de Palwoinen.

476-482 Mal se passara algum tempo,
A abelha chegou zumbindo alto,
Voando veloz, carregada de mel;
Trazia nos braços sete vasos,
Sete vasos em cada ombro;
Todos cheios de bálsamo de mel,
Do bálsamo de virtudes mágicas.

483-486 A incansável mãe de Lemminkäinen
Logo unge seu herói sem fala,
Com o bálsamo mágico de Turi,
Com o bálsamo de sete virtudes;

487-491 Nove vezes ela o unge
Com o mel de Palwoinen,
Com o bálsamo milagroso;
Mas o bálsamo não é suficiente,
Pois o herói continua sem fala.

492-500 Então a mãe torna a dizer:
"Abelhinha, passarinho do éter,
Voa pela terceira vez em tua jornada,
Voa até o alto de Jumala,
Voa ao sétimo céu,
Lá encontrarás mel em abundância,
Bálsamo da mais alta virtude,
Usado somente pelo Criador,
Feito apenas do sopro de Ukko."

501-504 Deus unge seus filhos fiéis
Com o mel de sua sabedoria,
Quando sentem as dores da tristeza,
Quando enfrentam as forças do mal.

505-508 Mergulha tuas asinhas nesse mel,
Embebe tua plumagem nessa doçura,
Traz para cá o bálsamo suficiente,
O bálsamo do grande Criador;

509-514 Ele aliviará a aflição do meu herói,
Curará seus tecidos feridos,
Restaurará a visão há muito perdida,
Fará ecoar as colinas da Terra do Norte
Com a magia de seu canto,
Com seus maravilhosos encantamentos."

515-519 Assim respondeu a abelha:
"Jamais poderei voar ao céu,
Ao sétimo dos céus,
À distante morada de Ukko,
Com estas asas de pouca força."

520-524 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
"Certamente podes voar ao céu,
Ao sétimo dos céus,
Por sobre a Lua, sob a luz do sol,
Através do brilho fraco e distante das estrelas.

525-529 No primeiro dia, voando para cima,
Chegarás perto da Lua no céu,
E abanará a testa de Kootamoinen;
No segundo, poderás descansar
Sobre os ombros de Otava;

530-536 No terceiro dia, voando mais alto,
Descansa sobre as sete estrelinhas,
Sobre as cabeças de Hetewanè;
Pouco te restará da jornada,
A distância será pequena
Até a morada do poderoso Ukko,
Até a casa dos abençoados."

537-552 Então a abelha se ergue,
Da terra voa veloz para o alto,
Avança com movimentos graciosos,

Levadas ao céu por suas pequenas asas,
Pelos caminhos dos raios dourados da Lua,
Toca as bordas luminosas da Lua,
A abana a testa de Kootamoinen,
Descansa sobre os ombros de Otava,
Corre até as sete estrelinhas,
Até as cabeças de Hetewanè,
Voa ao castelo do Criador,
À morada do generoso Ukko,
Encontra o remédio sendo preparado,
Encontra o bálsamo da vida sendo destilado,
Em caldeirões de tom prateado,
Em chaleiras do ouro mais puro;

553-559 De um lado, mel que consola o coração,
De outro, bálsamo de alegria,
E no terceiro, bálsamo que dá vida.
Ali, a abelha mágica escolhe,
Colhe o doce bálsamo que dá vida,
Recolhe também o mel que consola o coração,
E volta para casa bem carregada.

560-566 Mal se passara algum tempo,
A abelha laboriosa chegou zumbindo
Até a mãe aflita, que esperava,
Com cem pequenos vasos nos braços,

E outros mil recipientes,
Cheios de mel, cheios de bálsamo,
Cheios do bálsamo do Criador.

567-570 A mãe de Lemminkäinen, depressa,
Toma um pouco na língua e prova,
Encontra um bálsamo que basta.
Então a mãe diz o seguinte:

571-577 "Encontrei o bálsamo há tanto procurado,
Encontrei o remédio de Ukko,
Com que Deus unge seu povo,
Dá-lhe vida, fé e sabedoria,
Cura seus ferimentos e alivia sua dor,
Fortalece-o contra a tentação,
Protege-o dos malfeitores."

578-587 Agora a mãe o unge bem,
Cura seu filho, o cantor mágico,
Olhos, ouvidos, língua e têmporas,
Ungindo cortes, feridas e cicatrizes,
Tocando bem os centros vitais,
Diz estas palavras mágicas
A Lemminkäinen adormecido:
"Desperta, levanta do teu sono,
Da pior das condições,
Do teu estado de grande infortúnio!"

588-591 Logo desperta o filho e herói,
Ergue-se das profundezas do sono,
Volta a falar com palavras mágicas,
Estas são as primeiras palavras do cantor:

592-596 "Por muito tempo, de fato, dormi,
Por muito tempo sem saber que existia,
Mas meu sono foi cheio de doçura,
Doce foi o sono em Tuonela,
Sem conhecer alegria nem tristeza!"

597-604 Esta foi a resposta de sua mãe:
"Terias dormido ainda mais,
Se eu, tua mãe, não estivesse aqui;
Conta-me agora, filho amado,
Conta-me, para que eu possa ouvir,
Quem te atraiu até Manala,
Até o rio de Tuoni,
Até o riacho fatal e o redemoinho?"

605-610 Então o herói, Lemminkäinen,
Respondeu à sua mãe:
"Nasshut, o pastor decrépito
Dos rebanhos de Sariola,
Cego, manco, pobre e miserável,
A quem fiz um favor;

611-616 Do reino do sono da inveja,
Nasshut me mandou a Manala,
Ao rio de Tuoni;
Mandou uma serpente das águas,
Mandou uma víbora do riacho da morte,
Que atravessou o coração de Lemminkäinen;

617-620 Não reconheci a serpente,
Não sabia falar a língua das serpentes,
Não conhecia a picada das víboras."
A antiga mãe voltou a falar:

621-627 "Ó filho de pouca percepção,
Herói insensato, mago tolo,
Tu te gabavas de tua magia,
De enfeitiçar os sábios feiticeiros,
Nas lúgubres praias da Lapônia,
Pensavas em expulsar os heróis
Das fronteiras de Pohyola;

628-632 Não conhecias a picada das serpentes,
Não conhecias o junco das águas,
Nem a palavra mágica de proteção!
Aprende a origem das serpentes,
De onde vem o veneno da víbora.

633-643 "Nas águas nasceu a serpente,
Da medula do pato-cinzento,
Do cérebro das andorinhas-do-mar;

Suoyatar fez saliva,
E a lançou nas ondas do oceano,
As correntes a levaram para longe,
O sol brilhou suavemente sobre ela,
Os ventos a embalaram de leve,
Os ventos e as águas a nutriram,
As ondas a levaram até a praia,
E as vagas a lançaram em terra.

644-647 Assim a serpente, criatura maligna,
Que encheu o mundo de aflição,
Foi criada nas águas,
Nascida de Suoyatar, sua criadora."

648-652 Então a mãe do herói
Ninou o filho, trazendo-lhe conforto,
Ninou-o de volta ao que era antes,
À vida e ao espírito de antes,
E a poderes mágicos ainda maiores;

653-657 O herói das ilhas ficou
Mais sábio e mais belo que nunca;
Mas seu coração estava cheio de aflição,
E sua mãe, sempre atenta,
Perguntou a causa de seu abatimento.

658-663 Esta foi a resposta de Lemminkäinen:
"Esta é a causa de toda a minha tristeza;
Meu coração vagueia para longe,

Todos os meus pensamentos se voltam sempre
Para as donzelas em flor da Terra do Norte,
Para as moças de tranças longas.

664-669 Louhi, a feia anfitriã da Terra do Norte,
Não me dará sua filha,
A mais bela donzela de Pohyola,
Até que eu mate o cisne de Mana,
Com meu arco e uma só flecha,
No rio de Tuoni."

670-675 A mãe de Lemminkäinen responde,
No riacho sagrado e no redemoinho:
"Deixa o cisne nadar em segurança,
Deixa livre a ave aquática,
No rio de Manala,
No redemoinho de Tuoni;

676-680 Deixa a donzela na Terra do Norte,
Com seus encantos e sua beleza que se apaga;
Com tua mãe amorosa e fiel,
Vai agora mesmo para Kalevala,
Para teus campos e terras de pousio.

681-687 Louva tua sorte, que te bastou,
Louva, acima de tudo, teu Criador.
Ukko te ajudou quando precisaste,
Teu Criador te salvou

Do longo e desesperançado sono,
Nas águas de Tuoni,
Nas câmaras de Manala.

688-696 Eu, sozinha, não poderia te salvar,
Nem poderia te dar a menor ajuda;
Só Deus, Ukko onisciente,
O primeiro e o último dos criadores,
Pode reanimar os mortos e os moribundos,
Pode proteger seu povo digno
Das águas de Manala,
Do riacho fatal e do redemoinho,
No reino de Tuoni."

697-702 Lemminkäinen, cheio de sabedoria,
Com sua mãe amorosa e fiel,
Seguiu depressa viagem afora,
Para sua distante casa e seus parentes,
Aos campos e prados de Wainola,
Às planícies de Kalevala.

703-708 Aqui deixo meu Kaukomieli,
Deixo meu herói Lemminkäinen,
Por muito tempo deixo de cantá-lo,
Volto meu canto a outros heróis,
Envio-o por outros caminhos,
Canto outra lenda dourada.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XVI

✦

1-6 Wainamoinen, antigo menestrel,
O eterno cantor da sabedoria,
Preparava madeira para seu barco,
Trabalhava havia muito em sua embarcação,
Num promontório enevoado que avançava mar adentro,
Numa ilha coberta de florestas;

7-13 Mas faltou madeira ao mestre,
Faltavam vigas para sua embarcação,
Vigas e sarrafos, cavernas e assoalho.
Quem encontrará a madeira para ele,
Quem conseguirá a madeira necessária
Para o barco de Wainamoinen,
Para o fundo de sua embarcação?

14-19 Pellerwoinen das pradarias,
Sampsa, esguio e ancião,
Irá buscar a madeira necessária,
Conseguirá as vigas de carvalho
Para o barco de Wainamoinen,
Para o fundo de sua embarcação.

20-26 Parte depressa em sua jornada
Para os campos e florestas do leste,
Percorre as montanhas da Terra do Norte,

Vai até uma segunda montanha,
Corre à terceira, à procura,
Com um machado de ouro no ombro,
E um machado de cobre na mão.

27-32 Um álamo vem ao seu encontro,
Com sete braças de altura.
Sampsa pega seu machado de cobre,
Começa a derrubar o imponente álamo,
Mas o álamo logo o detém,
E diz estas palavras a Pellerwoinen:

33-40 "Dize-me, herói, o que desejas,
De que serviço precisas?"
Sampsa Pellerwoinen responde:
"É justamente este o serviço
Que te peço, ó álamo:
Preciso de tua madeira para uma embarcação,
Para o barco de Wainamoinen,
O mais sábio dos cantores da sabedoria."

41-44 O álamo responde depressa e com sabedoria,
Seus cem galhos assim respondem:
"Todos os barcos construídos
Com minha madeira acabaram fracassando;

45-51 Uma embarcação dessas flutua por um trecho,
Depois afunda no fundo
Das águas que deveria atravessar.

Meu tronco inteiro está cheio de ocos,
Três vezes, nas estações do verão,
Os vermes devoram meu caule e meus galhos,
Alimentam-se de meu cerne e de minhas fibras."

52-56 Pellerwoinen deixa o álamo,
Volta a percorrer toda a floresta,
Erra pelos bosques da Terra do Norte,
Onde um pinheiro vem ao seu encontro,
Com catorze braças de altura.

57-62 Com seu machado, golpeia o pinheiro,
Fere-o com seu machado de cobre,
Enquanto lhe faz esta pergunta:
"Teu tronco dará madeira de qualidade
Para o barco de Wainamoinen,
O mais sábio dos cantores da sabedoria?"

63-71 O pinheiro responde em voz alta:
"Todos os navios construídos
Com meu corpo não prestam;
Estou cheio de defeitos,
Não posso te dar a madeira necessária
Para construir tua embarcação;
Corvos vivem entre meus galhos,
Fazem ninhos e chocam seus filhotes,
Três vezes, no verão, dentro do meu tronco."

72-77 Sampsa deixa o alto pinheiro,
Segue adiante, adiante, adiante,
Para os bosques do alegre verão,
Onde um carvalho vem ao seu encontro,
Com três braças de circunferência,
E assim se dirige ao carvalho:

78-82 "Antigo carvalho, teu corpo
Dará madeira para construir uma embarcação,
Construir um barco para Wainamoinen,
O barco-mestre do mago,
O mais sábio dos cantores da sabedoria?"

83-87 Assim responde o carvalho a Sampsa:
"Com prazer te darei
Madeira para construir a embarcação do herói;
Sou alto, são e resistente,
Não tenho defeitos em meu corpo;

88-93 Três vezes, nos meses de verão,
Na estação mais quente,
O sol repousa no topo da minha copa,
O luar brilha sobre meu tronco,
O cuco canta entre meus galhos,
E seus filhotes dormem no meu topo."

94-97 Então o velho Pellerwoinen
Tira o machado do ombro,
Pega seu machado de cabo de cobre,

E golpeia o corpo do carvalho;

98-101 Conhece bem a arte de cortar.
Logo derruba a árvore majestosa,
Derruba o poderoso rei da floresta,
Com seu machado mágico e sua força.

102-107 Corta os galhos dos troncos,
Divide o tronco em muitos pedaços,
Prepara madeira para o fundo,
Inúmeras tábuas, cavernas e escoras,
Para a embarcação mágica do cantor,
Para o barco do mago.

108-113 Wainamoinen, velho e habilidoso,
O eterno fazedor de maravilhas,
Constrói sua embarcação com encantamento,
Constrói seu barco por meio da magia,
Com a madeira do carvalho,
Com seus postes, tábuas e assoalho.

114-118 Canta uma canção e une a estrutura;
Canta uma segunda e coloca o costado;
Canta uma terceira vez e instala os toletes;
Faz remos, cavernas e leme,
Une as laterais e as cavernas.

119-125 Quando as cavernas estavam bem presas,
Quando as laterais estavam bem unidas,
Então, ai! Faltavam três palavras,

Perdera as palavras da magia-mestra:
Como prender as bordas,
Como completar a popa,
Como terminar a proa do barco.

126-132 Então o velho Wainamoinen,
Sábio e maravilhoso encantador,
Falou, com o coração pesado:
"Ai de mim, minha vida de má sina!
Esta embarcação mágica nunca
Passará em segurança pelas águas,
Nunca vencerá as ondas bravias do mar."

133-138 Então pensou e ponderou por muito tempo,
Onde encontrar aquelas palavras mágicas,
Encontrar as palavras perdidas do Mestre:
"No cérebro de incontáveis andorinhas,
Na cabeça de cisnes moribundos,
Na plumagem do pato-cinzento?"

139-144 O herói procura essas palavras,
Mata muitos cisnes,
Mata um bando de patos-cinzentos cevados,
Mata incontáveis andorinhas,
Mas não encontra as palavras mágicas,
Nem as palavras perdidas do Mestre.

145-149 Wainamoinen, cantor da sabedoria,
Continuou refletindo e ponderando:
"Talvez eu encontre as palavras perdidas
Na língua da rena de verão,
Na boca do esquilo-branco."

150-156 Agora volta a caçar as palavras perdidas,
Apressa-se a encontrar os dizeres mágicos,
Mata uma incontável multidão de renas,
Mata esquilos às braçadas,
Encontra muitas palavras,
Mas são de pouco valor,
Não encontra a palavra mágica perdida.

157-160 Pensou por muito tempo e ponderou bem:
"Posso encontrar cem palavras
Nas moradas de Tuoni,
Nos campos e castelos de Manala."

161-164 Wainamoinen viaja depressa
Para o reino de Tuoni,
Para encontrar ali a sabedoria antiga,
Para aprender a doutrina secreta;

165-172 Apressa-se por brejos e florestas,
Por prados e pântanos,
Pelas matas que não param de crescer,
Viaja uma semana pelos espinheiros,
E outra pelos bosques de aveleiras,

Na terceira semana, pelos zimbros,
Até aparecerem as ilhas de Tuoni,
E os campos e castelos de Manala.

173-176 Wainamoinen, valente e ancião,
Chama em voz alta, com tom de trovão,
Às profundezas e masmorras de Tuonela,
E ao castelo mágico de Manala:

177-180 "Traga um barco, filha de Tuoni,
Traga uma balsa, ó donzela,
Que possa me levar por este canal,
Por este rio negro e fatal."

181-189 Logo a filha de Tuoni,
Mágica donzela de pequena estatura,
Pequenina virgem de Manala,
Pequenina lavadeira de roupas,
Pequenina que limpa vestidos,
À margem do rio de Tuoni,
Nos antigos castelos de Manala,
Diz estas palavras a Wainamoinen,
E assim responde ao seu chamado:

190-193 "Logo trarei o barco a remo,
Quando me disseres por que motivo
Vieste a Manala
Com o corpo são e ativo."

194-197 Wainamoinen, velho e astuto,
Dá esta resposta à donzela:
"Tuoni me trouxe para cá,
Mana me tirou do caixão."

198-207 A donzela de Manala diz:
"Essa é uma história de mentirosos miseráveis;
Se Tuoni te tivesse trazido para cá,
Se Mana te tivesse tirado do caixão,
Tuoni estaria contigo,
E Manalainen também te conduziria,
Com o chapéu de Tuoni sobre ti,
E nas mãos, as luvas de Mana;
Dize agora a verdade, Wainamoinen,
O que te trouxe a Manala?"

208-211 Wainamoinen, herói astuto,
Ainda disfarçando, dá esta resposta:
"O ferro me trouxe a Manala,
Ao reino de Tuoni."

212-220 A virgem da terra dos mortos diz,
A sábia e pequenina filha de Mana:
"Sei bem que isso é mentira;
Se o ferro te tivesse trazido para cá,
Se te tivesse levado ao reino de Tuoni,
O sangue escorreria de tua roupa,

E as gotas de sangue seriam escarlates.
Dize agora a verdade, Wainamoinen,
Esta é a terceira vez que te pergunto."

221-224 Wainamoinen, sem dar atenção,
Continua disfarçando diante da donzela:
"A água me trouxe a Manala,
Ao reino de Tuoni."

225-233 Esta é a resposta da pequenina donzela:
"Sei bem que estás mentindo;
Se as águas de Manala,
Se a cachoeira e o redemoinho,
Ou as ondas te tivessem trazido para cá,
As gotas escorreriam de tuas vestes,
E a água pingaria de toda a tua roupa.
Dize a verdade e te ajudarei,
O que te trouxe a Manala?"

234-237 Então o teimoso Wainamoinen
Contou esta mentira à donzela:
"O fogo me trouxe a Manala,
Ao reino de Tuoni."

238-243 A filha de Tuoni falou de novo:
"Conheço bem a voz da mentira.
Se o fogo te tivesse trazido para cá,

Se te tivesse levado ao império de Tuoni,
Teus cabelos e tuas sobrancelhas estariam chamuscados,
E tua barba, queimada e emaranhada."

244-247 Ó tolo Wainamoinen,
Se eu te levar de barco pela travessia,
Terás de responder com a verdade,
Esta é a última vez que vou te perguntar;

248-251 Acaba com teu engano.
O que te trouxe a Manala,
Ainda sem dor ou doença,
Ainda sem ser tocado pelos anjos sombrios da Morte?"

252-261 O velho Wainamoinen falou:
"Da primeira vez não falei a verdade,
Agora te darei a resposta certa:
Eu fazia um barco com sabedoria antiga,
Construído com meus poderes mágicos,
Cantei um dia e depois mais um,
Cantei até o anoitecer do terceiro dia,
Quando quebrei a mola mágica,
Quebrei em pedaços meu trenó mágico,
Os mais ligeiros corredores da minha canção;

262-265 Então vim ao reino de Mana,
Vim aqui para pedir um machado emprestado,
Para consertar meu trenó mágico,
E juntar as partes."

266-269 Manda logo o barco para cá,
Manda depressa o barco a remo de Tuoni,
Ajuda-me a cruzar este rio fatal,
A atravessar o canal de Manala."

270-276 A filha de Tuoni falou,
E assim respondeu a donzela de Mana:
"Tu és mesmo um tolo,
Sem previsão nem discernimento,
Sem juízo nem sabedoria,
Vieste para cá sem motivo,
Vieste ao império de Tuoni;

277-280 Muito melhor seria viajar
Para tua casa distante e tua família;
Muitos visitam Mana,
Poucos voltam do reino de Mana."

281-287 O bom e velho Wainamoinen falou:
"As mulheres velhas fogem do perigo,
Mas nenhum homem corajoso,
Nem o mais fraco dos heróis.
Traga teu barco, filha de Tuoni,
Pequenina donzela de Manala,
Venha me levar de barco pela travessia."

288-293 A filha de Mana faz o que lhe pedem,
Leva seu barco até Wainamoinen,
E o rema depressa pelo canal,

Por cima do rio negro e fatal,
Até o reino de Manala,
Onde diz estas palavras ao mago:

294-297 "Ai de ti! Ó Wainamoinen!
Tua magia é mesmo maravilhosa,
Pois vieste a Manala,
Sem estar morto nem moribundo."

298-304 Tuonetar, a anfitriã da terra dos mortos,
A antiga anfitriã de Tuoni,
Traz jarros cheios de cerveja forte,
Enche seus pesados cálices de ouro,
E diz estas palavras ao forasteiro:
"Beba, velho Wainamoinen,
Beba a cerveja do rei Tuoni!"

305-311 Wainamoinen, sábio e cauteloso,
Examina cuidadosamente a bebida,
Olha por muito tempo dentro dos jarros,
Vê a desova de rãs negras,
Vê os filhotes de serpentes venenosas,
Lagartos, vermes e víboras retorcidas,
E assim se dirige a Tuonetar:

312-318 "Não vim com essa intenção,
Não vim beber teus venenos,
Nem beber a cerveja de Tuonela;
Quem bebe as bebidas de Tuoni,

Quem sorve os cálices de Mana,
Atrai o Diabo e a destruição,
E acaba a vida na miséria e na ruína.”

319-326 Tuonetar dá esta resposta:
“Antigo menestrel, Wainamoinen,
Dize-me o que te trouxe para cá,
O que te trouxe ao reino de Mana,
Às cortes de Tuonela,
Antes que Tuoni mandasse seus anjos
À tua casa em Kalevala,
Para cortar o fio mágico da tua vida.”

327-333 O cantor Wainamoinen falou:
“Eu estava construindo uma embarcação,
Trabalhava no ofício e cantava,
Precisava de três palavras do Mestre:
Como prender as bordas,
Como completar a popa,
Como terminar a proa do barco.

334-338 Esse é o motivo da minha vinda
Ao império de Tuoni,
Aos castelos de Manala:
Vim aprender esses dizeres mágicos,
Aprender as palavras perdidas do Mestre.”

339-342 A anfitriã Tuonetar falou:
"Mana nunca revela esses dizeres,
Não podes aprendê-los com Tuoni,
Nem as palavras perdidas do Mestre;

343-347 Nunca deixarás este reino,
Nunca mais, durante tua vida mágica,
Irás a Kalevala,
Aos pacíficos prados de Wainola,
Nem à tua distante casa e terra."

348-354 Logo a anfitriã Tuonetar
Agita sua vara mágica do sono
Sobre a cabeça de Wainamoinen,
Adormece o herói da sabedoria,
Deita-o no leito de Mana,
Com as vestes dos heróis vivos,
E um sono profundo cai sobre ele.

355-364 Em Manala vivia uma mulher,
No reino de Tuoni,
Bruxa maligna e feiticeira desdentada,
Que fiava fios de ferro,
Moldava faixas de cobre,
Tecia uma centena de redes de pesca,
E mil redes de cobre,
Fiava nos dias de verão,
Tecia nas noites de inverno,
Sentada numa pedra dentro d'água.

365-372 No reino de Tuoni
Vivia um homem, um feiticeiro perverso,
O herói tinha três dedos,
Fiava malhas de ferro,
Também fazia redes de cobre,
Incontáveis eram suas redes de metal,
Moldadas numa pedra dentro d'água,
Ao longo dos muitos dias de verão.

373-385 O filho de Mana, de dedos tortos,
Dedos com pontas de ferro e cobre,
Puxa pelo menos mil redes
Pelo rio de Tuoni,
Estende-as no sentido do rio e de través,
No rio sombrio e fatal,
Para que o adormecido Wainamoinen,
Amigo e irmão das águas,
Não possa deixar a ilha de Mana,
Nunca, por todos os séculos,
Nunca deixe os castelos da terra dos mortos,
Nunca, enquanto o luar brilhar
Sobre o império de Tuoni.

386-392 Wainamoinen, sábio e cauteloso,
Ao se levantar de seu leito de sono,
Diz estas palavras ao despertar:
"Não estará alguma maldade sendo tramada?

Não estarei enfim em perigo,
Nos aposentos de Tuoni,
Na casa e morada de Manala?”

393-397 Logo muda a cor do rosto,
Muda também a forma e os traços,
Entra em outro corpo;
Como uma serpente enroscada,
Rola, tingido de negro, sobre as águas;

398-405 Como uma cobra entre os salgueiros,
Rasteja como um verme mágico,
Como uma víbora entre as ervas,
Pela corrente negra como carvão da terra dos mortos,
Por mil redes de cobre
Entrelaçadas com fios de ferro,
Para fora do reino de Tuoni,
Para fora dos castelos de Manala.

406-415 O filho de Mana, o feiticeiro perverso,
Com seus dedos de pontas de ferro,
Vai depressa, de manhã cedo,
Até suas mil redes de cobre,
Estendidas no rio de Tuoni,
E encontra nelas incontáveis
Peixes e serpentes do rio da morte;
Mas não encontra o velho Wainamoinen,
Wainamoinen, sábio e cauteloso,
Amigo e companheiro das águas.

416-420 Quando o herói fazedor de maravilhas
Escapou de Tuonela,
Falou assim, em súplica:
"Gratidão a ti, ó Ukko,
Por tua proteção!

421-427 Nunca permitas que outros heróis,
Nem mesmo o mais sábio dos teus heróis,
Transgridam as leis da natureza;
Nunca deixes outro cantor,
Enquanto viver em seu corpo,
Atravessar o rio de Tuoni,
Por amor às tuas criações.

428-432 Muitos heróis atravessam o canal,
Atravessam a corrente fatal de Mana,
Poucos voltam para contar a história,
Poucos voltam de Tuonela,
Das cortes e castelos de Manala."

433-437 Wainamoinen chama seu povo,
Nas planícies de Kalevala,
Diz estas palavras de sabedoria antiga
Aos rapazes e às donzelas,
À geração que está crescendo:

438-449 "Toda criança da Terra do Norte, escuta:
Se desejas alegria eterna,
Nunca desobedeças a teus pais,

Nunca maltrates quem não tem culpa,
Nunca prejudiques os que têm pouca razão,
Nunca faças mal a teu companheiro mais fraco,
Nunca manches os lábios com mentiras,
Nunca enganes o vizinho que confia em ti,
Nunca prejudiques teu companheiro,
Senão pagarás certamente por tuas faltas
No reino de Tuoni,
Na prisão de Manala;

450-461 Lá é o lar de todos os perversos,
Lá fica o leito dos indignos,
Lá ficam os aposentos dos culpados.
Sob a rocha de fogo de Manala
Estão seus leitos em chamas eternas,
Seus travesseiros são serpentes sibilantes,
Suas cobertas retorcidas, víboras verdes,
Sua bebida é o sangue das víboras,
Sua comida, as dores da fome,
E a dor e a agonia, seu consolo;
Se desejas alegria eterna,
Foge do reino de Tuoni!”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XVII

✦

1-4 Väinämöinen, velho e sincero,
Não aprendeu as palavras mágicas
Nas regiões sombrias de Tuoni,
No reino de Manala.

5-9 Então ficou muito tempo pensando,
Considerou bem, refletiu longamente,
Onde encontrar as palavras mágicas;
Quando um pastor veio ao seu encontro,
E assim falou a Väinämöinen:

10-13 "Podes encontrar cem palavras,
Encontrar mil ditos de sabedoria,
Na boca do sábio Wipunen,
No corpo do herói;

14-18 Conheço o caminho a pé até o lugar,
A estrada mágica até sua tumba,
Trilhada por uma multidão de heróis;
Longa será a viagem,
Sobre as pontas afiadas das agulhas;

19-22 Depois terás de percorrer um longo caminho
Sobre os gumes das espadas largas;
Em terceiro lugar, terás de seguir mais adiante
Sobre os gumes dos machados."

23-26 Väinämöinen, velho e confiante,
Considerou bem todas essas jornadas,
Foi à forja e à ferraria,
E assim falou ao ferreiro:

27-32 "Ilmarinen, digno ferreiro,
Faça para mim um sapato de ferro,
Forje luvas de cobre polido,
Molde um bastão do metal mais forte,
Ponha o aço por dentro,
Forje nele o poder da magia;

33-37 Vou partir em viagem
Para conseguir as palavras mágicas,
Encontrar as palavras perdidas do Mestre,
Na boca do feiticeiro,
Na língua do sábio Wipunen."

38-44 Disse o artesão, Ilmarinen:
"Há muito tempo morreu o sábio Wipunen,
Desapareceu há muitas eras,
Já não arma suas ciladas de cobre,
Nem prepara armadilhas de ferro,
Não podes aprender com ele a sabedoria,
Nem encontrar nele as palavras perdidas."

45-50 Väinämöinen, velho e esperançoso,
Sem dar ouvidos, sem se desanimar,
Com sapatos e armadura de metal,

Apressa-se em sua jornada,
Corre veloz no primeiro dia,
Sobre as pontas afiadas das agulhas;

51-54 Caminha cansado no segundo,
Sobre os gumes das espadas largas;
No terceiro dia, avança balançando,
Sobre os gumes dos machados.

55-64 O sábio Wipunen, cantor da sabedoria,
Bardo antigo e grande feiticeiro,
Jazia ali com suas canções mágicas,
Estendidas ao seu lado, suas palavras;
No ombro crescia um álamo,
Em cada têmpora, uma bétula,
No queixo poderoso, um amieiro,
Da barba cresciam salgueiros,
Da boca, o abeto verde-escuro,
E da testa, um carvalho.

65-73 Väinämöinen, chegando mais perto,
Puxa a espada e desembainha o machado
De sua bainha mágica de couro,
Derruba o álamo do ombro,
Derruba as bétulas das têmporas,
Derruba o amieiro do queixo,
Da barba, os salgueiros ramificados,
Da boca, o abeto verde-escuro,
Derruba o carvalho da testa.

74-80 Então enfia seu bastão de ferro
Na boca do sábio Wipunen,
Abre à força suas poderosas mandíbulas,
E pronuncia estas palavras de magia suprema:
“Levanta-te, mestre dos feiticeiros,
Do sono de Tuonela,
Do teu sono eterno!”

81-84 O sábio Wipunen, cantor antigo,
Desperta depressa do sono,
Sente com intensidade as dores do tormento,
Causadas pelo cruel bastão de ferro;

85-88 Morde o metal com força poderosa,
Parte ao meio o ferro mais macio,
Não consegue partir o aço,
E abre bem a boca, angustiado.

89-93 Väinämöinen de Väinölä,
Com sapatos e armadura de ferro,
Caminhando sem cuidado, tropeça de cabeça
Na espaçosa boca e garganta
Do bardo mágico Wipunen.

94-97 O sábio Wipunen, cheio de encantos cantados,
Abre bem a boca e engole
Väinämöinen e sua magia,
Sapatos, bastão e armadura de ferro.

98-103 Então o sábio Wipunen diz:
"Já comi muitas coisas,
Já jantei cabra, ovelha e rena,
Urso, boi, lobo e javali,
Mas, de que me lembro,
Nunca provei bocados mais saborosos!"

104-108 Disse o antigo Väinämöinen:
"Agora vejo os sinais do mal,
Vejo a desgraça pairando sobre mim,
Nas armadilhas sombrias de Hisi,
Nas catacumbas de Kalma."

109-115 Väinämöinen pensou longamente
Em como viver e prosperar,
Em como vencer essa situação.
Trazia um punhal no cinto,
Com cabo talhado em madeira de bétula;
Com o cabo, constrói uma embarcação,
Constrói um barco por meio da magia;

116-119 Nessa embarcação, rema veloz
Pelas entranhas do herói,
Rema por cada glândula e vaso
Do mais sábio dos feiticeiros.

120-125 O velho Wipunen, mestre cantor,
Mal sente a presença do herói,
E não dá atenção a Väinämöinen.

Então o artesão de Väinölä
Logo começa a forjar,
Põe-se a martelar os metais;

126-131 Faz uma forja com sua armadura,
Faz os foles com as mangas,
Faz a válvula de ar com seu casaco de pele,
Faz o bocal com suas meias,
Usa os joelhos como bigorna,
Faz um martelo com o antebraço;

132-137 Os foles rugem como o vento da tempestade,
A bigorna soa como o trovão;
Forja um dia, depois um segundo,
Forja até terminar o terceiro dia,
No corpo de Wipunen,
No ventre do feiticeiro.

138-141 O velho Wipunen, cheio de magia,
Fala estas palavras, espantado e desconfiado:
"Quem és tu, dos heróis antigos,
Quem és tu, dentre toda a multidão de heróis?

142-147 Já comi muitos heróis
E incontáveis homens,
Mas nunca comi alguém como tu;
Sai fumaça das minhas narinas,
Da minha boca jorra fogo,
Na minha garganta há pedaços de ferro.

148-151 “Vai embora, monstro, e segue teu caminho,
Foge daqui, praga do Norte,
Antes que eu vá procurar tua mãe,
Conta à velha senhora o que fizeste;

152-155 Ela terá de responder por tua má conduta,
Grande será o fardo que carregará;
Grande é a dor e a angústia de uma mãe
Quando seu filho se torna selvagem e desobediente;

156-159 Não consigo compreender o sentido,
Nem desvendar este mistério:
Por que vieste aqui, ó monstro,
Vieste aqui para me atormentar.

160-163 És Hisi enviado do céu,
Alguma calamidade de Ukko?
És, por acaso, uma nova criatura,
Enviada aqui para me fazer mal?

164-167 Se és algum espírito maligno,
Alguma calamidade de Ukko,
Enviado a mim pelo meu Criador,
Então me resigno a sofrer;

168-174 Deus não abandona os justos,
Não arruína os que confiam nele,
Os bons nunca são abandonados.
Se foste criado por um homem,

Se algum herói te mandou aqui,
Vou descobrir tua origem maligna,
E destruirei teu povo perverso.

175-190 "De lá veio a transgressão,
De lá veio a primeira destruição,
De lá vieram todas as maldades:
Da vizinhança dos feiticeiros,
Das casas dos magos,
Das cavernas dos espíritos perversos,
Dos esconderijos dos adivinhos,
Das cabanas das bruxas,
Dos castelos de Tuoni,
Do fundo de Manala,
Da terra inchada de inveja,
Dos domínios da Ingratidão,
Dos baixios rochosos e areias movediças,
Dos pântanos cheios de perigos,
Da agitação das cataratas,
Das cavernas de ursos nas montanhas,

191-206 Dos lobos nos matagais,
Do rugido dos pinheiros,
Das tocas das raposas,
Dos bosques das renas,
Das cavernas e armadilhas de Hisi,
Das batalhas dos gigantes,
Dos pastos sem cultivo,

Das ondas dos oceanos,
Das correntes de águas ferventes,
Das cachoeiras de Rutya,
Dos limites das nuvens de tempestade,
Dos caminhos dos trovões,
Dos clarões dos relâmpagos,
Das planícies distantes de Pohya,
Da corrente fatal e do redemoinho,
Do lugar de nascimento de Tuoni.

207-211 "Vens desses lugares?
Tu, maligno, te apressaste até aqui,
Ao coração de um herói sem pecado,
Para devorar meu corpo inocente,
Para destruir este cantor da sabedoria?

212-218 Vai embora, cão de Lempo,
Sai, monstro de Manala,
Foge do meu corpo imortal,
Deixa meu fígado, coisa maligna,
Para de forjar dentro do meu corpo,
Para de torturar minhas entranhas,
Deixa-me descansar em paz e dormir.

219-225 "Se eu não tiver meios eficazes,
Se me faltar o poder mágico
Para extirpar teu espírito maligno,
Chamarei um herói melhor,

Invocarei um poder maior,
Para afastar esta terrível desgraça,
Para aniquilar este monstro.

226-230 Chamarei a vontade das mulheres,
E os antigos heróis dos campos,
Heróis montados vindos das dunas,
Para me salvar do perigo,
Destas dores e tormentos sem fim.

231-240 "Se essa força não for suficiente,
Se não te expulsar do meu corpo,
Vem, floresta, com teus heróis,
Venham, zimbros e pinheiros,
Com vossos mensageiros poderosos,
Venham, montanhas, com vossas ninfas da floresta,
Venham, lagos, com todas as vossas sereias,
Venham, cem lanceiros do oceano,
Venham atormentar este filho de Hisi,
Venham matar este monstro maligno.

241-249 "Se este chamado não for suficiente,
Se não te expulsar das minhas entranhas,
Levanta-te, antiga mãe das águas,
Com teu gorro azul vindo do oceano,
Dos mares, lagos e rios,
Traz proteção ao teu herói,

Traz consolo e toda a ajuda,
Para que eu, inocente, não sofra,
Nem morra antes do tempo.

250-257 "Se desafiares esta invocação,
Kapè, filha da Criação,
Vem, bela donzela dourada,
A mais antiga da raça das mulheres,
Vem testemunhar minhas desgraças,
Vem afastar este mal,
Vem remover este tormento que me morde,
Leva embora esta praga de Piru.

258-267 "Se este chamado for ignorado,
Se não me deixares em paz, inocente,
Ukko, no arco do céu,
Nos domínios das nuvens de trovão,
Vem depressa, és necessário,
Vem proteger teu herói atormentado,
Afasta este demônio mágico,
Dissipa para sempre seu encantamento,
Com sua espada e fornalha em chamas,
Com seus foles que atiçam o fogo.

268-272 "Vai embora, demônio, e segue teu caminho,
Foge, praga dos heróis do Norte;
Nunca mais venhas buscar abrigo,
Nunca mais construas tua morada
No corpo de Wipunen;

273-288 Leva já tua morada
Para as terras do teu povo,
Para teus campos e lares distantes;
Quando terminares tua jornada,
Chegares às fronteiras do teu país,
Chegares aos campos do teu Criador,
Dá um sinal da tua chegada,
Ruge como os estrondos do trovão,
Brilha como o clarão do relâmpago,
Bate nos portões de fora,
Entra pelas janelas abertas,
Desliza por todos os aposentos,
Agarra o dono da casa e a dona,
Bate uma cabeça maligna contra a outra,
Torçe-lhes o pescoço e lança seus corpos
Aos cães negros da floresta.

289-295 "Se isso de pouco valer,
Paira como ave de rapina
Sobre a casa do senhor,
Assusta os cavalos nas manjedouras,
Espanta o gado dos cochos,
Torçe-lhes as caudas, os chifres e as crinas,
Lança suas carcaças a Lempo.

296-305 "Se algum flagelo os ventos me enviaram,
E me trouxeram no ar da primavera,
Ou me trouxeram as geadas do inverno,

Volta depressa de onde vieste,
Pelo caminho aéreo dos céus,
Sem pousar em algum álamo,
Sem descansar numa bétula;
Voa para as montanhas de cobre,
Para que os ventos de cobre te alimentem,
E as ondas do éter te protejam.

306-314 "Se vieste do alto de Jumala,
Das bordas de nuvens de neve esfarrapadas,
Sobe depressa para além das nuvens,
Volta depressa de onde vieste,
Para as nuvens de neve salpicadas de cristais,
Para as estrelas cintilantes do céu;
Ali teu fogo poderá arder para sempre,
Ali teus relâmpagos bifurcados poderão brilhar,
Na fornalha imperecível do Sol.

315-322 "Se foste enviado pelas enchentes da primavera,
Arrastado pelas torrentes do rio,
Volta depressa de onde vieste,
Apressa-te de volta para as águas,
Para as margens dos rios,
Para a antiga montanha das águas,
Para que as enchentes tornem a te embalar,
E tua mãe das águas te crie.

323-328 “Se vieste do reino de Kalma,
Dos castelos da terra dos mortos,
Volta depressa ao teu próprio país,
Aos salões e castelos de Kalma,
Aos campos inchados de inveja,
Onde exércitos rivais perecem.

329-332 “És das florestas de Hisi,
Dos desfiladeiros da floresta de Lempo,
Dos matagais do pinheiral,
Das moradas do vale dos abetos?

333-338 Refaz depressa teus passos malignos
Até a morada do teu senhor,
Até os matagais do teu povo;
Lá poderás morar à vontade,
Até que tua casa desabe sobre ti,
Até que tuas paredes apodreçam e desmoronem.

339-348 “Espírito maligno, eu te expulso,
Vai embora, monstro horrendo,
Para as cavernas do urso-branco,
Para o abismo profundo das serpentes,
Para os vales, pântanos e brejos,
Para as águas sempre silenciosas,
Para as fontes quentes das montanhas,
Para os mares mortos do Norte,
Para os lagos e rios sem vida,
Para a corrente sagrada e o redemoinho.

349-359 “Se não encontrares lugar para descansar,
Vou te expulsar ainda mais longe,
Para as fronteiras distantes do Norte,
Para a vasta extensão da Lapônia,
Para os desertos sempre sem vida,
Para as pradarias improdutivas,
Sem sol, sem lua, sem estrelas, sem vida,
No abismo escuro do Norte;
Este é um lugar que te convém,
Arma tuas tendas e festeja para sempre
Nas planícies mortas de Pohyola.

360-365 “Se não encontrares meios de viver,
Vou banir-te ainda mais longe,
Para a cachoeira de Rutya,
Para o redemoinho que expele fogo,
Onde os pinheiros estão sempre caindo,
Para as árvores tombadas da floresta;

366-370 Nada daqui em diante nas águas
Do redemoinho que expele fogo,
Gira sem parar na correnteza
Da agitação da cachoeira,
Em sua espuma e águas ferventes.

371-375 “Se este lugar não te servir,
Vou te empurrar ainda mais adiante,
Para o rio negro como carvão de Tuoni,

Para a corrente sem fim de Mana,
Onde ficarás para sempre;

376-385 Nunca poderás deixar Manala,
Se eu não libertar tua cabeça,
Se eu nunca pagar teu resgate;
Nunca poderás viajar em segurança
Entre nove carneiros irmãos que se encostam,
Entre nove touros irmãos que se opõem,
Entre nove garanhões irmãos que barram o caminho,
Não poderás cruzar de volta o Rio da Morte,
Cercado por uma densa rede de ferro,
Entrelaçada com fios de cobre.

386-389 "Se pedires cavalos para montar,
Se precisares de um corcel veloz,
Vou te dar bons corredores,
Vou te dar cavalos de sela;

390-393 O malvado Hisi tem um corcel,
Crina, cauda e topete carmesins,
Fogo sai de suas narinas,
Enquanto galopa por seus pastos;

394-398 Os cascos são do mais forte ferro,
As pernas são de aço e cobre,
Sobe depressa as montanhas mais altas,
Dispara como relâmpago pelos vales,
Quando um mestre habilidoso o monta.

399-405 “Se esse corcel não bastar,
Vou te dar as raquetes de neve de Lempo,
Dar-te os sapatos de olmo de Hisi,
Dar-te o bastão de Piru,
Para que com eles possas ir
Aos pátios e castelos de Hisi,
Aos bosques e campos de Juutas;

406-412 Se as rochas surgirem à tua frente,
Despedaça as rochas de sílex,
Arremessa os fragmentos aos céus;
Se os galhos cruzarem teu caminho,
Faz com que se desviem em saudação;
Se algum herói poderoso te chamar,
Arremessa-o de cabeça nos bosques.

413-417 “Vai-te daqui, coisa maligna,
Monstro abominável, sai do meu corpo,
Antes que rompa a manhã,
Antes que o Sol desperte do sono,
Antes que o cuco cante;

418-421 Vai-te, praga da Terra do Norte,
Segue o caminho dos raios da Lua,
Vai embora, vagueia para sempre,
Para os campos sombrios de Pohya.

422-426 “Se não me deixares agora,
Mandarei as garras da águia,
Mandarei os bicos dos abutres,
Para devorarem teu corpo maligno,
E lançarem teu esqueleto a Hisi.

427-430 O cruel Lempo foi muito mais rápido
Ao deixar minhas entranhas quando ordenei,
Quando invoquei o auxílio de Ukko,
Invoquei a ajuda do meu Criador.

431-435 Foge, intruso sem mãe,
Foge, demônio de Sariola,
Foge, cão sem dono,
Antes que o sol da manhã apareça,
Antes que a Lua se recolha para dormir!”

436-440 Wainamoinen, herói antigo,
Por fim fala ao velho Wipunen:
“Estou contente por ficar
Nestas cavernas antigas e espaçosas,
Agradável é aqui meu lar e morada;

441-444 Para meu alimento, tenho teus tecidos,
Tenho teu coração, baço e fígado,
Para beber, o sangue de eras,
Bom lar para Wainamoinen.

445-449 “Vou pôr minha forja e meu fole
Cada vez mais fundo em tuas entranhas;
Vou brandir meu pesado martelo,
Brandê-lo com mais força
Sobre teu coração, pulmões e fígado;

450-456 Nunca, nunca vou te deixar
Até aprender teus encantamentos,
Aprender teus muitos ditos sábios,
Aprender as palavras perdidas do Mestre;
Essas palavras nunca devem ficar ocultas,
A Terra nunca deve perder essa sabedoria,
Ainda que os cantores sábios pereçam.”

457-463 O velho Wipunen, sábio feiticeiro,
Antigo profeta, cheio de poder,
Abre por inteiro seu depósito de conhecimento,
Levanta as tampas de seus baús,
Cheios de antigos encantamentos,
Cheios de cantos dos tempos primordiais,
Cheios de antiga inteligência e sabedoria;

464-471 Canta as mais antigas canções populares,
Canta a origem da feitiçaria,
Canta a Terra e seu começo,
Canta a primeira de todas as criações,
Canta a origem do bem e do mal,

Que, ai!, os jovens já não cantam,
Cantadas apenas em parte pelos heróis
Nestes dias de pecado e tristeza.

472-480 Dias maus se abateram sobre nossa terra.
Canta as regras do encantamento.
Como, pela vontade de Ukko,
Por ordem do Criador,
O ar foi dividido pela primeira vez,
A água veio do éter,
A terra surgiu da água,
Da terra nasceu a vegetação,
Os peixes, as aves, os homens e os heróis.

481-486 O sábio Wipunen canta de novo
Como a Lua foi criada,
Como o Sol foi posto no céu,
De onde vêm as cores do arco-íris,
De onde vêm os pilares de cristal do éter,
Como os céus foram salpicados de estrelas.

487-490 Então o sábio Wipunen canta outra vez,
Canta em harmonias maravilhosas,
Canta em tons mágicos de sabedoria,
Nunca se ouviu canto assim;

491-496 Canta canções em número incontável,
Suas notas velozes como línguas de serpentes,
Todas as colinas distantes ecoam;

Canta um dia, depois um segundo,
Canta um terceiro, da aurora ao anoitecer,
Canta do anoitecer até a manhã;

497-504 Escutam todas as estrelas do céu,
E a Lua para e escuta.
As ondas caem no mar profundo,
Na baía as marés param de subir,
Os rios param de correr,
A cachoeira de Rutya para,
Até o Jordão deixa de correr,
E o Wuoksen para e escuta.

505-514 Quando o antigo Wainamoinen
Aprendeu bem os ditos mágicos,
Aprendeu os cantos e lendas antigos,
Aprendeu as palavras da sabedoria antiga,
Aprendeu as palavras perdidas do Mestre,
Aprendeu bem a doutrina secreta,
Preparou-se para deixar o corpo
Do bardo sábio, Wipunen,
Deixar o peito do mestre,
Deixar o maravilhoso feiticeiro.

515-522 O herói Wainamoinen disse:
"Ó, tu, Antero Wipunen,
Abre bem a boca e a garganta,
Encontrei as palavras mágicas perdidas,
Vou deixar-te agora para sempre,

Deixar-te e ao teu canto maravilhoso,
Voltarei a Kalevala,
Aos campos e lares de Wainola.”

523-529 Assim respondeu Wipunen:
“Muitas coisas já comi,
Comi urso, alce e rena,
Comi boi, lobo e javali,
Comi homens e comi heróis,
Nunca, nunca comi
Uma coisa como Wainamoinen;

530-533 Encontraste o que desejavas,
Encontraste as três palavras do Mestre;
Vai em paz e não voltes,
Leva minha bênção ao partir.”

534-538 Então o bardo Wipunen
Abre bem a boca, cada vez mais;
E o bom e velho Wainamoinen
Sai logo do sábio feiticeiro,
Sai do grande ventre de Wipunen;

539-544 Sai pela boca e segue viagem
Pelas colinas e vales da Terra do Norte,
Rápido como o cervo vermelho da floresta,
Rápido como a marta de peito amarelo,
Até os lares de Wainola,
Até as planícies de Kalevala.

545-553 Logo corre para a forja
De seu irmão, Ilmarinen,
E o artista do ferro o saúda:
"Encontraste a sabedoria há muito perdida?
Ouviste a doutrina secreta?
Aprendeste a magia do mestre,
Como prender as tábuas nas bordas,
Como completar a popa,
Como terminar a proa do barco?"

554-560 Wainamoinen respondeu:
"Aprendi cem palavras,
Aprendi mil encantamentos,
Ocultos por muitas eras,
Aprendi as palavras da sabedoria antiga,
Encontrei as chaves da doutrina secreta,
Encontrei as palavras perdidas do Mestre."

561-566 Wainamoinen, construtor mágico,
Vai logo até sua embarcação,
Ao lugar do trabalho mágico,
Prende depressa as tábuas nas bordas,
Une firmemente a popa
E completa a proa do barco.

567-573 Assim o antigo Wainamoinen
Construiu o barco só com magia,
E com magia lançou sua embarcação,
Sem tocá-la com a mão,

Sem movê-la com o pé,
Sem virá-la com o joelho,
Sem usar nada para impulsioná-la.

574-578 Assim foi concluída a terceira tarefa,
Para a anfitriã de Pohyola,
Dote para a Donzela Bela
Sentada no arco do céu,
No arco de muitas cores.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XVIII

✦

1-8 Väinämöinen, velho antigo,
Muito pensou, muito ponderou,
Como cortejar e conquistar a filha
Da dona de Pohjola,
Como levar a Bela Noiva,
A donzela fada do arco-íris,
Para os campos de Väinölä,
Desde a sombria Sariola.

9-12 Agora enfeita sua embarcação mágica,
Pinta o barco de azul e escarlate,
Reveste de ouro a proa do navio,
Enfeita a ponta com prata derretida;

13-18 Com seu canto, faz deslizar o navio mágico,
Sobre rolos de madeira de abeto;
Agora ergue os mastros de pinho,
Em cada mastro, velas de linho,
Velas azuis, brancas e escarlates,
Tecidas com o mais fino tecido.

19-24 Väinämöinen, o feiticeiro,
Sobe a bordo de seu navio maravilhoso,
Conduz a embarcação pelas águas,

Sobre o dorso azul do vasto mar,
Diz estas palavras enquanto navega para o norte,
Rumo à sombria Pohjola:

25-30 "Vem a bordo do meu navio, ó Ukko,
Vem comigo, Deus de misericórdia,
Para proteger teu antigo herói,
Para amparar teu servo fiel,
Sobre os peitos das ondas furiosas,
Nas águas que se estendem ao longe.

31-36 "Balançai, ó ventos, esta embarcação maravilhosa,
Sem provocar uma única ondulação;
Ondas rolantes, levai-me para o norte,
Para que eu não precise dos remos
Em minha viagem a Pohjola,
Por esta imensa extensão de águas."

37-48 A bela irmã de Ilmarinen,
A gentil e formosa donzela Annikki,
Filha da Noite e da Aurora,
Que desperta cedo a cada manhã,
Levanta-se muito antes do dia clarear,
Certa manhã estava à beira-mar,
Lavando suas roupas na espuma,
Enxaguando suas fitas de seda,
Na ponte de cor escarlate,

À margem da estrada,
Num promontório que avança mar adentro,
Na ilha coberta de floresta.

49-58 Ali Annikki olha ao redor,
Olha através da névoa e do ar,
Olha através das nuvens do céu,
Contempla ao longe o mar azul,
Vê o sol da manhã nascer,
Brilhando sobre as ondas,
Olha com os olhos de quem vê ao longe
Para o nascer do sol sobre as águas,
Para os cursos sinuosos da Finlândia,
Onde corriam as ondas do Vina.

59-62 Ali ela vê, no horizonte,
Algo escuro à luz do sol,
Algo azul sobre as ondas,
E diz estas palavras, tentando adivinhar:

63-69 "O que é aquilo sobre as ondas,
O que é aquilo de azul sobre as águas,
O que é aquilo escuro à luz do sol?
Talvez seja um bando de gansos selvagens,
Ou talvez um pato-azul voando;
Então abre as asas,
E voa para o céu mais alto.

70-73 “Será um cardume de trutas-do-mar,
Ou talvez um cardume de salmões?
Então mergulha até o fundo do mar,
E nada e brinca nas águas.

74-78 “Será um penhasco de granito,
Ou talvez um imenso carvalho,
Flutuando sobre as ondas revoltas do mar?
Que as águas te lavem e golpeiem,
E te quebrem em mil pedaços.”

79-82 Väinämöinen, navegando para o norte,
Conduz seu navio mágico e maravilhoso
Em direção ao promontório que avança mar adentro,
Em direção à ilha coberta de floresta.

83-87 Agora Annikki, a gentil donzela,
Vê que é a embarcação mágica
De um feiticeiro extraordinário,
De um grande bardo e herói,
E faz esta simples pergunta:

88-94 “Será o navio de meu pai,
Ou o barco mágico de meu irmão?
Então apressa-te para o teu porto,
Para teu refúgio em Väinölä.
Vieste de muito longe?
Então segue viagem,
Aponta a proa para outras águas.”

95-98 Não era o navio de seu pai,
Nem um barco a vela vindo de longe,
Era o navio de Väinämöinen,
A embarcação do cantor eterno;

99-102 Navega até ficar ao alcance da voz,
Aproxima-se ainda mais pelas águas,
Traz uma palavra e leva outra,
Traz uma terceira, de sentido mágico.

103-108 A gentil donzela Annikki,
Filha da Noite e da Aurora,
Fala ao navegador da embarcação:
"Para onde navegas, Väinämöinen,
Aonde vais, amigo das águas,
Orgulho e alegria da Kalevala?"

109-114 Da embarcação, Väinämöinen
Dá esta resposta à donzela:
"Vim pescar algumas trutas-do-mar,
Pescar os jovens e saborosos peixes brancos,
Escondidos entre estes juncos e caniços."
Esta é a resposta de Annikki:

115-120 "Não me venhas com mentiras,
Conheço bem os tempos de pesca;
Há muito tempo, meu honrado pai

Era pescador no Norte,
E vinha pescar trutas e peixes brancos,
Pescava nestes mares e rios.

121-124 Lembro-me muito bem
De como o pescador se prepara,
De como equipa seu barco de pesca,
Com linhas, ganchos, varas e redes;

125-128 Não vieste aqui para pescar.
Aonde vais, Väinämöinen,
Para onde navegas, amigo das águas?"
Falou o velho Väinämöinen:

129-132 "Vim caçar alguns gansos selvagens,
Caçar as aves sibilantes da Finlândia,
Nestas terras que se estendem ao longe,
Nos domínios de Sachsensund."

133-139 A bondosa Annikki responde:
"Conheço bem quem fala a verdade,
E percebo facilmente uma mentira;
Antigamente, meu pai idoso
Vinha muitas vezes caçar por aqui,
Caçar os gansos selvagens sibilantes,
Caçar as aves de bico vermelho destas águas.

140-145 Lembro-me muito bem
De como o caçador equipa seu barco,
Com arcos, flechas, facas e aljava,

Com cães presos dentro da embarcação,
Cães de aponte caçando à beira-mar,
E cães farejadores buscando nos pântanos;

146-152 Diz agora a verdade, Väinämöinen,
Para onde navega teu barco?"
Falou o herói do Norte:
"Meu navio navega para a guerra,
Para os campos sangrentos da batalha,
Onde os rios correm escarlates,
Onde os caminhos são pavimentados com corpos."

153-157 Estas são as palavras da bela Annikki:
"Conheço bem os caminhos da batalha;
Antigamente, meu pai idoso
Muitas vezes soava o alarme de guerra,
Muitas vezes conduzia os exércitos à vitória;

158-161 Em cada navio, cem remadores,
E mil heróis armados,
Na proa, mil bestas,
Espadas, lanças e machados de guerra;

162-165 Conheço bem o navio de guerra.
Chega de mentiras sem sentido,
Para onde navegas, Väinämöinen,
Para onde conduzes teu barco, amigo das águas?"

166-169 Estas são as palavras de Väinämöinen:
"Vem, donzela, para meu navio,
Senta-te em minha embarcação mágica,
Então te darei uma resposta verdadeira."

170-179 Assim Annikki, adornada de prata,
Responde ao velho Väinämöinen:
"Vou encher teu navio de ventos,
Mandarei ventanias para tua embarcação
E virarei teu navio mágico,
Despedaçarei sua proa,
Se não me disseres a verdade,
Se não parares de mentir,
Se não me disseres com sinceridade
Para onde navega teu navio mágico."

180-191 Estas são as palavras de Väinämöinen:
"Agora vou te responder com a verdade,
Embora no começo eu tenha mentido:
Estou navegando para o Norte,
Para a sombria Sariola,
Onde os ogros vivem e prosperam,
Onde afogam os heróis dignos,
Para cortejar a Bela Donzela,
Sentada na abóbada do céu,
Cortejar e conquistar a donzela fada,
E trazê-la para minha casa e minha família,
Para os lares de Väinölä."

192-200 Então Annikki, donzela graciosa,
Filha da Noite e da Aurora,
Ao ouvir a resposta verdadeira,
Soube que tudo fora dito com sinceridade,
Logo deixou os casacos sem bater,
Deixou por lavar suas roupas de linho,
Deixou sem enxaguar suas sedas e fitas
Na estrada à beira-mar,
Na ponte de cor escarlate;

201-210 Jogou as vestes compridas sobre o braço,
E saiu correndo como uma corça
Para as oficinas de Ilmarinen,
Para a forja do ferreiro,
Para a casa e a oficina do ferreiro,
Ali encontrou o herói-artesão,
Forjando um banco de ferro,
E adornando-o com prata.
A fuligem cobria-lhe a testa,
Fuligem e carvão cobriam-lhe os ombros.

211-223 À porta, Annikki fala,
E estas são as palavras de sua irmã:
“Ilmarinen, querido irmão,
Ferreiro-artesão eterno,
Forja agora para mim um tear de prata,
Anéis de ouro para enfeitar meus dedos,
Forja para mim brincos de ouro e prata,

Seis ou sete cintos de ouro,
Pequenas cruzes de ouro para meu peito,
Forja enfeites de ouro para minha cabeça,
E eu te contarei uma história surpreendente,
Uma história que diz respeito a ti,
E a contarei com toda a verdade."

224-232 Então o ferreiro Ilmarinen
Falou e disse estas palavras:
"Se me contares a história com sinceridade,
Forjarei o tear de prata,
Anéis de ouro para enfeitar teus dedos,
Forjarei brincos de ouro e prata para ti,
Seis ou sete cintos de ouro,
Pequenas cruzes de ouro para teu peito,
Forjarei enfeites de ouro para tua cabeça;

233-237 Mas se me contares uma mentira,
Vou quebrar tuas belas joias,
Despedaçar teus adornos,
Atirá-los na forja e no fogo,
E nunca mais forjarei enfeites para ti."

238-244 Esta é a resposta de Annikki:
"Velho ferreiro, Ilmarinen,
Ainda pensas em te casar
Com aquela que já te foi prometida,

A bela Donzela do Arco-Íris,
A mais formosa donzela do Norte,
A noiva escolhida de Sariola?

245-254 Se queres a Bela Donzela,
Tens de forjar sem parar,
Martelando dia e noite;
Forja ferraduras de verão para os cavalos,
Forja ferraduras de ferro para o inverno,
Nas longas noites, forja o trenó para a neve,
Enfeita-o alegremente durante o dia,
Então parte depressa em tua jornada,
Para cortejá-la no Norte,
Na sombria Sariola;

255-259 Para lá vai um pretendente mais esperto,
Outro já navega à tua frente,
Para cortejar tua noiva prometida,
Para trazer de lá a donzela escolhida,
Para cortejar e conquistar a Bela Donzela;

260-263 Faz três longos anos que a cortejas.
Agora Väinämöinen navega
Sobre o dorso azul das águas,
Sentado junto ao leme de cobre;

264-268 Na proa há entalhes de ouro,
Seu barco mágico é belo,
E navega veloz sobre as ondas,

Rumo ao Norte sempre desagradável,
À sombria Sariola.”

269-272 Ilmarinen ficou espantado,
Paralisado diante da história;
Uma tristeza silenciosa tomou conta dele,
Tomou conta do ferreiro;

273-281 O alicate caiu de uma das mãos,
O martelo caiu da outra,
E o ferreiro respondeu:
“Boa Annikki, irmã querida,
Forjarei o tear de prata,
Anéis de ouro para enfeitar teus dedos,
Forjarei brincos de ouro e prata para ti,
Seis ou sete cintos de ouro,
Pequenas cruzes de ouro para teu peito;

282-290 Vai preparar o banho para mim,
Aquece bem os aposentos de banho,
Põe os gravetos na lareira,
E lenha mais fina ao redor,
Despeja água sobre as cinzas,
Faz um sabão de virtude mágica,
Para limpar meu rosto enegrecido,
Para limpar o corpo do ferreiro,
Para tirar a fuligem e as cinzas.”

291-294 Então Annikki, irmã bondosa,
Aqueceu depressa o banho de seu irmão,
Aquecendo-o com nós de abeto,
Que os ventos do trovão haviam quebrado;

295-306 Recolheu pedrinhas do riacho de fogo,
E as lançou nas águas quentes;
Quebrou os ramos das bétulas,
Deixou as folhas de molho no mel,
Fez uma barrela de leite e cinzas,
Preparou com isso uma forte decocção,
Misturou-a com a gordura e o tutano
Da rena das montanhas,
Fez um sabão de virtude mágica,
Para limpar o ferreiro-artesão,
Para embelezar o pretendente,
Para deixar o herói digno.

307-315 Ilmarinen, velho ferreiro,
O eterno trabalhador dos metais,
Forjou os presentes pedidos pela irmã,
Adornos para a bela Annikki,
Anéis, pulseiras, broches e brincos,
Forjou para ela seis cintos de ouro,
Forjou um tear de prata,
Enquanto a donzela preparava o banho,
E arrumava o aposento de toalete.

316-321 Deu os enfeites à donzela,
Deu-lhe o tear de prata derretida,
E a irmã respondeu:
"Já aqueci bem teu banho,
Teus objetos de toalete estão em ordem,
Tudo como desejas;

322-326 Vai te preparar para o cortejo,
Lava a cabeça até ficar branca como linho,
Deixa as faces viçosas e coradas,
Banha-te no aroma do Amor,
Para que teu cortejo tenha sucesso."

327-332 Ilmarinen, artesão mágico,
Foi depressa para seu aposento de banho,
Lavou a cabeça até ficar branca como linho,
Deixou as faces viçosas e coradas,
Lavou os olhos até que brilhassem
Como o luar sobre as águas;

333-340 Maravilhosos eram seu porte e seus traços,
E suas faces, como bagas coradas.
Estas são as palavras de Ilmarinen:
"Bela Annikki, querida irmã,
Traz agora minhas roupas de seda,
Traz minhas vestes mais belas e ricas,
Traz agora meu linho mais macio,
Para que meu cortejo tenha sucesso."

341-344 Logo a irmã prestativa
Trouxe as melhores roupas dele,
Trouxe o linho mais macio,
Roupas feitas por sua mãe;

345-351 Trouxe-lhe meias de seda,
Trouxe sapatos de pele de marta,
Trouxe um colete azul-celeste,
Trouxe calças cor de escarlate,
Trouxe um casaco enfeitado de escarlate,
Trouxe um xale vermelho com guarnição de arminho,
Enrolado quatro vezes em seu corpo;

352-357 Trouxe um casaco de pele de foca,
Fechado com mil botões,
E adornado com inúmeras joias;
Trouxe seu cinto mágico,
Bem preso com fivelas de ouro,
Feito por sua mãe-artesã;

358-363 Trouxe luvas com punhos dourados,
Que os lapões haviam tecido
Para alguém de muitos cachos;
Trouxe o melhor gorro do Norte,
Que seu velho pai comprara
Quando começou a cortejá-la.

364-371 Ilmarinen, ferreiro-artista,
Vestiu-se para ficar elegante,
E assim falou a um servo:
"Prepare para mim um cavalo veloz,
Atrele-o ao meu trenó ligeiro,
Pois vou partir em viagem
Para as distantes terras de Pohya,
Para a sombria Sariola."

372-375 O servo respondeu:
"Tu tens sete cavalos velozes,
Comendo grãos em suas manjedouras.
Qual deles devo preparar?"

376-379 Disse o ferreiro, Ilmarinen:
"Pegue o mais veloz dos meus cavalos,
Ponha o corcel cinzento no arreio,
Atrele-o ao meu trenó mágico;

380-384 Ponha seis cucos na prancha traseira,
Sete pássaros-azuis nas travessas,
Para encantar as donzelas do Norte,
Fazê-las olhar e escutar,
Enquanto os cucos cantam e ecoam.

385-388 Traga também minha maior pele de urso,
Estenda-a bem quente no banco transversal;
Traga depois minhas capas de marta,
Para cobrir e proteger."

389-395 Logo o fiel servo
Do ferreiro, Ilmarinen,
Pôs o corcel cinzento no arreio,
Atrelou o cavalo ao trenó,
Pôs seis cucos na prancha traseira,
Sete pássaros-azuis nas travessas,
Na frente, para cantar e gorjear;

396-399 Depois trouxe a maior pele de urso,
Estendeu-a no banco transversal;
Trouxe as melhores capas de marta,
Proteção quente para o senhor.

400-408 Ilmarinen, ferreiro-artista,
O eterno trabalhador dos metais,
Suplicou com fervor a Ukko:
"Envia teus flocos de neve, pai Ukko,
Deixa-os cair suavemente do céu,
Cobre todo o urzal,
Esconde os arbustos de frutos,
Para que meu trenó deslize livremente
Pelas colinas até Sariola!"

409-413 Ukko enviou a neve do céu,
Deixou cair suavemente os flocos cristalinos,
Assim dando sua gentil ajuda
Ao herói Ilmarinen,
Em sua viagem para o Norte.

414-421 Com as rédeas na mão, o antigo artista
Senta-se em seu trenó de metal,
E assim suplica ao seu Senhor:
"Boa sorte às minhas rédeas e correias,
Boa sorte aos meus varais e patins!
Deus proteja meu trenó mágico,
Seja meu amparo na viagem
Até a sombria Sariola!"

422-426 O velho Ilmarinen
Puxa as rédeas do cavalo,
Estala o chicote sobre o corcel,
Dá esta ordem ao cavalo cinzento,
E o animal dispara para o Norte:

427-430 "Avante, meu garanhão cor de linho,
Segue depressa, nobre testa branca,
Para Pohya, que nunca é alegre,
Para a triste Sariola!"

431-434 O veloz cavalo voa cada vez mais rápido,
Pela costa curva coberta de neve,
Pelas fronteiras das terras baixas,
Sobre colinas e montanhas de amieiros.

435-443 Alegremente o cavalo segue adiante,
Pássaros-azuis cantando, cucos chamando,
Pela praia, olhando para o Norte,
Entre a areia e os flocos de neve que caem,

Ventos cegantes, neve e espuma do mar
Envolvem o herói Ilmarinen,
Enquanto ele desliza em sua viagem,
Olhando para o mar em busca do barco
Do velho Wainamoinen;

444-449 Viaja um dia, depois um segundo,
Viaja todo o dia seguinte para o Norte,
Até que, no terceiro dia, Ilmarinen
Alcança o velho Wainamoinen,
Saúda-o em seu barco mágico,
E assim se dirige ao menestrel:

450-456 "Ó velho Wainamoinen,
Vamos cortejar em paz a donzela,
A mais bela filha do Norte,
Sentada no arco do céu.
Que cada um se esforce para conquistá-la,
Que ela se case com quem escolher,
E que siga aquele que escolher."

457-465 Wainamoinen responde:
"Concordo com tua proposta,
Vamos cortejar em paz a donzela.
Sem força nem artimanhas desleais
Cortejaremos a Donzela da Beleza.
Que ela siga quem escolher;

E que o pretendente rejeitado
Não guarde rancor nem inveja
Do herói que ela acompanhar.”

466-470 Assim combinados, seguem viagem,
Cada um conforme sua vontade;
O cavalo voa velozmente,
O barco mágico avança depressa,
Navegando para o Norte pelo vasto mar;

471-474 O cavalo veloz de Ilmarinen
Faz tremer as colinas do Norte,
Enquanto galopa em sua viagem
Para a sombria Sariola.

475-479 Wainamoinen chama os ventos do Sul,
E eles voam para ajudá-lo;
Seu belo navio navega veloz,
Sulcando depressa as ondas agitadas
No caminho para Pohyola.

480-485 Pouco tempo havia passado,
Mal um instante se fora,
Quando os cães começaram a latir,
Nas mansões do Norte,
Nos pátios de Sariola,
Os cães de guarda da corte de Louhi;

486-489 Nunca haviam rosnado tão ferozmente,
Nunca haviam latido tão alto,
Nunca tinham batido com as caudas
E causado tanto alvoroço no Norte.

490-493 Disse o senhor de Pohyola:
"Vá descobrir, minha boa filha,
Por que os cães de guarda estão latindo,
Por que o cão preto anuncia perigo."

494-501 A filha responde depressa:
"Estou ocupada, querido pai,
Tenho um trabalho mais importante.
Preciso cuidar do meu rebanho de cordeiros,
Preciso virar a mó de baixo,
Moer os grãos de cevada até virar farinha,
Passar a farinha pela peneira.
Só tenho tempo para moer."

502-507 O fiel cão de guarda rosna baixinho,
Raramente rosna de modo tão estranho.
Disse o senhor de Pohyola:
"Vá descobrir, minha fiel esposa,
Por que os cães do Norte estão latindo,
Por que o cão preto anuncia perigo."

508-514 Sua esposa idosa responde:
"Não tenho tempo nem vontade,
Preciso alimentar minha família faminta,

Preparar um jantar digno,
Assar os deliciosos biscoitos,
Amassar a massa até ficar pronta.
Só tenho forças para amassar."

Disse o senhor de Pohyola:
"As mulheres estão sempre com pressa,
As donzelas também vivem ocupadas,
Seja aquecendo-se junto ao forno,
Ou dormindo em suas camas;

Vá, meu filho, descobrir o perigo,
Por que o cão preto rosna descontente."
O filho responde depressa:
"Não tenho tempo nem vontade,
Estou com pressa para afiar meu machado;

Preciso cortar este tronco em lenha,
Pois o fogo precisa dos gravetos,
Preciso partir a madeira em pedaços,
Uma pilha grande e gravetos pequenos.
Só tenho forças para cortar."

O cão de guarda ainda rosna furioso,
Rosnam os filhotes dentro da mansão,
Rosnam os cães acorrentados no canil,
Rosna o cão preto no alto da colina,
Causando alvoroço no Norte.

535-540 Disse o senhor de Pohyola:
"Meu cão preto nunca, nunca
Rosna assim sem motivo;
Nunca late sem razão,
Não rosna para as ondas furiosas,
Nem para o suspiro dos pinheiros."

541-546 Então o senhor de Pohyola
Foi ele mesmo descobrir a razão
Do latido dos cães de guarda;
Atravessou o espaçoso pátio,
Passou pelos campos abertos além dele,
Até o alto das terras elevadas.

547-550 Olhando na direção do cão preto que latia,
Viu o focinho apontado
Para um distante e tempestuoso topo de colina,
Para um monte coberto de amieiros;

551-554 Ali descobriu a verdadeira razão
Por que seus cães haviam latido tão alto,
Por que rosnara o portador do rabo peludo,
Por que os filhotes haviam anunciado perigo.

555-560 Viu um barco com todas as velas içadas,
E o navio era de cor escarlate,
Entrando na baía de Lempo;

Viu um trenó de cores mágicas
Deslizando pela curva da praia,
Sobre os campos nevados de Pohyola.

Então o senhor do Norte
Apressou-se de volta para casa,
Correu para a sala da corte,
E estas foram suas palavras:

"Muitas vezes estranhos vêm para cá,
Pelo dorso azul do oceano,
Navegando num barco escarlate,
Balançando na baía de Lempo;
Muitas vezes estranhos chegam em trenós
Às terras de mel de Louhi."

Disse a dona de Pohyola:
"Como saberemos o que significa
A chegada desses estranhos?
Minha querida e fiel filha,
Ponha um galho sobre o fogo,
Deixe-o arder com fogo mágico;

Se pingarem gotas escarlates,
Eles trazem guerra e derramamento de sangue;
Se pingarem gotas de água,
Os estranhos trazem paz e fartura."

581-587 A bela e esguia donzela do Norte,
A filha bonita e recatada,
Põe um galho de sorveira sobre o fogo,
Acende-o com fogo mágico;
Não pingam gotas escarlates,
Nem sangue, nem água,
Do galho caem gotas de mel.

588-592 Do canto fala Suowakko,
Estas são as palavras do feiticeiro:
"Se o galho pinga mel,
Então os estranhos que estão chegando
São amigos e pretendentes dignos."

593-596 Então a dona do Norte,
Junto com sua filha,
Logo deixou o trabalho e correu
De casa para o pátio;

597-606 Olharam em todas as direções,
Voltaram os olhos para as águas,
Viram um barco de cores mágicas
Balançando devagar no porto,
Depois de atravessar a baía de Lempo,
Com velas, mastros e cordames triplos,
A parte de baixo era negra,
E a de cima, escarlate;
Ao leme, um velho herói
Apoiava-se em seus remos de cobre;

607-610 Viram um cavalo veloz correndo,
Viram um trenó vermelho seguindo leve,
Viram o trenó mágico ornamentado,
Dirigido à corte de Louhi;

611-614 Viram e ouviram seis cucos dourados
Na prancha traseira, chamando;
Sete pássaros-azuis de belas cores
Cantavam no jugo e na travessa;

615-618 No trenó, um herói mágico,
Jovem, forte, orgulhoso e belo,
Segurava as rédeas do cavalo.
Disse a dona de Pohyola:

619-624 "Minha querida filha, donzela encantadora,
Queres um nobre pretendente?
Se esses heróis vierem cortejar-te,
Deixarás teu lar e tua terra?
Serás esposa daquele que te agradar,
Sua fiel companheira para toda a vida?

625-630 "Aquele que vem pelas águas,
Navegando num barco mágico,
Depois de atravessar a baía de Lempo,
É o bom e velho Wainamoinen;
Em seu barco há incontáveis tesouros,
Presentes riquíssimos de Wainola.

631-636 “Aquele que vem de trenó
Em seu trenó de beleza mágica,
Com os cucos e os pássaros-azuis,
É o ferreiro Ilmarinen.
Chega de mãos vazias,
Traz apenas algumas palavras sábias.

637-640 Quando entrarem na casa,
Traga uma tigela de comida com mel,
Traga uma jarra de duas alças,
Dê-a àquele que quiser seguir;

641-644 Dê-a ao velho Wainamoinen,
Que te traz incontáveis tesouros,
Presentes caros em seu barco,
Joias sem preço de Kalevala.”

645-649 Disse a bela filha do Norte,
Estas foram as palavras da donzela:
“É um bom conselho de mãe,
Mas não me casarei por riquezas,
Não me casarei por incontáveis tesouros;

650-655 Escolherei um marido por seu valor,
Por sua juventude e bela aparência,
Por sua nobre forma e seus traços;
Nos tempos antigos, as donzelas
Não eram vendidas por mães ansiosas
A pretendentes que não amavam.

656-660 Sem me importar com seus tesouros,
Escolherei Ilmarinen por sua sabedoria,
Por seu valor e bom comportamento,
Aquele que forjou o maravilhoso Sampo,
E martelou para ti a tampa colorida."

661-667 Disse a dona de Pohyola:
"Filha tola, criatura insensata,
Escolher assim o velho ferreiro,
De cuja testa escorre suor,
E a quem terás de lavar as roupas
E lavar as mãos, os olhos e a testa,
E manter a velha casa em ordem;

668-676 De pouco servem sua inteligência e sabedoria
Quando comparadas ao ouro e à prata."
A filha respondeu:
"Nunca, nunca, nunca
Me casarei com o velho Wainamoinen,
Com seu ouro e suas joias preciosas;
Nunca serei companheira
De um herói já na velhice,
Pois receberei pouco agradecimento."

677-687 Wainamoinen, depois de desembarcar em segurança
Antes de Ilmarinen,
Puxa seu barco de cores alegres
Das ondas para a praia,
Sobre cilindros de madeira de bétula,

Sobre rolos com faixas de cobre,
E logo corre para a sala dos hóspedes
Da dona de Pohyola,
Do senhor do Norte.
À porta, dirige estas palavras
À famosa Donzela da Beleza:

688-691 "Vem comigo, bela donzela,
Sê minha noiva e companheira de vida,
Divide comigo as alegrias e tristezas,
E sê minha esposa honrada daqui em diante!"

692-696 A donzela responde:
"Construíste para mim o barco,
Construíste para mim o navio mágico
Com os pedaços da roca,
Com lascas do fuso?"

697-700 Wainamoinen responde:
"Construí o barco prometido,
Construí o maravilhoso navio para navegar,
Uni firmemente as partes com magia;

701-704 Ele resistirá às ondas mais furiosas,
Viverá mais que os ventos e as águas,
Deslizará veloz sobre o dorso azul
Do oceano profundo e sem limites;

705-709 Enfrentará as ondas com beleza,
Como uma bolha leve que sobe,
Como uma rolha em lagos e rios,
Pelos mares furiosos do Norte,
Pelas águas tranquilas de Pohyola.”

710-714 A bela e esguia filha do Norte
Responde ao pretendente:
“Não me casarei com um herói do mar,
Não quero balançar sobre as ondas,
Não posso viver com um marido assim;

715-720 As tempestades nos trariam dor e problemas,
Os ventos abalariam nosso coração e nossas têmporas;
Por isso não posso seguir-te,
Não posso cuidar de tua casa,
Não posso ser tua companheira de vida,
Não posso me casar com o velho Wainamoinen.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XIX

✦

1-7 Ilmarinen, herói ferreiro,
O eterno trabalhador dos metais,
Apressa-se até o salão
Da anfitriã de Pohyola,
Do senhor da Terra do Norte,
Apressa-se pelos portais abertos
Até a casa e a presença de Louhi.

8-12 Os criados chegam com jarros de prata,
Cheios da mais rica bebida do Norte;
Trazem e oferecem hidromel
Ao ferreiro de Wainola,
E Ilmarinen responde:

13-16 "Em toda a minha vida
Não provarei a bebida que me trouxeste,
Até ver a Donzela da Beleza,
A donzela fada do Arco-Íris;

17-21 Beberei com ela com alegria,
Por cuja mão viajei até aqui."
Disse a anfitriã de Pohyola:
"A escolhida dá trabalho
Àquele que a corteja e espera;

22-29 Seus pés ainda não estão calçados,
Tua noiva prometida não está pronta.
Só poderás cortejar minha filha,
Só poderás conquistar a donzela,
Quando, com a ajuda da magia,
Aras o campo de serpentes de Hisi,
Aras o campo de víboras sibilantes,
Sem tocar na trave nem nos cabos.

30-35 Piru arou esse campo certa vez,
Lempo abriu sulcos com seus cavalos,
Com uma relha feita de cobre,
Com uma trave de ferro em chamas;
Desde então, nenhum herói
Conseguiu cultivar esse campo."

36-39 Ilmarinen de Wainola
Logo se apressa até o quarto
Da Donzela do Arco-Íris,
E diz, hesitante:

40-43 "Filha da Noite e da Aurora,
Dize-me, não te lembras
De quando forjei o Sampo para ti,
E martelo a tampa colorida?

44-51 Juraste com o juramento mais solene,
Pela forja e pela bigorna,
Pelas tenazes e pelo martelo,

Aos ouvidos do Todo-Poderoso,
E diante do onisciente Ukko,
Que me seguirias no futuro,
Serias minha noiva, minha companheira de vida,
Minha honrada esposa para sempre.

52-56 Agora tua mãe é exigente,
Não quer me dar sua filha,
Até que, só com a ajuda da magia,
Eu tenha arado o campo das serpentes,
Arado o solo sibilante de Hisi."

57-66 A noiva prometida, a Donzela da Beleza,
Responde ao pretendente:
"Ó ferreiro Ilmarinen,
Eterno forjador de maravilhas,
Forja para ti uma relha de ouro,
Forja uma trave de prata brilhante,
E faze os cabos de cobre;
Então, com facilidade e ajuda da magia,
Poderás arar o campo das serpentes,
Afras o solo sibilante de Hisi."

67-77 Ilmarinen, pretendente bem-vindo,
Logo constrói uma forja e oficina,
Põe ouro dentro da fornalha,
E prata na forja,
Forja uma relha de ouro,
Forja também uma trave de prata,

Forja cabos de cobre,
Forja botas e luvas de ferro,
Forja uma armadura de metal,
Proteção segura para seus membros,
Proteção segura para seu corpo.

78-81 Então escolhe um cavalo de fogo,
Põe arreios no corcel em chamas,
E vai arar o campo das serpentes,
A terra das víboras de Hisi.

82-86 No campo havia incontáveis víboras,
Serpentes de toda espécie,
Rastejando, se contorcendo, sibilando, picando,
Todas inofensivas diante do herói,
Que assim acalma as serpentes de Lempo:

87-92 "Víboras, criaturas feitas por Deus,
Nem as melhores nem as piores,
Vocês, cuja sabedoria vem de Ukko,
E cujo veneno vem de Hisi,
Ukko é seu senhor supremo,
É pela vontade dele que erguem a cabeça;

93-101 Saiam do caminho antes que eu are,
Contorçam-se pela grama e pela palha,
Rastejem até o matagal mais próximo,
Mantenham a cabeça sob a urze,
Procurem seus buracos no reino de Mana.

Se erguerem a cabeça venenosa,
O poderoso Ukko vai atingi-la
Com suas flechas de ponta de ferro,
Com o raio de sua ira."

102-106 Assim o ferreiro Ilmarinen
Ara em segurança o campo das serpentes,
Levanta as víboras com o arado,
Enterra-as sob o sulco,
Todas inofensivas diante de sua magia.

107-112 Quando a tarefa foi concluída,
Ilmarinen volta depressa
E diz à anfitriã de Pohyola:
"Areiei o campo de Hisi,
Areiei o campo das serpentes sibilantes,
Acalmei e afastei todas as víboras;

113-124 Dá-me, anciã, tua filha,
A mais bela donzela do Norte."
Disse a anfitriã de Pohyola:
"Não te darei minha filha,
Não te darei minha bela donzela,
Até que ponhas focinheira no urso de Tuoni,
Até que venças o lobo de Manala,
Nas florestas da Terra dos Mortos,
Nas fronteiras de Mana.

Centenas foram enviados para caçá-lo,
Mas nenhum conseguiu ainda,
Todos pereceram em Manala."

125-132 Então o jovem Ilmarinen
Apressa-se até o quarto da donzela,
E diz à sua noiva prometida:
"Exigem ainda outra prova,
Preciso ir a Tuonela,
Pôr rédea no urso de Mana,
Trazê-lo das florestas da Terra dos Mortos,
Do bosque e do domínio de Tuoni!"

133-141 A donzela lhe dá este conselho:
"Ó artista Ilmarinen,
Eterno trabalhador dos metais,
Forja uma rédea mágica de aço,
Sobre uma rocha sob a água,
Nas espumas das três correntes;
Faz as correias de aço e cobre,
Põe rédea no urso de Mana,
E leva-o das florestas de Tuoni."

142-145 Então o ferreiro Ilmarinen
Forjou uma rédea mágica de aço,
Sobre uma rocha sob a água,
Nas espumas das três correntes;

146-149 Fez as correias de aço e cobre,
Logo foi pôr focinheira no urso,
Nas florestas da Terra dos Mortos,
E suplicou com estas palavras:

150-156 "Terhenetar, donzela do éter,
Filha da névoa e do floco de neve,
Peneira a névoa e deixa-a pousar
Sobre colinas e matas baixas,
Onde o urso selvagem se alimenta e fica,
Para que não me veja chegando,
Nem ouça meus passos furtivos!"

157-163 Terhenetar ouve sua prece,
Faz a névoa e os flocos de neve pousarem
Nos esconderijos dos animais selvagens;
Assim ele põe rédea no urso em segurança,
Prende-o com correntes mágicas,
Nas florestas de Tuoni,
Nos bosques azuis de Manala.

164-170 Quando essa tarefa foi concluída,
Ilmarinen volta depressa
E diz à velha Louhi:
"Dá-me, digna senhora, tua filha,
Dá-me agora minha noiva prometida,
Trouxe o urso de Mana
Dos campos e das florestas de Tuoni."

171-182 Disse a anfitriã de Pohyola
Ao ferreiro Ilmarinen:
"Só darei minha filha,
Darei a Donzela da Beleza,
Quando pescares o lúcio monstruoso
No rio de Tuoni,
Nas águas mortais de Manala,
Sem usar anzóis nem redes de pesca,
Nem barco nem equipamento de pesca;
Centenas foram enviados para pescá-lo,
Mas ninguém conseguiu ainda,
Todos pereceram em Manala."

183-187 Muito abatido, Ilmarinen
Apressou-se até o quarto da donzela,
E disse à donzela do Arco-Íris:
"Agora exigem uma terceira prova,
Muito mais difícil que as anteriores;

188-191 Preciso pescar o lúcio de Mana,
No rio de Tuoni,
E sem meu equipamento de pesca,
É dura a terceira prova do herói!"

192-196 A donzela lhe dá este conselho:
"Ó herói Ilmarinen,
Nunca, nunca desanimes:
Na tua fornalha, forja uma águia,
Com o fogo da antiga magia;

197-200 Ela pescará o lúcio de Mana,
Pescara o peixe monstruoso em segurança,
Da corrente mortal de Tuoni,
Das águas fatais de Manala."

201-204 Então o pretendente Ilmarinen,
O eterno artista ferreiro,
Forjou uma águia na fornalha,
Com o fogo da antiga sabedoria;

205-211 Para essa ave mágica gigante
Forjou garras de ferro,
E um bico de aço e cobre;
Senta-se sobre a águia,
Em suas costas, entre as asas,
Fala à criatura,
E dá esta ordem à ave de fogo:

212-217 "Poderosa águia, bela ave,
Voa para onde eu te mandar,
Para o rio negro como carvão de Tuoni,
Para as profundezas azuis da Corrente dos Mortos,
Agarra o poderoso peixe de Mana,
Pesca para mim esse monstro das águas."

218-221 A águia mágica voa veloz,
Ave gigante, extraordinária e valiosa,
Até o rio de Tuoni,
Para pescar o lúcio de Mana;

222-225 Uma asa roça as águas,
Enquanto a outra varre os céus;
Mergulha as garras no oceano,
Afia o bico nas encostas das montanhas.

226-230 Ilmarinen desce em segurança,
O imortal artista ferreiro,
E caça o monstro da Corrente dos Mortos,
Enquanto a águia caça e pesca
Nas águas de Manala.

231-239 Um monstro surgiu do rio,
Agarrou o ferreiro Ilmarinen,
Tentou arrastá-lo até sua caverna marinha;
A águia se lançou sobre ele depressa,
Agarrou-o com o bico de metal,
Torceu-lhe a cabeça e rasgou-lhe o corpo,
Atirou-o de volta ao fundo
Do rio profundo e mortal,
E libertou seu mestre, Ilmarinen.

240-243 Então surgiu o lúcio de Mana,
Veio em silêncio o cão-d'água,
Não era o maior dos lúcios,
Nem pertencia aos menores;

244-249 A língua tinha o comprimento de dois machados,
Os dentes eram longos como cabos de ancinho de pântano,
A boca era larga como três riachos,

O dorso era largo como sete barcos,
Tentou morder o ferreiro mágico,
Tentou engolir Ilmarinen.

250-256 A poderosa águia mergulhou veloz,
Não era a maior das aves,
Nem pertencia às menores;
Seu bico media cem braças,
A boca era larga como sete riachos,
A língua era longa como sete lanças,
As garras pareciam cinco foices curvas;

257-262 Lançou-se sobre o lúcio de Mana.
O peixe gigante ficou em perigo,
Disparou e se debateu no rio,
Puxando a poderosa águia para baixo,
Revirando o próprio fundo
Até a superfície do rio;

263-266 Quando a poderosa ave se ergue,
Deixando na água o lúcio ferido,
Sobe com as asas cansadas
Até seu lar no alto éter;

267-271 Sobe por um tempo, plana e gira,
Gira sobre as águas avermelhadas,
Mergulha de novo com asas velozes como raios,
Crava com força as garras
No ombro de sua vítima;

272-280 Crava a segunda garra
Nas encostas rochosas,
Nas pedras endurecidas como ferro;
As garras ricocheteiam nos penhascos,
Deslizam por sobre as rochas pendentes,
E o lúcio monstruoso, resistindo,
Mergulha de novo sob a superfície
Até o fundo do rio,
Longe das garras da águia;

281-287 Profundos eram os ferimentos no corpo
Do monstro de Tuoni.
Ainda uma terceira vez a águia sobe,
Sobe, plana e gira depressa,
Mergulha de novo sobre o monstro,
Dispara fogo de suas asas,
E seus dois olhos faiscam como raios;

288-295 Com o bico de aço e cobre
Agarra de novo o lúcio de Mana;
Suas garras se firmam
Nas rochas e na vítima,
Arrasta o monstro para fora do rio,
Ergue o lúcio acima das águas,
Do rio negro como carvão de Tuoni,
Do dorso azul de Manala.

296-301 Assim, pela terceira vez, a águia
Consegue vencer os fracassos anteriores;
Assim, por fim, a águia pesca
O lúcio de Mana, o pior dos peixes,
O nadador mais veloz das águas,
Do rio de Tuoni;

302-306 Ninguém conseguia ver o rio de Manala,
Por causa das inúmeras escamas de peixe;
Mal se conseguia enxergar através do éter,
Por causa das penas da águia,
Restos do grande combate.

307-313 Então a ave de garras de cobre
Levou o lúcio de escamas de prata
Até os ramos mais altos do pinheiro,
Até o abeto coberto de agulhas,
Despedaçou o peixe monstruoso,
Comeu o corpo da vítima,
E deixou a cabeça para Ilmarinen.

314-320 Disse o ferreiro à águia:
"Ó ave de natureza perversa,
O que pensaste? Qual era tua intenção?
Comeste o que eu precisava,
A prova do meu sucesso;
Águia descuidada, de instinto insensato,
Assim estragas os despojos da conquista!"

321-331 Mas a ave de garras de metal
Seguiu adiante, subindo aos céus,
Subindo cada vez mais alto no éter,
Subindo, voando, planando, navegando,
Até as bordas das nuvens compridas,
Fez tremer a abóbada do éter,
Partiu em duas a cúpula do céu,
Quebrou o arco colorido de Ukko,
Arrancou os chifres da Lua de seus encaixes,
Desapareceu para além da Terra do Sol,
Até o lar dos vencedores.

332-335 Então o ferreiro Ilmarinen
Levou a cabeça do lúcio à anfitriã
Do sempre sombrio Norte,
E disse à velha Louhi:

336-342 "Que esta cabeça sirva para sempre
De banco de visitas em tua casa,
Como prova das vitórias de um herói;
Pesquei o lúcio de Mana,
Fiz o que me pediste,
Foram três minhas vitórias na Terra dos Mortos,
Três as provas dos heróis mágicos;

343-350 Agora me darás tua filha,
A Donzela da Beleza?"
Disse a anfitriã de Pohyola:
"Mal cumpriste a prova,

Despedaçaste o lúcio,
Separaste a cabeça do pescoço,
Comeste o corpo,
E me trouxeste esta relíquia sem valor!”

351-357 Estas foram as palavras de Ilmarinen:
“Quanto maior a vitória,
Maiores são as perdas que sofremos!
Do rio de Tuoni,
Do reino de Manala,
Trouxe-te este troféu,
Assim a terceira tarefa está concluída.

358-363 Dize-me, a donzela está pronta?
Darás a noiva prometida?”
Disse a anfitriã de Pohyola:
“Darei minha filha a ti,
Prepararei minha donzela de neve branca
Para o pretendente Ilmarinen;

364-367 Conquistaste a Donzela da Beleza,
Ela será tua noiva daqui em diante,
A companheira certa para teu lar,
Ajuda e alegria por toda a tua vida.”

368-375 No chão estava sentado um menino,
E o bebê contou esta história.
“Uma ave apareceu nesta casa,
Uma ave entrou no castelo,

Veio voando do Leste,
Do Leste veio uma águia monstruosa,
Uma asa tocava a abóbada do céu,
Enquanto a outra varria o oceano;

376-383 Com a cauda sobre as águas,
Seu bico chegava além das nuvens,
Olhou ao redor, observando com atenção,
Voou em círculos, planando e subindo,
Voou até o castelo do herói,
Bateu três vezes com o bico de cobre
No telhado de ferro do castelo;
Mas a águia não conseguiu entrar.

384-389 "Então a águia olhou ao redor,
Voou de novo, planou e deu voltas,
Depois voou até o castelo das mães,
Bateu com força, fazendo muito barulho,
No telhado de cobre das mães;
Mas a águia não conseguiu entrar.

390-395 "Então a águia olhou ao redor,
Voou pela terceira vez, planando e subindo,
Depois voou até o castelo das donzelas,
Bateu de novo com o bico de cobre
No telhado de linho das donzelas,
Onde entrou sem dificuldade;

396-409 Voou até a chaminé do castelo,
Desceu depressa até o quarto,
Arrancou as tábuas das paredes,
Rasgou o linho das vigas,
Pousou na janela do quarto,
Perto das paredes de muitas cores,
Sobre as travessas cobertas de penas alegres,
Olhou as jovens de cabelos encaracolados,
Olhou seus cachos dourados,
Olhou as donzelas de neve branca,
As mais puras entre as donzelas,
As mais belas entre as filhas,
A donzela de colar de pérolas,
A donzela coroada de flores;

410-416 Pousou por um tempo, olhando admirada,
Mergulhou sobre a Donzela da Beleza,
A mais pura das donzelas,
A mais branca, a mais bela,
A mais nobre e majestosa,
Mergulhou sobre a filha do Arco-Íris
Da sombria Sariola;

417-425 Agarrou-a com suas poderosas garras,
Levou embora a Donzela da Beleza,
Donzela de forma e rosto belíssimos,
Donzela adornada com colar de pérolas,
Enfeitada com penas iridescentes,

Com flores perfumadas no peito,
Uma faixa escarlate na testa,
Anéis de ouro nos dedos,
A mais bela donzela do Norte."

426-433 Disse a anfitriã de Pohyola,
Quando o bebê terminou a história:
"Conta-me, meu filho querido,
Como soubeste da donzela,
Como conseguiste essa informação,
Como seus cachos cor de linho se aninhavam,
Como reluzia a prata da donzela,
Como se elogiava o ouro da virgem.

434-442 O Sol prateado brilhou sobre ti?
Os raios da Lua te deram esse saber?"
O menino respondeu do chão:
"Foi assim que obtive a informação,
As toupeiras da boa sorte me trouxeram,
À casa do homem distinto,
Ao quarto de hóspedes da donzela,
Seu digno pai tinha bom nome,
Ele que navegou no barco mágico;

443-446 Sua mãe tinha nome ainda melhor,
Ela que assou o pão de cevada,
Amassou os biscoitos de trigo,
E alimentou muitos hóspedes no Norte.

447-453 “Assim a informação chegou até mim,
Assim o estranho distante ouviu,
Ouviu que a virgem tinha se levantado:
Certa vez caminhei pelo pátio,
Perto do quarto da virgem,
Bem cedo de manhã,
Antes que o Sol despertasse;

454-457 A fuligem subia em nuvens rodopiantes,
Guirlandas negras de fumaça se erguiam
Do quarto da donzela,
Da chaminé alta de tua filha;

458-463 Ali a donzela moía com empenho,
Movia os cabos da mó,
Que fazia sons como o cuco,
Os furos laterais soavam como patos,
A peneira como um pintassilgo,
As pedras do moinho cantavam como pérolas do mar.

464-469 “Na segunda vez, caminhei
Até a beira do prado;
Na floresta estava a donzela,
Balançando-se num montículo perfumado,
Tingindo de vermelho em vasos de ferro,
E de amarelo em caldeirões de cobre.

470-476 “Na terceira vez, caminhei
Até a janela da bela donzela;
Vi tua filha tecendo,
Ouvi o vaivém da lançadeira,
Ouvi o bater do tear,
Ouvi o estalido dos pedais,
Ouvi o rodar do carretel.”

477-485 Disse a anfitriã de Pohyola:
“Ah, minha querida filha,
Quantas vezes te ensinei esta lição:
‘Não cantes entre os pinheiros,
Não chames lá do fundo dos vales,
Não andes de cabeça baixa,
Não deixes à mostra os braços nem os ombros,
Guarda os segredos do teu peito,
Esconde tua beleza e teu poder.’

486-489 “Eu te disse isso no outono,
Te ensinei na estação do verão,
Cantei para ti na primavera brotando,
Cantei quando a neve caía:

490-496 ‘Vamos construir um esconderijo,
Vamos construir as menores janelas,
Onde minha filha, a mais bela, possa tecer,
Onde minha donzela possa trabalhar com a lançadeira,

Onde minha alegria possa trabalhar sem ser notada
Pelos heróis do Norte,
Pelos pretendentes de Wainola.’”

497-500 O menino respondeu do chão,
Com seus catorze dias de idade:
“É fácil esconder um cavalo de guerra
Nos campos e estábulos do Norte;

501-507 Difícil, sim, esconder uma donzela
De forma e rosto tão belos!
Constrói um castelo distante de pedra
No meio do oceano,
E guarda ali tua bela donzela,
Cria ali tua graciosa filha,
Mas não conseguirás escondê-la por muito tempo.

508-513 As donzelas não crescem nem florescem
Separadas dos homens e dos heróis,
Não vivem sem pretendentes,
Não prosperam sem quem as corteje;
Nunca conseguirás esconder uma donzela,
Nem em terra nem na água.”

514-519 Agora o velho Wainamoinen,
De cabeça baixa e coração pesado,
Vagueia até sua terra natal,

Até os pacíficos prados de Wainola,
Até as planícies de Kalevala,
Cantando enquanto volta para casa:

520-525 "Já passei da idade de cortejar,
Ai de mim, pretendente rejeitado,
Ai de mim, menestrel sem juízo,
Por não ter cortejado e me casado
Quando meu rosto era jovem e atraente,
Quando minha mão era calorosa e bem-vinda!

526-529 A juventude destrona minha idade e posição,
A riqueza nada vale, a sabedoria não serve,
Quando um herói vai cortejar
Ao lado de um irmão mais pobre, contudo mais jovem.

530-533 É fatal para um herói
Não se casar na juventude,
Não ser, ainda jovem, o senhor
De uma esposa digna e de um lar."

534-540 Assim o velho Wainamoinen
Envia um decreto ao seu povo:
"Os velhos não devem cortejar,
Nem nadar no mar da ira,
Nem remar por uma aposta,
Nem disputar uma corrida por glória
Com os filhos mais jovens do Norte."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XX

✦

1-4 Agora cantamos as lendas maravilhosas,
Canções de bodas e danças,
Cantamos as melodias do casamento,
Cantamos as antigas canções tradicionais;

5-8 Cantamos o casamento de Ilmarinen
Com a Donzela do Arco-Íris,
A mais bela filha da Terra do Norte,
Cantamos as canções de bebida de Pohya.

9-18 Por muito tempo se prepararam para o casamento
Nos salões e aposentos de Pohyola,
Nos pátios de Sariola;
Muitas coisas que Louhi ordenou,
Grandes foram os preparativos
Para o casamento da filha,
Para o banquete dos heróis,
Para a bebida dos forasteiros,
Para alimentar os pobres,
Para divertir o povo.

19-26 Cresceu um boi na distante Karjala,
Não era o maior, nem o menor,
Era o boi que cresceu em Suomi;
Mas seu tamanho era imenso,

Pois sua cauda varria Jamen,
E sua cabeça ficava sobre Kemi,
Seus chifres tinham cem braças de comprimento,
E sua boca era mais comprida que os chifres;

27-31 Sete dias levou uma doninha
Para dar a volta no pescoço e nos ombros;
Uma andorinha viajou um dia inteiro
De uma ponta à outra dos chifres,
Sem parar para descansar.

32-35 Trinta dias o esquilo viajou
Da cauda até chegar aos ombros,
Mas não conseguiu alcançar a ponta do chifre
Até que a Lua já tivesse passado havia muito.

36-39 Esse boi jovem de enormes dimensões,
Esse grande bezerro da distante Suomi,
Foi levado de Karjala
Para os prados de Pohyola;

40-46 Cem heróis em cada chifre,
Mil junto à cabeça e ao pescoço.
Quando o poderoso boi foi laçado,
E levado aos pastos da Terra do Norte,
O monstro seguiu tranquilamente
Pelas baías de Sariola,
E pastou nas terras da fronteira;

47-55 Seus ombros chegavam às nuvens,
E seus chifres, ao céu mais alto.
Em toda Sariola
Não se encontrava um açougueiro
Que pudesse matar o boi para Louhi,
Nem entre todos os filhos da Terra do Norte,
Nem entre seus povos de gigantes,
Nem entre a geração mais jovem,
Nem entre os mais velhos.

56-60 Veio um herói de longe,
Wirokannas, de Karelen,
E o ancião de barba grisalha disse:
"Espera, espera, ó boi de Suomi,
Até que eu traga minha antiga clava de guerra;

61-68 Então vou te golpear na testa,
Esmagar teu crânio, vítima voluntária!
Nunca mais no verão
Vais pastar nos bosques de Sariola,
Nem desnudar nossos pastos, campos e florestas;
Tu, ó boi, não vais mais pastar
Por toda a extensão da Terra do Norte,
Nas margens deste oceano!"

69-76 Quando o velho Wirokannas
Se preparou para abater o boi,
Quando Palwoinen brandiu sua clava de guerra,
A vítima virou a testa depressa,

E lançou sobre ele seus olhos flamejantes;
O herói saltou para o abeto,
Palwoinen se escondeu no matagal,
E o grisalho Wirokannas também.

77-84 Por toda parte procuram um açougueiro,
Alguém que mate o boi de Suomi,
Na terra de Karelen,
E entre os gigantes de Suomi,
Nos campos tranquilos da Estônia,
Nos campos de batalha da Suécia,
Entre os montanheses da Lapônia,
Nos pântanos mágicos de Turya;

85-89 Procuram no reino de Tuoni,
Nas cortes da morte de Manala.
Longa foi a busca, mas sem sucesso,
No dorso azul do oceano,
Nos pastos que se estendem ao longe.

90-93 Então surgiu das ondas do mar,
Ergueu-se um herói das águas,
Sobre as ondas rugidoras de cristas brancas,
Das vastas extensões das águas;

94-99 Não era dos maiores,
Nem dos menores;
Fazia sua cama dentro de uma concha,

Ficava de pé sob uma peneira de farinha,
Herói antigo, de mãos de ferro,
E rosto cor de cobre;

Logo o herói cresceu por inteiro,
Como o grão maduro que sai da espiga.
Na cabeça, um chapéu de sílex,
Nos pés, sandálias de arenito,
Na mão, um cutelo de ouro,
Com cabo de cobre.

Assim, enfim, encontraram um açougueiro,
Encontraram quem matasse o boi mágico.
Nada jamais foi tão poderoso
Que não encontrasse alguém à sua altura.

Quando o deus do mar viu sua presa,
Correu depressa para atacar a vítima,
Derrubou-a de joelhos diante de si,
E logo abateu o bezerro de Suomi,
Abateu o boi jovem de Karelen.

Houve carne em abundância;
Encheram-se pelo menos mil barris.
Seu sangue deu sete barcos de carga,
E sua gordura pesou mil medidas,
Para o banquete de Pohyola,
Para a festa de casamento da Terra do Norte.

121-124 Em Pohyola havia um salão para os convidados,
O salão de Louhi era amplo,
Tinha cem léguas de comprimento,
E quase cinquenta de largura;

125-129 Quando um galo no telhado
Cantava ao romper da manhã,
Ninguém na terra podia ouvi-lo;
Quando o cão latia numa entrada,
Ninguém o ouvia na outra.

130-138 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Corre para o salão e a sala de reuniões,
E, no centro, diz:
"De onde virá a bebida,
Quem vai fazer cerveja de cevada para mim,
Quem vai preparar hidromel em abundância
Para o povo da Terra do Norte,
Que virá ao casamento da minha filha,
À festa de bebida e às núpcias dela?

139-142 Não entendo como se prepara o malte,
Nunca aprendi esse segredo,
Nem a origem da cerveja."
Um velho falou do seu canto:

143-154 "A cerveja vem da cevada,
Vem da cevada, do lúpulo e da água,
E o fogo não ajuda em nada.

A trepadeira do lúpulo era filho de Remu,
Uma pequena semente foi plantada na terra,
Cultivada no solo fofo,
Espalhada como as serpentes malignas
À margem das águas de Kalew,
Nos campos e nas fronteiras de Osmo.
Ali a planta jovem cresceu e floresceu,
Ali surgiu a trepadeira do lúpulo,
Agarrada às rochas e aos amieiros.

155-161 "Um homem de boa sorte semeou a cevada
Nas colinas e planícies de Osmo,
E a cevada cresceu e floresceu,
Cresceu e se espalhou em grande abundância,
Alimentando-se do ar e da água,
Nas planícies e terras altas de Osmo,
Nos campos dos heróis de Kalew.

162-166 "Pouco tempo havia passado
Quando o lúpulo zunia nas árvores,
A cevada cantava nos campos,
E a água do poço de Kalew,
Eis o que disse o trio:

167-171 'Vamos unir nossas três forças,
Somar os poderes uns dos outros;
É triste viver e lutar sozinho,
Pouco adianta trabalhar cada um por si,
É melhor trabalharmos juntos.'

172-186 “Osmotar, a preparadora de cerveja,
Fermentadora da bebida refrescante,
Pega os grãos dourados de cevada,
Pega seis grãos de cevada,
Pega sete pontas de lúpulo,
Enche sete copos de água,
Põe o caldeirão no fogo,
Ferve a cevada, o lúpulo e a água,
Deixa-os em infusão, fervendo e borbulhando,
Preparando assim a deliciosa cerveja,
Nos dias mais quentes do verão,
No promontório coberto de neblina,
Na ilha coberta de floresta;
Despeja-a em barris de bétula,
Em tonéis feitos de carvalho.

187-191 “Assim Osmotar de Kaleva
Misturou lúpulo e cevada,
Mas não conseguiu produzir a fermentação.
Pensou muito e muito ponderou,
E então falou com voz aflita:

192-195 ‘O que fará a bebida efervescer,
Quem acrescentará o ingrediente necessário,
Para que a cerveja espume e brilhe,
Fermente e fique deliciosa?’

196-202 “Kalevatar, donzela mágica,
Graça e beleza nos dedos,
Movendo-se depressa, pisando de leve,
Com suas sandálias bem afiveladas,
Pisa no fundo de bétula,
Vira para um lado e depois para o outro,
No centro do caldeirão;

203-209 Encontra ali uma lasca,
Ergue o fragmento do fundo,
Vira-o nos dedos, pensativa:
‘Não sei o que poderá resultar disto,
Nas mãos das donzelas mágicas,
Nas mãos virginais de Kapo,
Donzela branca como a neve do Norte!’

210-214 “Kalevatar levou a lasca
À virgem mágica, Kapo,
Que, por força e percepção desconhecidas,
Esfregou as mãos e os joelhos,
E fez surgir um esquilo branco como a neve;

215-221 Assim instruiu sua criatura,
Deu estas ordens ao esquilo:
‘Esquilo branco como a neve, joia da montanha,
Flor do campo e da floresta,
Vai depressa aonde eu te mandar,
Para os vastos domínios de Metsola,
Para a morada de sabedoria de Tapio;

222-225 Passa depressa pelas copas das árvores,
Avança com cuidado pelos galhos mais densos,
Para que a águia não te agarre,
E assim escapes da ave do céu.

226-229 Traz-me pinhas maduras do abeto,
Do pinheiro, traz-me mudas,
Leva-as às mãos de Kapo,
Para a cerveja da filha de Osmo.'

230-240 "O esquilo partiu depressa,
O ágil de cauda espessa disparou,
Saltando veloz em sua jornada,
De um matagal para outro,
Da bétula ao álamo,
Do pinheiro ao salgueiro,
Da sorveira ao amieiro,
Saltando daqui para ali com método,
Atravessou em segurança os bosques das águias,
Entrou nos vastos domínios de Metsola,
Na morada de sabedoria de Tapio;

241-245 Ali viu três pinheiros mágicos,
Ali viu três abetos menores,
Subiu depressa pelos galhos verde-escuros,
Não foi capturado pela águia,
Nem despedaçado em suas garras;

246-251 Arrancou as pinhas novas do abeto,
Cortou os brotos dos galhos do pinheiro,
Escondeu as pinhas nas bolsas,
Enrolou-as nas patas cobertas de pelo,
Levou-as às mãos de Kapo,
Aos dedos da virgem mágica.

252-255 Kapo pegou as pinhas escolhidas,
Pôs-nas na cerveja para fermentá-la,
Mas elas não fizeram a bebida efervescer,
E a cerveja ficou fria e sem vida.

256-262 "Osmotar, a preparadora de cerveja,
Kapo, fermentadora da bebida,
Pensou profundamente e ponderou por muito tempo:
'O que fará a bebida efervescer,
Quem me dará ajuda eficaz,
Para que a cerveja espume e brilhe,
Fermente e fique refrescante?'

263-272 "Kalevatar, donzela radiante,
Graça e beleza nos dedos,
Movendo-se suavemente, pisando de leve,
Com suas sandálias bem afiveladas,
Pisa outra vez no fundo,
Vira para um lado e depois para o outro,
No centro do caldeirão,

Vê uma lasca no fundo,
Tira-a do lugar onde repousava,
Olha para a lasca e reflete:

273-276 ‘Não sei o que poderá resultar disto,
Nas mãos das donzelas místicas,
Nas mãos da mágica Kapo,
Nos dedos brancos como a neve da virgem.’

277-283 “Kalevatar levou a lasca de bétula
À donzela mágica, Kapo,
E a entregou à donzela de rosto pálido.
Kapo, com a ajuda da magia,
Esfregou as mãos e os joelhos,
E fez surgir uma marta mágica,
Com o peito dourado;

284-295 Assim instruiu sua criatura,
Deu estas ordens à marta:
‘Tu, minha marta de peito dourado,
Tu, meu filho de cor dourada,
Vai aonde eu te mandar,
Às tocas dos ursos da montanha,
Às grutas dos rosnadores,
Recolhe fermento com os dedos,
Recolhe a espuma dos lábios enfurecidos,
Dos lábios dos ursos em combate,
Leva-a às mãos de Kapo,
Às mãos da filha de Osmo.’

296-307 “Então a marta de peito dourado,
Pronta a obedecer, seguiu adiante,
Saltando depressa em sua jornada,
Dando leves saltos pelo caminho,
Saltando sobre os rios mais largos,
Saltando sobre fendas rochosas,
Até as tocas dos ursos da montanha,
Até as grutas dos rosnadores,
Onde os ursos selvagens lutam entre si,
Onde levam uma vida terrível,
Com rochas de ferro por travesseiros macios,
Nos refúgios das montanhas;

308-312 A espuma escorria de seus lábios,
Dos focinhos vinha a baba da raiva;
A marta recolheu-a com destreza,
Levou-a à donzela Kapo,
E a pôs em seus delicados dedos.

313-317 “Osmotar, a preparadora de cerveja,
Fermentadora da cerveja de cevada,
Usou a espuma como fermento;
Mas ela não fez a bebida efervescer,
Nem fez a bebida borbulhar.

318-321 “Osmotar, a preparadora de cerveja,
Pensou outra vez e ponderou por muito tempo:
‘Quem ou o que trará o fermento,
Para que minha cerveja não fique sem vida?’

322-331 “Kalevatar, donzela mágica,
Graça e beleza nos dedos,
Movendo-se suavemente, pisando de leve,
Com suas sandálias bem afiveladas,
Pisa outra vez no fundo,
Vira para um lado e depois para o outro,
No centro do caldeirão,
Vê uma vagem no fundo,
Ergue-a com seus dedos brancos como a neve,
Vira-a de um lado para o outro e reflete:

332-335 ‘Não sei o que poderá resultar disto,
Nas mãos das donzelas mágicas,
Nas mãos da mística Kapo,
Nos dedos nevados da virgem.’

336-342 “Kalevatar, donzela radiante,
Deu a vagem à mágica Kapo;
Kapo, com a ajuda da magia,
Esfregou a vagem no joelho,
E uma abelha veio voando
De dentro da vagem em seus dedos.
Kapo então falou à avezinha:

343-349 ‘Abelhinha de asas douradas,
Rainha de todas as flores perfumadas,
Voa aonde eu te indicar,
Às ilhas no oceano,

Aos penhascos e às grutas junto à água,
Onde uma donzela adormeceu,
Cingida por um cinturão de cobre;'

350-358 Ao lado dela há capins melíferos,
Junto aos lábios, flores perfumadas,
Ervas e flores carregadas de mel;
Recolhe ali os sucos adoçados,
Recolhe mel em tuas asinhas,
Dos cálices das flores,
Das pontas de sete pétalas,
Leva-o às mãos de Kapo,
Às mãos da filha de Osmo.'

359-362 "Então a abelha, avezinha de asas velozes,
Voou com rapidez de relâmpago
Em sua jornada até as ilhas,
Sobre as altas ondas do oceano;

363-367 Viajou um dia, depois um segundo,
Viajou ainda durante o dia seguinte,
Até que, ao cair da tarde do terceiro dia,
Chegou às ilhas no oceano,
Às falésias e grutas à beira d'água;

368-372 Encontrou a donzela dormindo docemente,
Com suas vestes enfeitadas de prata,
Cingida por um cinto de cobre,

Dormindo num prado sem nome,
Nos campos mágicos de mel;

373-380 Ao lado dela havia capins melíferos,
Junto aos lábios, flores perfumadas,
Hastes de prata com pétalas douradas;
Mergulhou as asinhas no mel,
Mergulhou os dedos nos sucos
Das flores mais doces,
Levou o mel de volta a Kapo,
Aos dedos da donzela mística.

381-384 "Osmotar, a preparadora da cerveja,
Pôs o mel na bebida;
Kapo misturou a cerveja e o mel,
E a cerveja da festa de casamento fermentou;

385-392 A cerveja viva subiu, subiu,
Do fundo dos recipientes,
Subiu nas tinas de madeira de bétula,
Espumando cada vez mais alto,
Até tocar as alças de carvalho,
Transbordando de todos os caldeirões;
Espumou e cintilou pelo chão,
Foi se infiltrando na areia e no cascalho.

393-397 "Mal tinha passado algum tempo,
Quase nenhum instante havia transcorrido,
Quando os heróis chegaram em grande número

À cerveja espumante de Pohjola,
Correram para beber a bebida cintilante.

398-401 Antes de todos os outros, Lemminkäinen
Bebeu e ficou embriagado
Com a cerveja da filha de Osmo,
Com a bebida de mel de Kaleva.

402-409 "Osmotar, a preparadora da cerveja,
Kapo, que fazia a cerveja de cevada,
Disseram estas palavras, tristes:
'Ai de mim, que destino duro,
Preparei mal a bebida,
Não fiz a cerveja com sabedoria,
Ela não ficará dentro dos recipientes,
Transborda e invade Pohjola!'

410-415 "Do alto de uma árvore, canta o tordo,
Do álamo, chama o pintarroxo:
'Não sofras, tua cerveja está boa,
Põe-na em recipientes de carvalho,
Em barris fortes e resistentes,
Bem presos com aros de cobre.'

416-419 "Assim foi feita a cerveja de Pohjola,
Pelas mãos da filha de Osmo;
Esta é a origem da fabricação
Da cerveja com lúpulo e cevada de Kaleva;

420-431 Grande é a fama
Da antiga cerveja de Kaleva,
Que dizem tornar forte o fraco,
Que dizem secar as lágrimas das mulheres,
Que dizem alegrar os corações partidos,
Tornar os velhos jovens e flexíveis,
Fazer dos tímidos bravos e poderosos,
Tornar ainda mais bravos os valentes,
Encher o coração de alegria e contentamento,
Encher a mente de palavras sábias,
Encher a língua de lendas antigas,
Mas só torna o tolo mais tolo."

432-436 Quando a anfitriã de Pohjola
Soube como a cerveja fermentou pela primeira vez,
Soube a origem da fabricação da cerveja,
Logo encheu de água
Muitas tinas e barris de carvalho;

437-446 Encheu apenas pela metade os maiores recipientes,
Misturou a cevada com a água,
E acrescentou bastante lúpulo;
Misturou bem os três ingredientes
Em suas tinas de carvalho e bétula,
Aqueceu pedras pelos meses seguintes,
Para ferver a mistura mágica,

Deixou-a de molho durante os dias de verão,
Queimou a madeira de muitas florestas,
E esvaziou todas as fontes de Pohja;

447-458 Dia após dia, as florestas forneciam lenha,
E os poços entregavam suas águas,
Para ajudar a anfitriã Louhi
A preparar as bebidas,
Com água, lúpulo e cevada,
E com o mel das ilhas,
Para a festa de casamento de Pohjola,
Para o grande banquete de Pohjola
E as comemorações do casamento
Da Donzela do Arco-Íris
Com o ferreiro Ilmarinen,
O artesão do metal de Väinölä.

459-462 Vê-se fumaça sobre a ilha,
Fogo no promontório,
Fumaça negra subindo aos céus
Do fogo na ilha;

463-466 Enche de nuvens metade de Pohja,
Enche as muitas aldeias da Carélia;
Todo o povo olha, espantado,
E este é o coro das mulheres:

467-470 “De onde vêm todas essas nuvens de fumaça?
Por que esse fogo terrível em Pohjola?
Não parece fumaça de fogueiras,
É grande demais para o fogo de pastores!”

471-478 A velha mãe de Lemminkäinen
Saiu bem cedo pela manhã
Para buscar água na fonte,
E viu a fumaça subir aos céus,
Na região de Pohjola.
Estas foram as palavras da mãe:
‘É a fumaça dos heróis da guerra,
Do calor dos exércitos em combate!’

479-483 Até Ahti, o herói da ilha,
O velho feiticeiro Lemminkäinen,
Também conhecido como Kaukomieli,
Olhou a cena, espantado,
Pensou um pouco e falou assim:

484-488 “Eu gostaria de ver isso mais de perto,
Descobrir a causa de toda essa agitação,
De onde vêm essa fumaça e essa confusão,
Se é fumaça do calor da batalha
Ou das fogueiras dos pastores.”

489-492 Kaukomieli olhou e refletiu,
Estudou por muito tempo as nuvens de fumaça que subiam;
Não vinham do calor da batalha,

Nem das fogueiras dos pastores;

493-500 Soube que eram as fogueiras de Louhi,
Preparando cerveja em Sariola,
No promontório de Pohjola;
Lemminkäinen olhou por muito tempo,
Forçou a vista, ansioso,
Ficou olhando, espiando, pensando, admirado,
Envergonhado e cheio de inveja,
E disse estas palavras em sua ilha:

501-508 "Ó querida segunda mãe,
Anfitriã bondosa de Pohjola,
Faz tua cerveja com sabor de mel,
Faz tuas bebidas espumarem e cintilarem,
Para teus muitos amigos convidados,
Prepara-a bem para Lemminkäinen,
Para seu casamento em Pohjola
Com a Donzela do Arco-Íris."

509-516 Por fim, a cerveja ficou pronta,
Bebida dos nobres heróis,
Guardada em tonéis e barris,
Para repousar ali em silêncio por um tempo,
Nas adegas de Pohjola,
Em recipientes com aros de cobre,
Nos mágicos barris de carvalho,
Com tampões e torneiras de cobre.

517-528 Então a anfitriã de Pohjola
Preparou os pratos com habilidade,
Colocou-os com cuidado
Nas panelas e caldeirões ferventes,
Encomendou inúmeros pães de cevada,
Encomendou muitos pratos líquidos,
Todas as iguarias de Pohjola,
Para o banquete de seu povo,
Para a mais grandiosa festa,
Para os cantos e danças nupciais,
No casamento de sua filha
Com o ferreiro Ilmarinen.

529-534 Quando os pães ficaram assados e prontos,
Quando todos os pratos foram temperados,
Pouco tempo havia se passado,
Quase um instante apenas,
Quando a cerveja, presa nos barris,
Bateu alto, cantou e murmurou:

535-539 "Venham, heróis, venham me tomar,
Venham, deixem que eu anime seus espíritos,
Façam vocês cantar canções de sabedoria,
Para que me louvem com honra,
Cantem as canções da cerveja imortal!"

540-543 Logo Louhi procurou um menestrel,
Um bardo mágico e cantor artista,
Para que a cerveja fosse bem celebrada,

Louvada em canção e com honra.

544-549 Primeiro trouxeram um salmão como bardo,
Também trouxeram um lúcio do mar,
Mas o salmão não tinha talento,
E o lúcio tinha pouca sabedoria;
Os dentes do lúcio e as guelras do salmão
Não foram feitos para cantar lendas.

550-553 Então procuraram outro cantor,
Menestrel mágico, encantador da cerveja,
Para louvar a bebida dos heróis,
Cantar canções de alegria e felicidade;

554-559 E trouxeram um menino para cantar;
Mas o menino sabia muito pouco,
Não podia louvar a cerveja com honra;
A língua das crianças é cheia de perguntas,
As crianças não sabem falar com sabedoria,
Não sabem cantar as lendas antigas.

560-563 Mais forte ficou a cerveja aprisionada
Nos recipientes com faixas de cobre,
Trancada atrás das torneiras de cobre,
Ferveu, espumou, cantou e murmurou:

564-570 "Se vocês não trouxerem um cantor
Que cante minha glória imortal,
Que cante meu merecido louvor,
Vou arrebentar estas faixas de cobre,

Vou estourar as tampas de todos estes barris;
Não servirei aos melhores heróis
Até que ele cante minhas muitas virtudes.”

571-575 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Chamou uma criada de confiança,
Mandou-a convidar o povo
Para o casamento de sua filha,
Estas foram as palavras de Louhi:

576-582 “Ó minha criada fiel e verdadeira,
Serva que me pertence,
Reúna todo o meu povo,
Chame os heróis para o meu banquete,
Convide os ricos e os necessitados,
Convide os cegos, surdos e aleijados,
Convide os jovens e os idosos;

583-589 Vá aos morros e às cercas vivas,
Às estradas principais e aos caminhos secundários,
Convide-os para o casamento de minha filha;
Traga os cegos e os aflitos,
Em meus barcos pelas águas,
Traga nos meus trenós os que manquejam,
Junto com os velhos, doentes e necessitados;

590-593 Convide todo o povo de Sariola,
Convide o povo da Carélia,
Convide o antigo Wainamoinen,

Famoso bardo e cantor da sabedoria;

Mas dou uma ordem bem clara:
Não convide o selvagem Lemminkainen,
Nem o habitante da ilha, Ahti!"
A criada perguntou:
"Por que não convidar o selvagem Lemminkainen,
Antigo morador da ilha e menestrel?"

Louhi deu esta resposta simples:
"Boas são as razões que te dou
Para que o feiticeiro Lemminkainen
Não receba convite
Para a festa e o casamento de minha filha:

Ahti busca o calor da batalha,
Lemminkainen alimenta a confusão,
Combatente habilidoso das virtudes;
Pensa no mal e pratica o mal,
Só traria dor e tristeza,
Faria troça e zombaria das moças
Em seus trajes bem ajustados,
Não convide quem tem más intenções!"

A criada perguntou de novo:
"Diga-me como reconhecer este Ahti,
Também conhecido como Lemminkainen,
Para que eu não o convide até aqui;

617-621 Não conheço a ilha de Ahti,
Nem a casa de Kaukomieli!”
Disse a anfitriã de Pohyola:
“É fácil reconhecer o feiticeiro,
É fácil encontrar a morada de Ahti:

622-625 Ahti mora naquela ilha adiante,
Naquele cabo vive Lemminkainen,
Em sua casa perto da água,
Seu lar e morada ficam longe, no mar.”

626-629 Então a criada de confiança
Espalhou os convites de casamento
Entre o povo de Pohyola,
Entre as tribos de Kalevala;

630-638 Convidou os sem amigos e os sem lar,
Convidou os trabalhadores e pastores,
Convidou os pescadores e caçadores,
Convidou os surdos, mudos e aleijados,
Convidou os jovens e os idosos,
Convidou os ricos e os necessitados;
Não fez convite
Ao imprudente Lemminkainen,
Habitante da ilha no mar.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXI

✦

1-5 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Antiga senhora de Sariola,
Enquanto trabalhava em sua casa,
Ouviu estalar os chicotes nos brejos,
Ouviu o ranger dos trenós;

6-11 Voltou os olhos para o norte,
Voltou o olhar para a luz do sol,
E seus pensamentos seguiram assim:
"Quem são estes com roupas brilhantes,
Às margens das águas de Pohya,
São amigos ou exércitos inimigos?"

12-18 Então a anfitriã da Terra do Norte
Olhou de novo e examinou bem,
Chegou mais perto para ver,
Descobriu que não eram exércitos inimigos,
Descobriu que eram amigos e pretendentes.
No meio estava Ilmarinen,
Genro da antiga Louhi.

19-25 Quando a anfitriã de Pohyola
Viu o genro se aproximando,
Disse as seguintes palavras:
"Pensei que os ventos estivessem furiosos,

Que as pilhas de lenha estivessem caindo,
Pensei que os seixos estivessem se movendo,
Ou talvez que o oceano rugisse;

Então me apressei para mais perto,
Cheguei ainda mais perto e examinei,
Vi que os ventos não estavam em guerra,
Que as pilhas de lenha não haviam se movido,
Que o oceano não estava rugindo,
Nem os seixos se movendo;
Vi que meu genro estava chegando
Com seus heróis e acompanhantes,
Heróis contados às centenas.

"Se me perguntarem
Como reconheci o noivo
Em meio às multidões de homens e heróis,
Eu responderia, eu lhes diria:

'Como a aveleira nos bosques,
Como o carvalho na floresta,
Como a Lua entre os planetas;
O noivo conduz um corcel negro como carvão,
Que corre como um cão preto faminto,
Que voa como um corvo faminto,
Gracioso como a cotovia pela manhã,
Seis cucos dourados

Piam sobre o arco de bétula;
Sete pássaros azuis cantam
Na cangalha e na coleira do corredor.’”

50-53 Ouvem ruídos no pátio,
Na estrada ouvem os trenós,
Ilmarinen chega ao pátio,
Com sua guarda de heróis;

54-57 No meio, o pretendente escolhido,
Nem muito à frente dos outros,
Nem muito atrás de seus companheiros.
Disse a anfitriã de Pohyola:

58-65 “Venham para cá, homens e heróis,
Apressem-se, tratadores, até os estábulos,
Desatrelem o cavalo do pretendente,
Abaixem bem o peitoral do corredor,
Desfaçam as correias e fivelas,
Soltem bem os varais e as rédeas,
E tragam o pretendente para cá,
Deem boas-vindas ao meu genro!”

66-69 Ilmarinen conduziu seu corredor
Ao pátio e aos estábulos de Louhi,
E desceu de seu trenó de neve.
Disse a anfitriã de Pohyola:

70-80 “Venha, servo que cumpre minhas ordens,
O melhor entre meus servos de confiança,
Tire logo o cavalo do noivo
Dos varais adornados de prata,
Do arco curvo de salgueiro,
Retire o arreio enfeitado de cobre,
Amarre o de cara branca à manjedoura,
Trate com bondade o cavalo do pretendente,
Leve-o com cuidado ao abrigo
Pela rédea macia e reluzente,
Pelo cabresto com ponta de prata;

81-84 Deixe-o rolar entre as dunas,
Nos terrenos baixos, macios e planos,
Nas bordas dos bancos de neve,
Nos campos de cor leitosa.

85-90 “Leve o cavalo do herói para beber água,
Leve-o às fontes de Pohya,
Onde correm águas vivas,
Doces como o leite da bondade humana,
Vindas das raízes das bétulas prateadas,
À sombra dos álamos.

91-94 “Alimente o cavalo do pretendente
Com o milho e a cevada mais doces,
Com o trigo de verão e o trevo,
Em caldeirão adoçado;

95-98 Alimente-o na manjedoura dourada,
Nas caixas forradas de cobre,
Na minha manjedoura bem equipada,
No mais quente dos estábulos;

99-105 Amarre-o com um cabresto de seda,
A anéis e grampos de ouro,
A ganchos de prata pura,
Presos a vigas de bétula e carvalho;
Dê-lhe o feno mais doce,
Dê-lhe o milho mais nutritivo,
Dê-lhe o melhor que meus celeiros oferecem.

106-112 "Friccione bem o cavalo do pretendente
Com o raspador de espinha de peixe,
Escove seus pelos com escovas de seda,
Arrume sua crina e sua cauda,
Cubra-o bem com mantas de flanela,
Mantas bordadas com ouro e prata,
Com fivelas forjadas em cobre reluzente.

113-122 "Venham, meninos da aldeia,
Levem o pretendente aos meus aposentos,
Com os cabelos castanhos descobertos,
Tirem as luvas das mãos,
Vejam se conseguem conduzir o herói
Pela porta sem que se abaixe,
Sem levantar a trave superior,

Sem baixar a soleira de carvalho,
Sem mover os batentes de bétula,
Grande é o herói que deve entrar.

123-128 "Ilmarinen é alto demais,
Não consegue passar pelas portas,
Nem o genro e noivo,
Até que as portas sejam elevadas;
O pretendente é uma cabeça mais alto
Que as portas da mansão."

129-136 Depressa, os servos de Pohyola
Arrancaram a trave superior,
Para que seu gorro não fosse erguido;
Rebaixaram a soleira de carvalho
Para que o herói não tropeçasse;
Alargaram as portas de madeira de bétula,
Abriram por completo a porta de boas-vindas,
Facilitando a entrada do pretendente.

137-141 A anfitriã da Terra do Norte fala
Enquanto o noivo passa livremente
Pela porta de sua casa:
"Graças a ti, ó Ukko,
Meu genro entrou!

142-147 Deixe-me agora examinar meus salões;
Preparar os aposentos nupciais,
Pôr a melhor roupa de linho nas mesas,

As peles mais macias nos bancos,
O piso de bétula esfregado até ficar branco,
Todos os cômodos em perfeita ordem.”

148-152 Então a anfitriã de Pohyola
Visitou sua ampla casa,
Não reconheceu seus aposentos;
Cada cômodo havia sido reformado,
Transformado por uma grande magia;

153-161 Todos os salões estavam recém-polidos,
Ossos de ouriço serviam de teto,
Ossos de rena, de fundação,
Ossos de carcaju, de soleiras,
Ossos de corça, de travessas,
Todas as vigas eram de macieira,
Os batentes das janelas, de amieiro,
Escamas de truta enfeitavam as janelas,
E flores adornavam os fogões.

162-169 Todos os assentos eram de prata,
Todos os pisos, de ladrilhos de cobre,
Todas as mesas eram adornadas de ouro,
No chão havia esteiras de seda,
Cada fogão era revestido de cobre,
Cada pedra da lareira era de mármore,
Em cada prateleira havia conchas coloridas,
A árvore de Kaleva os protegia.

170-175 O herói chegou à sala de recepção,
O pretendente escolhido de Wainola,
Estas foram as palavras de Ilmarinen:
"Envia, ó Ukko, saúde e alegria
A esta antiga casa e morada,
A esta mansão ricamente adornada!"

176-181 Disse a anfitriã de Pohyola:
"Que tua chegada traga bons augúrios
A estes salões indignos de ti,
À casa de tua noiva,
A esta morada humildemente construída,
Entre tílias e álamos.

182-191 "Venham, moças que me servem,
Venham, rapazes da aldeia,
Tragam fogo em casca de bétula,
Acendam a lenha de pinheiro,
Para que eu possa ver o noivo,
O pretendente escolhido de minha filha,
A Donzela das Cores do Arco-Íris,
Ver a cor de seus olhos,
Se são azuis ou escuros,
Ver se são calorosos e leais."

192-200 Depressa, os rapazes da aldeia
Trouxeram fogo em casca de bétula,
Trouxeram-no nas pontas de madeira de pinheiro;
E o fogo e a fumaça se misturaram,

Rodopiaram e rugiram ao redor do herói,
Enegrecendo o rosto do pretendente,
E a anfitriã disse assim:
"Tragam o fogo num pavio,
Tragam-no em velas de cera!"

Então as moças fizeram o que lhes foi pedido,
Trouxeram depressa velas acesas,
Fizeram brilhar os olhos do pretendente,
Deram às suas faces um aspecto fresco e corado;

Fizeram seus olhos escuros
Brilharem como a espuma das águas,
Como o capim de junco à margem,
Coloridos como as joias do oceano,
Iridescentes como o arco-íris.

"Venham, rapazes das aldeias,
Levem meu genro e herói
Ao assento mais alto da mesa,
Ao lugar de maior honra,
De costas para a parede azul,
De frente para minhas mesas fartas,
Voltado para todos os convidados da Terra do Norte."

Então a anfitriã de Pohyola
Serviu seus convidados com fartura,
As bebidas mais ricas e os pratos mais raros,
E serviu primeiro o noivo;

221-224 Em seus pratos, biscoitos com mel,
E o mais doce salmão do rio,
Manteiga temperada, bacon assado,
Todas as iguarias de Pohyola.

225-228 Então os ajudantes serviram os demais,
Encheram os pratos de todos os convidados
Com a variedade de comidas da Terra do Norte.
Disse a anfitriã de Pohyola:

229-233 "Venham, moças da aldeia,
Tragam aqui a cerveja em jarros,
Nas urnas de duas alças,
Para os muitos convidados reunidos,
Sirvam o noivo antes de todos."

234-240 Então as alegres moças
Trouxeram a cerveja em jarros de prata
Dos recipientes com aros de cobre,
Para os convidados reunidos para o casamento;
E a cerveja, fermentando, espumava
Na barba de Ilmarinen,
Nas barbas de muitos heróis.

241-249 Quando todos os convidados provaram
A maravilhosa cerveja de cevada,
A cerveja falou em tom alegre
Pelas línguas dos feiticeiros,
Pela língua de muitos heróis,

Pela língua de Wainamoinen,
Famoso por ser o mais doce cantor
Entre os bardos e menestréis da Terra do Norte,
Estas foram as palavras do encantador:

250-253 "Ó cerveja de sabor adocicado como mel,
Não vamos beber em silêncio,
Que algum herói cante teus louvores,
Cante teu valor em versos dourados;

254-257 Que a anfitriã comece a cantar,
Que o noivo proclame tuas virtudes!
Nossas canções sumiram tão depressa?
Nossas línguas alegres ficaram mudas?

258-263 A cerveja foi mal preparada,
Então ela não deve valer grande coisa,
Se não anima o cantor,
Se não move o menestrel alegre,
Se os convidados de ouro estão sem alegria,
E o cuco não está cantando.

264-267 Estes bancos não vão ecoar
Até que os convidados nos bancos cantem tuas virtudes;
Nem o chão vai ressoar teus louvores
Até que os convidados no chão cantem em harmonia;

268-273 Nem as janelas entrarão no coro
Até que os convidados junto às janelas falem;
Todas as mesas ficarão em silêncio

Até que os heróis brindem às tuas virtudes;
Pouco canto virá da chaminé
Até que os convidados junto à chaminé entoem seus cantos.”

274-277 No chão estava sentado um menino,
E o garotinho respondeu assim:
“Sou pequeno e novo no canto,
Talvez tenha pouca sabedoria;

278-285 Seja como for, meus mais velhos,
Já que os menestréis idosos não cantam,
Nem os heróis entoam suas lendas,
Nem a anfitriã começa a cantar,
Vou cantar minhas histórias simples,
Cantar meu pequeno saber,
Para o prazer desta noite,
Para a alegria dos convidados.”

286-292 Um velho estava reclinado perto do fogo,
E o ancião de barba grisalha respondeu assim:
“Não é hora de as crianças cantarem,
A sabedoria das crianças é apressada demais,
As canções das crianças são cheias de bobagens,
Cheias de artimanhas astutas e vãs,
As canções das moças são cheias de tolices;

293-298 Deixem as canções e os encantamentos
Para os antigos cantores feiticeiros;
Deixem os contos dos tempos primordiais

Para o menestrel de Wainola,
Para o herói da Terra do Norte,
Para o antigo Wainamoinen."

299-307 Então Osmoinen respondeu:
"Não há outros cantores mais doces
Nesta honrada assembleia,
Que juntem as mãos
E cantem sem interrupção as canções antigas,
Assim comecem os encantamentos,
Façam estes antigos salões ressoarem
Para o prazer desta noite,
Para a alegria dos convidados reunidos?"

308-314 Junto à lareira, falou o ancião de barba grisalha:
"Não havia cantor em Pohyola,
Nem menestrel nem feiticeiro,
Mais hábil em entoar
As lendas dos dias passados
Do que eu quando cantava,
Nos anos de ambição vã;

315-319 Então eu cantava histórias de heróis,
Sobre o dorso azul das águas,
Cantava as baladas de meu povo,
Nos vales e nas montanhas,
Pelos campos verdejantes e pelas florestas;

320-325 Minha voz era doce e meu canto, hábil,
Todas as minhas canções eram muito elogiadas,
Ondulavam como rios tranquilos,
Corriam fáceis como as águas,
Deslizavam suaves como os esquis,
Como o navio sobre o oceano.

326-330 "Ai de mim, meus dias chegaram ao fim,
Já não reconheceria meu canto,
Toda a sua doçura passou para outros,
Já não corre como águas ondulantes,
Já não faz as colinas ecoarem!

331-334 Agora minhas canções estão cheias de dissonância,
Como o ancinho sobre o restolho,
Como o trenó sobre o cascalho,
Como o barco na praia!"

335-346 Então o antigo Wainamoinen
Disse estas palavras em versos mágicos:
"Já que nenhum outro bardo aparece
Para juntar a mão à minha no canto,
Cantarei algumas lendas simples,
Cantarei o saber que acumulei,
Farei estes salões mágicos ecoarem
Com minhas histórias antigas,
Pois fui criado para ser bardo,

Nascido orador e cantor;
Não perguntem pelos caminhos dos outros,
Não sigam as trilhas dos estranhos.”

347-351 Wainamoinen, famoso menestrel,
Eterno e sábio guardião do canto,
Então começou os cantos de alegria,
Fez os salões ressoarem de contentamento,
Encheu os aposentos com cantos maravilhosos;

352-355 O antigo bardo feiticeiro cantou
Os mais antigos ditos de sabedoria,
Sem falhar na voz ou nas lendas,
Relembrou todos os pensamentos mais sábios.

356-363 Assim o antigo Wainamoinen
Cantou para a alegria de todos os reunidos,
Para o prazer da noite,
Para o divertimento das moças,
Para a felicidade dos heróis;
Todos os convidados ficaram maravilhados e em silêncio
Diante da magia de seu canto,
Diante das canções do feiticeiro.

364-375 O sábio Wainamoinen falou de novo,
Quando terminou seus contos maravilhosos:
“Tenho pouco valor ou poder,
Sou um bardo de pouco mérito,
Meu canto tem pouca importância,

Minhas habilidades não são nada,
Se apenas Ukko, meu Criador,
Entoasse seus ditos de sabedoria,
Cantasse a origem do bem e do mal,
Cantasse a origem da matéria,
Cantasse as lendas da onisciência,
Cantasse seus versos com perfeição.

376-384 Deus poderia cantar as cheias até virarem mel,
Cantar as areias até virarem bagas vermelhas,
Cantar os seixos até virarem cevada,
Cantar as águas correntes até virarem cerveja,
Cantar as rochas do oceano até virarem sal,
Cantar as florestas até virarem campos de milho,
Cantar os frutos da floresta até virarem ouro,
Cantar as colinas e montanhas até virarem pão,
Cantar as pedras arredondadas até virarem ovos;

385-390 Ele poderia tocar as fontes da magia,
Poderia fazer girar as chaves da natureza,
E fazer surgir em teus pastos
Cercados cheios de ovelhas e renas,
Estábulos cheios de corcéis velozes,
Vacas em todos os campos e terras em pousio;

391-394 Cantar um manto de pele para o noivo,
Para a noiva, um casaco de arminho,
Para a anfitriã, sapatos de prata,
Para o herói, uma cota de malha de cobre.

395-400 “Concede, ó Ukko, meu Criador,
Deus do amor, da verdade e da justiça,
Concede tua bênção sobre nosso banquete,
Abençoa esta companhia reunida,
Para o bem de Sariola,
Para a felicidade da Terra do Norte!

401-405 Que este pão e esta cerveja tragam alegria,
Que venham em grande abundância,
Que levem plena satisfação
Ao povo de Pohyola,
À cabana e à mansão;

406-421 Que as horas que passamos cantando,
De manhã e à noite,
Encham nossos corações de alegria e felicidade!
Ouve nossas súplicas,
Concede-nos as bênçãos de que precisamos,
Envia alegria, saúde e conforto
Ao povo aqui reunido,
Ao anfitrião e à anfitriã,
À noiva e ao noivo,
Aos filhos que navegam pelas águas,
Às filhas em seus teares,
Aos caçadores nas montanhas,
Aos pastores nos brejos,

Para que nossas vidas terminem com honra,
Para que nos lembremos com prazer
Do casamento mágico de Ilmarinen

422-423 Com a Donzela das Cores do Arco-Íris,
A virgem branca como a neve da Terra do Norte.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXII

✦

1-6 Quando o casamento foi concluído,
Quando os muitos convidados se fartaram,
No casamento do Norte,
Na festa da Terra Sombria,
Disse a anfitriã de Pohjola
Ao ferreiro Ilmarinen:

7-12 "Por que te demoras, noivo?
Por que esperas, herói do Norte?
Ficas pelo prazer do pai,
Pelo carinho da mãe,
Pelo esplendor das donzelas,
Pela beleza da filha?

13-18 Nobre genro e irmão,
Espera mais, depois de já teres esperado
Tanto tempo pela virgem.
Tua prometida ainda não está pronta,
Tua companheira de vida ainda não está preparada,
Só trançaram seus cabelos.

19-23 "Noivo escolhido, orgulho de Pohja,
Espera mais, depois de já teres esperado
Tanto tempo pela virgem.

Tua amada está se preparando,
Só uma das mãos está pronta.

24-28 “Famoso artista, Ilmarinen,
Espera ainda mais, depois de já teres esperado
Tanto tempo pela virgem.
Tua amada ainda não está pronta,
Só um dos pés está calçado com sapato de pele”,

29-35 Disse de novo a velha Louhi:
“Pretendente escolhido para minha filha,
Tu esperaste três vezes com bondade.
Não esperes mais pela virgem,
Tua amada agora está pronta,
Tua companheira de vida está bem preparada,
A Donzela da Arco-Íris.

36-39 “Bela filha, une-te ao teu pretendente,
Segue-o, teu marido escolhido.
A união está muito próxima,
E tua partida também.”

40-45 O honrado noivo te espera,
Perto da porta, para te conduzir,
Levar-te à casa dele e aos parentes.
No portão, seu cavalo espera,
Morde inquieto o freio de prata,
E o trenó aguarda tua chegada.

46-49 “Tu desejavas um pretendente,
Estavas pronta para aceitar sua proposta,
Tinhas pressa de receber suas joias,
De pôr os anéis nos dedos;

50-55 Agora, bela filha, cumpre tua promessa;
Com passos felizes, vai depressa
Ao trenó, para te juntar ao noivo,
Segue alegre para a aldeia
Com teu companheiro de vida escolhido,
Com teu pretendente, Ilmarinen.

56-65 Mal olhaste ao redor,
Nem levantaste os olhos,
Bela donzela do Norte.
Fizeste um triste negócio,
Teu noivado está cheio de lamentos,
E teu casamento, cheio de tristeza,
Pois agora deixas para sempre
A antiga casa de teu pai,
Também deixas amigos e parentes,
Por causa do ferreiro Ilmarinen?

66-69 “Como era bela tua infância,
Na casa de teu pai,
Criada como uma flor delicada,
Como o morango na primavera;

70-76 Teu leito era macio e teu sono, doce,
Teu fogo, quente, e tua mesa, farta;
Dos campos vinha muito cereal,
Das terras altas, leite e frutas silvestres,
Trigo e cevada em abundância,
Peixe, ave, lebre e toucinho,
Dos campos e das florestas de teu pai.

77-88 "Nunca estiveste triste, criança,
Nunca tiveste dor nem aflição.
Deixavas todos os cuidados aos abetos,
Toda preocupação aos bosques,
Todo choro aos salgueiros,
Todos os suspiros às tílias,
Todos os pensamentos aos álamos
E às bétulas das montanhas,
Leve e solta como uma folha,
Como uma borboleta no verão,
Rosada como uma fruta da montanha,
Bela como as flores da primavera.

89-95 "Agora deixas casa e parentes,
Vais para outras lareiras,
Para outra mãe,
Outras irmãs e outros irmãos,
Para um segundo pai,
Para os criados de gente estranha,
Longe de tuas colinas e planícies natais.

96-100 As casas de lá serão diferentes das daqui;
Mais feliz é o lar de tua mãe.
Outras trompas soarão,
Outras portas se abrirão,
Outras dobradiças rangerão;

101-104 Não poderás entrar por aquelas portas
Como as filhas de Wainola,
Nem cuidar dos fogões e fornos
Como agrada aos estranhos.

105-108 "Pensaste, minha mais bela donzela,
Que poderias casar e, no dia seguinte,
Voltar, se assim quisesses,
À casa e à morada de teu pai?

109-112 Não por um, dois ou três dias
Deixarás os aposentos de tua mãe,
Deixarás tuas irmãs e teus irmãos,
Deixarás as colinas e planícies de teu pai.

113-116 Por muito tempo a esposa terá de vagar,
Vagará por muitos meses e anos,
Trabalhará e lutará por toda a vida,
Mesmo que a mãe ainda esteja viva.

117-122 Grandes serão as mudanças
Quando voltares a Pohya:
Teus amigos e parentes mais próximos estarão mudados,

Mudada estará a antiga casa de teu pai,
Mudados estarão os vales e as montanhas,
Outros pássaros cantarão teus louvores!”

123-126 Quando a mãe terminou de falar,
A filha respondeu, ao partir:
“Nos primeiros dias da infância,
Muitas vezes entoei estes versos:

127-130 ‘És virgem, mas ainda não és virgem,
Guiada por uma mãe idosa,
Nos campos e nas florestas de um irmão,
Na casa de um pai!

131-137 Só te tornarás virgem,
Só quando tiveres um pretendente,
Só quando te casares com um herói,
Um pé na soleira da casa de teu pai,
E o outro no trenó de neve
Que levará depressa a ti e a teu marido
Aos vales e às terras altas de sua terra!’

138-141 “Desejei isso por muitos verões,
Cantei muitas vezes na infância,
Esperei por isso como pelas flores,
Que chegam como os pássaros da primavera.

142-146 Assim se realizaram todos os meus desejos,
Minha partida está muito próxima,
Um pé na soleira da casa de meu pai,

E o outro pronto para a viagem
Com meu marido, para junto de seu povo;

147-155 Não consigo entender por que
Meus sentimentos de antes mudaram.
Não consigo deixar-te alegre,
Nem partir com grande alegria
De minha querida e antiga casa e de meus parentes,
Onde vivi como donzela,
Dos pátios em que fui criada,
Da mão e da orientação de meu pai,
Dos conselhos de minha fiel mãe.

156-159 Agora parto como uma donzela triste,
De coração pesado, rumo ao noivo,
Como a noiva da Noite no inverno,
Como o gelo sobre os rios.

160-166 "Esse não é o sentimento das outras,
Das outras noivas dos heróis do Norte.
As outras não partem infelizes,
Não têm lágrimas, cuidados nem tristezas.
Ai de mim! Tenho de chorar e lamentar,
Levarei grande tristeza para o túmulo,
Com o coração escuro como o rio negro da Morte.

167-170 "Assim sentem as felizes,
Assim pensam as donzelas alegres:
Como o primeiro amanhecer da primavera,

Como o sol que nasce no verão;

171-179 Nenhum brilho assim me espera,
Com meu jovem coração cheio de terror.
A felicidade não será minha,
Como a costa plana do oceano,
Como a fenda escura da nuvem de tempestade,
Como as noites tristes do inverno!
Sombrio é o dia de outono,
Sombria também a noite de outono,
Mais sombria ainda é minha vida futura!”

180-184 Uma velha donzela trabalhadora,
Sempre cuidando da casa e dos parentes,
Disse estas palavras, tentando consolar:
“Bela noiva, tu te lembras?
Não recordas meus conselhos?

185-189 Estas foram as palavras que te ensinei:
‘Não aguardes os pretendentes com alegria,
Nunca dês atenção às palavras dos cortejadores,
Não olhes nos olhos dos sedutores,
Mantém o olhar baixo, para os pés deles.

190-194 Quem tem palavras doces,
Quem tem olhos bonitos,
Pouco oferece que possa consolar.
Lempo está sentado em sua testa,
E em sua boca mora o terrível Tuoni.’

195-200 “Foi assim, bela noiva, que te aconselhei,
Assim aconselhei a filha de minha irmã:
Se viessem os melhores pretendentes,
Os mais nobres cortejadores, os mais orgulhosos amantes,
Dá a todos estas palavras sábias,
E responde assim:

201-204 ‘Nunca acharei sensato,
Nunca será do meu agrado,
Tornar-me uma segunda filha,
Ficar com a mãe de meu marido;

205-211 Nunca deixarei meu pai,
Nunca partirei para a servidão,
Por ordem de um noivo.
Nunca serei criada,
Esposa e escrava de herói algum,
Nunca me submeterei
Às ordens de um marido.’

212-222 “Bela noiva, não me deste ouvidos,
Não pensaste nos meus conselhos,
Não escutaste minhas palavras.
De propósito, teus pés te levaram
A um lamaçal de piche e água ferventes.
Correste para o trenó de neve de teu pretendente,
Para as tocas de urso de teu marido,
Para seres maltratada em seu trenó,

Levado à terra natal dele,
À servidão entre o povo dele,
Onde estarás sujeita à mãe dele.

223-226 Deixaste a casa de tua mãe
Para aprender com teu senhor.
Duras são as lições do senhor,
Pouco mais que um tormento constante;

227-235 Seus freios estão prontos para ti,
E as algemas, prontas para tuas mãos;
Não foram feitas para mais ninguém.
Logo sentirás a dureza,
Sentirás o peso de teu infortúnio,
A censura de teu segundo pai,
O tratamento desumano de sua esposa,
Ouvirás as palavras frias de teu irmão,
E tremerás diante de tua irmã arrogante.

236-240 "Escuta, noiva, o que te digo:
Em casa, tu eras uma joia,
Orgulho e alegria de teu pai.
'Luar', teu pai te chamava,
E tua mãe te chamava 'Raio de Sol';

241-248 'Espuma do Mar', teu irmão te chamava,
E tua irmã te chamava 'Flor'.
Quando deixares casa e parentes
E fores para junto de uma segunda mãe,

Ela muitas vezes te repreenderá,
Nunca te tratará como filha,
Raramente te dará conselhos,
Nunca louvará tuas qualidades.

249-253 ‘Lenha miúda’, teu pai te chamará;
‘Trenó de Trapos’, a mãe de teu marido;
‘Escada’, teu irmão estranho;
‘Espantalho’, tua irmã te chamará,
Irmã de teu marido ferreiro;

254-258 Então pensarás nos meus bons conselhos,
Então desejarás, entre lágrimas e lamentos,
Ter subido como vapor,
Ter tua alma se erguido como fumaça,
Ter tua vida desaparecido como faíscas.

259-263 Como pássaro, não podes voar
Do ninho para voltar para casa,
Não podes cair e morrer como folhas,
Não podes sumir como faíscas,
Nem desaparecer como a fumaça.

264-268 “Jovem noiva, irmã querida,
Trocaste todas as tuas amizades,
Trocaste teu pai amoroso,
Deixaste tua fiel mãe
Pela mãe de teu marido;

269-273 Trocaste teu irmão amoroso,
Renunciaste à tua irmã gentil,
Pelos parentes de teu pretendente;
Trocaste as cobertas brancas como a neve
Pelo leito rochoso da tristeza;

274-277 "Trocaste estas águas cristalinas
Pelas águas de Wainola;
Renunciaste a estas praias arenosas
Pelas margens barrentas de Kalew;

278-281 Abandonaste os vales do Norte
Pelos prados áridos de teu marido;
Deixaste as montanhas de frutas silvestres
Pelos campos de restolho e desertos.

282-286 "Tu, donzela, pensavas
Que serias feliz no casamento;
Que, a partir desta noite, não terias
Trabalho, cuidado nem tristeza,
E teu marido te protegeria.

287-292 Não te levam para dormir,
Nem para a felicidade nem para a alegria.
A vigília será tua companheira à noite,
E a aflição, tua companhia durante o dia.
Muitas vezes beberás tristeza,
Muitas vezes sentirás falta das alegrias perdidas.

293-296 “Quando estavas em casa, não usavas toucado,
E também tinhas pouca tristeza;
Quando teu leito não era de linho,
A infelicidade não se aproximava;

297-300 O toucado só traz dor e tristeza,
O linho provoca mau humor,
O linho só traz profunda angústia,
E o linho, luto antes da hora.

301-304 “Feliz em casa é a donzela,
Feliz junto à lareira de seu pai,
Como o senhor em sua mansão,
Feliz com seu arco e suas flechas.

305-308 Com as mulheres casadas não é assim.
As noivas dos heróis se parecem
Com as prisioneiras de Moscou,
Mantidas em servidão por seus senhores.

309-314 “Como esposa, terás de chorar e trabalhar,
Levarás preocupações nos dois ombros.
Quando passar a próxima hora,
Terás de cuidar do fogo e do forno,
Preparar o jantar de teu marido,
Dar ordens aos criados de teu senhor.

315-321 Quando o jantar da noite estiver pronto,
Terás de buscar sabedoria escondida
No cérebro da perca e do salmão,

Na boca do peixe branco do oceano.
Busca sabedoria no cuco;
Não podes aprendê-la com tua mãe,
Querida mãe de sete filhas;

322-327 Não consegues encontrar entre os tesouros dela
Onde nasceram os instintos humanos,
Onde nasceram as mentes dos heróis,
De onde veio a beleza da donzela,
De onde veio a beleza de seus cabelos,
Nem por que toda a vida renasce na primavera.

328-332 "Chora, ah, chora, minha jovem e bela noiva.
Quando chorares, chora de verdade.
Faz grandes rios brotarem de teus olhos,
Enche de lágrimas os campos e as terras em pousio,
Forma pequenos lagos na casa de teu pai;

333-339 Faz transbordar teus aposentos,
Derrama tuas lágrimas em abundância,
Para que não chores quando voltares
Às tuas colinas e vales natais,
Quando visitares teu pai,
Em meio à fumaça de uma glória que se apaga,
Com uma borla murcha no braço.

340-348 "Chora, ah, chora, minha bela donzela.
Quando chorares, chora de verdade.
Faz grandes rios brotarem de teus olhos;

Se não chorares de verdade,
Chorarás quando voltares
À tua casa e aos teus parentes do Norte,
Quando visitares tua mãe,
Velha e sem fôlego perto da cerca,
Com um feixe de cevada nos braços.

349-356 "Chora, ah, chora, doce e bela noiva.
Quando chorares, chora muito;
Se não chorares de verdade,
Chorarás quando voltares
Aos teus vales e terras altas natais,
Quando visitares teu irmão,
Ferido, caído à beira do caminho,
Com honras vazias na mão.

357-364 "Chora, ah, chora, filha de minha irmã,
Faz grandes rios brotarem de teus olhos;
Se não chorares o bastante,
Chorarás quando voltares
Aos lugares de tua infância feliz,
Quando visitares tua irmã,
Caída de bruços no prado,
Com um malho de bétula na mão."

365-368 Quando a velha donzela terminou,
A jovem noiva suspirou, angustiada,
E logo começou a chorar amargamente.
Disse estas palavras, tomada pela tristeza:

369-372 “Ó minhas queridas irmãs,
Companheiras da minha infância,
Amigas dos meus primeiros verões,
Escutem o conselho de sua irmã:

373-378 Não consigo compreender por que
Minha mente está tão abatida,
Por que sinto este cansaço e esta tristeza,
Este tormento indizível e invisível.
Não consigo entender o sentido
Deste enorme peso de tristeza!

379-384 Eu pensava que seria diferente,
Esperava alegrias maiores,
Esperava cantar como os cucos,
Chamar e ecoar no alto das colinas,
Quando alcançasse esta posição,
Quando enfim chegasse ao destino que esperava;

385-390 Mas não sou como o cuco,
A cantar alegre no alto das colinas.
Sou como o pato-azul, que não canta,
Enquanto nada sobre as águas,
Nadando pelo oceano tão frio,
Com pingentes de gelo nas asas.

391-396 “Velho pai, mãe de cabelos grisalhos,
Para onde querem me levar?
Para onde levar esta noiva, tua filha,

Para que esta tristeza passe,
Para que meu coração pesado se alivie,
Para que esta dor se transforme em alegria?

397-402 Teria sido melhor, mãe,
Que tivesses criado um bloco de madeira de bétula,
Que tivesses vestido uma pedra de arenito colorido,
Em vez desta donzela infeliz,
Para que não sofresse tantas tristezas
E esta dor aguda e mortal.

403-406 "Muitos que se compadecem de mim dizem:
'Noiva tola, és ingrata.
Não sofras, filha da tristeza,
Tens poucos motivos para chorar.'

407-412 "Ó meu povo, não me enganem,
Não tentem me convencer com falsidades,
Pois, ai de mim, tenho mais problemas
Do que pedras há nas cachoeiras,
Do que salgueiros há em Ingerland,
Do que frutas há nas colinas de Suomi;

413-419 Nem o cavalo de arado de Pohya
Poderia puxar este enorme peso de tristeza
Sem sacudir a trave de bétula,
Sem romper a pesada coleira.

Nem a rena do Norte,
Com ferraduras pesadas e bem arriada,
Poderia levar este fardo de preocupação e aflição.”

420-423 Perto do fogão, uma criança brincava,
E então disse:
“Por que choras, bela noiva?
Por que essas lágrimas de dor e tristeza?

424-432 Deixa tuas aflições para os rebanhos de alces,
E tua tristeza para as éguas negras.
Deixa que os cavalos de freios de ferro
Levem o peso de tua angústia.
Os cavalos têm a testa muito maior,
Ombros mais largos e tendões mais fortes,
E o pescoço deles foi feito para o trabalho.
Seus ossos e músculos são mais fortes;
Deixa que levem teus pesados fardos.

433-436 Chorar não adianta muito,
Tuas lágrimas de tristeza são inúteis.
Não te levam a pântanos nem a planícies,
Nem às margens de pequenos rios;

437-440 Levam-te a campos floridos,
A árvores e florestas frutíferas,
Da cerveja de Pohya
Ao hidromel mais doce de Kalew.

441-444 Teu marido está ao teu lado,
À tua direita, Ilmarinen,
Amigo constante e protetor para toda a vida.
Ele te guardará de todo mal;

445-448 Teu marido está pronto, e o cavalo te espera,
Com arreios adornados de ouro e prata,
Pássaros cor de avelã cantam e esvoaçam
Na canga e na travessa do cavalo;

449-452 Tordos também cantam e gorjeiam
Alegres no arreio e na coleira.
Sete pássaros-azuis, sete cucos
Cantam juntos a marcha nupcial.

453-462 "Não fiques mais tão triste,
Enxuga as lágrimas, bela noiva.
Encontraste um marido nobre,
Viverás melhor do que nunca,
Ao lado de Ilmarinen,
Marido artista, mestre dos metais,
Quem põe o pão em tua mesa,
Nos braços do pescador,
No peito do caçador de alces,
Ao lado do matador de ursos.

463-468 Conquistaste o melhor dos pretendentes,
Obtiveste um herói poderoso.
Sua besta nunca fica parada,

As aljavas não ficam penduradas nos pregos,
Seus cães não ficam no canil;
A caça sempre o mantém ocupado.

469-479 Três vezes, na primavera que desponta,
Nas primeiras horas da manhã,
Ele se levanta de seu leito de folhas,
De seu sono no matagal.
Três vezes, na época da semeadura,
O cervo cruza seu caminho,
Os galhos roçam suas roupas,
E os ramos de abeto penteiam seus cabelos.
Vai depressa com teu marido,
Para onde os amigos de teu herói te esperam,
Onde as florestas cantam para te receber.

480-485 "Ilmarinen possui lá
Todas as aves que voam pelo céu,
Todos os animais que vivem nas florestas,
Todos os que se alimentam nas montanhas,
Todos os que pastam nas colinas e nos vales,
Milhares de ovelhas e de cabeças de gado;

486-496 A grama é doce em seus prados,
Doce é a cevada em suas terras altas,
Há muito cereal nas planícies,
Trigo nos pousios cobertos de olmos,
Centeio ondula perto dos riachos,
Grãos ondulam em muitos hectares,

Há ouro e prata em suas montanhas,
Ricas são suas minas de cobre brilhante,
As terras altas estão cheias de metais mágicos,
Seu depósito guarda caixas de joias,
E toda a riqueza da Kalevala."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXIII

✦

1-12 Agora é preciso instruir a noiva,
Quem ensinará a Donzela da Beleza,
Quem instruirá a filha do Arco-Íris?
Osmotar, a donzela sábia,
A bela e encantadora virgem de Kaleva,
Osmotar dará instruções
À noiva de Ilmarinen,
À noiva órfã de Pohya,
Ensinará a viver com alegria,
A viver e reinar com glória,
A conquistar os elogios da sogra,
Feliz na casa do marido.

13-18 Osmotar, com palavras delicadas,
Assim se dirige à noiva ansiosa:
"Donzela da Beleza, querida irmã,
Tenra planta dos jardins de Louhi,
Ouve o que tua irmã te ensina,
Escuta seus sábios conselhos:

19-28 Vai-te daqui, minha muito amada,
Parte para longe, minha flor,
Viaja envolta em cores,
Desliza em sedas e fitas,
Desta casa antiga e renomada,

Dos salões e pátios de teu pai.
Apressa-te para a aldeia de teu marido,
Vai depressa à casa de tua sogra;
Estranhos são os cômodos de outras casas,
Estranhos os costumes de outras aldeias.

29-35 "Parte com o pensamento atento,
E considera bem o teu trabalho,
Tão diferente de tua casa no Norte,
Dos prados de teu pai,
Das terras altas de teu irmão,
De cantar nos brejos de tua mãe,
De colher margaridas com tua irmã.

36-42 "Ao partires da casa de teu pai,
Podes levar o que te agradar,
Mas deixa para trás apenas três coisas:
Deixa teus sonhos para tua irmã,
Deixa teu carinho para tua mãe,
Deixa teus trabalhos para teu irmão,
Leva todo o resto que desejares.

43-51 Abandona teus encantamentos,
Lança teus suspiros aos pinheiros,
E tua juventude aos ventos,
Tuas alegrias aos leitos,
Lança teus enfeites às crianças,
E teu tempo livre aos velhos,

Entrega todas as diversões às tuas companheiras,
Que elas as levem para as florestas,
E as enterrem sob a montanha.

52-57 "De agora em diante, adquire novos hábitos,
Esquece teus antigos costumes,
Deixa para trás o amor de tua mãe,
Ama a mãe de teu marido,
Baixa a cabeça,
E fala apenas palavras bondosas.

58-63 "De agora em diante, adquire novos hábitos,
Esquece teus antigos costumes,
Deixa para trás o amor de teu pai,
Ama o pai de teu marido,
Baixa a cabeça,
E fala apenas palavras bondosas.

64-69 "De agora em diante, adquire novos hábitos,
Esquece teus antigos costumes,
Deixa para trás o amor de teu irmão,
Ama o irmão de teu marido,
Baixa a cabeça,
E fala apenas palavras bondosas.

70-75 "De agora em diante, adquire novos hábitos,
Esquece teus antigos costumes,
Deixa para trás o amor de tua irmã,

Ama a irmã de teu marido,
Baixa a cabeça,
E fala apenas palavras bondosas.

76-80 "Jamais, em tempo algum,
Jamais, enquanto a lua brilhar,
Se aproximes de tua casa com maldade,
Nem trates teus criados com desdém,
Nem ajas sem cuidado em teus pátios;

81-85 Que tua casa inspire bons modos,
E que tuas paredes ecoem virtude.
O herói busca o que vem depois,
E os melhores homens procuram honra,
Buscam honestidade e sabedoria;

86-89 Se tua casa for imoral,
Se os que nela vivem não tiverem virtude,
Teus velhos serão cães pretos,
Disfarçados de ovelhas junto à tua lareira;

90-95 Todas as tuas mulheres serão bruxas,
Bruxas perversas em teus aposentos,
E teus irmãos serão serpentes,
Rastejando pela casa de teu marido;
Todas as tuas irmãs serão conhecidas
Por seus maus pensamentos e atitudes.

96-101 “Dá a mesma honra
Aos amigos e parentes de teu marido;
Baixa mais a cabeça
Do que na casa de tua mãe,
Do que na sala de visitas de teu pai,
Quando honravas teus parentes.

102-105 Esforça-te sempre para dar bons conselhos,
Mantém um semblante radiante,
Carrega sobre os ombros uma cabeça
Cheia de ditados sábios e antigos;

106-109 Abre bem os olhos ao amanhecer
Para ver o nascer do sol prateado,
Afina bem os ouvidos ao anoitecer,
Para ouvir o galo cantar;

110-115 Quando ele cantar pela segunda vez,
Levanta-te logo do sono,
Deixa os idosos dormirem em paz;
Se o galo não te chamar,
Deixa o luar tocar tuas pálpebras,
E que a Ursa Maior te guie;

116-119 Vai sempre consultá-los,
Pede conselho à Lua,
Busca a sabedoria antiga na Ursa,
Lê teu futuro nas estrelas;

120-125 Quando a Ursa Maior estiver voltada para o sul,
E sua cauda apontar para o norte,
Será hora de despertar,
Procura fogo nas cinzas,
Põe uma faísca na isca,
Sopra o fogo para que alcance toda a lenha.

126-132 Se não houver faísca nas cinzas,
Vai acordar teu marido, o herói,
E diz estas palavras ao despertá-lo:
'Dá-me fogo, meu amado,
Dá-me uma faísca, meu marido,
Faz um pouco de fogo com a pedra,
E deixa cair na minha isca.'

133-137 "Com a faísca, Donzela da Beleza,
Acende o fogo e aquece os fornos,
Põe a tocha no suporte,
Encontra o caminho até os estábulos,
E enche os cochos vazios;

138-149 Se as vacas de teu marido mugirem,
Se os cavalos de teu irmão relincharem,
As vacas aguardam tua chegada,
E os cavalos te chamam,
Apressa-te, abaixando-te para passar pelas cercas,
Corre pelos pátios e estábulos,
Alimenta com alegria as vacas de teu marido,
Cuida bem dos cordeirinhos dóceis,

Dá às vacas o melhor trevo,
Feno e cevada aos cavalos,
Alimenta os bezerros de mães que mugem,
E as aves que voam ao teu encontro.

150-153 "Nunca descanses sobre o palheiro,
Nunca durmas junto às cercas,
Quando o gado estiver alimentado e cuidado,
E os rebanhos tiverem bebido;

154-162 Apressa-te então, minha bela senhora,
Como flocos de neve, volta para casa,
Onde um bebê chorando te espera,
Chorando, abandonado no berço,
Sem poder falar e contar seus problemas,
Bebê sem fala, criança chorosa,
Sem poder dizer que está com fome,
Se sente dor ou frio,
Ele recebe com alegria os passos da mãe.

163-172 Depois, vai em silêncio
Aos aposentos de teu marido,
Visita cedo os quartos dele,
Com uma jarra dourada na mão,
Uma vassoura de bétula no braço,
Uma vela acesa entre os dentes,
E tu mesma em quarto lugar.

Varre então a casa de teu herói,
Tira o pó dos bancos e das mesas,
E lava bem o chão com água.

173-179 "Se o bebê da tua irmã
Brincar sozinho no seu cantinho,
Dá atenção à criança,
Lava seus olhos e alisa seus cachinhos,
Dá ao bebê o conforto de que precisa;
Se não tiveres pão de cevada,
Põe algum brinquedo em sua mão.

180-187 "Por fim, quando a semana terminar,
Faz uma boa limpeza na casa,
Nos bancos, mesas, paredes e tetos;
Tira o pó das janelas,
Varre-o com uma vassoura de galhos de bétula,
Primeiro, borrifa água em todos os cômodos,
Para que o pó não se espalhe,
Nem encha os salões e quartos.

188-193 Varre o pó de cada fresta,
Não deixes nem um grão;
Varre também os cantos da chaminé,
E não te esqueças das vigas,
Para que a casa não pareça desarrumada,
Nem o lar pareça descuidado.

194-201 “Ouve, moça, o que te digo,
Aprende o sentido dos meus ensinamentos:
Nunca uses roupas muito curtas,
Que tuas vestes sejam simples e bonitas,
Usa sempre o linho mais branco,
Calça sapatos de pele bem cuidados,
Pela glória de teu marido,
Pela honra de teu herói.

202-210 Cuida bem da sagrada sorveira,
Guarda os freixos-da-montanha plantados
No pátio, com seus galhos espalhados;
Belos são os freixos-da-montanha,
Belas suas folhas e flores,
Mais belas ainda são as bagas.
Assim a exilada mostra
Que vive para agradar ao marido,
E se esforça para fazer feliz seu herói.

211-217 “Como o rato, tem ouvidos atentos,
Como a lebre, pés ligeiros,
Inclina o pescoço e vira o rosto
Como o zimbro e o álamo,
Assim vigiarás teus passos com cuidado,
Assim protegerás teus pés de tropeçar,
Para que caminhes em segurança.

218-224 “Quando teu irmão voltar da lavoura,
E teu pai, de seus celeiros,
E teu marido, dos bosques,
De cortar lenha, teu amado,
Dá a cada um uma bacia com água,
Dá a cada um uma toalha de linho,
E dirige a cada um uma saudação gentil.

225-231 “Quando tua segunda mãe se apressar
Para a casa e a família de teu marido,
Com uma medida de farinha de milho na mão,
Corre ao pátio para recebê-la,
Feliz, inclina-te diante dela,
Tira a medida de seus dedos,
E leva-a alegremente ao teu marido.

232-238 “Se não conseguires ver com clareza
O que deves fazer em seguida,
Pergunta logo à mãe de teu herói:
‘Segunda mãe, minha querida,
Diz-me a tarefa que tua segunda filha
Deve cumprir com boa vontade,
E como posso fazê-la da melhor maneira.’

239-252 “Esta deve ser a resposta da mãe:
‘Assim deves trabalhar,
Assim cumprirás tuas tarefas diárias:
Socas com dedicação e coragem,
Móis com vontade e grande perseverança,

Arruma bem as pedras do moinho,
Enche de água as panelas de cevada,
Amassa com força a massa para assar,
Põe os gravetos na lareira,
Para aquecer teus fornos,
Assa com amor os biscoitos de mel,
Assa os pães maiores de cevada,
Enxágua bem teus pratos,
E lustra teus copos.

253-257 "Se ouvires da mãe,
Da mãe de teu marido,
Que o barril de farinha está vazio,
Pega a cevada nos celeiros,
E corre para os cômodos do moinho.

258-262 Quando estiveres moendo nos cômodos,
Não cantes com alegria e entusiasmo,
Gira as pedras do moinho em silêncio,
Deixa teu canto para o moinho,
E que os orifícios laterais façam música;

263-268 Não suspires como quem está triste,
Não gemas como quem está aflita,
Para que o pai não pense que estás cansada,
Nem a mãe de teu marido imagine
Que teus gemidos mostram descontentamento,
E teus suspiros, insatisfação.

269-274 Peneira depressa a farinha que moeste,
Leva-a em baldes até os barris,
Assa com prazer o pão de teu herói,
Amassa com cuidado e paciência,
Para que teus biscoitos fiquem bons,
E a massa cresça leve e fofa.

275-279 "Se vires um balde vazio,
Põe-no no ombro,
Leva no braço uma concha de prata,
E corre para buscar água
No rio de águas cristalinas;

280-283 Carrega o balde com graça,
Segura-o firme pelas alças,
Corre para casa como a brisa,
Corre como o ar do outono;

284-292 Não demores perto do riacho,
Não fiques junto à água,
Para que o pai não pense,
Nem a senhora idosa imagine,
Que contemplaste tua imagem,
Que admiraste teu rosto e teus traços,
Que admiraste tua graça e beleza
No espelho da fonte,
Nos redemoinhos do riacho cristalino.

293-301 “Se fores aos bosques,
Para juntar gravetos de álamo,
Não vás com barulho e agitação,
Junta teus gravetos em silêncio,
Recolhe tranquilamente a lenha de bétula,
Para que o pai não pense,
Nem a mãe imagine
Que chamaste por raiva,
E fizeste barulho por descontentamento.

302-309 “Se fores ao depósito
Buscar farinha de cevada,
Não demores no caminho,
Nem fiques parada à entrada,
Para que o pai não pense,
Nem a mãe imagine
Que dividiste a farinha
Com as mulheres da aldeia.

310-322 “Se fores ao rio
Lavar teus pratos de bétula,
Limpar tuas panelas e baldes,
E quiseres fazer o trabalho com capricho,
Enxágua as laterais e as alças,
Lava bem teus jarros,
Colheres, garfos, facas e copos,
Enxágua com cuidado os utensílios de cozinha,
Vigia bem os utensílios para servir a comida,

Para que os cães não os estraguem,
Nem os gatinhos os danifiquem,
Nem as águias os roubem,
Nem as crianças os quebrem;

323-326 Há muitas crianças na aldeia,
Muitas cabecinhas e dedinhos,
Que precisarão de tua atenção,
Para que não roubem as coisas de valor.

327-335 "Quando fores tomar banho,
Deixa as escovas preparadas
No banheiro limpo e sem fumaça;
Não demores na água,
Não te demores no banho,
Para que o pai não pense,
Nem a mãe imagine
Que estás dormindo nos bancos,
Descansando no maior conforto.

336-344 "Quando voltares do banho,
Convida o pai a tomar seu banho,
E diz a ele estas palavras:
'Pai de meu herói e marido,
Os bancos do banheiro estão limpos,
Tudo está perfeitamente em ordem;
Vai tomar um banho agradável,
Derrama toda a água de que precisares,
E eu te ajudarei no que for necessário.'

345-351 “Quando chegar a hora de fiar,
Quando chegarem as horas de tecer,
Não peças ajuda aos outros,
Não procures respostas no riacho,
Não peças conselhos às criadas,
Nem o fuso às irmãs,
Nem o pente de tecer a estranhos.

352-356 Tu mesma deves fiar,
Com tua própria mão mover o tear,
Enrolar frouxas as meadas de lã,
Enrolar apertados os novelos de linho,
Enrolá-los com habilidade na lançadeira;

357-363 Estende a urdidura nos rolos,
Bate junto o fio da trama e o da urdidura,
Move depressa a lançadeira,
Tece bom pano para todas as tuas vestes,
Tece tecidos de lã para os vestidos,
Com a lã mais fina dos cordeirinhos,
Usando um só fio na tua tecelagem.

364-370 “Ouve o conselho que agora te dou:
Faz tua cerveja com cevada temporã,
Com os grãos recém-colhidos da cevada,
Prepara-a com virtudes mágicas,
Maltando-a com a doçura do mel,
Não a mexas com a vara de bétula,
Mexe-a com teus dedos habilidosos;

371-377 Quando fores aos celeiros,
Não deixes que a semente traga desgraça,
Mantém os cães fora da cervejaria,
Não temas os lobos famintos,
Nem os animais selvagens das montanhas,
Quando fores preparar tua cerveja,
Mesmo que saias à meia-noite.

378-383 "Se algum forasteiro vier te visitar,
Não te preocupes com o conforto dele;
Uma casa honrada sempre
Tem provisões para o forasteiro,
Pedaços de carne, pão e biscoitos,
O bastante para a mesa do jantar;

384-387 Acomoda o forasteiro em tua casa,
Fala com ele em tom amigável,
Trata o visitante com bondade,
Enquanto o jantar é preparado.

388-394 Quando o forasteiro deixar tua porta,
Quando já tiver se despedido,
Leva-o apenas até o portão,
Não passes da soleira,
Para que teu marido não imagine,
Nem tua sogra pense,
Que tens interesse em forasteiros.

395-401 “Se algum dia fizeres uma viagem
Até o centro da aldeia,
Para buscar algo de que precisas,
Enquanto conversas no povoado,
Que tuas palavras sejam sábias,
Para não envergonhares teus parentes,
Nem desonrares a família de teu marido.

402-406 “As moças da aldeia muitas vezes te perguntarão,
As mães do povoado te questionarão:
‘A mãe de teu marido te acolhe
Como eras acolhida na infância,
Em teu feliz lar em Pohya?’

407-411 Não respondas que não,
Diz que ela sempre te deu
O melhor de seus mantimentos,
E te acolheu com muita bondade,
Mesmo que isso tenha acontecido só uma vez por estação.

412-418 “Escuta bem o que te digo:
Ao deixares teu pai
Para ir à distante casa de teu marido,
Não deves esquecer tua mãe,
Aquela que te deu vida e beleza,
Aquela que cuidou de ti na infância,
Ela passou muitas noites sem dormir para te criar;

419-422 Muitas vezes ela deixou de cuidar das próprias necessidades,
Inúmeras vezes te embalou;
Carinhosa, verdadeira e sempre fiel,
Assim é a mãe para sua filha.

423-426 Aquela que pode esquecer a mãe,
Pode abandonar quem a criou,
Não deveria visitar o castelo de Mana,
No reino de Tuoni;

427-433 Em Manala ela sofreria,
Sofreria um castigo terrível,
Se esquecesse a mãe;
Se abandonasse sua querida mãe,
As filhas de Mana a atormentariam,
E os filhos de Tuoni a insultariam,
Perguntando-lhe o seguinte:

434-445 ‘Como pudeste esquecer tua mãe,
Como pudeste abandonar quem te criou?
Grande foi a dor que tua mãe sofreu,
Grande o sofrimento que lhe causaste
Quando tua mãe amorosa te trouxe
À vida, para o bem ou para o mal,
Quando te deu existência na terra,
Quando te criou ainda bebê,
Quando te alimentou na infância,

Quando te ensinou tudo o que sabes,
Agora os castigos de Mana cairão sobre ti,
Pois tua mãe foi esquecida!'"

446-449 No chão, uma bruxa estava sentada,
Perto do fogo, uma mulher mendiga,
Alguém que conhecia os costumes das pessoas,
Estas foram as palavras que ela disse:

450-454 "Assim canta o corvo no inverno:
'Quem dera eu pudesse ser cantora,
E ter uma voz cheia de doçura,
Mas, infelizmente, minhas canções não valem nada,
Não encantam nem a mais frágil criatura;

455-461 Tenho de viver sem cantar,
Deixar as canções para os músicos,
Aqueles que vivem em casas douradas,
Nos lares dos bem-amados;
Por isso, tenho de vagar sem lar,
Como mendiga pelos campos de trigo,
Sem ninguém que me honre.'

462-465 "Escuta agora, irmã, o que te digo:
Entra na casa de teu marido,
Não sigas a vontade nem os caprichos dele,
Como eu segui a vontade de meu marido;

466-474 Eu era como uma flor em botão,
Desabrochava como uma rosa na primavera,
Crescia como uma jovem esguia,
Como a joia de mel da glória,
Como as companheiras da minha infância,
Como os gansinhos de meu pai,
Como os patos-azuis de minha mãe,
Como os filhotes aquáticos de meu irmão,
Como o pintassilgo de minha irmã;

475-482 Cresci como a flor da urze,
Como a frutinha do prado,
Brinquei na praia arenosa,
Balancei-me nas colinas perfumadas,
Cantei o dia inteiro pelo vale,
Enchi de canto as colinas e montanhas,
De alegria os desfiladeiros e as florestas,
Vivi e brinquei nos bosques.

483-487 "As raposas caem nas armadilhas
Por causa das cruéis pontadas da fome,
E nelas também cai o arminho astuto;
Assim as moças são cortejadas e se casam,
Na ânsia de ter um marido.

488-491 Assim é criada a virgem,
Assim é destinada a filha,
Submissa ao marido herói,
E também à mãe dele.

492-495 “Então corri para outros campos,
Como uma frutinha vinda da margem,
Como um oxicoco para assar,
Como um morango para o jantar;

496-499 Todos os olmos pareciam me ferir,
Todos os álamos tentavam me cortar,
Todos os salgueiros tentavam me agarrar,
Toda a floresta tentava me matar.

500-508 Assim viajei para junto de meu marido,
Assim fui até a casa dele,
E fui apresentada à mãe dele.
Então havia, como se dizia,
Seis divisões construídas de madeira de pinho,
Doze câmaras ao todo,
E a mansão estava cheia de sótãos,
Estendendo-se por toda a orla da floresta,
Com flores em todos os caminhos;

509-514 Riachos margeavam os campos de cevada,
As ilhas estavam cheias de trigo e cereais,
Havia grãos em abundância nos celeiros,
Centeio por debulhar em grande quantidade,
Incontáveis somas de ouro e prata,
E outros tesouros sem número.

515-518 Quando terminei minha viagem,
Quando enfim me entregaram a ele,
Seis esteios havia na cabana dele,
E sete varas serviam de cerca.

519-524 Os arbustos estavam cheios de raiva,
Todos os vales mostravam desagrado,
Todos os caminhos estavam cheios de aflição,
As florestas eram mal-humoradas,
Cem palavras de mau agouro,
E outras cem de crueldade.

525-528 Não deixei que isso me entristecesse,
Por muito tempo procurei merecer elogios,
Por muito tempo esperei conquistar algum apreço,
Esforcei-me ao máximo para ser tratada com bondade;

529-532 Quando me levaram para a cabana,
Ali tentei juntar algumas lascas,
Bati a cabeça nos umbrais
Da humilde morada do meu marido.

533-540 "À porta havia olhos estranhos,
Olhos negros na divisória,
Verdes de inveja na cabana,
Heróis malvados ao fundo,
De cada boca saía fogo,

De cada língua voavam faíscas,
Vindas do meu segundo pai,
De seus olhos cheios de maldade.

541-552 Não deixei que isso me afligisse,
Tentei viver em paz e alegria,
Na casa do meu marido;
Sofri com humildade,
Saltitava com pés de coelho,
Voava com passos de arminho,
Deitava tarde para dormir,
Levantava cedo como uma serva,
Não conseguia um gesto de carinho,
Não merecia amor nem honra,
Embora tivesse removido montanhas,
Embora tivesse aberto rochas.

553-560 "Então girei a pesada mó,
Moa a farinha com cuidado e esforço,
Moa os grãos de cevada com paciência,
Para que a mãe se alimentasse,
Para que sua garganta furiosa engolisse
O que agradasse ao seu gosto e capricho,
De seus pratos esmaltados de ouro,
Do canto de sua mesa.

561-564 "Quanto a mim, pobre filha sem sorte,
Toda a minha farinha vinha das sobras da peneira
Na mesa perto do forno,

Eu comia com uma colher de bétula;

565-574 Muitas vezes eu trazia musgos
Colhidos nos prados das terras baixas,
Assava-os em pães para comer;
Trazia água do rio,
Com sede, bebia no balde,
Comia os piores peixes do Norte,
Só peixes pequenos e sem valor,
Balançando no meu barco de casca de bétula;
Nunca comi peixe nem biscoito
Das mãos da minha segunda mãe.

575-578 "No verão eu juntava espigas,
No inverno torcia talos de cevada,
Como os trabalhadores dos heróis,
Como servos vendidos à escravidão.

579-584 Na eira do meu marido,
Sempre me davam
O mangual mais pesado e comprido,
E a alavanca mais longa,
Na praia, o batedor mais forte,
E o maior ancinho para juntar feno;

585-588 Ninguém achava meu fardo pesado,
Ninguém achava que eu pudesse sofrer,
Embora os melhores heróis fraquejassem,
E as mulheres mais fortes se debilitassem.

589-592 “Assim eu, jovem dona de casa,
Cumpria todas as minhas tarefas na hora certa,
Encharcava-me de suor,
Esperava que viessem tempos melhores;

593-599 Mas eu só me levantava para trabalhar,
Sem conhecer descanso nem alegria.
Todos da casa me culpavam,
Zombavam de mim com palavras ingratas,
Ora por meus modos desajeitados,
Ora por minha reputação,
Criticando meu nome e minha posição.

600-603 Palavras cruéis eram despejadas sobre mim,
Caíam como granizo sobre mim, infeliz,
Como o terrível clarão de um raio,
Como o pesado granizo da primavera.

604-610 Eu não desanimei por completo,
Teria continuado trabalhando por mais tempo
Sob a língua da maldade,
Mas a velha me tirou do sério,
Despertou minha mais profunda ira e ódio;
Então meu marido virou um urso selvagem,
Virou um lobo feroz de Hisi.

611-617 “Só então comecei a chorar,
E a refletir no meu quarto,
Pensei em todas as alegrias de antes,

Nos dias felizes da infância,
Nas lareiras alegres de meu pai,
Na cabana tranquila de minha mãe,
Então comecei a murmurar assim:

618-628 ‘Bem sabes, mãe antiga,
Como fazer florescer teu doce broto,
Como cuidar de teu tenro rebento;
Mas não soubeste onde enxertá-lo,
E colocaste, ai de mim, a pequena muda
No pior dos lugares,
Num outeiro sem fertilidade,
No galho mais duro da cerejeira,
Onde não podia crescer nem florescer,
Ali desperdiçar a vida, em lágrimas,
Infeliz em sua tristeza sem fim.

629-634 Minha conduta teria sido mais digna
Em regiões melhores,
Em pátios mais amplos,
Em aposentos maiores,
Vivendo com um marido amoroso,
Vivendo com um herói mais forte.

635-640 Meu pretendente era um sapato de casca de bétula,
Meu marido, um sapato de lapão;
Tinha corpo de corvo,

Voz e rosto de gralha,
Boca e garras de lobo negro,
E o resto, de urso selvagem.

641-650 Se eu soubesse que meu noivo
Era uma fonte de dor e maldade,
Teria vagado pela encosta,
Teria sido um pinheiro à beira da estrada,
Uma tília na fronteira,
Teria o rosto da terra negra,
Uma barba de cerdas feias,
Cabeça de barro e olhos de raio,
Por orelhas, nós de bétula,
Por membros, troncos de álamo.'

651-656 "Foi assim que cantei
Na presença do meu marido,
Assim cantei minhas aflições e queixas.
Assim meu herói, perto da porta,
Ouviu meu lamento de desagrado,
Então correu para o meu quarto;

657-663 Logo reconheci seus passos,
Entendi que estava zangado,
Percebi pelo jeito de pisar;
Todos os ventos dormiam quietos,
Mas seus cabelos negros se eriçaram,
Esvoaçavam em volta da cabeça, furiosos,
Enquanto sua boca horrenda ficava aberta;

664-668 Seus olhos reviravam de um lado para o outro,
Numa das mãos, um ramo de salgueiro,
Na outra, um porrete de amieiro;
Golpeou-me com toda a maldade,
Mirou o cacete na minha testa.

669-674 "Quando a noite caiu,
Quando meu marido pensou em dormir,
Pegou na mão um cabo de chicote,
Com correia feita de pele de cervo,
Que não fora feito para mais ninguém,
Só para mim, infeliz.

675-681 "Quando enfim implorei por piedade,
Quando procurei um lugar para descansar,
Busquei dormir ao lado dele,
Meu marido impiedoso me agarrou,
Bateu em mim com seu braço invejoso,
Açoitou-me com o chicote do tormento,
Correia de pele de cervo e cabo de bétula.

682-689 Saltei impulsivamente da cama,
Na noite mais fria do inverno,
Mas meu marido veio correndo atrás,
Alcançou-me na porta de fora,
Agarrou-me pelos cabelos soltos,
Arrancou os cachos da minha testa,
E os lançou, em caracóis, aos ventos da noite,
Aos ventos congelantes do inverno.

690-699 Que ajuda eu poderia pedir?
Quem poderia me livrar do tormento?
Fiz sapatos de metais mágicos,
Fiz as correias de aço e cobre,
Esperei muito tempo fora da casa,
Por muito tempo escutei junto à porta,
Esperando que ele parasse com seus delírios,
Esperando que adormecesse,
Mas ele não procurou descansar,
Não quis conter sua fúria.

700-704 Por fim, o frio me entorpeceu;
Como uma expulsa de sua cabana,
Fui obrigada a andar sem rumo,
Quando, congelando, refleti bem,
Este foi o meu pensamento:

705-710 'Não vou suportar esse tormento,
Não vou aguentar isso para sempre,
Não vou suportar esse tratamento cruel,
Não vou sofrer tamanho desprezo
Na tribo malvada de Hisi,
Neste covil do mal de Piru.'

711-720 "Então eu disse: 'Adeus para sempre!'
À casa e aos parentes de meu marido,
Ao lar que eu amava tanto e ao meu marido;
Parti para uma viagem
Até o distante povoado de meu pai,

Por pântanos e campos nevados,
Vaguei por montanhas altíssimas,
Por colinas e pelos vales,
Até os prados acolhedores de meu irmão,
Até a casa de minha irmã, onde nasci.

721-728 "Pinheiros secos farfalhavam,
Pinheiros finos e frondosos murchavam,
Incontáveis corvos grasnavam,
Todas as gralhas cantavam com aspereza.
Este era o coro dos corvos:
'Aqui já não tens um lar,
Esta não é a feliz morada
Dos teus alegres dias de infância.'

729-734 "Sem dar ouvidos ao coro da floresta,
Segui direto para a morada
De meu irmão, amigo de minha infância,
Onde os portões falaram em uníssono,
E as colinas e os vales responderam,
Com esta triste canção e seu eco:

735-743 'Por que vens até aqui,
Vens por alegria ou tristeza,
Às antigas terras de teu pai?
Aqui te espera a infelicidade,
Teu pai já partiu,
Morreu e foi visitar Ukko,

Tua fiel mãe também morreu,
E teu irmão é um estranho,
Enquanto a esposa dele é fria e sem coração!'

744-749 "Sem dar ouvidos a tantos avisos,
Fui direto à casa de meu irmão,
Meus pés cansados me levaram até lá,
Pus a mão no trinco da porta
Da casa sombria de meu irmão,
Mas o trinco estava frio e sem vida.

750-754 Quando entrei no aposento,
Quando esperei à porta,
Vi ali a dona da casa, sem coração,
Mas ela não me cumprimentou,
Nem me estendeu a mão em boas-vindas;

755-758 Orgulhosa, ah, infeliz que fui,
Não tomei a iniciativa,
Não lhe ofereci minha amizade,
Nem lhe estendi a mão;

759-762 Pus a mão no forno,
Todo o calor de antes havia sumido!
Pus os dedos sobre a brasa,
Todo o calor que restava havia ido embora.

763-766 Meu irmão estava deitado no banco,
Estirado diante da lareira,
Montes de fuligem nos ombros,

Montes de cinzas na testa.

767-770 Assim meu irmão perguntou à estranha,
Assim perguntou com gentileza à visitante:
‘Dize-me teu nome e tua condição,
De onde vens, atravessando as águas?’

771-777 “Esta foi a resposta que lhe dei:
‘Então esqueceste tua irmã,
Meu irmão não se lembra de mim,
Não se recorda da filha de sua mãe?
Somos filhos de uma só mãe,
Filhotes do mesmo pássaro,
Nascemos e fomos criados no mesmo ninho.’”

778-783 “Então meu irmão começou a chorar,
Grandes lágrimas escorriam de seus olhos,
E ele sussurrou à esposa,
Assim falou baixinho à dona da casa:
‘Traz cerveja para minha irmã,
Mata sua sede e anima seu espírito.’

784-787 “Cheia de inveja, a esposa trouxe
Só água maligna,
Água para lavar os olhos do bebê,
Sabão e água do banheiro.

788-792 “Meu irmão sussurrou à esposa,
Assim falou baixinho à dona da casa:
‘Traz salmão para minha irmã,

Minha irmã, que esteve ausente por tanto tempo,
Para aplacar sua fome.’

793-797 “Então a esposa obedeceu,
Mas, por inveja, trouxe só repolho,
Que as crianças tinham comido
E os cães da casa tinham lambido,
Restos do desjejum do cão preto.

798-808 “Então deixei a casa de meu irmão,
Apressei-me até a antiga morada,
À casa abandonada de minha mãe;
Continuei andando, sem parar,
Apressei-me rumo ao mar frio,
Arrastando o corpo em sofrimento,
Até as portas das casas alheias,
Até entradas desconhecidas,
Para cuidar dos esquecidos,
Dos necessitados da aldeia,
Das crianças pobres e órfãs.

809-812 “Há muitas pessoas perversas,
Muitas que difamam as mulheres,
Muitas mulheres mal-intencionadas,
Que, por inveja, difamam o próprio sexo.

813-820 Muitas têm palavras maldosas,
Caluniam as melhores donzelas,
Acusam as inocentes

Dos piores delitos,
Falam alto, sem parar,
Falam, ah, com más intenções,
Espalham as fraquezas dos vizinhos
Com línguas que só espalham sujeira.

821-829 São muito poucos, de fato,
Os que alimentam os pobres e famintos,
Os que dão boas-vindas ao estrangeiro;
São muito poucos os que a tratam com bondade,
Inocente, sozinha e necessitada,
Poucos os que lhe oferecem abrigo
Das tempestades geladas do inverno,
Quando sua saia fica dura de gelo,
E o gelo é sua única roupa!

830-840 "Nunca, nos meus dias de infância,
Nunca, durante minha juventude,
Eu acreditaria nessa história,
Ainda que cem línguas a contassem,
Ainda que mil vozes a cantassem,
Que coisas tão perversas pudessem acontecer,
Que tanto sofrimento pudesse vir,
Que tamanha desgraça pudesse cair sobre alguém
Que tentou cumprir seu dever,
Que tentou viver com retidão,
Tentou fazer seu povo feliz."

841-843 Assim a jovem noiva recebeu instrução,
A bela Donzela do Arco-Íris,
Assim ensinada por Osmotar, a mestra.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXIV

✦

1-10 Osmotar, a conselheira das noivas,
Dá este conselho aos convidados do casamento,
Diz estas palavras ao noivo:
“Ilmarinen, irmão artífice,
O melhor de todos os meus irmãos heróis,
O mais querido dos filhos de minha mãe,
O mais gentil, leal, corajoso e nobre,
Ouve bem o que te digo
Sobre a Donzela do Arco-Íris,
Sobre tua bela companheira de vida:

11-16 Noivo, louva tua sorte daqui em diante,
Louva para sempre tua boa fortuna;
Se fores louvar, louva de coração,
Boa é a donzela com quem te casaste,
Boa é a noiva que Ukko te dá,
Deus a concedeu com generosidade.

17-21 Fala de suas virtudes a teu pai,
Louva suas qualidades a tua mãe,
Deixa teu coração se alegrar em segredo,
Por teres a Noiva Formosa,
A linda Donzela do Arco-Íris!

22-35 “A donzela brilha ao teu lado,
Tua companheira junto a ti,
Feliz sob tua proteção,
Bela como o luar dourado,
Bela em teus braços,
Pronta para atender aos teus bons pedidos,
Trabalhar contigo como desejares,
Juntar o feno em teus campos,
Manter teu lar em perfeita ordem,
Fiar para ti o linho mais fino,
Tecer para ti os tecidos mais ricos,
Fazer para ti as roupas mais macias,
Fazer o tear cantar alegremente
Como o cuco da floresta;

36-42 Fazer a lançadeira deslizar com graça
Como o arminho dos bosques;
Fazer o fuso girar com destreza
Como o esquilo que gira a bolota;
As moças da aldeia não dormirão
Enquanto o tear de tua jovem noiva cantar,
Enquanto ela manejar a graciosa lançadeira.

43-50 “Noivo da Noiva Formosa,
Mais nobre dos heróis do Norte,
Forja para ti uma foice para ceifar,
Põe nela um cabo de carvalho,
Molda-a em tua antiga forja,

Bate-a em tua bigorna,
Deixa-a pronta para o verão,
Para os alegres dias de sol;

51-57 Leva então tua noiva para as terras baixas,
Ceifa a grama em teus campos,
Junta o feno quando estiver pronto,
Faz os juncos e as gramíneas farfalharem,
Revolve as perfumadas cabeças de trevo,
Faz teu feno em Kalevala
Quando o sol prateado estiver brilhando.

58-62 "Quando chegar a hora de tecer,
Chama a tecelã para o tear,
Dá a ela os carretéis e as lançadeiras,
Que o tear prestativo seja digno,
Que bela seja a armação e o banco;

63-68 Dá a ela tudo de que precisar,
Para que a canção da tecelã ecoe,
Para que a lançadeira balance e faça ruído,
E seja ouvida por toda a aldeia,
Para que os velhos comentem,
E as moças da aldeia perguntem:

69-73 'Quem é que está tecendo agora,
Que nova força maneja a lançadeira?'
"Dá esta resposta à pergunta:

‘É minha amada que está tecendo,
Minha jovem noiva que maneja a lançadeira.’

74-77 “Deve-se afrouxar a trama da tecelã,
Deve-se apertar o tear da jovem noiva?
Não deixes a trama afrouxar,
Nem apertes o tear da tecelã;

78-83 Assim tecem as filhas
Da Lua, além das nuvenzinhas;
Assim fiam as donzelas
Do Sol, no alto de Jumala,
As filhas da Grande Ursa,
As filhas da Tarde.

84-95 “Noivo, herói querido,
Bravo descendente de teus antepassados,
Quando saíres em viagem,
Quando seguires pela estrada,
Conduzindo a filha do Arco-Íris,
A mais bela noiva de Sariola,
Não a leves como um chapim,
Como um cuco da floresta,
A lugares pouco frequentados,
Aos bosques nas fronteiras,
A campos de espinheiros e arbustos,
A pântanos estéreis;

96-103 Não a deixes vagar nem tropeçar
Em rochas e entulhos pelo caminho.
Nunca, na casa de seu pai,
Nunca, no pátio de sua mãe,
Caiu em valas,
Trombou com força nas cercas,
Correu por campos de espinheiros e arbustos,
Caiu sobre rochas ou entulhos.

104-109 "Noivo encantado de Wainola,
Sábio descendente dos heróis,
Nunca deixes tua jovem esposa sofrer,
Nunca a deixes desamparada,
Nunca a deixes sentar-se no escuro,
Nunca a deixes sem companhia.

110-113 Nunca, na casa de seu pai,
Nos aposentos de sua mãe,
Sentou-se sozinha no escuro,
Nem ficou sem atenção;

114-117 Sentava-se junto à janela de cristal,
Sentava-se e balançava, em paz e fartura,
À noite, para alegrar o pai,
De manhã, sob o sol de sua mãe.

118-127 Nunca, noivo, leves
A Donzela do Arco-Íris
Ao pilão cheio de algas marinhas,

Para moer cascas para cozinhar,
Para assar pão de restolho,
Para amassar massa de casca de árvore.
Nunca, na casa de seu pai,
Nunca, na casa de sua mãe,
Foi levada ao pilão
Para assar pão de algas marinhas.

128-133 Deves levar a Noiva Formosa
À despensa cheia de fartura,
Para tirar de lá a cevada,
Moer a farinha e amassar a massa,
Preparar cerveja para beber,
E farinha de trigo para biscoitos de mel.

134-138 "Noivo herói de Wainola,
Nunca faças tua Noiva Formosa
Se arrepender do dia do casamento;
Nunca a faças derramar uma lágrima,
Nunca enchas seu cálice de tristeza.

139-144 Se alguma noite acontecer
De tua esposa se sentir infeliz,
Põe os arreios em teu cavalo veloz,
Atrela o ligeiro corcel ao trenó,
Leva-a à casa de seu pai,
Ao lar de sua mãe;

145-148 Nunca, durante tua vida de herói,
Nunca, enquanto brilharem os raios da lua,
Trates mal tua bela esposa,
Nunca a trates como criada;

149-153 Não a impeças de ir à despensa,
Não tranques teus melhores mantimentos;
Nunca, na casa de seu pai,
Nunca junto de sua dedicada mãe,
Foi tratada como empregada.

154-160 "Noivo honrado do Norte,
Orgulhoso descendente dos antepassados,
Se tratares bem tua jovem esposa,
Também serás tratado com respeito;
Quando fores à casa dela,
Quando visitares seu pai,
Serás recebido com cordialidade.

161-165 "Não censures a Noiva Formosa,
Nunca entristeças tua donzela do Arco-Íris,
Nunca digas em tom de reprovação
Que ela nasceu em condição humilde,
Que seu pai não era digno;

166-169 Os parentes de tua noiva são honrados,
Sua família vem de uma antiga tribo;
Quando semeavam uma medida de grãos,
A cada um cabia um grão;

170-175 Quando semeavam um barril de sementes de linho,
Cada um recebia um fio de linho.
Nunca, nunca, marido encantado,
Trates com crueldade tua bela noiva,
Não a eduques com chicotadas,
Não a golpeies com correias de couro;

176-182 Nunca ela chorou angustiada
Sob a vara de bétula de sua mãe.
Sê para ela como uma muralha,
Sê sua forte proteção,
Não deixes tua mãe repreendê-la,
Que teu pai não a censure,
Nunca deixes teus convidados ofendê-la;

183-188 Se teus criados a aborrecerem,
Talvez precisem da censura do patrão;
Não maltrates a Noiva Formosa,
Nunca machuques quem amas;
Por três longos anos a cortejaste,
Esperando conquistar a boca que a beijaria.

189-193 "Aconselha-te com a noiva do céu,
Dá instruções a tua jovem esposa,
Ensina tua noiva com bondade, em segredo,
Nas longas e tristes noites,
Quando estiveres sentado junto ao fogo;

194-202 Ensina por um ano, com palavras bondosas,
Ensina com olhar amoroso no segundo,
No terceiro ano, ensina com firmeza.
Se ela não der ouvidos ao que ensinas,
Se não escutar teu conselho bondoso
Depois de três longos anos de esforço,
Corta um junco nas terras baixas,
Corta uma urtiga na beira do caminho,
Ensina tua esposa com medidas mais duras.

203-207 No quarto ano, se ela não der ouvidos,
Ameaça-a com tratamento mais severo,
Com caules de bordas mais ásperas,
Ainda não uses correias de couro,
Não a toques com a vara de bétula.

208-216 Se ela não der ouvidos a esse aviso,
Se não te prestar atenção,
Corta uma vara nas montanhas,
Ou um salgueiro nos vales,
Esconde-o debaixo do manto,
Para que o forasteiro não o veja,
Mostra-o à tua esposa em segredo,
Envergonha-a para que cumpra seu dever,
Ainda não batas nela, mesmo que desobedeça.

217-222 Se ela ignorar esse aviso,
E continuar a se recusar a atender teus desejos,
Então instrui-a com o salgueiro,

Usa a vara de bétula das montanhas
No quarto de tua casa,
No sótão de tua morada;

223-227 Não batas nela em praça pública,
Não a domines diante de todos,
Para que os aldeões não te vejam,
Para que os vizinhos não a ouçam chorar,
E as florestas não saibam de teus problemas.

228-231 Toca tua esposa nos ombros,
Amacia suas costas enrijecidas.
Não a toques na testa,
Nem nas orelhas, nem no rosto;

232-243 Se houver um inchaço em sua testa,
Ou uma marca azul em suas pálpebras,
Sua mãe vai percebê-lo,
E seu pai vai notar,
Todos os trabalhadores da aldeia vão ver,
E as mulheres da aldeia vão perguntar:
'Estiveste numa batalha acalorada,
Lutaste em algum conflito,
Ou talvez os lobos te tenham atacado,
Ou os ursos da floresta te abraçaram,
Ou teu marido é o lobo negro,
E o urso é teu protetor?'"

244-250 Junto à lareira jazia um velho barbudo,
No chão do fogão jazia um mendigo,
E o velho falou assim:
"Nunca, nunca, marido herói,
Atendas aos desejos de tua jovem esposa,
Não sigas suas vontades,
Como eu, pobre de mim, fiz, e me arrependi;

251-256 Comprei para minha noiva pão de cevada,
Vitela, cerveja e a melhor manteiga,
Peixes e aves de todos os tipos,
Comprei cerveja caseira e espumante,
Trigo de todas as terras distantes,
Todas as iguarias do Norte;

257-266 Nada disso adiantou,
Nada satisfez minha esposa,
Muitas vezes ela vinha ao meu quarto,
E arrancava meus cabelos negros, furiosa,
Com o rosto feroz e assustador,
Os olhos faiscando de raiva,
Repreendendo sem parar,
Sempre dizendo palavras maldosas,
Usando os insultos mais vis,
Achando que eu não passava de um cepo para cortar.

267-270 Então procurei outras medidas,
Usei meus últimos recursos,
Cortei uma vara de bétula na floresta,

E ela falou comigo em tom carinhoso;

271-274 Cortei um zimbro ou um salgueiro,
E ela me chamou de ‘meu herói querido’;
Quando ameacei minha esposa com a vara,
Ela se pendurou em meu pescoço e me cobriu de beijos.”

275-276 Assim o noivo foi instruído,
Assim foram dados os últimos conselhos.

277-281 Então a Donzela do Arco-Íris,
Bela noiva de Ilmarinen,
Suspirando e gemendo profundamente,
Caiu em prantos, de coração pesado,
E falou estas palavras, do fundo da tristeza:

282-293 “Está perto, sim, a separação,
Perto, ai de mim, a hora da partida,
Perto o momento de eu partir;
Ó, a angústia da despedida,
Ó, a dor da separação,
Destas paredes antigas e célebres,
Desta aldeia do Norte,
Destes lugares de paz e fartura,
Onde minha fiel mãe me ensinou,
Onde meu pai me deu instrução
Na feliz infância,
Quando eu era pequena e tenra!

294-299 Quando criança, eu não gostava,
Nunca pensava em me separar
Dos limites desta cabana,
Destas queridas colinas e montanhas antigas,
Mas, ai de mim, agora tenho de partir,
Pois já não posso escapar;

300-304 A tigela da despedida está vazia,
Toda a cerveja de adeus foi bebida,
E o trenó de meu marido está à espera,
Com a tábua dianteira voltada para o sul,
Saindo da casa de meu pai.

305-310 "Como posso retribuir,
Como pagar, ao partir,
Toda a bondade de minha mãe,
Todos os conselhos de meu pai,
Toda a amizade de meu irmão,
Todo o afeto caloroso de minha irmã?

311-314 Obrigada, querido pai,
Pela vida que me deste e pelas bênçãos,
Pelo conforto de tua mesa,
Pelas alegrias de minha infância!

315-318 Obrigada, querida mãe,
Por teu terno cuidado e orientação,
Por me teres dado à luz e me criado,
Nutris-te de teu mais puro sangue!

319-322 Obrigada, querido irmão,
Obrigada, doce irmã,
Aos criados de minha infância,
A meus muitos amigos e companheiros de brincadeiras!

323-331 "Nunca, nunca, querido pai,
Nunca, amada mãe,
Nunca, meus queridos parentes,
Guardem preocupação ou tristeza,
Nunca caiam em amargo pranto,
Porque tua filha foi viver com outros,
Na distante casa de estrangeiros,
Nos campos de Wainola,
Longe dos campos e da lareira de seu pai.

332-339 Brilha o Sol do Criador,
Brilha a Lua dourada de Ukko,
Cintilam todas as estrelas do céu,
Na abóbada do firmamento,
Tão brilhantes quanto em outras casas;
Mas sobre as terras altas de meu pai,
Sobre meu lar de infância,
Só não brilha a Estrela da Alegria.

340-344 "Agora chegou a hora de me despedir
Da lareira dourada de meu pai,
Da acolhedora pedra do fogo de meu irmão,
Dos aposentos de minha irmã,
Do lar feliz de minha mãe;

345-351 Agora deixo os pântanos e as terras baixas,
Deixo os vales gramados e as montanhas,
Deixo os lagos cristalinos e os rios,
Deixo as praias e os baixios arenosos,
Deixo as ondas espumantes de cristas brancas,
Onde as donzelas nadam e ficam,
Onde as sereias cantam e brincam;

352-364 Deixo os pântanos para os andarilhos,
Deixo os campos de cereal para o lavrador,
Deixo as florestas para os cansados,
Deixo a urze para o viajante,
Deixo os bosques para o forasteiro,
Deixo os becos para o mendigo,
Deixo os pátios para o caminhante,
Deixo os portais para o criado,
Deixo as esteiras para quem varre,
Deixo as estradas para o veado,
Deixo os vales da floresta para os linces,
Deixo as terras baixas para os gansos selvagens,
E a bétula para o cuco.

365-368 Agora deixo estes amigos de infância,
Viajo para o sul com meu marido,
Para os braços da Noite e do Inverno,
Sobre os mares gelados do Norte.

369-378 “Se um dia eu voltar,
Para visitar meus parentes,
Minha mãe não me ouvirá chamar,
Meu pai não me verá chorar,
Chamando junto à sepultura de minha mãe,
Chorando sobre o túmulo de meu pai;
Sobre suas sepulturas, flores perfumadas,
Zimbros e salgueiros tristes,
A folhagem vem das tranças de minha mãe,
E da barba grisalha de meu pai.

379-387 “Se eu visitar Sariola,
Se voltar a estas terras,
Ninguém aqui me dará as boas-vindas.
Nada nestas colinas me saudará,
A não ser, talvez, algumas coisas:
Junto à cerca, um tufo de salgueiros,
E um marco no canto,
Que plantei quando era pequena,
Uma criança de baixa estatura.

388-392 “Talvez as vacas de minha mãe me reconheçam,
As que tantas vezes levei para beber água,
Que tantas vezes alimentei e cuidei,
Agora mugindo enquanto parto,
No pasto frio e desolado;

393-400 Com certeza as vacas de minha mãe darão as boas-vindas
À filha do Norte que volta para casa.
Os cavalos de meu pai talvez não me esqueçam,
Os cavalos que tantas vezes montei,
Quando era uma donzela livre e feliz,
Agora relinchando porque estou partindo,
No pasto de meu irmão,
No estábulo de meu pai;

401-408 Com certeza os cavalos de meu pai me reconhecerão,
Darão as boas-vindas à filha de Pohyola.
Os cães fiéis de meu irmão talvez me reconheçam,
Os que tantas vezes alimentei e acariciei,
Os cães que ensinei a brincar,
Agora de luto porque estou partindo,
Em seus canis no pátio,
Em seus canis frios e desolados;

409-416 Com certeza os cães de meu irmão darão as boas-vindas
À filha de Pohya que volta para casa.
Mas as pessoas não me reconhecerão
Quando eu voltar para visitar estes lugares,
Embora os vaus continuem como sempre,
Embora os rios permaneçam iguais,
Embora as redes de linho continuem intactas,
À espera de minha chegada nas margens.

417-420 “Adeus, querido lar de outrora,
Adeus, meus recantos de nascimento;
Eu seria feliz para sempre
Se pudesse ficar aqui eternamente.

421-424 Adeus, salões e portais,
Que levam à casa de meu pai;
Eu seria feliz para sempre
Se pudesse ficar aqui eternamente.

425-428 Adeus, jardins tão conhecidos,
Cheios de árvores e flores perfumadas;
Eu seria feliz para sempre
Se pudesse ficar aqui eternamente.

429-436 Levem minhas despedidas a todos,
Aos campos, bosques e frutas;
Saúdem os prados cheios de margaridas,
Saúdem as fronteiras com suas cercas,
Saúdem os laguinhos com suas ilhas,
Saúdem os riachos com suas trutas brincando,
Saúdem as colinas com seus pinheiros majestosos,
E os vales com suas bétulas.

437-448 Adeus, riachos e laguinhos,
Campos férteis e praias do oceano,
Álamos das montanhas,
Tílias dos vales,
Belas tílias de pedra,

Árvores frondosas junto à cabana,
Zimbros e salgueiros,
Arbustos carregados de frutas,
Grama ondulante e campos de cevada,
Braços de olmos, carvalhos e amieiros,
Adeus, queridos lugares de minha infância,
Felicidade dos dias que passaram!”

449-453 Assim terminou a filha de Pohyola,
Deixou seus campos e terras em pousio,
Deixou a sombria Sariola,
Com seu marido, Ilmarinen,
Famoso filho de Kalevala.

454-459 Mas os jovens ficaram cantando,
Este era o coro das crianças:
“Veio até nós uma ave maligna,
Voou veloz desde a floresta,
Veio roubar nossa donzela,
Veio conquistar a Moça Formosa;

460-463 Levou nossa flor mais bela,
Levou nossa sereia das águas,
Conquistou-a com sua juventude e beleza,
Com as chaves de sua antiga sabedoria.

464-472 Quem nos levará à praia,
Quem nos conduzirá aos rios?
Agora os baldes ficarão sem uso,

Os varapaus de pesca descansarão nos ganchos,
As esteiras ficarão sem ser varridas,
E os salões de madeira de bétula também,
As taças de cobre não serão polidas,
Os cabos dos jarros ficarão escuros.
Adeus, querida Donzela do Arco-Íris."

473-476 Ilmarinen, noivo feliz,
Seguiu apressado para casa com a filha
Da dona de Pohyola,
Com a beleza do Norte;

477-481 O trenó de neve do herói voou veloz,
Rangeu, rugiu e chacoalhou alto
Pelas margens das águas do Norte,
Ao lado da enseada do Mel,
Na encosta da Montanha Arenosa.

482-490 As pedras rolaram estrada abaixo,
Como os ventos, o trenó voou adiante,
Argolas de ferro tilintaram no jugo,
A madeira malhada ressoou alto,
As correias de salgueiro rangeram alto,
Todas as travessas de bétula tremeram,
E os sinos de cobre tocaram música,
Na corrida do corcel veloz,
No galope do cavalo de volta para casa;

491-496 Viajaram um dia, depois um segundo,
E seguiram viagem no terceiro dia;
Numa das mãos, as rédeas mágicas,
Enquanto a outra segurava a donzela,
Um pé apoiado na travessa,
E o outro entre as peles.

497-508 Alegremente, o cavalo voava para casa,
As estradas encurtavam depressa,
Até que, no terceiro dia,
Quando o sol já declinava,
Surgiu a forja do ferreiro,
Mais perto, a morada de Ilmarinen,
Fumaça subindo alto no céu,
Nuvens de fumaça rumo às alturas,
Da aldeia de Wainola,
Da forja e oficina do pretendente,
Das chaminés do herói,
Do lar do bem-sucedido.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXV

✦

1-4 Na casa de Ilmarinen
Há muito observavam, à espera,
Da chegada do ferreiro,
Com sua noiva de Sariola.

5-9 Cansados estavam os olhos dos que esperavam,
À espera junto às portas do pai,
Olhando pelas janelas da mãe;
Cansados estavam os joelhos dos jovens, de pé
Nos portões do mago;

10-13 Cansados ficaram os pés das crianças,
Indo até os muros para vigiar;
Gastos e rasgados, os sapatos dos heróis,
Correndo à praia para recebê-lo.

14-17 Por fim, numa manhã
De um lindo dia de inverno,
Ouviram na floresta o estrondo
De um trenó de neve que avançava veloz.

18-24 Lakko, anfitriã de Wainola,
A bela filha de Kaleva,
Disse estas palavras, muito animada:
“É o trenó do mago,

Chega enfim o ferreiro
Da sombria Sariola,
E ao seu lado, a Bela Noiva!

25-28 Bem-vinda, bem-vinda a esta aldeia,
Bem-vinda ao lar de tua mãe,
À morada de teu pai,
Erguida por teus antepassados!”

29-32 Logo o grande Ilmarinen
Trouxe o ferreiro em seu trenó
Até a casa de seu pai,
À antiga morada de sua mãe.

33-38 Os pássaros dos avelanais cantavam docemente
No arreio recém-curvado;
Os cucos sagrados chamavam docemente
Do alto da prancha traseira;
A graciosa ardilla saltava alegre
Nas varas de carvalho e na travessa.

39-44 Lakko, a mais bela anfitriã de Kaleva,
Formosa filha de Wainola,
Deu-lhe estas calorosas boas-vindas:
“A aldeia espera a lua nova,
As jovens felizes esperam o sol,
E o barco, a água que sobe;

45-48 Eu não esperava pela lua,
Nem aguardava o sol,
Esperava pelo meu herói,
Esperava pela Bela Noiva;

49-52 Vigiei de manhã e à tarde,
Sem saber se alguma desgraça,
Algum triste destino havia alcançado
A noiva e o noivo durante a viagem;

53-58 Pensei que a donzela estivesse ficando cansada,
Cansada das atenções de meu filho,
Pois ele havia prometido fielmente
Voltar a Kalevala
Antes que suas pegadas desaparecessem
Dos campos de neve de seu pai.

59-63 Toda manhã eu olhava e escutava,
Sem parar, pensava e me perguntava
Quando seu trenó voltaria para casa,
Quando retornaria vitorioso
À sua casa antiga e afamada.

64-69 Se um cavalo de palha, cego e miserável,
Tivesse vindo mancando até estas praias,
Puxando um trenó de apenas duas peças,
Eu teria elogiado muito o animal,
Se trouxesse meu querido filho,
Se trouxesse a Bela Noiva.

70-77 Assim esperei por muito tempo, impaciente,
Olhando de manhã até a noite,
Vigiando com a cabeça estendida,
Com os cabelos esvoaçando para o sul,
Com as pálpebras bem abertas,
Esperando a volta de meu filho
A este lar modesto de heróis,
A este estreito lugar de descanso.

78-83 Enfim sou recompensada,
Pois o trenó chegou vitorioso,
Trazendo meu filho e herói para casa,
E ao seu lado, a donzela do Arco-Íris,
Com as faces vermelhas e o rosto gracioso,
Orgulho e alegria de Sariola.

84-87 "Noivo feiticeiro de Wainola,
Leva teu corcel ao estábulo,
Conduze-o à manjedoura bem abastecida,
Com o melhor grão e trevo;

88-92 Dá-nos tuas saudações amistosas,
E manda lembranças a todo o teu povo.
Quando terminares de saudar,
Conta então o que aconteceu
Com nosso herói durante sua ausência.

93-99 Foste sem aventuras
Aos campos escuros de Pohyola,
À procura da Bela Donzela?
Escalaste as muralhas hostis?
Tomaste a morada da virgem,
Passando pela soleira de sua mãe,
Visitando os salões de Louhi?

100-103 "Mas sei sem precisar perguntar,
Vejo a resposta à minha pergunta:
Vens do Norte como vencedor,
Satisfeito com tua viagem;

104-109 Trouxeste a filha do Norte,
Derrubaste os portões hostis,
Invadiste as fortalezas de Louhi,
Invadiste as poderosas muralhas que te barravam,
Em tua viagem a Pohyola,
À aldeia de teu pai.

110-113 A noiva está sob teus cuidados,
Em teus braços, a donzela do Arco-Íris,
Ao teu lado, o orgulho do Norte,
Unida ao homem tão talentoso.

114-117 Quem contou a história cruel,
Quem espalhou a pior das notícias,
Dizendo que tua corte não teve sucesso,
Que teu cavalo viajara em vão?

118-125 Teu cortejo não foi em vão,
Teu cavalo não viajou em vão
Até as sombrias moradas da Lapônia;
Fez a viagem carregado,
Com a crina, a cauda e o topete sacudindo,
Com espuma escorrendo dos lábios e das narinas,
Pois trouxe a donzela,
E carregou o marido.

126-129 "Vem, bela, para fora do trenó de neve,
Desce do banco transversal,
Não esperes que alguém te ajude,
Não demores para que te carreguem;

130-137 Se quem vai te erguer for jovem demais,
Se quem te espera for orgulhoso demais,
Levanta-te, graciosa como um passarinho,
E desliza por este caminho,
Sobre a casca de árvore avermelhada,
Alisada pelas manadas de vacas,
Pisada pelos cordeirinhos gentis,
Suavizada pelas caudas dos cavalos.

138-144 Vem depressa, com passos suaves,
Pelo caminho liso e bem cuidado,
Sobre as tábuas de superfície plana,
Ao pátio de teu segundo pai,

À morada de tua segunda mãe,
Ao lugar de descanso de teu irmão,
Às silenciosas câmaras de tua irmã.

145-149 Põe o pé dentro destes portões,
Transpõe esta soleira que te espera,
Entra nestes salões de alegria,
Sob as vigas pintadas,
Sob este teto antigo.

150-153 Em todas as noites de inverno,
Durante todo o verão que já passou,
O piso de marfim cantava,
Desejando que nele caminhasses;

154-157 Muitas vezes cantou o teto dourado,
Esperando que caminhasses sob ele,
E as janelas assobiavam com frequência,
Pedindo que te sentasses ao lado delas;

158-165 Até nesta manhã alegre,
Até na noite que acabou de passar,
Os idosos ficaram às janelas,
As crianças correram pela praia,
As jovens esperaram perto dos muros,
Os meninos correram pela estrada,
Para ver a chegada da jovem noiva,
Que vinha com seu marido-herói.

166-176 “Salve, cortesãos de Wainola,
E heróis de nossos pais,
Salve, aldeia de Wainola,
Salve, salões cheios de heróis,
Salve, salas com todos os seus moradores,
Salve, doce luar dourado,
Salve, benevolente Ukko,
Salve, companheiros do noivo!
Nunca houve no Norte
Uma comitiva de casamento tão honrada,
Nem uma noiva tão bela.

177-181 “Noivo, herói querido,
Desata agora as fitas vermelhas,
E tira o véu de seda,
Deixa-nos ver a donzela de mel,
Ver a filha do Arco-Íris.

182-186 Há sete anos estás cortejando,
Trouxeste a donzela prometida,
Buscaste um cuco mais doce,
Buscaste uma mais bela que o luar,
Buscaste uma sereia do oceano?

187-193 Mas sei sem que me perguntes,
Vejo a resposta à minha pergunta:
Trouxeste o cuco de voz doce,
Encontraste o cisne da beleza,

Colheste a flor mais doce do Norte,
Escolheste a mais bela das joias,
Reuniste a mais doce fruta de Pohya!”

194-198 Um bebê estava sentado sobre a esteira,
E a criança pequena falou assim:
“Irmão, o que é isso que trazes,
Tronco de álamo ou de salgueiro,
Delgado como a tília da montanha?

199-207 Noivo, bem te lembras,
Esperaste por isso a vida inteira,
Esperaste trazer a Donzela Bela,
Disseste isso mil vezes,
Muito melhor que qualquer outra,
Não como o corvo que grasna,
Nem como a pega da fronteira,
Nem como o espantalho dos milharais,
Nem como o abutre do deserto.

208-211 O que ela fez de valor
No verão que terminou?
Onde estão as luvas que tricotou,
Onde as mitenes que teceu?

212-216 Tu a trouxeste de mãos vazias,
Ela não traz presente para teu pai;
Nos teus baús os ratos fazem ninho,

Os de cauda longa roem tuas roupas,
E tua noiva não sabe consertá-las.”

217-220 Lakko, anfitriã de Wainola,
A fiel filha de Kalew,
Ouve admirada a fala da criança,
E repreende com estas palavras:

221-226 “Tagarela tola, para de falar,
Tu falaste com desonra;
Que os outros se espantem,
Despeja tua maldade sobre os teus,
Não deves ofender a Bela Noiva,
Filha do arco-íris do Norte.

227-230 Falsa é mesmo tua conversa,
Todas as tuas palavras são más,
Caíram de tua língua maldosa,
Dos lábios de alguém indigno.

231-238 A jovem noiva do herói é excelente,
A melhor de toda Sariola,
Como o morango no verão,
Como a margarida do prado,
Como o cuco da floresta,
Como o pássaro azul do álamo,
Como o pintarroxo da urze,
Como a andorinha da tília;

239-244 Jamais poderias encontrar na Estônia
Uma donzela como esta,
Uma moça tão graciosa e bela,
De porte tão digno,
Com braços tão brancos como pérolas,
Com o pescoço tão belo e formoso.

245-248 Ela também não veio de mãos vazias,
Trouxe muitas peles,
Trouxe muitas roupas de seda,
Os mais ricos tecidos de Pohyola.

249-259 Muitas coisas belas a donzela
Fez com o fuso,
Fiou e teceu com os dedos;
Roupas do tecido mais fino
Ela dobrou durante o inverno,
Alvejou nos dias da primavera,
Secou ao meio-dia,
Para nossas camas, o linho mais fino,
Para nossas cabeças, os travesseiros mais macios,
Para nosso conforto, cobertores de lã,
Para nossos pescoços, fitas de seda."

260-263 A bondosa Lakko fala à noiva:
"Boa esposa, Donzela Bela,
Muito te louvaram como filha
Na terra distante de teu pai;

264-267 Aqui serás louvada para sempre
Pelos parentes de teu marido;
Nunca sofrerás tristeza,
Nunca deixarás teu coração se entristecer;

268-273 Não foste criada nos pântanos,
Nem alimentada junto aos riachos;
Nasceste sob estrelas auspiciosas,
Foste criada nos celeiros mais fartos,
E te escolheram para preparar
A cerveja mais doce do Norte.

274-280 "Bela noiva de Sariola,
Se me vires trazer para cá
Barricas de milho, trigo ou cevada,
Trazendo centeio em grande quantidade,
Tudo isso pertence a esta casa;
Boa é a lavoura de teu marido,
Boa é sua semeadura e sua colheita.

281-285 "Bela Noiva do Norte,
Aprenderás a cuidar desta casa,
Aprenderás a trabalhar com teus parentes;
Boa é a casa onde vais morar,
Boa o bastante para esposa e filha.

286-290 O balde de leite ficará em tuas mãos,
E a batedeira espera tuas ordens;
Aqui é bom para a donzela,

A jovem noiva trabalhará feliz,
E os bancos de descanso são confortáveis;

Aqui o anfitrião será como teu pai,
A anfitriã será como tua mãe,
Todos os filhos serão como teus irmãos,
E as filhas, como tuas irmãs.

"Se algum dia sentires vontade
De pescada do oceano,
De salmão do Norte de teu pai,
De perdizes de avelã de teu irmão,
Pede isso apenas a teu marido,
Deixa teu marido herói trazê-los.

Não há em todo o Norte
Criatura alguma da floresta,
Nem ave sob o firmamento,
Nem peixe nas águas,
Nem o maior nem o menor,
Que teu marido não possa capturar.

Aqui é bom para a donzela,
Aqui a noiva pode viver livre,
Sem ter de girar a pesada mó,
Nem mover o pilão de ferro;

Aqui a água mói o trigo,
E a corrente mais rápida, o centeio,
Enquanto as ondas lavam os recipientes

E as águas revoltas os enxáguam.

315-322 Tens aqui uma bela aldeia,
O melhor lugar de todo o Norte,
Nas baixadas, a verdura é viçosa,
Nas terras altas, campos belos,
Com a margem do lago perto da aldeia,
E a água corrente perto de tua casa,
Onde os gansinhos nadam e brincam,
E aves aquáticas se divertem em bandos."

323-329 Então a noiva e o noivo
Recobraram as forças com os melhores alimentos,
Receberam comida e bebida em abundância,
Comeram os melhores pedaços de rena,
Os pães de cevada mais doces,
Os melhores biscoitos de trigo,
A cerveja mais rica do Norte.

330-345 Muitas coisas havia sobre a mesa,
Muitas iguarias de Wainola,
Em tigelas de cor escarlate,
Em travessas pintadas com esmero,
Muitos bolos adoçados com mel,
A cada convidado deram manteiga,
Muitos pedaços de truta e pescada,
Fatias de salmão maior,
Cortadas com facas de prata fundida,
Com cabos de prata guarnecidos de ouro,

Cerveja de cevada corria sem parar,
Bebida de mel que não fora comprada,
No porão corria em abundância,
Cerveja para soltar a língua de todos,
Hidromel e cerveja para animar os ânimos.
Quem vai conduzir o canto,

346 Conduzir as canções de Kalevala?

347-350 Wainamoinen, velho e verdadeiro,
O eterno e sábio encantador,
Começa logo seus encantamentos,
E em seguida canta as canções que vêm.

351-354 "Irmãos de ouro, parentes queridos,
Vocês, meus queridos, sábios e dignos,
Companheiros muito talentosos,
Escutem minhas palavras simples:

355-359 Raramente os gansos ficam juntos,
Irmãs não se casam entre si,
Os irmãos não ficam juntos,
Nem os filhos de uma só mãe,
Nas terras do Norte.

360-365 "Vamos começar a cantar agora,
Cantar as canções da antiga tradição?
Os cantores só podem cantar sua sabedoria,

E o cuco anunciar a primavera,
E a deusa dos céus
Só pode pintar a terra de beleza;

366-371 Assim também as deusas da tecelagem
Só podem tecer do amanhecer ao crepúsculo,
Sempre cantar a juventude da Lapônia
Em seus sapatos de palha, cheios de alegria,
Quando já comeram a carne grosseira
Da rena ou do alce-azul.

372-375 Por que eu não haveria de cantar,
E as crianças de entoar
Sobre os biscoitos de Wainola,
Sobre o pão das águas de Kalew?

376-379 Até os rapazes da Lapônia cantam
Em seus sapatos de palha, cheios de alegria,
Bebendo apenas um copo de água,
Comendo apenas a casca amarga da árvore.

380-385 Por que eu não haveria de cantar,
E as crianças de entoar
Sobre a cerveja de Kalevala,
Feita com cevada da melhor qualidade,
Vestidos com roupas simples e pitorescas,
Enquanto se sentam junto à lareira.

386-389 Por que eu não haveria de cantar,
E as crianças também de entoar
Sob estas vigas pintadas,
Nestes salões antigos e famosos?

390-397 Este é o lugar onde os homens ficam,
Este é o salão das moças,
Perto da cerveja de cevada espumante,
Feita com muito mel,
Bem perto das águas dos salmões,
Perto das redes para trutas e merluzas,
Aqui nunca falta comida,
E a cerveja está sempre sendo feita.

398-403 Aqui se reúnem os filhos de Wainola,
Aqui se juntam as filhas de Wainola,
Aqui nunca comem aflitos,
Aqui vivem sem arrependimentos,
Enquanto o dono da casa viver,
E a anfitriã estiver viva e próspera.

404-419 "Quem será o primeiro a ser cantado e louvado?
Será a noiva ou o noivo?
Vamos louvar o pai do noivo,
Vamos cantar o herói anfitrião,
Aquele cuja casa fica na floresta,
Aquele que construiu nas montanhas,
Aquele que trouxe troncos de tília,
Com suas copas e galhos finos,

Levou-os ao melhor lugar,
E os uniu com habilidade,
Para a mansão do povo,
Para esta famosa morada heroica,
As paredes vieram das terras baixas,
As vigas do teto, dos pinheiros e abetos,
Do bosque vieram as traves de carvalho,
E das planícies de frutas silvestres, as estacas,

420-423 A casca veio do álamo,
E o musgo, dos brejos.
Esta mansão foi construída com capricho,
Num porto bem abrigado;

424-427 Cem homens trabalharam aqui,
Mil subiram ao telhado,
Enquanto esta casa espaçosa era construída,
Enquanto este telhado era bem encaixado.

428-431 Aqui, o antigo construtor da mansão,
Quando estas vigas foram erguidas,
Perdeu na tempestade os cabelos negros,
Espalhados pelos ventos do céu.

432-435 Muitas vezes o herói, dono da casa,
Esqueceu as luvas sobre as rochas,
Deixou o chapéu nos salgueiros,
Perdeu as luvas nos brejos;

436-443 Muitas vezes o construtor da mansão,
Nas primeiras horas da manhã,
Antes que seus trabalhadores despertassem,
Sem que ninguém na aldeia percebesse,
Levantou-se do sono,
Saiu de sua cabana pelos campos nevados,
Penteou os cabelos entre os galhos,
Lavou os olhos com o orvalho da manhã.

444-452 "Assim o bondoso dono da casa conseguiu
Amigos para encher sua espaçosa morada,
Encher os bancos de magos,
As janelas de encantadores,
Os salões de cantores feiticeiros,
O chão de antigos oradores,
O pátio antigo de forasteiros,
E os cercados de necessitados;
Assim é louvado o anfitrião de Kalew.

453-464 "Agora louvo a bondosa anfitriã,
Que prepara o delicioso jantar,
Enche de fartura todas as mesas,
Assa os pães de cevada com mel,
Amassa a massa com dedos mágicos,
Com seus braços fortes e belos,
Assa o pão em fornos de cobre,
Alimenta os hóspedes e lhes dá boas-vindas,
Serve-lhes o delicioso toucinho,

A truta, o lúcio e a merluza,
Os peixes mais raros do oceano,
E as iguarias de Wainola.

465-470 "Muitas vezes a fiel anfitriã
Levantou-se em silêncio de sua cama,
Antes do canto do vigia,
Para preparar o banquete de casamento,
Arrumar as mesas com capricho,
Fazer a cerveja de mel para as bodas.

471-478 A dona da casa, a anfitriã,
Cheia de sabedoria, fez com perfeição
A cerveja de lúpulo e cevada,
Com os grãos de Kalevala,
Com malte de trigo adoçado com mel,
Mexeu a cerveja com dedos graciosos,
Junto ao forno do anexo,
No aposento varrido e polido.

479-483 A prudente anfitriã,
Bela e cheia de sabedoria,
Não deixou a cevada brotar demais,
Para que a cerveja não ficasse com gosto de terra escura
Nem amarga demais ao fermentar;

484-487 Muitas vezes foi aos celeiros,
Foi sozinha à meia-noite,
Não se assustou com o lobo negro,

Nem temeu os animais da floresta.

488-491 "Agora que louvei a anfitriã,
Deixem-me louvar o pretendente escolhido,
O honrado herói, o noivo,
O melhor de todos os senhores da aldeia.

492-501 O herói veste púrpura,
Traje trazido de terras distantes,
Apertado ao corpo;
Seu casaco de arminho cai ajustado,
Desce até o chão com beleza,
Pendurado no pescoço e nos ombros,
Pouco se vê do colete,
Que aparece por baixo da roupa,
Tecido pelas belas filhas da Lua,
E enfeitado com fios de prata.

502-506 O pretendente está vestido com esmero,
Com um cinto de cobre na cintura,
Forjado pelas doces donzelas do Sol,
Antes de acenderem os primeiros fogos,
Antes que o fogo fosse descoberto.

507-510 O noivo está vestido com riqueza,
Calça meias de seda,
Tem fitas de seda nos tornozelos,
Entrelaçadas com ouro e prata.

511-516 O noivo está vestido com beleza,
Calça sapatos de pele de cervo,
Como os cisnes sobre a água,
Como o pato-azul sobre as ondas do mar,
Como o tordo entre os salgueiros,
Como as aves aquáticas do Norte.

517-524 O herói pretendente está bem adornado,
Com os cabelos dourados,
A barba dourada bem trançada,
O chapéu de herói sobre a testa,
Que atravessa os galhos da floresta,
E alcança as nuvens do céu,
Comprado com incontáveis moedas de ouro e prata,
É inestimável o chapéu do pretendente.

525-528 "Agora que o noivo foi louvado,
Vou louvar a companheira de brincadeiras da jovem noiva,
Companheira de seus dias de infância,
Na mágica morada das donzelas.

529-532 De onde veio a alegre donzela,
Da aldeia de Tanikka?
De lá não veio a companheira,
Companheira de infância da noiva.

533-537 Será que ela veio de nações distantes,
Das águas do Dvina,
Atravessando o vasto oceano?

A donzela não veio do Dvina,
Nem navegou pelas águas;

538-541 Cresceu como fruto nas montanhas,
Como um morango doce,
Nos campos, criança de beleza,
Nos vales, flor dourada.

542-546 De lá veio a jovem companheira da noiva,
De lá surgiu sua bela amiga.
Pequenos são seus pés e dedos,
Pequenos seus lábios de cor escarlate,
Como o tear finlandês da donzela;

547-550 Olhos que brilham com beleza bondosa,
Como as estrelas cintilantes do céu;
As têmporas pulsantes da amiga reluzem
Como o luar sobre as águas.

551-558 A companheira da noiva usa adornos,
No pescoço, um colar de ouro,
Nos cabelos, fitas de seda,
Nos braços, braceletes de ouro,
Anéis de ouro nos dedos,
Pérolas em brincos de ouro,
Argolas de ouro nas têmporas,
E a testa coberta de pérolas.

559-562 O povo do Norte pensou que a Lua brilhava
Quando reluziram seus brincos de joias;
Pensou que o Sol deixara seu lugar
Quando seu cinto brilhou em beleza;

563-566 Pensou que um navio voltava para casa
Quando seu enfeite colorido de cabeça tremulou.
Assim é elogiada a companheira da noiva,
Amiga da donzela do Arco-Íris.

567-571 "Agora elogio os amigos reunidos,
Todos se mostram com maneiras graciosas;
Se os velhos são sábios e silenciosos,
Todos os jovens são livres e alegres,
Todos os convidados são belos e dignos.

572-576 Nunca houve em Vainola,
Nunca haverá no Norte,
Uma companhia assim reunida;
Todas as crianças falam com alegria,
Todos os idosos se movem com serenidade;

577-580 Todas as donzelas estão vestidas de branco,
Como a geada da manhã,
Como a bem-vinda aurora da primavera,
Como o nascer do dia.

581-588 Havia então mais prata,
E ouro em abundância entre os convidados,
Nas colinas havia bolsas de dinheiro,

Sacos de dinheiro pelos vales,
Para os amigos que foram convidados,
Para os convidados reunidos em alegria.
Todos os amigos foram agora elogiados,
Cada um recebeu sua parte de honra."

589-597 Väinämöinen, velho e verdadeiro,
Cantor do Norte,
Subiu no banco forrado de peles
De seu trenó mágico de cobre,
Logo se apressou até seu povoado,
Cantando enquanto seguia viagem,
Cantando feitiços e encantamentos,
Cantando um dia, depois um segundo,
E no terceiro dia entoando lendas.

598-604 Os patins rangeram nas rochas,
O trenó bateu num toco de bétula,
E se partiu em muitos pedaços,
Com a magia de seu canto;
Os patins se entortaram,
Todas as partes se despedaçaram,
E seu trenó mágico ficou arruinado.

605-616 Então o bom e velho Väinämöinen
Disse estas palavras, pensativo:
"Há alguém entre todos estes,
Nesta geração que está surgindo,
Ou talvez entre os idosos,

Na geração que está passando,
Que vá ao reino de Mana,
Ao império de Tuoni,
Para buscar a broca mágica
Do senhor de Manala,
A fim de consertar meu trenó,
Ou construir outro trenó?”

617-628 O que os mais jovens responderam
Foi também a resposta dos idosos:
“Entre os jovens do Norte,
Nem entre os heróis idosos,
Há alguém com coragem suficiente,
Que tenha bravura bastante
Para tentar a viagem temerária
Ao reino de Tuoni,
Aos campos e castelos de Manala,
E de lá trazer a broca de Tuoni,
Com que consertar teu trenó,
E construir de novo teu trenó mágico.”

629-636 Então o velho Väinämöinen,
O eterno cantor da sabedoria,
Foi outra vez ao império de Mana,
Ao reino de Tuoni,
Atravessou o negro rio da Terra dos Mortos,

Até os castelos de Manala,
Encontrou a broca de Tuoni,
E trouxe o instrumento em segurança.

637-643 Logo o velho Väinämöinen canta,
Faz surgir uma floresta púrpura,
Na floresta, esguias bétulas,
E ao lado delas, carvalhos imponentes,
Transforma-os em varas e patins,
Molda-os com sua vontade e poder,
E constrói de novo seu trenó mágico.

644-649 Põe os arreios em seu corcel,
Prende-o bem ao trenó,
Senta-se no banco transversal,
E o cavalo dispara para casa,
Para a manjedoura cheia, à sua espera,
Para o estábulo de seu senhor;

650-653 E leva o velho Väinämöinen,
Famoso bardo e sábio feiticeiro,
Até a soleira de sua morada,
Até seu lar em Kalevala.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXVI

✦

1-9 Ahti, que vivia na ilha,
Perto do promontório e do porto de Kauko,
Arava seus campos de centeio e cevada,
Lavrava seus vastos pastos,
Ouviu, com os ouvidos atentos, um tumulto,
Ouviu a aldeia em alvoroço,
Ouviu um ruído à beira-mar,
Ouviu passos sobre a planície gelada,
Ouviu o rangido dos trenós;

10-17 Logo sua mente adivinhou o motivo,
Soube que eram as bodas de Pohyola,
As bodas da donzela do Arco-Íris.
Logo parou, decepcionado,
Sacudiu os cabelos negros de inveja,
Voltou a cabeça de herói com raiva,
Enquanto o sangue escarlate deixava de correr
Por seu rosto e suas têmporas pálidas;

18-25 Parou de arar e semear,
Deixou os sulcos no campo;
Montou ligeiro em seu corcel,
E galopou veloz para casa,
Até sua mãe tão querida,

Sua mãe idosa e de cabelos dourados,
Deu à mãe estas instruções,
Estas foram as palavras de Lemminkäinen:

26-33 "Minha querida e fiel mãe,
Traga depressa cerveja e iguarias,
Traga comida, pois estou com fome,
Comida e bebida em abundância para mim,
Aqueça depressa minha sala de banho,
Ponha logo tudo em ordem,
Para que eu possa refrescar o corpo,
E vestir minha roupa de herói."

34-39 A mãe idosa de Lemminkäinen
Traz comida farta para seu herói,
Cerveja e iguarias para o faminto,
Para o filho e herói sedento;
Logo aquece a antiga sala de banho,
E prepara depressa o banho.

40-44 Então o imprudente Lemminkäinen
Comeu sua carne, animado pela cerveja,
E correu para o banho que o aguardava;
Só o tentilhão se banhava,
Junto com o colorido escrevedeira;

45-48 O herói lavou depressa as têmporas,
Lavou-se até ficar branco como o linho,
Voltou logo para junto da mãe,

E disse apressado as palavras que seguem:

49-56 “Minha querida e prestativa mãe,
Vá agora mesmo àquela montanha,
Ao depósito no alto da colina,
Traga meu colete do tecido mais fino,
Traga meu manto de herói púrpura,
Traga meu traje de cores mágicas,
Para que eu fique atraente,
E me vista com elegância.”

57-62 Primeiro a mãe idosa lhe perguntou,
Fez ao filho esta simples pergunta:
“Para onde vai, meu herói?
Vai caçar o corço,
Perseguir o lince nas montanhas,
Atirar no esquilo nas matas?”

63-68 Falou o imprudente Lemminkäinen,
Também conhecido como Kaukomieli:
“Digna mãe que me deu a vida,
Não vou caçar o corço,
Nem perseguir o lince nas montanhas,
Nem atirar no esquilo no alto das árvores;

69-74 Vou para Pohyola,
Para o banquete de seu povo.
Traga logo minhas vestes púrpuras,

Traga já minha roupa de casamento,
Deixe-me vesti-la para as bodas
Da donzela da Terra do Norte."

75-84 Mas a velha senhora discordou,
E a esposa proibiu o marido;
Dois dos melhores heróis,
Três das mais belas filhas da natureza,
Insistiram com o impetuoso Lemminkäinen
Para que não fosse a Sariola,
Ao grande banquete de Pohyola,
À festa de casamento da Terra do Norte,
"Pois você não foi convidado,
E eles não querem sua presença."

85-89 Falou o imprudente Lemminkäinen.
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
"Onde os perversos são convidados,
Os bons são sempre bem-vindos,
Eis meu convite;

90-93 Estou sempre sendo lembrado
Por esta espada de fio afiado,
Por esta lâmina mágica e sua bainha,
De que Pohyola precisa da minha presença."

94-97 A mãe idosa de Lemminkäinen
Tentou mais uma vez deter seu herói:
"Não vá, meu filho querido,

Ao banquete em Pohyola;

98-101 As estradas estão cheias de horrores,
Há muitas maravilhas pelo caminho,
A Morte aparece três vezes para assustar,
E a destruição paira por três vezes!”

102-107 Falou o imprudente Lemminkäinen,
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
“Os velhos é que veem a Morte,
Por toda parte enxergam a perdição,
A Morte nunca pode assustar os heróis,
Os heróis não temem os espectros;

108-111 Seja como for, querida mãe,
Conte para que eu possa entender,
Diga qual é a primeira das destruições,
Diga quais são a primeira e a última!”

112-115 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
“Vou lhe contar, filho e herói,
Não porque eu queira falar disso,
Mas porque a verdade merece ser dita;

116-129 Vou nomear a principal destruição,
Dizer qual é a primeira das destruidoras.
Quando tiver viajado por certa distância,
E tiver caminhado apenas um dia,
Um rio surgirá junto à estrada,
Um rio de fogo, de beleza espantosa,

No rio, um jato de fogo poderoso,
No jato, uma rocha que se ergue,
Na rocha, um monte em chamas,
No alto, uma águia flamejante,
Que afia o bico curvo,
E também as garras ensanguentadas,
Para a chegada do forasteiro,
Para quem quer que se aproxime dela.”

130-133 Falou o imprudente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli:
“As mulheres morrem sob as garras da águia,
Mas esse não é o destino dos heróis;

134-138 Conheço bem uma poção mágica
Que cura feridas de águias;
Farei um cavalo de amieiro,
Que caminhará como meu companheiro,
E avançará majestoso;

139-142 Eu o seguirei como um pato,
Conduzindo-o pelas águas fatais,
Passando por baixo da águia flamejante,
Com seu bico e suas garras ensanguentadas.

143-146 Digna mãe que me deu a vida,
Diga qual é a segunda das destruidoras.”
A mãe de Lemminkäinen respondeu:
“Esta é a segunda das destruidoras:

147-154 Quando tiver viajado por certa distância,
E tiver caminhado apenas dois dias,
Uma cova de fogo surgirá em seu caminho,
No meio da estrada,
Estendendo-se longe para o leste,
E sem fim para o oeste,
Cheia de brasas e pedrinhas ardentes,
Incandescente com o calor de eras;

155-158 Esse monstro já engoliu centenas,
Milhares pereceram em suas mandíbulas,
Centenas com suas espadas confiáveis,
Milhares montados em corcéis de fogo.”

159-162 Falou o imprudente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli:
“Um herói jamais perecerá
Nas mandíbulas de um monstro assim;

163-170 Conheço bem um meio de me salvar,
Conheço um remédio eficaz:
Farei um senhor de neve,
Um herói nos campos cobertos de neve,
Mandarei o homem de neve à minha frente,
E o farei atravessar o redemoinho em chamas,
Atravessar a fornalha ardente,
Com minha vassoura mágica de cobre;

171-175 Eu o seguirei na sombra,
Seguirei de perto a imagem mágica,
Assim escaparei do monstro terrível,
Sem ferir meus cabelos dourados,
Sem embaraçar minha barba comprida.

176-179 Antiga mãe que me deu a vida,
Diga qual é a última das destruições,
Diga qual é a terceira das destruidoras."
A mãe de Lemminkäinen respondeu:

180-186 "Este é o terceiro dos perigos mortais:
Se fores ainda mais longe,
Se viajares mais um dia,
Até os portões de Pohyola,
Até a entrada mais estreita,
Um lobo surgirá para te enfrentar,
E um urso-negro se esgueirará até ti;

187-191 Nos portões sombrios de Pohyola,
Centenas pereceram entre suas mandíbulas,
Devora heróis aos milhares;
Por que não te destruiria,
Se estás desprotegido?"

192-196 Disse o destemido Lemminkainen,
O belo herói Kaukomieli:
"Que comam os cordeirinhos mansos,

Que se alimentem de sua carne tenra,
Não podem devorar este herói;

197-201 Estou protegido pelo meu escudo,
Cingido com meu cinturão de cobre,
Uso os braceletes do mestre,
Estou protegido do lobo e do urso,
Não correrei para Untamo.

202-205 Posso enfrentar o lobo de Lempo,
Tenho um bálsamo para o urso,
Enfeito sua boca com rédeas,
Forjo correntes de ferro para o lobo;

206-209 Vou golpeá-los como o salgueiro,
Cortá-los em pedacinhos,
Assim chegarei ao pátio aberto,
E terminarei triunfante minha jornada."

210-214 A mãe de Lemminkainen respondeu:
"Então tua jornada ainda não terminou,
Perigos maiores ainda te aguardam,
Grandes maravilhas ainda estão por vir,
Três horrores estão no teu caminho;

215-221 Três grandes perigos do herói
Ainda aguardam teus passos destemidos,
Estes são os piores de todos:
Quando tiveres caminhado ainda mais,

Chegarás à Corte de Pohya,
Onde as muralhas são forjadas em ferro,
E a fortificação externa, em aço;

222-226 Ela se ergue da terra até o céu,
E retorna à terra;
Lanças duplas servem de grades,
Em cada lança se enroscam serpentes,
Em cada grade há víboras venenosas;

227-231 Lagartos também enfeitam as muralhas,
Brincam com suas longas caudas ao sol,
Lagartos sibilantes, serpentes venenosas,
Saltam e se contorcem sobre a muralha,
Voltam para ti suas cabeças horrendas;

232-235 Os monstros jazem sobre o gramado,
As criaturas malignas estão no chão,
Com suas línguas flexíveis e venenosas,
Sibilam, golpeiam, rastejam e se contorcem;

236-239 Um deles, mais horrendo que os outros,
Jaz diante da entrada fatal,
Mais comprido que as vigas mais longas,
Maior que os portões mais amplos;

240-243 Sibila com a língua furiosa,
Ergue a cabeça em ameaça terrível,
Levanta-a para atacar ninguém menos
Que o herói das ilhas."

244-247 Disse o guerreiro Lemminkainen,
O belo herói Kaukomieli:
“Essas coisas fazem as crianças perecer,
Não é assim que morrem os heróis;

248-254 Sei bem dominar o fogo,
Posso apagar as chamas da paixão,
Posso enfrentar as feras à espreita,
Aplacar a fúria das serpentes,
Curar a picada das víboras,
Arei os campos das serpentes,
Arei as terras das víboras do Norte;

255-259 Com as mãos desprotegidas,
Segurei serpentes entre os dedos,
Levei as víboras para Manala,
Nas mãos, o sangue das serpentes,
Nos pés, a gordura das víboras.

260-263 Teu herói jamais tropeçará
Nas serpentes do Norte;
Com o calcanhar esmagarei os monstros,
Reduzirei a pó essas criaturas horrendas;

264-267 Vou expulsá-las de Pohya,
Levá-las ao reino de Manala,
Entrar na mansão de Pohyola,
Percorrer os salões de Sariola!”

268-271 A mãe de Lemminkainen respondeu:
"Não vás, meu filho amado,
Para as lareiras de Pohyola,
Atravessando os campos e terras em pousio do Norte;

272-275 Há guerreiros com espadas largas,
Heróis vestidos com malha de cobre,
Embriagados de cerveja,
E cheios de amargura por causa dela;

276-279 Eles te enfeitiçarão, pobre infeliz,
Nas pontas de espadas mágicas;
Heróis maiores já foram enfeitiçados,
E os mais fortes, vencidos pela astúcia."

280-284 Disse o destemido Lemminkainen:
"Teu filho já morou outrora
Nos povoados de Pohyola;
Os lapões não podem me enfeitiçar,
Nem os turilândios podem me fazer mal;

285-290 Eu enfeitiçarei o lapão,
Encantá-lo-ei com meus poderes mágicos,
Cantando para separar seus ombros,
Abrirei uma fenda em seu queixo,
Cantarei até despedaçar sua clavícula,
Cantarei seu peito em mil pedaços."

291-294 A mãe de Lemminkainen respondeu:
"Filho tolo, feiticeiro ingrato,
Gabar-te da visita de outrora,
Gabar-te da tua jornada fatal!

295-300 Certa vez viveste no Norte,
Nas casas de Pohyola;
Lá tentaste atravessar o redemoinho a nado,
Provando as águas que pareciam língua de cão,
Foste levado pela corrente fatal,
Afundaste sob suas ondas furiosas;

301-304 Viste o rio de Tuoni,
Mediu as águas de Mana,
Hoje estarias dormindo lá,
Se não fosse pela tua mãe!

305-308 Lembra-te bem do que te digo,
Se chegares aos aposentos de Pohyola,
Encontrarás o pátio cheio de estacas,
Para sustentar as cabeças dos heróis;

309-313 Tua cabeça repousará ali para sempre,
Se fores a Sariola."
Disse o guerreiro Lemminkainen:
"Só os tolos dariam ouvidos ao teu conselho,
E os covardes também;

314-319 Os que têm sete verões de conquistas
Não dão ouvidos a conselhos tão fracos.
Tragam minha armadura de batalha,
Tragam minha malha mágica de cobre,
Tragam também a espada larga de meu pai,
Não deixem enferrujar a lâmina do velho;

320-323 Por muito tempo esteve fria e sem uso,
Por muito tempo ficou guardada em segredo,
Por muito tempo chorou sem cessar,
Por muito tempo pediu um portador."

324-328 Então pegou sua malha de cobre,
Pegou sua antiga armadura de batalha,
Pegou a espada mágica de seu pai,
Testou a ponta no tronco de carvalho,
Testou o fio na sorveira;

329-332 Na mão, a lâmina se curvou,
Como os ramos flexíveis do salgueiro,
Como o zimbro no verão.
Disse o herói Lemminkainen:

333-336 "Não há ninguém nos povoados de Pohya,
Nem nas cortes de Sariola,
Que possa medir forças comigo com espadas largas,
Nem enfrentar esta lâmina ancestral."

337-344 Tirou do prego uma besta,
A mais forte entre as vigas,
E disse, pensativo:
"Reconhecerei como digno,
Reconhecerei como herói,
Quem conseguir retesar esta poderosa besta,
Quem conseguir romper suas cordas mágicas,
Nos povoados de Pohyola."

345-348 Lemminkainen, cheio de coragem,
Cinge-se com a armadura de batalha,
Veste sua poderosa malha de cobre,
E diz ao servo:

349-354 "Servo fiel, que comprei,
Que adquiri com ouro e prata,
Prepara depressa meu corcel fogoso,
Aparelha bem meu cavalo de batalha;
Vou para o festim,
Para os campos de banquete de Lempo."

355-361 O servo fiel obedece ligeiro,
Arreia bem o nobre cavalo de guerra,
Prepara ligeiro o garanhão vermelho como fogo,
E diz estas palavras quando tudo está pronto:
"Fiz o que escondeste de mim,
O corcel está pronto e arreado,
Esperando para obedecer ao seu senhor."

362-367 Chega a hora da partida
do herói Lemminkäinen,
A mão direita está pronta, a esquerda reluta,
Todos os seus dedos ansiosos doem,
Até que, por fim, em plena obediência,
Todos os seus membros dão permissão;

368-371 O herói parte em sua jornada,
Enquanto a mãe lhe dá conselhos,
Na soleira da morada,
À entrada do pátio:

372-383 "Filho corajoso, meu amado,
Filho forte, meu herói sábio,
Se fores à festa,
E chegares ao grande banquete,
Bebe apenas meia taça,
Bebe só até a metade do copo,
Sempre oferece a metade que sobra,
Dá a metade pior a outro,
A alguém menos digno;
Na parte de baixo há serpentes,
Minhocas, sapos e lagartos sibilantes,
Que se alimentam do fundo lodoso."

384-387 Ademais, ela dá ao herói
sábias instruções para o filho,
na beira do pátio,
junto aos portões mais distantes:

388-393 “Se fores ao banquete,
E chegares ao grande festim,
Ocupa apenas metade do banco,
Dá apenas meio passo ao caminhar,
Deixa a outra metade para os demais,
Para alguém menos merecedor;

394-399 Só assim serás um herói,
Assim te tornarás filho imortal;
Nos salões dos convidados, mostra coragem,
Move-te com bravura pelos aposentos,
Nas reuniões dos heróis,
Entre os anfitriões de valor mágico.”

400-406 Então o selvagem Lemminkäinen
Saltou ligeiro para o banco transversal
do seu maravilhoso trenó de guerra,
Ergueu a vara de bétula esmaltada de pérolas,
Estalou o chicote sobre o corcel,
E o cavalo disparou veloz,
Galopando em sua longa jornada.

407-410 Não tinha viajado muito,
Quando um bando de galinhas-do-mato
Ergueu voo subitamente à sua frente,
Voando diante do cavalo espumante.

411-420 Ficaram algumas penas no chão,
Penas das galinhas-do-mato,
No caminho do herói.
O imprudente Lemminkäinen
Recolheu-as por seus poderes mágicos,
Guardou-as em sua bolsa de couro,
Sem saber o que poderia acontecer
Em sua jornada a Pohjola;
Tudo tem algum valor,
Em apuros, tudo pode ser útil.

421-424 Então avançou um pequeno trecho,
Galopou mais adiante pela estrada,
Quando seu corcel relinchou, em perigo,
E o veloz cavalo parou de correr.

425-428 Então o valente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli,
Ergueu-se espantado em seu assento,
Esticou o pescoço e olhou ao redor.

429-432 Viu que era como sua mãe dissera,
Viu um rio de fogo diante de si;
O rio de fogo corria como um rio,
Cruzando o caminho do herói.

433-440 No rio havia uma cachoeira de fogo,
Na catarata, uma rocha de fogo,
Sobre a rocha, um monte em chamas,

No topo pousava uma águia,
De sua garganta jorrava fogo
Até a cratera lá embaixo,
Fogo saía de suas penas,
Brilhando em esplendor flamejante;

441-445 Por muito tempo olhou para o herói,
Por muito tempo contemplou Lemminkäinen,
Então a águia lhe perguntou:
"Para onde vais, Ahti?
Para onde vais, Lemminkäinen?"

446-449 Kaukomieli respondeu:
"Às festas de Pohjola,
Às salas de bebida de Louhi,
Ao banquete de seu povo;

450-453 Afasta-te e deixa-me seguir viagem,
Sai um pouco do meu caminho,
Deixa este viajante passar por ti,
Sou o guerreiro Lemminkäinen."

454-461 Assim respondeu a águia,
Gritando com sua garganta resplandecente:
"Embora sejas o selvagem Lemminkäinen,
Vou deixar-te seguir viagem,
Deixar-te passar por minha garganta de fogo,

Atravessar estas chamas,
Até as salas de banquete de Louhi,
Até o grande festim de Pohjola!”

462-472 Sem se preocupar, Kaukomieli
Acha que não corre grande perigo,
Mete os dedos nos bolsos,
Procura em sua bolsa de couro,
Pega ligeiro as penas mágicas,
Penas das galinhas-do-mato,
Esfrega-as até virarem pó fino,
Esfrega-as com seus dedos mágicos,
E delas surge um bando de aves,
Galinhas-do-mato feitas das penas,
Um grande bando de aves jovens.

473-476 O feiticeiro Lemminkäinen depressa
As conduz à boca de fogo da águia,
Para saciar-lhe a fome,
E apagar o fogo que jorra.

477-480 Assim escapa o herói imprudente,
Assim escapa do primeiro perigo,
Assim passa pelo primeiro destruidor,
Em sua jornada a Pohjola.

481-487 Com o chicote, golpeia o corcel,
Com seu chicote de bétula, esmaltado de pérolas;
Logo o cavalo fogoso dispara,

Silencioso em sua jornada,
Galopa rápido, cada vez mais rápido,
Até que o cavalo veloz, apavorado,
Relincha de novo e para de correr.

488-491 Lemminkäinen se ergue depressa,
Estica o pescoço e olha ao redor,
Vê que as palavras de sua mãe eram verdadeiras,
Vê que a predição dela se confirmou.

492-497 Eis que diante dele se abre um abismo de fogo,
Estendendo-se de um lado ao outro do caminho;
O abismo se alongava até longe, a leste,
E para oeste, sem fim,
Cheio de pedras e seixos ardentes,
Com torrentes de matéria em chamas.

498-504 Sem se preocupar, Lemminkäinen
Clama em voz alta a Ukko, em oração:
"Ukko, Deus que estás acima de mim,
Criador querido, presente em toda parte,
Manda uma nuvem de tempestade do noroeste,
Do leste, envia uma segunda,
Do sul, manda uma terceira;

505-511 Que se juntem vindas do sudoeste,
Costura bem suas bordas,
Preenche bem os espaços entre elas,
Manda uma nevasca que chegue ao céu,

Deixa-a cair do alto dos céus,
Sobre a cova de fogo em chamas,
Sobre a catarata e o redemoinho!”

512-524 O poderoso Ukko, o Criador,
Ukko, pai presente em toda parte,
Que habita os pátios do céu,
Mandou uma nuvem de tempestade do noroeste,
Do leste mandou uma segunda,
Do sul enviou uma terceira,
Fez com que se juntassem vindas do sudoeste,
Costurou bem suas bordas,
Preencheu todos os espaços entre elas,
Mandou uma nevasca que chegava ao céu,
Vinda das alturas vertiginosas do céu,
Enviou-a fervilhante à cova de fogo,
Sobre as torrentes de matéria em chamas;

525-531 Da neve caída no lago de fogo,
Forma-se um lago de ondas revoltas.
O herói Lemminkäinen depressa
Faz com magia uma passagem de gelo
De uma margem à outra,
E assim escapa do segundo perigo,
Assim passa por sua segunda provação.

532-537 Então o imprudente Lemminkäinen
Ergueu sua vara de bétula, esmaltada de pérolas,
Estalou o chicote sobre seu corcel,

E o cavalo disparou velozmente,
Galopou em sua longa jornada
Pela estrada rumo a Pohjola;

538-541 Galopou depressa, cada vez mais depressa,
Galopou por uma distância maior,
Quando o garanhão, relinchando alto,
Parou e tremeu na estrada.

542-548 Então o vivaz Lemminkäinen
Levantou-se no banco dianteiro,
Olhou para ver o que havia acontecido;
Eis que um lobo está junto aos portões,
No caminho de entrada, um urso-negro,
No portão alto de Pohjola,
No fim da jornada.

549-555 Então o jovem Lemminkäinen,
Belo herói, Kaukomieli,
Enfiou os dedos nos bolsos,
Procurou sua bolsa mágica de couro,
Tirou de lá um tufo de lã de ovelha,
Esfregou-o bem entre os dedos,
E em suas mãos virou pó;

556-562 Soprou sobre ele o sopro da vida,
E surgiu um rebanho de ovelhas,
Cabras e ovelhas de cor escura;
O lobo-negro saltou sobre o rebanho,

E o urso selvagem ajudou no massacre,
Enquanto o imprudente Lemminkäinen
Passava por eles em sua jornada;

563-569 Galopou por mais um trecho,
Até o pátio de Sariola,
Encontrou a cerca de ferro fundido,
Com barras e estacas de aço,
Cem braças enterradas na terra,
Mil até o céu azul,
Com lanças de duas pontas projetadas;

570-575 Em cada lança havia serpentes enroladas,
Víboras enroscadas em incontáveis números,
Lagartos misturados às serpentes,
As caudas entrelaçadas apontando para a terra,
Enquanto as cabeças rodopiavam rumo ao céu,
Uma massa retorcida e sibilante de maldade.

576-580 Então o valente Kaukomieli
Pensou profundamente e ponderou por muito tempo:
"É como minha mãe me contou,
Este é o muro que ela previu,
Que se estende da terra ao céu;

581-584 Lá embaixo, as serpentes se arrastam,
E os trilhos se estendem ainda mais fundo;
Alto como o voo mais alto das águias,
E o muro se ergue ainda mais alto."

585-594 Mas o herói Lemminkäinen
Pouco se importa e não desanima,
Tira da bainha sua espada larga,
Saca sua poderosa lâmina ancestral,
Golpeia o muro com força mágica,
Despedaça a paliçada,
Reduz sete estacas a pedaços,
Despedaça o muro de serpentes;
Passa depressa pela abertura
Até os portões de Pohjola.

595-598 No caminho, uma serpente deitada,
Deitada atravessada na entrada,
Mais comprida que as vigas mais longas,
Maior que os pilares de carvalho;

599-604 A serpente hedionda tinha cem olhos,
E o monstro, mil línguas,
Olhos grandes como peneiras,
Línguas compridas como hastes de dardos,
Dentes grandes como cabos de machado,
Costas largas como barcos do oceano.

605-608 Lemminkäinen não se atreve
A atravessar de imediato aquele obstáculo,
Passando pelas cem cabeças de víboras,
Pelas mil línguas de serpentes.

609-617 Disse o mágico Lemminkäinen:
"Víbora venenosa, criatura maligna,
Antiga serpente de Tuoni,
Tu que rastejas no restolho,
Por entre as raízes das flores de Lempo,
Quem te enviou de teu reino,
Te enviou de teus esconderijos malignos,
Te enviou para cá, rastejando e se contorcendo,
Para o caminho por onde quero passar?

618-621 Quem te deu essa boca venenosa,
Quem insistiu, quem ordenou
Que erguesses a cabeça em direção ao céu,
Quem pôs movimento em tua cauda?

622-626 Foi teu pai quem te deu isso,
Foi tua mãe quem te deu esse poder,
Ou o mais velho dos irmãos,
Ou a mais nova das irmãs,
Ou algum outro parente teu?

627-633 "Fecha a boca, criatura maligna,
Esconde tua língua flexível e venenosa,
Enrola teu corpo em um círculo,
Enrosca-te em silêncio como um escudo,
Deixa-me passar por metade do caminho,
Deixa este viajante passar por ti,
Ou sai completamente do caminho;

634-637 Vai para aquela charneca,
Foge depressa para o brejo e o restolho,
Esconde-te entre juncos e caniços,
Nos arbustos espinhosos das terras baixas.

638-641 Como um novelo de linho enrolado,
Como uma esfera de galhos de álamo,
Com a cabeça e a cauda juntas,
Rola até aquela montanha;

642-647 Na charneca é tua morada,
Debaixo da relva ficam tuas cavernas.
Se ergueres a cabeça com raiva,
O poderoso Ukko a destruirá,
Atraspassará com suas flechas de ponta de aço,
Com suas balas mortais de ferro!”

648-653 Mal o herói terminou,
O monstro, sem dar atenção,
Sibilou com a língua, enfurecido,
Movendo-se como um relâmpago bifurcado,
Atacou com sua boca venenosa
A cabeça de Lemminkäinen;

654-659 Mas o herói, lembrando-se depressa,
Pronunciou as palavras mestras do saber,
Palavras vindas de eras distantes,

Palavras que seus antepassados lhe ensinaram,
Palavras que sua mãe aprendera na infância,
Estas foram as palavras de Lemminkäinen:

660-663 "Já que não vais obedecer à minha ordem,
Já que não vais sair da estrada,
Empolada pelo orgulho de tua própria grandeza,
Vais explodir em três pedaços.

664-669 Sai do caminho, vai para as fronteiras,
Vou perseguir tua antiga mãe,
Cantar a origem de tua maldade,
Como surgiu tua cabeça horrenda;
Suoyatar, tua antiga mãe,
Criatura maligna, tua criadora!

670-677 "Suoyatar certa vez deixou que sua saliva
Caísse nas ondas do oceano;
Os ventos e as águas a embalaram,
As correntes do oceano a sacudiram,
Por seis anos as ondas a embalaram,
E por sete verões ela foi embalada na água,
Sobre o dorso azul do oceano,
Nas ondas altas como o céu;

678-681 As ondas a estenderam no comprimento,
E a luz do sol a amaciou,
As ondas a levaram até a praia,
E as águas a deixaram na costa.

682-686 “Então apareceram as filhas da Criação,
Três filhas assim surgiram,
Na praia onde o oceano bramia,
Ali viram a saliva caída,
E disseram o seguinte:

687-691 ‘O que surgiria desta saliva,
Se o sopro do Criador
Caísse sobre essa matéria retorcida,
Soprasse nela o sopro da vida,
E lhe desse o sentido da visão?’

692-699 “O Criador ouviu essas palavras,
E ele mesmo disse o seguinte:
‘Só o mal vem do mal,
Esta é a saliva
Da cruel Suoyatar, sua mãe;
Por isso a criatura seria maligna
Se eu soprasse uma alma dentro dela,
Se lhe desse o sentido da visão.’

700-707 “Hisi ouviu essa conversa,
Sempre pronto para fazer maldades,
Fez-se passar pelo criador,
Soprou uma alma na saliva,
Para a feroz ira de Suoyatar.
Assim surgiu o monstro venenoso,
Assim nasceu a serpente maligna,
Esta é a origem do mal.

708-711 “De onde veio a vida que lhe deu movimento?
Da pilha de carvão de Hisi.
E de onde veio o coração dela?
Das batidas do coração de sua mãe.”

712-715 De onde veio seu cérebro maligno?
Da espuma das águas revoltas.
De onde despertou a consciência?
Da agitação da cachoeira.

716-719 De onde veio sua cabeça venenosa?
Das sementes da hera.
De onde vieram então seus olhos furiosos?
Das sementes de linho de Lempo.

720-723 De onde vieram as orelhas más para ouvir?
Da folhagem de Hisi.
De onde foi então criada sua boca?
Da espuma de Suoyatar.

724-727 De onde veio sua língua irada?
Da lança de Keitolainen.
De onde vieram suas presas venenosas?
Dos dentes da filha de Mana.

728-733 De onde foi então criada suas costas?
Dos postes de carvão de Piru.
Como foi então criada sua cauda?

Do cérebro do duende.
De onde vieram suas entranhas retorcidas?
Do cinto da morte de Tuoni.

734-740 "Esta é tua origem, ó Serpente,
Este teu encanto de mau agouro,
A mais vil criatura de Deus,
Criatura má, retorcida e sibilante,
Com a cor de Tuoni,
Com a sombra da terra e do céu,
Com a escuridão da nuvem de tempestade.

741-746 Vai-te daqui, monstro repugnante,
Desobstrui o caminho deste herói.
Sou o poderoso Lemminkäinen,
A caminho de Pohyola,
Para os banquetes e as festas,
Nos salões da sombria Terra do Norte."

747-754 Então a serpente se desenrolou,
Monstro hediondo de cem olhos,
E rastejou para outras entradas,
Para que o herói, Kaukomieli,
Pudesse seguir seu caminho,
Até a lúgubre Sariola,
Para os banquetes e as festas,
Nos salões de banquete de Pohya.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXVII

✦

1-7 Trouxe o jovem Kaukomieli,
Trouxe o ilhéu e herói,
Também conhecido como Lemminkäinen,
Pelas garras da morte e da ruína,
Pelas profundezas sombrias de Kalma,
Até as moradas de Pohyola,
Até os pátios lúgubres de Louhi;

8-16 Agora devo contar seus feitos,
Devo contar a todos os que me ouvem,
Como o alegre Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli,
Vagou pelos aposentos de Pohyola,
Pelos salões de Sariola,
Como o herói foi sem ser chamado
À festa e à celebração,
Sem convite para o banquete.

17-22 O corajoso Lemminkäinen,
Cheio de vida, força e magia,
Passou pela antiga soleira,
Até o centro do salão,
E o piso de tília tremeu,
Paredes e tetos rangeram e murmuraram.

23-26 Falou o imprudente Lemminkäinen,
Estas foram as palavras de Ahti:
“Sejam saudados ao me ver chegar,
E vocês que saúdam, recebam também minha saudação!

27-30 Escutem, anfitriões de Pohya;
Há comida nesta casa,
Cevada para meu cavalo faminto,
Cerveja para um estranho sedento?”

31-41 O anfitrião de Sariola estava sentado
Na ponta leste da mesa,
E respondeu às perguntas:
“Com certeza há nesta casa
Um estábulo aberto para teu cavalo,
Este anfitrião jamais te recusará,
Se te comportares como convém,
Como alguém digno de chegar a estas portas,
Esperando junto às vigas de bétula,
Nos espaços ao lado das caldeiras,
Junto aos três ganchos de ferro.”

42-47 Então o imprudente Lemminkäinen
Sacudiu os cabelos negros e respondeu:
“Talvez Lempo venha para cá,
Que ocupe este lugar humilde,
Que fique entre as caldeiras,
Para que a fuligem o cubra de preto.

48-51 Meu velho pai jamais,
O querido herói de outrora jamais,
Ficou em lugar indigno,
Às portas, junto às vigas;

52-59 Para seu cavalo, os melhores estábulos,
Comida e abrigo oferecidos de bom grado,
E um quarto para seus acompanhantes,
Cantinhos preparados para suas luvas,
Ganchos para seus sapatos de neve,
Salões à espera de seu elmo.
Então por que eu não encontraria aqui
O que meu pai encontrou antes de mim?"

60-64 O herói caminhou até o centro,
Deu a volta na mesa de jantar,
Sentou-se num banco e esperou,
Num banco de abeto polido,
E a caldeira rangeu sob ele.

65-68 Falou o imprudente Lemminkäinen:
"Como convidado, não sou bem-vindo,
Já que os criados não trazem iguarias,
Não trazem pratos para o estranho?"

69-75 Ilpotar, a anfitriã da Terra do Norte,
Então disse estas palavras:
"Lemminkäinen, és malvado,
Estás aqui, mas não foste convidado,

Não tens aparência bondosa,
Vais me causar dor de cabeça,
Estás trazendo dor e sofrimento.

76-81 Toda a nossa cerveja ainda está na cevada,
Todo o malte ainda está no grão,
Toda a nossa colheita ainda está por guardar,
E o jantar já foi servido;
Devias ter vindo ontem,
Volta em alguma outra época."

82-86 Então o selvagem Lemminkäinen
Torceu a boca de raiva,
Sacudiu os cabelos negros como carvão e respondeu:
"As mesas daqui estão todas vazias,
E a hora da festa já passou;

87-94 Toda a cerveja sumiu das taças,
As jarras também estão vazias,
Vazios estão os vasos maiores.
Ó anfitriã de Pohyola,
Desdentada senhora da sombria Terra do Norte,
Teu casamento foi mal organizado,
E tua festa foi mal conduzida,
Convidaste gente como se fossem cães;

95-101 Assaste biscoitos de mel,
Pães de trigo da melhor qualidade,
Fizeste cerveja com lúpulo e cevada,

Mandaste convites por toda parte,
Honraste seis povoados,
Convidaste nove aldeias
Por meio de teus alegres mensageiros do casamento.

Convidaste os pobres e humildes,
Convidaste gente do povo,
Convidaste cegos, surdos e aleijados,
Convidaste uma multidão de mendigos,
Trabalhadores diaristas e assalariados;

Convidaste homens de maus hábitos,
Convidaste moças de tranças compridas,
Só a mim não convidaste.
Como pudeste me desprezar assim,
Se te mandei barris de cevada?

Outros te mandaram grãos em copadas,
Trouxeram-nos aos poucos, em conchas,
Enquanto eu te mandei a medida cheia,
Mandei metade de tudo o que armazenei,
Da mais rica das minhas colheitas,
Dos grãos que reuni.

Mesmo agora, o jovem Lemminkäinen,
Embora seja um convidado de nome e posição,
Não tem cerveja, comida nem boas-vindas,
Nada preparas para ele,
Nada cozinha em tuas caldeiras,

Nada fermenta em tuas adegas
Para o herói das Ilhas,
Ao fim de sua jornada.”

126-131 Ilpotar, a velha anfitriã,
Deu esta ordem às criadas:
“Venha, minha bela moça servente,
Minha criada,
Ponha salmão para assar,
Traga cerveja para o estranho!”

132-139 A moça era baixinha,
Lavava os pratos do banquete,
Enxaguava as conchas do jantar,
Polia as colheres de prata,
E pôs comida nas caldeiras,
Só ossos e cabeças de peixe branco,
Talos de nabo e repolho murcho,
Côdeas de pão e pedaços de biscoito.

140-144 Então trouxe cerveja em jarras,
Trouxe a pior bebida comum,
Para que o estranho Lemminkäinen
Tivesse bebida e comida de boas-vindas,
E assim matasse a sede e a fome.

145-148 Então a moça disse:
“Tu deves ser mesmo um grande herói,
Vens beber a cerveja de Pohya,

Vens esvaziar todos os nossos vasos!”

149-154 Então o menestrel Lemminkäinen
Examinou atentamente todas as jarras,
Olhando até o fundo;
Ali viu serpentes se contorcendo,
Víboras nadando no centro,
E, nas bordas, vermes e lagartos.

155-162 Então o herói Lemminkäinen,
Cheio de raiva, falou:
“Fora daqui, criaturas malignas,
Vão para Tuonela,
Com quem trouxe estas jarras,
Com a moça que trouxe vocês para cá,
Antes que a lua da noite apareça,
Antes que a estrela do dia busque o oceano!

163-167 Ó miserável cerveja de cevada,
Foste coberta de grande desonra,
Caíste em descrédito,
Mas vou te beber mesmo assim,
E jogarei fora o resto.”

168-173 Então o herói levou à bolsa
Seu primeiro dedo, sem nome,
Procurando no seu saco de couro;

Logo tirou um anzol de pesca,
Jogou-o no fundo da jarra,
Através da inútil cerveja de cevada;

174-180 As serpentes se prenderam ao anzol,
Ele fisgou muitas víboras sibilantes,
Fisgou rãs em grande quantidade,
Fisgou milhares de vermes enegrecidos,
Lançou-os ao chão diante de si,
Logo puxou sua pesada espada larga,
E decapitou as serpentes.

181-188 Agora ele bebe a cerveja que restou,
Quando o feiticeiro fala:
"Como convidado, não sou bem-vindo,
Pois não me dão cerveja
Que seja digna de um herói;
Nem um carneiro foi abatido,
Nem um bezerro gordo foi sacrificado,
Comida digna de Lemminkäinen."

189-192 Então o dono de Pohyola
Respondeu ao menestrel das Ilhas:
"Por que vieste para cá,
Quem te pediu que aparecesses?"

193-199 Lemminkäinen respondeu:
"Feliz é o convidado que foi chamado,
Mais feliz ainda o que não era esperado;

Escuta, filho de Pohyola,
Anfitrião de Sariola, escuta:
Dá-me cerveja, que pago na hora,
Dá-me uma bebida digna, que pago por ela!”

200-206 Então o dono de Pohyola,
De mau humor e cheio de raiva,
Fez surgir na terra um pequeno lago,
Aos pés de Kaukomieli,
E disse ao herói das Ilhas:
“Mate tua sede naquele lago,
Ali está a cerveja que mereces!”

207-211 Sem se importar, Lemminkäinen
Respondeu a esse insulto:
“Não sou urso nem veado,
Para beber esta água imunda,
Beber a água deste lago.”

212-216 Então Ahti começou a conjurar,
E fez surgir diante de si um touro,
Com chifres de ouro e prata,
E o touro bebeu do lago,
Bebeu da poça com prazer.

217-220 Então o dono de Pohyola
Criou ali um lobo selvagem,
Pôs-no no chão diante de si
Para destruir o touro mágico.

221-224 Lemminkäinen, cheio de coragem,
Conjurou um coelho branco como a neve,
Pôs-no no chão diante de si
Para atrair a atenção do lobo.

225-228 Então o dono de Pohyola
Conjurou ali um cão de Lempo,
Pôs-no no chão diante de si
Para destruir o coelho mágico.

229-232 Lemminkäinen, cheio de malícia,
Conjurou um esquilo no telhado,
Para que, saltando pelas vigas,
Chamasse a atenção do cão.

233-236 Mas o senhor da Terra do Norte
Conjurou ali uma marta dourada,
E expulsou o esquilo mágico
De seu lugar nas vigas.

237-242 Lemminkäinen, cheio de malícia,
Criou uma raposa de cor escarlate,
E ela comeu a marta dourada.
Então o senhor de Pohyola
Conjurou ali uma galinha para esvoaçar
Perto da raposa de cor escarlate.

243-246 Lemminkäinen, cheio de malícia,
Criou então um falcão,
Para que, com o bico e as garras curvas,

Despedaçasse a galinha.

247-250 Falou o dono de Pohyola,
Estas foram as palavras do homem alto:
"Esta festa nunca vai melhorar
Enquanto houver tantos convidados;

251-256 Tenho de fazer meu trabalho de anfitrião,
Vai embora, estranho malvado,
Para com tuas conjurações malignas,
Deixa o banquete do meu povo,
Vai depressa, feiticeiro perverso,
Para tua casa e teu povo nas Ilhas!"

257-261 Falou o imprudente Lemminkäinen:
"Não é assim que se expulsa um herói,
Nem um filho de coragem
Se deixará intimidar por tua presença,
Ou será expulso de teu banquete."

262-265 Então o dono de Pohyola
Arrancou das vigas sua espada larga,
Tirou-a precipitadamente da bainha,
E disse a Lemminkäinen:

266-269 "Ahti, ilhéu malvado,
Tu, belo Kaukomieli,
Vamos medir nossas espadas largas,
Vamos pôr nossa habilidade à prova;

270-275 A minha espada larga é com certeza melhor
Que a lâmina na tua bainha.”
O herói Lemminkäinen falou:
“Minha lâmina é boa e confiável,
Foi provada em cabeças de heróis,
Foi testada em muitos ossos;

276-279 Seja como for, meu companheiro,
Já que tua ordem é um desafio,
Vamos pôr nossas espadas à prova,
Vamos ver qual lâmina é melhor.

280-283 Há muito tempo meu pai, o herói,
Provou bem esta espada em batalha,
Ela nunca falhou num combate.
Será que o filho se mostrará menos digno?”

284-291 Então ele agarrou sua poderosa espada larga,
Tirou da bainha a lâmina de fogo
Que pendia de seu cinturão de cobre.
Com as empunhaduras no chão, as espadas ficaram de pé,
E eles mediram as lâminas com cuidado,
Descobriram que a espada do senhor da Terra do Norte
Era mais comprida que a espada de Ahti
Pela metade de um elo de dedo.

292-295 Falou o imprudente Lemminkäinen:
“Já que tua espada larga é mais comprida,
Tu darás os primeiros golpes,

Estou pronto para tua arma."

296-302 Então o dono de Pohyola,
Com a força espantosa da raiva,
Tentou em vão matar o herói,
Atingir o alto da cabeça de Lemminkäinen;
Arrancou lascas das vigas,
Despedaçou o teto,
Mas não conseguiu tocar o herói das Ilhas.

303-307 Então o valente Kaukomieli
Disse ao senhor de Pohyola:
As vigas te ofenderam?
Que crimes elas cometeram,
Para que as despedaces a golpes?

308-311 Escuta agora, anfitrião da Terra do Norte,
Imprudente dono de Pohyola,
Há pouco espaço para espadachins
Nestes aposentos cheios de mulheres;

312-319 Vamos manchar estas vigas pintadas,
Manchar de sangue estes pisos e tetos;
Saiamos da mansão,
No campo há espaço para combater,
Na planície há espaço de sobra;
O sangue fica mais bonito no pátio,
Melhor nos espaços abertos,
Deixemos os campos de neve vermelhos como escarlate."

320-323 Os heróis correm para o pátio,
Ali encontram um couro imenso de boi,
Estendem-no no campo de batalha;
Sobre o couro ficam os espadachins.

324-328 Falou o herói Lemminkäinen:
"Escuta bem, anfitrião da Terra do Norte,
Embora tua espada larga seja mais comprida,
Embora tua lâmina seja terrível,
Tu terás a primeira vantagem;

329-333 Usa com habilidade tua afamada espada larga
Antes que venha o golpe final,
Antes que tua cabeça seja cortada em pedaços;
Golpeia com destreza ou vais perecer,
Golpeia e faz o melhor pela Terra do Norte."

334-341 Então o dono de Pohyola
Ergueu bem alto sua lâmina de batalha,
Desferiu um golpe pesado, com raiva,
Desferiu um segundo, depois um terceiro,
Mas não conseguiu tocar seu rival,
Não conseguiu tirar uma gota de sangue
Das veias de Lemminkäinen,
Habilidoso ilhéu e herói.

342-345 Falou o belo Kaukomieli:
"Deixa-me mostrar minha habilidade com a espada,
Deixa-me brandir a espada larga de meu pai,

Deixa que minha honrada lâmina seja provada!”

346-349 Mas o dono de Pohyola
Não dá ouvidos às palavras de Ahti,
Ataca furioso, sem parar,
Sempre mirando, sempre errando.

350-358 Quando o habilidoso Lemminkäinen
Brande sua poderosa lâmina mágica,
O fogo dança sobre sua arma,
Brilha em sua espada honrada,
Reluz na espada larga do herói,
Bolas de fogo dançam e saltam
Na lâmina do poderoso Ahti,
E se espalham pelos ombros
Do dono de Pohyola.

359-363 Falou o herói Lemminkäinen:
“Ó filho de Sariola,
Vê como teu pescoço está brilhando
Como o romper da manhã,
Como o Sol nascendo no oceano!”

364-367 O dono de Pohyola se virou depressa,
Anfitrião distraído da sombria Terra do Norte,
Para ver o brilho ardente
Que brincava em seu pescoço e ombros.

368-372 Rápido como um raio, Lemminkäinen,
Com a espada de batalha de seu pai,
Com um único golpe de espada larga,
Com habilidade e força reunidas,
Cortou a cabeça do senhor de Pohya;

373-378 Como quem corta talos de nabo,
Como a espiga que se solta do caule do milho,
Como quem corta as barbatanas do salmão,
Assim a cabeça rolou dos ombros
Do dono de Pohyola,
Rolou e girou como uma bola.

379-385 No pátio havia estacas fincadas,
Eram centenas de postes afiados,
E em cada estaca havia uma cabeça,
Só uma estava sem cabeça.
Logo o vencedor, Lemminkäinen,
Pegou a cabeça do dono de Pohya
E a espetou na estaca vazia.

386-389 Então o ilhéu, jubiloso,
O belo herói Kaukomieli,
Voltou depressa aos aposentos
E deu esta ordem à anfitriã:

390-393 "Moça malvada, traga-me água,
Para eu lavar os dedos
Do sangue do senhor da Terra do Norte,

Malvado anfitrião de Sariola.”

394-401 Ilpotar, a anfitriã da Terra do Norte,
Furiosa, ameaçou vingar-se,
Conjurou homens com espadas largas e pesadas,
Heróis vestidos com armaduras de cobre,
Cem guerreiros com seus dardos,
E mil portando bestas,
Para destruir o herói das Ilhas,
Por causa da morte de Lemminkäinen.

402-406 Kaukomieli logo percebeu
Que chegara a hora de partir,
Que sua presença não era bem-vinda
Na festa de Pohyola,
No banquete de seu povo.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXVIII

✦

1-7 Ahti, herói das Ilhas,
Feiticeiro selvagem, Lemminkäinen,
Também conhecido como Kaukomieli,
Apressou-se para longe da grande farra,
Dos salões de banquete de Louhi,
Da sombria Terra do Norte,
Da triste Sariola.

8-12 Saiu da mansão a passos tempestuosos,
Apressado como a fumaça da batalha,
Do pátio de Pohyola,
Deixou seus crimes e delitos
Nos salões da antiga Louhi.

13-16 Então olhou em todas as direções,
À procura de seu cavalo atado,
Olhou ansioso no campo e no estábulo,
Mas não encontrou seu corcel;

17-24 Encontrou algo negro no terreno em pousio,
Que se revelou um tufo de salgueiros.
Quem dará bons conselhos ao herói,
Quem lhe dará sábias orientações,
Guiará o feiticeiro para fora do perigo,

Protegerá seus cachos heroicos,
Manterá sua cabeça mágica a salvo
Dos guerreiros da Terra do Norte?

25-29 Ouve-se barulho dentro da aldeia,
E um tumulto vindo de outras casas,
Dos exércitos de Louhi,
Que saem pelas portas e janelas
Das casas de Pohyola.

30-39 Então o jovem Lemminkäinen,
Belo herói das Ilhas,
Mudando a forma e os traços,
Vestiu outras roupas,
Transformou o próprio corpo,
Logo virou uma poderosa águia,
Subiu alto com asas mágicas,
Tentou voar até o céu mais elevado,
Mas o luar queimou suas têmporas,
E o sol chamuscou suas penas.

40-54 Então Lemminkäinen, suplicando,
Herói das Ilhas, voltou-se para Ukko,
E Ahti fez esta oração:
"Ukko, Deus de amor e misericórdia,
Tu, Sabedoria dos céus,
Sábio condutor dos relâmpagos,
Tu, autor do trovão,
Tu, guia de todas as nuvens,

Dá-me teu manto de vapor,
Lança ao meu redor uma nuvem prateada,
Para que, protegido por ela,
Eu me apresse à minha terra natal,
À morada de minha mãe na Ilha,
Voe até ela, que espera minha chegada,
Com os graves pressentimentos de uma mãe."

55-65 Mais longe, cada vez mais longe, Lemminkäinen
Voou e planou com asas de águia,
Olhou ao redor, para trás e para a frente,
Viu um gavião-cinzento voando perto,
Com um fogo brilhante nos olhos,
Como nos olhos dos habitantes de Pohyola,
Como nos olhos dos lanceiros de Pohya,
E assim o gavião-cinzento lhe falou:
"Ei, você, herói Lemminkäinen,
Está pensando em nosso combate
Com os heróis da Terra do Norte?"

66-70 Assim respondeu o ilhéu,
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
"Ó gavião-cinzento, bela ave,
Voe direto para Sariola,
Voe tão rápido quanto suas asas permitirem;

71-76 Quando chegar em segurança
Às planícies da sombria Terra do Norte,
Conte aos arqueiros e lanceiros:

Eles nunca alcançarão a águia
Em sua jornada de Pohyola
Para sua casa e fortaleza na Ilha."

77-80 Então a águia Ahti se apressou
Direto para a cabana de sua mãe,
Com o rosto preocupado,
Com o coração apertado de tristeza.

81-84 A mãe de Ahti correu ao seu encontro
Quando o avistou no caminho,
Vindo em direção à morada dela na Ilha;
E estas foram as palavras da mãe:

85-88 "De meus filhos, tu és o mais valente,
És o mais forte de todos;
Por que, então, estás aborrecido
Ao voltar de Pohyola?

89-94 Foste derrotado no banquete,
Na festa e na grande farra?
Se te fizeram mal enquanto bebias,
Aqui te trataremos melhor,
Aqui receberás a taça que teu pai
Trouxe para mim do castelo dos heróis."

95-100 Disse o imprudente Lemminkäinen:
"Querida mãe, que me criaste,
Se tivessem me ferido enquanto bebia,

Eu teria vencido o anfitrião,
Matado mil heróis,
E lhes dado uma boa lição.”

101-104 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
“Por que, então, estás indignado?
Foste insultado e desonrado?
Roubaram teu cavalo?”

105-108 Então compra um cavalo melhor
Com as riquezas de tua mãe,
Com os tesouros guardados por teu pai.”
Disse o herói Lemminkäinen:

109-114 “Mãe fiel, que me deste a vida,
Se tivessem insultado meu cavalo,
Se por isso meu coração se ferisse,
Eu teria castigado o anfitrião,
Teria castigado todos os cavaleiros,
Todos os mais fortes cavaleiros de Pohya.”

115-118 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
“Então me conte teu grande infortúnio.
O que aconteceu com meu herói
Em sua viagem a Pohyola?”

119-124 As moças da Terra do Norte te desprezaram?
As mulheres zombaram de ti?
Se as moças desprezaram tua presença,

Se as mulheres riram de ti,
Há outras de quem podes rir,
Podes desprezar mil mulheres."

125-130 Disse o imprudente Lemminkäinen:
"Honrada mãe, carinhosa e fiel,
Se as damas da Terra do Norte me desprezassem
Ou as moças zombassem de mim,
Eu teria castigado as moças,
Teria desprezado mil mulheres."

131-134 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
"Por que, então, estás indignado,
Aborrecido e de coração pesado,
Ao voltar de Pohyola?"

135-138 Festejaste fora de hora?
A cerveja do banquete não prestava?
Tiveste sonhos de mau agouro
Quando dormias na sombria Terra do Norte?"

139-143 Esta foi a resposta de Lemminkäinen:
"As mulheres idosas talvez se lembrem
Do que sonham em leitos de aflição;
Eu vi algumas visões extraordinárias
Desde que deixei minha cabana na Ilha.

144-153 Minha querida mãe, que sempre me ajuda,
Enche minha bolsa de bons mantimentos,
De farinha e sal em grande quantidade,

Teu herói terá de ir mais longe,
Terá de deixar para trás sua casa,
Deixar sua agradável morada na Ilha,
Partir desta casa de tantos anos;
Os homens estão afiando suas espadas largas,
Afiando suas lanças e seus dardos,
Para matar Lemminkäinen."

154-157 Então a mãe tornou a perguntar,
Apressada, quis saber o motivo:
"Por que os homens afiavam suas espadas,
Por que suas lanças estavam sendo afiadas."

158-161 Disse o imprudente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli:
"Eles afiam suas espadas largas
E afiam suas lanças por este motivo:

162-166 Querem destruir teu filho,
Suas lanças apontam para o meu coração.
No pátio de Pohyola,
Começou uma grande disputa,
E travaram uma batalha feroz contra mim;

167-171 Mas matei o herói da Terra do Norte,
Matei o exército de Sariola;
O povo de Louhi logo pegou em armas,
Todas as lanças e espadas da Terra do Norte
Foram apontadas para teu herói;

172-178 Todo o povo de Pohya se voltou contra mim,
Voltou-se contra um único inimigo.”
Esta foi a resposta da mãe:
“Eu já havia te contado,
Já tinha te alertado desse perigo
E te proibido de viajar
Para os campos hostis da Terra do Norte.

179-183 Aqui meu herói poderia ter ficado,
Vivido a vida em plena felicidade,
Vivido para sempre com sua mãe,
Protegido por ela,
No pátio junto de seus parentes;

184-194 Aqui não teria havido guerra,
Nem disputa teria surgido.
Para onde irás, meu herói?
Para onde irá meu querido, apressado,
Para escapar de teus ferozes perseguidores,
Para escapar das consequências de teus atos,
Para te esconder a salvo de teus pecados,
De teus crimes e delitos,
Para que tua cabeça não corra perigo,
Para que teu corpo não seja mutilado,
Para que teus cachos não sejam arrancados?”

195-200 Disse o imprudente Lemminkäinen:
“Não conheço lugar que sirva,
Não conheço um lugar seguro

Onde me esconder de meus perseguidores,
Que me proteja com segurança
Dos crimes que cometi.

201-204 Minha mãe, que sempre me ajuda,
Para onde me aconselhas a fugir?”
Esta foi a resposta da mãe:
“Não sei para onde posso te mandar;

205-209 Vire um pinheiro na montanha
Ou um zimbro nas terras baixas?
Mesmo assim, a desgraça pode te encontrar;
Muitas vezes o pinheiro da montanha
É cortado em lascas para acender velas;

210-213 E o zimbro muitas vezes é descascado
Para fazer estacas de cerca nos pastos.
Vire uma bétula nos vales,
Ou um olmo nos bosques do vale?

214-217 Mesmo assim, o perigo pode te encontrar,
A desgraça pode te alcançar;
Muitas vezes a bétula das terras baixas
É cortada em pedaços no depósito de madeira;

218-223 Muitas vezes a floresta de olmos
É desmatada para dar lugar a outras plantações.
Vire uma frutinha nas terras altas,

Um oxicoco entre as urzes,
Um morango nas montanhas,
Uma amora junto às cercas?

224-227 Mesmo ali o perigo te encontrará,
Ali a desgraça te alcançará,
Pois as moças colheriam as frutinhas,
As meninas enfeitadas de prata te levariam.

228-231 Vire então um lúcio no oceano
Ou uma trutinha nos rios?
Mesmo assim a desgraça te alcançaria,
E se tornaria tua companheira de vida;

232-236 O pescador então te apanharia,
Em sua rede de fios de linho,
Ou com seu cruel anzol de pesca.
Vire então um lobo na floresta
Ou um urso-negro nos matagais?

237-241 Mesmo assim o perigo te encontraria,
E o desastre cruzaria teu caminho;
Os caçadores vestidos de preto da Terra do Norte
Já têm lanças e bestas prontas
Para matar o lobo e o urso-negro.”

242-245 Disse o imprudente Lemminkäinen:
“Conheço bem os piores lugares,
Sei onde a Morte certamente me encontrará,
Onde o olhar da desgraça me acharia;

246-249 Já que me deste a vida,
E me alimentaste quando eu era criança,
Para onde devo fugir em busca de segurança?
Onde me esconder da morte e do perigo?

250-254 Vejo a destruição terrível,
A desgraça ronda acima de mim;
Amanhã virão os lanceiros,
Incontáveis guerreiros de Pohya,
Satisfeitos apenas com a cabeça de Ahti."

255-259 Esta foi a resposta da mãe:
"Posso indicar um bom refúgio,
Uma terra pequena,
Uma ilha distante no oceano,
Onde meu filho poderá viver em segurança.

260-263 Até lá os arqueiros nunca vão,
Lá não poderão te decepar a cabeça;
Mas terás de jurar um voto
Tão forte quanto o céu, diante de tua mãe;

264-267 Durante sessenta verões,
Não entrarás em guerra nem combate mortal,
Mesmo que desejes prata,
Desejes ouro e tesouros de prata."

268-272 Disse o agradecido Lemminkäinen:
"Juro solenemente
Que durante sessenta verões

Não desembainharei minha espada na arena,
Nem porei à prova um guerreiro na batalha;

273-278 Tenho feridas nos ombros,
No peito, duas cicatrizes de espada larga,
Relíquias de minhas batalhas passadas,
Relíquias de meus últimos confrontos,
Nos campos de batalha da Terra do Norte,
Nas guerras contra homens e heróis."

279-282 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
"Vai, pega a embarcação de teu pai,
Vai e esconde-te em segurança,
Viajando para longe, por nove oceanos;

283-289 No décimo, navega até o centro,
Até a ilha coberta de florestas,
Até os penhascos acima das águas,
Onde teu pai foi antes de ti,
Onde se escondeu de seus perseguidores,
Nos tempos das conquistas de verão,
Nos sombrios dias de batalha;

290-296 A ilha será boa para morar,
Um ótimo lugar para viver e ficar;
Esconde-te por um ano e depois por outro,
No terceiro, retorna em segurança

À morada de tua mãe na Ilha,
À antiga mansão de teu pai,
Ao lugar de descanso de meu herói.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXIX

✦

1-7 Lemminkäinen, cheio de alegria,
Herói belo, Kaukomieli,
Levou mantimentos em abundância,
Peixe e manteiga, pão e toucinho,
Apressou-se para a Ilha do Refúgio,
Navegou pelos oceanos,
E, ao partir, disse estas palavras:

8-11 "Adeus, minha morada na ilha,
Preciso navegar para outras terras,
Para uma ilha mais segura,
Até passar o segundo verão;

12-15 Que as serpentes fiquem na ilha,
Que os linces descansem no bosque do vale,
Que os alces azuis vagueiem pelas montanhas,
Que os gansos selvagens comam a cevada.

16-23 Adeus, minha prestativa mãe!
Quando os guerreiros da Terra do Norte,
Vindos da sombria Sariola,
Chegarem com espadas, lanças e bestas,
Pedindo minha cabeça por vingança,

Diga que parti há muito tempo,
Que deixei minha morada na ilha,
Quando a cevada já havia sido colhida.”

24-32 Então lançou seu barco de cobre,
Pôs a embarcação na água,
Tirando-a dos rolos revestidos de ferro,
Dos cilindros de madeira de carvalho.
Ergueu as velas nos mastros,
Abriu as velas mágicas de linho,
O herói sentou-se na popa
E preparou-se para navegar,
Com uma das mãos no leme.

33-40 Então o marinheiro falou assim,
Estas foram as palavras de Lemminkäinen:
“Soprem, ventos, e me levem adiante,
Soprem constantes, ventos do céu,
Rumo à ilha no oceano,
Para que meu barco voe em segurança
Até o refúgio de meu pai,
Até a ilha distante e sem nome!”

41-47 Logo os ventos se ergueram, como ordenado,
Balançaram o barco sobre as ondas,
Sobre o dorso azul das águas,
Sobre a vasta extensão do oceano;

Sopraram por dois meses, sem cessar,
Sopraram por um terceiro mês rumo à ilha,
Rumo à Ilha do Refúgio de seu pai.

48-51 Algumas moças estavam à beira-mar,
Na praia arenosa do oceano,
Olhando em todas as direções,
Observando as ondas;

52-55 Uma esperava pelo irmão,
Outra, pelo pai,
E uma terceira, ansiosa, esperava
A chegada de seu pretendente;

56-60 Ali avistaram o jovem Lemminkäinen,
Ali perceberam o barco do herói
Navegando sobre as ondas impetuosas;
Parecia uma nuvem suspensa,
Entre a terra e o céu.

61-64 Assim as moças da ilha se admiraram,
Assim falaram umas às outras:
"Que estranho é esse no oceano,
Que coisa é essa sobre as águas?"

65-69 És um de nossos barcos?
Foste construído nesta ilha?
Navega direto para o porto,
Para o ponto de desembarque da ilha,
Para que saibamos de que povo és."

70-74 As ondas o impeliram adiante,
Balançaram seu barco sobre as ondas,
Levaram-no à ilha mágica,
E Lemminkäinen desembarcou em segurança
Na praia arenosa, junto ao porto.

75-80 Assim falou ao desembarcar,
Estas foram as palavras de Ahti:
"Há espaço nesta ilha,
Há lugar neste porto,
Onde meu barco possa ficar ancorado,
Onde o sol possa secá-lo?"

81-86 Esta foi a resposta das virgens,
Moradoras da Ilha do Refúgio:
"Há espaço neste porto,
Há lugar de sobra nesta ilha,
Onde teu barco possa ficar ancorado,
Onde o sol possa secá-lo;

87-91 Os rolos estão prontos,
Cilindros adornados de cobre;
Se tivesses cem barcos,
Se chegasses com mil embarcações,
Nós os receberíamos com espaço para todos."

92-95 Então o impetuoso Lemminkäinen
Levou seu barco para o porto,
Sobre os cilindros de cobre,

E, ao terminar, disse estas palavras:

96-100 “Há espaço nesta ilha,
Ou algum lugar nestas florestas,
Onde um herói possa se esconder
Do estrondo da batalha que se aproxima,
Do combate de lanças e flechas?”

101-105 Assim responderam as moças da ilha:
“Há lugares nesta ilha,
Há um canto adequado nestas planícies,
Onde podes te esconder em segurança,
Herói, filho de pouco valor.

106-110 Há muitos, muitos castelos aqui,
Muitos pátios nesta ilha;
Mesmo que venham mil heróis,
Mesmo que mil lanceiros os sigam,
Poderás te esconder em segurança.”

111-115 Falou o herói, Lemminkäinen:
“Há espaço nesta ilha,
Onde cresçam muitas bétulas,
Onde este filho possa derrubar a floresta
E cultivar a terra em pousio?”

116-124 Assim responderam as moças da ilha:
“Não há um canto adequado,
Nem lugar algum nesta ilha
Onde possas descansar teus membros cansados;

Nem mesmo um pequeno trecho de bosque de bétulas
Poderás cultivar.
Todos os nossos campos foram divididos,
Todas estas matas foram repartidas,
Campos e florestas têm seus donos."

125-131 Lemminkäinen fez esta pergunta,
Estas foram as palavras de Kaukomieli:
"Há espaço nesta ilha,
Um lugar digno nos campos ou na floresta,
Onde eu possa cantar minhas canções mágicas,
Entoar o saber que acumulei,
Cantar minhas antigas canções e lendas?"

132-139 Assim responderam as moças da ilha:
"Há espaço nesta ilha,
Um lugar digno nestas terras,
Podes cantar o saber que acumulaste,
Podes entoar tuas antigas lendas,
Lendas dos tempos primordiais,
Na floresta, no castelo,
Nas planícies e pastagens da ilha."

140-147 Então o cantor imprudente começou
A entoar seus dizeres mágicos;
Cantou amieiros à beira dos caminhos,
Cantou carvalhos nas montanhas,
Cantou ramos nos carvalhos,

Em cada ramo, cantou uma bolota,
Sobre as bolotas, rolos dourados,
Em cada rolo, cantou um cuco;

148-152 Então os cucos começaram a cantar,
O ouro jorrou de cada garganta,
O cobre caiu de cada pena,
E cada asa soltou prata,
Enchendo a ilha de metais preciosos.

153-159 O jovem Lemminkäinen tornou a cantar,
Fez encantamentos, cantou e entoou,
Transformou as areias do mar em pedras preciosas,
As pedras em pérolas resplandecentes,
Vestiu os bosques de cores iridescentes,
Encheu a ilha de flores,
De tantas cores quanto o arco-íris.

160-165 O cantor mágico tornou a cantar,
No pátio, fez surgir um poço,
Sobre o poço, uma tampa dourada,
Na tampa, uma concha de prata,
Para que os meninos bebessem a água,
Para que as moças lavassem as pálpebras.

166-169 Nas planícies, fez surgir pequenos lagos,
Cantou um pato sobre as águas,
De faces douradas e cabeça prateada,
Cantou pés de cobre brilhante;

170-173 E as moças da ilha se admiraram,
Ficaram encantadas com o saber de Ahti,
Com as canções de Lemminkäinen,
Com o poder mágico do herói.

174-179 Falou o cantor, Lemminkäinen,
Herói belo, Kaukomieli:
"Eu cantaria uma lenda maravilhosa,
Cantaria milagres de doce encanto,
Se estivesse sentado à mesa
Em algum salão ou aposento.

180-183 Se não canto no castelo,
Em algum lugar cercado por muros,
Então canto minhas canções aos zéfiros,
Lançando-as aos campos e às florestas."

184-191 Responderam então as donzelas da ilha:
"Nesta ilha há câmaras de castelo,
Salões para cantores de magia,
Pátios próprios para cantar lendas,
Onde teu canto será bem-vindo,
Onde tuas canções não serão espalhadas
Pelas florestas da ilha,
Nem tua sabedoria se perderá no éter."

192-197 Logo Lemminkainen foi
Com as donzelas ao castelo;
Ali cantou e conjurou jarros

Nas bordas das mesas,
Cantou e conjurou taças de ouro
Espumando com cerveja de cevada;

198-203 Cantou muitos vasos bem cheios,
Tigelas de abundante bebida de mel,
A manteiga mais doce, biscoitos saborosos,
Bacon, peixe, vitela e carne de caça,
Todas as iguarias da Terra do Norte,
Com que saciou sua fome.

204-208 Mas o orgulhoso Lemminkainen
Não estava pronto para o banquete,
Ainda não começou a festejar,
Esperava por uma faca de prata,
Por uma faca com cabo de ouro;

209-214 Logo cantou os metais preciosos,
Cantou uma lâmina de prata pura,
E um cabo de ouro para a lâmina,
Então começou a festejar,
Matou a sede e saciou a fome,
Enfeitiçou as donzelas da ilha.

215-218 Então o menestrel Lemminkainen
Percorreu as aldeias da ilha,
Para alegria de todas as virgens,
De todas as moças de tranças;

219-222 Para onde quer que dirigisse os passos,
Uma donzela aparecia para recebê-lo;
Quando ele oferecia a mão com gentileza,
Sua mão era recebida com gentileza;

223-232 Quando saía para passear à noite,
Mesmo nos lugares mais escuros,
As donzelas o recebiam com alegria;
Não havia aldeia na ilha
Onde não houvesse sete castelos,
Em cada castelo, sete filhas,
E as filhas ficavam à espera,
Dando alegres saudações ao herói,
Só havia uma entre todas as donzelas
Que ele não saudava com prazer.

233-238 Assim o alegre Lemminkainen
Passou três verões no oceano,
Passou um tempo feliz em seu refúgio,
Nas aldeias da ilha,
Para o prazer das donzelas,
Para a alegria de todas as filhas;

239-242 Só uma ficou esquecida,
Uma solteirona pobre e sem graça,
Na borda mais remota da ilha,
Na menor das aldeias.

243-248 Então pensou em sua viagem
Pelo oceano até sua mãe,
À cabana de seu pai.
A solteirona desprezada apareceu,
Ao filho da Terra do Norte que partia,
E disse estas palavras a Lemminkainen:

249-254 "Ó, belo Kaukomieli,
Bardo sábio e cantor de magia,
Já que desprezaste esta donzela,
Que os ventos destruam tua embarcação,
Que despedacem teu barco em incontáveis pedaços
Nas rochas e nos recifes do oceano!"

255-260 Os pensamentos de Lemminkainen estavam voltados para casa,
Ele não deu ouvidos aos murmúrios da donzela,
Nem se levantou antes do amanhecer
Da manhã na ilha,
Para alegria da donzela
Da aldeia tão desprezada.

261-264 Por fim, ao cair da noite,
Decidiu deixar a ilha,
Decidiu acordar cedo,
Muito antes do amanhecer;

265-269 Muito antes da hora marcada,
Levantou-se para percorrer
As aldeias da ilha,

Despedir-se de todas as donzelas,
Na manhã de sua partida.

Enquanto andava para cá e para lá,
Percorrendo os caminhos da aldeia
Até a última de todas as aldeias;
Não viu nenhum castelo
Sem que houvesse três moradias erguidas;

Não viu nenhuma das moradias
Sem que três heróis estivessem de vigia;
Não viu nenhum dos heróis
Que não estivesse afiando
Espadas, lanças e machados de guerra,
Para a morte de Lemminkainen.

E o herói pronunciou estas palavras:
"Ah, o Sol já se ergue
De seu leito no oceano,
Sobre o mais frágil dos heróis,
Sobre o filho mais triste da Terra do Norte;

O manto de Lempo em meu pescoço
Poderia me proteger de todo mal,
Ainda que cem inimigos me atacassem,
Ainda que mil arqueiros me perseguissem."

Então deixou as donzelas sem se despedir,
Deixou para trás seu desejo pelas filhas
Da inominada Ilha do Refúgio,

Sem dizer palavras de despedida,
Apressou-se rumo ao porto da ilha,
Rumo a seu barco mágico ancorado;

296-301 Mas o encontrou reduzido a cinzas,
Uma doce vingança havia incendiado sua embarcação,
Ateada pela solteirona desprezada.
Então viu o despontar do mal,
Viu a desgraça pairando sobre ele,
Viu a destruição ao seu redor.

302-310 Logo começou a reconstruir
Uma embarcação mágica para navegar,
Nova e maravilhosa, cheia de beleza;
Mas o herói precisava de madeira,
Tábuas, pranchas, vigas e escoras,
Encontrou o menor pedaço de madeira,
Encontrou apenas sete fragmentos de tábuas,
Encontrou três pedaços de um carretel,
Encontrou seis pedaços da roca;

311-314 Com esses fragmentos constrói sua embarcação,
Constrói um navio de poder mágico,
Constrói o barco com conhecimento secreto,
Pela vontade do mago;

315-318 Dá um golpe e constrói a primeira parte,
Dá um segundo e constrói o centro,
Dá um terceiro com poder maravilhoso,

E a embarcação fica pronta.

319-323 Então lança o navio à água,
Canta a embarcação para o oceano,
E o herói pronuncia estas palavras:
“Que estas águas flutuem como bolhas,
Que as ondas me levem como uma flor;

324-327 Emprestem-me suas penas mágicas,
Três, ó águia, quatro, ó corvo,
Para proteger minha embarcação,
Para que não afunde no oceano!”

328-337 Agora o marinheiro Lemminkainen
Senta-se no fundo
Da embarcação que construiu,
Apressa-se em sua viagem de volta para casa,
Cabeça baixa e mau humor,
Gorro torto na testa,
Desanimado, de coração pesado,
Por não poder morar para sempre
Nos castelos das filhas
Da inominada Ilha do Refúgio.

338-344 Disse o menestrel Lemminkainen,
O belo herói Kaukomieli:
“Preciso deixar esta ilha alegre,
Deixar suas muitas alegrias e prazeres,

Deixar suas moças de tranças,
Deixar suas danças e suas filhas,
Para que outros heróis desfrutem delas;

Mas levo este consolo comigo:
Todas as donzelas da ilha,
Menos a solteirona que desprezei,
Vão lamentar minha perda por muito tempo,
Vão se arrepender de minha partida apressada;

Vão sentir minha falta nas danças,
Nos salões de alegria e diversão,
Nas casas das donzelas alegres,
Na Ilha do Refúgio de meu pai."

As donzelas da ilha choraram,
Lamentando por muito tempo, chamando em voz alta
O herói que navegava de volta para casa:
"Para onde vais, Lemminkainen,
Por que partes, melhor dos heróis?
Partes por falta de atenção,
Há falta de donzelas aqui,
Nossas saudações não foram dignas?"

Cantou o mágico Lemminkäinen
Às donzelas enquanto navegava,
Respondendo assim ao chamado delas:
"Não parto por falta de prazer,

Nem por falta de mulheres.
Belas são as donzelas da ilha,
Incontáveis são suas virtudes, como as areias.

369-375 Este é o motivo da minha partida:
Tenho saudade da minha terra,
Saudade da cabana da minha mãe,
Dos morangos da Terra do Norte,
Das framboesas de Kaleva,
Das donzelas da minha infância,
Dos filhos da minha mãe."

376-381 Então o alegre Lemminkäinen
Despediu-se de toda a ilha;
Os ventos se ergueram e levaram seu barco
Pela superfície azul do oceano,
Sobre as águas que se estendiam ao longe,
Em direção à ilha de sua mãe.

382-386 Na praia se reuniram as filhas
Da mágica Ilha do Refúgio;
Nas rochas sentaram-se as abandonadas,
De pé, as donzelas da ilha choravam,
Filhas douradas, lamentando em voz alta.

387-391 As donzelas da ilha choram
Ao verem os mastros das velas,
Enquanto brilham as cintas de cobre;

Não chorem pela perda dos mastros,
Nem pela perda das cintas de cobre;

392-401 Choram pela partida de Ahti,
Pelo Kaukomieli que foge,
Guiando o barco que parte.
Também chora o jovem Lemminkäinen,
Chora muito, lamentando em voz alta,
Chora enquanto ainda vê a ilha,
Enquanto brilham os cumes da ilha;
Não lamenta as montanhas da ilha,
Chora apenas pelas donzelas,
Deixadas na Ilha do Refúgio.

402-407 Então Kaukomieli navegou
Pela superfície azul do oceano;
Navegou um dia, depois outro,
Mas, infelizmente, no terceiro dia,
Levantou-se um vento forte e tempestuoso,
E o céu escureceu de fúria.

408-412 Sopraram ventos negros do noroeste,
Do sudeste veio o redemoinho,
Arrancou a proa do navio,
Arrancou o leme da embarcação,
Despedaçou o casco de madeira.

413-416 Então o selvagem Lemminkäinen
Caiu de cabeça nas águas;
Com a cabeça, guiava o rumo,
Com as mãos e os pés, remava;

417-422 Nadou dias e noites sem parar,
Nadou com esperança e força juntas,
Até que por fim surgiu uma nuvenzinha,
Que cresceu a oeste,
Transformando-se num promontório,
Em terra no meio do oceano.

423-427 Ahti nadou depressa até a praia,
Apressou-se até um castelo mágico,
Encontrou ali uma anfitriã assando pão,
E suas filhas amassando cevada,
E o herói disse estas palavras:

428-438 "Ó anfitriã, tão bondosa,
Se soubesses das dores da minha fome,
Se adivinhasses meu nome e minha posição,
Te apressarias até o armazém,
Trarias cerveja e bebida espumante,
Trarias o melhor dos teus mantimentos,
Trarias peixe, vitela e toucinho,
Manteiga, pão e biscoitos com mel,
Prepararias para mim um jantar saudável,
Que pudesse aplacar minha fome
E matar a sede de Lemminkäinen.

439-442 Passei dias e noites nadando,
Lutando contra as ondas do oceano;
Parecia que o vento me protegia,
E que as ondas me davam abrigo."

443-451 Então a anfitriã, tão bondosa,
Apressou-se até o armazém da montanha,
Cortou manteiga, vitela e toucinho,
Pão, peixe e biscoitos com mel,
Trouxe o melhor dos seus mantimentos,
Trouxe hidromel e cerveja de cevada,
Preparou para ele um jantar saboroso,
Que pudesse aplacar sua fome
E matar a sede de Lemminkäinen.

452-459 Quando o herói terminou o banquete,
Logo a bondosa anfitriã
Deu uma embarcação mágica
Ao cansado Kaukomieli,
Um barco bonito, novo e resistente,
Para ajudar o estrangeiro
Em sua viagem de volta à terra natal,
À cabana de sua mãe.

460-464 O selvagem Lemminkäinen navegou depressa
Pela superfície azul do oceano;
Navegou dias e noites sem parar,
Até que por fim chegou às fronteiras
De sua própria terra amada;

465-471 Ali viu paisagens conhecidas,
Viu ilhas, cabos e rios,
Viu os antigos pontos de embarque,
Viu muitos marcos antigos,
Viu as montanhas com seus abetos,
Viu os pinheiros no alto dos morros,
Viu os salgueiros nas terras baixas;

472-477 Não viu a cabana de seu pai,
Nem as moradas de sua mãe.
Onde antes se erguia uma casa,
Cresciam agora amieiros,
Arbustos cresciam no antigo lar,
Zimbros ocupavam o pátio.

478-483 Disse o imprudente Lemminkäinen:
"Neste vale eu brincava e passeava,
Nestas pedras fui embalado por muito tempo,
Neste gramado eu rolava e caía,
Brincava na orla destas matas,
Quando era uma criança pequena.

484-487 Onde fica então a casa da minha mãe,
Onde estão os castelos do meu pai?
Temo que o fogo tenha atingido o vilarejo,
E que os ventos tenham espalhado as cinzas."

488-495 Então caiu num choro amargo,
Chorou um dia, depois outro,
Chorou sem parar no terceiro dia;
Não lamentava o antigo lar,
Nem as moradas de seu pai;
Chorava por sua querida mãe,
Chorava por quem se fora,
Pelos entes queridos da ilha.

496-502 Então viu a ave do céu,
Viu uma águia voando perto dele,
E fez esta pergunta à ave:
"Poderosa águia, majestosa ave,
Dá-me esta informação:
Por onde minha mãe pode ter andado,
Para que lado devo ir e encontrá-la?"

503-509 Mas a águia pouco sabia,
Só sabia que o povo de Ahti
Morrera junto havia muito tempo;
E o corvo também respondeu
Que seu povo tinha sido dispersado
Pelas espadas, lanças e flechas
De seus inimigos de Pohja.

510-517 Disse o herói Lemminkäinen:
"Fiel mãe, querida que partiste,
Tu que me criaste na infância,
Estás morta e reduzida a cinzas?

Pereceste por causa dos meus erros?
Sobre tua cabeça choram os salgueiros,
Zimbros crescem sobre teu corpo,
Amieiros velam teu sono?

518-525 Este é meu castigo pelo mal,
Esta é a recompensa da tolice!
Fui um tolo, um filho indigno,
Quando cruzei espadas na Terra do Norte
Com o senhor de Pohjola.
A destruição caiu sobre meu povo,
E minha querida mãe morreu,
Por causa dos meus crimes e más ações."

526-530 Então o menestrel olhou ao redor,
Ansioso, olhou em todas as direções,
E viu algumas pegadas delicadas,
Viu um caminho levemente pisado
Onde a urze tinha sido amassada.

531-534 Rápido como um pensamento, seguiu o caminho,
Pelos prados, pelos espinheiros,
Pelos morros e pelos vales,
Até uma floresta vasta e sombria;

535-538 Viajou longe e mais longe ainda,
Percorreu uma distância ainda maior,
Até um bosque denso e escondido,
No meio da ilha;

539-544 Encontrou ali um abrigo protegido,
Encontrou uma pequena morada escura
Construída entre os rochedos,
No meio de três pinheiros;
E lá dentro viu sua mãe,
Encontrou a mãe de cabelos grisalhos chorando.

545-556 Lemminkäinen se alegra em voz alta,
Grita em tons de alegre saudação,
Estas são as palavras de Ahti:
"Fiel mãe, muito amada,
Tu que me deste a vida,
Sou feliz por estares viva,
Por ainda não teres partido
Para o reino de Tuoni,
Para as ilhas dos bem-aventurados,
Eu pensava que tinhas morrido,
Que meus inimigos te haviam assassinado,
Que tinhas sido morta com arcos e flechas."

557-560 Meus olhos pesam de tanto chorar,
E minhas faces estão pálidas de tristeza,
Pois pensei que minha mãe fora morta
Por causa dos pecados que cometi!"

561-568 A mãe de Lemminkäinen respondeu:
"De fato, estiveste ausente por muito tempo,
Há muito, meu filho, estás vivendo
Na Ilha do Refúgio de teu pai,

Vagando pela ilha secreta,
Vivendo às portas de estranhos,
Vivendo num país sem nome,
Refúgio dos inimigos do Norte."

569-575 Disse o herói, Lemminkäinen:
"Que lugar encantador para viver,
Que bela ilha encantada,
A floresta tinha as cores do arco-íris,
Azuis eram os campos reluzentes,
Os galhos dos pinheiros eram prateados,
Douradas eram as flores da urze;

576-582 Todas as matas gotejavam mel,
Havia ovos em cada rocha e fenda,
O mel escorria das bétulas e dos sorveiros,
Leite corria em riachos dos abetos e álamos,
Espuma de cerveja pingava dos salgueiros,
Era encantador viver e permanecer ali,
E todas as comidas eram deliciosas.

583-586 Esta era a única fonte de preocupação:
Grande era o temor por todas as donzelas,
Todos os heróis estavam cheios de inveja,
Temiam a chegada do forasteiro;

587-590 Pensavam que todas as donzelas da ilha,
Pensavam que todas as esposas e filhas,
Todas as boas e todas as más,

Davam atenção demais a teu filho;

591-597 O forasteiro, Lemminkäinen, pensava
Que via as donzelas da ilha com frequência;
Mas eu evitava as virgens,
Evitava as boas e evitava as más,
Evitava a multidão de filhas encantadoras,
Como o lobo-negro evita o aprisco,
Como o falcão deixa os pintinhos em paz.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXX

✦

1-9 Lemminkäinen, menestrel imprudente,
Herói bonito, Kaukomieli,
Apressa-se quando rompe a aurora,
Ao nascer da manhã;,
Vai ao lugar onde repousam as embarcações,
Ao porto da ilha,
Encontra as embarcações chorando muito,
Ouve o lamento do cordame,
E os navios entoam este coro:

10-16 "Vamos ficar para sempre, desgraçados,
No porto desta ilha,
Aqui, secando e se desfazendo em pedaços?
Ahti não guerreia mais na Terra do Norte,
Não guerreia mais há sessenta verões,
Mesmo que tenha sede de prata,
Mesmo que deseje o ouro da batalha."

17-25 Lemminkäinen golpeou seus navios
Com as luvas adornadas de cobre,
E dirigiu-se a eles assim:
"Não lamentem mais, meus navios de abeto,
Seu cordame é forte e resistente,
Logo vocês poderão partir para a guerra,

Partir para os mares de batalha;
Guerreiros poderão encher suas cabines
Antes que amanheça.”

26-32 Então o imprudente Lemminkäinen
Apressou-se até sua mãe idosa,
E lhe disse estas palavras:
“Não chore mais, mãe fiel,
Não sofra por seu herói,
Se ele partir para os campos de batalha,
Para os campos inimigos de Pohya;

33-37 A doce vingança incendiou meu espírito,
E minha alma está decidida
A vingar o insulto vergonhoso
Que os guerreiros da Terra do Norte
Fizeram a você, mulher indefesa.”

38-43 Sua mãe tenta contê-lo,
E torna a alertar o filho do perigo:
“Não vá, meu filho amado,
À guerra em Sariola;
Ali as garras da Morte esperam por você,
A destruição terrível está à sua frente!”

44-48 Lemminkäinen, sem dar muita atenção,
Ainda decidido, responde assim:
“Onde posso encontrar um espadachim

Digno da minha raça de heróis,
Para me ajudar no combate?

49-54 Muitas vezes ouvi falar de Tiera,
Ouvi falar de Kura, das ilhas,
Vou levá-lo comigo para me ajudar,
Herói mágico da espada larga;
Ele me ajudará no combate,
E me protegerá da destruição."

55-58 Então foi caminhando até as ilhas,
A caminho do povoado de Tiera.
Estas são as palavras de Ahti
Ao se aproximar das antigas moradas:

59-63 "Meu querido amigo, nobre Tiera,
Meu amado irmão de armas,
Você se lembra de outras vezes,
Quando lutamos e sangramos juntos
Nos campos de batalha da Terra do Norte?

64-69 Não havia povoado insular
Que não tivesse sete mansões,
Em cada mansão, sete heróis,
E não houve um só desses inimigos
Que não abatemos com espadas largas,
Vítimas de nossa habilidade e coragem."

70-73 Perto da janela, o pai
Talhava um cabo de dardo;
Perto da soleira, a mãe
Tirava a nata e fazia manteiga;

74-77 Perto do portal, o irmão
Trabalhava num trenó de bétula;
Junto à passagem da ponte, as irmãs
Lavavam suas roupas variadas.

78-81 Falou o pai da janela,
A mãe falou da soleira,
O irmão falou do portal,
E as irmãs, da passagem da ponte:

82-85 "Tiera não tem tempo para lutar,
E sua espada larga não pode guerrear;
Tiera acabou de se casar,
Sua noiva ainda espera sem véu."

86-89 Perto do lar estava Tiera,
Kura estava deitado junto ao fogo.
Calçou depressa um dos pés,
Enquanto o outro esperava.

90-95 Tirou do gancho o cinturão,
Afivelou-o ao redor do corpo,
Pegou um dardo do lugar onde repousava,

Nem o maior, nem o menor,
Prendeu a poderosa bainha,
Vestiu a pesada cota de malha de cobre;

Em cada dardo empinava um corcel,
Lobos uivavam de seu elmo,
E ursos rosnavam nos anéis.
Tiera ergueu seu poderoso dardo,
E lançou a lança em sua missão;

Arremessou a haste através do pasto,
Até a borda da floresta,
Por cima dos campos de argila de Pohyola,
Por cima dos prados verdes e perfumados,
Através das colinas distantes da Terra do Norte.

Então o grande Tiera encostou seu dardo
Na poderosa lança de Ahti,
Prometeu ajudar Lemminkäinen,
Como companheiro de luta e amigo.

Então o selvagem Kaukomieli
Empurrou seu barco para as águas;
Como serpente pela urze,
Como o rastejar da víbora,
O barco navega para Pohya,
Pelos mares de Sariola.

116-120 Logo a perversa anfitriã, Louhi,
Envia a geada negra dos céus
Às águas de Pohyola,
Sobre as vastas planícies do mar,
E dá estas instruções à geada negra:

121-128 "Geada muito querida, meu filho e herói,
A quem sua mãe instruiu,
Vá depressa aonde eu mandar,
Vá aonde eu ordenar,
Congele a embarcação deste herói,
O barco mágico de Lemminkäinen,
No amplo dorso do oceano,
Nas águas que se estendem ao longe;

129-134 Congele o feiticeiro em seu barco,
Congele Ahti, o perverso, em gelo,
Para que nunca mais possa vagar,
Nem desperte enquanto você viver,
Ou pelo menos até que eu o liberte,
Que eu o desperte de seu sono gelado!"

135-139 A Geada, filha de pais perversos,
Filha heroica de maus modos,
Apressa-se para congelar o oceano,
Vai fechar as comportas da inundação,
Vai silenciar as correntes do oceano.

140-143 Ao seguir viagem,
Tira as folhas de toda a floresta,
Despe os prados de seu verde,
Rouba às flores suas cores.

144-151 Quando terminou sua jornada,
Chegou à orla do oceano,
À praia curva e sem fim.
Na primeira noite de sua visita,
Congela os lagos e os rios,
Congela também a beira do oceano,
Mas não congela as ondas do oceano,
Nem detém suas correntes.

152-155 No mar repousa um pintassilgo,
Ave canora sobre as águas,
Mas seus pés ainda não congelaram,
E sua cabeça não corre perigo.

156-160 Quando a Geada ficou pela segunda noite,
Começou a se achar importante,
Tornou-se uma intrusa feroz,
E ficou destemida em suas invasões,
Congelando tudo à sua frente;

161-168 Envia o frio mais feroz da Terra do Norte,
Transforma em gelo as águas sem fim.
Cada vez mais grosso, mais grosso, mais grosso,
O gelo cresceu no mar e no oceano,

Cada vez mais fundo, mais fundo, mais fundo,
A neve caiu sobre campos e florestas,
Congelou o belo navio do herói,
O barco frio e sem vida de Ahti;

169-172 Tentou congelar o selvagem Lemminkäinen,
Congelá-lo sem vida, como seu barco,
Pediu o sangue vital do menestrel,
Seus ouvidos, pés e dedos.

173-178 Então o herói Lemminkäinen
Ficou furioso e se encheu de magia,
Arremessou a geada negra ao deus do fogo,
Atirou-a na fornalha ardente,
Prendeu-a em sua forja de ferro,
E então dirigiu-se à geada assim:

179-183 "Geada, filha maligna da Terra do Norte,
Filha terrível e única do Inverno,
Não deixe meus membros enrijecerem,
Nem meus ouvidos, pés ou dedos,
Nem congele minha cabeça.

184-189 Você tem outras coisas de que se alimentar,
Muitas outras cabeças para enrijecer;
Deixe em paz a carne dos heróis,
Deixe este menestrel passar em segurança,
Congele pântanos, lagos e rios,
Brejos e florestas, colinas e vales;

190-196 Deixe as pedras frias ainda mais frias,
Congele os salgueiros na água,
Deixe os álamos congelarem e sofrerem,
Deixe a casca se soltar das bétulas,
Deixe os pinheiros estalarem nas montanhas,
Deixe este herói passar em segurança,
Não deixe seus cabelos enrijecerem.

197-202 "Se tudo isso não bastar,
Alimente-se de outras coisas dignas;
Faça as pedras quentes se partirem,
Congele as rochas em chamas,
Congele os blocos de ferro em brasa,
Transforme em gelo as montanhas de ferro;

203-208 Enrijeça bem o poderoso Wuoksi,
Faça Imatra congelar em silêncio;
Congele o riacho sagrado e o redemoinho,
Faça suas ondas ferventes enrijecerem,
Ou cantarei a sua origem,
E contarei sua linhagem maligna.

209-212 Conheço bem sua natureza maligna,
Conheço sua origem e seu poder,
De onde veio e para onde vai,
Conheço sua ancestralidade maligna.

213-218 Você nasceu no álamo,
Foi concebida entre os salgueiros,
Perto das fronteiras de Pohyola,
Nos pátios da sombria Terra do Norte;
Seu pai foi gerado no pecado,
E sua mãe era a Desonra.

219-222 "Quem o alimentou quando era pequeno,
Quando sua mãe não pôde amamentá-lo?
Certamente foi alimentado por víboras,
Criado por serpentes imundas e viscosas;

223-232 Os ventos do norte o embalaram para dormir,
Ninaram você no pior tempo,
Nos piores pântanos de salgueiros,
Nas nascentes que correm sem parar.
Nascido e criado no mal,
Você cresceu para ser um espírito maligno,
Malignos eram sua mente e seu espírito,
E a criança ainda não tinha nome,
Até lhe darem o nome de Geada,
À cria do mal.

233-245 "Quando rapaz, você viveu nas cercas-vivas,
Morou entre ervas daninhas e salgueiros,
Viveu nas nascentes nos dias de verão,
À beira dos pântanos,
No inverno, rasgou as tílias,
Irrompeu pelos vales e florestas,

Enfureceu-se entre as bétulas sagradas,
Sacudiu os galhos dos amieiros,
Congelou árvores, brotos e capins,
Nivelou todas as planícies e pradarias,
Comeu as folhas dos bosques,
Fez os caules deixarem cair suas flores,
Descascou a casca das ervas daninhas e dos salgueiros.

246-250 "Você cresceu demais,
Tornou-se alto e poderoso demais;
Está tentando me entorpecer?
Quer meus ouvidos e dedos?
Quer tirar os meus pés?

251-257 Não tente congelar este herói
Em sua angústia e desgraça;
Dentro das minhas meias acenderei
Um fogo para expulsá-la da minha presença,
Porei lenha em brasa nos meus sapatos,
Brasas em cada peça de roupa,
E pedras aquecidas no meu cordame;

258-267 Assim vou mantê-la afastada.
Depois banirei sua forma maligna
Para as fronteiras mais distantes da Terra do Norte;
Quando sua jornada terminar,
Quando chegar em segurança à sua casa,
Congele os caldeirões do castelo,
Congele o carvão sobre a lareira,

A massa e as mãos das mulheres,
O bebê no colo da mãe,
E o potro ao lado da mãe.

268-277 "Se você não obedecer a esta ordem,
Vou bani-la ainda mais longe,
Para as pilhas de carvão de Hisi,
Para a lareira da chaminé de Lempo,
Vou jogá-la na fornalha ardente dele,
Deitá-la na bigorna de ferro,
Para que seu corpo seja martelado
Com as marretas do ferreiro,
E reduzido a pedaços,
Entre a bigorna e o martelo.

278-281 "Se você não obedecer a esta ordem,
Se não me deixar em liberdade,
Saiba que conheço outro reino,
Conheço outro lugar de repouso;

282-287 Vou levá-la para o verão,
Conduzir sua língua a climas mais quentes,
Lá sofrerá como prisioneira,
E nunca alcançará a liberdade
Até eu libertar seu espírito,
Até que eu mesma vá libertá-la."

288-292 A perversa Geada, filha do Inverno,
Viu o pássaro mágico do mal
Pairando sobre seu espírito,
E logo suplicou a misericórdia de Ahti.
Estas foram as palavras do demônio da Geada:

293-297 "Vamos fazer um acordo,
Sem que um faça mal ao outro,
Nunca ao longo dos tempos,
Nunca enquanto o luar brilhar
Nas colinas nevadas da Terra do Norte.

298-302 Se ouvir que trago para você
Frio para congelar seus pés e dedos,
Atire-me na fornalha ardente,
Martele-me sobre a bigorna
Do ferreiro Ilmarinen;

303-306 Conduza minha língua a climas mais quentes,
Bana-me para terras de verão,
Lá sofrerei como prisioneira,
Sem jamais recuperar minha liberdade."

307-314 Então o selvagem Lemminkäinen
Deixou seu barco no oceano,
Preso no gelo da Terra do Norte,
Deixou para sempre seu barco de guerra,
E começou sua triste jornada

Até as fronteiras de Pohyola.
O poderoso Tiera o seguiu
Nas pegadas de seu companheiro.

315-320 Viajaram para o norte sobre o gelo,
Caminharam depressa pela planície gelada,
Caminharam um dia, depois um segundo,
Até o fim do terceiro dia,
Quando chegaram à Terra da Fome,
Quando apareceu a Ilha da Penúria.

321-327 Ali o resistente Lemminkäinen
Apressou-se até o castelo.
Esta foi a prece e a pergunta do herói:
"Há comida neste castelo,
Peixe ou ave nas despensas,
Para nos dar forças na viagem,
Heróis poderosos, com frio e cansados?

328-334 Quando o herói Lemminkäinen
Não encontrou comida no castelo,
Nem peixe, nem ave, nem toucinho,
Amaldiçoou o lugar e partiu:
"Que o fogo destrua estes aposentos,
Que as águas inundem esta morada,
E a levem aos mares de Mana!"

335-338 Então seguiram em frente, sem parar,
Apressaram-se por campos e florestas,
Por caminhos esquecidos e nunca trilhados,
Por trilhas desconhecidas e campos nevados;

339-346 Ali o resistente Lemminkäinen,
O imprudente herói Kaukomieli,
Arrancou a lã macia das saliências,
Recolheu líquens dos troncos das árvores,
Trançou-os em meias mágicas,
Trançou-os em sapatos e luvas,
Sobre os bancos cobertos de geada,
No frio cortante da Terra do Norte.

347-353 Então tentou encontrar um caminho
Que guiasse seus passos errantes,
E o herói falou assim:
"Ó Tiera, querido amigo,
Será que chegaremos ao nosso destino,
Vagando por tantos dias,
Por campos e florestas da Terra do Norte?"

354-362 Kura responde assim a Ahti:
"Infelizmente, viemos em busca de vingança,
Viemos por sangue e retaliação,
Aos campos de batalha da Terra do Norte,
À sombria Sariola,
Para deixar aqui nossas almas e corpos,

Para passar fome, congelar e perecer,
No mais desolado dos lugares,
Neste país esquecido pelo sol!

363-369 Nunca descobriremos,
Nunca aprenderemos nem contaremos
Qual caminho pode nos guiar
Aos leitos da floresta, onde sofreremos,
Às planícies de Pohya, onde pereceremos,
Na terra dos corvos,
Alimento próprio para gralhas e águias.

370-373 Muitas vezes os abutres da Terra do Norte
Vêm aqui alimentar seus filhotes;
As aves do céu trazem para cá
Pedaços da carne e do sangue dos heróis;

374-379 Muitas vezes os bicos dos corvos
Rasgam a carne de cadáveres aparentados,
Muitas vezes as garras da águia
Carregam ossos e entranhas palpitantes,
Como as nossas, para alimentar seus filhotes
Em seus lares e saliências rochosas.

380-388 "Ah, minha mãe só pode se perguntar,
Nunca descobrirá a resposta:
Por onde anda seu filho imprudente,
Onde corre o sangue de seu herói,
Se nos pântanos e baixadas,

Se no calor da batalha,
Ou sobre as ondas do oceano,
Ou nas montanhas dos campos de lúpulo,
Ou por algum caminho da floresta.

389-393 Sua mente não consegue descobrir nada
Sobre o mais frágil de seus heróis;
Só pensa que ele morreu.
Assim a mãe de cabelos brancos
Chora e murmura em seus aposentos:

394-397 'Onde está agora meu filho amado,
No reino de Manala?
Semee suas plantações, terrível Tuoni,
Gradeie bem os campos de Kalma!

398-402 Agora o arco descansa
Dos dedos do meu Tiera;
Arco e flecha agora são inúteis,
Agora as aves alegres podem engordar
Nos campos, brejos e florestas;

403-407 Os ursos podem viver livres em suas tocas,
E as manadas de alces brincar nos campos.'"
Falou o imprudente Lemminkäinen:
"É assim, minha mãe idosa,
Você que me deu a vida!

408-411 Você criou suas ninhadas de pintinhos,
Chocou e criou seus bandos de cisnes brancos,
Mas os ventos os espalharam todos,
Ou o perverso Lempo os assustou;

412-417 Um voou para cá, outro para lá,
E o terceiro se perdeu para sempre!
Lembre-se de nossos antigos prazeres,
De nossos dias melhores juntos,
Quando eu vagava como as flores,
Como a fruta silvestre nos prados.

418-422 Muitos admiravam minha figura majestosa,
Muitos me achavam bem-proporcionado.
Agora Ahti já não é como antes,
Caí em dias ruins,
Pois só vejo tempestades e escuridão!

423-427 Então meus olhos só viam o sol,
Então não chorávamos nem lamentávamos,
Nem enchíamos o coração de tristeza,
Quando as moças cantavam alegres,
Quando as virgens trançavam os cabelos;

428-431 Então as mulheres se alegravam,
Quer as noivas se casassem felizes,
Quer os noivos escolhessem com cuidado,
Fossem sábios ou não.

432-437 “Mas não podemos desanimar,
Que as moças da ilha nos alegrem;
Ainda não estamos enfeitiçados,
Nem encantados por cantos mágicos,
Nem abandonados nos caminhos para perecer,
Afundar e morrer durante a viagem.

438-441 Jovens como somos, não devemos sofrer,
Fortes, não devemos morrer sem honra,
Enfeitiçados pelos feiticeiros,
Encantados por canções mágicas;

442-447 Os feiticeiros podem encantar e vencer,
Sepultá-los em suas masmorras,
Escondê-los enfeitiçados em suas cabanas.
Que os feiticeiros encantem uns aos outros,
Enfeitiçem sua descendência mágica,
E levem suas tribos à destruição terrível.

448-452 Meu pai de cabelos grisalhos
Nunca se curvou a um feiticeiro,
Nem prestou culto a mágicos.
Estas foram as palavras de meu pai,
Estes são os pensamentos que o filho transmite:

453-465 ‘Guarda-nos, ó grande Criador,
Protege-nos, ó Deus misericordioso,
Ampara-nos com teus braços de graça,
Ajuda-nos com tua força e sabedoria,

Guia a mente de todos os teus heróis,
Mantém corretos os pensamentos das mulheres,
Impede os velhos de falar mal,
Guarda os jovens do pecado e da tolice,
Ajuda-nos para sempre,
Sê nosso Guardião e nosso Pai,
Para que nossos filhos não se desviem
Dos caminhos de seu Criador,
Do caminho que Deus lhes deu!'"

466-470 Então o herói Lemminkäinen
Fez dos cuidados os mais velozes corcéis,
Corcéis negros de suas tristezas,
Fez rédeas dos dias maus,
E selas de suas dores sagradas.

471-475 Saltando depressa para a sela,
Galopou para longe dos problemas,
Em direção à sua querida mãe idosa;
E seu fiel companheiro Tiera
Galopou até sua morada na ilha.

476-482 Agora parte o selvagem Lemminkäinen,
O corajoso e imprudente Kaukomieli,
Destas antigas canções e lendas;
Seu fiel Kura acompanha apenas

Até sua noiva que o espera e seus parentes,
Enquanto estes cantos e encantamentos
Serão dedicados a outros heróis.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXI

✦

1-4 Nos tempos antigos, uma mãe
Chocou e criou alguns cisnes e galinhas,
Pôs as galinhas no matagal,
Pôs os cisnes no rio;

5-9 Veio uma águia, um gavião e um falcão,
Espalharam todos os cisnes e as galinhas,
Um foi levado para Karyala,
O segundo, para Ehstland,
O terceiro ficou em casa, em Pohya.

10-13 E aquele levado para Ehstland
Logo se tornou um próspero comerciante;
O que viajou para Karyala
Prosperou e foi chamado Kalervo;

14-17 Aquele que se escondeu em Pohya
Adotou o nome de Untamoinen,
Prosperou, para tristeza do pai,
Para grande dor de sua mãe.

18-21 Untamo lança suas redes de pesca
Nas águas de Kalervo;
Kullerwoinen vê as redes,
Leva os peixes para casa em seu cesto.

22-27 Então Untamo, de mau gênio,
Ficou irado e ansiou por vingança,
Cerrou os punhos para o combate,
Preparou os braços poderosos para a luta,
Por causa do roubo de seu salmão,
Por causa do furto de suas redes.

28-31 Lutaram muito, feroz foi a disputa,
Nenhum dos dois conseguiu vencer;
Se um espancava o outro com violência,
Ele próprio também era espancado.

32-35 Então surgiu um segundo problema;
No segundo e no terceiro dia,
Kalerwoinen semeou cevada
Perto dos celeiros de Untamoinen;

36-39 As ovelhas de Untamoinen, famintas,
Comeram a plantação de Kullerwoinen;
O cão de Kullerwoinen, por maldade,
Despedaçou as ovelhas de Untamo;

40-45 Então Untamo ameaçou com severidade
Aniquilar o povo
De seu irmão, Kalerwoinen,
Exterminar sua tribo,
Destruir jovens e velhos,
Arrancar pela raiz sua linhagem e seu reino;

46-52 Convoca homens com espadas largas à cintura,
Para a guerra prepara heróis,
Prepara jovens munidos de lanças,
Com machados sobre os ombros;
Assim convoca um poderoso exército,
Apressa-se para iniciar a batalha,
Para levar a guerra até seu irmão.

53-56 A bela esposa de Kalerwoinen
Sentou-se junto à janela de seu quarto,
Olhou pela estrada
E disse, tentando adivinhar, espantada:

57-60 "Será que vejo uma fumaça subindo,
Ou talvez uma pesada nuvem de tempestade,
Perto da margem da floresta,
Perto do fim da pradaria?"

61-64 Não era fumaça subindo,
Nem, de fato, uma pesada nuvem de tempestade,
Eram os soldados de Untamoinen
Marchando para o campo de batalha.

65-73 Os guerreiros de Untamoinen
Vieram armados de lanças e flechas,
Mataram o povo de Kalervo,
Massacraram sua tribo e todos os seus parentes,
Reduziram muitas casas a cinzas,
Arrasaram muitos pátios e cabanas,

Só deixaram viva a filha de Kalervo,
Que trazia no ventre uma criança,
Sobreviventes do massacre de Untamo;

74-77 E ela conduziu o exército inimigo
Aos salões e à mansão de seu pai,
Varreu os cômodos e os deixou alegres,
Recebeu os heróis com hospitalidade.

78-83 Pouco tempo se passou
Até que nasceu um menino por magia,
Da virgem, Untamala,
De uma mãe aflita.
A mãe o chamou Kullervo,
"Pérola do Combate", disse Untamo.

84-87 Então deitaram a criança prodigiosa,
O bebê mágico sem pai,
No berço, sob os cuidados de todos,
Para ser balançado, alimentado e protegido;

88-91 Mas ele se balançava quando queria,
Até os cabelos ficarem em pé;
Balançou-se um dia, depois um segundo,
E no terceiro, da manhã até o meio-dia;

92-96 Mas antes que o terceiro dia terminasse,
O menino deu chutes com força mágica,
Para a frente, para trás, para cima, para baixo,

Chutou com prodigiosa força,
E rompeu as faixas que o envolviam;

97-105 Saindo de baixo dos cobertores,
Despedaçou o berço,
Rasgou todas as roupas,
Parecia que se tornaria um herói,
E sua mãe, Untamala,
Pensava que ele, quando crescesse,
Quando encontrasse sua força e sua razão,
Se tornaria um grande feiticeiro,
O primeiro entre mil heróis.

106-111 Quando o menino tinha três meses,
Começou a falar assim:
"Quando eu crescer,
Quando estes braços ficarem fortes e vigorosos,
Então vingarei o assassinato
De Kalervo e seu povo!"

112-115 Untamoinen ouviu essas palavras
E disse aos que estavam ao redor:
"Ele trará a destruição à minha tribo,
Um novo Kalervo cresce nele!"

116-119 Então os heróis pensaram bem,
E as mulheres deram seu conselho:
Como matar a criança mágica,
Para que sua tribo pudesse viver em segurança.

120-126 Parecia que o menino prosperaria;
Por fim, todos concordaram,
Puseram-no dentro de um cesto,
Amarrado firmemente com galhos de salgueiro,
Levaram-no até os juncos e as taboas,
Afundaram-no nas águas mais profundas,
Para que perecesse dentro do cesto.

127-130 Quando três noites se passaram,
Os mensageiros de Untamoinen
Foram ver se ele tinha morrido
No cesto, dentro das águas;

131-140 Mas o prodígio continuava vivo,
Não tinha perecido entre os juncos;
Saíra do cesto de salgueiro,
E sentava-se triunfante sobre uma onda,
Com uma vara de cobre na mão,
E um fio de pesca dourado na vara,
Pescando o peixe-branco prateado,
Medindo as profundezas sob si;
Havia pouca água no mar,
Mal dava para encher três medidas.

141-146 Untamoinen então refletiu,
E o feiticeiro falou assim:
“Para onde levaremos este prodígio,

Onde deixaremos esta criatura maligna,
Para que a destruição o alcance,
Onde o menino afunde e pereça?”

147-153 Então ordenou aos mensageiros
Que juntassem galhos secos do matagal,
Bétulas com seus cem ramos,
Pinheiros cheios de piche e resina,
Mandou que construíssem uma pira,
Para que o menino fosse queimado,
Para que Kullervo assim perecesse.

154-157 Empilharam bem alto os galhos secos,
Ramos secos da sagrada bétula,
Galhos de cem pinheiros,
Nós e ramos cheios de resina;

158-164 Encheram mil trenós de casca de árvore,
E cem medidas de carvalho curado;
Empilharam o matagal até as copas,
Puseram o menino no alto,
Atearam fogo à pilha de galhos,
Queimaram um dia, depois um segundo,
E no terceiro, da manhã até a noite.

165-175 Quando Untamo enviou seus arautos
Para inspecionar a pira e o feiticeiro,
E saber se o jovem Kullervo
Tinha virado pó e cinzas,

Lá viram o menino sentado
Sobre uma pirâmide de brasas,
Com uma vara de cobre na mão,
Revirando as brasas ao redor,
Para aumentar seu calor e sua força;
Nenhum fio de cabelo se queimara ou se ferira,
Nenhum cacho se chamuscara ou se encolhera.

176-181 Então Untamo, mal-humorado,
Disse assim a seus arautos de confiança:
"Para onde levaremos o menino,
Para que lugar esta criatura maligna,
Para que a destruição o alcance,
Para que o menino afunde e pereça?"

182-184 Então o penduraram num carvalho,
Crucificaram-no entre os galhos,
Para que o feiticeiro perecesse ali.

185-190 Quando três dias e noites se passaram,
Untamoinen disse assim:
"É hora de enviar meus arautos
Para inspecionar o poderoso carvalho,
E saber se o jovem Kullervo
Vive ou morre entre os galhos."

191-195 Então enviou seus servos,
E os arautos trouxeram esta notícia:
"O jovem Kullervo não pereceu,

Não morreu entre os galhos
Do carvalho onde o penduramos.”

196-199 No carvalho, ele faz desenhos
Com uma varinha entre os dedos;
Há desenhos pendurados em todos os galhos,
Entalhados e pintados por Kullervo;

200-203 E os heróis, numerosos como bolotas,
Armados de espadas e lanças,
Enchem os galhos do carvalho,
Cada folha se torna um soldado.”

204-211 Quem pode ajudar o grave Untamo
A matar o menino que ameaça trazer desgraça
À tribo e à terra de Untamo,
Já que não morre pela água,
Nem pelo fogo, nem pela crucificação?
Por fim, decidiram
Que seu corpo era imortal,
Que não podia sofrer morte nem tortura.

212-216 Desesperado, o grave Untamoinen
Assim se dirigiu ao menino Kullervo:
“Viverás uma vida digna,
Sempre tratarás meu povo com respeito,
Se eu te mantiver em minha casa?”

217-221 Se cumprires teu dever de servo,
Receberás teu pagamento,
Colhendo aquilo que semeares;
Poderás usar o cinto de ouro,
Ou suportar a língua da censura.”

222-226 Quando o menino cresceu um pouco,
E ganhou força e altura,
Deram-lhe uma tarefa:
Cuidar de um bebê,
Balançar o berço do bebê.

227-231 Estas foram as palavras de Untamoinen:
“Olhe sempre para a criança,
Alimente-a bem e proteja-a do perigo,
Lave suas roupas no rio,
Cuide bem do bebê.”

232-236 O jovem Kullervo, feiticeiro malvado,
Cuidou do bebê um dia, depois um segundo;
Na manhã do terceiro dia,
Maltratou cruelmente a criança,
Cegou seus olhos e quebrou seus dedos;

237-240 E quando as sombras da noite chegaram,
Matou a criança enquanto ela dormia,
Jogou seu corpo nas águas,
Quebrou e queimou o berço do bebê.

241-246 Untamoinen então refletiu:
"Esse cruel Kullervo nunca
Será uma babá digna para crianças,
Não consegue balançar um bebê em segurança;
Não sei como posso usá-lo,
Que trabalho posso lhe dar!"

247-254 Então disse ao jovem feiticeiro
Que devia derrubar a floresta em pé,
E Kullervo respondeu:
"Só serei um herói
Quando empunhar o machado mágico;
Sou jovem, belo e poderoso,
Muito mais belo que os outros,
Tenho a habilidade de seis feiticeiros."

255-261 Então procurou o ferreiro,
E Kullervo lhe deu esta ordem:
"Escute, ó artista dos metais,
Forje para mim um machado de cobre,
Forje o poderoso machado dos heróis,
Com o qual eu possa derrubar a floresta,
Derrubar a bétula, o carvalho e o álamo."

262-267 O ferreiro atende ao pedido,
Forja para ele um machado de cobre,
E faz uma lâmina maravilhosa.

Kullerwoinen afia o machado,
Afia a lâmina da manhã até a noite,
E no dia seguinte faz o cabo;

268-271 Então corre para a floresta,
Para a montanha de encosta íngreme,
Para a mais alta das bétulas,
Para o mais poderoso dos carvalhos;

272-276 Ali balança o machado de cobre,
Balança a lâmina com força mágica,
Corta o álamo com o fio afiado,
Com um golpe derruba o carvalho,
Com um segundo golpe, a tília;

277-281 Muitas árvores caíram depressa,
Pelo machado de Kullervo.
Então o feiticeiro disse:
"Este é o trabalho de Lempo,
Que o terrível Hisi derrube a floresta!"

282-287 Enterrou o machado na bétula,
Fez um alvoroço na floresta,
Gritou em tom de trovão,
Assobiou para as montanhas distantes,
Até que elas ecoassem seu chamado,
Então Kullervo disse:

288-295 “Que a floresta, em todo o círculo
Onde minha voz ressoa, caia e pereça,
E desapareça da terra para sempre!
Que nenhuma árvore fique de pé,
Que nenhuma muda cresça na primavera,
Nunca, enquanto o luar brilhar,
Onde ecoou a voz de Kullervo,
Onde a floresta ouve meu chamado;

296-299 Onde o chão é semeado,
E o grão há de brotar e prosperar,
Que nunca chegue a amadurecer,
Que as espigas de milho murchem!”

300-303 Quando o forte Untamoinen
Foi olhar no começo da noite
Como Kullervo estava avançando
Em seu trabalho na floresta;

304-311 Pouco trabalho havia sido feito,
Nada digno de um herói;
Untamoinen então refletiu:
“O jovem Kullervo não serve
Para o trabalho de limpar florestas,
Desperdiça a melhor madeira,
Traz destruição às minhas terras;
Vou pô-lo para fazer cercas.”

312-317 Então o jovem começou a construir
Uma cerca para Untamoinen;
Pegou os troncos de altos pinheiros,
Aparou-os com a lâmina para fazer estacas,
Cortou os mais altos da floresta
Para formar as cercas;

318-322 Fez as varas menores e as travessas
Com as tílias mais compridas;
Fez a cerca sem nenhuma passagem,
Não deixou portão em suas cercas,
E Kullervo pronunciou estas palavras:

323-326 "Quem não se ergue como as águias,
Nem navega com asas pelo éter,
Não pode atravessar as estacas de Kullervo,
Nem as cercas que ele construiu."

327-331 Untamoinen saiu de sua mansão
Para inspecionar o trabalho do jovem,
Ver as cercas de Kullervo;
Viu que a cerca não tinha passagem,
Nem portão algum;

332-339 A cerca se estendia da terra
Até as nuvens mais altas do céu.
Estas foram as palavras de Untamoinen:
"Ele não serve para esse trabalho,
A cerca que construiu não tem utilidade;

É tão alta que ninguém pode passar por cima,
E não há passagem por ela:
Ele vai debulhar o centeio e a cevada."

340-344 O jovem Kullervo, rápido em se preparar,
Fez um mangual de carvalho para debulhar,
Reduziu o centeio a pó finíssimo,
Reduziu a cevada a pedacinhos,
E a palha a fragmentos sem valor.

345-350 Untamoinen foi ao entardecer,
Foi ver a debulha de Kullervo,
Inspecionar o trabalho de Kullerwoinen;
Encontrou o centeio moído até virar pó,
Os grãos de cevada reduzidos a pedacinhos,
E a palha transformada em lixo sem valor.

351-354 Untamoinen então ficou furioso,
E disse com amargura:
"Kullerwoinen é um trabalhador
Deplorável;

355-360 Tudo em que põe as mãos
É arruinado por sua feitiçaria;
Vou levá-lo para Ehstland,
Vendê-lo em Karyala
Ao ferreiro Ilmarinen,
Onde baterá com o pesado martelo."

361-365 Untamoinen vende Kullervo,
Troca-o por dinheiro na distante Karyala,
Ao ferreiro Ilmarinen,
Mestre dos metais.
Este foi o pagamento recebido:

366-371 Sete foices gastas e sem valor,
Três caldeirões velhos e inúteis,
Três velhas gadanhas, enxadas e machados,
Recompensa, de fato, suficiente
Para um menino que não trabalha
Para o bem de seu patrão.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXII

✦

1-13 Kullerwoinen, servo feiticeiro
Do ferreiro Ilmarinen,
Escravo comprado de Untamoinen,
Filho mágico de meias azul-celeste,
Com a cabeça de cachos dourados,
Calçado com sapatos de pele de marta,
Sem esperar muito, perguntou ao ferreiro,
Perguntou ao anfitrião por trabalho de manhã,
À noite, perguntou à anfitriã,
Estas foram as palavras de Kullerwoinen:
"Dá-me trabalho logo cedo,
E ocupação à noite,
Um serviço digno do teu criado."

14-18 Então a esposa de Ilmarinen,
Aquela que foi a Donzela do Arco-Íris,
Pensou muito e muito ponderou
Como dar trabalho ao jovem,
Como fazer o escravo comprado trabalhar;

19-32 Por fim, fez dele um pastor,
Fez dele o guardador de seus pastos;
Mas a anfitriã, cheia de desprezo,
Assou um biscoito para o pastor,
Assou um pão de espessura espantosa,

Com metade de baixo de aveia
E metade de cima de cevada,
Assou uma pedra de pederneira no meio,
Derramou manteiga líquida ao redor,
Então deu o pão ao pastor,
Comida para saciar a fome do pastor;
Assim deu instruções ao jovem:
"Não comas o pão quando estiveres com fome,
Até o rebanho estar na floresta!"

33-45 Então a esposa de Ilmarinen
Mandou seu gado para o pasto,
E disse a Kullerwoinen:
"Leva as vacas àqueles abrigos,
Às bétulas e aos álamos,
Para que ali pastem e engordem,
Encham-se de leite e manteiga,
Nos pastos abertos da floresta,
Nas colinas e montanhas distantes,
Nos vales entre as bétulas,
Nas baixadas entre os álamos,
Nos dourados pinheirais,
Nos bosques carregados de prata.

46-51 "Guarda-as, ó bondoso Criador,
Protege-as, onipresente Ukko,
Abriga-as de todo perigo,

E protege-as de todo mal,
Para que não passem necessidade nem se desviem
Dos caminhos de paz e fartura.

52-58 "Como as proteges em casa,
Nos abrigos e nos cercados,
Guarda-as agora sob o céu,
Abriga-as nos pastos da floresta,
Para que os rebanhos vivam e prosperem,
Para alegria da anfitriã de Northland,
E contra a vontade de Lempo.

59-66 "Se meu pastor não for digno,
Se as pastoras parecerem más,
Que os pastos sejam seus pastores,
Que os amieiros guardem o gado,
Que a bétula o proteja,
Que o salgueiro o conduza para casa,
Antes que a anfitriã vá procurá-lo,
Antes que as leiteiras esperem e se preocupem.

67-73 "Se a bétula não o proteger,
Nem o álamo lhe der ajuda,
Nem a tília o guardar,
Nem o salgueiro o conduzir para casa,
Tu lhe darás pastores melhores,
Que as belas filhas da Criação
Sejam suas bondosas pastoras.

74-77 “Tens muitas donzelas encantadoras,
Muitas centenas que te obedecem,
Nos vastos círculos do Éter,
Belas filhas da Criação.

78-90 “Filha do Verão, donzela mágica,
Mãe do Sul das florestas,
Filha do pinheiro, Kateyatar,
Pihlayatar, do álamo,
Donzela do amieiro, filha de Tapio,
Filha do vale, Millikki,
E donzela da montanha, Tellervo,
Protejam meus rebanhos,
Guardem-nos dos mal-intencionados,
Mantenham-nos seguros nos dias de verão,
Na época das flores perfumadas,
Enquanto as folhas tenras sussurram,
Enquanto a Terra se cobre de verde.

91-98 “Filha do Verão, encantadora donzela,
Mãe do Sul das florestas,
Estende ao redor tuas vestes protetoras,
Estende teu avental sobre a floresta,
Que ele cubra todo o meu gado,
E proteja os desprotegidos,
Para que nenhum vento mau os fira,
Nem sofram com as nuvens de tempestade.

99-109 “Guarda meus rebanhos de todo perigo,
Livra-os das garras dos animais selvagens,
Dos pântanos com caminhos traiçoeiros,
Das fontes que borbulham perigos,
Das águas que correm velozes,
Do fundo do redemoinho,
Para que não encontrem infortúnio,
Nem se percam para a destruição,
Afundem e pereçam nos brejos,
Mesmo contra os melhores desígnios de Deus,
Mesmo contra a vontade de Ukko.

110-119 “Traz de longe uma corneta,
Traz do céu um chifre de pastor,
Traz a flauta de mel de Ukko,
Toca a música da Criação,
Sopra as flautas do feiticeiro,
Faz florescer as terras altas,
Encanta colinas, vales e montanhas,
Encanta as bordas da floresta,
Enche de mel as árvores da floresta,
Enche de especiarias as margens das fontes.

120-129 “Dá alimento e abrigo aos meus rebanhos,
Alimenta-os nos pastos de mel,
Dá-lhes de beber nas fontes de mel,
Alimenta-os com tuas gramíneas douradas,
Com as folhas dos arbustos prateados,

Nas fontes da vida e da beleza,
Nas águas cristalinas que correm,
Nas cascatas de Rutya,
Nas terras altas verdes e douradas,
Nos vales enriquecidos de prata.

130-137 "Cava também fontes douradas
Nos quatro lados do salgueiro,
Para que as vacas bebam com prazer,
E seus úberes se encham de mel,
E o leite corra em pequenos riachos;
Que o leite seja recolhido em vasilhas,
Que o presente da vaca não se perca,
Nem seja dado a Manala.

138-141 "Muitos são os filhos do mal
Que levam suas ordenhas a Mana,
Dão seu leite aos malfeitores,
E o desperdiçam no reino de Tuoni;

142-146 "Poucos são, e dignos, aqueles
Que conseguem leite de Mana;
Minha velha mãe nunca
Pediu conselho na aldeia,
Nem sabedoria nos tribunais;

147-151 "Ela obteve seu leite de Mana,
Tomou o leite azedo dos vendedores,
E o leite doce de mais longe,

Do reino de Manala,
Dos campos e pastos de Tuoni;

152-155 "Trouxe-o no crepúsculo da tarde,
Por atalhos na escuridão,
Para que os perversos não soubessem,
E ele não se perdesse.

156-159 "Estas eram as palavras de minha mãe,
E também repito estas palavras:
'Para onde vai o presente da vaca,
Para onde foi o leite?

160-166 Foi alimentar os estrangeiros,
Foi mandado para uma aldeia distante,
Foi alimentar o amante da aldeia,
Ou talvez foi alimentar a floresta,
Desapareceu no meio do mato,
Espalhou-se por colinas e montanhas,
Misturou-se com lagos e rios?

167-175 Nunca irá para Mana,
Nunca alimentará o estrangeiro,
Nunca o amante da aldeia;
Também não alimentará a floresta,
Nem se perderá nas montanhas,
Nem se espalhará pelos bosques,

Nem se misturará com as águas;
É necessário para nossa mesa,
Alimento digno de todos os nossos filhos.’

176-191 “Filha do Verão, bela donzela,
Filha do Sul da Criação,
Dá forragem tenra a Suotikki,
Dá água pura a Watikki,
Leite abundante a Hermikki,
Provisões frescas a Tuorikki,
Faz o leite fluir de Mairikki,
Leite fresco e abundante de minhas vacas,
Vindo das pontas das gramíneas,
Das ervas tenras e das folhinhas,
Dos prados ricos em mel,
Da mãe da floresta,
Dos prados que gotejam docemente,
Dos ramos carregados de frutas,
Da charneca das donzelas das flores,
Dos abrigos verdejantes das donzelas,

192-196 “Das nuvens que dão leite,
Da virgem dos céus,
Para que o leite corra em abundância
Das vacas que entreguei
Aos cuidados de Kullervo.

197-205 “Ergue-te, virgem do vale,
Surge bela das fontes,
Ergue-te, donzela da fonte,
Bela, surge no éter,
Toma as águas das nuvens,
E asperge meus rebanhos errantes,
Para que minhas vacas bebam e prosperem,
E estejam prontas para a chegada
Da pastora da tarde.

206-212 “Ó Millikki, anfitriã da floresta,
Mãe dos rebanhos no pasto,
Envia a mais alta de tuas servas,
Envia a melhor de tuas ajudantes,
Para que meus rebanhos sejam bem guardados,
Durante os agradáveis dias de verão,
Que nosso Criador nos deu.

213-220 “Bela virgem das florestas,
Filha mais encantadora de Tapio,
Bela Tellervo, donzela da floresta,
Vestida com roupas de seda,
Bela, com cachos dourados,
Dá proteção aos meus rebanhos,
Nos domínios de Metsola,
Nas colinas de Tapiola;

221-225 “Protege-os com tuas belas mãos,
Afaga-os suavemente com teus dedos,
Dá-lhes um brilho dourado,
Faz com que reluzam como barbatanas de salmão,
E cresçam com mantos macios como arminho.

226-233 “Quando a estrela da tarde trouxer a escuridão,
Quando chegar a hora do crepúsculo,
Manda minhas vacas mugidoras para casa,
Com leite correndo em suas vasilhas,
E água formando lagoas em seus lombos.
Quando o Sol se puser no oceano,
Quando o pássaro da noite cantar,
Diz assim aos meus rebanhos:

234-239 “Vocês, que levam chifres, apressem-se agora
Para os estábulos de Ilmarinen;
Vocês, cheias de leite, voltem para casa,
Para a anfitriã que espera,
Casa, o melhor lugar para dormir,
Pois os leitos da floresta são perigosos;

240-244 “Quando a noite chegar escura,
Vão direto para as leiteiras,
Que acendem fogueiras para iluminar o caminho
Pelo chão coberto de mel,
Nos pastos carregados de frutas!

245-255 “Tu, ó Nyrikki, filho de Tapio,
Filho da floresta, vestido de púrpura,
Corta os abetos das montanhas,
Corta os pinheiros de belas pinhas,
Coloca-os sobre os riachos como pontes,
Cobre bem os brejos de areia movediça,
Nos pântanos e nas baixadas,
Para que meu rebanho passe em segurança,
Em sua longa e triste jornada,
E se apresse rumo às nuvens de fumaça,
Onde as leiteiras esperam por sua chegada.

256-265 “Se as vacas não obedecerem a esta ordem,
E não se apressarem para casa à noite,
Então, ó donzela da sorveira,
Corta um galho de bétula do bosque do vale,
E um chicote de zimbro,
Perto da espaçosa mansão de Tapio,
Que fica no monte dos freixos,
E toca adiante minhas vacas teimosas e mugidoras,
Para os amplos currais de leite de Metsola,
Quando surgir a estrela da tarde.

266-271 “Tu, ó Otso, fruto da floresta,
Urso do bosque, de dedos melados,
Vamos fazer um acordo duradouro,

Fazer um pacto para os tempos futuros,
Para que não mates meu gado,
Nem comas as que me dão leite;

272-275 "E eu não mandarei meus caçadores
Para te destruir e aos teus,
Nunca nos dias de verão,
Na estação mais quente do Criador.

276-286 "Ouves o som dos sinos das vacas,
Ouves o chamado das cornetas?
Esconde-te no prado,
Deita-te na grama e dorme,
Enterra as duas orelhas no trevo,
Agacha-te num matagal de amieiros,
Sobe entre as saliências cobertas de musgo,
Visita alguma caverna rochosa,
Foge para outras montanhas,
Até não ouvires os sinos das vacas,
Nem o chamado dos pastores.

287-293 "Escuta, Otso das florestas,
Urso sagrado, de dedos melados,
Não te é proibido aproximar-te
Do rebanho de vacas,
Mas tua língua, teus dentes e teus dedos
Não devem tocar meu rebanho no verão,
Nem fazer mal às minhas criaturas inofensivas.

294-298 “Percorre os prados perfumados,
Passeia pelos pastos leitosos,
Longe dos sinos e dos pastores.
Se o rebanho estiver na montanha,
Vai depressa para os pântanos;

299-304 “Se minhas vacas pastarem nas baixadas,
Dorme então no matagal;
Se pastarem nas terras altas,
Apressa-te para o vale;
Se o rebanho pastar nas terras baixas,
Vai comer no cume.

305-311 “Vagueia como o cuco dourado,
Como a pomba de brilho prateado,
Como um peixinho no oceano;
Esconde as garras sob tuas patas peludas,
Fecha teus dentes perversos na escuridão,
Para que meu rebanho não se assuste,
Nem pense estar em perigo.

312-316 “Deixa minhas vacas em paz e fartura,
Que voltem para casa em ordem,
Pelos vales e atalhos das montanhas,
Pelas planícies e pela floresta,
Sem fazer mal às minhas criaturas inofensivas.

317-320 “Lembra-te dos nossos antigos pactos,
Junto ao rio de Tuoni,
Perto da cascata e do redemoinho,
Aos ouvidos do nosso Criador.

321-324 “Foi permitido a Otso três vezes,
Durante a passagem do verão,
Aproximar-se da terra dos sinos das vacas,
Onde ecoam as vozes dos pastores;

325-328 “Mas não te foi permitido,
Otso nunca teve licença
Para tentar uma ação perversa,
Nem começar uma obra maligna.

329-336 “Se a cegueira da maldade
Te alcançar em tuas andanças,
Se teus dentes ensanguentados sentirem fome,
Leva tua maldade para as montanhas,
E tua fome para os pinheiros,
Enterra os dentes nos álamos,
Nos galhos mortos das bétulas,
Poda os talos secos dos salgueiros.

337-343 “Se a fome ainda te impelir,
Vai até o monte das frutas,
Come os fungos da floresta,
Mata a fome nos formigueiros,

Come as raízes vermelhas da árvore dos ursos,
Os ricos bolos de mel de Metsola,
E não a grama de que meu rebanho se alimentaria.

344-351 "Ou, se o rico mel de Metsola
Fermentar antes de ser comido,
Nas colinas de cor dourada,
Nas montanhas cheias de prata,
Haverá outro alimento para a fome,
Outra bebida para o sedento Otso,
O alimento será inesgotável,
E nunca faltará bebida.

352-357 "Vamos agora nos entender em boa-fé,
E concluir um pacto duradouro,
Para que nossas vidas terminem em alegria,
E o verão seja alegre,
Que ambos desfrutemos juntos da floresta,
Embora nosso alimento tenha de ser diferente.

358-362 "Se ainda quiseres lutar comigo,
Que nossas disputas sejam no inverno,
Que nossas guerras sejam nos campos nevados.
Os pântanos derretem nos dias de verão,
E as águas dos rios ficam mornas.

363-366 "Por conseguinte, se quebrares este pacto,
Se vieres onde o gado dourado
Vagueia pelas colinas e vales da floresta,

Vamos matar-te com nossas bestas;

367-374 "Se nossos arqueiros estiverem ausentes,
Temos aqui algumas mulheres arqueiras,
E entre elas está a anfitriã,
Que sabe usar a arma fatal,
E pode levar-te à destruição.
Assim acabarão os dias de aflição
Que trazes ao nosso povo,
E contra a vontade de Ukko.

375-381 "Ukko, governante dos céus,
Ouve meu pedido,
Transforma todo o meu gado,
Pelo poderoso poder da magia,
Converte-o em tocos e pedras,
Se o inimigo vaguear
Perto do meu rebanho nos dias de verão.

382-388 "Se eu tivesse nascido Otso,
Nunca andaria com passos largos e vagarosos
Aos pés de mulheres idosas;
Há outras colinas e vales,
Mais adiante há pastos de mel,
Onde o urso preguiçoso pode vaguear,
Onde o indolente pode ficar;

389-392 “Esgueira-te para aquela montanha,
Para que tua carne tenra emagpeça,
Nos recessos profundos do vale azul,
Nas tocas de urso da floresta.

393-400 “Podes andar por campos de bolotas,
Pela areia e pelos seixos do oceano,
Ali há um caminho aberto para ti,
Pelas florestas da costa marítima,
Até os confins mais distantes de Northland,
Até as tristes planícies da Lapônia,
Ali será bom para ti andar pesadamente,
Ali será um prazer viver.

401-404 “Ali andarás descalço no verão,
Sem meias nos dias de outono,
Sobre o dorso azul da montanha,
Pelos pântanos e baixadas férteis.

405-408 “Se não puderes viajar até lá,
Nem encontrares a estrada da Lapônia,
Segue um pouco mais adiante,
Pela trilha dos ursos que leva para o norte.

409-416 “Para o bosque de Tuonela,
Para as planícies de mel de Kalma,
Há pântanos por onde vaguear,
Charnecas onde passear à vontade,
Há Kiryos, há Karyos,

E incontáveis animais,
Com grilhões fortes como ferro,
Engordando dentro da floresta.

417-421 "Sede bondosos, bosques e montanhas,
Cheios de bondade, sombrios matagais,
Dai paz e fartura ao meu gado,
Durante os agradáveis dias de verão,
Na estação mais quente do Criador.

422-430 "Knippana, ó rei das florestas,
Tu, ancião de barbas grisalhas dos bosques,
Vigia teus cães nos brejos e nos campos,
Põe uma esponja numa narina
E uma bolota na outra,
Para que não farejem meu gado;
Amarra os olhos deles com fitas de seda,
Para que não vejam meus rebanhos,
Nem vejam meu gado pastando.

431-442 "Se tudo isso não bastar,
Afasta teus filhos que latem,
Deixa-os correr para outras florestas,
Deixa-os caçar em outros pântanos,
Longe dessas faixas verdes de prado,
Longe dessas fronteiras que se estendem ao longe.
Esconde teus cães nas cavernas,
Amarra firmemente teus filhos ganidores,
Prende-os com tuas correntes douradas,

Com tuas correntes adornadas de prata,
Para que não me causem dano,
Nem façam nenhuma maldade.

443-449 "Se tudo isso não bastar,
Tu, ó Ukko, rei dos céus,
Sábio guia, cheio de misericórdia,
Ouve as palavras douradas que digo,
Ouve uma voz que fala com afeto,
Faz uma mordaça de amieiro
Para cada cão do canil;

450-453 "Se o amieiro for fraco demais,
Coloca uma tira de cobre puro;
Se o cobre não der certo,
Forja uma tira de ferro maleável;

454-458 "Se o ferro se partir,
Prende uma argolinha em cada focinho,
Feita de ouro e prata fundidos,
Acorrenta teus cães em cavernas na floresta,
Para que meu rebanho não seja ferido."

459-464 Então a esposa de Ilmarinen,
Companheira de vida do ferreiro,
Abriu todos os currais e estábulos,

Conduziu seu rebanho pelo prado,
E o entregou aos cuidados do pastor,
Aos cuidados de Kullerwoinen.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXIII

✦

1-6 Então o rapaz, Kullervo,
Pôs seu almoço no cesto,
Levou o rebanho às pastagens da montanha,
Por sobre as colinas e pelos pântanos,
Até os pastos nos bosques,
Falando enquanto andava sem cuidado:

7-12 Sou o mais pobre dos rapazes,
Rapaz sem sorte e cheio de aflição,
Que destino cruel me aconteceu!
Ai de mim! Tenho de vagar à toa
Por sobre as colinas e pelos vales,
Como cão de guarda do gado!"

13-22 Então ela se sentou na relva,
Num lugar escolhido ao sol,
Cantando e entoando estas palavras:
"Brilha, brilha, Sol do céu,
Lança teus raios, fogo de Ukko,
Sobre o pastor do ferreiro,
Sobre a cabeça de Kullerwoinen,
Sobre este pastor pobre e sem sorte,
Não na forja de Ilmarinen,
Nem nas moradas de seu povo;

23-26 Boa é a mesa da dona da casa,
Ela corta o melhor pão de trigo,
Fatia bolos de mel,
Espalhando manteiga dourada em cada um;

27-33 O pastor só tem pão seco,
Come com dificuldade as cascas de pão de aveia,
Seu biscoito seco está cheio de palha,
Alimenta-se do pior pão de palha,
Come pão de casca de pinheiro,
Sorve água da casca de bétula,
Bebe das pontas das ervas!

34-42 Vai, ó Sol, e vai, cevada,
Apressa-te, luz de Ukko,
Esconde-te entre os pinheiros da montanha,
Vai, ó trigo, para aqueles matagais,
Para as árvores de frutos roxos,
Para os zimbros e os amieiros,
Leva o pastor em segurança para casa,
Até o pão com manteiga dourada,
Até os bolos de mel e as iguarias!”

43-48 Enquanto o rapaz pastor cantava
A canção de Kullerwoinen e seu eco,
A mulher de Ilmarinen se banqueteava
Com o pão mais gostoso do Norte,
Com os saborosos bolos de cevada,
Com as provisões mais fartas;

49-53 Só deixou de lado um pouco de repolho,
Para o pastor Kullerwoinen;
Separou alguns restos estragados,
Sobras dos cães na hora da refeição,
Para o pastor, ao voltar para casa.

54-59 Um pássaro veio voando da mata,
E cantou esta canção para Kullerwoinen:
"Chegou a hora da refeição na floresta,
Para o companheiro sem pai
Do rebanho comer suas iguarias,
Comer as coisas boas de seu cesto!"

60-65 Kullerwoinen ouviu o pássaro cantor,
Olhou a longa sombra do Sol,
E logo disse estas palavras:
"É verdade o que canta o pássaro,
De fato chegou a hora de comer,
A hora de almoçar o que está no meu cesto."

66-76 Então o jovem Kullerwoinen
Chamou seu rebanho para descansar em segurança,
Sentou-se num montículo coberto de grama,
Tirou o cesto dos ombros,
Tirou de dentro o pão seco de aveia,
Virou-o entre os dedos,
Examinou o pão com cuidado,
E disse estas palavras de antiga sabedoria:

"Muitos pães são bonitos de se ver,
Por fora parecem deliciosos,
Por dentro, palha e casca de pinheiro!"

77-82 Então o pastor, Kullerwoinen,
Puxou a faca para cortar seu pão de aveia,
Cortou o biscoito duro e seco;
A lâmina bateu numa pedra escondida,
Bem enterrada no meio,
E quebrou sua antiga faca em pedaços;

83-88 Quando o jovem pastor Kullervo
Viu que sua faca mágica se quebrara,
Chorando muito, disse:
"Esta é a lâmina que considero sagrada,
A única coisa que honro,
Relíquia do povo de minha mãe!

89-94 Na pedra dentro deste pão de aveia,
Neste bolo enganoso da dona da casa,
Quebrei minha preciosa faca.
Como vou retribuir essa ofensa,
Como vou me vingar da maldade dessa mulher,
Qual será o preço do engano?"

95-99 Do alto de uma árvore, o corvo respondeu:
"Ó pequeno broche de prata,
Filho único do velho Kalervo,

Por que estás de tão mau humor,
Por que estás tão triste?

100-103 Tira um galho novo do matagal,
Tira uma vara de bétula do vale,
Leva teu rebanho pelas terras baixas,
Pelas areias movediças dos pântanos;

104-109 Deixa metade seguir para os lobos,
Leva a outra metade às tocas dos ursos;
Reúne os lobos da floresta com teu canto,
Chama os ursos para descerem das montanhas,
Chama os lobos de teus filhinhos,
E os ursos de teus porta-estandartes;

110-114 Leva-os para casa como um vaqueiro,
Leva-os para casa como gado malhado,
Leva-os aos currais de tua dona;
Assim retribuirás à dona da casa
Sua maldade e zombaria.”

115-121 Então o feiticeiro respondeu,
Com estas palavras de Kullerwoinen:
“Espera, espera, noiva de Hisi!
Será que lamento a relíquia de minha mãe,
O objeto de estima que quebraste?
Tu mesma vais lamentar com tanta dor
Quando tuas vacas voltarem ao entardecer!”

122-127 Ele corta da árvore uma vara de bétula,
Do zimbro, um chicote,
Leva o rebanho pelas terras baixas,
Pelas areias movediças dos pântanos,
Deixa metade seguir para os lobos,
Leva a outra metade às tocas dos ursos;

128-131 Chama os lobos de seus filhinhos,
Chama os ursos de seus porta-estandartes,
Transforma todo o rebanho
Em lobos e ursos por magia.

132-138 No oeste, o Sol brilha,
Anunciando a chegada da noite.
O feiticeiro Kullerwoinen se apressa,
Vagueia pela montanha de pinheiros,
Corre pela floresta em direção a casa,
Conduz os lobos e ursos à sua frente
Até os currais da dona da casa;

139-144 Ele fala assim ao rebanho,
Enquanto seguem juntos:
"Rasguem e matem a dona perversa,
Despedacem sua carne culpada,
Quando ela vier ver o gado,
Quando se curvar para ordenhá-lo!"

145-152 Então o feiticeiro Kullerwoinen
Faz uma buzina de osso de boi,
Faz uma de chifre da vaca de Tuonikki,
Faz uma flauta do osso da canela de Kiryo,
Toca uma canção na buzina,
Toca sua flauta mágica,
Três vezes no alto das colinas de sua terra,
Seis vezes perto dos portões de entrada.

153-160 A mulher de Ilmarinen, a dona da casa,
Esperava havia muito a volta
Do rebanho com Kullerwoinen,
Esperava o leite da tarde,
Esperava a manteiga recém-feita,
Ouviu passos no caminho das vacas,
Na charneca ouviu o alvoroço,
E disse estas alegres palavras de boas-vindas:

161-166 "Sejas louvado, bondoso Ukko,
Meu rebanho está voltando para casa!
Mas ouço uma buzina tocar,
É meu pastor tocando,
Tocando uma buzina mágica de vaca,
Enchendo nossos ouvidos de música!"

167-170 Kullerwoinen, aproximando-se,
Disse à dona da casa:
"Encontrei a buzina nos bosques,
E a flauta entre os juncos;

171-174 Todo o teu rebanho está na passagem,
Todas as tuas vacas estão nos currais,
Esta é a hora de acender a fogueira,
Esta é a hora de ordenhar!”

175-180 A mulher de Ilmarinen, a dona da casa,
Disse a uma velha serva:
“Vai ordenhar, velha,
Cuida de todo o meu gado,
Não peças minha ajuda,
Pois tenho de amassar o pão.”

181-185 Kullerwoinen disse:
“A dona da casa, sendo digna,
A mãe sábia sempre
Vai ela mesma ordenhar,
E cuida das vacas nos currais!”

186-190 Então a mulher de Ilmarinen
Acendeu uma fogueira no caminho,
Foi ordenhar as vacas que a esperavam,
Olhou admirada para o rebanho,
E disse estas alegres palavras de saudação:

191-194 “Que belo rebanho de gado,
Brilhando como pele de lince,
Com pelos macios como os de arminho,
Esperando em paz o balde de leite!”

195-205 A dona se senta no banco de ordenha,
Ordenha por um instante, depois mais um,
Depois ordenha uma terceira vez e para;
Então os lobos disfarçados de vacas ensanguentadas
Atacam depressa a dona que ordenha,
E os ursos também os ajudam,
Rasgam e mutilam seu corpo
Com os dentes e as garras afiadas.
Kullerwoinen, cruel feiticeiro,
Assim retribuiu à dona perversa,
Assim retribuiu o mau tratamento que recebeu.

206-211 A mulher de Ilmarinen
Gritou depressa, em amarga aflição,
E disse ao jovem Kullervo:
"Filho perverso, pastor sanguinário,
Trouxeste lobos por maldade,
Levaste ursos para dentro dos meus currais!"

212-219 Estas foram as palavras de Kullerwoinen:
"Fiz mal como pastor?
Pior foi o comportamento da dona da casa;
Ela assou uma pedra dentro do meu pão de aveia,
Por dentro, pedra e casca de pinheiro,
E minha faca se quebrou na pedra,
Tesouro da casa de minha mãe,
Orgulho quebrado do meu povo!"

220-225 A mulher de Ilmarinen respondeu:
"Nobre pastor, Kullerwoinen,
Muda de opinião, eu te peço,
Desfaz teus encantamentos,
Liberta-me dos ursos e dos lobos,
Salva-me deste tormento;

226-230 Vou te dar roupas melhores,
Vou te dar o melhor leite e manteiga,
Vou pôr à tua frente a mesa mais farta;
Viverás comigo em boa acolhida,
Sem precisar trabalhar para te sustentar.

231-234 Se não me libertares depressa,
Se não quebrares este feitiço,
Afundarei na terra da Morte,
Voltarei a Tuonela."

235-241 Esta foi a resposta de Kullerwoinen:
"É melhor que pereças,
Que a destruição te alcance,
Há muito espaço em Mana,
Há lugar para todos os mortos em Kalma,
Lá os mais dignos devem dormir,
Lá devem repousar os bons e os maus."

242-247 A mulher de Ilmarinen respondeu:
"Ukko, Deus do céu,
Arma teu arco mais forte,

Põe tua sabedoria à prova,
Coloca uma flecha forjada em cobre
No arco que fizeste;

248-253 Mira bem tua flecha flamejante,
Lança o projétil com tua magia,
Atravessa o feiticeiro nas entranhas,
Perfura o coração de Kullerwoinen
Com o relâmpago dos céus,
Com tuas flechas de ponta de cobre."

254-262 Kullerwoinen ora assim:
"Ukko, Deus da verdade e da justiça,
Não mates teu servo mágico,
Mata a mulher de Ilmarinen,
Mata nela a pior das mulheres,
Deixa-a perecer nestes currais,
Para que não escape daqui livre,
E vá fazer outra maldade,
Praticar um ato ainda mais cruel!"

263-266 A dona caiu, rápida como um raio,
A mulher de Ilmarinen
Caiu e morreu nos currais,
No chão diante de sua cabana;

267-271 Assim morreu a dona do Norte,
A amada mulher de Ilmarinen,
Que antes fora a Donzela do Arco-Íris,

Cortejada e esperada por muitos verões,
Orgulho e alegria de Kalevala!

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXIV

✦

1-9 Kullerwoinen, jovem feiticeiro,
Com seus belos cachos dourados,
Calçando seus sapatos mágicos de pele de veado,
Deixou a casa de Ilmarinen
E partiu em sua jornada,
Antes que o ferreiro soubesse da notícia
Da morte cruel e da tortura
De sua esposa e companheira querida,
Para que não se seguisse uma luta sangrenta.

10-19 Kullerwoinen deixou a forja,
Soprando seu corno mágico,
Partiu alegre das terras de Ilma,
Soprando contente sobre a charneca,
Fez ecoar as colinas distantes,
Fez tremer os pântanos e as montanhas,
Fez as flores da charneca responderem
À música de seu chifre de vaca,
Em seus ecos selvagens,
À magia de seu toque.

20-26 Canções se ouviram dentro da forja,
E o ferreiro parou para escutar,
Correu até a porta e a janela,
Correu até o pátio aberto,

Para ver se por acaso descobria
O que tocava na charneca,
O que ressoava pela floresta.

27-32 Logo soube da cruel história,
Soube o motivo daquela alegria,
Viu diante de si a dona da casa morta,
Soube que sua bela esposa havia perecido,
Viu o corpo sem vida estendido
No pátio de sua morada.

33-38 Então o artista dos metais
Caiu em lágrimas amargas e lamentos,
Chorou por toda a noite sombria,
Grande era a dor que se abateu sobre ele,
Negro como a noite era seu futuro sombrio,
Não conseguia conter as lágrimas de tristeza.

39-42 Kullerwoinen seguiu apressado,
Vagando, errando, para lá e para cá,
Caminhou por campos e florestas,
Pelas planícies e matas de Hisi.

43-47 Quando a escuridão caiu sobre ele,
Quando o pássaro da noite voava,
O órfão sentou-se ao anoitecer,
O abandonado sentou-se e descansou
Num outeiro da floresta.

48-52 Assim murmurou, com o coração pesado:
"Por que fui eu, ai de mim, criado?
Por que fui gerado tão infeliz,
Se há meses e anos vagueio,
Perdido pelos espaços celestes?

53-58 Os outros têm casas onde morar,
Os outros correm para seus lares
Quando a noite cai ao redor deles:
Mas minha casa é a floresta,
Minha cama fica sobre a charneca,
E meu banheiro é a nuvem de chuva.

59-64 "Deus misericordioso, nunca tu,
Em todos os tempos,
Deste vida a uma criança sem razão;
Então por que fui criado,
Para vagar órfão pelos céus,
Sem mãe e sozinho a perambular?

65-72 Tu, Ukko, és meu pai,
Tu me deste forma e feições;
Como a gaivota sobre o oceano,
Como o pato sobre as águas,
O Sol brilha sobre a andorinha,
Brilha com igual fulgor sobre o pardal,
Dá canto e alegria aos pássaros felizes,
Mas não brilha para mim, infeliz;

73-77 Nunca mais brilhará a luz do Sol,
Nunca cintilará o luar
Para este filho e órfão desventurado;
Não conheço meu heroico pai,
Não sei quem foi minha mãe;

78-81 Talvez, na praia, o pato-cinzento
Me tenha deixado na areia para morrer.
Eu era jovem e de pequena estatura
Quando minha mãe me deixou órfão;

82-89 Mortos, meu pai e minha mãe,
Morto, meu honrado povo de heróis;
Deixaram-me sapatos gelados,
Meias cheias de geadas antigas,
Deixaram-me cair nas planícies geladas,
Para morrer entre os juncos;
Das alturas vertiginosas das montanhas,
Deixaram-me despencar para a destruição.

90-96 "Ó sábio e bom Criador,
Por que meu nascimento, e qual meu serviço?
Nunca cairei nem perecerei
Nas planícies geladas, nos pântanos,
Nunca serei uma ponte em terras alagadas,
Enquanto eu tiver braços valorosos
Que possam servir meus honrados parentes!"

97-101 Então Kullervo decidiu partir
Para a aldeia de Untamo,
Para vingar o assassinato de seu pai,
Para vingar as torturas de sua mãe
E os sofrimentos de seu povo.

102-107 Estas foram as palavras de Kullerwoinen:
"Espera, sim, espera, Untamoinen,
Destruidor do meu povo;
Quando eu te encontrar em combate,
Matarei a ti e aos teus,
E reduzirei tuas casas a cinzas!"

108-112 Uma mulher vinha pela estrada,
A velha mãe, vestida de azul,
E falou assim a Kullervo:
"Para onde vais, Kullerwoinen?
Para onde corre o herói errante?"

113-119 Kullerwoinen respondeu:
"Pensei em partir
Para uma terra distante de estrangeiros,
Para a aldeia de Untamo,
Para vingar o assassinato de meu pai,
Para vingar as torturas de minha mãe
E os sofrimentos de meu povo."

120-125 Assim respondeu a mulher de cabelos grisalhos:
"Com certeza estás enganado,
Pois teu povo nunca pereceu,
E tua mãe ainda está viva,
Com teu pai, na terra do Norte,
Vivendo com o velho Kalervo."

126-129 "Ó querida e antiga senhora,
Mãe venerável das florestas,
Dize-me onde vive meu pai,
Onde minha querida mãe permanece!"

130-133 "Teu velho pai vive ali adiante,
E tua querida mãe com ele,
Na costa mais distante da terra do Norte,
No longo cabo do lago dos peixes!"

134-136 "Dize-me, mãe da floresta,
Como chegar até meu povo,
Como encontrar meus honrados parentes."

137-142 "O caminho é fácil para os viajantes:
Deves seguir pela floresta,
Apressar-te até a margem do rio,
Viajar um dia, depois um segundo,
E, no terceiro, da manhã até a noite,
Deves seguir para o noroeste.

143-147 Se uma montanha vier ao teu encontro,
Dá a volta na montanha que se aproxima,
Segue para oeste em tua jornada cansativa,
Até chegares a um rio
Que corre para leste à tua direita;

148-155 Segue pela margem do rio,
Onde três cachoeiras te darão as boas-vindas;
Quando chegares a um cabo,
Na ponta verás uma cabana
Onde se reúnem os pescadores;
Nessa cabana está teu pai,
Com tua mãe e as filhas dela,
Tuas belas irmãs donzelas."

156-159 Kullerwoinen, o feiticeiro,
Segue apressado para o norte,
Caminha um dia, depois um segundo,
E no terceiro, da manhã até a noite;

160-164 Kullervo caminha para o noroeste,
Até que uma montanha vem ao seu encontro,
Dá a volta na montanha que se aproxima;
Segue para oeste, sempre para oeste,
Até ver um rio surgir;

165-170 Apressa-se até a margem do rio,
Caminha junto às águas e corredeiras
Até que três cachoeiras se apresentam;

Segue até encontrar um cabo,
Na ponta avista uma cabana,
Onde se reúnem os pescadores.

171-174 Logo segue até a cabana,
Logo atravessa as portas
Da casa no cabo,
Onde encontra seus parentes há muito perdidos;

175-178 Ninguém reconhece o jovem Kullervo,
Ninguém sabe de onde vem o estrangeiro,
Onde é sua casa, nem para onde vai.
Estas são as palavras do jovem Kullervo:

179-184 "Não me reconheces, minha mãe?
Não me reconheces, meu pai?
Sou o infeliz Kullerwoinen,
Que os heróis de Untamo
Levaram para sua terra distante
Quando eu tinha apenas um palmo de altura."

185-190 Logo a mãe esperançosa responde:
"Ó meu digno filho, meu querido,
Ó minha preciosa fivela de prata,
Será que, com tua mente mágica,
Vagueaste pelos campos do Norte
À procura de tua casa e de teus parentes?

191-196 Há muito te choro como morto,
Pensava que estivesses em Manala.
Eu tinha dois filhos e heróis,
E duas filhas boas e belas,
Dois deles estão ausentes há muito,
O filho mais velho e a filha mais velha;

197-200 Meu filho partiu para as guerras,
E minha filha se perdeu ao vagar;
Se meu filho está voltando para casa,
Minha filha continua ausente."

201-204 Kullerwoinen perguntou à mãe:
"Para onde minha irmã foi?
Em que direção ela seguiu?"
Esta foi a resposta da mãe:

205-211 "Esta é a história de tua irmã:
Foi colher frutas na floresta,
Minha filha foi para as montanhas,
Onde a bela donzela desapareceu,
Onde minha linda flor morreu,
Morreu de uma morte que desconheço,
Sem nome foi a morte que sofreu.

212-215 Quem chora pela filha?
Ninguém chora por ela como sua mãe,
Que anda e vagueia, chora e procura
Sua filha, seu mais belo tesouro;

216-227 Por isso a mãe vagou,
À procura de tua bela irmã,
Percorreu a floresta como um urso,
Correu pelos vales como uma víbora,
Procurou um dia, depois um segundo,
Procurou no terceiro, da manhã até a noite,
Até alcançar o cume da montanha.
Ali chamou e chamou a filha,
Até que as montanhas distantes responderam.
Chamou por aquela que partira:
'Onde estás, minha bela donzela?
Vem, minha filha, para junto de tua mãe!'

228-232 "Assim chamei e procurei tua irmã.
Esta foi a resposta das montanhas,
Assim ecoaram as colinas e os vales:
'Não chame mais, mãe chorosa,
Não chore mais por quem partiu;

233-237 Nunca mais, em toda a tua vida,
Nunca, em todos os tempos,
Ela se reunirá outra vez com seus parentes,
Nos lugares onde seu irmão desembarca,
Na humilde morada de seu pai.'"

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXV

✦

1-6 Kullervo, jovem feiticeiro,
De meias azuis e escarlates,
Daquele dia em diante ficou com os pais;
Mas não conseguia mudar sua natureza,
Nem adquirir maior sabedoria,
Nem alcançar melhor juízo;

7-10 Quando criança, foi malcriado,
Desde cedo embalado em berços tolos,
Por uma ama cheia de tolices,
Por um tutor perverso.

11-14 Kullervo foi para o trabalho,
Esforçou-se para trabalhar bem;
Primeiro, Kullervo foi pescar,
Lançou as redes de pesca no mar;

15-19 Com as mãos nos remos,
Kullervo disse:
"Devo remar com toda a força,
Com a força dos jovens heróis,
Ou com a fraqueza dos velhos?"

20-25 Da popa ergueu-se um velho,
E assim respondeu a Kullervo:
"Rema com todo o vigor da juventude;

Mesmo que remes com força mágica,
Não conseguirás destruir este barco,
Nem reduzi-lo a pedaços.”

26-31 Então o jovem Kullervo
Remou com todo o vigor da juventude,
Com a poderosa força da magia,
Arrancou as amarras do barco,
Quebrou as costelas de zimbro,
Despedaçou os remos de álamo.

32-35 Quando o velho pai, Kalervo,
Viu o trabalho de Kullervo,
Dirigiu estas palavras ao filho:
“Não sabes remar;

36-40 Arrebentaste as amarras,
De zimbro e de salgueiro,
Despedaçaste meu barco de álamo;
Leva os salmões até as redes,
Talvez isso te sirva melhor.”

41-44 Então o filho, Kullervo,
Pôs-se logo a trabalhar, como lhe mandaram,
Levou os salmões até as redes,
E perguntou inocentemente:

45-48 “Devo, com todo o vigor da juventude,
Assustar os salmões para as redes,
Ou, com pouca força mágica,

Levá-los para a captura?”

49-52 Disse o dono das redes:
“Isso seria trabalho de mulher,
Se usasses tão pouca força
Para assustar os salmões!”

53-59 Kullervo fez o que lhe mandaram,
Assustou os salmões com a força
De seus braços e ombros poderosos,
Com o vigor da juventude e da magia,
Revolveu a água, escura de terra,
Despedaçou a rede de espantar peixes,
E reduziu os salmões a polpa.

60-66 Quando o velho pai, Kalervo,
Viu o trabalho de Kullervo,
Disse estas palavras ao filho:
“Não sabes fazer esse trabalho,
Não tens jeito para isso,
Não consegues levar as percas e os salmões
Até as redes de teu pai;

67-71 Arruinaste todas as minhas redes,
Rasgaste em pedaços a rede de espantar peixes,
Reduziste a polpa os peixes brancos,
Quebraste os suportes das redes,
Despedaçaste minhas estacas.

72-76 Deixa a pesca para outro;
Vê se consegues pagar os tributos,
Pagar minha contribuição anual;
Vê se consegues viajar melhor,
E mostrar mais juízo pelo caminho!”

77-82 Então o filho, Kullervo,
Jovem desditoso, vestido de roxo,
Com botas mágicas de pele de cervo,
E cabelos dourados,
Partiu para pagar os impostos,
Pagar o tributo de seu povo.

83-88 Depois de pagar o tributo,
De pagar a contribuição anual,
Voltou para junto do trenó,
Tomou seu lugar no banco transversal,
Estalou o chicote acima do cavalo,
E partiu de volta para casa;

89-92 Seguiu sacolejando pela estrada,
E, enquanto avançava a galope,
Percorreu as colinas e os vales de Väinämöinen,
E seus campos cultivados.

93-96 Uma donzela dourada veio ao seu encontro,
Uma jovem veio com seus esquis,
Pelas colinas de Väinämöinen,
Pelas terras baixas cultivadas.

97-104 Depressa, Kullervo, filho feiticeiro,
Deteve seu cavalo,
E disse à encantadora donzela:
"Vem, doce donzela, para o meu trenó,
Descansa e fica um pouco em minhas peles!"
Enquanto corria, a donzela respondeu:
"Que a donzela da Morte se sente ao teu lado,
Descanse e fique um pouco em tuas peles!"

105-108 Então o jovem Kullervo
Estalou o chicote acima do cavalo;
Veloz como o vento, galopou para casa,
Disparando pela estrada;

109-112 Com o estrondo das águas que caem,
Seguiu a galope, sempre adiante,
Sobre as costas largas do oceano,
Sobre as planícies geladas da Lapônia.

113-118 Uma donzela encantadora veio ao seu encontro,
De cabelos dourados e usando esquis,
Nas vastas planícies de gelo;
Depressa o feiticeiro deteve seu cavalo,
Dirigiu-se à donzela com palavras gentis,
E cantou cuidadosamente estes versos:

119-124 "Vem, beleza, para o meu trenó,
Vem para cá, descansa e fica um pouco!"
A donzela respondeu com deboche:

"Leva Tuoni no teu trenó,
E deixa Manalainen
Sentar ao teu lado, descansar e ficar um pouco!"

125-129 Depressa, o feiticeiro Kullervo
Golpeou seu cavalo fogoso e saltitante
Com o chicote de bétula de seu pai.
Veloz como um raio, o cavalo disparou,
E galopou pela estrada rumo a casa;

130-135 O trenó saltou sobre as colinas,
E as montanhas tremeram com sua chegada.
Kullervo, feiticeiro selvagem,
Percorre, em sua viagem de volta,
As fronteiras distantes do Norte,
E as férteis planícies de Pohya.

136-139 Uma bela donzela veio ao seu encontro,
Com um broche de estanho no peito,
Nos campos de urze de Pohyola,
Pelas colinas e charnecas de Pohya.

140-144 Depressa, Kullervo, filho feiticeiro,
Segurou as rédeas de seu cavalo,
E cantou estas palavras com encanto:
"Vem, bela donzela, para o meu trenó,
Descansa e fica um pouco nestas peles;

145-148 Come comigo as maçãs douradas,
Come com prazer a avelã,
Bebe comigo esta cerveja deliciosa,
Come as iguarias que te ofereço."

149-154 Assim respondeu a donzela
Com o broche de estanho no peito:
"Não quero subir no teu trenó,
Desprezo a ti, feiticeiro perverso;
É frio sob tuas peles,
E teu trenó é gelado e triste.

155-159 Então o jovem Kullervo,
Feiticeiro perverso do Norte,
Puxou a donzela para o trenó,
Levou-a para o banco ao seu lado,
E depressa a envolveu em suas peles;

160-168 E a donzela adornada de estanho respondeu,
Com estas palavras:
"Solta-me de teu poder mágico,
Deixa-me ir embora agora,
Antes que eu diga palavras perversas,
Antes que faça uma oração maligna;
Solta-me já, como te ordeno,
Ou despedaçarei teu trenó,
E lançarei tuas peles aos ventos do Norte."

169-177 Logo o perverso Kullervo,
Feiticeiro e mago maligno,
Abriu todos os seus baús de tesouro,
Mostrou à donzela ouro e prata,
Mostrou-lhe belos mantos de seda,
Meias de seda com bordas douradas,
Cintos de ouro com fivelas de prata,
Joias que ofuscavam os olhos,
E entorpeciam a consciência da donzela.

178-185 A prata leva à perdição,
O ouro desvia do caminho reto.
Kullervo, feiticeiro perverso,
Enfeitiçou a donzela com palavras amorosas,
Com uma mão nas rédeas de couro,
E a outra no ombro da donzela;
Assim viajaram noite adentro,
E passaram a noite em folguedos.

186-189 Quando a estrela da manhã anunciou o dia,
Quando raiava o segundo dia,
A donzela falou com Kullervo,
E perguntou ao feiticeiro perverso:

190-193 "De que tribo és descendente,
De que raça é teu pai herói?
Conta tua linhagem e teus parentes."
Esta foi a resposta sincera de Kullervo:

194-199 “Não venho de uma nação poderosa,
Nem da maior, nem da menor,
Mas minha linhagem é honrada:
Sou o tolo filho de Kalervo,
Uma criança cheia de contradições,
Filho desditoso do frio infortúnio.

200-205 Conta-me de tua raça de heróis,
De tua origem e teus parentes.”
Esta foi a resposta da donzela:
“Não venho de uma raça antiga,
Nem da maior, nem da menor,
Mas minha linhagem é honrada;

206-209 Sou a filha desditosa de Kalervo,
Sua filha perdida, vítima do erro,
Uma donzela cheia de contradições,
Filha desditosa do infortúnio.

210-215 “Quando criança, vivia com fartura
Na casa de minha mãe;
Ia aos bosques colher frutas,
Subia às colinas para buscar framboesas,
Colhia morangos nas montanhas,
Colhi-os num dia e depois no outro;

216-219 Mas, ai de mim! No terceiro dia,
Não consegui encontrar o caminho de casa,
As estradas me levaram para a floresta,

E todas as trilhas, para os bosques.

220-226 Fiquei muito tempo sentada, chorando amargamente,
Chorei um dia e depois outro,
E no terceiro chorei da manhã até a noite.
Então subi a uma montanha alta,
E de lá chamei aos prantos,
E os bosques me responderam,
Assim ecoaram as colinas distantes:

227-230 'Não chames mais, donzela tola,
Teus chamados e lágrimas são inúteis;
Ninguém vai te responder,
Tua casa e teu povo estão longe.'

231-235 "No terceiro e no quarto dia,
No quinto, no sexto e no sétimo,
Procurei o tempo todo acabar com a vida;
Mas todos os meus esforços foram em vão,
Não consegui morrer nas montanhas.

236-240 Se esta pobre donzela tivesse morrido,
No verão do terceiro ano,
Teria alimentado a vegetação da terra,
E florescido como uma flor,
Sem conhecer dor nem tristeza."

241-245 Mal a donzela terminou de falar,
Saltou do trenó,
Correu para o rio impetuoso,

Para a queda estrondosa das águas,
Para a correnteza e o redemoinho.

246-250 Assim a bela irmã de Kullervo
Correu para a própria destruição,
Para a morte pelo fogo e pela água,
Encontrou a paz em Tuonela,
Na corrente sagrada de Mana.

251-254 Então o perverso Kullervo
Desatou a chorar, profundamente abalado,
Gemeu e chorou, com o coração pesado,
E disse estas palavras de amarga tristeza:

255-258 "Ai de mim, que vida tão dura!
Matei minha irmã donzela,
Envergonhei a filha de minha mãe;
Ai de ti, meu velho pai!

259-265 Ai de ti, minha mãe de cabelos grisalhos!
Por que nasci e fui criado?
Por que existe esta criança desditosa?
Melhor teria sido para Kullervo
Nunca ter visto a luz do dia,
Ou, se tivesse nascido, nunca ter crescido
Nestes dias tristes e perversos!

266-269 A Morte falhou em seu dever,
A doença errou ao passar por mim;
Deveria ter me matado no berço,

Quando terminou o sétimo dia!”

Então soltou as rédeas
De seu cavalo real e saltitante,
Montou no veloz cavalo de cabeça prateada,
E galopou para casa como um raio;

Galopou por apenas um instante,
Então deteve o cavalo espumante
Diante da casa de seu pai.
A mãe estava no pátio,
E o filho perverso lhe disse:

“Mãe fiel, amorosa e carinhosa,
Se tivesses me matado quando bebê,
Sufocado minha vida no quarto,
E me envolvido numa mortalha
Para me lançar na queda d’água e no redemoinho,
Se tivesses posto meu berço no fogo,
Depois de passadas sete noites,
Teu serviço teria sido digno.

Se as moças da aldeia tivessem te perguntado:
‘Onde está agora o bercinho?
Por que o quarto de banho está vazio?’
Esta teria sido uma resposta digna:

‘Queimei o berço do feiticeiro,
Lancei o bebê às grelhas do fogo;
No quarto de banho, o milho está brotando,

E da cevada se faz cerveja.’”

295-298 Então a velha mãe
Fez estas perguntas ao filho feiticeiro:
“O que aconteceu com meu herói?
Que novo destino te atingiu?

299-303 Vens de Tuoni,
Dos castelos de Manala?”
Esta foi a confissão franca de Kullervo:
“Trago uma história vergonhosa,
Minha confissão é desonrosa:

304-307 No caminho, encontrei uma donzela,
Encontrei tua filha perdida e errante,
Não reconheci minha irmã,
E cometi um pecado fatal!

308-312 Quando os impostos foram pagos,
Quando o tributo foi recolhido,
Uma donzela incomparável veio ao meu encontro,
E, sem saber, levei-a à tristeza;
Era a filha há muito perdida de minha mãe.

313-318 Quando viu que eu era seu irmão,
Saltou depressa do trenó,
Correu para as águas impetuosas,
Para a queda estrondosa das águas,
Para a correnteza e o redemoinho,
E correu para a própria destruição.

319-323 “Agora, ai de mim! Preciso decidir,
Preciso encontrar um lugar adequado,
Onde teu filho pecador possa morrer;
Conta-me, mãe que tudo perdoa,
Onde devo pôr fim a esta vida de tormento;

324-328 Deixa-me calar o uivo do lobo negro,
Deixa-me saciar a fome
Do feroz urso do Norte;
Que o tubarão ou o cão-do-mar faminto
Seja minha morada daqui em diante!”

329-333 Esta foi a resposta da mãe:
“Não vás calar o uivo
Do lobo faminto do Norte;
Não te apresses a silenciar o urso negro
Que rosna em sua caverna na floresta;

334-340 Que o tubarão e o feroz cão-do-mar
Não sejam tua morada daqui em diante.
As terras da Finlândia são vastas,
As fronteiras de Sawa não têm fim,
Há espaço suficiente para esconder as transgressões,
Para ocultar por eras os erros dos homens,
Seus pecados e suas más ações.

341-345 Por seis longos anos os pecados dos homens ficam escondidos
Na terra fronteiriça de Kalma,
E por nove anos, os dos heróis feiticeiros,

Até que os anos tragam consolo,
Até que acalmem todo o seu lamento.”

346-349 Kullervo, feiticeiro perverso,
Respondeu assim à mãe aflita:
“Não me apressarei a me esconder da tristeza,
Nem fugirei de minha culpa;

350-353 Vou depressa ao encontro da morte,
Aos pátios abertos de Kalma,
Às terras de caça de Pohya,
Aos campos de batalha dos heróis.

354-358 Untamoinen ainda está vivo,
O perverso vagueia sem ser incomodado,
A afronta a meu pai continua sem vingança,
As torturas de minha mãe continuam sem vingança,
E os males que sofro seguem sem vingança!”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXVI

✦

1-6 Kullerwoinen, feiticeiro perverso,
Com suas meias cor de púrpura,
Agora se prepara para a batalha;
Por muito tempo afia sua espada larga,
Amola bem sua arma de confiança,
E sua mãe fala assim:

7-12 "Não vá, meu filho amado,
Não vá para a guerra, meu herói,
Não lute contra guerreiros de lanças hostis.
Quem vai à guerra sem motivo
Enfrenta um combate terrível,
Enfrenta um desfecho fatal;

13-19 Quem guerreia sem razão
Será massacrado por sua insensatez,
Presa fácil para arcos e flechas.
Vá para a batalha com um bode,
Se for lutar contra o veado,
O bode será vencido,
E o veado será abatido;

20-26 Voltarás para casa com um sapo,
Vitorioso, mas com pouca honra!"
Estas são as palavras de Kullerwoinen:

"Não viajarei pelos pântanos,
Não afundarei na urze,
Na terra natal do corvo,
Onde as águias gritam ao amanhecer.

27-32 Quando eu entregar minha vida para sempre,
Caírei com bravura na batalha,
Caírei no campo da glória,
É belo morrer de armadura,
E ao som do choque e do clangor dos exércitos,
É bela a luta pela conquista!

33-36 Assim, Kullervo logo partirá
Para o reino de Tuoni,
Para a morada dos que partiram,
Sem ser deformado por uma doença debilitante."

37-43 Esta é a resposta da mãe:
"Se morreres no conflito,
Quem ficará para proteger teu pai,
Quem dará proteção a teu velho pai?"
Estas são as palavras de Kullerwoinen:
"Que ele morra no pátio,
Dormindo até o fim de sua vida de tristeza!"

44-45 "Quem então protegerá tua mãe,
Será o escudo dela nos momentos de perigo?"

46-47 "Que ela morra no estábulo,
Ou na cabana onde permanece!"

48-49 “Quem então defenderá teu irmão,
Quem o ajudará nos momentos difíceis?”

50-51 “Que ele morra na floresta,
Que durma sua vida sem ser notado!”

52-53 “Quem então consolará tua irmã,
Quem a ajudará em seu sofrimento?”

54-58 “Que ela afunde sob as águas,
Pereça na fonte cristalina,
Onde o riacho corre com beleza,
Como uma serpente de prata que serpenteia
Pelo vale até o oceano!”

59-62 Então o selvagem Kullervo
Parte de casa para a batalha,
E diz ao pai, ao partir:
“Fica bem, meu velho pai!

63-66 Chorarás por mim, teu herói,
Quando souberes que pereci,
Caído para sempre de tua tribo,
Morto no campo da glória?”

67-70 Assim o pai responde:
“Nunca lamentarei a queda
Do meu filho perverso, Kullervo;
Não chorarei quando tiveres perecido;

71-74 Gerarei outro herói,
Que me servirá melhor,
Que pensará e agirá com sabedoria.”
Kullerwoinen responde:

75-82 “Também não lamentarei tua queda,
Não chorarei quando tiveres perecido;
Farei outro pai,
Farei a cabeça de barro e arenito,
Farei os olhos de frutos do pântano,
Farei a barba de algas marinhas secas,
Farei os pés de raízes de salgueiro,
Farei o corpo de fungo de bétula.”

83-88 Então o jovem Kullervo
Fala assim com o irmão:
“Fica bem, amado irmão!
Chorarás por mim ao partir,
Se souberes que pereci,
Caído no campo de batalha?”

89-92 Esta é a resposta do irmão:
“Nunca lamentarei a queda
Do meu irmão, Kullerwoinen,
Não chorarei quando tiveres perecido;

93-97 Encontrarei outro irmão,
Encontrarei um mais digno e sábio!”
Esta é a resposta de Kullerwoinen:

"Também não lamentarei tua queda,
Não chorarei quando tiveres perecido;

98-102 Formarei outro irmão,
Farei a cabeça de pó e cinzas,
Farei os olhos de pérolas do oceano,
Farei a barba de vegetação ressequida,
Farei o corpo de polpa de madeira de bétula."

103-109 Kullervo fala com a irmã:
"Fica bem, amada irmã!
Com certeza lamentarás minha queda,
Chorarás por mim quando eu perecer,
Quando souberes que caí
No calor e no tumulto da batalha,
Caído para sempre de tua raça!"

110-115 Mas a irmã responde:
"Nunca lamentarei tua queda,
Não chorarei quando tiveres perecido;
Procurarei outro irmão,
Procurarei um irmão mais puro e melhor,
Que não envergonhe a irmã!"

116-124 Kullerwoinen responde assim:
"Também não lamentarei tua queda,
Não chorarei quando tiveres perecido;
Formarei outra irmã,
Farei a cabeça de mármore branco,

Farei os olhos de raios dourados da lua,
Farei as tranças de arco-íris,
Farei as orelhas de flores do oceano,
E o corpo dela de ouro e prata.

125-129 "Fica bem, amada mãe,
Mãe bela e fiel!
Chorarás quando eu perecer,
Caído no campo da glória,
Caído para sempre de tua raça?"

130-135 Assim a mãe responde:
"Não podes compreender o amor materno,
Não podes sufocar seu afeto;
Lamentarei amargamente tua queda,
Eu choraria se perecesses,
Se deixasses minha raça para sempre;

136-143 Eu choraria no pátio ou na cabana,
Regaria estes campos com lágrimas,
Faria rios enormes correrem até o oceano,
Choraria até derreter as neves do Norte,
Tornaria verdes as colinas com meu pranto,
Choraria de manhã e à noite,
Choraria por três anos, em amarga tristeza,
Pela morte de Kullerwoinen!"

144-151 Então o feiticeiro perverso
Seguiu alegre para o combate;
Partiu para a guerra com alegria,
Atravessando campos, brejos e terras em pousio,
Gritando alto na urze,
Cantando pelas colinas e montanhas,
Correndo pelos vales e florestas,
Anunciando a guerra com sua trompa.

152-156 Pouco tempo havia passado,
Quando surgiu um mensageiro
E disse estas palavras a Kullerwoinen:
"Eis que teu velho pai morreu,
Caído para sempre de tua raça;

157-163 Volta depressa para casa e presta-lhe homenagem,
Deita-o no colo de Kalma."
Kullerwoinen respondeu:
"Meu velho pai morreu?
Há em casa um garanhão negro
Que o levará ao seu descanso,
E o deitará no colo de Kalma."

164-167 Então Kullervo seguiu viagem,
Anunciando a guerra com sua trompa,
Até surgir um mensageiro
Que levou esta notícia a Kullerwoinen:

168-172 “Eis que teu irmão também morreu,
Está morto na floresta,
A trombeta de Manalainen o chamou;
Volta para casa e presta-lhe homenagem,
Deita-o no colo de Kalma.”

173-177 Kullerwoinen respondeu assim:
“Meu irmão herói morreu?
Há em casa um garanhão negro
Que o levará ao seu descanso,
E o deitará no colo de Kalma.”

178-182 O jovem Kullervo seguiu viagem
Por vales e montanhas,
Tocando sua flauta de guerra,
Até surgir um mensageiro
Que trouxe estas notícias ao guerreiro:

183-187 “Eis que tua irmã também morreu,
Pereceu na fonte cristalina,
Onde as águas correm com beleza,
Como uma serpente de prata que serpenteia
Pelo vale até o oceano;

188-195 Volta para casa e presta-lhe homenagem,
Deita-a no colo de Kalma.”
Estas são as palavras de Kullerwoinen:
“Minha bela irmã morreu?
Caída para sempre de minha raça,

Há em casa uma potranca negra
Que a levará ao seu descanso,
E a deitará no colo de Kalma.”

Kullervo continuou a viagem,
Atravessando os brejos com alegria,
Anunciando a guerra com sua trompa,
Até surgir um mensageiro
Que lhe trouxe estas palavras de tristeza:

“Eis que tua mãe também morreu,
Morreu angustiada, de coração partido;
Volta para casa e presta-lhe homenagem,
Deita-a no colo de Kalma.”

Estas são as palavras de Kullervo:
“Que desgraça, minha vida de duro destino,
Minha mãe também morreu,
Ela que me embalou no berço,
Que preparou para mim um leito com cobertura dourada,
Que fiou para mim com roca e fuso!

Eis que Kullervo não estava presente
Quando a vida de sua mãe se foi;
Talvez tenha morrido nas montanhas,
Perecendo ali de frio e fome.

Lavai o corpo morto de minha mãe
Nas águas cristalinas que correm;
Envolvei-a em peles de arminho,

Atai suas mãos com fita de seda,
Levai-a ao túmulo antigo,
Deitai-a no colo de Kalma.

221-225 Enterrai-a com cantos de luto,
Que os cantores entoem minha tristeza;
Não posso deixar os campos de batalha
Enquanto Untamo não for punido,
Destruidor cruel do meu povo.”

226-233 Kullerwoinen seguiu viagem,
Ainda alegre, para o combate,
E cantou estas preces:
“Ukko, o mais poderoso dos governantes,
Empresta-me tua espada de batalha,
Dá-me tua arma incomparável,
E contra mil exércitos
Lutarei e sempre vencerei.”

234-241 Ukko deu ao jovem sua espada larga,
Deu sua lâmina de poderes mágicos
Ao feiticeiro Kullerwoinen.
Assim equipado, o poderoso herói
Matou o povo de Untamo,
Queimou suas aldeias até virarem cinzas;
Deixou apenas as pedras e os fornos,
E as chaminés de seus povoados.

242-245 Então o conquistador Kullervo
Voltou os passos para sua terra natal,
Para a cabana de seu pai,
Para seus antigos campos e florestas.

246-249 Encontrou a cabana vazia,
E as florestas estavam desertas;
Ninguém veio saudá-lo,
Ninguém lhe deu as boas-vindas;

250-253 Pôs os dedos sobre o forno,
Mas o encontrou frio e sem vida;
Então teve certeza
De que sua mãe já não vivia;

254-257 Pôs a mão sobre a lareira,
As pedras do fogo estavam frias e sem vida;
Então teve certeza
De que sua irmã também morrera;

258-261 Então procurou os ancoradouros,
Não encontrou barcos sobre os roletes;
Então teve certeza
De que seu irmão também morrera;

262-265 Então olhou para as redes de pesca,
E as encontrou rasgadas e emaranhadas;
E teve certeza
De que seu pai também morrera.

266-271 Chorou amargamente e murmurou,
Chorou um dia, depois um segundo,
No terceiro dia falou assim:
"Mãe fiel, carinhosa e terna,
Por que me deixaste aqui sofrendo
Neste deserto de aflições?

272-275 Mas não ouves meu chamado,
Embora eu cante com palavras mágicas,
Embora minhas lágrimas expressem lamento,
Embora meu coração chore tua ausência.

276-279 A mãe desperta de seu túmulo
E diz estas palavras a Kullervo:
"Ainda tens o cão contigo,
Ele te levará à floresta;

280-286 Segue o fiel guardião,
Deixa que te leve aos bosques,
À margem mais distante da floresta,
Às cavernas das ninfas da mata;
Ali permanecem as donzelas da floresta,
Elas te darão comida e abrigo,
E receberão meu herói com alegria."

287-292 Kullerwoinen, com seu cão de guarda,
Avança depressa pela floresta,
Segue por campos e terras em pousio;

Viaja por uma curta distância,
Até chegar ao alto do morro
Onde encontrou sua irmã há muito perdida;

293-297 Vê a própria relva chorando,
Vê o bosque do vale tomado pela tristeza,
Vê a urze derramar lágrimas,
As flores do prado choram,
Pela ruína de sua irmã.

298-303 Kullerwoinen, feiticeiro perverso,
Agarra o cabo de sua espada larga,
E faz à lâmina uma simples pergunta:
"Diz-me, ó lâmina honrada,
Queres beber meu sangue,
Beber o sangue de Kullerwoinen?"

304-309 Assim responde sua espada de confiança,
Compreendendo bem suas intenções:
"Por que eu não beberia teu sangue,
Sangue do culpado Kullerwoinen,
Se me alimento dos dignos,
Bebo o sangue dos justos?"

310-313 Então o jovem Kullervo,
Feiticeiro perverso do Norte,
Ergue a poderosa espada de Ukko,
Despede-se da terra e do céu;

314-321 Enterra firmemente o punho na urze,
Aponta a arma para o próprio coração,
Lança o corpo sobre a espada larga,
Derramando seu sangue e sua vida perversa,
Antes de partir para Manala.
Assim o feiticeiro encontra a destruição,
Este é o fim de Kullerwoinen,
Nascido no pecado e criado na insensatez.

322-325 Wainamoinen, antigo menestrel,
Ao ouvir as notícias alegres,
Sabe da morte do cruel Kullervo,
E diz estas antigas palavras de sabedoria:

326-329 "Ó, muitos povos ainda por nascer,
Nunca criem mal seus filhos,
Nunca os entreguem a estranhos,
Nunca os deixem aos cuidados dos tolos!

330-336 Se a criança não for bem criada,
Não for embalada e guiada pelo caminho certo,
Ainda que cresça até a idade adulta,
E tenha um corpo forte e bem formado,
Nunca conhecerá a sensatez,
Nunca comerá o pão da honra,
Nunca beberá o cálice da sabedoria."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXVII

✦

1-5 Ilmarinen, o ferreiro,
Chorou um dia, depois outro,
Chorou o terceiro, da manhã até a noite,
Pela morte de sua companheira,
Aquela que um dia foi a Donzela do Arco-Íris;

6-10 Não ergueu o pesado martelo,
Não tocou no cabo de cobre,
Não fez som algum na forja,
Não bateu na bigorna,
Até que três meses se passaram;

11-15 Então o ferreiro falou assim:
"Pobre de mim, herói infeliz!
Não sei como posso prosperar;
Longos são os dias, frios e sombrios,
Mais longas ainda as noites, e mais frias;

16-19 À noite fico cansado,
De manhã continuo cansado,
Não tenho vontade de ver a manhã,
E a noite não me traz alegria;

20-23 Não tenho esperança no futuro,
Todas as minhas alegrias se foram para sempre,
Com minha fiel companheira de vida,

Assassinada pela mão da feitiçaria!

24-28 Muitas vezes meu coração estremece
Quando descanso em meu quarto,
Quando desperto à meia-noite, sonhando,
Meio inconsciente, procurando em vão
Minha nobre esposa que partiu.”

29-32 O ferreiro enlutado vivia sem esposa,
Mudado no corpo e no rosto;
Chorou um mês, depois outro,
Chorou por três meses seguidos.

33-36 Então o mágico ferreiro
Reuniu ouro das profundezas do mar,
Reuniu prata das montanhas,
Reuniu muitos montes de lenha de bétula.

37-43 Encheu de lenha trinta trenós,
Queimou a madeira até virar cinzas;
Pôs as cinzas na fornalha,
Deitou o ouro sobre as brasas,
Pôs por cima um pedaço de prata
Do tamanho dos cordeiros no outono,
Ou da lebre ligeira no inverno;

44-48 Pôs os servos nos foles,
Para fundir os metais mágicos.
Os servos trabalham com empenho,

Sem luvas nem chapéus, os trabalhadores
Atiçam as chamas dentro da fornalha.

49-52 Ilmarinen, mágico ferreiro,
Trabalha sem parar na forja,
Para moldar uma imagem de ouro,
Moldar uma noiva de ouro e prata;

53-58 Mas os trabalhadores falham com seu mestre,
Sem empenho, ficam junto aos foles.
Então o artista, Ilmarinen,
Atiçou a chama com força mágica,
Soprou um dia, depois outro,
Soprou o terceiro, da manhã até a noite;

59-62 Então olha dentro da fornalha,
Olha em volta da borda do forno,
Esperando ver ali uma imagem
Surgir dos metais derretidos.

63-66 Um cordeirinho sai da fornalha,
Erguendo-se do fogo mágico,
Com lã de ouro e cobre,
Entrelaçada com muitos fios de prata;

67-72 Todos se alegram, menos Ilmarinen,
Com a beleza da imagem.
Estas foram as palavras do ferreiro:

"Que o lobo admire teus encantos;
Quero uma noiva bela,
Nascida do ouro e da prata derretidos!"

73-81 Ilmarinen, o mago,
Jogou o cordeirinho na fornalha;
Acrescentou muito ouro,
E aumentou a quantidade de prata,
Acrescentou outros metais mágicos,
Pôs os trabalhadores nos foles;
Os servos trabalham com empenho,
Sem luvas nem chapéus, os trabalhadores
Atiçam as chamas dentro da fornalha.

82-87 Ilmarinen, ferreiro feiticeiro,
Trabalha sem parar com seus metais,
Moldando bem uma imagem de ouro,
Uma esposa de ouro e prata derretidos;
Mas os trabalhadores falham com seu mestre,
Sem empenho, sopram os foles.

88-95 Agora o artista, Ilmarinen,
Atiçou as chamas com força mágica;
Soprou um dia, depois outro,
Soprou o terceiro, da manhã até a noite,
Então olhou dentro da fornalha,
Olhou em volta da borda do forno,
Esperando ver uma imagem
Surgir dos metais derretidos.

96-100 Das chamas surge um potro,
Com crina dourada e cabeça prateada,
Com cascos de cobre brilhante.
Todos se alegram, menos Ilmarinen,
Com a criação maravilhosa;

101-104 Estas foram as palavras do ferreiro:
"Que os ursos admirem teus encantos;
Quero uma noiva bela,
Nascida de muitos metais mágicos."

105-112 Então o forjador prodigioso
Leva o potro de volta à fornalha,
Acrescenta mais prata,
E a medida certa de ouro,
Põe os trabalhadores nos foles.
Os servos trabalham com empenho,
Sem luvas nem chapéus, os trabalhadores
Atiçam as chamas dentro da fornalha.

113-118 Ilmarinen, o mago,
Trabalha sem parar em sua feitiçaria,
Moldando bem uma donzela de ouro,
Noiva de ouro e prata derretidos;
Mas os trabalhadores falham com seu mestre,
Sem empenho, sopram os foles.

119-122 Agora o ferreiro, Ilmarinen,
Atiçou as chamas com poderes mágicos,
Soprou um dia, depois outro,
Soprou o terceiro, da manhã até a noite;

123-126 Então olhou dentro da fornalha,
Olhou em volta da borda do forno,
Confiando que veria uma donzela
Surgir dos metais derretidos.

127-131 Do fogo surge uma virgem,
De cabelos dourados e cabeça prateada,
Bela no corpo e no rosto.
Todos ficam maravilhados e admirados,
Menos o artista e mago.

132-136 Ilmarinen, o ferreiro,
Forja noites e dias sem parar,
A noiva de sua criação;
Forja pés para a donzela,
Mãos e braços de ouro e prata;

137-140 Mas seus pés não servem para andar,
Nem seus braços podem abraçá-lo.
Forja orelhas para a virgem,
Mas elas não servem para ouvir;

141-144 Forja para ela uma boca bela,
Forja olhos brilhantes e cintilantes;
Mas a boca mágica não fala,

E os olhos não enxergam.

145-148 Falou o artista, Ilmarinen:
"Esta é, de fato, uma donzela preciosa,
Se ao menos pudesse falar com sabedoria,
Se pudesse respirar o sopro de Ukko!"

149-157 Então deita a virgem
Em seu leito de seda,
No lugar macio onde descansa.
Ilmarinen aquece o banheiro,
Deixa tudo pronto para seu uso,
Amarra escovas de seda,
Traz três jarros de água cristalina,
Para lavar a imagem,
Lavar a bela donzela de ouro.

158-161 Quando terminou essa tarefa,
Ilmarinen, cheio de esperança e confiança,
Deitou sua noiva de ouro para dormir,
Em seu leito macio de descanso;

162-167 Mandou buscar muitas cobertas de seda,
Mandou buscar três peles de urso,
Mandou buscar sete cobertores de lã de cordeiro,
Para mantê-lo aquecido enquanto dormia,
Ao lado da imagem de ouro
Que forjara com metais mágicos.

168-171 O lado de Ilmarinen
Que estava coberto de peles e cobertores ficava quente;
Os lados junto à donzela ficavam frios,
Ao lado de sua noiva de ouro e prata;

172-176 Um lado quente, o outro sem vida,
Transformando-se em gelo de tão frio.
Falou o artista, Ilmarinen:
"Esta virgem não nasceu para mim,
Feita dos metais mágicos derretidos;

177-180 Vou levá-la a Wainola,
Dá-la ao velho Wainamoinen,
Como noiva e companheira de vida,
Para consolá-lo na velhice."

181-184 Ilmarinen, muito desanimado,
Leva a virgem a Wainola,
Às planícies de Kalevala,
E fala assim com seu irmão:

185-189 "Ó, velho Wainamoinen,
Olha com carinho para esta imagem;
Torna esta donzela bela e formosa,
Bela no corpo e no rosto,
Apropriada para tua idade avançada!"

190-193 Wainamoinen, velho e sincero,
Olhou maravilhado para a virgem,
Para a bela noiva de ouro,

E disse estas palavras a Ilmarinen:

194-197 "Por que trazes esta donzela?
Por que trazes para Wainamoinen
Uma noiva de ouro e prata derretidos?"
Ilmarinen respondeu:

198-203 "Por que eu traria esta imagem,
Se não fosse por uma nobre razão?
Eu a trouxe como companheira
Para tua vida na idade avançada,
Como alegria e consolo,
Quando teus dias estiverem cheios de dificuldades!"

204-208 Falou o bom e velho Wainamoinen:
"Irmão mágico, forjador prodigioso,
Joga a virgem na fornalha,
Às chamas, tua imagem de ouro,
E forja mil enfeites com ela.

209-213 Leva a imagem para a Estônia,
Leva-a às planícies de Pohya,
Para que por ela os poderosos
Travam uma luta mortal,
Um troféu digno do vencedor;

214-219 Esta noiva prodigiosa não é para mim,
Nem para meu povo valoroso.
Nunca me casarei com uma imagem

Nascida de muitos metais mágicos,
Nunca me casarei com uma donzela de prata,
Nunca me casarei com uma virgem de ouro.”

220-224 Então o herói das águas
Reuniu todo o seu povo,
E disse estas palavras de antiga sabedoria:
“Ouçam, filhos do Norte,
Sejam pobres ou afortunados:

225-232 Nunca se curvem diante de uma imagem
Nascida do ouro e da prata derretidos;
Nunca, enquanto o sol brilhar,
Nunca, enquanto a lua cintilar,
Escolham uma donzela feita de metais,
Escolham uma noiva criada do ouro;
Frios são os lábios da donzela dourada,
A prata respira tristeza.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXVIII

✦

1-4 Ilmarinen, o mago,
O eterno artífice dos metais,
Deixa de lado a imagem dourada,
Bela donzela de metais encantados;

5-12 Põe os arreios em seu corcel,
Prende-o ao trenó de madeira de bétula,
Senta-se no banco transversal,
Estala o chicote sobre o corredor,
Pensando em viajar mais uma vez
Às mansões de Pohjola,
Para cortejar uma noiva com honra,
A segunda filha da Terra do Norte.

13-17 Seguiu viagem, inquieto, rumo ao norte,
Viajou um dia, depois outro,
E o terceiro, da manhã até a noite,
Quando chegou a uma aldeia da Terra do Norte,
Nas planícies de Sariola.

18-24 Louhi, anfitriã de Pohjola,
De pé no pátio aberto,
Avistou o herói, Ilmarinen,
E assim falou ao ferreiro:

"Diga-me como está minha filha,
Como vai a Bela Noiva,
Como filha de tua mãe."

25-34 Então o ferreiro, Ilmarinen,
Com a cabeça baixa e o semblante abatido,
Assim falou à anfitriã da Terra do Norte:
"Ó senhora de Sariola,
Não me pergunte por sua filha,
Pois, ai de mim, em Tuonela
Dorme a Donzela do Arco-Íris,
Dorme na morte a Bela Noiva,
Sob a perfumada urze,
No reino de Manala.

35-40 Vim pedir uma segunda filha,
A mais bela de tuas donzelas.
Bela anfitriã de Pohjola,
Dê-me sua filha mais nova,
Para ocupar o lugar de minha antiga esposa,
Nos aposentos de sua irmã."

41-48 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Disse estas palavras a Ilmarinen:
"Foi tola a anfitriã da Terra do Norte
Quando deu sua donzela mais bela,
No viço da juventude e da beleza,

Ao ferreiro de Wainola,
Só para vê-la levada a Mana,
Como um cordeirinho ao matadouro!

49-52 Nunca darei minha filha,
Não darei minha filha mais nova
Para ser tua noiva no futuro,
Companheira de vida junto à tua lareira.

53-56 Antes eu a entregaria
À cachoeira e ao redemoinho,
Ao rio de Manala,
Às águas de Tuoni!”

57-62 Então o ferreiro, Ilmarinen,
Virou a cabeça com desprezo,
Sacudiu com raiva os cabelos negros,
Entrou no salão interno,
Onde a donzela esperava,
E disse à filha estas palavras:

63-68 “Venha comigo, donzela de olhos brilhantes,
Para a casa onde tua irmã
Viveu feliz e satisfeita,
Assou para mim biscoitos saborosos,
Preparou para mim cerveja de cevada,
Manteve minha casa em ordem.”

69-72 No chão jazia um bebê,
Que assim cantou a Ilmarinen:
“Saia desta casa sem ser convidado,
Vá embora daqui, forasteiro;

73-79 Já vieste aqui uma vez,
Trazendo apenas dor e aflição,
Enchendo de tristeza todos os nossos corações.
Filha mais bela de minha mãe,
Não receba este pretendente,
Não olhe com prazer para seus olhos,
Nem admire seu porte e seus traços.

80-85 Na boca, só tem dentes de lobo,
Nas luvas, garras de raposa astuta,
Nos sapatos, apenas garras de urso,
No cinto, um punhal faminto;
Armas de sangue e assassinato,
Usadas apenas pelos indignos.”

86-89 Então a filha respondeu
Ao ferreiro, Ilmarinen:
“Esta donzela nunca irá contigo,
Nunca dará atenção a pretendentes indignos;

90-98 Tu mataste a Bela Noiva,
Antes a Donzela do Arco-Íris,
E também matarias sua irmã.
Mereço um pretendente melhor,

Quero um marido mais fiel e nobre,
Quero viajar em trenós mais ricos,
Ter uma casa mais bem protegida;
Nunca varrerei a casa
Nem o espaço de carvão de um ferreiro.”

99-106 Então o herói, Ilmarinen,
O eterno artífice dos metais,
Virou a cabeça com desprezo,
Sacudiu com raiva os cabelos negros,
Agarrou depressa a donzela trêmula,
Segurou-a com seu punho de ferro,
Saiu apressado do pátio de Louhi,
Até o trenó na estrada.

107-110 Põe a donzela no trenó,
Enrola-a bem em suas peles,
Estala o chicote sobre o corredor,
E galopa pela estrada rumo a casa;

111-115 Com uma mão aperta as rédeas,
Com a outra segura a donzela.
A filha donzela fala, chorando:
“Chegamos às amoras das terras baixas,
Aqui estão as ervas das margens;

116-121 Deixe-me aqui afundar e morrer,
Como filha de um destino cruel.
Ilmarinen perverso, escute!

Se não me libertar depressa,
Vou despedaçar teu trenó,
E lançar tuas peles aos ventos do norte.”

122-126 Ilmarinen responde:
“Quando o ferreiro constrói seu trenó de neve,
Todas as partes são reforçadas com ferro;
Por isso a bela donzela
Nunca conseguirá despedaçar meu trenó.”

127-133 Então a filha adornada de prata
Chorou e lamentou em tom amargo,
Torcendo as mãos, desesperada,
E tornou a falar a Ilmarinen:
“Se não me libertar depressa,
Vou me transformar em salmão do mar,
Em um peixe branco das águas.”

134-135 “Assim nunca vai escapar de mim;
Vou persegui-la veloz como um lúcio.”

136-142 Então a donzela de Pohjola
Chorou e lamentou em tom amargo,
Torcendo as mãos, desesperada,
E tornou a falar a Ilmarinen:
“Se não me libertar depressa,
Vou correr para a floresta,
E entre as rochas me tornar um arminho!”

143-144 “Assim nunca vai escapar de mim;
Vou persegui-la como uma serpente.”

145-151 Então a bela da Terra do Norte
Lamentou e chorou em tom amargo,
Torcendo as mãos, desesperada,
E falou mais uma vez a Ilmarinen:
“Se não me libertar, com certeza
Vou voar pelo céu como uma cotovia,
E me esconder nas nuvens de tempestade.”

152-153 “Assim também não vai escapar de mim;
Vou persegui-la como uma águia.”

154-160 Eles tinham percorrido pouca distância
Quando o corcel se assustou e parou,
Amedrontado por algo que passou;
A donzela olhou, admirada,
Viu pegadas na neve,
E disse estas palavras a Ilmarinen:
“Quem atravessou nossa estrada?”

161-164 “É a tímida lebre”, respondeu ele.
Então a donzela raptada
Soluçou e gemeu, profundamente triste,
E, de coração pesado, disse estas palavras:

165-170 “Ai de mim, donzela sem sorte!
Minha vida seria muito mais feliz
Se eu pudesse seguir a lebre

Até sua toca na floresta!
A pele do Pernas-Tortas é mais fina para mim
Do que as vestes de Ilmarinen."

171-176 Ilmarinen, o mago,
Sacudiu a cabeça, cheio de ressentimento,
E galopou pela estrada rumo a casa;
Percorrera pouca distância
Quando o corcel parou de novo,
Assustado por algum estranho que passava.

177-180 A donzela olhou depressa, admirada,
Viu pegadas na neve,
E disse estas palavras ao ferreiro:
"Quem cruzou nosso caminho nevado?"

181-184 "É uma raposa", respondeu o menestrel.
Então a bela donzela
Gemeu de novo, tomada pela angústia,
E cantou, de coração pesado:

185-190 "Ai de mim, donzela sem sorte!
Minha vida seria muito mais feliz
Vagando com a raposa astuta
Do que com este pretendente mal-educado;
A pele de Reynard é mais fina para mim
Do que as vestes de Ilmarinen."

191-195 Então o artífice dos metais
Cerrou os lábios, muito contrariado,
E seguiu depressa pela estrada rumo a casa;
Percorrera pouca distância
Quando o corcel parou de novo.

196-199 A donzela olhou depressa, admirada,
Viu pegadas na neve,
E disse estas palavras ao mago:
"Quem cruzou nosso caminho desta vez?"

200-203 "É o lobo", disse Ilmarinen.
Então a filha condenada
Caiu de novo num choro amargo,
E entoou estas palavras de tristeza:

204-210 "Ai de mim, donzela desventurada!
Minha vida seria muito mais feliz,
Meu futuro seria muito mais brilhante
Se eu pudesse seguir essas pegadas;
A pelagem do lobo é mais fina
Do que as peles de Ilmarinen,
Pretendente infiel da Terra do Norte."

211-217 Então o menestrel de Wainola
Cerrou os lábios de novo, com raiva,
Sacudiu com ressentimento os cabelos negros,
Estalou o chicote sobre o corredor,

E o cavalo disparou veloz,
Pelo caminho até Kalevala,
Até a aldeia do ferreiro.

Triste e cansado da viagem,
Ilmarinen voltou para casa,
Deitou-se no leito e adormeceu,
E a donzela riu, zombando dele.

De manhã, ao despertar devagar,
Com a cabeça confusa e os cabelos despenteados,
O mago falou assim:
"Devo começar a cantar
Canções mágicas e encantamentos?

Devo agora enfeitiçar esta donzela,
Transformá-la num lobo negro das montanhas,
Num salmão do mar?
Não vou mandá-la para a floresta,
Pois todos os animais ficariam assustados;

Não vou mandá-la para as águas,
Pois todos os peixes fugiriam aterrorizados;
Minha espada beberá o sangue de sua vida,
Acabará com seu reinado de desprezo e ódio."

A espada logo percebe sua intenção,
Logo adivinha seu propósito maligno,
E diz estas palavras a Ilmarinen:

"Não fui feita para beber o sangue de vida
De uma donzela pura e bela,
De uma donzela formosa e indefesa."

242-245 Então o menestrel mágico,
Cheio de raiva, começou a cantar;
Cantou até partir as próprias rochas,
E as colinas distantes ecoaram;

246-250 Cantou e transformou a donzela numa gaivota,
Que grasna nos penhascos à beira-mar,
Chama das ilhas do oceano,
Grita na costa arenosa,
E voa contra os ventos.

251-255 Quando terminou seus encantamentos,
Ilmarinen atrelou o trenó de neve,
Açoitou o cavalo para que galopasse,
E correu para sua antiga forja,
Para sua casa em Kalevala.

256-261 Wainamoinen, velho e sincero,
Veio encontrá-lo na estrada,
E disse estas palavras ao mago:
"Ilmarinen, digno irmão,
Por que volta tão pesaroso
Da sombria Sariola?

262-266 Pohyola vive e prospera?”
O menestrel, Ilmarinen, respondeu:
“Por que Pohyola não prosperaria?
Lá o Sampo mói sem parar,
Sua tampa colorida gira com ruído;

267-270 Num dia mói farinha para comer,
No segundo, farinha para vender,
No terceiro, farinha para guardar;
Assim Pohyola prospera.

271-274 Enquanto o Sampo estiver na Terra do Norte,
Haverá arado e semeadura,
Crescerá toda boa virtude,
E haverá prosperidade sem fim.”

275-279 O velho Wainamoinen perguntou:
“Ilmarinen, irmão artífice,
Onde está então a filha da Terra do Norte,
A donzela famosa por sua beleza,
Por cuja mão estiveste fora?”

280-286 Estas foram as palavras de Ilmarinen:
“Transformei a donzela detestável
Numa gaivota sobre o oceano;
Agora ela chama sobre as águas,

Grita das ilhas do oceano;
Chama e murmura sobre as rochas,
Em vão chamando por um pretendente.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XXXIX

✦

1-6 Wainamoinen, velho e fiel,
Disse estas palavras a Ilmarinen:
"Ó irmão, que fazes maravilhas,
Vamos a Sariola,
Para conquistar o Sampo mágico,
Para ver a tampa colorida."

7-11 Ilmarinen deu esta resposta:
"É muito difícil tomar o Sampo,
Também não se pode capturar a tampa
Da incômoda Terra do Norte,
Da sombria Sariola.

12-16 Louhi levou o Sampo,
Levou a tampa colorida
Para a montanha de pedra de Pohyola;
Escondeu-o na montanha de cobre,
Onde nove fechaduras guardam o tesouro.

17-22 Muitas raízes novas brotam ao redor,
Crescem nove braças fundo na terra arenosa,
Uma grande raiz sob a montanha,
Outra na cachoeira,
E uma terceira sob o castelo
Construído no monte das eras."

23-26 Disse o velho Wainamoinen:
"Meu irmão, que fazes maravilhas,
Vamos a Sariola,
Para que possamos conquistar o Sampo;

27-31 Vamos construir um belo navio,
Levar o Sampo a Wainola,
Trazer a tampa colorida,
Da montanha de pedra de Pohyola,
Da montanha que guarda cobre.

32-36 Onde está ancorado o milagre."
Ilmarinen respondeu assim:
"Por terra o caminho é mais seguro,
Lempo viaja pelo oceano,
A Morte medonha vai ao ombro dele;

37-40 No mar, as ondas nos levarão à deriva,
E os ventos da tempestade destruirão nosso navio;
Então teremos de remar com as mãos,
E guiar para casa com os pés."

41-44 Disse o velho Wainamoinen:
"De fato, é seguro viajar por terra,
Mas o caminho é áspero e difícil,
A estrada é longa e cheia de curvas;

45-48 O navio é belo no oceano,
É lindo cavalgar as ondas,
É fácil viajar pelas águas,

Navegando num navio confiável;

49-53 Se o vento do oeste cruzar nosso caminho,
O vento do sul nos levará para o norte.
Seja como for, meu irmão,
Já que não gostas da água,
Vamos viajar por terra.

54-61 Forja agora para mim a espada de batalha,
Forja para mim a poderosa espada de fogo,
Para que eu possa destruir as feras,
Amedrontar todo o povo da Terra do Norte,
Enquanto viajamos em busca do Sampo
Para a aldeia fria e sombria,
Para a incômoda Terra do Norte,
Para a sombria Sariola."

62-67 Então o ferreiro Ilmarinen,
O eterno mestre da forja,
Pôs os metais na fornalha,
Pôs aço e ferro no fogo,
Pôs ouro e prata nas brasas,
Na medida certa dos metais;

68-73 Pôs os trabalhadores junto à fornalha,
E eles sopraram o fole com vigor.
O ferro derreteu como cera,

O aço duro amoleceu como massa,
A prata correu como água,
E o ouro líquido veio logo atrás.

74-79 Então o menestrel Ilmarinen,
O eterno forjador de maravilhas,
Olhou dentro da fornalha mágica,
Na borda do forno,
E viu a espada de fogo se formando,
Viu a lâmina com cabo de ouro;

80-86 Tirou a arma da fornalha,
Pôs-a sobre a pesada bigorna
Para receber os golpes do martelo;
Forjou bem a lâmina mágica,
Temperou bem a espada pesada,
Adornou a arma do herói
Com o mais fino ouro e prata.

87-90 Wainamoinen, o mago,
Veio ver a lâmina da conquista,
Ergueu admirado a espada de fogo,
E então o herói disse estas palavras:

91-94 "A arma combina com o soldado,
O cabo serve bem a quem o empunha?
Sim, a lâmina e o punho foram moldados
Como queria o menestrel."

95-100 Na ponta da espada brilha o luar,
Na lâmina reluz o sol,
No punho cintilam as estrelas brilhantes,
No fio um cavalo relincha,
No cabo brinca um gatinho,
Na bainha um cão late.

101-106 Wainamoinen empunhou sua espada de fogo,
Testou-a na montanha de ferro,
E o herói disse estas palavras:
"Com esta espada larga eu poderia depressa
Partir ao meio o monte de Pohya,
Cortar as rochas de sílex."

107-110 Disse o ferreiro Ilmarinen:
"Com que me protegerei do perigo,
Como me defenderei do mal,
Dos males da terra e da água?

111-114 Devo vestir uma armadura de ferro,
Pôr um cinto de aço em volta do corpo?
Um homem fica mais forte com armadura,
Mais seguro com uma cota de malha de cobre."

115-122 Agora chegou a hora de viajar
Para a incômoda Terra do Norte;
Wainamoinen, o velho menestrel,
E seu irmão, Ilmarinen,
Apressaram-se pelo campo e pela floresta,

Procurando seus fogosos cavalos,
Com uma rédea em cada cinto brilhante,
E o arreio sobre os ombros.

123-130 Na floresta encontram uma tropa;
No vale, um corcel de batalha,
Pronto para servir a seu amo.
Wainamoinen, velho e fiel,
E o ferreiro Ilmarinen,
Põem o arreio no cavalo,
Atrelam-no ao trenó da conquista,
E seguem depressa viagem rumo ao norte;

131-134 Vão pela margem do amplo mar
Até ouvirem alguém lamentando,
Ouvem algo gemer na praia
Perto do desembarcadouro dos navios.

135-140 Wainamoinen, o velho menestrel,
Diz estas palavras, surpreso e curioso:
"Deve ser uma donzela chorando,
Alguma bela filha assim lamentando;
Vamos chegar um pouco mais perto,
Para descobrir de onde vem esse lamento."

141-146 Chegaram cada vez mais perto,
Esperando encontrar uma donzela
Chorando na praia arenosa.

Não era uma donzela chorando,
Mas um navio triste e solitário,
Esperando na praia, a lamentar.

147-151 Disse o velho Wainamoinen:
"Por que choras, belo navio,
Qual é a causa do teu lamento?
Estás de luto pelos teus toletes,
O teu cordame está mal ajustado?

152-158 Choras por estares ancorado
Na praia em tempos difíceis?"
Assim respondeu o navio de guerra:
"Este navio quer ir para as águas,
Sobre rolos bem cobertos de alcatrão,
Como uma donzela feliz viaja
Para a casa do marido.

159-163 Ai de mim, belo navio,
Choro porque estou ancorado,
Choro e lamento porque nenhum herói
Me liberta nas águas,
Livre para cavalgar as ondas.

164-169 Diziam isso quando fui construído,
Cantavam muitas vezes enquanto me faziam,
Que este barco seria de batalha,

Que se tornaria um poderoso navio de guerra,
Que levaria grandes tesouros no casco,
Riquezas preciosas através do oceano.

170-174 Nunca naveguei para conquistar,
Nunca transportei despojos;
Outros navios menos dignos
Estão sempre partindo para a guerra,
Navegando ao som dos cantos de batalha.

175-182 Três vezes na estação do verão
Eles voltam para casa carregados de tesouros,
Trazem ouro e prata em seus cascos;
Ai de mim, navio digno,
Há muitos meses estou ancorado,
Eu, navio de guerra bem construído,
Estou apodrecendo no porto,
Sem nunca ter navegado para conquistar;

183-186 Vermes roem minhas entranhas,
Fazem morada no meu casco,
E aves de mau agouro do céu
Constroem ninhos no meu cordame;

187-193 Rãs e lagartos da floresta
Brincam junto aos meus remos e ao leme;
Seria muito melhor para este navio
Ser uma bétula num vale,

Ou um álamo na charneca,
Com esquilos em seus galhos
E cães latindo debaixo deles!”

194-197 Wainamoinen, velho e fiel,
Assim falou ao navio ancorado:
“Não chores mais, belo navio,
Navio de guerra, não lamentes mais;

198-203 Tu navegarás até Sariola,
Cantarás as canções de guerra da Terra do Norte,
Navegarás conosco para um combate mortal.
Se o Criador te fez,
Poderás navegar pelas águas mais bravas,
Cruzar o oceano de lado;

204-207 Não precisas que uma mão te toque,
Nem que um pé te vire,
Não precisas de nada para te impulsionar.”
Assim respondeu o barco choroso:

208-211 “Não posso navegar sem ajuda,
Nem meus navios-irmãos
Navegam sozinhos pelas águas,
Cruzam as ondas sem serem impulsionados.”

212-217 Disse o velho Wainamoinen:
“Se eu te levar ao mar aberto,
Viajarás para o norte sem ajuda,

Navegarás sem remadores,
Sem a ajuda dos ventos do sul,
Sem o leme para te guiar?”

218-223 Assim respondeu o navio que lamentava:
“Não posso navegar sem ajuda,
Nem meus navios-irmãos
Navegam sem a ajuda de remadores,
Sem o auxílio dos ventos do sul,
Nem sem o leme para guiá-los.”

224-227 Estas foram as palavras de Wainamoinen:
“Avançarás com a ajuda dos remadores
Quando os ventos do sul ajudarem,
Guiado por um piloto hábil?”

228-234 Esta foi a resposta do navio de guerra:
“Posso cruzar estas águas depressa
Quando os remadores pegam nos remos,
Quando os ventos do sul enchem minhas velas,
Todos os meus belos navios-irmãos
Navegam pelo oceano com ajuda,
Quando o mestre segura o leme.”

235-241 Então o velho Wainamoinen
Deixou o corcel à beira-mar,
Amarrou-o à bétula sagrada,
Pendurou o arreio num salgueiro,

Rolou o navio até a água,
Cantou o navio para o mar aberto,
E fez ao barco esta simples pergunta:

242-245 "Ó navio de bela aparência,
Construído com poderoso carvalho,
És forte para levar tesouros,
Como parece indicar teu porte?"

246-250 Assim respondeu o belo navio:
"Sou forte para levar tesouros,
Um carregamento de ouro no meu casco;
Posso levar cem remadores
E mil guerreiros."

251-256 Wainamoinen, o mago,
Então começou a cantar suas maravilhas.
De um lado do navio mágico,
Cantou jovens de virtudes douradas,
Jovens barbudos com força de heróis,
E os fez surgir vestidos de cobre.

257-260 Do outro lado do navio,
Cantou donzelas adornadas de prata,
Cingiu-as com cintos de cobre,
Pôs anéis de ouro em seus dedos.

261-265 O grande mago cantou outra vez,
Encheu o navio mágico de heróis,
Heróis antigos, valentes e poderosos;

Cantou-os em espaços apertados,
Pois os jovens chegaram antes deles.

266-269 Sentou-se ele próprio ao leme,
Perto da última viga do navio,
Conduziu alegremente seu belo barco,
E assim falou ao navio prestativo:

270-274 "Desliza por águas sem caminhos,
Parte, meu navio mágico,
Cruza as ondas à tua frente,
Avança como uma bolha dançante,
Como uma flor sobre as ondas!"

275-280 Então o velho Wainamoinen
Pôs os jovens para remar,
E mandou as donzelas esperar.
Os jovens heróis, ansiosos,
Forçaram os remos e testaram os toletes,
Mas a distância não diminuiu.

281-286 Então o menestrel Wainamoinen
Pôs as donzelas para remar,
E mandou os jovens descansar.
As alegres donzelas, ansiosas,
Forçaram os remos de álamo,
Mas a distância não diminuiu.

287-292 Então o mestre Wainamoinen
Pôs os velhos para remar,
E mandou os jovens esperar.
Os heróis idosos remaram com vigor,
Forçaram e testaram os remos de álamo,
Mas a distância não diminuiu.

293-296 Então o ferreiro Ilmarinen
Agarrou os remos com sua magia,
E o barco saltou sobre as ondas,
Avançando depressa pelas águas;

297-302 Os remos ressoaram longe,
E a distância diminuiu depressa.
Com o estrondo e o rugido das águas,
Ilmarinen conduziu seu navio,
Rangendo bancos, costelas e toletes,
Ressoando ao longe os remos de álamo;

303-306 As velas batiam como asas de galos-do-mato,
E a proa mergulhava como um cisne branco;
Na popa, o navio grasnava como corvos,
Remos e cordame retiniam alto.

307-311 Logo o velho Wainamoinen,
Sentado junto ao leme curvo,
Virou seu navio mágico para a terra,
Em direção a um promontório saliente,
Onde se avistava uma aldeia da Terra do Norte.

312-321 Na ponta estava Lemminkainen,
Kaukomieli, o mago negro,
Ahti, feiticeiro de Wainola,
Desejando os peixes de Pohya,
Chorando por sua morada destinada,
Por suas aventuras perigosas,
Trabalhando duro num navio,
Nos mastros de um barco de pesca,
Perto da ponta e da ilha da fome,
Perto da aldeia deserta onde morava.

322-327 O mago tinha bons ouvidos,
E bons olhos para enxergar;
Olhou para o sudeste,
Virou os olhos para o poente,
Viu ao longe um arco-íris maravilhoso,
E, mais adiante, uma nuvenzinha suspensa;

328-335 Mas o arco era uma ilusão,
E a nuvenzinha, um engano;
Era um navio que navegava depressa,
Um navio de guerra que voava para o norte,
Sobre o dorso azul do mar aberto,
Pelas águas que se estendiam ao longe,
Com o mestre de pé ao leme,
E um poderoso herói nos remos.

336-340 Disse o imprudente Lemminkainen:
"Não conheço este navio maravilhoso,
Este navio de guerra bem construído,
Que vem da distante Suomi,
Remando para a hostil Pohya."

341-347 Então o selvagem Lemminkainen
Chamou em voz alta, com tom de trovão,
Pelas águas, na direção do navio;
Fez os montes distantes ecoarem
Com o som de seu chamado:
"De onde vem este navio nas águas,
De quem é o navio de guerra que vem para cá?"

348-353 Disse o mestre do navio
Ao imprudente Lemminkainen:
"Quem és tu, vindo do pântano ou da floresta,
Feiticeiro sem juízo das matas,
Que não reconheces este navio,
O navio mágico de guerra de Wainola?

354-358 Não reconheces quem está ao leme,
Nem o herói junto aos remos?"
Disse o feiticeiro Lemminkainen:
"Bem conheço quem dirige o leme,
E reconheço o remador;

359-363 Wainamoinen, velho e fiel,
Dirige o navio ao leme;
Ilmarinen está remando.
Para onde navega o navio,
Para onde vão, meus heróis?”

364-369 Disse o velho Wainamoinen:
“Estamos navegando para a Terra do Norte,
Para conquistar o Sampo mágico,
Para buscar a tampa colorida,
Da montanha de pedra de Pohyola,
Da montanha que guarda cobre.”

370-378 Disse o perverso Lemminkainen:
“Ó, bom e velho Wainamoinen,
Leva-me contigo a Pohyola,
Faz de mim o terceiro dos heróis mágicos,
Já que vais em busca do Sampo,
Em busca da tampa colorida;
Provarei ser um soldado valente
Quando tua sabedoria pedir combate;
Sou hábil nas artes da guerra!”

379-384 Wainamoinen, o velho menestrel,
Atendeu ao pedido de Ahti;
Então o selvagem Lemminkainen
Correu para o navio de guerra de Wainola,
Levando flutuadores de madeira de álamo
Para os navios de Wainamoinen.

385-389 Assim falou o herói da Terra do Norte
Ao imprudente Lemminkainen:
"Há álamo no meu navio,
Flutuadores de álamo em grande quantidade,
E o barco está muito carregado.

390-394 Por que trazes o álamo
Para o navio de Wainola?"
Lemminkainen deu esta resposta:
"Não é a cautela que faz um navio afundar,
Nem é por causa dos escoramentos que um monte de feno cai;

395-398 Os mares estão cheios de perigos ocultos,
Grandes tempestades surgem e ameaçam
Destruir por completo o marinheiro
Que ousa enfrentar as ondas furiosas."

399-404 Disse o bom e velho Wainamoinen:
"Por isso este navio de guerra
Foi construído de aço e cobre confiáveis,
Reforçado e revestido com ferro resistente,
Para que os ventos não o destruam,
Nem danifiquem meu navio mágico."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XL

✦

1-7 Väinämöinen, antigo menestrel,
Seguiu viagem em seu belo barco,
Da ilha de Lemminkäinen,
Das fronteiras da aldeia;
Guiou seu navio de guerra pelas águas,
Cantou sobre as ondas do oceano,
E seguiu alegre para Pohjola.

8-15 Nas margens, donzelas estavam de pé,
E as filhas disseram estas palavras:
“Escutem a música sobre as águas!
Que alegria maravilhosa é essa,
Que canto sobre as ondas?
Esse canto é muito mais belo,
Essa alegria sobre as águas,
Do que nossos ouvidos já ouviram no Norte.”

16-20 Väinämöinen, o mago,
Seguiu adiante em seu barco maravilhoso,
Navegou um dia ao longo da costa,
No dia seguinte, por águas rasas,
No terceiro dia, pelos rios.

21-25 Então o imprudente Lemminkäinen
Subitamente se lembrou de algumas palavras,
Que ouvira junto à corrente de fogo,
Perto da catarata e do redemoinho,
E o herói pronunciou estas palavras:

26-33 "Cale-se, ó catarata, pare de rugir,
Cale-se, ó cachoeira, pare de espumar!
Donzelas da espuma e da corrente,
Sentadas nas pedras dentro d'água,
Nos blocos de pedra do rio,
Tomem nos braços a espuma e as ondas de cristas brancas
E acalmem sua fúria,
Para que nossos barcos passem em segurança!

34-40 Anciã sob o redemoinho,
Tu que vives na espuma do mar,
Ergue-te nadando acima das águas,
Levanta a cabeça acima do redemoinho,
Reúne bem a espuma e as ondas
Nos teus braços e acalma sua fúria,
Para que nosso barco passe em segurança!

41-45 Vós, ó pedras sob a corrente,
Debaixo das águas furiosas,
Abaixai bem vossas cabeças perigosas,
Afundai sob nosso barco mágico,
Para que nosso barco passe em segurança!

46-51 “Se esta súplica não bastar,
Kimmo, herói, filho de Kammo,
Fura uma saída com tua broca,
Abre um canal para este barco
Pelas pedras sob as águas,
Para que nosso barco passe em segurança!

52-57 Se tudo isso não adiantar,
Senhora das águas correntes,
Transforma em musgo estas saliências rochosas,
Transforma este barco numa bolsa de ar,
Para que entre as pedras e as ondas
Ele flutue e passe em segurança!

58-64 “Virgem do redemoinho sagrado,
Tu cujo lar fica no rio,
Fia do linho da fibra mais forte,
Fia um fio de cor vermelha,
Passa-o suavemente pela água,
Para que nosso barco siga o fio,
E passe em segurança!

65-72 Deusa do leme, filha
Dos ventos do oceano e da espuma do mar,
Toma teu leme cheio de misericórdia,
Guia nosso barco por estes perigos,
Apressa-te por estas cheias encantadas,

Passando pela casa da inveja,
Pelos portões dos feiticeiros,
Para que nosso barco passe em segurança!

73-79 "Se esta súplica não bastar,
Ukko, Senhor da criação,
Guia nosso barco com tua espada de fogo,
Guia-o com tua lâmina de relâmpago,
Pelos perigos destas corredeiras,
Pela catarata e pelo redemoinho,
Para que nosso barco passe em segurança!"

80-83 Então o velho Väinämöinen
Guiou seu barco pelos ventos e pelas águas,
Pelas fendas e canais entre as pedras,
Pelas ondas que se agitavam com violência;

84-90 E o barco passou em segurança
Pelos perigos da corrente,
Pela corrente sagrada e pelo redemoinho.
Ao alcançar as águas abertas,
Chegar enfim ao meio do vasto lago,
Subitamente parou de avançar,
Preso firmemente a algum objeto.

91-96 Então o jovem Ilmarinen,
Com a ajuda de Lemminkäinen,
Mergulhou no lago para soltar o leme,

Lutou com a ajuda da magia;
Mas não conseguiu mover o barco,
Nem soltá-lo da amarra.

97-106 Väinämöinen, velho e verdadeiro,
Assim falou ao companheiro:
"Ó herói, Lemminkäinen,
Abaixa-te e olha sob este navio de guerra,
Vê a que este barco está preso,
Vê em que nossa embarcação está enganchada,
Nesta vasta extensão de água,
Nas partes mais profundas do grande lago,
Se está presa a alguma pedra ou toco,
Ou a algum outro obstáculo."

107-110 Então o impetuoso Lemminkäinen
Olhou sob o barco mágico,
Perscrutando as águas cristalinas,
Falou e pronunciou estas palavras:

111-115 "Não está repousado num banco de areia,
Nem numa pedra, nem num toco,
Mas nas costas e nos ombros
Do enorme lúcio do Norte,
Nas espinhas das nadadeiras do monstro."

116-119 Väinämöinen, velho e confiável,
Disse estas palavras a Lemminkäinen:
"Muitas coisas encontramos na água:

Pedras, árvores, peixes e patos-do-mar;

120-123 Se estamos nos largos ombros do lúcio,
Nas espinhas das nadadeiras do monstro,
Fura as águas com tua espada larga,
Corta o monstro em pedaços.”

124-129 Então o impetuoso Lemminkäinen,
Feiticeiro imprudente, cheio de coragem,
Puxou do cinto sua espada larga,
Da bainha, a lâmina que corta ossos,
Golpeou com a força de um herói mágico,
E caiu de cabeça na água;

130-136 E o ferreiro Ilmarinen
Ergueu o feiticeiro do rio,
E disse estas palavras a Ahti, encharcado:
“Acidentes acontecem aos mortais,
Acidentes acontecem aos heróis,
Às centenas, aos milhares,
Até aos deuses lá de cima!”

137-143 Então o ferreiro Ilmarinen
Tirou do cinto sua espada larga,
Da bainha, sua lâmina de honra,
Tentou matar o lúcio do Norte
Com a arma que ele mesmo forjara;
Mas quebrou a espada em pedaços,
Sem ferir o monstro das águas.

144-152 Väinämöinen, velho e confiável,
Assim falou aos companheiros:
"Que heróis mais lamentáveis!
Quando chega a hora de vencer,
Quando precisamos de um grande mago,
Precisamos de um herói cheio de coragem,
O braço que aparece é fraco,
A mente, insana ou sem juízo,
E a força e a razão foram parar com outros!"

153-159 Logo o antigo Väinämöinen,
Prodígio de força e sabedoria,
Tirou do cinto sua espada de fogo,
Empunhou a poderosa lâmina mágica,
Golpeou as águas como um raio,
Golpeou o lúcio sob o barco,
E atravessou o enorme monstro;

160-165 Ergueu-o acima da superfície,
Fez o lúcio girar no ar,
Cortou o monstro em pedaços;
A cauda do lúcio caiu na água,
A cabeça e o corpo, no barco;
E o barco seguiu viagem sem dificuldade.

166-170 Väinämöinen, velho e fiel,
Guiou seu barco até a margem,
Ancorou-o na praia,

Olhou em cada canto e recanto
À procura dos pedaços do monstro;

171-175 Reuniu bem as partes,
E disse aos que estavam ao redor:
"Que o mais velho dos heróis
Corte para mim o lúcio do Norte,
Divida o peixe em pedaços adequados."

176-179 Todos os homens e heróis responderam,
E as donzelas falaram, concordando:
"Mais dignos são os dedos de quem o pescou;
As mãos de Väinämöinen são sagradas!"

180-186 Então o sábio mago
Tirou do cinto uma faca de peixe,
Cortou o lúcio em pedaços adequados,
E voltou a dizer aos que estavam ao redor:
"Que a mais jovem das donzelas
Cozinhe para mim o lúcio do Norte,
E prepare um belo jantar!"

187-190 Todas as donzelas responderam depressa,
Todas as virgens disputaram a tarefa de cozinhar;
Nenhuma superou a outra,
E assim o lúcio ficou delicioso.

191-195 Todos os velhos magos se banquetearam,
Todos os heróis mais jovens se banquetearam,
Todos os homens e donzelas se banquetearam;

Nas pedras ficaram as espinhas do peixe,
Únicos restos do banquete.

196-199 Väinämöinen, antigo menestrel,
Olhou para o monte de restos,
Contemplou as espinhas e refletiu,
E disse estas palavras, pensativo:

200-204 "Coisas maravilhosas poderiam ser feitas
Com os restos deste monstro,
Se estivessem na forja do ferreiro,
Nas mãos do mago,
Nas mãos de Ilmarinen."

205-209 Disse o ferreiro de Wainola:
"Nada de bom se pode fazer
Com espinhas e dentes de peixe,
Pela habilidade do ferreiro-artista,
Nem pelas mãos do mago."

210-215 Estas foram as palavras de Väinämöinen:
"Algo maravilhoso poderia ser feito
Com estas mandíbulas, dentes e espinhas;
Poderia ser feita uma harpa mágica,
Se encontrássemos um artista
Que lhe desse a forma que desejo."

216-220 Mas não encontrou artista de ossos de peixe
Que pudesse moldar a harpa da alegria
Com os restos do banquete,

Com as mandíbulas do monstro,
Segundo a vontade do mago.

221-225 Então o sábio Väinämöinen
Pôs-se a trabalhar no projeto;
Logo se tornou um artista de ossos de peixe,
Fez uma harpa de beleza maravilhosa,
Alegria duradoura e orgulho da Finlândia.

226-229 De onde vieram as curvas encantadoras da harpa?
Das mandíbulas do monstro.
De onde vieram as cravelhas necessárias?
Dos dentes do lúcio, firmemente presos.

230-235 De onde vieram as cordas de doce canto?
Da cauda do cavalo de Lempo.
Assim nasceu a harpa mágica
Do enorme lúcio do Norte,
Dos restos do banquete
Dos heróis de Wainola.

236-242 Todos os jovens vieram vê-la,
Todos os velhos com seus filhos,
Mães com suas belas filhas,
Donzelas de cabelos dourados;
Toda a gente das ilhas
Veio ver a harpa da alegria,
Orgulho e beleza do Norte.

243-248 Väinämöinen, antigo menestrel,
Deixou os velhos experimentarem as cordas,
Deu-a aos jovens magos,
Às senhoras e às suas filhas,
Às donzelas enfeitadas de prata,
Aos cantores de Wainola.

249-252 Quando os jovens tocaram as cordas da harpa,
Surgiram notas dissonantes;
Quando os velhos tocaram,
Só produziram sons desafinados.

253-258 Disse o feiticeiro Lemminkäinen:
"Ó crianças tolas e inúteis,
Ó donzelas sem juízo e sem préstimo,
Ó heróis sem sabedoria,
Não conseguem tocar esta harpa mágica,
Nem produzir notas harmoniosas!

259-268 Entreguem-me esta coisa bela,
Tragam para cá a harpa de ossos de peixe,
Deixem-me experimentar meus dedos hábeis."
Lemminkäinen tocou as cordas da harpa,
Ajustou-as com cuidado,
Virou a harpa em todas as direções,
Dedilhou todas as cordas em sequência,
Tocou o instrumento maravilhoso,
Mas ele não soou em harmonia,
Nem cantou notas de alegria.

269-277 Disse o antigo Väinämöinen:
"Não há entre estas donzelas,
Nem entre estes jovens heróis,
Nem entre os velhos magos,
Quem saiba tocar a harpa mágica,
Tirando notas de alegria e prazer.
Levemos a harpa a Pohya,
Para encontrar um músico hábil
Que faça as cordas soarem em harmonia."

278-284 Então navegaram até Sariola,
Levaram a maravilha para Pohyola,
Para encontrar um mestre para a harpa.
Todos os heróis de Pohyola,
Todos os rapazes e donzelas,
Velhas senhoras e menestréis barbados,
Tocaram em vão a bela harpa.

285-289 Louhi, senhora do Norte,
Tomou as cordas da harpa entre os dedos;
Todos os jovens de Sariola,
Jovens de todas as tribos e posições,
Tocaram em vão a harpa de ossos de peixe;

290-293 Não conseguiram encontrar as notas de alegria,
Só produziram sons desafinados;
As cordas da harpa gritavam como vendavais,
Todos os sons eram ásperos e assustadores.

294-297 Num canto dormia um cego,
Um velho grisalho jazia sobre o forno,
Despertando de seu leito de sono,
Murmurou assim do seu canto:

298-302 "Parem já com essa música horrível,
Ponham fim a toda essa discórdia;
Ela entorpece meus ouvidos,
Atormenta minha mente, perturba meus sentidos,
Rouba de mim as delícias do sono.

303-311 Se a harpa do povo da Finlândia
Não consegue despertar verdadeiro prazer,
Não consegue trazer notas agradáveis,
Nem fazer os velhos adormecerem,
Atirem essa coisa nas águas,
Afundem-na nas profundezas do oceano,
Levem-na de volta a Kalevala,
À casa de quem a fez,
Às mãos de seu criador."

312-318 Então a harpa respondeu,
E cantou estas palavras ao cego:
"Não cairei nas águas,
Nem afundarei no oceano;
Tocarei para meu criador,
Cantarei em melodia e harmonia
Sob os dedos do meu mestre."

319-322 Com cuidado, levaram a harpa
Ao artista que a havia feito,
Às mãos de seu criador,
Aos pés de Väinämöinen.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLI

✦

1-7 Väinämöinen, antigo menestrel,
O eterno cantor da sabedoria,
Lava as mãos até ficarem brancas como a neve,
Senta-se na rocha da alegria,
Acomoda-se na pedra do canto,
No monte de brilho prateado,
No cume de cor dourada;

8-12 Pega a harpa que criou,
A harpa de espinha de peixe em suas mãos,
Sustenta o arco com o joelho,
Toma as cordas da harpa entre os dedos,
E diz estas palavras aos reunidos:

13-16 "Venham cá, povo da Terra do Norte,
Venham ouvir meu toque,
As melodias encantadoras da harpa,
Meus cantos de alegria e felicidade."

17-21 Então o cantor de Wainola
Pegou a harpa que criara,
Ajustou-a depressa, afinou-a com doçura,
Manejou com destreza os dedos habilidosos
Nas cordas que havia feito.

22-28 Agora a alegria se somava à alegria,
E a harmonia do prazer
Ecoava pelos montes e montanhas:
Ao toque, juntou-se o canto,
Da alegria brotava mais alegria,
A música maravilhosa ressoava,
E toda a Terra do Norte parou para escutar.

29-33 Toda criatura da floresta,
Todos os animais que habitam os bosques,
Vieram saltitando com patas ligeiras,
Vieram ouvir seu toque,
Vieram escutar seus cantos de alegria.

34-38 Os esquilos saltaram dos galhos,
Alegres, da bétula para o álamo;
Os arminhos subiram nas cercas,
Os alces saltaram pelas planícies,
E os linces ronronaram de prazer;

39-45 Lobos despertaram nos pântanos distantes,
Saltaram sobre brejos e charnecas,
E o urso abandonou sua toca,
Deixou seu covil no pinheiral,
Parou junto a uma cerca para escutar,
Apoiou-se nos postes do portão,
Mas os postes cederam sob seu peso;

46-49 Agora ele sobe pelos galhos do abeto
Para se deleitar e se maravilhar,
Sobe e escuta a música
Da harpa de Väinämöinen.

50-56 O ancião mais sábio de Tapiola,
O mais nobre senhor de Metsola,
E o povo de Tapio,
Jovens e idosos, homens e donzelas,
Voaram como renas pelas montanhas
Para ouvir o toque,
A harpa de Väinämöinen.

57-65 A senhora mais sábia de Tapiola,
Anfitriã do vale e da floresta,
Vestiu-se de azul e escarlate,
Atou os membros com fitas de seda,
Sentou-se no alto da mata,
Nos galhos de uma bétula,
Para ouvir o toque,
A harpa do herói nobre,
Os cantos de Väinämöinen.

66-69 Todas as aves que voam pelo céu
Caíram como flocos de neve,
Voaram para ouvir o toque do menestrel,
Ouvir a harpa de Väinämöinen.

70-73 As águias em seus altos ninhos
Ouviram os cantos do encantador;
Deixaram depressa seus filhotes ainda sem penas,
Voaram e pousaram ao redor do menestrel.

74-77 Do alto desceram os falcões,
Das nuvens mergulhou o gavião,
Patos ergueram voo das águas interiores,
Cisnes vieram deslizando dos pântanos;

78-84 Pequenos tentilhões, verdes e dourados,
Voaram em bandos que escureceram a luz do sol,
Vieram aos milhares para escutar,
Pousaram na cabeça e nos ombros
Do encantador Väinämöinen,
Cantando docemente ao som
Do antigo bardo e menestrel.

85-90 E as filhas do firmamento,
Filhas muito queridas da Natureza,
Escutavam todas, arrebatadas;
Algumas estavam sentadas no arco-íris,
Outras sobre as nuvenzinhas escarlates,
Outras na abóbada do céu.

91-98 Nas mãos, as belas filhas da Lua
Seguravam seus pentes de tecer, feitos de prata;
Nas mãos, as doces donzelas do Sol
Seguravam os cabos de suas rocas,

Tecendo com lançadeiras de ouro,
Fiando em seus fusos de prata,
Nas bordas vermelhas das nuvenzinhas,
No arco de muitas cores.

99-104 Ao ouvirem o toque do menestrel,
Ao ouvirem a harpa de Väinämöinen,
Deixaram cair depressa os pentes de prata,
Deixaram os fusos escapar dos dedos,
E os fios de ouro se romperam,
Romperam-se os fios de prata.

105-108 Todos os peixes das águas da Finlândia
Ouviram os cantos do feiticeiro,
Vieram com as nadadeiras voando para escutar
A harpa de Väinämöinen.

109-113 Veio a truta com movimentos graciosos,
Cães-d'água com movimentos desajeitados,
O salmão veio dos penhascos da água,
O badejo veio das grutas do mar,
E o peixe-agulha, das cavernas mais fundas;

114-119 O lúcio veio dos leitos de algas marinhas,
Peixinhos de olhos escarlates,
Apoiados nos juncos e caniços,
Com a cabeça acima da superfície;
Vieram ouvir a harpa da alegria,
Escutar os cantos do encantador.

120-126 Ahto, rei de todas as águas,
Antigo rei de barba feita de algas,
Ergueu a cabeça acima das ondas,
Numa barca de lírios-d'água,
Deslizou em silêncio até a costa,
Escutou o canto maravilhoso,
A harpa de Väinämöinen.

127-132 Estas foram as palavras do rei do mar:
"Nunca ouvi um toque assim,
Nunca ouvi melodias assim,
Nunca, desde que o mar foi criado,
Como os cantos deste encantador,
Deste doce cantor, Väinämöinen."

133-139 As filhas de Satko vieram do azul profundo,
Irmãs das saliências banhadas pelas ondas,
Sentaram-se nas praias coloridas,
Alisando as madeixas verde-mar
Com pentes de prata derretida,
Com escovas de cabos de prata,
Escovas forjadas com cerdas de ouro.

140-146 Quando ouvem o toque mágico,
Ouvem a harpa de Väinämöinen,
Suas escovas caem nas ondas,
Caem os pentes de cabos de prata

Até o fundo das águas,
E suas cabeças ficam sem enfeites,
Com as madeixas verde-mar sem pentear.

147-152 Veio a anfitriã das águas,
Antiga anfitriã vestida de flores,
Erguendo-se de seu castelo nas profundezas,
Nadou maravilhada até a praia,
Escutou o toque do menestrel,
A harpa de Väinämöinen.

153-158 Quando os sons mágicos ecoaram,
Quando o canto do cantor se espalhou,
A anfitriã adormeceu,
Nas rochas de muitas cores,
Em seu leito aquático de alegria,
E um sono profundo tomou conta dela.

159-165 Väinämöinen, antigo menestrel,
Tocou um dia e depois um segundo,
Tocou o terceiro, da manhã até a tarde.
Não havia homem nem herói,
Nem anciã, nem donzela,
Nem filha em Metsola,
Que ele não fizesse chorar;

166-170 Choraram os jovens e os idosos,
Choraram as mães, choraram as filhas,
Choraram os guerreiros e os heróis

Ao som de seu toque,
Aos cantos do feiticeiro.

171-177 As lágrimas de Väinämöinen começaram a correr,
Brotando dos olhos do mestre,
Gotas de lágrimas como pérolas desciam,
Maiores que as amoras-do-mato,
Mais finas que as pérolas do oceano,
Mais lisas que os ovos das galinholas,
Mais brilhantes que os olhos das andorinhas.

178-187 As lágrimas começaram a brotar-lhe dos olhos,
Desceram por seu rosto sulcado,
Caíram da barba em pequenos riachos,
Gotejaram em seu peito arfante,
Escorreram pelo cinto dourado,
Correram até a barra da roupa,
Depois passaram por baixo dos sapatos de arminho,
Continuaram a correr, sem parar,
Uma parte para a terra, que a recebeu,
Outra para a água, que a acolheu.

188-193 Quando as lágrimas caíram e se juntaram,
Formaram riachos que vinham dos olhos
Do menestrel Väinämöinen,
Até a margem arenosa do lago azul,
Até as profundezas das águas cristalinas,
Perdendo-se entre os juncos e caniços.

194-198 Por fim falou o antigo menestrel:
"Há alguém nesta multidão,
Alguém em toda esta grande assembleia
Que possa recolher minhas lágrimas
Das águas profundas e cristalinas?"

199-204 Assim responderam os jovens heróis,
Assim responderam os anciãos barbados:
"Não há ninguém nesta multidão,
Ninguém em toda esta grande assembleia
Que possa recolher tuas lágrimas
Das águas profundas e cristalinas."

205-208 Falou de novo o sábio Väinämöinen:
"Quem recolher minhas lágrimas
Das profundezas das águas cristalinas
Receberá uma bela plumagem."

209-215 Veio um corvo, voando e grasnando,
E o menestrel assim lhe falou:
"Traga, ó corvo, traga minhas lágrimas
Das profundezas do lago cristalino;
Eu lhe darei uma bela plumagem,
Recompensa por um serviço valioso."
Mas o corvo falhou com seu senhor.

216-224 Veio um pato pelas águas,
E o herói assim lhe falou:
"Traga, ave aquática, minhas lágrimas;

Muitas vezes mergulhas no mar profundo,
Afundas o bico até o fundo
Das águas por onde passas;
Mergulhe outra vez para recolher minhas lágrimas,
Eu lhe darei uma bela plumagem,
Recompensa por um serviço valioso."

225-230 Então o pato partiu,
Nadou de um lado para o outro, em círculos,
Mergulhou sob a espuma e as ondas,
Recolheu as lágrimas de Väinämöinen
Do fundo pedregoso do mar azul,
Das águas profundas e cristalinas;

231-239 Levou-as ao grande feiticeiro,
Lindamente moldadas e coloridas,
Brilhando à luz prateada do sol,
Cintilando ao luar dourado,
Com as muitas cores do arco-íris,
Adornos dignos de heróis,
Joias para belas donzelas.
Esta é a origem das pérolas do mar
E da bela plumagem do pato-azul.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLII

✦

1-9 Väinämöinen, velho e sincero,
Com o ferreiro Ilmarinen,
Com o filho imprudente de Lempo,
O belo herói Kaukomieli,
Partiram pela superfície lisa do mar,
Pelas águas que se estendiam ao longe,
Para a aldeia fria e desolada,
Para a Terra do Norte, sempre sombria,
Onde os heróis caem e perecem.

10-13 Ilmarinen guiava os remadores
De um lado do navio de guerra mágico,
E o imprudente Lemminkäinen
Guiava os remadores do outro.

14-20 Väinämöinen, velho e fiel,
Pôs a mão no leme,
Conduziu seu barco pelas águas,
Entre a espuma e as ondas furiosas,
Até o ancoradouro de Pohyola,
Até os rolos de cobre,
Onde os navios de guerra ficam ancorados.

21-27 Quando chegaram a Pohya,
Quando terminaram a viagem,
Puxaram o barco para a terra,
Sobre os rolos revestidos de cobre,
E logo seguiram para a aldeia,
Apressaram-se até as casas e povoados
Da sombria Sariola.

28-32 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Assim falou aos heróis estrangeiros:
"Heróis mágicos de Wainola,
Que notícias vocês trazem
Ao povo da minha aldeia?"

33-37 Väinämöinen, antigo menestrel,
Respondeu à anfitriã:
"Todo o povo de Kalevala
Está perguntando pelo Sampo,
Pedindo a tampa colorida;

38-42 Estes heróis vieram até aqui
Para dividir o tesouro precioso."
Assim respondeu a anfitriã:
"Ninguém dividiria uma perdiz,
Nem um esquilo, entre três heróis;

43-48 Maravilhoso é o mágico Sampo,
Ele traz fartura à Terra do Norte;
E a tampa colorida ecoa

Das montanhas ricas em cobre,
Da montanha rochosa de Pohyola,
Para alegria de quem a possui.”

49-55 Väinämöinen, antigo menestrel,
Assim falou à velha Louhi:
“Se não queres dividir o Sampo,
Dá-nos uma parte igual,
Vamos levá-lo para Wainola,
Com sua tampa de muitas cores,
Tomaremos à força a esperança de Pohya.”

56-62 Então a anfitriã da Terra do Norte
Ficou furiosa e suspirou por vingança;
Chamou seu povo para uma reunião,
Chamou o povo de Sariola,
Heróis com suas espadas confiáveis,
Para destruir o velho Väinämöinen
E seu povo da Terra do Norte.

63-68 Väinämöinen, sábio e velho,
Correu para sua harpa de osso de peixe
E começou a tocar sua música mágica;
Todo o povo de Pohya parou para ouvir,
Cada guerreiro ficou em silêncio
Com as notas do mágico;

69-72 Os soldados ficaram tranquilos,
Todas as donzelas dançaram de alegria,
Enquanto os heróis começaram a chorar,
E os jovens olharam admirados.

73-76 Väinämöinen toca sem parar,
Toca até as donzelas adormecerem,
Faz jovens e velhos dormirem,
E toda a Terra do Norte dorme e escuta.

77-84 Sábio e extraordinário Väinämöinen,
O eterno poeta e cantor,
Procura em sua bolsa de couro,
Tira dali suas flechas do sono,
Fecha as pálpebras dos adormecidos,
Dos heróis de Pohyola,
Canta e enfeitiça, fazendo dormir mais fundo
Todos os guerreiros da Terra do Norte.

85-90 Então os heróis de Wainola
Apressam-se para pegar o Sampo,
Para tirar a tampa colorida
Das montanhas ricas em cobre.
De trás das nove fechaduras de cobre,
Na montanha rochosa de Pohyola.

91-98 Väinämöinen, antigo menestrel,
Começou então seu canto extraordinário,
Cantou em suaves tons mágicos,

Na entrada da montanha,
Na fronteira da fortaleza;
Todos os portais de pedra tremeram,
E os pilares reforçados com ferro
Caíram e se despedaçaram com seu canto.

99-104 Ilmarinen, ferreiro mágico,
Untou bem todas as dobradiças,
Untou todas as barras e fechaduras,
E os ferrolhos se abriram por magia,
Todos os portões destrancaram-se em silêncio,
Abrindo passagem para o grande mágico.

105-110 Falou o menestrel Väinämöinen:
"Ó destemido Lemminkäinen,
Meu amigo nos tempos difíceis,
Entra na montanha,
Traz de volta o maravilhoso Sampo,
Traz de volta a tampa colorida!"

111-116 Logo o imprudente Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli,
Sempre pronto para uma aventura,
Apressou-se para as cavernas da montanha,
Para encontrar o famoso Sampo,
Para pegar a tampa colorida;

117-123 Avança com passos confiantes,
E se gaba em vão:
“Sou grande e cheio de glória,
Herói extraordinário, filho de Ukko,
Vou levar o Sampo,
Vou virar a tampa colorida,
Vou girá-la nas dobradiças mágicas!”

124-127 Lemminkäinen encontra a maravilha,
Encontra o Sampo na montanha,
Trabalha muito, com força heroica,
Puxa com toda a força para virá-lo;

128-131 O tesouro não se move,
A tampa colorida afunda ainda mais,
Pois suas raízes cresceram ao redor,
Cresceram nove braças na areia.

132-136 Havia um boi poderoso na Terra do Norte,
Forte de ossos e tendões,
Belo na forma e na cor,
Com chifres de sete braças,
Boca e olhos de beleza extraordinária.

137-143 Lemminkäinen, herói imprudente,
Atrelou o boi no pasto,
Pegou o arado de Pohya,
Arou as raízes ao redor do Sampo,

Arou em volta da tampa colorida,
E o sagrado Sampo se soltou,
A tampa colorida caiu em silêncio.

144-151 Logo o velho Väinämöinen
Levou o ferreiro Ilmarinen,
Levou o destemido Lemminkäinen,
E por fim levou o mágico Sampo,
Da montanha rochosa de Pohyola,
Da montanha rica em cobre,
Escondeu-o no barco que o esperava,
No navio de guerra de Wainola.

152-156 Väinämöinen chamou seu povo,
Chamou sua tripulação de homens e donzelas,
Reuniu todos os seus heróis,
Puxou o barco até a água,
Para o mar profundo, cheio de ondas e perigos.

157-161 Falou o ferreiro Ilmarinen:
"Para onde levaremos o Sampo,
Para onde levaremos a tampa colorida,
Da montanha rochosa de Pohyola,
Deste lugar maligno da Terra do Norte?"

162-167 Väinämöinen, sábio e fiel,
Respondeu à pergunta:
"Levaremos o Sampo

E a tampa colorida
Até o cabo enevoado no mar,
Até a ilha coberta de floresta;

168-171 Lá o tesouro poderá ficar escondido,
Poderá permanecer em paz por eras,
Livre de problemas e perigos,
Onde a espada não o incomodará."

172-175 Então o menestrel Väinämöinen,
Feliz, partiu das terras de Pohya,
Navegou para casa, de coração alegre,
E, ao partir, cantou estes versos:

176-183 "Vira, navio de guerra, para longe de Pohya,
Dá as costas aos estrangeiros,
Volta para minha terra distante!
Balançai, ventos, meu barco mágico,
Levai meu navio para casa, ondas,
Ajudai os remadores,
Facilitai o trabalho dos remadores,
Nesta vasta extensão de águas!

184-191 Dá-me teus remos, ó Ahto,
Ajuda-me, ó Rei das ondas do mar,
Guia-nos em segurança como com teu leme,
Põe a mão no timão,
E conduz nosso navio de guerra para casa;

Que os ganchos de metal tilintem
Sobre as ondas revoltas,
Sobre a agitação das ondas de crista branca."

192-199 Então o capitão Väinämöinen
Guiou para casa seu barco obediente;
E o ferreiro Ilmarinen,
Com o animado Lemminkäinen,
Guiou o poderoso grupo de remadores,
E o navio de guerra deslizou para casa
Sobre a superfície tranquila do mar,
Sobre a vasta extensão das águas.

200-206 Falou o imprudente Lemminkäinen:
"Uma vez já naveguei por estas ondas,
Havia comida para os heróis,
Havia cantos para as donzelas;
Mas hoje não ouço canto algum,
Não ouço canções no barco,
Não ouço música nas águas."

207-210 Väinämöinen, sábio e velho,
Respondeu ao impetuoso Lemminkäinen:
"Ninguém deve cantar no mar azul,
Nem festejar sobre as águas;

211-216 Cantar prolongaria nossa viagem,
As canções atrapalham os remadores;
Logo a luz prateada do sol vai morrer,

Logo a escuridão nos alcançará,
Nesta terrível extensão de águas,
Neste mar azul, liso e tranquilo."

217-222 Estas foram as palavras de Lemminkäinen:
"O tempo voa com as mesmas asas,
Haja canto ou silêncio;
Logo a luz do dia desaparecerá,
E a noite virá em seguida,
Estejamos tristes ou alegres."

223-228 Väinämöinen, o mágico,
Sobre o dorso azul das ondas,
Navegou um dia, depois um segundo,
E navegou o terceiro, da manhã até a noite,
Quando o feiticeiro Lemminkäinen
Falou de novo com o capitão:

229-232 "Por que não cantas mais, famoso menestrel,
Para teu povo,
Agora que capturaste o Sampo,
E também a tampa colorida?"

233-237 Estas foram as palavras de Väinämöinen:
"Não convém cantar cedo demais!
Ainda haverá tempo para canções alegres
Quando avistarmos as casas da nossa terra,
Quando nossa viagem terminar!"

238-243 Falou o imprudente Lemminkäinen:
"Se eu estivesse no leme,
Cantaria de manhã e à noite,
Embora minha voz não seja muito doce;
Como tu não cantas,
Escuta meu canto extraordinário!"

244-247 Então o impetuoso Lemminkäinen,
O belo herói Kaukomieli,
Ergueu a voz sobre as águas,
E seu canto ressoou pelo mar;

248-252 Mas seus versos eram desafinados,
E suas notas, ásperas e assustadoras.
Cantou o feiticeiro Lemminkäinen,
Gritou o imprudente Kaukomieli,
Até o poderoso navio de guerra tremer;

253-256 Seu canto foi ouvido longe,
Suas canções foram ouvidas nas águas,
Foram ouvidas na sétima aldeia,
E além dos sete oceanos.

257-261 Um grou estava sentado entre os juncos,
Num montículo coberto de verde,
Contava os dedos dos pés;
Subitamente, ouviu o canto
Do feiticeiro Lemminkäinen;

262-270 E o pássaro se assustou, com razão,
Com as canções do mágico.
Então, soltando um grito horrível,
O grou voou sobre o vasto mar
Até os lagos de Sariola,
Sobre as colinas e aldeias de Pohyola,
Gritando e grasnando pela Terra do Norte,
Até que o povo da escuridão
Acordou de seu sono.

271-275 Louhi corre para os cercados,
Corre para o gado,
Também corre para os celeiros,
Conta o rebanho e examina o armazém;
Encontra seus tesouros intactos.

276-280 Depressa, vai até a entrada
Da montanha rica em cobre,
E, ao se aproximar, diz:
"Ai de mim, que destino cruel!
Ai de Louhi, de coração partido!

281-287 Aqui estão os rastros dos saqueadores,
Todas as minhas fechaduras e trancas foram quebradas
Pelas mãos de cruéis estrangeiros!
Minhas dobradiças de ferro foram quebradas,
Os portais da montanha estão abertos,
Dando acesso ao tesouro da Terra do Norte.
Pohyola perdeu seu Sampo?"

288-294 Então correu para as câmaras
Onde o Sampo moía;
Mas encontrou as câmaras vazias,
A tampa e o Sampo tinham sido levados,
Da montanha rochosa de Pohyola,
De trás das nove fechaduras de cobre,
Na montanha rica em cobre.

295-299 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Ficou furiosa e clamou por vingança;
Ao ver sua glória desaparecer,
E sua força se esvair depressa,
Falou assim à virgem da névoa do mar:

300-308 "Filha das brumas da manhã,
Peneira tuas névoas das nuvens distantes,
Peneira o ar espesso dos céus,
Peneira teus vapores do éter,
Sobre o dorso azul do vasto mar,
Sobre as águas que se estendem ao longe,
Para que o velho Väinämöinen,
Amigo das ondas e das vagas,
Não consiga despistar seus perseguidores!

309-316 "Se esta prece não adiantar,
Iku-Turso, filho da Velhice,
Ergue a cabeça acima das ondas,
E destrói os heróis de Wainola,
Afunda-os em teus castelos submarinos,

E devora-os à vontade;
Traz de volta o Sampo dourado
Para o povo de Pohyola!

317-326 "Se estas palavras não surtirem efeito,
Ukko, o mais poderoso dos governantes,
Rei dourado além do céu,
Sentado num trono de prata,
Enche teus céus de nuvens carregadas,
Chama para junto de ti os ventos mais velozes,
Envia-os pelos sete vastos mares,
Para encontrarem o barco em fuga,
Para que o velho Väinämöinen
Não consiga despistar seus perseguidores!"

327-332 Logo a virgem das brumas
Soprou a névoa sobre as águas,
Fez com que cobrisse o navio de guerra
Dos heróis da Terra do Norte,
E deixou o menestrel Väinämöinen
Preso, ancorado na névoa e na escuridão;

333-337 Prendeu-o por um dia, depois por um segundo,
E por um terceiro, até o amanhecer,
No meio do mar azul,
De onde ele não podia fugir em segurança
Da fúria de seus perseguidores.

338-345 Quando a terceira noite passou,
Repousando no mar, sem poder agir,
Väinämöinen falou assim:
"Nenhum homem forte e corajoso,
Nem mesmo o mais fraco dos heróis,
Deve sofrer no mar,
Afundar e perecer nas brumas,
Perecer na névoa e na escuridão!"

346-352 Golpeou as ondas com sua espada,
E mel escorreu de sua lâmina mágica;
Logo a névoa se rompeu e subiu,
Deixando as águas livres para os remos;
Céu e águas se estendiam ao longe,
O horizonte formava um grande círculo,
E o mar revolto se alargava.

353-359 O tempo mal havia passado,
Quase nenhum instante tinha transcorrido,
Quando ouviram um rugido poderoso,
Um rugido e um estrondo
Perto da borda do barco,
Onde a espuma subia aos céus
Sobre o barco de Väinämöinen.

360-364 Logo o jovem Ilmarinen
Foi tomado por grande apreensão,
O sangue sumiu de suas faces;

Puxou o gorro sobre a testa,
E tremeu de emoção.

365-369 Väinämöinen, antigo menestrel,
Olhou para as águas
Perto da larga borda de seu navio de guerra;
Ali viu uma criatura extraordinária do mar,
Com a cabeça acima da espuma.

370-377 Väinämöinen, corajoso e poderoso,
Agarrou depressa o monstro das águas,
Levantou-o pelas orelhas e perguntou:
"Iku-Turso, filho da Velhice,
Por que te ergues do mar azul?
Por que deixas teu castelo
E te mostras aos poderosos heróis,
Aos heróis de Wainola?"

378-382 Iku-Turso, filho da Velhice,
O monstro do mar, ao ser questionado,
Não demonstrou prazer nem desagrado,
Não ficou nem um pouco assustado,
E não respondeu ao herói.

383-388 Então o velho menestrel
Perguntou ao monstro pela segunda vez,
E insistiu uma terceira vez:

"Iku-Turso, filho da Velhice,
Por que te ergues das águas,
Por que deixas o mar azul?"

389-395 Iku-Turso respondeu:
"Deixei meu castelo por este motivo,
Lá embaixo, sob as ondas revoltas:
Vim com a intenção
De destruir os heróis de Kalew
E devolver o mágico Sampo
Ao povo de Pohyola.

396-402 Se me devolveres a liberdade,
Poupares minha vida de dor e sofrimento,
Voltarei depressa pelo caminho que vim,
E nunca mais mostrarei meu rosto
Ao povo de Wainola,
Nunca mais, enquanto a luz da lua brilhar
Nas colinas de Kalevala!"

403-406 Então o cantor Väinämöinen
Libertou o monstro Iku-Turso,
Mandou-o para seus castelos submarinos,
E, ao deixá-lo partir, disse estas palavras:

407-410 "Iku-Turso, filho da Velhice,
Nunca mais subas do oceano,
Nunca mais deixes os heróis da Terra do Norte
Verem teu rosto acima das águas!"

411-414 Iku-Turso nunca mais
Subiu à superfície do oceano;
Desde então, os marinheiros da Terra do Norte
Nunca mais viram a cabeça desse monstro marinho.

415-423 Väinämöinen, velho e sincero,
Seguiu remando em seu belo barco,
Navegou só mais um pouco,
Quase nenhum instante tinha passado,
Quando o Rei de todos os criadores,
O poderoso Ukko dos céus,
Fez os ventos soprarem com força,
Fez as tempestades surgirem furiosas,
E as enfureceu sobre as águas.

424-434 Os ventos rugiram vindos do oeste,
Do nordeste vieram furiosos,
Ventos uivaram vindos do sudoeste,
Vieram de todas as direções,
Rodopiando e rugindo furiosos,
Arrancando galhos das tílias,
Arrancando agulhas dos pinheiros,
Levando as flores da urze,
Arrancando a grama do prado,
Revirando até o fundo
Do mar azul, profundo e sem limites.

435-446 Os ventos rugiram e açoitaram as águas
Até as ondas ficarem brancas de fúria;
Ergueram o navio de guerra até o céu,
Arremessaram para longe a harpa de osso de peixe,
A harpa mágica de Väinämöinen,
Para alegria do Rei Wellamo,
Para o prazer de seu povo,
Para a felicidade de Ahto.
Ahto, saindo de suas cavernas,
Viu seu povo nas águas da enchente
Levar a harpa mágica
Para sua morada sob as ondas.

447-450 Väinämöinen, antigo menestrel,
De coração pesado, cantou estes versos:
"Perdi aquilo que criei,
Perdi a harpa da alegria;

451-455 Agora minha força pertence a outros,
Toda a minha alegria também se foi,
Toda a minha esperança e consolo desapareceram!
Nunca mais a harpa de osso de peixe
Encantará o povo de Suomi!"

456-462 Então o ferreiro Ilmarinen,
Aflito, falou assim:
"Ai de mim, que destino cruel!
Quem dera eu nunca tivesse viajado

Por estas águas cheias de perigos,
Por esta vasta extensão de ondas,
Neste navio de guerra frágil e traiçoeiro.

463-468 Enfrentei ventos e tempestades,
Dias miseráveis de trabalho e aflição,
Que vi na Terra do Norte;
Nunca encontrei perigos assim
Na terra nem no oceano,
Nunca em toda a minha vida de herói!"

469-475 Então o velho Väinämöinen
Falou estas palavras:
"Não chorem mais, meus bons companheiros,
Que ninguém lamente no meu barco;
Chorar não conserta o desastre,
Lágrimas não podem deter a desgraça,
O lamento não nos livra do mal.

476-480 "Mar, contém tuas forças em guerra,
Manda teus filhos cessarem a fúria!
Ahto, acalma tuas ondas revoltas!
Wellamo, mergulha em teu sono,
Para que nosso barco siga em segurança.

481-487 Levantem-se, ventos da tempestade, e voltem a seus domínios,
Ergam a cabeça acima das águas,
Vão para a região de seus parentes,
Para seu povo e seus domínios;

Derrubem as árvores da floresta,
Dobrem as tílias do vale,
E deixem nosso barco navegar em segurança!”

488-494 Então o imprudente Lemminkäinen,
O belo feiticeiro Kaukomieli,
Falou estas palavras em súplica:
“Vem, ó águia, tu do país de Turya,
Traz três penas de tuas asas,
Três, ó corvo, três, ó águia,
Para proteger este barco do mal!”

495-505 Todo o povo de Wainola
Chamou suas forças para o resgate,
E consertou o barco que afundava.
Com a ajuda de sua magia poderosa,
Väinämöinen salvou seu navio de guerra,
Salvou seu povo da destruição,
E consertou bem o navio para enfrentar
Os mares mais bravios da Terra do Norte;
Conduziu seu poderoso barco em segurança
Pelos perigos do redemoinho,
Pelas águas profundas e perigosas.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLIII

✦

1-4 Louhi, anfitriã de Pohjola,
Reuniu suas muitas tribos,
Deu arcos e flechas aos arqueiros,
Deu lanças e espadas largas aos seus bravos;

5-8 Preparou seu mais poderoso navio de guerra,
Pôs seu exército na embarcação,
Cem heróis com suas espadas,
Mil arqueiros com seus arcos;

9-15 Ergueu depressa mastros e vergas,
Nos mastros, suas velas de linho
Pendiam como as nuvens do céu,
Como as nuvens brancas no éter;
Navegou pelos mares de Pohya,
Para recuperar o maravilhoso Sampo
Dos heróis de Wainola.

16-25 Wainamoinen, velho e fiel,
Navegava pelas águas profundas e azuis,
Disse estas palavras a Lemminkainen:
“Ó tu, ousado filho de Lempo,
O melhor de todos os meus amigos e heróis,
Sobe ao mais alto dos mastros,
Olha à tua frente, para o céu,

Olha para trás, para os céus,
Examina bem o horizonte,
Vê se está limpo ou cheio de perigos."

O ousado Lemminkainen subiu,
Sempre pronto para uma aventura,
Até o ponto mais alto do mastro;
Olhou para leste e também para oeste,
Olhou para norte e também para sul,
Então se dirigiu ao sábio Wainamoinen:

"O céu à minha frente parece limpo,
Mas atrás há um horizonte escuro;
No norte surge uma nuvem,
E uma nuvem mais comprida a noroeste."

Assim respondeu Wainamoinen:
"Estás dizendo a verdade ou inventando?
Temo que os navios de guerra
De Pohyola estejam nos perseguindo;
Olha de novo, com mais atenção."

Então o impetuoso Lemminkainen
Olhou de novo e disse:
"A distância parece uma floresta,
Ao sul aparece uma ilha,
Bosques de álamos cheios de falcões,
Amieiros cheios de galos silvestres."

47-54 Disse o velho Wainamoinen:
"Com certeza estás mentindo;
Aquilo ao longe não é uma floresta,
Nem álamos, bétulas ou amieiros
Carregados de galos silvestres ou falcões;
Temo que Pohyola
Venha atrás de nós com seus exércitos mágicos;
Olha de novo, com mais atenção."

55-60 Então o ousado Lemminkainen
Olhou pela terceira vez do alto do mastro,
Falou e disse estas palavras:
"Um barco vem nos perseguindo do norte,
Impulsionado por cem remadores,
Levando mil heróis!"

61-68 Por fim, o velho Wainamoinen entendeu,
Entendeu a verdade sobre o que perguntara,
E assim falou ao seu povo em fuga:
"Remem, ó ferreiro Ilmarinen,
Remem, ó poderoso Lemminkainen,
Remem todos, meus nobres remadores,
Para que nosso barco deslize pelas águas
E escape de quem nos persegue!"

69-73 Remou o ferreiro Ilmarinen,
Remou o poderoso Lemminkainen,
Com eles remaram os outros heróis;

Rangia pesadamente o leme de bétula,
Retiniam alto todos os toletes;

O barco inteiro sacudia e tremia,
Rugia como uma catarata
Enquanto sulcava a vastidão das águas,
Lançando espuma do mar aos céus.

Os homens de Wainola remavam com força,
Seus braços trabalhavam em uníssono;
Mas a distância não aumentava
Entre o barco e os perseguidores.

O herói Wainamoinen logo
Viu a desgraça se aproximar,
Viu a destruição ao longe;
De coração pesado, após longa reflexão,
Disse, carregado de preocupação:
"Só há uma salvação,
Só conheço um milagre que nos proteja!"

Então pegou sua caixa de isca,
Tirou dela uma pedra de fogo,
Pegou alguns pedaços de isca,
Atirou-os nas águas
E pronunciou estas palavras de magia poderosa.

"Que deles se erga uma montanha
Do fundo do mar profundo,
Que surja uma rocha nas águas,

Para que o navio de guerra de Pohyola,
Com seus mil homens e heróis,
Naufrague no alto dela,
Com a ajuda das ondas revoltas.”

101-108 Imediatamente surge um recife,
Uma montanha se ergue no mar,
A leste e a oeste, cortando as águas.
Chegou o navio de guerra do Norte,
O barco avançou pelas correntezas,
Navegou contra os rochedos da montanha,
Prendeu-se às rochas na água,
E naufragou no Monte Mágico.

109-112 Os mastros caíram no mar profundo,
As velas caíram sobre as ondas,
Levadas pelo vento e pelas águas
Sobre as ondas de luta e aflição.

113-119 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Tenta livrar seu navio que afunda,
Tenta salvá-lo da destruição;
Mas não consegue erguer o navio de guerra,
Firmemente preso à montanha;
As costelas e o leme estão quebrados,
O navio de Pohya está destruído.

120-123 Então a anfitriã do Norte,
Muito desanimada, disse:
"Que força, na terra ou no céu,
Pode ajudar uma alma aflita?"

124-128 Logo muda de forma e aparência,
Faz para si outro corpo;
Pega cinco foices de ferro afiadas,
E também cinco boas gadanhas,
E as transforma em garras de águia;

129-132 Pega o casco do navio,
E faz dele o corpo de uma águia;
Pega as costelas e o assoalho do barco,
E os transforma em asas e peitoral;

133-137 Faz a cauda com o leme;
Nas asas coloca mil
Anciãos com arcos e flechas;
Põe mil heróis mágicos
No corpo, armados com espadas largas;

138-143 Na cauda, cem arqueiros,
Com suas lanças mortais e bestas,
Assim a ave se cobre de heróis como penas.
Logo abre suas enormes asas,
Ergue-se como uma águia monstruosa,
Voa alto, sobe e dá voltas;

144-151 Com uma asa varre os céus,
Enquanto a outra varre as águas.
Disse a mãe oceânica do herói:
"Ó velho Wainamoinen,
Volta os olhos para o nordeste,
Olha para o nascer do sol,
Olha para trás do teu barco em fuga,
Vê a águia da desgraça!"

152-158 Wainamoinen voltou-se como lhe pediram,
Voltou os olhos para o nordeste,
Olhou para o nascer do sol,
E viu a anfitriã do Norte,
A bruxa malvada de Sariola,
Voando como uma águia monstruosa,
Lançando-se sobre seu poderoso navio de guerra;

159-163 Ela voa e pousa no alto do mastro,
Firma-se nas vergas;
Quase vira o barco
Dos heróis de Wainola,
Com o peso da inveja.

164-171 Então o herói Ilmarinen
Buscou refúgio em Ukko,
E suplicou assim ao seu Criador:
"Ukko, Deus que estás no céu,
Criador cheio de misericórdia,

Protege-nos do perigo iminente,
Para que teus filhos não pereçam,
Nem encontrem destruição terrível.”

172-178 Traz para cá teu manto de fogo mágico,
Para que teu povo, assim protegido,
Resista às forças de Pohyola,
E possa lutar contra a anfitriã
Da sombria Sariola,
Não caia diante de suas armas
Nem pereça no mar profundo!”

179-184 Então o velho Wainamoinen
Assim se dirigiu à velha Louhi:
“Ó anfitriã de Pohyola,
Queres agora dividir o Sampo,
Na ponta enevoada das águas,
Na ilha coberta de floresta?”

185-188 Assim respondeu a anfitriã do Norte:
“Não vou dividir o Sampo,
Nem contigo, feiticeiro perverso,
Nem com o malvado Wainamoinen!”

189-200 Logo a poderosa águia Louhi
Lança-se sobre a tampa colorida,
Agarra o Sampo com as garras;
Mas o ousado Lemminkainen
Logo desembainha sua lâmina de batalha,

Tira do cinto sua espada larga,
Corta as garras da águia,
Deixando intacto apenas um dedo,
E pronuncia estas palavras mágicas de vitória:
"Baixem, lanças, baixem, espadas largas,
Baixem, mil heróis tolos,
Baixem, hostes emplumadas de Louhi!"

201-205 Disse a anfitriã de Pohyola,
Chamando e gritando do alto das vergas:
"Ó infiel Lemminkainen,
Feiticeiro perverso, Kaukomieli,
Enganaste tua mãe, que confiava em ti!

206-210 Tu lhe deste tua palavra
De não ir à guerra por muitos anos,
De não guerrear por sessenta verões,
Embora o desejo de ouro te impulsione,
Embora queiras ouro e prata!"

211-217 Wainamoinen, herói antigo,
O eterno cantor da sabedoria,
Pensando que encontraria a destruição,
Arrancou o leme das águas,
Golpeou com ele a águia monstruosa,
Golpeou as garras de ferro da águia,
Golpeou seus inúmeros heróis emplumados.

218-221 Suas hostes caíram do peito dela,
Os lanceiros caíram sobre as ondas,
Mil desceram das asas,
E cem arqueiros, da cauda.

222-225 A ave de Pohya mergulha de novo
Até o fundo do barco,
Como o gavião que vem da bétula ou do álamo,
Como o falcão que vem da tília;

226-235 Agarra o Sampo com uma garra,
Arrasta o tesouro para as águas,
Deixa cair a tampa mágica colorida
Da borda vermelha do navio de guerra
Até o fundo do mar profundo,
Onde o Sampo se quebra em pedaços,
Espalha-se pelas águas de Alue,
Nas grandes profundezas, por muitas eras,
Para aumentar os tesouros do oceano,
Os tesouros das hostes de Ahto.

236-239 Nunca mais faltará
Riqueza para o povo de Ahto,
Enquanto a luz do luar brilhar
Nas águas do Norte.

240-245 Muitos fragmentos do Sampo
Flutuaram sobre as águas púrpuras,
Sobre águas profundas e sem limites,

Balançados pelo vento e pelas ondas de Suomi,
Levados pelas ondas que rolavam
Até as costas de Wainola.

246-250 Wainamoinen, antigo menestrel,
Viu os fragmentos do tesouro
Flutuando em direção à terra,
Fragmentos da tampa colorida,
E disse, cheio de alegria:

251-258 "Dali virá a semente que brota,
O começo da boa fortuna,
Recursos que nunca acabam,
Do arar e do semear,
Do brilho da luz do luar,
Do esplendor da luz do sol,
Nas planícies férteis de Suomi,
Nos prados de Kalevala."

259-265 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Assim falou ao velho Wainamoinen:
"Conheço outras medidas poderosas,
Conheço meios eficazes,
Contra o luar dourado,
Contra o esplendor da tua luz do sol,
Contra teu arar e tua colheita;

266-269 Enterrarei os raios da lua nas rochas,
Esconderei o sol dentro da montanha,
Deixarei a geada destruir tuas plantações,
Congelarei as colheitas de todos os teus campos;

270-277 Mandarei do céu uma chuva de granizo de ferro,
Sobre a riqueza das tuas terras,
Sobre a cevada que plantaste;
Tirarei o urso das florestas,
Mandarei Otso para fora dos matagais,
Para que destrua teu gado,
Aniquile teus apriscos,
E destrua teus cavalos no pasto.

278-284 Mandarei nove doenças contra ti,
Cada uma mais fatal que a outra,
Que deixarão doente todo o teu povo,
Farão teus filhos cair e perecer,
Sem jamais voltar ao Norte,
Enquanto a luz do luar brilhar
Nas planícies de Kalevala!”

285-289 Assim respondeu o antigo bardo:
“Nenhum lapão pode expulsar
Wainamoinen e seu povo;
Nenhum turialandês
Pode expulsar minhas tribos de Kalevala;

290-293 Só Deus tem o poder de expulsar,
Deus governa o destino das nações,
Nunca confia nas armas do mal,
Nunca dá Sua força a outros.

294-298 Como confio no meu Criador,
E invoco o bondoso Ukko,
Ele protegerá minhas plantações do perigo,
Expulsará o espírito da geada dos meus campos de milho,
Mandará o grande Otso para suas cavernas.

299-302 "Louhi malvada de Pohyola,
Tu podes expulsar os malfeitores,
Esconder os perversos nas rochas,
Trancar os culpados em tuas montanhas;

303-311 Mas nunca poderás esconder o luar,
Nem esconder a luz prateada do sol
Nas cavernas do teu reino.
Congela as plantações que tu mesma semeaste,
Congela a cevada que plantaste,
Manda do céu tua chuva de granizo de ferro
Para destruir os campos de milho da Lapônia,
Aniquilar teu povo,
Destruir as hostes de Pohya;

312-315 Manda o grande Otso dos campos de urze,
Manda o de dentes afiados, vindo da floresta,
Aos campos de Sariola,

Sobre os rebanhos e os bandos de Louhi!”

316-320 Assim respondeu a anfitriã malvada:
“Todo o meu poder se foi,
Toda a minha força passou para outros,
Toda a minha esperança está no mar profundo;
Meu Sampo está nas águas!”

321-325 Então a anfitriã de Pohyola
Voltou para casa chorando e lamentando,
Para a terra do frio e da escuridão;
Levou para seu povo
Apenas alguns fragmentos sem valor do Sampo;

326-329 Levou a tampa para Pohya,
Deixou a alça no mar azul;
Daí a pobreza do Norte
E as fomes de Pohyola.

330-339 Wainamoinen, antigo menestrel,
Apressou-se até a margem do vasto mar,
Pôs os pés na praia, cheio de alegria;
Encontrou ali fragmentos do Sampo,
Fragmentos da tampa colorida,
Nas margens das águas,
Nas areias curvas e nas praias;
Recolheu cuidadosamente os restos do Sampo
Das águas perto da ponta enevoada,
Na ilha coberta de floresta.

340-349 Wainamoinen, o velho, disse:
Pronunciou estas palavras em súplica:
"Concede-nos, Ukko, nosso Criador,
Concede a nós, teus filhos necessitados,
Paz, felicidade e fartura,
Para que nossa vida seja próspera,
Para que nossos dias terminem com honra,
Nos vales e colinas de Suomi,
Nas pradarias de Wainola,
Nos lares de Kalevala!

350-356 "Ukko, sábio e bom Criador,
Ukko, Deus de amor e misericórdia,
Abriga e protege teu povo
Dos heróis mal-intencionados,
Das artimanhas das mulheres perversas,
Para que os males que assolam nosso país nos deixem,
E tuas tribos fiéis prosperem.

357-364 Sê nosso amigo e forte protetor,
Ajuda teus filhos,
Sê um teto sobre eles à noite,
E um escudo ao redor deles durante o dia,
Para que a luz do sol não desapareça,
Para que o luar não diminua,
Para que as geadas mortais os deixem,
E o granizo destruidor passe ao largo.

365-376 Constrói ao nosso redor uma muralha de metal,
Dos vales até o céu;
Constrói uma poderosa fortaleza de pedra
Nas fronteiras de Wainola,
Onde teu povo vive e trabalha,
Como morada para sempre,
Proteção segura para teu povo,
Onde os perversos não possam entrar,
Nem os ladrões arrombar e roubar,
Enquanto a luz do luar reluzir
E o Sol trouxer bênçãos douradas
Às planícies de Kalevala."

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLIV

✦

1-8 Wainamoinen, antigo menestrel,
Depois de muito pensar, cantou estes versos:
"Agora é o momento certo
De despertar a alegria e o prazer,
É hora de tocar as cordas da harpa,
É hora de cantar as canções antigas,
Nestes salões e mansões espaçosos,
Nestas casas de Kalevala;

9-17 Mas, ai de mim! minha harpa jaz escondida,
Afundada no fundo do mar,
Nos esconderijos dos salmões,
Nas moradas dos peixes-brancos,
Entre o povo de Wellamo,
Onde se reúne o lúcio do Norte.
Nunca mais vou recuperá-la,
Ahto nunca vai devolvê-la,
Alegria e música perdidas para sempre!

18-21 "Ó tu, ferreiro Ilmarinen,
Forja para mim um ancinho de ferro,
Com dentes de cobre bem juntos,
E o cabo com muitas braças de comprimento;

22-30 Faz um ancinho para vasculhar as águas,
Vasculha o fundo do vasto mar,
Junta as algas e os juncos,
Rastela-os até a praia curva,
Para que eu recupere meu tesouro,
Recupere minha harpa de espinha de peixe
Do lugar onde repousa o peixe-branco,
Das cavernas dos salmões,
Dos castelos de Wellamo."

31-36 Então o jovem Ilmarinen,
O eterno trabalhador dos metais,
Forja bem um ancinho de ferro,
Com dentes de cem braças de comprimento,
E cabo de mil braças,
E põe nele dentes de cobre bem juntos.

37-43 Logo o velho Wainamoinen
Pega o ancinho de metais mágicos,
Anda apenas um pequeno trecho,
Até os cilindros de madeira de carvalho,
Até os rolos com faixas de cobre,
Onde encontra dois barcos à espera,
Um novo, o outro velho.

44-49 Wainamoinen, velho e fiel,
Assim se dirigiu ao barco recém-feito:
"Vai, barco de grande magia,

Apressa-te rumo às águas que te esperam,
Parte veloz pelo mar azul,
Sem que mão alguma te mova;

50-54 Que minha vontade te leve para o mar.”
Rápido, o barco rolou até as ondas
Sobre os cilindros de madeira de carvalho,
Rápido, desceu até as águas,
E obedeceu de bom grado ao seu mestre.

55-61 Wainamoinen, o mago,
Então começou a rastelar o fundo do mar,
Juntou todas as plantas aquáticas,
Pedaços de juncos e caniços quebrados,
Conchas do fundo do mar e pedras coloridas,
Mas não encontrou sua harpa de espinha de peixe,
Perdida para sempre para Wainola!

62-65 Então o antigo menestrel
Deixou as águas e apressou-se para casa,
Com o gorro puxado sobre a testa,
Cantou esta canção carregada de tristeza:

66-72 “Nunca mais despertarei
Alegria e prazer com as cordas da minha harpa!
Nunca mais Wainamoinen
Encantará o povo do Norte

Com a harpa que criou!
Nunca mais minhas canções ecoarão
Pelas colinas de Kalevala!”

73-77 Então o antigo cantor
Seguiu lamentando pela floresta,
Vagou pelos pinheirais suspirantes,
Ouviu o lamento de uma bétula,
Ouviu um zimbro se queixar;

78-82 Chegando mais perto, parou para escutar,
E assim se dirigiu à bétula:
“Por que choras, irmã,
Alegre bétula vestida de prata,
Com folhas e cachos prateados?

83-86 Derramas lágrimas de tristeza
Por não seres levada à batalha,
Nem obrigada a guerrear com magos?”
Sabiamente a bétula respondeu:

87-91 “É isso que muitos dizem,
E outros falam como tu, sem justiça:
Que só vivo em prazer,
Que minhas folhas e cachos prateados
Apenas sussurram minha alegria;

92-100 Que não tenho cuidados nem tristezas,
Que não tenho horas infelizes,
Que não conheço dor nem aflição.

Choro por ser tão pequena,
Lamento minha fraqueza,
Não recebo carinho nem compaixão,
Fico aqui imóvel por eras,
Sozinha no brejo e na floresta,
Nestes bosques vastos e sem alegria.

101-106 Outros esperam os verões que virão,
As belezas da primavera;
Eu, ai de mim, bétula indefesa,
Temo a mudança das estações,
Tenho de dar minha casca aos outros,
Perder minhas folhas e cachos sedosos.

107-112 Muitas vezes vêm as crianças de Suomi,
Descascam minha casca e bebem meu sangue vital:
No verão, vêm pastores perversos
Roubar meu cinto de prata,
Fazer da minha casca cestos para frutas,
Pratos e copos para beber.

113-116 Muitas vezes as donzelas do Norte
Cortam meus ramos tenros para fazer vassouras,
Amarram meus galhos e cachos prateados
Em vassouras para varrer suas cabanas;

117-123 Muitas vezes os heróis do Norte
Me cortaram em lascas para queimar;
Três vezes durante o verão,

Nos dias agradáveis da primavera,
Os lenhadores afiaram seus machados
No meu tronco e nos meus ramos prateados,
Tirando minha vida por eras;

Essa é a alegria e o prazer da minha primavera,
Essa é minha felicidade no verão,
E meus dias de inverno não são melhores!
Quando penso nos sofrimentos de outrora,
A tristeza toma conta do meu rosto,
E meu rosto fica branco de angústia;

Muitas vezes os ventos do inverno
E a geada me trazem tristeza,
Quebram minhas folhas e cachos tenros,
Levam minha folhagem para outros,
Roubam minha veste de prata,
Deixam-me nua na montanha,
Sozinha, indefesa e desanimada!”

Disse o bom e velho Wainamoinen:
“Não chores mais, sagrada bétula,
Não lamentes mais, minha amiga e irmã,
Terás um destino melhor;
Transformarei tua tristeza em alegria,
Farei com que rias e cantes feliz.”

143-151 Então o velho Wainamoinen
Fez uma harpa de madeira sagrada de bétula,
Moldada nos dias de verão,
Linda era a harpa mágica,
Criada pelas mãos do mestre
No cabo da névoa do Grande Mar,
Na ilha coberta de floresta,
Fez de bétula as curvas,
E a estrutura de álamo.

152-156 Estas foram as palavras do mago:
"As curvas estão todas prontas,
E a estrutura foi bem acabada;
De onde virão os ganchos e pinos de afinação,
Para que a harpa soe em harmonia?"

157-161 À beira do caminho crescia um carvalho,
Que se erguia ao céu com ramos iguais,
Em cada galho crescia uma bolota,
Em cada bolota, bolas douradas,
E em cada bola, um cuco cantor.

162-168 Quando o chamado de cada cuco ressoava,
Cinco notas de canto saíam
Da garganta alegre do cantor;
De cada garganta vinha música límpida,
Ouro e prata para o mestre,
Que fluíam para as colinas e os montes,
Para os vales prateados e as montanhas;

169-173 Dali tirou os alegres pinos da harpa,
Para que ela tocasse em harmonia.
O sábio Wainamoinen tornou a falar:
"Os pinos estão bem prontos,
Mas a harpa ainda não está acabada;

174-177 Agora preciso de cinco cordas para tocar,
Onde posso conseguir as cordas da harpa?"
Então o antigo bardo e menestrel
Partiu pelos brejos e pelas florestas.

178-185 Num montículo estava sentada uma donzela,
Uma virgem do vale;
E a donzela não chorava,
A filha da floresta estava alegre,
Cantando com os pássaros do bosque,
Para que a noite chegasse logo,
Na esperança de que seu amado
Se sentasse ao seu lado mais cedo.

186-189 Wainamoinen, velho e respeitado,
Foi depressa, saltitando até a virgem,
E pediu seus cachos dourados.
Estas foram as palavras do mago:

190-194 "Dá-me, donzela, um pouco dos teus cabelos,
Dá-me teus cachos dourados;
Vou tecê-los em cordas de harpa,

Para a alegria de Wainamoinen,
Para o prazer de seu povo."

195-200 Então a donzela da floresta
Deu ao cantor um pouco de seu cabelo,
Deu-lhe seus cachos dourados,
E com eles ele fez as cordas da harpa.
Fontes de prazer eterno
Para o povo de Wainola.

201-205 Assim a harpa sagrada ficou pronta,
E o menestrel Wainamoinen
Sentou-se na rocha da alegria,
Tomou a harpa entre os dedos,
Virou o arco para cima, olhando para o céu;

206-209 Apoiando o arco no joelho,
Pôs as cordas em ordem harmoniosa,
Passou os dedos pelas cordas da harpa,
E vieram as notas de prazer.

210-214 Logo o velho Wainamoinen,
O eterno cantor da sabedoria,
Tocou sua harpa de madeira de bétula.
A música foi ouvida ao longe,
E a harpa da alegria ecoou por toda parte;

215-221 As montanhas dançaram e os vales escutaram,
As rochas de sílex se partiram,
Pedras foram lançadas às águas,

Pedrinhas nadaram pelo Grande Mar,
Pinheiros e tílias riram de prazer,
Amieiros saltitaram pela urze,
E o álamo balançou em harmonia.

222-226 Todas as filhas de Wainola
Logo largaram suas agulhas brilhantes,
Avançaram como a correnteza,
Correram como rios velozes,
Para se encantar e se maravilhar.

227-231 Os jovens e as donzelas riram,
As matronas ficaram de coração alegre,
E voaram para ouvir a música,
Desfrutar da alegria de todos,
Ouvir a harpa de Wainamoinen.

232-237 Os velhos e os anciãos barbudos,
Mães de cabelos grisalhos com suas filhas
Pararam, maravilhados, para escutar.
O bebê engatinhou, todo encantado,
Ao ouvir o canto mágico,
Ao ouvir a harpa de Wainamoinen.

238-244 Todo o Norte parou, maravilhado,
E todos disseram em uníssono:
“Nunca ouvimos música assim,
Nunca ouvimos melodias como estas,

Desde que a terra foi criada,
Como as canções deste mago,
Deste doce cantor, Wainamoinen!”

245-251 Os doces sons ecoaram longe e por toda parte,
Ressoaram pelos sete povoados,
Ecoaram pelas sete ilhas;
Todas as criaturas do Norte
Saíram apressadas para ver e ouvir,
Ouvir as canções de alegria,
Ouvir a harpa de Wainamoinen.

252-255 Todos os animais que habitam os bosques
Caíram de joelhos, maravilhados
Com a música do menestrel,
Com seus milagres de harmonia.

256-259 Todos os pássaros cantores das florestas
Pousaram nos ramos trêmulos,
Cantando ao som daquela música maravilhosa,
Da harpa de Wainamoinen.

260-264 Todos os habitantes das águas
Deixaram seus leitos, cavernas e grutas,
Nadaram até a praia e escutaram
A música do menestrel,
A harpa de Wainamoinen.

265-270 Todas as pequenas criaturas da natureza
Ergueram-se da terra e caíram do céu,
Vieram ouvir a música,
As notas do encantador,
As canções do mago,
A harpa de Wainamoinen.

271-274 O cantor do Norte tocou,
Tocou com milagrosa doçura,
Tocou um dia, depois um segundo,
Tocou o terceiro, da manhã até a noite;

275-281 Tocou nos salões e nas cabanas,
Nas moradas de seu povo,
Até que o chão e os tetos ecoassem,
Até que ressoassem os telhados de pinho,
Até que as janelas falassem e tremessem,
Até que as portas ecoassem de alegria,
E as pedras da lareira cantassem de prazer.

282-286 Ao viajar pela floresta,
Ao vagar pelos bosques,
O pinheiro e a sorveira lhe davam as boas-vindas,
A bétula e o salgueiro se inclinavam,
A faia e o álamo se curvavam;

287-296 E a tília agitava seus ramos
No ritmo de sua música,
Ao som das notas do mago.

Enquanto o menestrel tocava e caminhava,
Cantava pelos prados e pela urze,
Vales e colinas repetiam suas canções,
Samambaias e flores riam de prazer,
E os arbustos afinavam suas vozes
À música das cordas da harpa,
Às canções de Wainamoinen.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLV

✦

1-7 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
Ouviu a notícia em Sariola,
Ouviu a notícia com inveja,
De que Wainola vive e prospera,
De que a riqueza de Osmoinen aumenta,
Com as ruínas do Sampo,
As ruínas da tampa colorida.

8-12 Então ela acendeu sua ira,
Pensou bem, refletiu por muito tempo,
Como poderia preparar a destruição
Do povo de Wainola,
Das tribos de Kalevala.

13-22 Com esta prece, voltou-se a Ukko,
E assim suplicou ao deus do trovão:
"Ukko, tu que estás no céu,
Ajuda-me a matar o povo de Wainola
Com teu granizo de ferro da justiça,
Com tuas flechas de ponta reluzente,
Ou que pereçam de doença,
Que morram como merecem;
Que os homens morram na floresta,
E as mulheres, nos currais!"

23-35 A filha cega de Tuoni,
A velha e malvada feiticeira Lowyatar,
A pior de todas as mulheres da Terra dos Mortos,
A mais feia das filhas de Mana,
Origem de toda a hoste de males,
De todas as doenças e pragas do Norte,
Negra no coração, na alma e no rosto,
Gênio maligno de Lappala,
Estendeu seu leito à beira do caminho,
Nos campos do pecado e da tristeza;
Voltou as costas ao vento do leste,
Para a origem do tempo tempestuoso,
Para os ventos frios da manhã.

36-39 Quando os ventos se ergueram ao anoitecer,
Lowyatar ficou muito pesada,
Engravidada pelo vento do leste,
Nas vastas e desertas planícies de areia.

40-44 Por muito tempo carregou seu fardo,
Sofreu angústias por muitas manhãs,
Até que por fim deixou o deserto,
Fez seu leito na floresta,
Sobre uma rocha na montanha;

45-49 Por muito tempo tentou livrar-se do fardo
Junto às nascentes e fontes da montanha,
Junto às águas cristalinas que corriam,

Junto ao rio sagrado e ao redemoinho,
Junto à cachoeira e à corrente de fogo;

50-54 Mas seu fardo não ficava mais leve.
Lowyatar, cega, velha e feia,
Não sabia onde buscar ajuda,
Como se livrar do peso da tristeza,
Onde deixar seus filhos malignos.

55-60 O Altíssimo falou dos céus,
Estas foram as palavras do poderoso Ukko:
"Há um triângulo no Campo do Pântano,
Perto da fronteira do oceano,
Na sempre desagradável Terra do Norte,
Na sombria Sariola;

61-64 Vai até lá e deixa teu fardo,
Deixa tua prole em Pohyola;
Lá os lapões te esperam,
E darão boas-vindas a teus filhos."

65-72 Então a cega Lowyatar,
A mais negra filha de Tuoni,
A velha e feia donzela de Mana,
Apressou-se em sua jornada para o norte,
Para as câmaras de Pohyola,
Para os antigos salões de Louhi,
Para deixar ali seu pesado fardo,
Para deixar ali sua maligna prole.

73-81 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
A velha e desdentada feiticeira de Pohya,
Recebe Lowyatar em sua mansão;
Em silêncio, conduz a visitante
Às salas de banho de seus aposentos,
Serve a cerveja espumante de cevada,
Lubrifica trancas e dobradiças,
Para que se movam sem fazer ruído,
E diz estas palavras a Lowyatar:

82-90 "Filha fiel da Criação,
Tu, a mais bela das mulheres,
Primeira e última das antigas mães,
Apressa-te até o oceano,
Apressa-te ao centro do oceano,
Tira a espuma do mar das águas,
Tira o mel das sereias,
E unge teus membros sagrados,
Para que teu trabalho seja mais fácil.

91-95 "Se nada disso adiantar,
Ukko, tu que estás no céu,
Apressa-te para cá, precisamos de ti,
Vem até tua filha aflita,
Ajuda os desamparados e os sofredores.

96-102 Toma teu cetro dourado,
Afasta as forças que se opõem,
Golpeia os pilares da fortaleza,

Abre todos os portões resistentes,
Para que grandes e pequenos possam sair
De seus antigos esconderijos,
E percorrer pátios e salões em liberdade.”

103-107 Por fim, a cega Lowyatar,
Malvada feiticeira de Tuonela,
Deu à luz seu fardo,
Deitou sua prole no berço,
Sob cobertas douradas.

108-111 Assim, por fim, nasceram nove filhos,
Numa tarde de verão,
De Lowyatar, cega e velha,
A feia filha de Tuoni.

112-115 A mãe virgem cuida fielmente
De seus filhos com carinho,
Como um artista ama e cuida
Daquilo que suas mãos habilidosas criaram.

116-119 Assim Lowyatar deu nome à sua prole:
Cólica, pleurisia e febre,
Úlcera, peste e tísica terrível,
Gota, esterilidade e câncer.

120-124 E o pior desses nove filhos
A cega Lowyatar logo expulsou,
Afastou como uma feiticeira,

Para enfeitiçar o povo das terras baixas,
Para semear discórdia e inveja.

125-128 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Expulsou todos os outros filhos
Para o ponto enevoado do oceano,
Para a ilha coberta de floresta;

129-133 Expulsou todas as criaturas fatais,
Entregou esses malvados filhos do mal
Ao povo de Wainola,
À juventude de Kalevala,
Para destruir a tribo de Kalew.

134-138 Logo adoeceram as donzelas de Wainola,
Jovens e velhos, homens e heróis,
Com as piores de todas as doenças,
Com doenças novas e sem nome;
Wainola estava doente e morrendo.

139-145 Então o velho Wainamoinen,
Sábio e maravilhoso feiticeiro,
Apressou-se em socorrer seu povo,
Apressou-se para guerrear contra Mana,
Para lutar contra Tuoni,
Para destruir os filhos malignos
Da malvada donzela Lowyatar.

Wainamoinen aqueceu as salas de banho,
Aqueceu os blocos de arenito curativo
Com a madeira mágica do Norte,
Recolhida junto ao rio sagrado;

Trouxe água em baldes cobertos
Da cachoeira e do redemoinho;
Trouxe vassouras envoltas em arminho,
Limpou bem o banho de cura,
Amaciou bem as vassouras de bétula;

Então despertou um calor de mel,
Encheu as salas de vapores curativos,
Vindos da virtude das pedras
Que brilhavam no calor mágico,
E assim suplicou:

"Vem me socorrer, ó Ukko,
Deus misericordioso, faze-te presente,
Dá novas virtudes a estes banhos de vapor,
Concede-lhes poderes de cura,
E restaura meu povo moribundo;

Afasta estas doenças terríveis,
Expulsa-as para os indignos,
Que as santas centelhas as incendeiem,
Mantém este calor dentro dos limites da cura,
Para que não faça mal a teus filhos,
Nem prejudique os aflitos.

171-174 Quando eu derramar as águas sagradas
Sobre os blocos de arenito aquecidos,
Que a água se transforme em mel,
Carregada do bálsamo da cura.

175-183 Que a corrente de virtudes mágicas
Flua sem cessar para todos os meus filhos,
Deste banho coberto de musgo-marinho,
Para que os inocentes não sofram,
Para que meu povo não pereça,
Até que o Mestre dê permissão,
Até que Ukko envie seus servidores,
Envie as doenças que escolher,
Para destruir meu povo confiante.

184-187 Que a anfitriã de Pohyola,
A malvada feiticeira que mandou esses males,
Sofra com a consciência a atormentá-la,
Sofra por suas más ações.

188-194 Se o senhor de Wainola
Perder seu poder mágico e enfraquecer,
Se mostrar-se pouco capaz
De livrar o povo da desgraça,
De livrá-lo desses males,
Então que Ukko seja nosso curandeiro,
Nossa força e sábio médico.

195-201 “Deus misericordioso e onipresente,
Tu que vives nos céus,
Apressa-te para cá, precisamos de ti,
Apressa-te até teus filhos doentes,
Para ver seus cruéis tormentos,
Para dissipar estas doenças terríveis,
Para afastar a destruição de nossas terras.

202-216 Traz contigo tua poderosa espada de fogo,
Traz para mim tua lâmina de relâmpago,
Para que eu possa subjugar estes males,
Para que eu possa expulsar estes monstros,
Envia estas dores, males e tormentos
Para o domínio de Tuoni,
Para o reino dos ventos do leste,
Para as ilhas dos malvados,
Para as cavernas dos demônios,
Para as rochas dentro das montanhas,
Para os leitos escondidos de ferro,
Para que as rochas caiam e adoeçam,
E os leitos de ferro pereçam.
Rochas e metais não se queixam
Das mãos do invasor.”

217-222 “Filha atormentadora de Tuoni,
Sentada no monte da angústia,
Na junção de três rios,

Tu que transformas rochas em dor e tormento,
Afasta estas doenças terríveis
Com as virtudes da pedra azul;

223-226 Conduze-as aos canais de água,
Afunda-as nas profundezas do oceano,
Onde os ventos jamais as encontrarão,
Onde a luz do sol nunca penetra.

227-232 "Se esta prece não adiantar,
Ó virgem da Saúde, donzela formosa,
Vem curar meu povo moribundo,
Acalma suas agonias e angústias,
Dá-lhes consciência e consolo,
Dá-lhes descanso e sono saudáveis;

233-237 Leva estas doenças e expulsa-as,
Recolhe-as em teu vaso de cobre,
Leva-as para tuas cavernas nas montanhas,
Para o cume da Rocha da Dor,
Lança-as em teus caldeirões ferventes.

238-246 Na montanha há uma pedra de toque,
A pedra da sorte das antigas histórias,
Com um furo atravessando seu centro;
Por esse furo despeja estas dores e tormentos,
Sentimentos miseráveis, pensamentos malignos,
Doenças humanas, dias de azar,

Tribulações e desgraças,
Para que não voltem a erguer-se ao anoitecer,
Nem vejam a luz da manhã.”

247-254 Ao terminar, o velho Wainamoinen,
O eterno e sábio feiticeiro,
Esfregou bálsamos nos sofredores,
Esfregou os tecidos vermelhos e doloridos
Com o bálsamo das flores curativas,
Bálsamos feitos de ervas encantadas,
Salpicou tudo com vapores curativos,
E suplicou com estas palavras.

255-262 “Ukko, tu que estás no céu,
Deus da justiça e da misericórdia,
Envia-nos uma nuvem de chuva do leste,
Envia uma nuvem escura do noroeste,
Do norte deixa cair uma terceira,
Envia-nos chuva misturada com mel,
Bálsamo do grande Médico,
Para remover esta praga do Norte.

263-267 O que sei sobre os meios de cura
Só vem do meu Criador;
Empresta-me, por conseguinte, tua sabedoria,
Para que eu possa aliviar meu povo,
Salvá-lo do destruidor terrível.

268-273 Se minhas mãos perderem o poder,
Que as mãos de Ukko as substituam,
Só Deus pode salvar-nos dos problemas.
Vem até nós com teu encantamento,
Diz as palavras mágicas da cura,
Para que meu povo não pereça;

274-277 Dá alívio a todos
De suas doenças e tristezas;
De manhã e à noite,
Que seus males devastadores desapareçam;

278-282 Expulsa de Wainola o filho da Morte,
Que nunca mais visite o Norte,
Nunca mais, em todas as eras,
Nunca enquanto o luar brilhar
Sobre os lagos de Kalevala."

283-288 Wainamoinen, o feiticeiro,
O eterno cantor da sabedoria,
Assim expulsou as nove doenças,
Os filhos malignos de Lowyatar,
Curou as tribos de Kalevala,
Salvou seu povo da destruição.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLVI

✦

1-5 Chegaram notícias a Pohjola,
À aldeia da Terra do Norte,
De que Wainola se recuperara
De seus problemas e infortúnios,
De suas doenças e tristezas.

6-10 Louhi, anfitriã da Terra do Norte,
A velha desdentada de Sariola,
Carregada de inveja, falou estes versos:
"Conheço outros meios de causar problemas,
Tenho muitos outros recursos;

11-16 Vou conduzir o urso diante de mim,
Do urzal e da montanha,
Vou tirá-lo do pântano e da floresta,
Conduzir o grande Otso do bosque do vale
Contra o gado de Wainola,
Contra os rebanhos de Kalevala."

17-20 Então a anfitriã da Terra do Norte
Conduziu o faminto urso de Pohya
De sua caverna até os prados,
Às planícies e pastagens de Wainola.

21-31 Wainamoinen, antigo menestrel,
Falou assim a seu irmão:
"Ó tu, ferreiro Ilmarinen,
Forja uma lança de metais mágicos,
Forja uma ponta tripla,
Forja o cabo de cobre,
Para que eu possa destruir o grande Otso,
Matar o poderoso urso do Norte,
Para que ele não coma meus cavalos,
Nem destrua meu gado,
Nem os rebanhos de minhas pastagens."

32-36 Então o habilidoso ferreiro
Forjou uma lança de metais mágicos,
Forjou uma ponta tripla,
Nem a mais longa, nem a mais curta,
Forjou a lança com beleza maravilhosa.

37-41 De um lado, um urso estava sentado,
Do outro, um lobo se sentava,
Na lâmina, um alce jazia dormindo,
No cabo, um potro corria,
Perto da empunhadura, um corço saltava.

42-45 Neves haviam caído dos céus,
Tornado os rebanhos brancos como arminhos
Ou como a lebre nos dias de inverno,
E o menestrel cantou estes versos:

46-51 “Meu desejo me impele adiante
Para os domínios de Metsola,
Para os lares das donzelas da floresta,
Para os pátios das virgens brancas;
Vou me apressar para a floresta,
Trabalhar com as forças da mata.

52-59 “Senhor das florestas de Tapio,
Faz de mim um herói vitorioso,
Ajuda-me a percorrer estes bosques sem fim.
Ó Mielikki, anfitriã da floresta,
Esposa de Tapio, bela Tellervo,
Chama teus cães e prende-os bem,
Deixa teus caçadores preparados,
Que esperem dentro de seus canis.

60-63 “Otso, ó fruto da floresta,
Urso de patas de mel e pelagem,
Sabe que Wainamoinen te segue,
Que o cantor vem ao teu encontro;

64-67 Esconde as garras dentro das luvas,
Deixa teus dentes na escuridão,
Para que não firam o menestrel,
Nem tenham força na batalha.

68-71 Poderoso Otso, muito amado,
Comedor de mel das montanhas,
Deita-te para dormir sobre as rochas,

Na relva e em tuas cavernas;

72-78 Que o álamo balance sobre ti,
Que a alegre bétula farfalhe
Sobre tua cabeça, protegendo-te.
Descansa em paz, Otso tão amado,
Volta-te em meio aos teus arbustos,
Como a perdiz quando choca,
Como o ganso selvagem na primavera."

79-82 Quando o velho Wainamoinen
Ouviu seu cão latir na floresta,
Ouviu o chamado e o eco de seu caçador,
Disse as palavras que seguem:

83-90 "Pensei que era o cuco chamando,
Pensei que o belo pássaro cantava;
Não era o sagrado cuco,
Nem as notas melodiosas dos cantores,
Era meu cão que chamava e murmurava,
Era o eco de meu caçador
À entrada da caverna de Otso,
Na orla dos bosques."

91-94 Wainamoinen, velho e confiável,
Encontra o poderoso urso à sua espera,
Ergue alegre os mantos dourados,
Examina bem sua pelagem reluzente;

95-100 Ergue com espanto suas patas de mel,
Depois se dirige ao Criador:
"Louvado sejas, poderoso Ukko,
Pois me dás o grande Otso,
Dás-me o fruto da floresta,
Sejam-te rendidas graças sem fim."

101-104 Ao urso disse estes versos:
"Otso, tu, meu bem-amado,
Comedor de mel dos bosques,
Não deixes a ira crescer em teu peito;

105-111 Não tenho força para te matar,
De boa vontade dás tua vida
Como sacrifício à Terra do Norte.
Desceste da árvore,
Deslizaste dos ramos do álamo,
Escorregadios são os troncos no outono,
Nos dias de neblina, lisos são os ramos.

112-121 Amigo dourado do pântano e da floresta,
Com tua pelagem rica e bela,
Orgulho dos bosques, famoso Pé-leve,
Deixa tua morada fria e desolada,
Deixa teu lar entre os amieiros,
Deixa teu leito entre os salgueiros,
Apressa-te com tuas meias púrpuras,

Apressa-te para longe de teus caminhos restritos,
Vem para as moradas dos heróis,
Junta-te a teus amigos em Kalevala.

122-125 Nunca te trataremos mal,
Viverás em paz e fartura,
Te alimentarás de leite e mel,
Mel é o alimento dos hóspedes.

126-129 Sai depressa deste teu esconderijo,
Do leito dos indignos,
Para um leito sob as vigas
Das antigas moradas de Wainola.

130-134 Apressa-te pela planície nevada,
Como uma folha no outono;
Salta sob estes ramos de bétula,
Como um esquilo no verão,
Como um cuco na primavera."

135-141 Wainamoinen, o mago,
O eterno cantor da sabedoria,
Apressou-se para casa pelos campos nevados,
Cantando sobre colinas e montanhas,
Com seu hóspede, o velho Otso,
Com seu amigo, o famoso Pé-leve,
Com o Patas-de-Mel da Terra do Norte.

142-147 De longe se ouvia o canto,
Ouvia-se o toque do caçador,
Ouviam-se os cantos de Wainamoinen;
Todo o povo ouvia e se admirava,
Homens e mulheres, jovens e velhos,
Falavam de suas cabanas:

148-151 "Ouçam os ecos vindos dos bosques,
Ouçam a trompa que vem da floresta,
Ouçam as notas de flauta dos cantores,
Ouçam as gaitas das donzelas da floresta!"

152-155 Wainamoinen, velho e confiável,
Logo aparece no pátio.
O povo sai correndo das cabanas,
E os heróis fazem estas perguntas:

156-160 "Foi aberta uma mina de ouro,
Encontraste um veio de prata,
Joias preciosas em teu caminho?
A floresta revelou seus tesouros,
Deu-te o Comedor de Mel?

161-164 A anfitriã dos bosques
Deu-te o lince e a víbora,
Já que voltas para casa tão alegre,
Tocando e cantando com teus esquis?"

165-168 Wainamoinen, antigo menestrel,
Deu esta resposta a seu povo:
"Por seus cantos capturei a víbora,
Capturei a serpente por sua sabedoria;

169-172 Por isso volto tão alegre,
Tocando e cantando com meus esquis.
Mas nem o lince da montanha, nem a serpente
Vêm para nossas moradas;

173-176 O Ilustre está chegando,
Orgulho e beleza da floresta,
O Senhor vem até nós,
Coberto com seu manto de pelo amigo.

177-180 Bem-vindo, Otso, bem-vindo, Pé-leve,
Bem-vindo, Amado do bosque do vale!
Seja bem-vindo o hóspede da montanha,
Abram-se bem os portões de entrada;

181-188 Se acham que o urso não merece,
Barrem as portas contra o forasteiro."
Esta foi a resposta do povo:
"Te saudamos, poderoso Otso,
Pata de mel, damos-te as boas-vindas,
Bem-vindo aos nossos pátios e cabanas,
Bem-vindo, Passo Leve, às nossas mesas
Enfeitadas para a tua chegada!

189-200 Esperamos por ti há muito tempo,
Desde os dias da infância,
Pelos toques da trompa de Tapio,
Pelo canto das ninfas da floresta,
Pela chegada do querido Otso,
Pelo ouro e pela prata da floresta,
Esperando o ano da fartura,
Ansiando por ele como pelo verão,
Como o sapato espera os campos de neve,
Como o trenó espera estradas batidas,
Como a donzela espera seu pretendente,
E a esposa, a chegada do marido;

201-208 Sentamos ao entardecer junto às janelas,
Pela manhã, sentamos junto aos portões,
Sentamos por muito tempo junto às entradas,
Perto dos celeiros, no inverno,
Até os campos de neve aquecerem e sumirem,
Até as velas se abrirem com alegria,
Até a terra ficar verde e florescer,
Pensando o tempo todo assim:

209-212 'Onde está nosso amado Otso,
Por que demora nosso tesouro da floresta?
Será que foi para a distante Ehstland,
Para os altos vales de Suomi?'"

213-217 Falou o velho Wainamoinen:
"Para onde devo levar o forasteiro,
Para onde levar o dourado Passo Leve?
Devo levá-lo ao celeiro,
Conduzi-lo à casa de palha?"

218-225 Esta foi a resposta de seu povo:
"Leva Otso ao salão de refeições,
Maior herói da Terra do Norte.
Famoso Passo Leve, Maçã da Floresta,
Orgulho e glória dos bosques,
Não tenhas medo dessas donzelas,
Não temas as virgens de cabelos cacheados,
Vestidas com trajes bordados de prata;

226-229 As donzelas correm para seus quartos
Quando o querido Otso se junta a elas,
Quando o herói vem para o meio delas."
Esta foi a prece de Wainamoinen:

230-233 "Concede, ó Ukko, paz e fartura
Sob estas vigas pintadas,
Nesta morada ornamentada;
Demos graças ao bondoso Ukko!"

234-237 Falou de novo o velho menestrel:
"Para onde levaremos o querido Otso,
Para onde levaremos o forasteiro coberto de pelos?"
Esta foi a resposta do povo:

238-244 “Que o Passo Leve vestido de pele
Seja saudado ao chegar;
Que a Pata de Mel seja bem-vinda
Junto à lareira da casa de hóspedes,
Bem-vinda aos caldeirões ferventes,
Para admirarmos sua pele,
Para contemplarmos com alegria seu manto.

245-250 Não te preocupes, querido Otso,
Não deixes a ira crescer em teu peito
Enquanto admiramos teu pelo;
Nunca faremos mal à tua pele,
Nem a transformaremos em roupas
Para proteger gente indigna.”

251-256 Então o sábio Wainamoinen
Tirou de Otso o manto sagrado,
Estendeu-o no pátio aberto,
Cortou o corpo em pedaços,
Pôs os pedaços nos caldeirões aquecidos,
Nos vasos de fundo de cobre.

257-264 Sobre o fogo pendia a corrente,
Na corrente havia ganchos de cobre,
Nos ganchos, os caldeirões fumegantes
Cheios de carne de urso para o banquete,
Temperada com o sal de Dwina,

Trazido da terra dos saxões,
Das distantes águas de Dwina,
Trazido em barcaças do mar salgado.

265-270 O banquete de Otso está pronto;
Tiram do fogo os caldeirões,
Suspensos na corrente de ferro polido;
No centro das mesas
O urso é servido em travessas,
Travessas douradas e enfeitadas;

271-274 As mesas foram recém-feitas
De pinheiro e tília;
Os copos de cobre foram forjados,
As facas de ouro e as colheres de prata;

275-278 Encheram os vasos até a borda
Com os melhores pedaços do Passo Leve,
Pedaços da Maçã da Floresta.
Falou o velho Wainamoinen:

279-289 "Anciã de seio dourado,
Voz poderosa no conselho de Tapio,
Mais bela anfitriã de Metsola,
Anfitriã do vale e da floresta,
Filho herói de Tapiola,
Jovem robusto de gorro escarlate,
Mais bela virgem de Tapio,
Bela Tellervo dos bosques,

Metsola com todo o seu povo,
Venham, sejam bem-vindos ao banquete,
À festa de casamento de Otso!

290-293 Há provisões suficientes,
Comida e bebida em abundância,
Bastante para os anfitriões reunidos,
E ainda sobra para dar à aldeia."

294-298 Esta foi a pergunta do povo:
"Contem-nos sobre o nascimento de Otso!
Nasceu ele numa estrebaria,
Foi criado no banheiro?
Sua origem era humilde?"

299-302 Esta foi a resposta de Wainamoinen:
"Otso não nasceu mendigo,
Não nasceu entre os juncos,
Nem foi embalado numa estrebaria;

303-306 A Pata de Mel nasceu no éter,
Nas regiões da Terra da Lua,
Sobre os ombros de Otava,
Junto às filhas da criação.

307-311 "Pelo éter caminhava uma donzela,
Sobre as bordas vermelhas das nuvenzinhas,
Na orla dos céus,
Com meias de tom púrpura,
E sandálias douradas.

312-315 Na mão levava uma caixa de lã,
E no ombro, uma caixa de pelos;
Jogou a lã sobre o oceano,
E os pelos sobre os rios;

316-320 Ventos e águas os embalam,
As correntes os levam adiante,
Levam-nos à praia arenosa,
Deixam-nos perto dos bosques de mel,
Numa ilha coberta de floresta.

321-328 "A bela Mielikki, anfitriã dos bosques,
A filha mais astuta de Tapio,
Apanhou os pedaços à beira-mar,
Apanhou das águas a lã branca,
Costurou juntos pelos e lã,
Pôs o feixe em sua cesta,
Cesta feita de casca de bétula,
E amarrou o feixe mágico com cordas;

329-334 Prendeu-o aos galhos mais altos
Do pinheiro, com correntes de ouro.
Ali embalou aquela coisa mágica,
Embalou o bebê até ganhar vida,
Entre as flores do pinheiro,
No topo agulhado do abeto;

335-338 Assim o jovem urso foi bem criado,
Assim foi embalado o sagrado Otso
Na árvore de mel da Terra do Norte,
No meio da floresta.

339-343 “O sagrado Otso cresceu e floresceu,
Cresceu depressa, com movimentos graciosos,
Pés curtos e tornozelos tortos,
Boca larga e testa ampla,
Nariz curto, manto de pelo aveludado;

344-350 Mas suas garras não foram bem formadas,
E seus dentes também não nasceram.
A bela Mielikki, anfitriã da floresta,
Disse estas palavras, pensativa:
‘Eu ficaria feliz em dar-lhe garras,
E dotar essa maravilha de dentes,
Se ele não abusasse desse favor.’

351-357 “O urso fez uma promessa sagrada,
De joelhos diante de Mielikki,
Anfitriã do vale e da floresta,
E diante do onisciente Ukko,
Primeiro e último de todos os criadores,
De que não faria mal aos dignos,
Nem praticaria mal algum.

358-365 Então Mielikki, senhora da floresta,
A mais sábia donzela de Tapiola,
Foi buscar dentes e garras para lhe dar,
Dos mais fortes freixos-da-montanha,
Do zimbro e do carvalho,
Dos nós secos do amieiro.
Mas os dentes e as garras desses eram inúteis,
Não prestariam bom serviço.

366-369 "Cresceu um abeto na montanha,
Cresceu um pinheiro altivo na Terra do Norte,
E o abeto tinha galhos de prata,
Carregados de abundantes pinhas douradas;

370-373 A donzela da floresta os colheu,
Fez deles dentes e garras
Para as mandíbulas e patas de Otso,
E os pôs no melhor uso.

374-378 Então ela libertou a criatura que acabara de fazer,
Deixou o Pés-Leves andar e vagar,
Deixou-o avançar pesadamente pelos pântanos,
Passear pela floresta,
Rolar pelas planícies e pastagens;

379-384 Ensinou-o a andar como um herói,
A mover-se com graça,
A viver com conforto e prazer,

A descansar em plena satisfação,
Nos campos alagadiços e nos pântanos,
Nas bordas das matas;

385-392 A andar descalço no verão,
A correr sem meias no outono;
A repousar e dormir no inverno
Nos grupos de moitas de amieiro,
Sob o abrigo do abeto,
Sob a proteção do pinheiro,
Bem coberto por suas vestes de pele,
Junto ao zimbro e ao salgueiro.

393-396 Essa é a origem de Otso,
Comedor de mel das Terras do Norte,
De onde vem a sagrada presa."
Então o povo perguntou de novo:

397-404 "Por que a floresta foi tão bondosa,
Tão generosa e amigável?
Por que Tapio estava tão satisfeito,
A ponto de dar seu tesouro mais querido,
Dar-te sua Maçã da Floresta,
O comedor de mel de seu reino?
Ele se assustou com tuas flechas,
Com medo da lança e da espada?"

405-409 Väinämöinen, o mago,
Deu esta resposta à pergunta:
"Cheia de bondade estava a floresta,
O vale e a mata, cheios de saudações,
Tapio mostrando o maior favor.

410-417 A bela Mielikki, senhora da floresta,
A encantadora filha de Metsola,
A formosa donzela da mata, Tellervo,
Alegremente me guiou em minha jornada,
Aplainou meu caminho pelo bosque do vale.
Indicou as árvores nas montanhas,
Apontando-me as cavernas de Otso,
A ilha dourada do Grande Urso.

418-421 "Quando minha jornada chegou ao fim,
Quando o urso foi encontrado,
Não precisei lançar meus dardos,
Nem mirar a flecha;

422-426 Otso despencou em seu salto,
Perdeu o equilíbrio no berço,
No abeto onde dormia;
Rasgou o peito nos galhos,
E deu a vida de bom grado aos outros.

427-433 "Poderoso Otso, meu amado,
Meu amigo dourado e herói,
Tira da testa teu gorro de pele,

Deixa teus dentes para sempre,
Esconde os dedos na escuridão,
Fecha a boca e acalma tua ira,
Enquanto teu crânio sagrado se parte.

434-438 "Agora tomo os olhos de Otso,
Para que não perca a visão,
Nem se enfraqueçam os poderes que tinham;
Embora eu não tome todos os seus membros,
Não são só estes que devo tomar.

439-443 "Agora tomo as orelhas de Otso,
Para que não perca a audição,
Nem se enfraqueçam os poderes que tinham;
Embora eu não tome todos os seus membros,
Não são só estas que devo tomar.

444-448 "Agora tomo o nariz de Otso,
Para que não perca o olfato,
Nem se enfraqueçam os poderes que tinha;
Embora eu não tome todos os seus membros,
Não é só este que devo tomar.

449-453 "Agora tomo a língua de Otso,
Para que não perca o paladar,
Nem se enfraqueçam os poderes que tinha;
Embora eu não tome todos os seus membros,
Não é só esta que devo tomar.

454-459 “Agora tomo o cérebro de Otso,
Para que não perca a capacidade de pensar,
Nem perca a consciência,
Nem se enfraqueçam seus antigos instintos;
Embora eu não tome todos os seus membros,
Não é só este que devo tomar.

460-463 “Vou considerá-lo um herói,
Quem contar os dentes do Pés-Leves,
Quem soltar os dedos de Otso
De seus encaixes bem presos.”

464-467 Ninguém se acha forte o bastante
Para cumprir a tarefa exigida.
Então o velho Väinämöinen
Conta os dentes do sagrado Otso;

468-471 Solta todas as garras do Pés-Leves,
Com os dedos fortes como cobre,
Retira-as de seus encaixes firmes,
E diz estas palavras ao urso:

472-476 “Otso, meu comedor de mel,
Meu novelo de pele da floresta,
Adiante, adiante, tens de seguir
De tua morada baixa e solitária
Até as salas de reunião da aldeia.

477-482 Vai, meu tesouro, pelo caminho
Perto dos rebanhos de porcos e gado,
Até os cumes cobertos de floresta,
Até as montanhas altas e elevadas,
Até os abetos cheios de agulhas,
Até os galhos do pinheiro;

483-486 Fica lá, minha Maçã da Floresta,
Permanece ali num sono sem fim,
Onde os sinos de prata tocam,
Para alegria do pastor."

487-490 Assim começando e assim terminando,
Väinämöinen, velho e verdadeiro,
Afastou-se depressa de suas mesas vazias,
E assim se dirigiu às crianças:

491-495 "Para onde levaste tua presa,
Onde deixaste tua Maçã da Floresta,
O sagrado Otso da mata?
Deixaste-o no icebergue,
Enterraste-o no campo de neve?

496-500 Afundaste-o na areia movediça,
Deixaste-o sob a urze?"
Väinämöinen respondeu:
"Não o deixei no icebergue,
Nem o enterrei nos campos de neve;

501-504 Ali os cães logo o devorariam,
As aves de rapina fariam banquete com ele;
Não o escondi na terra pantanosa,
Nem o enterrei na urze;

505-515 Ali os vermes se alimentariam dele,
E os insetos comeriam seu corpo.
Levei Otso para lá,
Ao cume da Colina de Ouro,
À montanha que contém cobre,
E o deitei em seu berço de seda,
No alto de um pinheiro,
Onde os ventos e os galhos sagrados
O embalam em seu sono sem fim,
Para o prazer do caçador,
Para a alegria dos homens e dos heróis.

516-520 Seus lábios apontam para o leste,
Enquanto seus olhos olham para o norte;
Mas o querido Otso não olha para cima,
Pois a fúria dos ventos da tempestade
Destruiria sua visão."

521-525 Väinämöinen, antigo menestrel,
Tocou de novo sua harpa de alegria,
Cantou de novo suas canções encantadoras,
Para o prazer da noite,
Para a alegria da manhã que desponta.

526-530 Disse o cantor de Wainola:
"Acende para mim uma tocha de pinho,
Pois a escuridão está chegando,
Para que meu toque seja alegre
E minhas canções de sabedoria sejam bem recebidas."

531-535 Então o antigo sábio e cantor,
O sábio e digno Väinämöinen,
Cantou docemente, tocou e entoou,
Por toda a longa e triste noite,
Terminando assim seu encantamento:

536-541 "Concede, ó Ukko, meu Criador,
Que o povo de Wainola
Desfrute de outro banquete
Na companhia do Pé-ligeiro;
Concede que por muito tempo nos lembremos
Da festa de Kalevala com Otso!

542-546 "Concede, ó Ukko, meu Criador,
Que os sinais guiem nossos passos,
Que as marcas no pinheiro
Conduzam meu povo fiel
Às tocas dos ursos na floresta;

547-551 Que a sagrada trompa do grande Tapio
Ressoe pelos vales e florestas;
Que o chamado da ninfa da floresta ecoe,

Seja ouvido nos campos e aldeias,
Para a alegria de todos que escutam!

552-560 Que a trompa do grande Tapio, por eras,
Ressoe pelos pântanos e florestas,
Pelas colinas e vales do Norte,
Pelos prados e montanhas,
Para despertar cantos e alegria
Nas florestas de Wainola,
Nas planícies nevadas de Suomi,
Nos prados de Kalevala,
Para as gerações vindouras.”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLVII

✦

1-4 Wainamoinen, antigo menestrel,
Tocou de novo as cordas mágicas da harpa,
Cantou em milagres de harmonia,
Encheu o norte de alegria e felicidade.

5-9 Melodias subiram ao céu,
Canções chegaram aos aposentos de Luna,
Ecoaram pelas janelas luminosas do Sol,
E a Lua deixou seu lugar,
Pousou na bétula;

10-14 E o Sol saiu de seu castelo,
Pousou nos galhos do pinheiro,
Veio compartilhar a alegria de todos,
Veio escutar o canto,
A harpa de Wainamoinen.

15-23 Louhi, anfitriã de Pohyola,
Velha feiticeira desdentada do Norte,
Aprisiona o Sol e a Lua;
Toma em seus braços a bela Luna,
Que estava no berço da bétula,
Chama o Sol para que desça de seu lugar,

Dos galhos curvados do pinheiro,
Leva os dois para o Norte distante,
Para a sombria Sariola;

24-27 Esconde a Lua, para que não brilhe mais,
Numa rocha de muitas cores;
Esconde o Sol, para que não brilhe mais,
Na montanha cingida de ferro;

28-31 Então pronuncia estas palavras:
"Lua de ouro e Sol de prata,
Escondam o rosto nas cavernas
Da montanha sombria de Pohyola;

32-35 Não brilhem mais para alegrar o Norte,
Até que eu venha libertá-los,
Puxada por nove corcéis,
Corcéis negros, todos da mesma mãe!"

36-42 Quando a Lua dourada desapareceu,
E o Sol prateado se escondeu
Nas cavernas cingidas de ferro,
Louhi roubou o fogo do Norte,
Da região de Wainola,
Deixou as moradas frias e desoladas,
E as cabanas mergulhadas na escuridão.

43-49 A noite era soberana e reinava sem fim,
A escuridão dominava Kalevala,
A escuridão na casa de Ukko.

Era difícil viver sem o luar,
Mais difícil ainda sem a luz do Sol;
A vida de Ukko era escura e triste,
Quando o Sol e a Lua o abandonaram.

50-55 Ukko, o primeiro entre os criadores,
Vivia espantado com a escuridão;
Refletiu por muito tempo, ponderou bem,
Por que havia aquele milagre no céu,
Que acidente da natureza
A Lua enfrentava em seu caminho;

56-63 Por que o Sol já não brilhava,
Por que o luar havia desaparecido.
Então o grande Ukko percorreu os céus,
Até a borda das nuvenzinhas,
Vestido com suas roupas cor de púrpura,
Calçando sandálias enfeitadas de prata,
À procura do luar dourado,
À procura da luz prateada do Sol.

64-69 Ukko lançou relâmpagos na escuridão
Das bordas de sua espada de fogo;
Atirou chamas em todas as direções,
Da lâmina de cor dourada,
Para os altos espaços do céu,
Para as pastagens estreladas do Éter.

70-77 Quando uma pequena chama se acendeu,
Ukko a escondeu no espaço entre as nuvens,
Numa caixa de ouro e prata,
Num estojo adornado com prata,
Entregou-a às donzelas do Éter,
Chamou então uma virgem para embalá-la,
Para que se tornasse uma Lua nova,
Para que depois surgisse um segundo Sol.

78-82 A virgem balançava na longa nuvem,
Na borda azul do Éter,
Embalava o fogo do Criador,
No berço cor de cobre,
Com fitas cravejadas de prata.

83-88 As faixas de prata se curvam baixinho,
O berço dourado ressoa alto,
E trovejam as nuvens do Norte,
A cúpula do céu desce baixo,
Ao balanço do relâmpago,
Ao balanço do fogo de Ukko.

89-96 Assim a chama foi embalada com cuidado
Pela virgem do Éter.
Por muito tempo, a bela e fiel donzela
Acariciou com os dedos a Criança-Fogo,
Cuidou dela com carinho e alegria,

Até que, num momento de descuido,
Ela escapou da virgem do Éter,
Escapou das mãos de quem a embalava.

97-104 Num instante os céus se abriram,
Num instante a abóbada de Ukko se escancarou,
A Criança-Fogo rebelde despencou,
A bola vermelha caiu depressa,
Cruzou o arco do céu,
Sibilou pelas nuvenzinhas assustadas,
Relampejou pelo firmamento agitado,
Atravessando nove abóbadas estreladas do Éter.

105-114 Então o velho Wainamoinen
Falou e disse estas palavras:
"Irmão ferreiro, Ilmarinen,
Vamos depressa olhar juntos,
Que fogo é esse que cai,
Que luz é essa que brilha
Da alta abóbada do céu,
Da terra e do oceano lá embaixo.
Será que surgiu uma segunda Lua?
Será uma bola de luz do Sol?"

115-118 Então os heróis partiram,
Seguiram viagem, pensativos,
Para chegar ao lugar iluminado,
Para encontrar a sagrada Criança-Fogo.

Um rio passou correndo diante deles,
Largo e majestoso como um oceano.
Imediatamente o velho Wainamoinen
Começou a construir uma embarcação,
Um barco para cruzar o rio.

Com a ajuda de Ilmarinen,
Cortou no carvalho os toletes dos remos,
Fez os remos de pinheiro,
E moldou o leme de álamo.

Quando terminaram a embarcação,
Logo a empurraram para a correnteza,
Remaram com força, sempre adiante,
Pelo rio Nawa e suas águas,
Até a nascente do rio Nawa.

Ilmatar, filha do Éter,
Filha mais velha da criação,
Veio encontrá-los pelo caminho,
E assim falou aos forasteiros que se aproximavam:

"Quem são vocês, heróis do Norte,
Que remam pelas águas do Nawa?"
Wainamoinen respondeu:
"Este é o ferreiro, Ilmarinen,
E eu sou o velho Wainamoinen."

Digam agora seus nomes e de onde vêm,
Aonde vão, de onde partiram,
Onde vivem e permanecem seus parentes?”
Falou a filha do Éter:

“Sou a mais velha das mulheres,
A primeira das filhas do Éter,
A primeira das mães antigas;
Já me casei sete vezes
Com os heróis da criação.

Aonde vocês, forasteiros, vão?”
Assim respondeu o velho Wainamoinen:
“O fogo deixou as lareiras de Wainola,
A luz desapareceu do Norte;

Ficamos muito tempo sentados no escuro,
O frio e a escuridão são nossos companheiros;
Agora partimos para descobrir
Que fogo foi esse que caiu do céu,
Caindo da orla vermelha da nuvem,
Até as profundezas da terra e do oceano.”

Ilmatar respondeu:
“É difícil encontrar a chama,
É muito difícil achar a Criança-Fogo;
Ela fez muitas maldades,
Nada de bom realizou;

166-172 A bola de fogo caiu depressa do Éter,
Das bordas vermelhas das nuvenzinhas,
Das planícies do Criador,
Atravessando os céus em movimento constante,
Os espaços púrpura do Éter,
As chaminés enegrecidas de Turi,
Até os aposentos descobertos de Palwoinen.

173-179 Quando o fogo chegou aos aposentos
De Palwoinen, filho do mal,
Começou suas obras perversas,
Praticou atos sem lei,
Enfureceu-se contra as donzelas coradas,
Incitou os jovens à má conduta,
Chamuscou as barbas de homens e heróis.

180-183 "Onde a mãe embalava seu bebê,
No berço frio e desolado,
Para lá voou a malvada Criança-Fogo,
Para fazer alguma maldade;

184-187 O bebê queimou no berço,
A mãe se queimou junto ao bebê,
E a criança quase foi visitar Mana,
No reino de Tuoni;

188-196 Disseram que a criança nascera para morrer,
Que estava destinada apenas à destruição,
Por causa dos tormentos da Criança-Fogo.

Mas a mãe sabia mais,
Não foi para Manala,
Sabia a palavra que detém a chama vermelha,
Como expulsar a intrusa
Pelo buraco de uma agulha,
Pelo orifício mortal do machado."

197-202 Então o velho Wainamoinen
Perguntou a Ilmatar:
"Para onde foi a Criança-Fogo,
Para onde correu a chama vermelha,
Dos campos fronteiriços de Turi,
Para os bosques ou para as águas?"

203-209 Ilmatar respondeu imediatamente:
"Quando o fogo fugiu de Turi,
Dos castelos de Palwoinen,
Pelo buraco de uma agulha,
Pelo orifício mortal do machado,
Primeiro queimou os campos e as florestas,
Queimou as terras baixas e a urze;

210-214 Depois buscou as grandes águas,
Buscou o mar e o rio Alue,
E as águas sibilaram e borbulharam,
Enfurecidas com a Criança-Fogo,
O Alue ferveu num vermelho de fogo!

215-219 “Três vezes nas noites de verão,
Nove vezes nas noites de outono,
As águas ferviam até as copas das árvores,
Revolviam-se e subiam até a montanha,
Com a força e a fúria da bola vermelha;

220-224 Arremessavam o lúcio para os pastos,
O salmão para os penhascos da montanha,
Onde os habitantes do oceano se espantavam,
Refletiam por muito tempo e ponderavam
Como acalmar as águas enfurecidas.

225-230 O salmão chorou por sua gruta,
O peixe-branco lamentou sua caverna,
E a truta do lago, sua morada.
O salmão de pescoço curvado disparou,
Tentou capturar o intruso de fogo,
Mas a bola vermelha escapou depressa;

231-237 Então o audacioso peixe-branco disparou,
Engoliu num instante a malvada Criança-Fogo,
Engoliu num instante a chama do mal.
As águas do Alue se aquietaram,
Aos poucos voltaram às margens,
Aos lugares de sempre,
Na longa e sombria noite.

238-242 “Pouco tempo havia passado,
Quando o peixe-branco se assustou,
O devorador do fogo foi tomado pelo medo;
Uma dor ardente e tormentos convulsivos
Tomaram conta de quem engolira a Criança-Fogo;

243-246 O peixe nadou em todas as direções,
Chamou, gemeu, nadou e deu voltas,
Nadou um dia, depois um segundo,
Nadou o terceiro, da manhã até a noite;

247-251 Nadou até a ilha dos peixes-brancos,
Até as cavernas dos salmões,
Onde se agrupam cem ilhas;
E as ilhas reunidas
Falaram assim ao devorador do fogo:

252-257 ‘Não há ninguém nestas águas,
Neste pequeno lago estreito de Alue,
Que coma o peixe de fogo condenado,
Que te engula em teu sofrimento,
Em tua agonia e tormento,
Por causa da Criança-Fogo que engoliste.’

258-263 “Ao ouvir isso, uma truta disparou,
Engoliu o peixe-branco num instante,
Comeu depressa o devorador do fogo.

Pouco tempo havia passado,
Quando a truta se assustou,
O devorador do peixe-branco foi tomado pelo medo;

Uma dor ardente e um tormento convulsivo
Tomaram conta de quem engolira o peixe de fogo.
A truta nadou em todas as direções,
Chamou, gemeu, nadou e deu voltas,
Nadou um dia, depois um segundo,
Nadou o terceiro, da manhã até a noite;

Nadou até a ilha dos salmões,
Nadou até as grutas dos peixes-brancos,
Onde se agrupam mil ilhas,
E as ilhas reunidas
Falaram assim à truta do lago atormentada:

‘Não há ninguém neste rio,
Nestas águas estreitas de Alue,
Que coma o malvado peixe de fogo,
Que te engula em teu sofrimento,
Em tua agonia e tormento,
Por causa do peixe de fogo que engoliste.’

Ao ouvir isso, o lúcio cinzento disparou,
Engoliu a truta do lago num instante,
Comeu depressa o atormentado peixe de fogo.

284-288 “Pouco tempo havia passado,
Quando o lúcio cinzento se assustou,
O devorador da truta do lago foi tomado pelo medo;
Uma dor ardente e um tormento convulsivo
Tomaram conta do imprudente devorador da truta;

289-295 O lúcio nadou em todas as direções,
Chamou, gemeu, nadou e deu voltas,
Nadou um dia, depois um segundo,
Nadou o terceiro, da manhã até a noite,
Até a caverna das andorinhas-do-mar,
Até as dunas da gaivota,
Onde se agrupam cem ilhas;

296-303 E as ilhas reunidas
Falaram assim ao devorador do fogo:
‘Não há ninguém neste pequeno lago,
Nestas águas estreitas de Alue,
Que coma o peixe de fogo condenado,
Que te engula em teu sofrimento,
Em tua agonia e tormento,
Por causa do peixe de fogo que engoliste.’”

304-307 Wainamoinen, sábio e antigo,
Com a ajuda de Ilmarinen,
Teceram com habilidade uma grande rede de pesca,
Com zimbro e algas marinhas;

308-312 Tingiram a rede com água de amieiro,
Amarraram-na bem com tiras de salgueiro.
Imediatamente o velho Wainamoinen
Chamou as donzelas para a rede de pesca,
E as irmãs vieram como ele pediu.

313-318 Com a rede, remaram adiante,
Remaram até as cem ilhas,
Até as grutas dos salmões,
Até as cavernas dos peixes-brancos,
Até os juncos de cor escura,
Onde o lúcio cinzento descansa e vigia.

319-323 Apressaram-se para pescar,
Arrastaram a rede em todas as direções,
No comprimento, de lado, atravessada,
E em zigue-zague na diagonal;
Mas não pegaram o peixe de fogo.

324-334 Então os irmãos foram pescar,
Arrastaram a rede em todas as direções,
Para trás, para a frente, no comprimento e de lado,
Pelas moradas dos habitantes do oceano,
Pelas grutas dos salmões,
Pelas moradas dos peixes-brancos,
Pelos juncais onde vive a truta do lago,
Onde o lúcio cinzento fica à espreita;

Mas o peixe de fogo condenado não apareceu,
Não veio das profundezas do lago,
Não veio das águas do Alue.

335-340 Os peixinhos não puderam ser capturados
Nas grandes redes dos mestres;
Então murmuraram os habitantes do mar profundo,
O salmão falou à truta do lago,
E a truta do lago ao peixe-branco,
E o peixe-branco ao lúcio cinzento:

341-347 "Os heróis de Wainola
Morreram, ou partiram todos
Destas praias e águas férteis?
Onde estão então os antigos tecelões,
Que teciam redes de fio de linho,
Aqueles que nos espantavam com varas de pesca,
E nos arrancavam de casa contra a vontade?"

348-355 Ao ouvir isso, o sábio Wainamoinen
Respondeu aos habitantes do mar profundo:
"Os heróis de Wainola não morreram,
Nem partiram todos
Destas praias e águas férteis,
Para cada um que morre, nascem dois;
Os filhos de Kalevala têm varas mais compridas
E redes de pesca mais finas!"

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLVIII

✦

1-5 Väinämöinen, o encantador,
O eterno cantor da sabedoria,
Refletiu por muito tempo, ponderou bem,
Como tecer a rede de fios de linho,
A rede de pesca dos antepassados.

6-11 Falou o menestrel de Wainola:
"Quem vai arar e preparar o campo,
Semear o linho e fiar os fios,
Para que eu possa preparar a rede de pesca,
Com que poderei pegar o Lúcio de Fogo,
E deter essa coisa maligna?"

12-16 Logo encontraram uma ilha fértil,
Encontraram o solo apropriado,
Na orla da charneca,
Entre dois carvalhos imponentes,
Prepararam a terra para a semeadura.

17-21 Procurando por toda parte sementes de linho,
Encontraram-nas no reino de Tuoni,
Guardadas por um inseto.
Então encontraram um monte de cinzas,
Onde o fogo havia queimado um recipiente;

22-27 Nas cinzas semearam as sementes
Perto do lago Alue e de sua margem,
No campo fértil e argiloso.
Ali a semente criou raízes e floresceu,
Cresceu depressa e ficou viçosa,
Numa única noite de verão.

28-34 Assim semearam o linho ao anoitecer,
Puseram-no na terra ao luar;
Cresceu depressa e amadureceu depressa,
Os heróis de Wainola logo o arrancaram,
Logo o bateram nas espadilhas,
Apressaram-se com ele até as águas,
Mergulharam-no no lago e o lavaram;

35-38 Logo o levaram para casa e o secaram,
Logo o quebraram, pentearam e alisaram,
Escovaram-no bem de manhã cedo,
Puseram-no no colo para fiar.

39-43 Logo as moças giraram os fusos,
Fiando os fios de linho para tecer,
Numa única noite de verão.
Logo as irmãs enrolaram e bobinaram os fios,
Deixando-os prontos para a agulha.

44-47 Os irmãos teceram a rede de pesca,
E os pais torceram as cordas,
Enquanto as mães tricotavam as malhas,

A vareta da malha girava depressa;

48-54 Logo a rede de pesca ficou pronta,
Numa única noite de verão.
Quando a rede mágica ficou terminada,
Com cem braças de comprimento,
E trezentas braças de borda,
Prenderam-lhe pedras arredondadas,
E juntaram a ela sete tábuas flutuantes.

55-59 Agora os jovens pegam a rede,
E os velhos os animam,
Desejam-lhes boa sorte na pescaria.
Remam por muito tempo e arrastam a rede de linho,
Lançando-a aqui e ali;

60-64 Agora a arrastam no comprimento e de lado,
Puxam-na pelos juncais lamacentos;
Mas não pegam o Lúcio de Fogo,
Só peixes-rei, e peixes vermelhos sem sorte,
Peixinhos sem valor.

65-68 Falou o velho Väinämöinen:
"Ó ferreiro Ilmarinen,
Vamos nós mesmos pescar,
Vamos pegar o peixe maligno!"

69-72 Os irmãos foram pescar,
Heróis mágicos do Norte,
Puxaram a rede pelas águas,

Em direção a uma ilha no mar profundo;

73-79 Então voltaram e arrastaram a rede
Em direção a um prado que avançava mar adentro;
Agora a arrastaram rumo a Wainola,
Puxaram-na no comprimento, de lado e atravessada,
Apanhando peixes de todas as espécies,
Salmões, trutas, lúcios e merluzas,
Mas não pegaram o maligno Peixe de Fogo.

80-84 Então o mestre Väinämöinen
Aumentou as bordas da rede,
Deixou-a muitas braças mais larga
E cem braças mais comprida,
Então o herói disse estas palavras:

85-89 "Famoso ferreiro Ilmarinen,
Vamos pescar mais uma vez,
Remar de novo com a rede mágica,
Arrastá-la bem por todas as águas,
Para conseguirmos o Lúcio de Fogo!"

90-95 Então os heróis do Norte
Foram pescar pela segunda vez,
Arrastaram as redes pelos rios,
Lagoas, mares, baías e enseadas,
Apanharam peixes de muitas espécies,
Mas o Peixe de Fogo não foi capturado.

96-106 Väinämöinen, antigo cantor,
Depois de muito refletir, falou estes versos:
"Querida Wellamo, senhora das águas,
Antiga mãe de seios cobertos de juncos,
Vem trocar tuas vestes de água,
Troca teu manto de juncos e caniços
Pelas roupas que te darei,
Leve espuma do mar para tua roupa de baixo,
E musgo e algas para a de cima,
Feitas pelas belas filhas do vento,
Tecidas pelas doces moças da correnteza;

107-111 Vou te dar vestes de linho,
Fiadas com fibras macias do melhor linho,
Tecidas pelas brancas virgens da Lua,
Feitas pelas brilhantes filhas do Sol,
Traje digno de Wellamo!

112-116 "Ahto, rei de todas as águas,
Senhor de mil grutas,
Pega uma vara de sete braças,
Com ela procura as águas mais profundas,
Revira bem o fundo;

117-126 Agita todos os juncos e algas,
Conduz para cá um cardume de lúcios cinzentos,
Leva-os até nossa rede mágica,
Desde os lugares cheios de lúcios,
Das grutas e dos poços de trutas,

Dos redemoinhos do mar profundo,
Dos abismos sem fundo,
Onde o sol nunca entra,
Onde o luar nunca chega,
E as areias nunca se movem.”

127-133 Um anão surgiu das águas,
Um pequeno herói veio das correntezas,
Cavalgando uma onda encapelada,
E o anão disse estes versos:
“Queres um ajudante à altura,
Alguém que use a vara e espante
Lúcios e salmões para tua rede?”

134-138 Väinämöinen, velho e fiel,
Respondeu ao herói nascido do lago:
“Sim, precisamos de um ajudante à altura,
Alguém que segure a vara e espante
Lúcios e salmões para nossas redes.”

139-144 Então o anão das águas
Cortou uma tília na margem,
E disse estas palavras a Väinämöinen:
“Devo espantar com todas as minhas forças,
Com todo o meu poder,
Devo espantá-los como precisas?”

145-148 Falou o menestrel Väinämöinen:
"Se espantares como é preciso,
Espantarás com todas as tuas forças,
Com todo o poder de teu domínio."

149-152 Então o herói anão começou
A assustar os habitantes do mar profundo;
Conduziu peixes aos milhares
Até a rede dos magos.

153-159 Väinämöinen, antigo menestrel,
Puxou a rede pelas águas,
Puxou-a com suas cordas de fios de linho,
E disse estas palavras mágicas:
"Venham, peixes das águas do Norte,
Para os limites da minha rede,
À medida que minhas cem malhas se baixam."

160-166 Então puxaram e prenderam a rede,
Muitos lúcios cinzentos foram apanhados
Pelo mestre e mago.
Väinämöinen, feliz,
Apressou-se até uma ilha vizinha,
Até uma ponta azul nas águas,
Perto de uma ponte vermelha no promontório;

167-170 Desembarcou ali sua pescaria,
Jogou os lúcios na praia,
E o Lúcio de Fogo estava entre eles,

Devolveu os outros às águas.

171-174 Falou o velho Väinämöinen:
"Posso tocar-te com os dedos,
Sem usar minhas luvas de ferro,
Sem usar minhas luvas de pedra azul?"

175-178 O filho do Sol ouviu e respondeu:
"Gostaria de cortar o Peixe de Fogo,
Gostaria de manusear este lúcio,
Se tivesse a faca da boa sorte."

179-182 Logo uma faca caiu dos céus,
Das nuvens veio uma faca mágica de peixe,
Com fio de prata e cabo de ouro,
Para o cinto do filho do Sol;

183-187 Logo ele agarrou o cabo de cobre,
Logo o herói cortou o Lúcio de Fogo,
E encontrou dentro dele a truta do lago atormentado;
Cortou a truta do lago assim descoberta,
E encontrou dentro dela a merluza fadada;

188-191 Cortou a merluza e encontrou uma bola azul
Na terceira cavidade de seu corpo.
Logo desenrolou a bola azul,
E encontrou dentro dela uma bola escarlate;

192-196 Retirou a cobertura com cuidado,
Encontrou dentro dela a bola de fogo,
Encontrou a chama que caíra do céu,

Das alturas do sétimo céu,
Atravessando nove regiões do éter.

197-200 Väinämöinen refletiu por muito tempo
Como levar a bola de fogo mágica
Às lareiras frias de Wainola,
Às suas moradas geladas e tristes.

201-205 Logo arrancou o fogo do céu
Dos dedos do filho do Sol.
O fogo chamuscou a barba de Väinämöinen,
Queimou a testa de Ilmarinen,
Queimou os dedos do ferreiro.

206-211 Rolando, avançou para o oeste,
Avançou até as margens do lago Alue,
Queimou os zimbros e amieiros,
Queimou a charneca árida e o prado,
Subiu até a tília alta,
Queimou os abetos nas montanhas;

212-215 Avançou sem parar, sem parar, sem parar,
Queimou as ilhas do Norte,
Queimou os campos e florestas de Sawa,
Queimou as terras secas de Karyala.

216-220 Logo o velho Väinämöinen
Atravessou os campos e pântanos,
Seguiu o andarilho até o bosque do vale,

Encontrou o Filho do Fogo numa olmeira,
Dormindo num leito de fungos.

Então o sábio Väinämöinen
Acordou a criança e disse estes versos:
"Fogo perverso que Deus criou,
Chama de Ukko vinda dos céus,
Foste em vão para as cavernas do mar,
Para os lagos sem motivo;

É melhor ires para minha aldeia,
Para as lareiras do meu povo;
Esconde-te dentro das minhas chaminés,
Dorme e fica em minhas cinzas.

De dia vou usar-te
Para devorar os troncos de bétula;
À noite vou esconder-te
Debaixo do círculo dourado."

Então pegou o Panu voluntarioso,
Pegou o fogo voluntarioso de Ukko,
Pôs numa caixa de isca,
Na madeira esponjosa de uma bétula,
Num recipiente forjado em cobre;

Levou-o com cuidado e alegria
Até a ponta enevoada nas águas,
Até a ilha coberta de floresta.

Assim o fogo voltou ao Norte,
Às câmaras de Wainola,
Às lareiras de Kalevala.

246-252 Ilmarinen, famoso ferreiro,
Apressou-se até a margem do mar profundo,
Sentou-se na rocha do tormento,
Sentindo a dor que a chama lhe causara,
Lavou as feridas com água salgada,
Para acalmar a fúria do Filho do Fogo,
Para pôr fim aos seus tormentos.

253-260 Depois de muito refletir, Ilmarinen
Assim se dirigiu à chama de Ukko:
"Panu maligno vindo dos céus,
Filho perverso de Deus vindo do éter,
Diz-me o que te deixou tão irado,
O que te fez queimar meus membros cansados,
Queimar minha barba, meu rosto e meus dedos,
E me fazer sofrer tormentos de morte?"

261-264 O jovem Ilmarinen falou de novo:
"Como posso vencer o selvagem Panu,
Como posso controlar sua conduta,
Fazê-lo parar com suas maldades?"

265-273 Vem, filha de Pohyola,
Vem, virgem branca da geada,
Vem com sapatos de gelo da Lapônia,

Com pingentes de gelo nas roupas,
Com um copo de geada branca numa mão,
E uma colher de gelo na outra;
Salpica neve sobre meus membros,
Onde o Filho do Fogo se deitou,
Deixa a geada cair e cobri-los.

274-282 "Se esta prece não adiantar,
Vem, filho de Sariola,
Vem, criança da Geada de Pohya,
Vem, Homem Comprido das planícies geladas,
Alto como os pinheiros imponentes,
E esguio como os troncos das tílias,
Com luvas de geada nas mãos,
Um gorro de gelo na testa,
E um cinto de geada branca na cintura;

283-288 Traz a poeira de gelo de Pohyola,
Da aldeia fria e sem sol.
A chuva cristaliza no Norte,
Em Pohya há gelo em abundância,
Lagos de gelo e rios cobertos de gelo,
E o mar do éter, liso e congelado.

289-295 A lebre salta com seu manto de geada,
O urso sobe com suas vestes de gelo,
E caminha pelas montanhas nevadas.
Cisnes de geada descem pelos rios,

Patos de gelo aos milhares
Nadam em tuas águas geladas,
Perto da cachoeira e do redemoinho.

296-299 Traz-me geada em teu trenó de neve,
Neve e gelo em grande abundância,
Do cume da região selvagem,
Das encostas das montanhas.

300-303 Com teu gelo, neve e geada
Cobre bem meus membros feridos,
Onde o selvagem Panu se deitou,
Onde o Filho do Fogo permaneceu.

304-314 "Se este chamado não surtir efeito,
Ukko, Deus do amor e da misericórdia,
Primeiro e último dos criadores,
Manda do leste uma nuvem de neve,
E do oeste envia outra,
Une bem suas bordas,
Não deixes nenhum espaço vazio,
Que essas nuvens tragam neve e geada,
Põe o bálsamo curativo de Ukko
Sobre meus tecidos ardentes e torturados,
Onde o selvagem Panu se deitou."

315-319 Assim o ferreiro Ilmarinen
Acalma as dores causadas pelo fogo,
Acalma a agonia e os tormentos

Que lhe trouxe o filho do mal,
Que lhe trouxe o perverso Panu.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO XLIX

✦

1-5 Assim o Fogo voltou à Terra do Norte;
Mas a Lua dourada não brilha,
Nem reluz a luz prateada do Sol
Nas câmaras de Wainola,
Nas planícies de Kalevala.

6-12 A geada branca cobriu as plantações,
E o gado morreu de fome,
Até os pássaros adoeceram e morreram.
Homens e moças, fracos e famintos,
Morreram no frio e na escuridão,
Sem a luz do Sol,
Sem a luz da Lua.

13-19 O lúcio conhecia seus buracos e esconderijos,
A águia conhecia seu caminho pelos ares,
Os ventos conheciam as horas de navegar;
Mas os sábios da Terra do Norte
Não sabiam quando viria o amanhecer,
No cabo envolto em neblina no oceano,
Nas ilhas cobertas de florestas.

20-27 Jovens e velhos conversavam e se admiravam,
Pensavam muito, debatiam por longo tempo,
Como viver sem a luz da Lua,

Viver sem a luz prateada do Sol,
Na fria e desolada Terra do Norte,
Nos lares de Kalevala.
Todas as moças tentavam adivinhar,
E os órfãos pediam conselho aos sábios.

28-31 Uma moça falou com Ilmarinen,
Correndo até a forja do ferreiro:
"Levante-se, artista, saia do sono,
Apresse-se e deixe esse leito indigno;

32-35 Forje de ouro a Lua para a Terra do Norte,
Forje de novo o Sol com prata;
Não podemos viver sem a luz da Lua,
Nem sem a luz prateada do Sol!"

36-39 O artista se levantou do leito,
Do leito de pedra, o ferreiro,
E começou seu trabalho de forja,
Forjando o Sol e a Lua para a Terra do Norte.

40-46 Chegou o velho Wainamoinen,
Sentou-se e ficou à porta,
E disse estas palavras a Ilmarinen:
"Ferreiro, meu querido irmão,
Tu, o único trabalhador do metal,
Dize-me por que teu martelo mágico
Cai tão pesado sobre a bigorna?"

47-51 O jovem Ilmarinen respondeu:
"A Lua de ouro e o Sol de prata,
Estou forjando para Wainola;
Vou lançá-los no firmamento,
Plantá-los nos céus estrelados."

52-57 O sábio e velho Wainamoinen respondeu:
"Ferreiro insensato de todos os tempos,
Em vão golpeias com teu martelo,
Em vão ressoa tua poderosa bigorna;
A prata não brilhará como o Sol,
Da Lua não nasce o luar de ouro!"

58-62 Ilmarinen, sem dar muita atenção,
Não para de manejar o martelo,
O artista forja o Sol e a Lua,
Ergue a Lua mágica em suas asas,
Arremessa-a aos ramos do pinheiro;

63-69 Mas ela não brilha sem seu senhor.
Então coloca o Sol de prata
Num olmo da montanha.
Gotas de suor lhe escorrem da testa,
E dos dedos lhe escorre a transpiração,
De tanto trabalhar na bigorna
Enquanto forjava o Sol e a Lua;

70-73 Mas o Sol não brilhou de manhã
Do lugar onde estava no olmo;
E a Lua não brilhou à noite
Do alto dos ramos do pinheiro.

74-78 O velho Wainamoinen disse:
"Consultemos agora os Destinos,
E examinemos os oráculos;
Só assim poderemos descobrir
Onde o Sol e a Lua estão escondidos."

79-84 Então o velho Wainamoinen,
Único mago sábio e verdadeiro,
Cortou três lascas de troncos de amieiro,
Dispôs as lascas em ordem mágica,
Tocou-as e virou-as com os dedos,
E pronunciou estas palavras de grande magia:

85-90 "Busco conhecimento de meu Criador,
Peço, com esperança e fé, a resposta
do grande mago Ukko:
Língua de amieiro, dize-me a verdade,
Símbolo do grande Criador,
Onde dormem o Sol e a Lua;

91-96 Pois a Lua não brilha na hora certa,
Nem o Sol aparece ao meio-dia,
Em seus lugares na abóbada celeste.

Dize a verdade, mágico amieiro,
Não fales palavras de homem nem de herói,
Traz até mim apenas respostas verdadeiras.

97-101 Façamos um pacto sagrado:
Se me disseres uma mentira,
Vou te lançar em Manala,
E os fogos do mundo subterrâneo te consumirão,
Para que teus sinais malignos desapareçam."

102-103 Então o amieiro respondeu,
E disse estas palavras verdadeiras:

104-107 "De fato, o Sol está escondido,
E a Lua dourada está dormindo
Na montanha rochosa de Pohyola,
Na montanha que guarda cobre."

108-112 Estas foram as palavras de Wainamoinen:
"Vou agora mesmo à Terra do Norte,
À fria e escura Pohyola,
Trazer o Sol e a Lua para alegrar
Todos os campos e florestas de Wainola."

113-119 Ele parte depressa em sua jornada,
Para a sombria Sariola,
Para a fria e desolada Terra do Norte;
Viaja um dia, depois mais um,

E, no terceiro, da manhã até a noite,
Avista os portões de Pohya,
Com suas colinas e montanhas cobertas de neve.

120-126 Wainamoinen, o mago,
Às margens do rio de Pohyola,
Chama em voz alta a moça da balsa:
"Traga um barco, filha de Pohya,
Traga uma embarcação forte e segura,
Reme comigo por estas águas geladas,
Por este rio turbulento e veloz!"

127-134 Mas a moça da balsa não o ouviu,
Não escutou seu chamado.
Então o velho Wainamoinen
Juntou um monte de lenha bem seca,
Gravetos e agulhas do pinheiro,
Fez uma fogueira à beira do rio,
Mandou a fumaça negra subir aos céus,
Até a morada de Ukko.

135-138 Louhi, senhora da Terra do Norte,
Correu à janela de seu quarto,
Olhou para a baía e o rio,
E disse a seus acompanhantes:

139-142 "Por que há um fogo do outro lado do rio,
Onde a corrente encontra o mar profundo,
Menor que os fogos dos inimigos,

Maior que as chamas dos caçadores?”

143-149 Então um homem de Pohya
Saiu depressa da corte de Louhi,
Para descobrir a causa
E levar a informação procurada
À senhora de Pohyola;
Viu, junto à margem do rio,
Um grande herói de Wainola.

150-153 Wainamoinen viu o estranho,
E chamou de novo, em voz de trovão:
“Traga um barco, filho da Terra do Norte,
Para o menestrel Wainamoinen!”

154-159 O homem de Pohya respondeu:
“Não há barcos sobrando por aqui,
Atravesse as águas sozinho,
Use os braços, os pés e os dedos
Para se impulsionar pelo rio,
Pela corrente sagrada de Pohya.”

160-165 Wainamoinen refletiu por longo tempo,
E disse corajosamente a si mesmo:
“Vou mudar minha forma e aparência,
Vou assumir outro corpo,
Não serei homem nem velho menestrel,
Mas senhor das águas da Terra do Norte!”

166-169 Então o cantor Wainamoinen
Saltou nas águas, feito um lúcio,
E atravessou a nado o rio veloz,
Chegando à fria margem de Pohya.

170-174 Retomando sua forma de sempre,
Caminhou como um poderoso herói
Na sombria ilha de Louhi.
Os perversos filhos da Terra do Norte disseram:
"Venha à sala da corte de Pohyola."

175-177 Ele correu à corte de Pohyola.
Os filhos do mal tornaram a dizer:
"Venha aos salões de Louhi!"

178-183 Ele correu aos salões de Pohyola.
Pôs os dedos no trinco,
Pôs o pé no vestíbulo,
Apressou-se até a câmara interna,
Sob as vigas pintadas,
Onde se reuniam os heróis da Terra do Norte.

184-189 Ali encontrou os senhores de Pohya,
Cingidos com suas espadas de batalha,
Com lanças e machados de guerra,
Com arcos e flechas mortais,
Prontos para matar Wainamoinen,
O antigo bardo de Suwantolainen.

190-194 Assim perguntaram ao herói estrangeiro:
"Nadador mágico da Terra do Norte,
Filho do mal, que mensagem
Trazes de teu povo?
Qual é tua missão em Pohyola?"

195-198 Wainamoinen, velho e sincero,
Assim falou aos anfitriões de Louhi:
"Venho à Terra do Norte em busca do Sol,
Venho procurar a Lua em Pohya;

199-208 Digam-me onde o Sol está escondido,
Onde dorme a Lua dourada."
Os perversos filhos de Pohya responderam:
"O Sol e a Lua estão escondidos
Na rocha de muitas cores,
Na montanha que guarda cobre,
Numa caverna com grades de ferro,
Na montanha rochosa de Pohyola,
Sem nunca mais recuperar a liberdade,
Sem nunca mais brilhar na Terra do Norte!"

209-214 O herói Wainamoinen disse:
"Se o Sol não for libertado,
Se a Lua não sair de sua prisão,
Desafio toda Pohyola
Para um combate de lança ou espada,
Vamos medir nossas armas!"

215-221 Depressa o herói de Wainola
Desembainhou sua poderosa espada mágica;
Na lâmina brilhava o luar,
No punho brilhava o Sol,
Nas costas relinchava um garanhão,
Na face miava um gato,
Era bela sua arma mágica.

222-226 Depressa, os heróis mediram as espadas,
E compararam corretamente as lâminas:
A espada de Wainamoinen era mais comprida
Por um único grão de cevada,
E mais larga por uma palha.

227-232 Os heróis correram ao pátio,
Apresaram-se para o combate mortal,
Nas planícies de Sariola.
Wainamoinen, o mago,
Golpeia uma vez, depois uma segunda,
E, no terceiro golpe, corta e vence.

233-238 Como as criadas cortam nabos,
Como arrancam as cabeças dos repolhos,
Como se quebram os talos do linho,
Assim caem as cabeças dos heróis de Louhi
Diante da espada mágica
Do velho Wainamoinen.

239-245 Então o vencedor de Wainola,
Antigo bardo e grande mago,
Foi procurar o Sol adormecido
E encontrar a Lua dourada,
Nas montanhas que guardam cobre,
Na caverna com grades de ferro,
Na montanha rochosa de Pohyola.

246-250 Ele não tinha ido muito longe
Quando encontrou uma ilha verde-mar;
Na ilha havia uma bétula,
Perto dela havia um pilar
Entalhado em pedra de muitas cores;

251-254 No pilar, nove grandes portais,
Trancados em cem lugares;
Na rocha, encontrou uma fenda
De onde saía um raio de luz solar.

255-259 Depressa desembainhou sua poderosa espada,
Golpeou o pilar, tirando-lhe três cores
Com a magia de sua arma;
E o pilar se partiu,
Em três pedaços.

260-265 Wainamoinen, velho e fiel,
Olhou pela fenda, espantado.
No centro do pilar,

Numa bacia vermelha como escarlate,
Serpentes venenosas bebiam cerveja,
E víboras comiam especiarias.

266-270 O velho Wainamoinen disse:
"Por isso a senhora de Pohyola
Tem pouca bebida para oferecer aos forasteiros:
Sua cerveja é bebida pelas serpentes,
E suas especiarias são dadas às víboras."

271-277 Depressa ele puxa sua espada de fogo mágico,
Corta as víboras verdes em pedaços,
Arranca a cabeça de todas as serpentes,
E pronuncia estas palavras de grande magia:
"De agora em diante, que as serpentes
Bebam a famosa cerveja de cevada,
E se alimentem das especiarias da Terra do Norte!"

278-283 Wainamoinen, o mago,
O eterno cantor feiticeiro,
Tentou abrir os portais
Com as mãos e palavras mágicas;
Mas suas mãos haviam perdido a habilidade,
E sua magia passara para outros.

284-287 Então o antigo menestrel,
Voltando depressa, de coração pesado,
A seus lares e aldeias,
Disse a seus irmãos heróis:

288-293 “Sou como uma mulher sem armas,
Sem ferramentas, um fraco!
Encontrei o Sol e a Lua,
Mas não consegui forçar os portais
Que levam à caverna rochosa
Na montanha que guarda cobre.”

294-297 O impetuoso Lemminkainen disse:
“Ó velho Wainamoinen,
Por que não me levou contigo
Para ser teu companheiro de guerra?

298-302 Eu teria sido de grande ajuda,
Teria puxado os ferrolhos ou arrombado
Todos os portais da caverna
Onde o Sol e a Lua estão escondidos
Na montanha que guarda cobre!”

303-306 Wainamoinen, antigo menestrel,
Assim respondeu a Lemminkainen:
“Palavras vazias não arrombam portais,
Nem puxam ferrolhos de qualquer tipo;

307-311 Trancas e ferrolhos nunca se rompem
Com palavras de pouca sabedoria!
É preciso usar meios mais poderosos
Para libertar a luz do Sol,
Libertar a luz da Lua de sua prisão.”

312-322 Wainamoinen, sem desanimar,
Correu à forja do ferreiro,
E disse estas palavras a Ilmarinen:
"Ó famoso artista dos metais,
Forje para mim um tridente mágico,
Forje no aço uma dúzia de anéis resistentes,
Um bom número de chaves mestras,
Barras de ferro e pesados martelos,
Para que possamos libertar o Sol
Na montanha que guarda cobre,
Na montanha rochosa de Pohyola."

323-331 Então o ferreiro Ilmarinen,
O eterno trabalhador do metal,
Forjou o que Wainamoinen precisava,
Forjou para ele o tridente mágico,
Forjou no aço uma dúzia de anéis resistentes,
Um bom número de chaves mestras,
Barras de ferro e pesados martelos,
Nem grandes demais, nem pequenos demais,
Fez tudo nas medidas certas.

332-339 Louhi, senhora de Pohyola,
Velha feiticeira desdentada da Terra do Norte,
Prendeu asas aos ombros,
E, como águia, cruzou os céus,
Sobre campos, pântanos e florestas,

Sobre as muitas águas de Pohya,
Até as aldeias de Wainola,
Até a forja de Ilmarinen.

340-344 Depressa o famoso trabalhador do metal
Foi ver se os ventos sopravam;
Encontrou os ventos calmos e silenciosos,
E uma águia negra como carvão
Pousada no parapeito da janela.

345-348 O artista Ilmarinen disse:
"Pássaro mágico, quem procuras?
Por que estás pousado na minha janela?"
A águia respondeu:

349-352 "És tu o ferreiro Ilmarinen,
O eterno forjador do ferro,
Senhor dos metais mágicos,
Artista de maravilhas da Terra do Norte?"

353-356 Ilmarinen respondeu:
"Não há aqui nada de extraordinário,
Pois forjei a abóbada do céu,
Forjei uma cobertura côncava para a Terra!"

357-360 A águia mágica tornou a dizer:
"Por que tua bigorna ressoa assim?
Por que teu martelo bate assim?
Dize-me o que tuas mãos estão forjando?"

361-368 O ferreiro respondeu:
"Estou forjando uma coleira
Para o pescoço da perversa Louhi,
A bruxa desdentada de Sariola,
Que roubou a luz prateada do Sol,
Que roubou a luz dourada da Lua;
Com esta coleira vou prendê-la
À rocha de ferro da Estônia!"

369-372 Louhi, senhora de Pohyola,
Viu a desgraça se aproximando,
Viu a destruição chegar voando,
Viu os sinais de má sorte se acumularem;

373-380 Depressa, voou pelo firmamento
Até seus salões e aposentos,
Na sombria Sariola,
E destrancou os portais enormes
Onde o Sol e a Lua estavam escondidos,
Na rocha de muitas cores,
Na caverna com grades de ferro,
Na montanha que guarda cobre.

381-388 Então a perversa Louhi
Mudou mais uma vez seu corpo enrugado e sua aparência,
E se transformou numa pomba de boa sorte;
Logo alçou voo pelos céus estrelados,
Sobre campos, pântanos e florestas,

Até os prados de Wainola,
Até as planícies de Kalevala,
Até a forja de Ilmarinen.

389-392 O ferreiro perguntou:
"Por que vieste, pomba de boa sorte?
Que notícia trazes?"
A ave mágica respondeu:

393-400 "Por que venho à tua forja?
Venho trazer boas notícias:
O Sol deixou sua caverna,
Deixou a rocha de muitas cores,
Deixou a montanha rochosa de Pohyola;
A Lua já não está escondida
Nas montanhas que guardam cobre,
Nas cavernas com grades de ferro."

401-407 Ilmarinen correu depressa
Até a entrada de sua forja,
Examinou depressa o horizonte distante,
Viu de novo a luz prateada do Sol,
Viu outra vez a luz dourada da Lua,
Trazendo paz, alegria e fartura
Aos lares de Kalevala.

408-416 Então o ferreiro correu
Até seu irmão Wainamoinen,
E disse estas palavras ao mago:

"Ó antigo bardo e menestrel,
Eterno cantor feiticeiro,
Veja, o Sol voltou a brilhar,
E a Lua dourada resplandece
De seus lugares há tanto esquecidos,
De seus postos na abóbada celeste!"

417-424 Wainamoinen, velho e fiel,
Correu logo ao pátio,
Olhou para o horizonte distante,
Viu mais uma vez a luz prateada do Sol,
Viu de novo a luz dourada da Lua,
Trazendo paz, alegria e fartura
Ao povo da Terra do Norte,
E o menestrel pronunciou estes versos:

425-428 "Saudações a ti, Sol da fortuna,
Saudações a ti, Lua da boa sorte,
Bem-vinda, luz do Sol; bem-vinda, luz da Lua,
Dourado é o amanhecer!

429-432 És livre, Sol de prata,
Livre outra vez, amada Lua,
Como o canto do sagrado cuco,
Como o arrulho melodioso da rola.

433-438 "Ergue-te a cada manhã, Sol de prata,
Fonte de luz e vida para sempre,
Traz-nos diariamente alegres saudações,

Enche nossos lares de paz e fartura,
Para que nossas plantações, pescarias e caçadas
Prosperem com tua chegada.

439-442 Segue tua jornada diária,
Que a Lua esteja sempre contigo;
Desliza alegre pelo teu caminho,
Termina tuas viagens adormecendo;

443-447 Descansa à noite no oceano,
Quando as preocupações do dia tiverem acabado,
Para o bem de todo o teu povo,
Para o prazer de Wainola,
Para a alegria de Kalevala!”

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

RUNO L

✦

1-7 Mariatta, filha da beleza,
Cresceu até se tornar donzela no Norte,
Na cabana de seu pai,
Nos aposentos de sua mãe,
Cachos dourados, cintos de prata,
Usados junto às chaves paternas,
Brilhando sobre seu peito;

8-11 Desgastava a soleira de seu pai
Com as longas vestes de suas roupas;
Desgastava as vigas pintadas
Com suas belas fitas de seda;

12-15 Desgastava os pilares dourados
Ao tocá-los com os dedos;
Desgastava o chão de bétula
Ao pisá-lo com suas botas de pele.

16-22 Mariatta, filha da beleza,
Donzela mágica de baixa estatura,
Guardava bem sua virtude sagrada,
Sua sinceridade e honra,
Alimentava-se de delicado peixe branco,
Da casca interna da bétula,
Da tenra carne de cordeirinhos.

23-27 Quando se apressava ao anoitecer
Para ordenhar nos currais,
Falava com inocência:
"Donzela branca como a neve
Nunca ordenhará as vacas de alguém indigno!"

28-32 Quando viajava pelos campos nevados,
No assento ao lado de seu pai,
Falava com pureza:
"Nunca vou andar de trenó na neve
Atrás de um cavalo indigno!"

33-38 Mariatta, filha da beleza,
Viveu virgem com sua mãe,
Como donzela muito honrada,
Viveu em inocência e beleza,
Todo dia levava seus rebanhos ao pasto,
Caminhando com os dóceis cordeirinhos.

39-44 Quando os cordeirinhos subiam as montanhas,
Quando brincavam nos altos dos morros,
A donzela ia até o prado,
Saltitando por um bosque de tílias,
Ao chamado do cuco,
Ao compasso dourado de seu canto.

45-50 Mariatta, filha da beleza,
Olhou ao redor, escutou atentamente,
Sentou-se no prado das frutas,

Sentou-se um pouco e meditou
Num outeiro perto da floresta,
E falou consigo mesma:

51-58 "Chama por mim, cuco dourado,
Canta, ave sagrada do Norte,
Canta, cantor de peito prateado,
Fala, morango da Estônia,
Dize quanto tempo ainda ficarei solteira,
Como pastora esquecida,
Vagando por estes morros e montanhas,
Por estes brejos floridos e campos em pousio.

59-62 Conta-me, cuco dos bosques,
Canta para mim quantos verões
Viverei sem marido,
Como pastora esquecida!"

63-68 Mariatta, filha da beleza,
Viveu por muito tempo como pastora,
Virgem junto à mãe.
Miserável é a vida dos pastores,
Mais miserável ainda a vida das donzelas,
Guardando rebanhos nas montanhas;

69-74 Serpentes rastejam no brejo e no restolho,
Lagartos correm pelo gramado;
Mas não era serpente que cantava,

Nem lagarto sagrado que chamava,
Era apenas a frutinha da montanha
Chamando a donzela solitária:

75-80 "Vem, donzela, vem me colher,
Vem me levar junto ao peito,
Leva-me, donzela de peito enfeitado,
Leva-me, donzela de cinto de cobre,
Antes que o caracol viscoso me devore,
Antes que o verme negro se alimente de mim.

81-86 Centenas passam por mim sem notar,
Milhares chegam ao alcance de minha voz,
Donzelas das frutas se aglomeram ao meu redor,
Crianças vêm em incontáveis números,
Mas nenhuma veio colher,
Veio apanhar esta fruta vermelha."

87-93 Mariatta, filha da beleza,
Ouviu seu pedido gentil,
Correu para colher a fruta, chamando,
Com seus dedos delicados e belos,
Viu-a sorrindo perto do prado,
Com o aspecto de uma airela,
Com o sabor de um morango;

94-105 Mas a donzela Mariatta
Não conseguiu colher a fruta silvestre.
Então cortou uma varinha mágica,

Empurrou a fruta para baixo,
E ela subiu como por encanto,
Passou acima de suas botas de arminho,
Depois acima de seu cinto de cobre,
Lançou-se até seu peito,
Saltou para o ombro da donzela,
Descansou em seu queixo com covinhas,
Pousou por um instante em seus lábios,
E avançou até sua língua expectante;

106-111 Balançou de um lado para outro e ficou ali,
Depois seguiu seu caminho,
Acomodou-se no peito da donzela.
Mariatta, filha da beleza,
Assim se tornou uma noiva grávida,
Unida à frutinha da montanha;

112-115 Ficava em seu quarto pela manhã,
Sentava-se no escuro ao meio-dia,
E se apressava para a cama ao anoitecer.
Então a mãe vigilante se pergunta:

116-122 "O que aconteceu com nossa Maria,
Com nossa donzela Mariatta,
Que tira o cinto,
E, tímida, passa pelo salão e pelos aposentos,
Fica em seu quarto pela manhã,
Se apressa para a cama ao anoitecer,
E se senta no escuro ao meio-dia?"

123-130 No chão, um bebê brincava,
E a criança respondeu assim:
"Foi isso que aconteceu com nossa Maria,
Com nossa donzela Mariatta,
Essa desgraça caiu sobre a donzela:
Ela ficou pelos prados,
Brincou tempo demais entre os cordeirinhos,
Provou a frutinha da montanha."

131-135 Por muito tempo a donzela observou e esperou,
Contou os dias com ansiedade,
À espera do começo das aflições.
Por fim, perguntou à mãe,
Estas foram as palavras de Mariatta:

136-140 "Mãe fiel, carinhosa e terna,
Mãe que amo e estimo,
Prepare um lugar adequado para mim,
Onde minhas aflições possam diminuir,
E meus pesados fardos se aliviem."

141-144 Esta foi a resposta da mãe:
"Ai de ti, donzela de Hisi,
Pois és uma noiva indigna,
Unida apenas à desonra!"

145-149 Mariatta, filha da beleza,
Respondeu com sinceridade:
"Não sou donzela de Hisi,

Não sou uma noiva indigna,
Não estou unida à desonra;

150-153 Como pastora, vaguei
Com os cordeirinhos pelo bosque do vale,
Vaguei até a montanha das frutas,
Onde o morango tinha amadurecido;

154-159 Num instante colhi a fruta,
Pousei-a de leve na língua,
Ela balançou de um lado para outro e ficou ali,
Acomodou-se em meu peito arfante.
Essa é a origem de toda a minha aflição,
A única causa de minha desonra!”

160-167 Como a mãe não cedia,
A donzela pediu ao pai,
Assim suplicou a mãe virgem:
“Ó meu pai, cheio de compaixão,
Origem de todo o meu bem e mal,
Prepare um lugar adequado para mim,
Onde minhas aflições possam diminuir,
E meus pesados fardos se aliviem.”

168-176 Esta foi a resposta do pai,
Do pai que não perdoava:
“Vai, filha má de Hisi,
Vai, filha do pecado e da tristeza,
Unida apenas à desonra,

Para o aposento rochoso da Grande Ursa,
Para a caverna de pedra do rosnador,
Ali aliviarás todas as tuas aflições,
Ali deixarás teus pesados fardos!”

177-181 Mariatta, filha da beleza,
Assim respondeu ao pai:
“Não sou filha de Hisi,
Não sou uma noiva indigna,
Não estou unida à desonra;

182-185 Darei à luz um nobre herói,
Darei à luz um filho imortal,
Que governará entre os poderosos,
E governará o antigo Wainamoinen.”

186-190 Então a mãe virgem
Vagueou para cá e para lá,
Procurando um lugar adequado,
Procurando um lugar digno para o parto
De seu filho e herói ainda por nascer;

191-197 Por fim, pronunciou estas palavras:
“Piltti, minha donzela mais jovem,
A mais confiável de todas as minhas servas,
Procure um lugar na aldeia,
Peça-o ao riacho de Sara,
Para Mariatta aflita,
Filha da tristeza e do infortúnio.”

198-204 Então a pequena donzela,
Piltti, respondeu com estas palavras:
"A quem devo pedir ajuda?
Quem me dará assistência?"
Estas foram as palavras de Mariatta:
"Vá pedi-lo a Ruotus,
Onde o riacho dos juncos despeja suas águas."

205-208 Então a serva Piltti,
Sempre esperançosa, sempre disposta,
Apressou-se a obedecer à patroa,
Sem precisar de incentivo;

209-213 Apressou-se como o rio veloz,
Como a fumaça que voa na batalha,
Até a cabana de Ruotus.
Quando caminhava, os altos dos morros tremiam;
Quando corria, as montanhas estremeciam;

214-217 Os juncos da margem dançavam no pasto,
As pedras de areia saltavam pela urze
Enquanto a donzela Piltti corria
Para a morada de Ruotus.

218-225 À mesa, em sua cabana,
Ruotus estava sentado, comendo e bebendo,
Com sua simples túnica de linho.
Com os cotovelos sobre a mesa,
O feiticeiro falou, espantado:

"Por que vieste me ver, donzela má,
Na minha caverna?
Que mensagem estás trazendo?"

226-232 Então a serva Piltti
Deu esta resposta ao feiticeiro:
"Procuro um lugar adequado,
Procuro um lugar digno para o parto,
Para uma criança e herói ainda por nascer;
Procuro-o perto do riacho de Sara,
Onde o riacho dos juncos despeja suas águas."

233-238 Veio a mulher do velho Ruotus,
Andando com as mãos na cintura,
E disse à donzela Piltti:
"Quem é ela que pede ajuda,
Quem é a donzela assim desonrada,
Qual é seu nome e quem são seus parentes?"

239-240 "Vim por Mariatta,
Pela digna mãe virgem."

241-244 A mulher do velho Ruotus falou,
Com maldade e crueldade no coração:
"Todos os nossos aposentos estão ocupados,
Assim como os banheiros perto do riacho dos juncos;

245-251 Na montanha de fogo há leitos,
E há um estábulo na floresta,
Para o cavalo flamejante de Hisi;

No estábulo há uma manjedoura,
Lugar adequado para o nascimento do herói
Da esposa da fria desventura,
Leito digno para Mariatta!”

252-256 Então a serva Piltti
Apressou-se a voltar para sua patroa aflita,
E falou esses versos, pesarosa:
“Não há lugar adequado
No riacho prateado de Sara.”

257-262 A mulher do velho Ruotus disse:
“Todos os nossos aposentos estão ocupados,
Assim como os banheiros perto do riacho dos juncos;
Na montanha de fogo há leitos,
E há um estábulo na floresta,
Para o cavalo flamejante de Hisi;

263-266 No estábulo há uma manjedoura,
Lugar adequado para o nascimento do herói
Da esposa da fria desventura,
Leito digno para Mariatta.”

267-270 Então a donzela desventurada,
Mariatta, mãe virgem,
Caiu em lágrimas e lamentos amargos,
E falou do fundo de sua tristeza:

271-277 “Ai de mim! Tenho de partir como pária,
Vagar como uma miserável criada,
Como serva desonrada,
Apressar-me para a montanha ardente,
Para o estábulo na floresta,
Fazer minha cama numa manjedoura,
Perto do corcel flamejante de Hisi!”

278-285 A pobre mãe virgem apressou-se,
Expulsa da casa de seu pai,
Reuniu suas vestes compridas,
Pegou uma vassoura de ramos de bétula,
E saiu em dor e tristeza
Para o estábulo nos bosques,
Nos altos das montanhas de Tapio,
Falando estas palavras em súplica:

286-291 “Vem, eu te peço, meu Criador,
Único amigo nos tempos difíceis,
Vem e protege
Tua filha, a mãe virgem,
A donzela Mariatta,
Nesta hora de grande aflição.

292-295 Vem a mim, bondoso Ukko,
Vem, minha única esperança e refúgio,
Para que tua filha inocente não pereça,
Nem morra como alguém indigna!”

296-299 Quando a donzela Mariatta
Chegou ao estábulo
Do cavalo flamejante de Hisi,
Dirigiu-se assim ao corcel:

300-306 "Respira, ó cavalo de fogo compassivo,
Respira sobre mim, mãe virgem,
Que teu sopro quente me umedeça,
Que teu calor agradável me envolva,
Como o vapor da manhã;
Que esta donzela pura e desamparada
Encontre abrigo em tua manjedoura!"

307-313 Então o cavalo, com pena,
Soprou a umidade de suas narinas
Sobre o corpo da donzela,
Envolveu-a numa nuvem de vapor,
Deu-lhe calor e o conforto de que precisava,
Ajudou a aflita,
A virgem Mariatta.

314-318 Ali o bebê nasceu e foi embalado,
Embalado numa manjedoura do bosque,
Filho da virgem Mariatta,
Puro como o orvalho perolado da manhã,
Santo como as estrelas no céu.

319-325 Ali a mãe embala seu bebê,
Envolve-o em faixas,
Deita-o em suas vestes de linho;
Cuida bem da criança,
Protege seu amado,
Protege seu filho dourado e belo,
Sua querida joia de prata.

326-330 Mas, ai! A criança desapareceu,
Desapareceu enquanto a mãe dormia.
Mariatta, sozinha e desolada,
Caiu em prantos, com o coração partido,
E saiu à procura do bebê.

331-341 Por toda parte a mãe o procurou,
Procurou seu filho dourado e belo,
Sua querida joia de prata;
Procurou-o sob a pedra do moinho,
Procurou-o em vão no trenó,
Procurou-o sob a peneira,
Sob o cesto de salgueiro,
Tocou as árvores, afastou a grama,
Por muito tempo procurou seu bebê dourado,
Procurou-o na montanha dos abetos,
No vale, no morro e na urze;

342-345 Olhou entre os tufos de flores,
Examinou bem cada moita,
Ergueu o zimbro e o salgueiro,

Ergueu os ramos do amieiro.

346-352 Eis que uma estrela veio ao seu encontro,
E a estrela ela suplicou:
"Ó estrela-guia do Norte,
Estrela da esperança, criada por Deus,
Sabes e me dirás
Onde meu querido filho foi parar,
Onde meu bebê santo está escondido?"

353-358 Assim respondeu a estrela do Norte:
"Se eu soubesse, não te contaria;
Foi teu filho quem me criou,
E me pôs aqui para vigiar ao anoitecer,
Brilhar para sempre no frio,
E cintilar aqui na escuridão."

359-365 A Lua dourada vem ao seu encontro,
E à Lua ela suplica:
"Lua dourada, criada por Ukko,
Esperança e alegria de Kalevala,
Sabes e me dirás
Onde meu querido filho foi parar,
Onde meu bebê santo está escondido?"

366-373 A Lua dourada responde:
"Se eu soubesse, não te contaria;
Foi teu filho quem me criou,
Para vagar na escuridão,

Vagar sozinha ao anoitecer
Por meu caminho frio e desolado,
Dormir apenas durante o dia,
Brilhar para o bem dos outros.”

374-377 Então a mãe virgem
Cai de novo em lágrimas amargas,
E segue por brejos e florestas,
À procura de seu bebê desaparecido.

378-384 O Sol prateado vem ao seu encontro,
E ela assim se dirige ao Sol:
“Sol prateado, criado por Ukko,
Origem da luz e da vida no Norte,
Sabes e me dirás
Onde meu querido filho foi parar,
Onde meu bebê santo está escondido?”

385-388 O Sol responde com sabedoria:
“Bem conheço o paradeiro de teu bebê,
Onde teu filho santo está dormindo,
Onde a luz de Wainola está escondida;

389-394 Foi teu filho quem me criou,
Fez de mim o rei da terra e do éter,
Fez a Lua e as Estrelas me acompanharem,
E me pôs aqui para brilhar ao meio-dia,
Faz-me brilhar em trajes prateados,
Deixa-me dormir e descansar ao anoitecer;

395-398 Lá está teu bebê dourado,
Ali teu filho santo dorme,
Escondido até a cintura na água,
Escondido entre juncos e taboas."

399-404 Mariatta, filha da beleza,
Mãe virgem do Norte,
Logo procura o bebê na Terra do Brejo,
Encontra-o entre juncos e taboas;
Toma a criança nos braços
E a leva para a casa de seu pai.

405-410 Ali a criança cresceu em beleza,
Ganhou força, luz e sabedoria,
E todo o povo da Finlândia se espantou.
Ninguém sabia que nome lhe dar;
Quando a mãe o chamou de Flor,
Os outros o chamaram Filho da Tristeza.

411-415 Quando a donzela Mariatta
Procurou o clero para batizá-lo,
Veio um velho, Wirokannas,
Com uma taça de água sagrada,
Trazendo sua bênção para o bebê;

416-422 E o ancião de barba grisalha disse:
"Não batizarei um feiticeiro,
Não abençoarei um mago das trevas
Com gotas de água sagrada;

Que a criança seja examinada,
Para sabermos se é digna,
Para que não se revele filho de feitiçaria.”

423-427 Então o velho Wirokannas
Chamou o antigo Wainamoinen,
O eterno cantor da sabedoria,
Para examinar a criança extraordinária,
E dizer se era boa ou má.

428-433 Wainamoinen, velho e fiel,
Examinou a criança com cuidado,
E respondeu ao seu povo:
“Como a criança é apenas uma pária,
Nascida e embalada numa manjedoura,
E como a fruta é seu pai;

434-438 Que fique deitada na urze,
Que durma entre as taboas,
Que viva nas montanhas;
Levem a criança aos brejos,
E esmaguem sua cabeça contra a bétula.”

439-444 Então o filho de Mariatta,
Com apenas duas semanas de vida, respondeu:
“Ó antigo Wainamoinen,
Filho da tolice e da injustiça,
Herói insensato do Norte,
Deste um julgamento injusto.

445-453 Em tua vida, por tolices maiores,
Por pecados e delitos mais graves,
Não foste punido injustamente.
Nos antigos anos de aflição,
Quando entregaste teu próprio irmão
Como resgate por tua vida egoísta,
Para te salvares da destruição,
Não foste enviado à Terra do Brejo
Para ser morto por tuas tolices.

454-459 Nos antigos anos de tristeza,
Quando a bela Aino pereceu
No azul profundo e sem limites do mar,
Para escapar às tuas perseguições,
Não foste maltratado,
Nem banido pelo teu povo."

460-467 Então o velho Wirokannas,
Governante da região selvagem,
Tocou a criança com água sagrada,
Deu sua bênção ao bebê extraordinário,
Concedeu-lhe os direitos de herdeiro real,
Livre para viver, crescer e se tornar um herói,
Para se tornar um poderoso governante,
Rei e senhor da Carélia.

468-472 Com o passar dos anos, Wainamoinen
Reconheceu que suas forças diminuíam,
De mãos vazias e coração pesado,

Cantou sua canção de despedida ao Norte,
Ao povo de Wainola;

473-476 Cantou para si um barco de cobre,
Bela era sua embarcação mágica;
Ao leme sentou-se o feiticeiro,
O antigo cantor da sabedoria.

477-480 Para oeste, para oeste, navegou o herói
Sobre o dorso azul das águas,
Cantando ao deixar Wainola,
Seu lamento e seu eco:

481-485 "Os sóis podem nascer e se pôr na Finlândia,
Nascer e se pôr por gerações,
Até que o Norte aprenda meus ensinamentos,
Recorde minhas palavras sábias,
E tenha fome da verdadeira religião.

486-492 Então a Finlândia precisará que eu volte,
E me aguardará ao romper da manhã,
Para que eu traga de volta o Sampo,
Traga de novo a harpa da alegria,
Traga de novo o luar dourado,
Traga de novo a luz prateada do sol,
A paz e a fartura para o Norte."

493-501 Assim o antigo Wainamoinen,
Em sua embarcação com faixas de cobre,
Deixou seu povo em Kalevala,

Navegando sobre as ondas revoltas,
Navegando pelos vapores azuis,
Navegando pela penumbra do anoitecer,
Navegando rumo ao pôr do sol ardente,
Para as regiões das terras mais altas,
Para os confins inferiores do céu;

502-508 Logo alcançou o horizonte distante,
Chegou ao porto de cor púrpura.
Ali ancorou firmemente seu barco,
E descansou em sua embarcação de cobre;
Mas deixou sua harpa mágica,
Deixou suas canções e palavras sábias,
Para a alegria duradoura da Finlândia.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

EPÍLOGO

✦

1-5 Agora encerro meu canto medido,
Peço à minha língua cansada que se cale,
Deixo minhas canções para outros cantores.
Os cavalos têm seu tempo de descanso
Depois de muitas horas de trabalho;

6-9 Até as foices ficam cansadas
Quando ceifam por muito tempo;
As águas buscam um remanso tranquilo
Depois de correrem muito pelos rios;

10-15 O fogo se aquieta e adormece
Ao despontar da manhã;
Por isso devo encerrar meu canto,
Pois minha canção está ficando cansada,
Pelo prazer da noite,
Pela alegria do amanhecer.

16-19 Muitas vezes ouvi cantar,
Muitas vezes ouvi repetirem estas palavras:
“Cataratas e rios caudalosos
Nunca esgotam todas as suas águas.”

20-23 Assim, o cantor sábio e digno
Não canta toda a sabedoria que reuniu;
É melhor deixar algumas palavras sem cantar

Do que cantá-las fora de hora.

24-32 Assim começando e assim terminando,
Enrolo todas as minhas lendas,
Faço delas uma bola, para guardá-las,
Ordeno-as na minha memória,
No estreito lugar onde repousam,
Para que as canções não escapem sem serem ouvidas,
Enquanto o cadeado ainda não foi aberto,
Enquanto os dentes continuam cerrados,
E a língua cansada permanece em silêncio.

33-39 Por que eu deveria cantar outras lendas,
Entoá-las no vale e na floresta,
Cantá-las na colina e entre as urzes?
Fria e imóvel, minha mãe querida,
Jaz dormindo sob o prado,
Já não ouve minhas canções antigas,
Não pode escutar meu canto;

40-44 Só a floresta vai escutar,
As bétulas sagradas, os pinheiros suspirantes,
Os zimbros cheios de bondade,
Os amieiros que gostam de me ouvir,
Com os álamos e os salgueiros.

45-52 Quando minha mãe querida me deixou,
Eu era jovem e de baixa estatura;
Como o cuco da floresta,

Como o tordo entre as urzes,
Como a cotovia, aprendi a gorjear,
Aprendi a cantar meus versos simples,
Guiado por uma segunda mãe,
Severa e fria, sem carinho;

53-57 Expulsou-me, indefeso, do meu quarto
Para o lado da casa exposto ao vento,
Para o lado norte de sua cabana,
Onde os ventos gelados, por misericórdia,
Levaram os desprotegidos.

58-61 Como uma cotovia, aprendi a vagar,
A vagar como um pássaro cantor solitário,
Pelas florestas e terras pantanosas,
Em silêncio, por colinas e urzes;

62-65 Caminhei com dificuldade pelos brejos,
Aprendi os cantos dos ventos e das águas,
Aprendi a música do oceano,
E os ecos das matas.

66-73 Muitos homens vivem resmungando,
Muitas mulheres vivem censurando,
Muitos falam com más intenções;
Muitos, com vozes lastimáveis,
Me amaldiçoam por meu canto lastimável,

Culpam minha língua por dizer sabedoria,
Chamam de indignas minhas canções antigas,
Culpam as canções e amaldiçoam o cantor.

74-80 Não façam assim, meu povo digno,
Não me culpem por cantar mal,
Sem pretensão, como um menestrel.
Nunca recebi ensinamentos,
Nunca vivi entre heróis antigos,
Nunca aprendi as línguas de estrangeiros,
Nunca aleguei saber muita coisa.

81-91 Outros tiveram mestres de língua,
A natureza foi minha única professora,
As matas e as águas, minhas instrutoras.
Sem lar, sem amigos, sozinho e necessitado,
A não ser na infância, com minha mãe,
Sob suas vigas pintadas,
Onde ela fazia girar o fuso voador,
Junto à bancada de trabalho do meu irmão,
À janela da minha irmã,
Na cabana do meu pai,
Nos meus primeiros dias de infância.

92-97 Seja como for, meu povo,
Isto pode indicar o caminho a outros,
Aos cantores mais talentosos,

Para o bem das eras futuras,
Para as gerações que virão,
Para o povo nascente de Suomi.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0